



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U
18/05/2020

DAMARES OLIVEIRA DE SOUZA

HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE *MARIA DUSÁ*, DE LINDOLFO ROCHA

Feira de Santana-BA
2025

DAMARES OLIVEIRA DE SOUZA

HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE *MARIA DUSÁ*, DE LINDOLFO ROCHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Feira de Santana-BA
2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado – UEFS

Souza, Damares Oliveira de
S714h Hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Linfolfo Rocha / Damares
Oliveira de Souza. - 2025.
386f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2025.

1. Rocha, Lindolfo, 1862-1911. 2. Maria Dusá (romance). 3.
Hiperedição. 4. Educação básica. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient.
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-
Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 869.0(81)-31.09

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695



Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Departamento de Letras e Artes (DLA)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)

ATA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

IDENTIFICAÇÃO DO (A) ALUNO (A)	
NOME: DAMARES OLIVEIRA DE SOUZA	Matrícula: 15145009
LINHA DE PESQUISA: VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS	
TÍTULO: HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE MARIA DUSÁ, DE LINDOLFO ROCHA	

BANCA EXAMINADORA		
NOME (IES)	FUNÇÃO	ASSINATURA
Patrício Nunes Barreiros (UEFS)	Orientador	Documento assinado digitalmente  PATRÍCIO NUNES BARREIROS Data: 21/10/2025 22:03:31-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP)	Examinador Externo	Documento assinado digitalmente  MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA Data: 27/10/2025 17:58:58-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Joabson Lima Figueiredo (UNEB)	Examinador Externo	Documento assinado digitalmente  JOABSON LIMA FIGUEIREDO Data: 08/11/2025 08:05:27-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Alicia Duhá Lose (UEFS-UFBA)	Examinador Interno	 ALICIA DUHA LOSE Data: 27/10/2025 16:45:37-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Mabel Meira Mota (UEFS-UFBA)	Examinador Interno	Documento assinado digitalmente  MABEL MEIRA MOTA Data: 31/10/2025 17:56:02-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

ASSINATURA DO (A) ALUNO (A):

Aprovado (a)

Reprovado (a)

PARECER

A banca examinadora considera que a tese *Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha* constitui uma contribuição original e de elevada relevância para os estudos filológicos e para o ensino de literatura. O trabalho apresenta a hiperedição como um espaço investigativo dinâmico, que articula pesquisa, leitura e difusão do texto literário, reposicionando a prática filológica ao integrá-la às tecnologias digitais e às demandas contemporâneas da educação. Destaca-se, na tese, o expressivo volume de elementos paratextuais e prototextuais reunidos e analisados, o que amplia significativamente a compreensão genética, editorial e histórica do romance *Maria Dusá*. A autora evidencia rigor metodológico e sensibilidade interpretativa na organização e articulação desse conjunto documental, proporcionando ao leitor um panorama abrangente da gênese, circulação e recepção da obra. A pesquisa também ressalta o potencial pedagógico da edição, ao explorar recursos digitais interativos voltados à valorização do romance e de seu autor. Nesse contexto, a plataforma *Maria Dusá na escola* (<https://mariadusa.com/>) se afirma como um ambiente formativo acessível, que aproxima a Filologia do contexto educacional e da formação de leitores. Importa ainda destacar o papel crucial da edição crítica na preservação e reconstituição de obras cuja materialidade se encontra fragilizada — como é o caso de publicações seriadas em jornais — garantindo a permanência e a circulação de um patrimônio literário e cultural de reconhecido valor. Diante da originalidade da proposta, da solidez teórico-metodológica e da relevância do material reunido, que convergem de modo exemplar ensino, pesquisa e extensão, a banca recomenda a publicação da tese e da edição do romance *Maria Dusá*.



Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Departamento de Letras e Artes (DLA)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)

DATA DA DEFESA: 10 de outubro de 2025

DATA DA HOMOLOGAÇÃO:

Documento assinado digitalmente

 **PATRICIO NUNES BARREIROS**
Data: 08/11/2025 15:05:31 -0300
Verifique em <https://validar.in.gov.br>

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Coordenador do PPGEL

AGRADECIMENTOS

À FAPESB, pelo apoio financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, pelos ensinamentos, pelo incentivo e por ter me apresentado o romance *Maria Dusá*, depositando em mim a confiança de realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Alícia Lose, pelo saber transmitido como professora e filóloga, pela inspiração e pelas valiosas contribuições dadas a esta tese.

À Profa. Dra. Mabel Mota, por ter aceitado generosamente fazer a leitura deste trabalho, pelos conhecimentos partilhados e pelas importantes contribuições prestadas a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições a esta pesquisa, pela generosidade demonstrada desde o nosso primeiro encontro na USP e pelos ensinamentos partilhados.

Ao Prof. Dr. Joabson Figueiredo, pela leitura atenta, pelas contribuições a esta pesquisa e pelo apoio ao longo de minha trajetória acadêmica.

Ao Prof. Dr. Arivaldo Sacramento e à Profa. Dra. Liliane Lemos, pelas contribuições essenciais à construção deste trabalho e pelos conhecimentos compartilhados durante o exame de qualificação.

À minha mãe, Marilde Oliveira, pelas orações, pelo incentivo e apoio constantes, pela compreensão e por sempre acreditar em minha vitória.

Ao meu esposo, Tulio Nepomuceno, pelo apoio incondicional, companheirismo, compreensão e cuidado em toda a minha caminhada.

Às amigas Mariana Barbosa e Daianna Quelle, presentes que a vida e a UEFS me concederam, pelo incentivo, pelas trocas de conhecimento, pela escuta atenta e pelo ombro amigo ao longo dos anos, mesmo à distância.

Aos colegas de turma e de pesquisa, pelas experiências vividas e partilhadas. Em especial, a Liviane Santana, amiga filóloga de longas caminhadas, a Antônio Marcos Ribeiro e Laura Camila Santana, companheiros de jornada, pelo apoio, pelas trocas de saberes e pelo encorajamento mútuo.

À Elizabeth Mota, pelo curso de criação de sites ministrado, pelos conhecimentos partilhados, pelo suporte e profissionalismo, essenciais à conclusão deste trabalho.

A todos que, de forma direta ou indireta, estiveram presentes nesta jornada e contribuíram para a concretização deste trabalho.

“Aí na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: - É mulher de punhal!”

(Lindolfo Rocha, 1910, p. 135-136)

RESUMO

A presente tese, intitulada *Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*, tem como objetivo apresentar a hiperedição do referido romance, disponibilizada em uma plataforma digital gratuita, voltada para a leitura do texto literário e para o desenvolvimento de atividades pedagógicas na Educação Básica. Publicado originalmente em 1910 pela Livraria Chardron, no Porto, Portugal, o romance, ambientado na Chapada Diamantina, Bahia, constitui-se em um expoente da literatura baiana e brasileira do início do século XX, tendo como protagonista Maria Dusá, personagem feminina que reflete o ambiente sertanejo e os costumes chapadista. Para a realização deste trabalho, adotou-se como texto-base a primeira edição do romance publicada em livro, complementada pela análise da publicação em folhetim, bem como por documentos prototextuais e paratextuais relacionados à obra. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa possuem caráter interdisciplinar e fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Crítica Textual, da Sociologia dos Textos e das novas abordagens da edição de textos em meio digital, além dos documentos oficiais e outras discussões que tratam das relações de literatura e ensino na Educação Básica. Para tanto, foi desenvolvida a plataforma *Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha*, disponível no endereço eletrônico <https://mariadusa.com/>, cuja construção pautou-se, principalmente, nos princípios e critérios do modelo de hiperedição elaborado por Barreiros (2013, 2015). A plataforma apresenta o romance a partir de uma edição fac-similada e uma edição interpretativa, acompanhada de notas filológicas explicativas e interativas, disponibilizadas em formatos digital e impresso. Dessa maneira, a partir deste trabalho de tese, tencionamos valorizar um escritor e uma obra ainda pouco conhecidos, além de promover diálogo entre a práxis filológica, as tecnologias digitais e os propósitos educacionais, fomentando a formação de leitores e democratizando o acesso à literatura.

Palavras-chave: Lindolfo Rocha; Maria Dusá; Hiperedição; Educação Básica.

ABSTRACT

The present dissertation, entitled *Hyperedition of the Novel Maria Dusá*, by Lindolfo Rocha, aims to present the hyperedition of the aforementioned novel, made available on a free digital platform designed for the reading of literary texts and the development of pedagogical activities in Basic Education. Originally published in 1910 by Livraria Chardron, in Porto, Portugal, the novel is set in Chapada Diamantina, Bahia, and stands as an exponent of early 20th-century Bahian and Brazilian literature. Its protagonist, Maria Dusá, is a female character who reflects the sertanejo environment and the customs of the Chapada region. For the development of this work, the first edition of the novel published as a book was adopted as the base text, complemented by the analysis of its serialization, as well as by prototextual and paratextual documents related to the work. The methodological procedures used in the research are interdisciplinary in nature and are grounded in the theoretical frameworks of Textual Criticism, the Sociology of Texts, and new approaches to digital text editing, as well as in official documents and other discussions addressing the relationship between literature and teaching in Basic Education. To this end, the platform *Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha* was developed, available at <https://mariadusa.com/>, whose construction was primarily guided by the principles and criteria of the hyperedition model proposed by Barreiros (2013, 2015). The platform presents the novel through a facsimile edition and an interpretative edition, accompanied by explanatory and interactive philological notes, available in both digital and printed formats. Thus, through this dissertation, we aim to give visibility to a writer and a work still little known, while promoting dialogue between philological praxis, digital technologies, and educational purposes, fostering the formation of readers and democratizing access to literature.

Keywords: Lindolfo Rocha; Maria Dusá; Hyperedition; Basic Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Jornal de Notícias	37
Figura 02 – Deterioração do Jornal <i>Diário de Notícias</i>	38
Figura 03 – Folhetim <i>Maria Dusá</i> – Jornal <i>Diário de Notícias</i>	39
Figura 04 – Mapa da Chapada Diamantina-BA	43
Figura 05 – Capas dos romances que compõe a literatura da Chapada Diamantina	47
Figura 06 – Divulgação da estreia da novela <i>Maria Maria</i> (1978)	53
Figura 07 – Reportagem de estreia da novela <i>Maria Maria</i>	54
Figura 08 – Acervo e encadernamento dos folhetins	90
Figura 09 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> (Garimpeiros)	91
Figura 10 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> – Coleção Cultura Brasileira	92
Figura 11 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> – Série Bom Livro	94
Figura 12 – Suplemento de Trabalho – Série Bom Livro	95
Figura 13 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> – Coleção Prestígio	96
Figura 14 – Apêndice Didático – Coleção Prestígio	97
Figura 15 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> – Coleção Prestígio	98
Figura 16 – Ficha de atividades – Coleção Prestígio	98
Figura 17 – Capa do livro <i>Maria Dusá</i> – P55 edições	99
Figura 18 – Paleta de cores da plataforma <i>Maria Dusá na escola</i>	290
Figura 19 – Cabeçalho da plataforma <i>Maria Dusá na escola</i>	291
Figura 20 – Margem superior da página inicial da plataforma	292
Figura 21 – Parte central da plataforma	293
Figura 22 – Margem inferior da plataforma	293
Figura 23 – Copyright ©	294
Figura 24 – Cláusula reserva	295
Figura 25 – Barra de Menus	296
Figura 26 – Menu <i>Sobre</i>	296
Figura 27 – Menu <i>Sobre</i> - outras edições voltadas para propósitos pedagógicos	297
Figura 28 – Menu <i>O Escritor</i>	298
Figura 29 – Menu <i>O Escritor</i> – <i>Linha do tempo</i>	299
Figura 30 – Menu <i>O Escritor</i> – <i>Mapa Mental</i>	299
Figura 31 – Menu <i>O Romance</i>	300

Figura 32 – Menu <i>O romance</i> - localização geográfica	300
Figura 33 – Menu <i>O romance – A Telenovela Maria Maria</i>	302
Figura 34 – Menu <i>Edição</i> – recursos principais	303
Figura 35 – Menu <i>Edição</i> – seções individuais-romance	304
Figura 36 – Menu <i>Edição</i> – seções individuais-facsímiles	304
Figura 37 – Menu <i>Edição</i> – seções individuais-folhetins	305
Figura 38 – Menu <i>Edição – Romance Maria Dusá</i>	306
Figura 39 – Menu <i>Edição – Facsímiles</i>	307
Figura 40 – Menu <i>Edição – Folhetins</i>	308
Figura 41 – Menu <i>Edição</i> – recursos iconográficos	308
Figura 42 – Menu <i>Material Didático</i> em efeito flip	309
Figura 43 – Material didático – versão impressa	311
Figura 44 – Material didático – Recursos Educacionais Digitais	312
Figura 45 – Material didático – Recursos Audiovisuais	313
Figura 46 – Menu <i>Contato</i>	375

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Publicações de Lindolfo Rocha nos jornais	29
Quadro 02 – Série Bom Livro: Os clássicos da nossa literatura	85
Quadro 03 – Edições do romance <i>Maria Dusá</i>	89
Quadro 04 – Aspectos editoriais das edições de <i>Maria Dusá</i>	101

LISTA DE SIGLAS

BA	Bahia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BCEB	Biblioteca Central do Estado da Bahia
CEDOHS	<i>Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão</i>
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
ETTC	Equipe Textos Teatrais Censurados
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
HTML	<i>HyperText Markup Language</i>
LD	Livro Didático
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
NeiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
PE	Pernambuco
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCND	Parque Nacional da Chapada Diamantina
PNC	Política Nacional de Cultura
PNLEM	Plano Nacional do Ensino Médio
PNLA	Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PHP	Personal Home Page
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	ESTRUTURA DA TESE	21
2	LINDOLFO ROCHA: UM ROMANCISTA CHAPADISTA	23
2.1	MARIA DUSÁ: UM ROMANCE CHAPADISTA	34
2.2	MARIA DUSÁ: DA LITERATURA PARA A TELEDRAMATURGIA	46
3	A CRÍTICA TEXTUAL E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA	59
3.1	CULTURA DIGITAL E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UM NOVO PERFIL DE LEITOR	67
3.2	CRÍTICA TEXTUAL E ENSINO	73
3.3	LIVRO DIDÁTICO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS	77
4	A HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE MARIA DUSÁ	89
4.1	TRADIÇÃO TEXTUAL DO ROMANCE	89
4.1.1	Texto 1	90
4.1.2	Texto 2 – texto de base	91
4.1.3	Texto 3	92
4.1.4	Texto 4	93
4.1.5	Texto 5	95
4.1.6	Texto 6	95
4.1.7	Texto 7	97
4.1.8	Texto 8	99
4.2	OS ASPECTOS EDITORIAIS	100
4.3	CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS ADOTADOS NA EDIÇÃO	102
4.3.1	Edição interpretativa	104
4.3.1.1	A edição	105
4.4	MARIA DUSÁ NA ESCOLA: HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE DE LINDOLFO ROCHA	289
4.4.1	A página inicial	291
4.4.2	A barra de menus	295
4.4.3	Menu: Sobre	296

4.4.4	Menu: O escritor	297
4.4.5	Menu: O romance	300
4.4.6	Menu: Edição	302
4.4.7	Menu: Material Didático	309
<i>4.4.7.1</i>	<i>Material didático: versão impressa</i>	313
4.4.8	Menu: Contato	375
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	376
	REFERÊNCIAS	379

1 INTRODUÇÃO

Maria Dusá (Garimpeiros): romance de costumes sertanejos e chapadistas, de Lindolfo Rocha (1910), é uma narrativa ambientada na Chapada Diamantina, na Bahia, que explora de maneira crítica as dinâmicas sociais, econômicas e culturais ligadas ao universo dos garimpos. Inserido na tradição dos chamados “romances chapadistas”¹, o texto se distingue por trazer ao centro da trama uma protagonista feminina, Maria Dusá, que encarna, de modo paradoxal, tanto os valores tradicionais do sertão quanto a transgressão às normas que regiam a vida das mulheres naquele contexto. Sua figura é marcada pela coragem, força, ambição e independência, atributos que destoavam das expectativas sociais do início do século XX.

Proveniente de uma origem pobre e carregando o estigma de “vendida” pelo próprio pai, Maria Dusá ingressa na prostituição nos territórios diamantíferos do interior baiano. Nesse espaço de tensões e contradições, marcado pela violência, pela corrupção e pela busca incessante pela riqueza fácil, ela se reinventa como cortesã formosa e célebre, transitando entre poderosos e marginalizados. O romance, nesse sentido, não apenas delinea os costumes sertanejos e chapadistas, mas também revela os mecanismos de exclusão, mobilidade social e disputas de poder que estruturavam a vida nas Lavras Diamantinas, oferecendo um retrato multifacetado da sociedade baiana em um período de intensas transformações.

Sendo considerado o primeiro dos romances brasileiros publicados a tematizar o garimpo de diamante na Chapada Diamantina, *Maria Dusá* inspirou publicações de outros romances, contos e telenovelas que as sucederam, a exemplo: *A Cidade Encantada* (1919), livro de contos de Xavier Marques; *Bruguinha* (1922), romance de Afrânio Peixoto; *Garimpos* (1932), romance de Herman Lima; *Cascalho* (1944), romance de Heberto Salles; *Maria Maria* (1978), novela de Manoel Carlos. Em todas essas obras as narrativas se aproximam, revelando uma correspondência na composição da identidade ficcional dos romancistas. Coutinho (2001), ao tratar do garimpo de diamante na literatura brasileira, afirma a existência de um ciclo baiano do romance chapadista e explica que na

¹ O termo *chapadista*, tal como adotado nesta tese, fundamenta-se na ocorrência do vocabulário no texto-fonte, respeitando e preservando a nomenclatura original atribuída pelos próprios sujeitos históricos e personagens locais no contexto narrativo e documental da Chapada Diamantina. Ressalta-se, contudo, que outros autores e estudiosos da história e cultura da região recorrem a diferentes denominações, a exemplo de *chapadeiro* ou *chapadense*, conforme o enfoque teórico adotado ou o contexto de produção. A escolha por *chapadista*, neste trabalho, busca valorizar as identidades culturais e regionais e conferir maior fidelidade à análise documental e discursiva realizada.

bibliografia ficcional da Chapada Diamantina são oferecidas as mesmas características em comum, pois os princípios que formaram todos os núcleos populacionais que ali se organizaram tiveram a mesma origem.

Após a publicação da primeira edição de *Maria Dusá (Garimpeiros): romance de costumes sertanejos e “chapadistas..”*, em 1910, várias reedições foram realizadas, fazendo parte, inclusive, da série *Bom Livro da Editora Ática*, publicado com atividades didáticas, voltadas para o estudo escolar da obra. A série *Bom Livro* contribuiu para a formação de gerações de leitores, por integrar as bibliotecas das escolas públicas brasileiras. Desse modo, a inclusão da obra nessa coleção específica para o ambiente escolar evidencia o reconhecimento de sua importância e de seu notável potencial para a formação de leitores do texto literário, especialmente por abordar a representação de uma região e de uma cultura que foram, por muito tempo, negligenciadas e pouco exploradas.

Nesse sentido, o romance de Lindolfo Rocha se destaca por apresentar a Chapada Diamantina e o sertão baiano, traçando um panorama da vida na região. A obra de Lindolfo Rocha não apenas revela os costumes locais e a rica linguagem do seu povo, mas também explora a figura do garimpeiro e a cultura do garimpo, elementos que tiveram um impacto muito significativo na constituição do Brasil e no modo como o sertão baiano foi explorado. Não à toa *Maria Dusá (Garimpeiros)* recebe em seu subtítulo o termo “chapadista”, pois é um romance que fortalece esse universo e traz uma dimensão de uma determinada região do Brasil. Portanto, essa é uma obra que apresenta um “[...] duplo mérito; tem enredo, lógico, natural, bem urdido e melhor desenvolvido em cenas de flagrante da realidade e é, acessoriamente, um retrato impecável dos costumes de vida e trabalho da Chapada Diamantina” (Filho, 1953, p.4).

O romance *Maria Dusá (Garimpeiros)* pode ser lido e estudado como uma representação da história, na medida em que traz à tona práticas culturais, sociais e linguísticas da Chapada Diamantina do início do século XX. Sua materialidade textual, inserida no circuito da cultura impressa, revela não apenas os modos de narrar um sertão marcado pelos garimpos, pela violência e pelas tensões de gênero, mas também os mecanismos de circulação e recepção próprios de um tempo em que a literatura se afirmava como produto cultural enraizado em redes específicas de sociabilidade. Retomar hoje esse romance a partir de uma perspectiva filológica implica considerar seus modos de produção, difusão e apropriação, e, sobretudo, refletir sobre o que significa deslocar um texto que nasceu, circulou e foi lido no universo da cultura dos impressa para o meio digital. Nesse sentido, a elaboração de uma hiperedição não se reduz a um exercício

técnico, mas constitui um verdadeiro deslocamento epistemológico: trata-se de repensar a obra não apenas como testemunho do passado, mas como objeto reatualizado em novos suportes, aberto a diferentes interpretações e a novas formas de leitura e ensino.

Dessa maneira, *Maria Dusá* revela-se não apenas como um testemunho literário da Chapada Diamantina, mas também como uma contribuição significativa para a memória cultural e linguística da região, com evidente potencial pedagógico no processo de formação de leitores na Educação Básica. É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, orientada pela seguinte questão: como elaborar uma hiperedição de *Maria Dusá* voltada para a Educação Básica, de modo a articular o trabalho filológico com estratégias formativas que favoreçam a leitura crítica e a ampliação do repertório literário dos estudantes?

O objetivo central desta tese é investigar como uma hiperedição do romance *Maria Dusá (Garimpeiros)* pode ser concebida e aplicada ao contexto da Educação Básica, articulando o trabalho filológico com estratégias voltadas para a formação de leitores críticos. Para alcançar esse propósito, revisita-se o discurso histórico da literatura brasileira acerca da produção de Lindolfo Rocha, analisando os modos como sua obra foi situada — ou silenciada — no panorama literário nacional. Examina-se, ainda, o potencial pedagógico do romance, com ênfase em sua mobilização no processo de formação de leitores do texto literário na escola. Nesse percurso, discute-se o papel da crítica textual e suas possíveis articulações com práticas de leitura, entendendo a edição como mediação cultural capaz de ampliar o repertório literário dos estudantes. Como desdobramento, propõe-se a elaboração de uma edição interpretativa do romance, concebida como parte integrante de uma hiperedição a ser disponibilizada na web, em acesso aberto. Para sua construção, adotou-se como texto-base a primeira edição em livro do romance, complementada pela análise de sua publicação em folhetim e pelo exame de materiais prototextuais e paratextuais que iluminam o processo de produção, circulação e recepção da obra.

A tese ora apresentada integra-se diretamente às atividades do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A escolha do tema e do corpus de pesquisa nasce da trajetória pessoal e profissional da autora que está vinculada ao território da Chapada Diamantina e constitui um ato político de afirmação territorial, afetiva e pedagógica. Enquanto pesquisadora e professora da Educação Básica na região, reconheço a urgência de propostas educativas

que dialoguem com a cultura local e aproximem os estudantes de narrativas históricas e literárias frequentemente ausentes ou marginalizadas nos currículos escolares.

Embora possua relevância histórica e cultural inegável, *Maria Dusá* e seu autor, Lindolfo Rocha, permanecem pouco conhecidos tanto nos espaços educacionais quanto nos ambientes culturais da Chapada Diamantina. Essa invisibilidade reforça a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam sujeitos históricos, valorizem identidades locais e contribuam para a formação leitora de estudantes. Ao levar para a escola um romance publicado no início do século XX e ambientado na própria região, reafirma-se o compromisso com uma educação que reconhece tradições, preserva memórias e fortalece vínculos identitários e territoriais.

A pesquisa justifica-se, portanto, por sua relevância científica, social, cultural e pedagógica, sobretudo no campo do ensino de língua e literatura brasileira. Seu propósito central é dialogar com a Educação Básica por meio da construção e disponibilização gratuita de uma plataforma digital, que ofereça acesso ao romance *Maria Dusá* enriquecido por paratextos e sociotextos, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação.

Do ponto de vista científico, a contribuição reside na renovação de disciplinas como a Crítica Textual, em diálogo com as Humanidades Digitais, propondo abordagens que respondem às demandas contemporâneas da escola. Os caminhos metodológicos aqui delineados não apenas fortalecem o vínculo entre crítica textual e Educação Básica, como também se abrem ao diálogo interdisciplinar, impactando outras áreas de pesquisa.

No âmbito social, a relevância do trabalho manifesta-se na interlocução direta com professores e estudantes da Educação Básica, que carecem de materiais pedagógicos contextualizados e inovadores. Para isso, propõe-se a criação de uma aplicação digital que auxilie a formação leitora e o processo de ensino-aprendizagem, a partir do romance *Maria Dusá* e de seus diálogos com a história e a cultura da Chapada Diamantina.

Assim, ao se inscrever na tradição da literatura baiana e brasileira do início do século XX, *Maria Dusá* torna-se um eixo estratégico para articular literatura, crítica textual, humanidades digitais e práticas educativas. A hiperedição proposta contribuirá para o avanço dos estudos filológicos e educacionais pela sua interdisciplinaridade, renovação teórica e aplicação tecnológica, além de trazer à luz um escritor e uma obra até hoje pouco conhecidos, colaborando para a reconstrução crítica de aspectos históricos, sociais e culturais da sociedade baiana.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa fundamenta-se em quatro eixos principais: (i) a Crítica Textual, cuja função primordial é o estabelecimento do texto a partir da aplicação do método crítico; (ii) a Sociologia do Texto, em razão do papel de mediação que exerce entre a obra, seus suportes e contextos; (iii) as novas abordagens de edição de textos em meio digital, que ampliam as possibilidades de circulação e leitura; e (iv) os documentos oficiais e debates que relacionam literatura e ensino na Educação Básica. Trata-se, entretanto, de um estudo de caráter multidisciplinar, que requer o diálogo constante entre diferentes campos do saber, especialmente com a área da informática, indispensável para a implementação da hiperedição proposta.

Para realizar a hiperedição do romance *Maria Dusá*, seguimos os princípios e critérios por Barreiros (2013; 2015), com adaptações que julgamos necessárias, devido à especificidade do *corpus*; e tomamos como base as *Orientações Preliminares para Edições Digitais do Comitê de Edições Eruditas da Modern Language Association* (Shillingsburg, 1993); nos modelos de edições digitais publicadas via Web, a exemplo do projeto *The Rossetti Hypermedia Archive* (Mcgann, 2021) e da *Plataforma digital Bahia Humorística na escola* (Almeida, 2022); nos textos científicos sobre edições digitais (Lose e Magalhães; Lose, 2010; Lucía Megías, 2010 e 2007; entre outros); nos princípios da crítica textual; e nos estudos sobre Crítica Textual e ensino (Telles, 2003/2016; Cambraia, 2005; Marengo, 2016; Santiago-Almeida, Morandini e Silva, 2018; Duarte, 2020; Almeida, 2022; Pereira, 2022; Barreto, 2022; entre outros).

Ressalta-se que ainda são escassas as edições digitais direcionadas à Educação Básica, o que reforça a relevância de explorar esse campo da Crítica Textual e de desenvolver novos princípios e critérios adequados às demandas desse público. Nesse sentido, ao considerar os atuais estudantes da Educação Básica - leitores imersivos, que mobilizam competências distintas daquelas exigidas pelo contato com o texto impresso -, conforme aponta Santaella (2013), torna-se imprescindível reconhecer a necessidade e a importância da leitura em meio digital como prática pedagógica contemporânea.

Portanto, este trabalho assume um caráter interdisciplinar, articulando estudos literários, linguísticos, filológicos, históricos, culturais e educacionais. A hiperedição proposta configura-se como uma obra aberta, em permanente construção, que não se encerra em si mesma e possibilita tanto o surgimento de novas pesquisas quanto a ampliação das reflexões sobre a obra e seu autor em diferentes campos do conhecimento. Ao disponibilizar em meio digital a edição interpretativa do romance *Maria Dusá (Garimpeiros)*, reforça-se o compromisso de ampliar o acesso, difundir o texto e estimular

investigações que dialoguem com os novos modos de leitura na era digital e seus impactos para a formação de leitores na Educação Básica. Nesse sentido, esta tese constitui um ponto de partida para aprofundar o conhecimento sobre um autor e uma narrativa ainda pouco explorados, ao mesmo tempo em que promove a reflexão crítica e a expansão de práticas editoriais digitais, com especial atenção às demandas do contexto escolar contemporâneo.

1.1 ESTRUTURA DA TESE

A tese encontra-se organizada em cinco seções. A primeira, intitulada *Introdução*, contextualiza a pesquisa, apresentando seus objetivos, a justificativa e a metodologia adotada, além dos principais referenciais teóricos que fundamentaram o estudo. Nessa seção, delineamos ainda, de forma sucinta, a estrutura do trabalho, descrevendo o conteúdo de cada uma de suas seções.

Na segunda seção, intitulada *Lindolfo Rocha: um romancista chapadista*, abordamos a recepção da obra de Lindolfo Rocha, analisando os processos de circulação e as dinâmicas de produção que influenciaram sua trajetória literária, além de buscar conhecer aspectos de sua história de vida que contribuíram para a construção de sua identidade como autor. Para fundamentar essa análise, recorreremos ao aporte teórico de Nilo Bruzzi (1953), Epitácio Pereira de Cerqueira (1995), Múcio Leão (1953), Afrânio Coutinho (1953), Aloísio de Carvalho Filho (1923; 1953), Silva (2023) e de outros estudiosos que se debruçam sobre a obra e a trajetória do escrit/or.

Na subseção *Maria Dusá: um romance chapadista*, dedicamo-nos ao estudo do romance *Maria Dusá*, apresentando os elementos constitutivos da narrativa. Além disso, destacamos alguns apontamentos sobre a Chapada Diamantina, região escolhida por Rocha (1910) para ambientar a história, e tecemos algumas reflexões acerca do perfil feminino da protagonista, Maria Dusá. Ainda nesta seção, na subseção intitulada *Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia*, discorreremos sobre a adaptação do romance de Lindolfo Rocha (1910) para a telenovela *Maria Maria* (1978), de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo de televisão.

Na terceira seção, intitulada *A Crítica Textual e a Formação de Leitores na Educação Básica*, discutimos a filologia e sua práxis voltada para o contexto escolar. Abordamos, também, as políticas educacionais e o papel do livro didático como recurso pedagógico e objeto de análise crítica. Além disso, examinamos a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) e refletimos sobre os perfis de leitores na cultura digital contemporânea. Para fundamentar as discussões, recorremos a autores como Chartier (2001), Mackenzie (1986; 2005), Lévy (1996; 1999), Said (2007), Barreiros (2013) e Santaella (2004; 2013).

Na quarta seção, intitulada *A Hiperedição do Romance Maria Dusá*, apresentamos a proposta de hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, especialmente elaborada para o público da Educação Básica. Discutimos a estrutura geral da edição e os critérios estabelecidos para a construção de uma edição interpretativa, voltada à formação de leitores nesse segmento de ensino. Além disso, abordamos os princípios e critérios que orientam as edições digitais destinadas à web, fundamentados em autores como Shillingsburg (1993), Barreiros (2013; 2015) e Almeida (2022). Por fim, analisamos cada uma das seções da plataforma digital, destacando a tradição textual, os critérios filológicos adotados e os recursos tecnológicos empregados na proposta.

Por fim, nas *Considerações Finais*, apresentamos a síntese dos estudos desenvolvidos e dos resultados alcançados ao longo da pesquisa. Encerramos a tese com as *Referências Bibliográficas*, que constituíram a base teórica e metodológica para a construção deste trabalho.

2 LINDOLFO ROCHA: UM ROMANCISTA CHAPADISTA

De sorte que ele
paira nos ares, sem um pedacinho de terra que o
reconheça
totalmente seu filho: é a mãe de São Pedro da
literatura brasileira. . . (Leão, 1953, p. 16).

Abrimos esta seção retomando a reflexão de Múcio Leão (1953), ao destacar Lindolfo Rocha como um escritor cuja origem, tanto geográfica quanto literária, não é plenamente reconhecida, apesar de sua presença marcante na história. Em tom irônico, o pesquisador ainda chega a compará-lo à mãe de São Pedro, uma figura das lendas populares, conhecida por sua mesquinha e por não ter amigos, preferindo viver isolada. Essa observação, feita em meados do século XX, revela a ausência de um reconhecimento dos vínculos regionais do autor e de sua inserção em uma tradição literária específica até aquele momento. No entanto, como será possível perceber mais adiante, nas décadas seguintes esse cenário começa a mudar, a partir de iniciativas de resgate e de esforços pontuais de reposicionar o autor na cena literária.

Ao revisitar a obra e a trajetória de Lindolfo Rocha, sobretudo suas passagens pela Chapada Diamantina e a forma como a região se apresenta em suas narrativas, percebemos uma relação íntima e recorrente com o território. Diante disso, e da contribuição significativa de sua obra para a construção identitária e cultural da Chapada Diamantina, propomos aqui repensar a posição de Lindolfo Rocha na literatura brasileira, reconhecendo-o como um escritor chapadista de pertencimento.

Para compreender como sua literatura foi percebida ao longo do tempo e como a crítica e o público se relacionaram com essa produção, é necessário analisar a recepção de sua obra, bem como os processos de circulação e produção que influenciaram sua trajetória.

Durante muito tempo, o nome de Lindolfo Rocha permaneceu à margem da história da literatura brasileira. Sua morte precoce e os infortúnios que atingiram parte dos seus manuscritos contribuíram para esse apagamento. Foi somente a partir da década de 1950 que sua obra passou a ser parcialmente divulgada e comentada por alguns estudiosos.

Anterior a esse período, em 1944, o escritor Heberto Sales já mencionava em seus estudos a relevância de Lindolfo Rocha e sua obra prima *Maria Dusá* para a literatura dos

garimpos, destacando, porém, a pouca ou quase nenhuma divulgação que alcançaram, até então. Para ele, o que aconteceu com Lindolfo Rocha foi o mesmo que aconteceu com outros escritores, “[...] afastando-se do núcleo regional, perdeu-se no delírio mundando da notoriedade e requereu a aposentadoria da glória nacional efêmera” (Sales, 1944, p. 25).

No que se refere a *Maria Dusá*, Sales (1944) afirmava não saber ao certo a que atribuir o “silêncio” em torno do romance, posto o seu qualificativo excepcional, mas arriscava dizer “o pormenor de haver sido impresso o romance em Portugal e distribuído no Brasil por apagada livraria da Bahia” (Sales, 1944, p. 25), o que dificultou sua circulação no país. Essa conjectura é corroborada quando o escritor aponta ter encontrado alusão à *Maria Dusá* em apenas um único livro, o qual curiosamente se tratava de uma obra estrangeira: *Brazil: To day and to tomorrow*, de Elliott (1917). Ao verificamos a referida publicação observamos que, apesar da breve menção ao romance *Maria Dusá*, Elliott (1917) destaca-o como parte da lista de romances brasileiros que realmente refletem as condições do Brasil, nos diversos setores.

There are long lists of Brazilian novels and poems which really reflect Brazil conditions in the very varied sections of the country; [...] If I were advising the study of a brief list of such novels, this would be a preliminary dozen: [...] *Maria Dusá*: Lindolpho Rocha. Story of diamond hunters in the interior of Bahia. *Braz Cubas and Quincas Borba*: Machado de Assis. Historical novels dealing with colonial life. *Esfhyngue*: Afranio Peixoto. Social life of Rio and Petropolis, or *Dentro da Noite* or *Fida Fertiginosa*, by "Joao do Rio," also social life of the Capital (Elliott, 1917, p. 99).²

Ainda que pouco conhecido no Brasil em sua época, Lindolfo Rocha chamou a atenção de estudiosos como Elliott (1917) e de Heberto Sales (1944). A partir dos anos 1950, pesquisadores como Aloísio de Carvalho Filho (1953), Múcio Leão (1953), Afrânio Coutinho (1953) e Epitácio Pedreira de Cerqueira (1995) começaram a resgatar sua obra e biografia, promovendo um lento processo de redescoberta e reconhecimento literário. Também lhe dedicaram uma breve atenção, com notas esporádicas em seus estudos, Lúcia

² Tradução nossa: Há longas listas de romances e poemas brasileiros que realmente refletem as condições do Brasil nas mais variadas regiões do país; [...] Se eu aconselhasse o estudo de uma breve lista de tais romances, esta seria uma dúzia preliminar: [...] *Maria Dusá*: Lindolpho Rocha. História de caçadores de diamantes no interior da Bahia. *Braz Cubas e Quincas Borba*: Machado de Assis. Romances históricos que tratam da vida colonial. *Esfhyngue*: Afrânio Peixoto. Vida social do Rio e Petrópolis, ou *Dentro da Noite* ou *Fida Fertiginosa*, de "João do Rio", também vida social da Capital (Elliott, 1917, p. 99).

Miguel-Pereira (1950), David Salles (1969), Alfredo Bosi (1973) e Massaud Moisés (2001). Contudo, foi o pesquisador Nilo Bruzzi (1953) quem realizou e publicou, em *O homem de Maria Dusá*, um dos estudos mais densos sobre Lindolfo Rocha.

Múcio Leão (1953), ao se deparar com o nome de Lindolfo Rocha em seus estudos literário, observa que o escritor ainda não possui uma biografia completa. Diante disso, resolve fazer um apelo ao amigo Bruzzi, por meio de uma carta, publicada no livro *Lindolfo Rocha* (1953): “[...] você, meu caro Nilo Bruzzi, é um infatigável rastreador dessas biografias incompletas [...]. Não quererá você tomar a si o estudo desse tão esquecido, desse tão interessante comprovinciano seu, que é Lindolfo Rocha?” (Leão, 1953, p. 16 - 17).

Dessa maneira, ao ser instigado por Múcio Leão, Bruzzi pôs-se a realizar uma pesquisa minuciosa sobre a vida e obra de Rocha. Em resposta à carta recebida, Bruzzi assevera:

- Meu querido Mucio Leão. - Desde aquela manhã de domingo de junho último, em que ouvi pela primeira vez, na sua casa, pronunciado por você o nome de Lindolfo Rocha e também a referência ao seu belo romance Maria Dusá, quando colhi mais um conhecimento da nossa família literária, não descansi. Fiquei interessado em saber detalhes de identificação do escritor e passei a investigar (Leão, 1953, p. 18).

Para reconstituir a biografia do escritor, Bruzzi (1953) recorreu à pesquisa em jornais e bibliotecas públicas, além de entrevistar um grande número de pessoas, em sua maioria baianos, que conviveram com Rocha. Neste estudo, desvendou e traçou detalhadamente, de forma linear, todo o percurso da vida de Lindolfo Rocha, descrevendo os lugares por onde ele passou, as pessoas com quem conviveu, as profissões que desempenhou, os acontecimentos históricos, políticos, as obras literárias produzidas, entre outros acontecimentos relevantes da vida do escritor.

Destarte, é nesse movimento de redescoberta da vida e obra de Lindolfo Rocha que, desde a década de 1950, ou até mesmo antes disso, alguns estudiosos vêm realizando pesquisas acerca desse importante e arredo autor. Ao fazermos um levantamento desses estudos, observamos que ainda são escassos os trabalhos acadêmicos dedicados à análise de sua produção ficcional. Além dos autores já mencionados nesta seção, outros pesquisadores têm se debruçado sobre a obra do escritor, no intuito de reposicioná-lo e trazê-lo de volta à cena literária.

Nesse contexto, atento à carência ainda existente de estudos sobre Lindolfo Rocha no cenário da literatura brasileira, o biógrafo Epitácio Pedreira de Cerqueira dedicou-se a

estudar sobre o escritor em seu livro *Lindolfo Rocha – O advogado do sertão* (1995), no qual apresentou o resultado de anos de pesquisas, entrevistas e viagens realizadas pela Bahia.

A partir de então, surgiram outros estudos interessados em revisitar a produção de Lindolfo Rocha. Entre eles, algumas pesquisas acadêmicas destacam-se, ainda que recentes e em número reduzido, vêm contribuindo para reposicionar Lindolfo Rocha na cena literária e cultural da Chapada Diamantina. Em 2009, o professor Fernando da Silva Monteiro investigou as relações entre Identidade, Cultura e Literatura no romance *Maria Dusá*, em sua monografia intitulada *Maria Dusá: Memória, Cultura e Identidade da Chapada Diamantina*, apresentada como requisito final para a conclusão do curso de Pós-Graduação em Especialização em Língua, Literatura e Identidade cultural, no Instituto Superior de Educação Eugênio Gomes. O trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, apoiando-se teoricamente em autores como Alfredo Bosi (2006), Afrânio Coutinho (2004), Durval Muniz de Albuquerque (2006), entre outros.

Posteriormente, em 2015, Júnia Tanúsia Antunes Meira, em sua dissertação de mestrado, intitulada *Uma escrita à margem: o romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, apresenta uma leitura do romance *Maria Dusá*, a fim de trazer a lume o romance e o escritor mineiro Lindolfo Rocha. Para isso, ainda discute elementos ligados às renovações estruturais do romance e sua possível articulação com o Realismo e com o Pré-Modernismo.

Contemporânea a esta pesquisa, temos a dissertação de mestrado de José Manoel Ribeiro da Silva, intitulada *Conflito indígena na mata branca: o romance Iacina e seu reposicionamento na historiografia literária*, defendida em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana, sob a orientação do professor Patrício Barreiros (UEFS). A pesquisa desenvolvida por Silva (2023) foi realizada a partir de um importante trabalho historiográfico no campo dos estudos literários, voltado para a trajetória de vida de Lindolfo Rocha e para a apresentação de uma proposta de leitura do romance *Iacina* — dispersão dos maracaiáras, de Lindolfo Rocha (1907).

Esses estudos revelam que, embora ainda discreta, a recepção da obra de Lindolfo Rocha vem se fortalecendo, reforçando a importância de ampliar a sua visibilidade e valorização na literatura brasileira, especialmente no âmbito da literatura local e da história cultural da Chapada Diamantina. Nesse sentido, torna-se fundamental retomar o

exame de suas principais obras, como *Iacina* e *Maria Dusá*, que integram o projeto do autor de valorização do sertão e de seus personagens históricos.

Publicado em 1907 pela Livraria dos Dois Mundos, em Salvador, *Iacina* se tornou uma das obras ficcionais mais representativas de Lindolfo Rocha. Voltado para um contexto local e histórico, o romance dialoga com importantes obras que integram a corrente indianista, como *Iracema*, de José de Alencar, e integra o grande projeto do autor na busca pela valorização da cultura e da identidade do sertanejo. Ambientada no sertão nordestino, *Iacina* narra a história da personagem que dá nome ao livro, trazendo ao centro a figura do indígena maracá (ou maracaiáras) frente às ações dos colonizadores que levaram o seu povo à dispersão no século XVII. Nesse contexto, o autor mineiro apresenta um importante estudo etnográfico acerca do povo maracaiára e, em sua crítica, expressa o desejo por uma literatura nacional que se aproxime do realismo e discuta as questões políticas, econômicas e sociais de uma determinada região do Brasil que, por muito tempo, foi silenciada e negligenciada.

Em *Iacina*, assim como em *Maria Dusá*, a história ficcional é construída a partir de um olhar atento e minucioso do autor para as cenas do sertão. As suas experiências de vida e os conhecimentos adquiridos ao longo de uma extensa jornada pelo interior baiano fundamentam uma narrativa que se alinha às características realistas do contexto histórico e social da época e reforçam o interesse desse autor em valorizar e dar visibilidade a uma região e aos povos que nela habitam.

Com o objetivo de cumprir seu compromisso político e social, Lindolfo Rocha utilizou do meio jornalístico como uma extensão do seu projeto literário. Tornou-se porta-voz do povo e do sertão baiano, apresentando posições firmes e opiniões controversas que lhe renderam apoios, mas, sobretudo, divergências políticas. Apesar do seu pouco interesse por questões político-partidárias, era inevitável tomar posições em assuntos polêmicos e, através dos seus escritos, fazer política à sua maneira (SILVA, 2023). Sem dúvida, essa forma de lidar com as suas inquietações pessoais, políticas e sociais representa traços da competência e sagacidade crítica desse jornalista e escritor.

É importante destacar que, dentro do seu projeto literário, *Maria Dusá* (1910) foi a obra que mais deu notoriedade ao nosso autor. Ao abordar temas como a seca, o garimpo e a prostituição, Lindolfo Rocha ascende com uma escrita ancorada no território baiano e traz à tona a Chapada Diamantina. Na narrativa, essa região se destaca não apenas como cenário físico, mas também como um elemento vivo e poderoso capaz de influenciar a formação identitária de seus personagens e a trajetória de toda a narrativa.

O ciclo do garimpo de diamante no Brasil tornou a Chapada Diamantina um dos principais centros de mineração do país, atraindo uma grande quantidade de garimpeiros e aventureiros de diversas as regiões. A corrida pelos diamantes trouxe grandes transformações ao interior baiano que impactaram profundamente a história, a economia, a sociedade e o meio ambiente da região. Este importante capítulo da história brasileira não passou despercebido por Lindolfo Rocha, que retratou com detalhes em *Maria Dusá* os extremos de pobreza e riqueza, de prosperidade e declínio, que os sertanejos e chapadistas viveram.

Embora tenha vivido apenas 49 anos, Lindolfo Rocha deixou uma produção ficcional vasta e diversificada, como atestado pela relação bibliográfica organizada por Leão (1953, p. 23-26) a partir dos registros de Bruzzi (1953):

- Poesias: *Os Condenados da Rússia* (1881); *Tragédia na Selva – Quadros da Escravidão* (1886); *Bromélias* (1887); e *Flores Silvestres* (inédito).
- Notas de viagem: *Notas de Viagem* (1893).
- Cartas: *Cartas do Sertão* (1902 a 1904).
- Romances: *Iacina – Dispersão dos Maracaiáras* (1907); *Maria Dusá – Garimpeiros* (1910); *Robério Dias*, em 2 volumes (inédito).
- Conferências: realizadas Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1907).
- Literatura escolar: *O pequeno lavrador – dois volumes* (1909); *Silabário prático*, dois volumes; e *Gramática infantil* (em preparação).
- Livro de contos (compreende os contos publicados avulsos em jornais): *Rosalvo Mata*; *Lição de Tupi*; *Sapatinho azul*; *Uma questão de nome*; *O moço das flores*; *Mater dolorosa*; *Nunca sem um amigo*; *O vaqueirinho*; *Almas de aves* (1907).
- Ensaio de direito: *Lições de Direito Civil* (inédito); *Direito e Ações* (inédito); *Dote e regime dotal, 1899*; *A nova lei de sucessões, 1911*.
- Teatro: *O Ouro é tudo*.
- Em preparação: *O Monge da Lapa* e *A Carne Escrava*.

Conforme apresentado, a produção literária de Lindolfo Rocha perpassa pelos diversos gêneros: poesia, nota de viagem, carta, romance, conferência, literatura escolar, conto, ensaio e teatro. Em nossos estudos, não conseguimos acesso a todas as datas de

sua produção, a exemplo de alguns contos publicados em jornais, de forma avulsa, os quais ele pretendia publicar em uma coletânea. Ademais, sendo um dos “mais notáveis” jornalistas de seu tempo, foi um grande colaborador do *Jornal de Notícias* e do *Jornal Diário de Notícias*, ambos da cidade de Salvador-BA, nos quais publicou cartas, notas de viagem pelo sertão baiano, folhetins e diversos contos (Cerqueira, 1995). Todavia, os referidos jornais encontram-se em condições precárias de conservação, impossibilitando que alguns desses testemunhos fossem localizados nos acervos durante a nossa pesquisa. Leão (1953) aponta algumas das publicações de Lindolfo Rocha no *Jornal de Notícias* e no *Diário de Notícias*, conforme apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 01 – Publicações de Lindolfo Rocha nos jornais

Título	Ano	Jornal
Inatingibilidade dos polos da terra.	1984	Diário de Notícias
Cidade abandonada - entre Ilhéus e Conquista, na Bahia.	Não informado	Não informado
Acontecimentos de 24 de novembro de 1891.	1891	Diário de Notícias
Secas periódicas - lei que as rege, previsões de seca neste século.	Não informado	Jornal de Notícias
Notas de viagem – da capital da Bahia à comarca de Correntina.	Não informado	Diário de Notícias
Cartas do sertão – série de estudos.	1902	Jornal de Notícias
Através do sertão – série de estudos.	1911	Diário de Notícias
Conferências – I – Zona desconhecida da Bahia; II – Bandeirantes; III ruínas de povoações antigas e Minas de Prata	Não informado	Não informado

Fonte: Leão (1953).

Lindolfo Rocha manteve-se em constante movimento intelectual, cumprindo com seus vários compromissos, até os últimos dias de sua vida. Além dos escritos inéditos, deixou dois romances incompletos, *A Carne Escrava* e *O Monge da Lapa*. De acordo com Silva (2023, p.37), este último, provavelmente, abordaria a história do padre Francisco de Mendonça Mar, o fundador do santuário de Bom Jesus da Lapa-BA. Essa informação pode ser corroborada nas correspondências trocadas entre o padre José Pereira Basílio e Lindolfo Rocha, em 1911, quando o padre é solicitado para analisar e corrigir o romance: “Estando a trabalhar numa obrinha, que tem por assunto o Monge da Lapa (de Bom Jesus)

[...] submeto ao critério de V. Exa, para corrigir, emendar, modificar qualquer palavra [...] (Rocha, 07 de agosto de 1911). Contudo os textos dos dois referidos romances que não chegaram a ser finalizados, foram incendiados e totalmente destruídos juntos aos manuscritos originais em uma fatídica briga causada por ciúmes entre a viúva Áurea Augusta de Brito e o seu segundo marido, conforme relata Bruzzi (1953):

Não tendo instrução suficiente para avaliar o valor literário do esposo morto- pois desde que o perdera jamais foi alertada para isso por qualquer pessoa (e nisso está o abandono dos baianos por seu grande romancista) foi sem qualquer reação que viu a destruição de todos os inéditos deixados pelo marido morto, a fim de que não lhe restasse lembrança dele, para satisfação do ciúme póstumo do que o substituiria (Bruzzi, 1953, p. 198).

Outro acontecimento lastimável que pode ter contribuído direta ou indiretamente para que a escrita de Lindolfo Rocha permanecesse em limbo literário, durante certo período, foi o incêndio da Livraria Dois Mundos da Bahia e da Biblioteca Pública, no bombardeio da cidade de Salvador, no ano de 1912, no qual se perdeu todas as suas obras ali existentes (Miguel-Pereira, 1957). Assim sendo, fica evidente que Lindolfo Rocha e sua ficção poderiam ter tido uma trajetória literária diferente daquela que a vida lhe impôs, se não fosse o acúmulo de “[...] diversas derrotas que se estenderam até a sua memória e que chegaram a mitigar a rica herança cultural que, por certo, nos teria legado com maior amplitude através dos manuscritos destruídos. (Silva, 2023, p. 39).

Além dos infortúnios que fora acometido, muito da falta de reconhecimento do autor e de suas obras pode ser atribuído ao seu comportamento introvertido e a maneira de trabalhar em solitude literária. Nesse tocante, Bruzzi (1953) revela um fato curioso da vida literária de Lindolfo Rocha que é o de não demonstrar grandes interesses em divulgar de imediato aquilo que produzia, preferindo apenas escrever e guardar os seus textos. Tal postura, contudo, não diminui sua potencialidade enquanto escritor, evidenciada pela vasta produção intelectual que deixou, abrangendo uma variedade temática significativa.

Diante disso, percebe-se que a trajetória literária de Lindolfo Rocha e a circulação de suas obras não podem ser plenamente compreendidas sem que se conheça, ainda que brevemente, a sua história de vida, cujos acontecimentos refletiram e influenciaram diretamente em seu percurso intelectual, nas condições de produção e no reconhecimento tardio que obteve. Com esse intuito, apresenta-se a seguir um breve panorama biográfico fundamentado nas pesquisas de Bruzzi (1953) e Cerqueira (1995), cujas pesquisas

resgataram e reuniram informações essenciais para compreender de maneira mais ampla o autor, sua trajetória e o contexto em que esteve inserido.

Entre o final do século XIX e início do século XX, o interior da Bahia vivenciou um período de instensas transformações, marcado pelos movimentos de reorganização política, pelas lutas de emancipação de povoados e pela renovação de lideranças políticas. Nesse contexto de disputas e articulações, emergiram figuras que, além de ocuparem cargos oficiais, desempenharam papel relevante na construção das relações sociais e políticas regionais. Entre esses personagens destaca-se Lindolfo Rocha, advogado, jornalista, literato, professor e articulador político, cuja trajetória, embora expressiva, permaneceu relativamente esquecida pela história intelectual baiana e brasileira.

Embora tenha atuado em diversas frentes, seus feitos acabaram esquecidos ou pouco registrados pelas histórias oficiais, restando, por vezes, apenas notícias dispersas em periódicos da época. Um exemplo significativo de sua atuação encontra-se no jornal *Cidade do Salvador*, na edição 170 de 1897, que evidencia a importância de Rocha em um dos episódios decisivos para a história de Jequié:

Foi sancionada a lei que elevou o povoado de Jequié à categoria de município. Este fato [...] foi revestido de muita solenidade. Empenhado como se achava na consecução deste tentamento, o distinto advogado Dr. Lindolfo Rocha, em deferência à imprensa, que em prol da causa se tinha pronunciado unanime, este dirigiu convites à mesma, para assistir o ato pelo qual o Governador do Estado [Luiz Viana], ia conferir o foral a uma das mais importantes circunscrições do Estado. [...] o doutor Lindolfo Rocha, em nome dos habitantes de Jequié, agradeceu ao Sr. Ex. a justiça dispensada àquela povoação tão próspera [...] (Cidade Do Salvador, 1897, p. 2).

Esse episódio, embora significativo, foi apenas um entre tantos momentos em que o nosso autor se destacou na vida pública e intelectual baiana. Para compreender melhor a formação e os caminhos que o levaram a ocupar esse papel, é necessário revisitar sua trajetória pessoal e profissional.

Nascido em 3 de abril de 1862 na cidade mineira de Grão-Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, Lindolfo Jacinto Rocha era filho de Manuel Jacinto Rocha, garimpeiro natural da Bahia, e de Irene Gomes, natural daquela mesma vila mineira. Órfão de pai ainda criança, entre os seis e oito anos, acompanhou a mãe na mudança para Xique-Xique de Igatu, na Chapada Diamantina-BA, em busca de melhores condições de vida junto a parentes. Pouco se sabe sobre sua infância, além do fato de ter sido um

menino mestiço, pobre e criado exclusivamente pela mãe, que nunca mais voltou a se casar.

Dez anos após a sua partida de Grão-Mongol, têm-se notícias de Lindolfo Rocha em Bom Jesus dos Meiras, hoje cidade de Brumado-BA, em 1880. Posteriormente, mudou-se depois para a cidade de Maracás. Aos 18 anos, já se sustentava e amparava a mãe, por meio de aulas particulares e como músico de pistão em uma filarmônica local. Gradativamente, sua inclinação intelectual se fortalecendo, levando-o a Salvador, capital da Bahia, para prestar exames preparatórios no Ateneu Provincial. Mais tarde, estabeleceu-se na Vila d'Areia,, hoje Ubaíra, onde fundou o colégio primário São Vicente Ferrer.

Aos 18 anos, Rocha já se sustentava e amparava a mãe por meio de aulas particulares e como músico de pistão em uma filarmônica local. Gradativamente, sua inclinação intelectual se fortaleceu, levando-o a Salvador para prestar exames no Ateneu Provincial. Posteriormente, já residindo na Vila d'Areia, hoje Ubaíra, funda o colégio primário São Vicente Ferrer. Em 1890, ingressou na Faculdade de Direito, em Recife-PE, recebendo dois anos depois o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

No mesmo ano de sua formatura, após lançar-se no jornalismo, foi convidado a trabalhar jornal *Diário de Notícias* da Bahia, na cidade de Salvador. A sua permanência física na redação jornalística durou pouco tempo, pois ao mesmo tempo foi nomeado juiz preparador da Comarca de Correntina, no interior do estado. Apesar disso, suas contribuições para o jornal *Diário de Notícias* continuaram constantes, ao ponto que se tornou colaborador efetivo da redação durante dois anos (1910 e 1911), os seus dois últimos anos de vida.

A atuação de Lindolfo Rocha como juiz de Correntina foi breve, não durando nem a metade do tempo previsto (4 anos) para a função assumida. Em março de 1894, optou por renunciar à função e estabeleceu-se em Jequié, então distrito de Maracás. “Em abril [1894] chega a Jequié, que escolhera definitivamente para seu domicílio, em companhia de Irene. Aluga uma casa na Rua da Vitória, que passaria, tempos depois a ter seu nome, como homenagem” (Cerqueira, 1995, p. 70). Em Jequié, Rocha expandiu suas relações pessoais e seus conhecimentos sobre a região, onde passou a exercer papel central no processo de emancipação política do povoado

Junto à emancipação do novo município veio a sua consagração ao receber o título de juiz preparador de Jequié. No auge dos seus 34 anos e, após passar por um período de luto pela morte de sua mãe, Irene, em 1896, Lindolfo Rocha é aconselhado a casar-se com

Áurea Augusta de Brito, vinte anos mais nova que ele. Conforme Silva (2023), o casamento de Áurea e Lindolfo fora arranjado por Nestor Ribeiro, cunhado da noiva e grande amigo do noivo, e pela família da jovem que, por sua vez, já estava sendo preparada para ser uma esposa prendada, recatada e de honra familiar, conforme a mentalidade da sociedade da época. O casamento arranjado se realizou, não tiveram filhos e permaneceram juntos até 1911, quando Lindolfo Rocha faleceu.

A atuação de Rocha como juiz e político não esteve isenta de dificuldades. Embora tenha desempenhado com grande desenvoltura as suas funções políticas e sociais, os seus dias como juiz preparador e político não foram tão fáceis. Entre as dificuldades encontradas, destaca-se a ameaça de uma epidemia de varíola em Jequié, conforme noticiada pelo *Diário de Notícias* de Salvador, na edição de 06 de novembro de 1897: “Houve um caso de varíola em um soldado, este logo que declarou a moléstia, foi conduzido para lugar distante mais de 2 quilômetros a fim de não desenvolver a epidemia [...]. Tem-se vacinado e revacinado diversas pessoas [...]”. Além disso, precisou intervir e combater o banditismo contra os trabalhadores italianos estabelecidos no município.

Em 1902, diante das demandas políticas e dos seus diferentes interesses intelectuais e profissionais, optou por renunciar novamente ao cargo de juiz preparador, voltando a se dedicar aos trabalhos de advocacia, jornalismo e literatura, dentre outras atividades de interesse como a agricultura. Ainda, passou a colaborar com outro importante periódico da capital baiana, o *Jornal de Notícias*.

Entre 1904 e 1906, Rocha fixou residência definitiva na capital baiana, estabelecendo-se em Mar Grande, ilha próxima à cidade de Salvador. Ali, dedicou-se à revisão de manuscritos já concluídos e à continuidade de seus projetos literários em andamento. Nesse período, contudo, contraiu uma grave infecção intestinal, que se agravava com passar dos dias. Diante da situação, sua esposa, Áurea Brito, buscou ajuda médica na capital, conseguindo interná-lo na casa do amigo e médico Joaquim Reis Magalhães, localizada na Freguesia dos Mares, na Calçada do Bonfim. Não havendo melhora, outros dois médicos foram chamados na tentativa de conter o avanço da enfermidade. Todos os esforços foram inúteis. Lindolfo Rocha veio a óbito em 30 de dezembro de 1911, na cidade de Salvador, sendo sepultado no mesmo dia 30, no cemitério da Quinta dos Lázaros (Leão, 1953). Sua morte foi lamentada e repercutida pela imprensa da época, mas logo caiu no esquecimento novamente, registra Bruzzi (1953, p. 194): “os jornais de Salvador registraram circunstancialmente a perda que a Bahia sofrera com a

morte do notável escritor. [...] Um mês depois daquela triste madrugada, ninguém mais falou no nome devorado pela morte. A vida continuou” (Bruzzi, 1953, p. 194).

A trajetória de Lindolfo Rocha, marcada pela mobilidade territorial, pelas múltiplas atuações e por conquistas discretas no cenário político e intelectual, evidencia o papel desempenhado pelos intelectuais no interior baiano na transição do século XIX para o XX, assim como os processos seletivos de apagamento que atravessaram o campo cultural baiano e brasileiro. Seu percurso, que transita por diferentes áreas do saber e da vida pública, ilustra as estratégias de ascensão social e de busca por prestígio adotadas pelos escritores e profissionais letrados daquele período. Revisitar sua história não é apenas resgatar um nome colocado à margem, mas também uma oportunidade de refletir sobre as narrativas que definem quem permanece e quem se apaga na memória cultural do país.

2.1 MARIA DUSÁ: UM ROMANCE CHAPADISTA

O romance *Maria Dusá*, escrito por Lindolfo Rocha, teve a sua primeira edição publicada em 1910 por Lelo & Irmão, Livraria Chardron, Porto, em Portugal. Esta edição possuía o subtítulo (Garimpeiros) – romance de costumes sertanejos e “chapadistas” e constituía de 312 páginas. No entanto, conforme afirma Cerqueira (1995), o romance já havia sido publicado em folhetim, no *Jornal de Notícias*, no ano de 1908, com o primeiro e parte do segundo capítulo.

O folhetim é um gênero narrativo que teve surgimento na França, na década de 1830, quando o proprietário do jornal francês *La Press*, Émile de Girardin, se juntou a Dutacq, do jornal *Le Siècle*, para lançar o jornalismo moderno e publicarem no rodapé de seus jornais o romance em partes, periodicamente. Antes disso, a imprensa francesa reservava o rodapé da página do seu jornal para escritos de entretenimento: crônicas, resenhas de teatro e literatura, receitas, piadas, entre outros assuntos. (Meyer, 1996). Esta proposta de inserir o folhetim como uma nova seção na publicação do jornal francês tinha como estratégia manter os assinantes tradicionais dos jornais, além de ampliar a sua recepção para as camadas populares.

A publicação de romances em folhetins foi um grande sucesso, resultando no que viria a ser conhecido, posteriormente, como o gênero romance-folhetim. De acordo com Garcia e Ferreira (2012), nesse gênero os romances são escritos sob regras específicas, muitas vezes sob encomenda, para circularem primeiramente no jornal, antes de serem

publicados em formato de livro. Para Meyer (1996, p. 59), dentre as principais características do folhetim estão as “[...] novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando”. Como estratégia para manter o público fiel à obra, os autores modificavam os rumos da trama à medida que o público se manifestava através das vendas, por acreditarem que “[...] a intervenção constante dos leitores é peça fundamental na estratégia folhetinesca” (Pena, 2008, p. 30).

No Brasil, o romance-folhetim se instalou ao mesmo tempo em que se difundia na França e se expandia para países da Europa, como Inglaterra e Portugal. Em 1838, foi publicado no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, os capítulos do romance *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, na seção “Variedades”, junto aos demais conteúdos do jornal. Contudo, foi somente em 1839 que o *Jornal do Commercio* inaugurou o espaço do folhetim do periódico, através da publicação do romance *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock.

Nas duas décadas seguintes, a publicação de folhetins em jornais brasileiros constituiu-se, em sua maioria, de traduções de novelas curtas e clássicos romances franceses, a exemplo dos títulos *Les mystères de Paris* (1842), de Eugène Sue, *Comte de Monte Cristo* (1844) e *Les trois mousquetaires* (1844), de Alexandre Dumas, *Les mystères de Londres*, de Paul Féval, dentre outros. Essas traduções eram realizadas, às vezes, por escritores brasileiros iniciantes que trabalhavam na imprensa. O escritor Vitor Hugo, por exemplo, chegou a ter um romance - *Os trabalhadores do mar* - traduzido por Machado de Assis e publicado em folhetim, em 1866, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*.

Do *Jornal do Commercio*, o folhetim se espalhou para os demais jornais do Rio de Janeiro, estendendo-se para a imprensa de outras províncias do país. [...] Paralelamente a essa difusão romanesca de autores de outros países, a ficção nacional ganhou incentivo e oportunidade para também pleitear divulgação. Aproveitando-se das mesmas páginas disponíveis para essa literatura nos jornais e revistas que proliferavam, os autores brasileiros publicavam os seus escritos e se faziam notar pelo público leitor ou ouvinte do gênero (Nadaf, p.124-126, 2009).

Dessa maneira, foi publicando suas produções em folhetins que vários escritores brasileiros do século XIX deram início à carreira de ficcionista. Conforme aponta Pena (2008, p.32), “O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos”. Assim, caso a publicação da ficção em jornais obtivesse sucesso, tornava-se livro, pois a sua edição exigia um alto custo. Do grupo de

escritores brasileiros que fizeram parte desse movimento podemos citar alguns autores consagrados da extensa lista: Joaquim Manuel de Macedo com a publicação de *A moreninha* (1844), no jornal do *Commercio*, José de Alencar com as publicações de *Cinco Minutos* (1856) e *O Guarany* (1857), ambos no *Diário do Rio de Janeiro*, e Machado de Assis com as publicações de *A Mão e a Luva* (1874) e *Helena* (1876), no jornal *O Globo*.

Neste seguimento, pode-se dizer que o jornalismo compreendido até o final do século XIX caracteriza-se como o período de maior influência da literatura nos periódicos, democratizando a cultura e estimulando o hábito da leitura³. Conforme aponta Filho (2000, p.12), “[...] nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política”. Entretanto, ainda segundo o autor, no século seguinte novas perspectivas são criadas pela imprensa, de modo que a prioridade passa a ser a venda de espaço para a publicidade.

O jornalismo literário, ao qual Filho (2000) se refere é uma associação de literatura e jornalismo, em que há a participação ativa de escritores nas redações dos jornais do século XIX, através da publicação de folhetins, crônicas e artigos. No primeiro momento, foi através do folhetim que ocorreram as mudanças na imprensa do Brasil e do mundo. A atuação dos escritores na imprensa, por sua vez, também contribuiu essencialmente para esse tipo de jornalismo e, conseqüentemente, para o âmbito cultural.

Em suma, pode-se dizer que a estreia de um romance em folhetim contribuía significativamente para tornar o escritor e sua obra conhecidos do público leitor, além de estimular a leitura e promover uma conscientização dos leitores de jornais sobre questões sociais e as agruras da vida cotidiana. Nesse contexto, ao retomarmos o nosso objeto de estudo, pressupomos que Lindolfo Rocha, sendo escritor e colaborador de importantes jornais de Salvador-BA, não ficaria de fora da tendência folhetinesca.

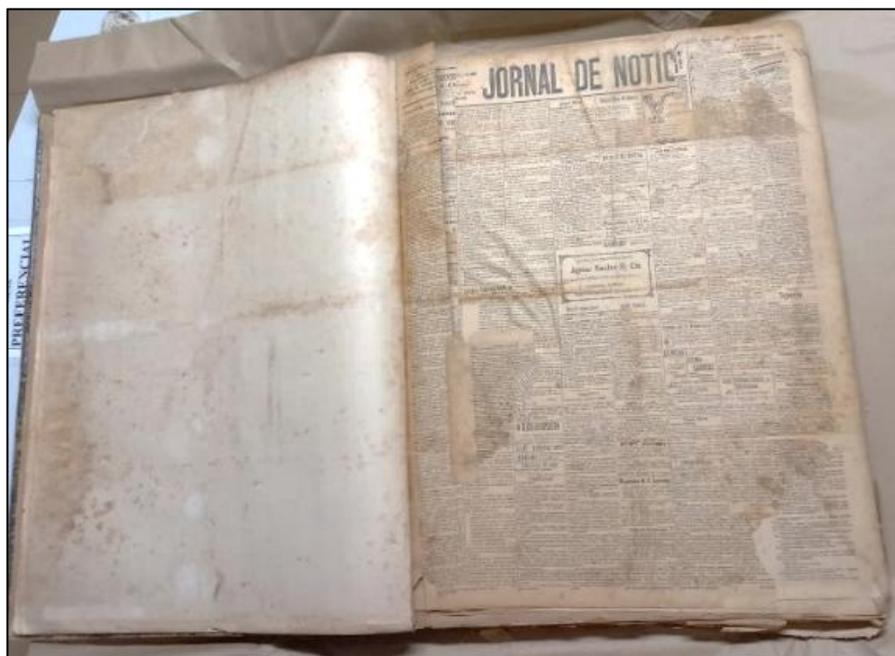
Imbuídos pela informação de que *Maria Dusá* fez parte do rol de romances publicados em folhetim e, posteriormente, em livro físico, propomo-nos a investigar mais a fundo. De início, fizemos buscas em acervos digitais como o da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional e do Arquivo Público do Estado da Bahia. Não havendo resultados positivos, até o momento, partimos para a pesquisa em acervos físicos que ainda pudessem ter jornais do início do século XX salvaguardados. Assim,

³ Salientamos que, de início, o jornalismo literário e a leitura de folhetim no Brasil não atingiram o mesmo apogeu dos países europeus, devido ao alto índice de analfabetismo no país naquele período, dificultando a promoção do povo à leitura e a esse tipo de jornalismo (Héris Arnt, 2001). Contudo, a observação dos autores e dos jornais da época é de que esse tipo de leitura também teve uma repercussão positiva.

chegamos até a Biblioteca Central do Estado da Bahia (BCEB), localizada no bairro dos Barris, na cidade de Salvador-BA. Ali, fomos informados que havia o material que buscávamos, porém não seria possível consultá-lo devido ao seu estado de deterioração. Dialogamos com a bibliotecária responsável pelo acervo, a qual lamentou as péssimas condições do prédio e, conseqüentemente, do acervo documental que está se perdendo a cada dia mais. Enfim, dado a conhecer o nosso projeto de pesquisa, conseguimos a liberação dos jornais necessários para prosseguirmos com a averiguação.

Considerando as informações apresentadas por Cerqueira (1995) sobre a publicação de *Maria Dusá* em folhetim, fizemos uma busca no *Jornal de Notícias*, nos volumes de 1908 e 1909. Nesses periódicos, nada foi encontrado a respeito dos folhetins de Lindolfo Rocha. Durante a consulta, verificamos que o material se encontrava, realmente, em condições precárias de conservação, não sendo possível uma investigação mais demorada.

Figura 01 – Jornal de Notícias.

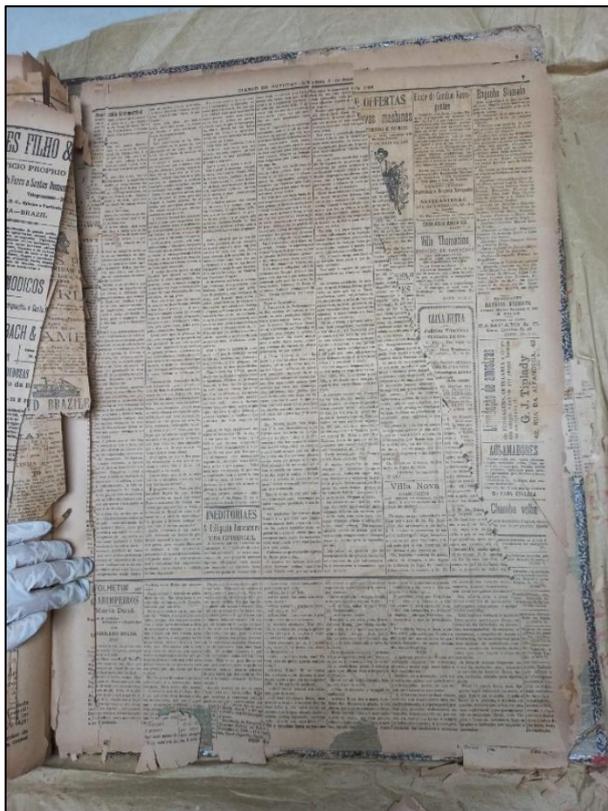


Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo a averiguação, recorremos a outro periódico da cidade de Salvador que Lindolfo Rocha também foi colaborador, o jornal *Diário de Notícias*. Nesse jornal, as edições eram reunidas em volumes trimestrais, resultando em quatro volumes anuais. As condições de conservação das coleções, contudo, também não eram satisfatórias, uma vez

que muitas páginas apresentavam-se coladas, rasgadas ou com partes ausentes, comprometendo, em alguns casos, a integridade dos folhetins analisados.

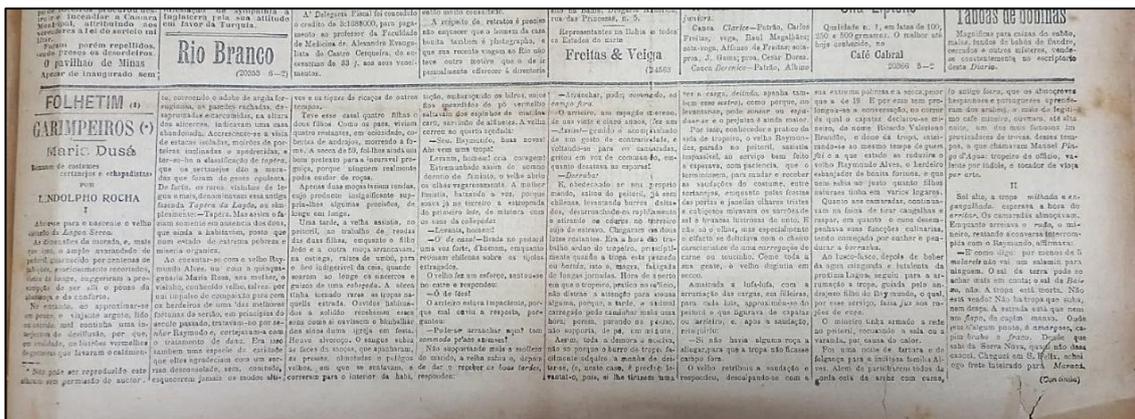
Figura 02 – Deterioração do Jornal *Diário de Notícias*



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo diante das dificuldades e da necessidade de extremo cuidado no manuseio dos exemplares, foi possível verificar todos os volumes referentes ao ano de 1908. Na página 3 da edição de 9 de outubro de 1908 do *Diário de Notícias*, localizamos, enfim, a publicação do primeiro capítulo de Maria Dusá em formato de folhetim, conforme ilustrado a seguir:

Figura 03 – Folhetim *Maria Dusá* – *Jornal Diário de Notícias*



Fonte: Elaborado pela autora.

Fundado em 1875, pelo jornalista Manuel da Silva Lopes Cardoso, o jornal *Diário de Notícias* da Bahia foi o primeiro periódico brasileiro a circular no turno vespertino na área metropolitana de Salvador e no interior do estado. Destacou-se na imprensa baiana do século XIX e XX por apresentar noticiários de toda a região, além de se debruçar sobre questões culturais do estado. Nesse período, embora a política partidária dominasse a imprensa, o *Diário de Notícias*, assim como o *Jornal de Notícias*, procurava se manter indiferente à política, prezando pelo conteúdo mais ameno e educativo, através do cativante folhetim.

Constituído por 8 páginas, o *Diário de Notícias* circulava de segunda a sábado nos anos analisados. O espaço reservado ao folhetim constava na página 3 ou 5, a depender da edição. Sua publicação no periódico ocorria, normalmente, com dois romances, de dois autores diferentes, de maneira intercalada. Em alternância a *Maria Dusá* (Rocha 1908) foi publicado o romance *Mulher do povo* (*Maria Joana*), do escritor francês Adolfo D'Ennery.

Para a publicação de *Maria Dusá* em folhetim, Lindolfo Rocha dividiu o romance em trinta e sete (XXXVII) capítulos numerados em algarismos romanos. A quantidade de capítulos publicados por periódico era variável, a depender da divisão da narrativa feita pelo autor e do espaço disponível no rodapé da folha. Infelizmente, na nossa investigação, não conseguimos localizar todos os capítulos publicados no folhetim, devido à deterioração do material. Apesar disso, pudemos identificar que trinta e seis capítulos foram publicados, tendo sido o último na edição 14 de abril de 1909. Em comparação ao conteúdo e capítulos da primeira edição publicada em livro físico, ficou faltando apenas o restante do texto do capítulo XXXVI e o capítulo XXXVII por completo. Aqui, cabe

destacar que consultamos os periódicos do trimestre seguinte e nem um vestígio da publicação do desfecho do romance foi encontrado. Além disso, não identificamos alterações substanciais entre o texto do folhetim e o da primeira edição publicada pela editora Chardron, exceto por algumas atualizações ortográficas e pequenos ajustes na pontuação.

A respeito do enredo de *Maria Dusá (Garimpeiros)*, trata-se de um romance ambientado em um ciclo diamantífero do interior baiano, entrecortado pela fome, violência e miséria causadas pela seca que ficou conhecida como “fome de 60”, em 1860. Lindolfo Rocha buscou retratar nesse romance a vida nas Lavras Diamantinas, as paisagens, tradições, costumes e linguagem. Embora seja um livro essencialmente brasileiro, durante algumas décadas após a sua primeira publicação ficou “esquecido”, como um romance pouco lido, pela falta de exemplares à venda, devido “[...] a tiragem reduzida, somando-se a isso o incêndio da Biblioteca Pública da Bahia [...]” (Cerqueira, 1995, p. 113). Além disso, é importante elucidar que a única publicação realizada pelo autor foi a primeira edição, editada pela Livraria Chardron, fato que também contribuiu para desaparecimento e circulação do romance por um extenso período.

A história de *Maria Dusá* resume-se em um doloroso triângulo amoroso protagonizado pelo tropeiro mineiro Ricardo Brandão e as irmãs Maria Alves (Mariazinha) e Maria Dusá, que, sem saberem do vínculo sanguíneo que as une, vivem a busca pelo amor do mesmo homem. Esse laço de irmandade, ocultado ao longo da trama, é revelado apenas em seu desfecho, conferindo à narrativa não apenas um final trágico, mas também uma reflexão sobre as complexas relações afetivas e familiares no sertão baiano oitocentista.

A narrativa começa com a descrição da paisagem e do antigo casarão da fazenda Lagoa Seca, pertencente à família Alves que se encontrava em uma realidade de calamitosa devido à longa estiagem. Era uma casa de um casal de idosos com quatro filhos, dos quais duas moças.

Certo dia, a família foi surpreendida com o ruído de uma tropa que se aproximava. Era o capataz, mineiro, Ricardo Brandão que, em suas andanças pelo sertão baiano, seguia em direção às Lavras da Chapada Diamantina-BA. Naquela noite, o mineiro resolveu pedir arrancho para sua tropa na referida fazenda, o que foi prontamente concedido pelos donos Maria Rosa e Raimundo Alves.

No dia seguinte, na hora da partida, os anfitriões hospitaleiros em completa miséria, sem dinheiro e nem uma outra forma de subsistência, insinuam ao hóspede a

venda da filha primogênita, Maria Alves, em troca de “um salamim de sal”. A princípio, Ricardo julga-os, mas logo em seguida compreende a dura realidade e aceita a oferta. Ele compra a jovem, pelo valor de um pouco de sal, toucinho e carne, mas não a leva consigo. Apesar disso, o mineiro parte encantado pela sertaneja, a qual ele jamais conseguiria tirar da memória.

Após seguir seu caminho e chegar às Lavras Diamantinas, Ricardo é tomado pelo desejo de fazer parte do garimpo no município de Mucugê, mas acaba por se envolver em confusão, ao atirar em um baderneiro que perturbava sua tropa, assim, vê-se obrigado a esconder-se e partir de volta para Minas Gerais. Pouco tempo após sua partida, resolve retornar para Mucugê e lá conhece Maria Dusá, cuja fisionomia muito se assemelha a de Maria Alves, o que causa uma grande confusão na cabeça do tropeiro. A partir daí, a trama é marcada por muitos conflitos, encontros e desencontros que, conseqüentemente, determinam o destino dessas personagens.

Maria Dusá, proveniente de uma família muito pobre e que se autodefinia como “vendida” pelo próprio pai, torna-se prostituta afamada no interior do sertão baiano, alcançando grande influência e ostentando uma vida de luxo.

O nome de Maria Dusá é Maria Emerentina Alves. O Dusá é apelido, que os lavristas e sertanejos, seus admiradores lhe puseram, porque, quando ria, era alto, abrindo a bôca e emitindo ah! ah! ah! cristalinos. *Maria das* simplificados e unidos numa só palavra Dusá, na linguagem do povo (Bruzzi, 1953, p. 178).

Ricardo, por acreditar que Maria Dusá é a jovem que havia conhecido e “comprado” na fazenda Lagoa Seca, resolve procurá-la na casa de prostituição, mas se decepciona ao ser desprezado. Embora grande a semelhança física entre Maria Alves e Maria Dusá, ambas não se conheciam.

Maria Alves, após a morte de seus pais, não querendo mais suportar a vida que tinha e tomada pelo desejo de algum dia reencontrar o mineiro, resolve partir com uma companhia de retirantes e prostitutas em direção às Lavras Diamantinas. Maria Dusá, por sua vez, se apaixona por Ricardo Brandão e decide então deixar a vida mundana, de luxo, para conquistar a vida com trabalho árduo nas lavras diamantíferas.

Finalmente, as duas Marias se encontram e descobrem a confusão de que foram vítima. No entanto, Ricardo passa a desprezar Maria Alves, por ainda não entender o que havia acontecido, e passa a gastar todo o seu dinheiro com o bordel e bebida.

No desenlace da trama, Ricardo que ainda era foragido, tem seu rancho invadido pela polícia e, ao trocarem tiros, o mineiro e o seu amigo Lucas ficam gravemente feridos, embora tenham conseguido fugir. Após ser dado como morto, chega às irmãs Marias a sigilosa notícia que Ricardo está vivo, apesar de muito debilitado. Maria Alves não demonstra alegria ou compaixão com a novidade, enquanto Maria Dusá logo vai ao encontro de seu amado.

Algum tempo depois, Maria Alves aceita se casar com Eduardo. Dusá, decepcionada por não ter o seu amor por Ricardo correspondido da maneira que queria, decide se mudar para a Capital ou para o sertão.

Ricardo, mesmo não acreditando no amor que Maria Dusá sentia por ele, arrisca-se novamente no garimpo, a fim de pagar sua dívida com ela. Sua vida esteve por um fio novamente e por pouco não teve o trágico destino que acometeu o seu amigo Lucas.

Depois disso, em meio a sentimentos contraditórios como amor e ódio, a encontros e desencontros, Dusá e Ricardo finalmente se entendem e, logo após constituírem matrimônio, vão morar na fazenda Lagoa Seca. Só a partir de então, Maria Dusá descobre sua origem: é irmã paterna de Maria Alves.

No desfecho do romance, Maria Dusá se corresponde por carta com a irmã e relata todo o ocorrido. Em resposta, Maria Alves confessa ter ficado viúva e se entregado à vida mundana. Além de não esconder a obsessão de se parecer com Dusá, ela admite os excessos e a sua degradação na mais completa solidão, como nos mostra o trecho da carta:

Deitaram-me logo teu apelido... arranquei o luto... e copiei teus antigos modos e até o antigo riso que te deu esse apelido. Ganhei muito, e, por minha vergonha, devo dizer, luxei, entreguei-me a todos os excessos. Hoje estou atirada em cima de um velho catre, onde, entre agonias insuportáveis, procuro arrepender-me de tanta miséria! (Rocha, 1979, p. 158).

Na Dissertação de mestrado *“Uma escrita à margem”*: o romance *Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*, Júnia Meira (2015) aborda a figuração do duplo no romance e chama a atenção para a forma como Lindolfo Rocha critica o contexto social da época e a condição da mulher, sugerindo um aspecto moralizante acerca da situação final das personagens Maria Dusá e Maria Alves.

Maria Dusá, antes prostituta, ascende, no final da narrativa, à categoria de mulher romântica e apaixonada. [...] Por outro lado, Maria Alves, a órfã sertaneja, seduzida pelos desejos mundanos, se degenera como ser humano, retornando à posição anônima no leito de morte. Talvez, seja pertinente pensar em Maria Dusá como uma mulher que, apesar da vida

que levava, o seu maior desejo era o de se casar. Já a Mariazinha, não se realiza na condição de mulher, apesar de casar-se, no meio do romance, com o jovem Eduardo. De moça ingênua e sofrida à possibilidade de se tornar mulher insubmissa, o desejo não se concretiza e é suprimida miseravelmente pela morte (Meira, 2015, p. 116).

Ao apresentar reviravoltas na vida das personagens, Lindolfo Rocha se distancia da ideia do romance clichê, em que o “herói” (mineiro Ricardo) deveria ter se casado com a “mocinha” (Maria Alves), enquanto a mundana Maria Dusá poderia ter tido um triste fim. Contrariamente, o autor não se desvencilha das exigências da realidade da narração e se distingue por possuir um enredo atípico, retratando “as voltas do mundo”, como ele mesmo explica (Rocha, 1910).

Além de Maria Dusá, Maria Alves e Ricardo Brandão, outros personagens contribuem para o desenrolar da narrativa: Raimundo Alves e Maria Rosa, pais de Maria Alves; Manuel Pingo d’Água, tropeiro e tocador de viola; Rita, a mucama obediente; a florista Dona Rosária; o português Moitinho; o judeu Bensabath; Maravia, o negro rezador; Aristo Alfaiate; o garimpeiro Antônio Roxo; José Calisto, o inspetor; o negociante João Felipe de Souza; o cão perdigueiro, fiel escudeiro de Ricardo Brandão.

A trama narrada ocorre em pleno coração da Chapada Diamantina, na maior parte no município de Andaraí, sobretudo nos povoados de Xique-Xique (hoje Igatu) e Passagem, e no município de Mucugê. A cidade de Andaraí está situada a 14 quilômetros de Igatu e a 33 quilometro de Mucugê. Como pode ser observado na figura a seguir, o povoado de Igatu localiza-se entre os dois municípios, Andaraí e Mucugê.

Figura 04 – Mapa da Chapada Diamantina-BA



Fonte: <https://www.bahia.ws/chapada-diamantina/>

Vale destacar que a Chapada Diamantina está situada na região central do estado da Bahia e engloba uma área de 50.610 km. O acesso à região pode ser feito a partir da rodovia federal BR-242 e algumas ferrovias estaduais. O Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), localizado na Serra do Sincorá, está a pouco mais de 400 km da cidade de Salvador e possui 152.575 hectares de área distribuída entre os municípios de Palmeiras, Lençóis, Andaraí, Mucugê e Ibicoara. É constituído por um oásis de montanhas, chapadas e planaltos da Serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que se estende até o estado de Minas Gerais - MG. Também possui grande variedade de ecossistemas em seu território como Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Ganem e Viana, 2006; ICMBIO).

É neste ambiente que Lindolfo Rocha, com a habilidade que lhe é característica, constrói *Maria Dusá (Garimpeiros)*, obra que estabelece diálogos com o contexto sócio-histórico e cultural do sertão baiano. Ademais, segundo Cerqueira (1995), *Maria Dusá* foi o primeiro romance escrito e publicado na Bahia tendo por paisagem a Chapada Diamantina, explorando os cenários da seca e dos garimpos.

Bruzzi (1953) destaca que, diferente de outras obras, todo este trabalho de ficção apresentado por Rocha teve como fonte o produto de suas observações diretas do meio em que atuou, dos materiais que colheu e muito estudou antes de escrever.

No *Maria Dusá* Lindolfo Rocha esgotou tudo o que se possa querer do meio lavrista da Bahia. Ali estão todas as informações e, mais do que isso, o levantamento da civilização da época, da mentalidade, dos meios de que se serviam, da violência e da corrupção, dos grandes impulsos, bons e maus” (Bruzzi, 1953, p. 190).

Ganem e Viana (2006) ao realizarem um estudo histórico sobre a Chapada Diamantina – BA, apontam que foi na primeira metade do século XIX, com a descoberta de novos depósitos de diamantes no PNCD, que a Chapada Diamantina refloresceu de suas cinzas. Numa corrida pelos diamantes, a população garimpeira em sua maioria era constituída de mão de obra desqualificada e marginalizada, movida pelas promessas que o garimpo representava: enriquecimento rápido e ascensão social. No entanto, “mesmo na Serra do Sincorá, não passaram da condição de pobreza e marginalidade social. Aqueles poucos que bamburraram não souberam conservar as riquezas obtidas (Ganem e Viana, 2006, p. 14).

Em *Maria Dusá*, Rocha dá grande visibilidade à mineração no sertão baiano, sem se esquivar da realidade pungente do sertanejo que vivia as incertezas e angústias na

corrida pelos diamantes. Em uma passagem de diálogo dos personagens, Felipe explica para Ricardo sobre como sobreviver em meio às promessas do garimpo:

– Garimpo é um jogo. Só deve jogar quem não tem muito a perder, e ganhando, deve sair e não voltar, enquanto tiver dinheiro. Quer uma prova? Olhe, o homem que primeiro me alugou, estava quase rico; pois já gastou tudo com o serviço, com luxo, e está infusado que mete dó! Esta semana me veio pedir o saco fiado, e eu não tive jeito senão fiar (Rocha, 1978, p. 50).

É possível perceber durante diversas passagens do romance que o autor traz consigo um conhecimento de causa do *modus vivendi* dos sertanejos e chapadistas daquele período. Os garimpeiros, em sua maioria, eram pobres e fugitivos da seca que também assolava outras regiões do sertão.

Outro ponto a destacar no romance é a magnificência da escrita de Rocha, ao apresentar e reproduzir uma oralidade que valoriza a linguagem sertaneja. Embora não tenha apresentado em apêndice suas reais ou aproximadas significações, a sua rica contribuição linguística é expressida através de inúmeras expressões, ditados sertanejos e dialeto caipira (Cerqueira, 1995).

Desse modo, o romance serviu à Comissão de Filologia da Academia Brasileira de Letras como uma de suas fontes para o dicionário de brasileirismos, conforme destaca Leão (1953). Para ele, essa peculiaridade da escrita de Rocha em *Maria Dusá* “[...] dá-nos a impressão de já não ser escrito em português, porém num dialeto novo em que as palavras adquiriram novos valores e se revestiram de novos sentidos” (Leão, 1953, p. 38). Consonante a isso, José Pereira Basílio, em uma carta enviada a Lindolfo Rocha, no ano de 1911, não poupou elogios ao declarar *Maria Dusá* como um romance verdadeiramente brasileiro e baiano, uma vez que este o fez lembrar da linguagem, dos costumes e até de pessoas que conheceu em duas viagens que fez ao sertão baiano no intervalo de dez anos.

Considerando essas apreciações e o valor documental do romance, *Maria Dusá* (*Garimpeiros*) configura-se como uma obra de relevante importância histórica e literária para a ficção brasileira, sobretudo no contexto da consolidação de uma literatura ancorada nos territórios nacionais. Seu estudo revela-se fundamental para a compreensão de aspectos sócio-históricos e culturais do sertão baiano, em especial da Chapada Diamantina, evidenciando os modos de vida, as tensões sociais e as dinâmicas culturais de uma região pouco representada nos registros oficiais e literários da época.

Diante dessa expressiva importância histórica, cultural e linguística, não surpreende que, décadas mais tarde, a obra tenha ultrapassado o espaço literário e

alcançado novas formas de circulação cultural. A próxima subseção dedica-se, assim, a apresentar e analisar a adaptação televisiva *Maria Maria*, exibida pela TV Globo na década de 1980, inspirada no romance de Lindolfo Rocha. Ao transpor para a linguagem audiovisual os conflitos, personagens e cenários do sertão baiano, sobretudo da Chapada Diamantina, a telenovela ampliou significativamente a visibilidade da obra e, conseqüentemente, de seu autor. Nesse processo de adaptação e circulação, percebe-se que a narrativa e suas temáticas foram inseridas no imaginário nacional, alcançando projeção muito mais ampla do que a obtida até então.

2.2 MARIA DUSÁ: DA LITERATURA PARA A TELEDRAMATURGIA

A Chapada Diamantina teve seus primeiros registros escritos por volta de 1845, quando passou a se destacar pelo seu desenvolvimento com a mineração de diamantes. Conhecida no século XIX como a região das Lavras Diamantinas, protagonizou textos de aspectos ambientais, de cunho político-econômicos em jornais e documentos oficiais, além de obras literárias de escritores que de algum modo se inspiraram e se identificaram com sua territorialidade.

Dessa maneira, a literatura da Chapada Diamantina foi se constituindo como uma importante fonte para a compreensão das dinâmicas históricas, sociais e culturais da região do garimpo. Os romances ambientados nas Lavras Diamantinas, por sua vez, possuem particularidades em comuns, pois abordam questões relacionadas ao garimpo, ao meio ambiente, ao coronelismo, à escravidão, entre outros, e dão voz às minorias sociais que tiveram negado o seu reconhecimento como sujeitos do processo histórico. Desta maneira, são colocadas como protagonistas as figuras antes secundárias das histórias, como as mulheres, os garimpeiros e os escravizados.

Nesse cenário, destacam-se os seguintes romances e seus escritores: *Lavras Diamantinas*, de Marcelino José das Neves (1870 [1967]), *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha (1910), *O diamante verde*, de Almachio Diniz (1919), *A cidade encantada*, de Xavier Marques (1919), *Bugrinha*, de Afrânio Peixoto (1922), *Contos do norte*, de Alberto Rabello (1927), *Garimpos*, de Herman Lima (1932), *Cascalho e Além dos Marimbus*, de Herberto Sales (1944; 1961) e *Ametistas de Caititu*, de Filgueiras Filho (1963 [1937]).

Figura 05 – Capas dos romances que compõe a literatura da Chapada Diamantina



Fonte: Elaborada pela autora.⁴

Embora todos esses romances sejam fundamentais para a composição literária da Chapada Diamantina, bem como para fomentar as práticas de ensino que buscam evidenciar a cultura da região, nesta tese não focalizaremos todos eles, pois alguns desses romances são considerados obras raras e de difícil acesso para seus estudos e disseminação. Desse modo, daremos ênfase aos romances que consideramos mais relevantes e ou que se relacionam de alguma maneira com o nosso *corpus* de estudo, o romance *Maria Dusá* (1910).

⁴ NEVES, Marcelino José das. *Lavras Diamantinas*. Bahia: [s.n.], 1967. (<https://www.sertaohoje.com.br/colunistas/dario-teixeira-cotrim/729-lavras-diamantinas>); ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá (Garimpeiros) – romance de costumes sertanejos e "chapadistas"*. Porto: Chardron, 1910.; DINIZ, Almachio. *O diamante verde: novela*. Lisboa: Guimarães, 1910. (<https://www.lojadocaopreto.com/index.php/acervos-bibliografico/d/product/11937-diniz-almachio>) ; MARQUES, Xavier. *A cidade encantada*. Bahia: Livraria Catilina, 1919. (<https://www.susannebachbooks.com.br/peca.asp?ID=8907751>); PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Bugrinha#/media/Ficheiro:Bugrinha_cover_1922.png); RABELLO, Alberto. *Contos do norte: contos regionais bahianos*. Rio de Janeiro: Jacintho ribeiro dos Santos, 1927. LIMA, Herman. *Garimpos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932. (<https://www.sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=7504935&ctd=333>); SALES, Heberto. *Cascalho*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944. (<https://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=4424231>); FILGUEIRAS FILHO. *Ametistas de Caititu*. Pongetti, 1963 [1937]. (<https://www.estantevirtual.com.br/livro/ametistas-de-caititu-ORY-4970-000>).

É importante ressaltar que, embora *Maria Dusá* (Rocha, 1910) seja considerado o primeiro romance a tematizar a Chapada Diamantina, influenciando outros escritores em produções literárias que sobrevieram, o romance *Lavras Diamantinas*, de Marcelino José das Neves, foi escrito em 1870 e publicado somente em 1967 por sua neta Maria Teodolina Neves Lobão. Dessa maneira, o título de romance precursor na historiografia da literatura da Chapada Diamantina pode ser distinto, a depender do ponto de vista de cada teórico.

O romance *Lavras Diamantinas* (1967 [1870]) foi ambientado na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina, e apresenta a essência do povo daquela região, suas tradições e costumes. Trata-se da história de uma pequena família composta por Maria, uma mulher pobre e viúva há muitos anos, e seus dois filhos, João e Joaninha. A trama se desenvolve em torno do ciclo diamantífero, do trabalho dos garimpeiros e da formação das vilas e dos povoados nas Lavras Diamantinas.

Em 1922, o escritor lençoense Afrânio Peixoto publica *Bugrinha*, um romance histórico que também foi ambientado na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina. Seu territorialismo, apresenta um documentário paisagístico e humano, no qual retrata aspectos físicos, geoeconômicos e culturais da região diamantífera do interior baiano, em um determinado período.

Bugrinha [1922] é o quarto romance de Afrânio Peixoto, terceiro e penúltimo da linha regional em que o autor dividiu sua produção ficcional. Por outro lado, situa-se o volume no pequeno rol do romance da mineração do diamante. Esta circunstância é uma decorrência feliz da homenagem que o autor quis prestar à terra de seu nascimento — a legendária Lençóis, na Chapada Diamantina da Bahia [...] (Sales, 1988, p. 29).

Bugrinha conta a história amorosa e trágica da personagem que dá nome ao livro e um jovem estudante de medicina chamado Jorge. Bugrinha era uma bela moça cabocla, geniosa e de temperamento arredoio, filha de um ex-minerador de diamantes que se tornou agregado na fazenda da família de Jorge. Desde a infância, Bugrinha é apaixonada por Jorge que, ao retornar dos estudos na capital para a fazenda, passa a ter um relacionamento amoroso com a jovem. Após uma suposta confissão de que Bugrinha não era mais virgem, o namoro passa por momentos conturbados, cujo desfecho é trágico.

Afrânio Peixoto (1922) traz à reflexão questões sociais e históricas, como o papel da mulher na sociedade e na vida conjugal, a questão da honra e da virgindade, e a busca pela igualdade. Dessa maneira, o escritor apresenta em *Bugrinha* figuras femininas

resistentes às dificuldades, determinadas e, principalmente, transgressoras das regras sociais patriarcais do século XIX, período no qual a submissão da mulher ao homem era a ideologia em voga.

No fim da primeira metade do século XX, o escritor andaraiense Heberto Sales estreia com uma obra importante acerca da região da Chapada Diamantina, o romance *Cascalho* (1944). Com uma narrativa que se desenvolve na zona diamantífera do município de Andaraí, o autor discute as relações sociais da região chapadense através do garimpo, do cotidiano urbano e dos entraves políticos do coronelismo daquela época.

Em *Cascalho* (1944), diferentemente de *Bugrinha* (1922), as personagens femininas não possuem papel de destaque na trama. Nas poucas vezes que a figura da mulher aparece em cena é sempre em condição de servidão, seja como esposa, amante ou prostituta. As personagens dona Santa, Nenzinha e Joana Magra, por exemplo, são caracterizadas como figuras femininas silenciadas e anulas pela voz masculina. Apesar disso, durante todo o romance as mulheres do “Cascalho” se mostram resistentes na luta pela sobrevivência em meio ao sistema patriarcal.

Seguindo a temática chapadista, Heberto Sales ainda publicou *Além dos Marimbus* (1961), um romance ambientado na cidade de Andaraí, na Chapada Diamantina, na década de 1940. Nesse romance o autor destaca a relação homem-natureza, num contexto em que as atividades do garimpo entram em declínio, despertando o interesse pela exploração de outra matéria-prima, a madeira. Apesar da narrativa não apresentar exaltações específicas às personagens, o autor evidencia a ambição humana, a exploração ecológica e humana, através das relações de poder, como no caso da personagem chamada Maria que foi seduzida e levada à prostituição.

Ainda dentro desse contexto temático, podemos incluir também o romance *Torto Arado* (2019), do soteropolitano Itamar Vieira Júnior, cuja ambientação na Chapada Diamantina e o reconhecimento nacional e internacional obtido pela obra conferem nova visibilidade à literatura produzida e situada na região. Vencedor de quatro honrarias editoriais, o prêmio *LeYa*, em 2018, *Jabuti* e *Oceanos*, ambos em 2020, e o *Faz Diferença*, em 2021, o belíssimo romance baiano alcançou o sucesso e reconhecimento, com milhares de exemplares vendidos. *Torto Arado* é dividido em três capítulos, narrados em primeira pessoa pelas irmãs, Bibiana e Belonísia, filhas de trabalhadores rurais descendentes de escravos, e Santa Rita Pescadeira, uma entidade do Jarê⁵. O enredo tem

⁵ O Jarê é uma prática religiosa de matriz africana exclusivamente da Chapada Diamantina-BA. Ronaldo de Salles Senna (1989) foi quem desenvolveu trabalho pioneiro sobre o Jarê.

como ponto de partida um acidente trágico com as irmãs Bibiana e Belonísia, que em uma travessura de crianças, encontram uma misteriosa faca guardada nos pertences da avó, decidem colocar o objeto cortante na boca e acabam decepando a língua de Belonísia. Com esse acidente a família precisou se unir ainda mais, e as duas meninas passaram a ter suas vidas atreladas para sempre, a ponto de uma precisar ser a porta voz da outra.

O romance de Vieira Júnior (2019) traz reflexões que perpassam por questões familiares, raciais, religiosas e relações de poder, em um contexto onde ainda se revela resquícios da escravidão, mesmo pós-abolição da escravatura no Brasil. Conforme aponta Oliveira (2022), *Torto Arado* nos apresenta figuras femininas fortes, ligadas à sua ancestralidade, que apesar de toda a opressão vivenciada na trama, vão à luta e buscam se fazer ouvidas, sendo protagonistas da sua própria história. Como no caso da personagem Bibiana que se torna professora, líder da comunidade e militante sindicalista em prol dos direitos do seu povo quilombola.

Cabe aqui elucidar que, além dos romancistas, outros escritores também contribuíram com estudos diversos sobre a Chapada Diamantina, a exemplo: Teodoro Sampaio (1879), Orville Derby (1890) e Gonçalo Athayde Pereira (1906), que se dedicaram aos aspectos e composições ambientais das Lavras Diamantinas; Victor Nunes Leal (1940), Josildete Gomes (1952), Walfrido Moraes (1991) e Dora Rosa Leal (1973), que se debruçaram sobre as análises das atividades políticas e econômicas da região; Maria Salete Petrônio Gonçalves (1984), Ronaldo Salles Senna (1989) e Senilde Alcântara Guanaes (1998), que se detiveram aos estudos sobre a cultura do garimpo e do Jarê na Chapada Diamantina.

No que se refere aos romances supracitados, os quais compõem a literatura da Chapada Diamantina, constata-se uma abordagem em comum voltada não somente para o meio ambiente e para as atividades do ciclo diamantífero da região, mas principalmente no que diz respeito às questões sociais envolvendo suas personagens femininas: Maria Dusá e Maria Alves (Rocha, 1910); Maria (Neves, 1967); Bruguinha (Peixoto, 1922); dona Santa, Nenzinha e Joana Magra (Sales, 1944); Maria (Sales, 1961); Bibiana e Belonísia (Vieira Júnior, 2019). Em sua maioria, essas eram mulheres que estavam inseridas em um sistema patriarcal, escravista e excludente, contudo assumiram uma posição de protagonistas ao subverter o sistema vigente em prol dos seus direitos e da sua independência.

Na Chapada Nova, como na Chapada Velha, era coisa vulgar verem-se mulheres de vida livre, no auge da *influenza*, transformadas repentinamente em negociantes, capitalistas, garimpeiras, hoteleiras, e até alquiladoras, abandonando [...] a *polyandria* do tom. Era isso efeito de intuitiva previdência, reunida ao instinto monogâmico, ou da conservação da espécie [...]. Essas mulheres, porém, constituindo exceções, à vista do grande número que, tendo o instinto, careciam de energia, eram sempre de natureza varonil. [...] Ahi na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: — É' mulher de punhal!; — o que valia dizer: — É' um perigo, se lhe chegam a mostarda, ao nariz (Rocha, 1910, p. 135-136).

Em *Maria Dusá*, há um fragmento em que a personagem Maria Dusá conversa com a mucama Rita sobre o seu desejo de trabalhar e ser respeitada na sociedade. Rita, por sua vez, apoia a sinhá, dando-lhe exemplos de outras mulheres que, através do trabalho autônomo, conquistaram independência e respeito perante o patriarcado, como mostra o trecho a seguir:

[...] — P'ra trabalhar, Ritta; p'ra ser considerado, respeitado na sociedade. Mulher, e mulher do mundo, soffre muito, Ritta. [...] —
 Pois estou decidida, Rita. Vou me entregar ao trabalho. Quero ganhar dinheiro agora com o suor do meu rosto. — Póde mesmo, Sinhá. Olhe sinhá Dedé, sinhá Juliana, sinhá Raymunda, do Mucugê! Esta tem comprado negro, devéra! Já comprou vinte e quatro. Negro novo, só! Disse que é p'ra fazê terno de zabumba, p'ra tocá em toda festa ganhando dinheiro p'ra ella. As negra, é bôlo e mais bôlo, doce e mais doce na rua... a muié é um home! Tudo respeita a ella e qué bem (Rocha, 1910, p. 111-112).

Entre as mulheres citadas por Rita, destaca-se a sinhá Raimunda, uma mulher de personalidade marcante, audaciosa e perspicaz. Anfrísia Santiago (1968), em seu trabalho intitulado *D. Raimunda Porcina de Jesus (A Chapadista)*, identifica Raimunda como uma mulher de muitas posses, inclusive de negros que comprou, na época, no intuito de formar uma banda filarmônica, a “banda da Chapadista”, para ganhar dinheiro. Dona Raimunda era uma mulher além do seu tempo, uma proprietária de escravos que deixou em testamento a alforria dos seus negros, dando-lhes a liberdade, antes mesmo da abolição da escravatura, e toda a sua fortuna.

Neste sentido, Lindolfo Rocha (1910) evidencia um estilo de escrita arrojado, ao apresentar personagens femininas que vão na contramão do que se espera para uma narrativa ambientada em 1860. Sob essa óptica, ele cria uma das grandes personagens femininas da história da prosa de ficção da literatura brasileira, Maria Dusá. Uma mulher chapadista, protagonista, que se distancia dos ideais românticos, dos costumes e preceitos da época. Sua figura é construída “[...] a partir de um paradoxo feminino: uma prostituta

que vive do seu ofício, mas desperta respeito no meio em que vive por ser uma mulher de personalidade forte, inteligente e sensível [...]” (Meira, 2015, p. 73-74). Tamanha foi a relevância e ascensão de sua personagem que o romance *Maria Dusá* foi adaptado para uma telenovela na rede Globo.

Desde 1950 com o advento da televisão, a vida dos brasileiros foi se transformando e o aparelho televisor passou a fazer parte do cotidiano do telespectador. Com o intuito de informar e entreter, em um primeiro momento, a tv foi rotulada por se uma produção distante do público. Contudo, ao longo do tempo, algumas transformações foram ocorrendo no cenário televisual, onde os conteúdos apresentados ficaram cada vez mais próximos da realidade vivenciada pelo telespectador e as suas temáticas levadas à reflexão. Por sua vez, as tramas e subtramas das telenovelas no cenário brasileiro também evoluíram, deixando de lado os dramas de vilões e mocinhos para abordar as questões sociais e problemas sociais do nosso país, não só entretendo, mas também educando.

As telenovelas inspiradas em obras literárias, por exemplo, desempenham um importante papel social e cultura, principalmente por proporcionarem, geralmente, o primeiro contato do público com determinadas obras literárias. Isso se dá, sobretudo, pelo enorme poder de alcance dos meios de comunicação de massa. Dessa maneira, os diversos títulos da literatura são levados para a casa do telespectador, fazendo-os conhecer inúmeros romances da literatura nacional e internacional.

Ao longo da história da teledramaturgia brasileira, diversos exemplares foram adaptados de grandes nomes da literatura. Em alguns casos, a referência é direta e explícita, até no título da obra, mas em outras situações não há uma fidelidade à obra que serviu de inspiração. Por isso, é importante salientar que uma adaptação literária para o audiovisual pode torna-se um ponto de partida para que um maior número de telespectadores possa se interessar [ou não] pela leitura do livro.

É necessário ter em vista que a adaptação literária é um campo aberto para outras leituras e reescrituras. Ela deve ser vista, portanto, como uma nova obra, como um roteiro original que apenas toma como ponto de partida o romance, livro, peça, artigo ou canção (Field, 2001, p. 175). Sendo assim, “qualquer romance pode gerar um número infinito de leituras para adaptação, que serão inevitavelmente parciais, pessoais, conjunturais, com interesses específicos” (Stam, 2006, p. 27).

Na história da teledramaturgia brasileira, diversos títulos de grande renome da literatura foram adaptados, em especial pela emissora Rede Globo, a saber: a novela *O cravo e a Rosa* (2000), escrita por Walcyr Carrasco e Mário Teixeira inspirada na comédia

A Megera Domada, de William Shakespeare, do final do século 16; *Tieta* (1989), escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, adaptação do livro *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, publicado em 1977; *A padroeira* (2001), de Walcyr Carrasco inspirada em *As Minas de Prata* de José de Alencar, livro publicado em 1865; entre tantos outros.

Embora não tenha surgido com grande repercussão na literatura durante algum tempo, o romance *Maria Dusá*, do escritor mineiro Lindolfo Rocha, não passou despercebido pela dramaturgia brasileira. De autoria de Manoel Carlos e direção de Herval Rossano, a telenovela *Maria, Maria*, foi inspirada no romance *Maria Dusá*, cujo enredo foi o mesmo, porém adaptado. Exibida pela Rede Globo em 1978, no período de 30 de janeiro a 23 de junho, a telenovela foi exibida em 119 capítulos, no horário das 18 horas.

Figura 06 – Divulgação da estreia da novela *Maria Maria* (1978).



Fonte: *Jornal O Globo* (1978).

Na adaptação, a trama principal que envolve as irmãs Maria Alves e Maria Dusá teve como intérprete a atriz Nívea Maria, fazendo os dois papéis, e o ator Cláudio Cavalcanti interpretando o tropeiro Ricardo Brandão. Anteriormente, ambos os atores já haviam participado de inúmeras telenovelas de sucesso da Rede Globo. Nívea Maria, por exemplo, já havia realizado papéis importantes como *Gabriela* (1975), *A moreninha*

(1975) e *Dona Xepa* (1977). Além disso, *Maria Maria* também contou com a participação de renomados compositores brasileiros para sua trilha sonora, tais como Chico Buarque, Tom Jobim e Vinicius de Moraes que compuseram o tema de abertura “Olha Maria”, interpretado pela Orquestra Som Livre. (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Ambientada no século XIX, em uma região de garimpo de diamantes na Bahia, em 1860, a produção da telenovela *Maria Maria* precisou fazer algumas investidas. De acordo com o site Memória Globo (2021), para a produção da telenovela foi necessário um extenso trabalho de pesquisa histórica, que ficou a cargo da atriz e roteirista Ana Maria Magalhães. A fim de uma ambientação o mais verossímil possível, ela fez um levantamento detalhado de costumes, vida social, vestimentas e religiosidade na região do garimpo nordestino no século XIX. Com relação à cenografia, para a gravação das cenas externas, os produtores precisaram transformar uma área de Maricá-RJ numa falsa região de caatinga, árida e poeirenta, enquanto as cenas passadas em Xique-Xique foram gravadas na cidade cenográfica de Barra de Guaratiba-RJ.

Figura 07 – Reportagem de estreia da telenovela *Maria Maria*.



Fonte: *Revista Amiga*, nº 403, 1978.

Vale destacar que *Maria, Maria* foi a 14ª telenovela exibida na faixa das 18 horas da Rede Globo, substituindo *Sinhazinha Flô*, de Lafayette Galvão, e sendo substituída por *Gina*, de Rubens Ewald Filho. Ademais, foi a primeira telenovela de Manoel Carlos para a televisão que, até então, já havia adaptado diversos teleteatros para outras

emissoras, escrito e dirigido programas musicais e humorísticos, como também produzido o programa de entrevistas *Globo Gente*, com Jô Soares, e dirigido o *Fantástico*, ambos em 1973.

Ao Memória Globo (2021), Manoel Carlos contou como surgiu a proposta de adaptação do romance *Maria Dusá* para a telenovela. Ele relata que a ideia surgiu do escritor Fernando Sabino, que um dia encontrou o Mauro Borja Lopes, o então diretor artístico da Central Globo de Produções, e disse que tinha um romance do século XIX chamado *Maria Dusá*, do Lindolfo Rocha, e que achava que daria uma boa novela das seis. Assim, diante do interesse e preocupação que a Globo, na época, tinha em adaptar os romances brasileiros, Borja deu a ideia para Manoel Carlos. À *Revista Amiga* (edição nº 403 de 1978), Manoel Carlos ainda revela que se interessou pelo romance *Maria Dusá* para a adaptação da telenovela porque considera Lindolfo Rocha um dos mais vigorosos e injustiçados escritores.

No que se refere às produções de telenovelas pela rede Globo, faz-se necessário explicitar que os primeiros folhetins começaram a ser exibidos em 1965, mas a faixa das 18h, popularmente conhecida como novela das seis, foi criada somente seis anos mais tarde. Entre 1971 e 1972, estabelecida sob influência do governo militar, que demandava produções com enfoque nacionalista e educativos⁶, a emissora exibiu três telenovelas na faixa seis: *Meu pedacinho de chão*, *Bicho do Mato* e *Patota*. Contudo, nesse período, por ainda não ser considerado um horário tradicional de telenovelas, a faixa foi interrompida por dois anos, abrindo espaço para outros programas.

Em 1975, ainda sob pressão e demanda do governo por uma programação de melhor qualidade e que valorizasse a cultura nacional, a rede Globo recriou a faixa das 18h com a finalidade específica de apresentar telenovelas adaptadas da literatura brasileira. Essa nova configuração teve início com *Helena*, inspirada no romance homônimo de Machado de Assis, e assim, prosseguindo até 1982, com a exibição de *Homem Proibido*, também baseada em romance de mesmo nome, da autoria de Nelson Rodrigues.

De acordo com Rosado (2017), esse redimensionamento do horário das 18h para adaptações literárias de autores brasileiros ocorreu para atender à primeira Política

⁶ Neste contexto, a imprensa foi alvo da censura durante a ditadura instaurada pelo golpe civil-militar de 1964, que assumiu múltiplas formas: a lei da imprensa de 1967, a censura prévia, em 1970, a autocensura. (BRASIL, 2022) Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/censura-nos-meios-de-comunicacao>. Acesso em: 10 nov. 2022.

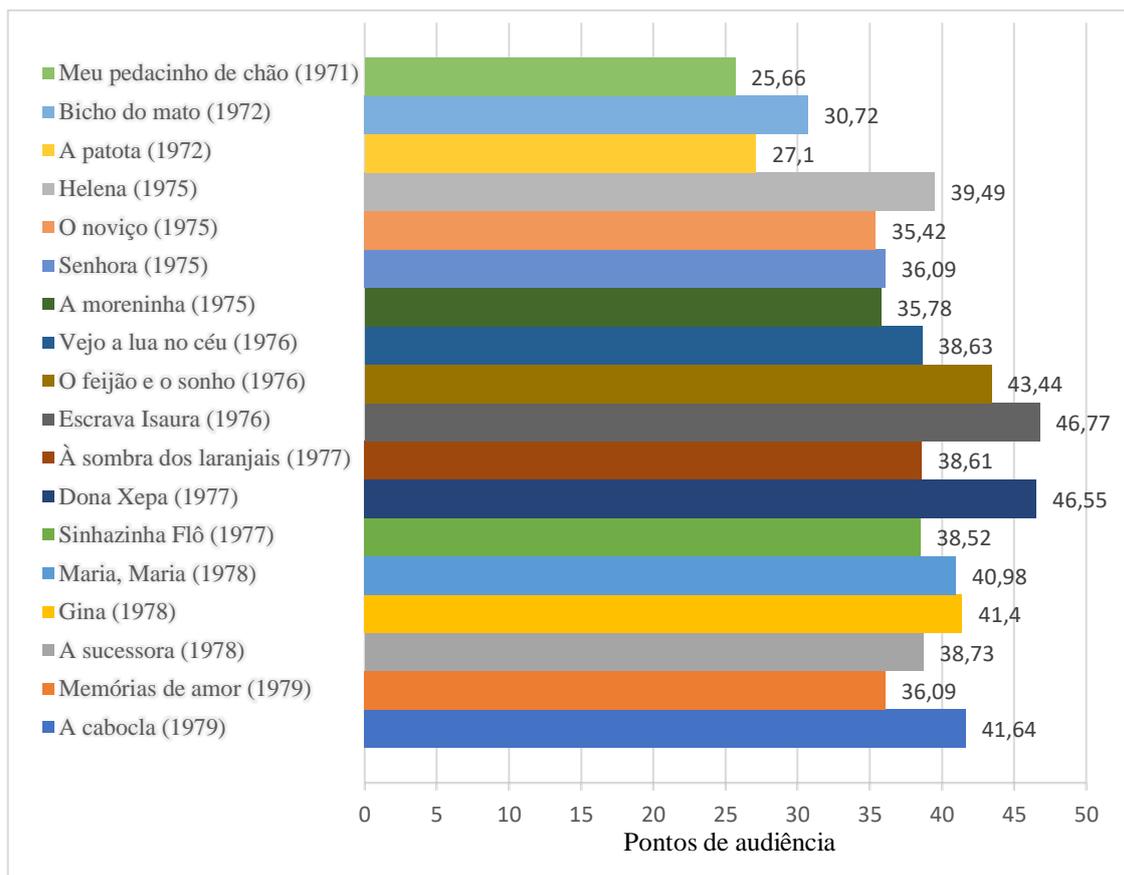
Nacional de Cultura (PNC), aprovada e publicada em 1975. Em tese, o objetivo da PNC era a codificação do controle social sobre o processo cultural, isto é, tinha explícitas intenções de controle e manipulação social, tratando a cultura como uma questão de segurança nacional. (Cohn, 1984; Miceli 1984, *apud* Reis, 2009, p. 9).

Sendo assim, durante o período ditatorial, a rede Globo tinha como uma de suas principais atribuições mostrar aos telespectadores o Brasil visto sob o olhar do Governo Militar. Para isso, a emissora optou por focar em adaptações que trouxessem “[...] embutida a ideia de uma recuperação do passado, das raízes, da tradição, enfim, o resgate de uma brasilidade que seria repassada para o telespectador através de obras que enfocam diferentes momentos históricos” (Fernandes, 1987, p. 86-88).

Apesar da rígida censura, ao criar e exibir programas e telenovelas que visavam atender às demandas estatais, no que tange a um enfoque nacionalista e à “elevação de nível”, propostos pela Política Nacional de Cultura e pelo Protocolo de Autocensura⁷, a Rede Globo se tornou uma forte aliada do Governo Militar (Ramos; Borelli, 1989), o qual apoiou o desenvolvimento da televisão privada e comercial, e possibilitou com que “[...] as telenovelas passassem a ocupar um lugar de destaque na grade de programação, não só da *Globo*, mas também de outras emissoras” (Rosado, 2017, p. 7).

Em suma, pode-se compreender que neste período de forte parceria entre o Governo Militar e a Rede Globo as telenovelas da faixa das 18h, principalmente entre os anos de 1970 e 1980, desempenharam um papel de grande influência no cenário político e social. Na década de 70, por exemplo, as telenovelas exibidas na faixa 18h tiveram uma recepção positiva do público, com altos índices de audiência. A telenovela *Maria Maria*, produzida e exibida no referido período, situa-se neste cenário:

⁷ O Protocolo de Autocensura foi um documento redigido e assinado pela Rede Globo e Associadas, em antecipação às medidas governamentais, a fim de evitar a intervenção militar nas emissoras. Ramos e Borelli (1989, p. 85-86) assim descrevem o documento: “[...] visava a uma profilaxia cultural, intervindo sobre programas que chocavam o ‘bom gosto’ das camadas mais ‘educadas’. Relacionava ainda uma série de proibições como: ‘apresentar em qualquer programa pessoas portadoras de deformações físicas, mentais ou morais; quadros, fatos ou pessoas que sirvam para explorar a credence ou incitar a superstição, bem como falsos médicos, curandeiros ou qualquer tipo de charlatanismo; comentar de forma sensacionalista, ou depreciativa, problemas, fatos, sucessos de foro íntimo ou da vida particular de qualquer pessoa’”.

Gráfico 1: Audiência das telenovelas das 18h de 1970 da Rede Globo

Fonte: elaborado pela autora com base em dados auferidos pelo Kantar IBOPE Media.⁸

Como pode ser observado no gráfico apresentado, referente à década de 1970, a telenovela com menor audiência foi a *Meu pedacinho de chão*, de Benedito Ruy Barbosa, com 25,66, enquanto que a *Escrava Isaura*, de Gilberto Braga, com 46,77, foi a campeã de audiência. A novela *Maria, Maria*, de Manoel Carlos, com a marca de 40,98 pontos na média geral, esteve entre as novelas com melhor audiência na faixa.

Considerando os dados do Ibope Media sobre as telenovelas das 18h nas décadas posteriores, entre os anos 1980 e 2000, em que a audiência variava em torno de 23 a 49 pontos, depreende-se que a novela *Maria Maria*, assim como outras produções adaptadas, obteve um bom desempenho e, conseqüentemente, uma boa recepção do público.

Diante disso, pode-se dizer que a adaptação literária para a teledramaturgia foi importantíssima para a trajetória do romance *Maria Dusá*, corroborando para uma maior

⁸ Dados auferidos pelo Kantar Ibope Media na Grande São Paulo, reunidos, publicados e disponíveis em <https://audienciadatvmix.wordpress.com/audiencia-de-novelas/novelas-no-ar/media-das-novelas/novelas-da-globo/novelas-das-18h00/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

visibilidade para a fonte primária e para o seu criador Lindolfo Rocha, o qual ainda não havia repercutido de forma extensiva desde o início do século. Portanto, acredita-se que a partir disso novos interesses foram surgindo, como a leitura do livro e o estudo sobre o escritor, os quais também contribuíram para o relançamento de outras edições do romance.

3 A CRÍTICA TEXTUAL E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Apesar de ser uma disciplina que tem sua origem na antiguidade, foi no século XIX que a Crítica Textual estabeleceu um método científico para a edição de textos, proposto por Karl Lachmann, com interesse de restituir o “ânimo autoral” de textos que não contavam com o original. A partir daí, teorias e métodos se consolidaram e se modernizaram, de forma que os modos de fazer e conceituar a filologia e sua prática também foram se renovando.

O termo Filologia, embora continue até os dias de hoje possuindo múltiplas acepções, pode ser definido em uma visão mais ampla, com um significado mais etimológico, de interesse ou fascínio pelas palavras, e em uma visão mais estrita como uma “curadoria do texto histórico escrito” (Gumbrecht, 2003, p. 4). Tomando como referência para o nosso trabalho essa concepção de Filologia mais estrita, podemos dizer que o trabalho do filólogo é o de curador textual, pois, na medida que ele edita um texto, toma decisões e realiza escolhas, desempenhando as funções de autor e de editor, tornando-se também coautor do texto (Gumbrecht, 2021).

Nesse sentido, a prática filológica de edição de textos impõe diversos atos de escolhas, nos quais o sujeito editor-leitor-autor também se constitui. Como enfatiza Gumbrecht, (2021, p. 67), no labor filológico, inevitavelmente, “[...] o papel de editor sempre encapsula um papel de autor. Ao mesmo tempo, escusado será dizer que o papel de editor também contém vários papéis de leitor”.

Gumbrecht (2021) ressalta ainda que a *práxis* filológica deve estar centrada no estudo dos textos escritos, principalmente dos textos históricos, para desempenhar as suas três tarefas básicas: identificar fragmentos, editar textos e escrever comentários históricos. Com essas atribuições, cabe ao filólogo-editor examinar e iluminar os processos de produção, transmissão e circulação dos textos, dando conta de todas as nuances que os afetam, no intuito de preparar esses textos para o acesso dos leitores. No entanto, compreendemos que não cabe mais pensar numa filologia que privilegia apenas textos elevados à categoria de monumento, pois almejamos uma prática filológica democrática que valoriza e se interessa por todos os textos, os ordinários, os do cotidiano, os renegados, ligados a sujeitos e a práticas diversas.

Sob essa perspectiva, é indiscutível a importância e a finalidade da prática filológica nos estudos de uma obra literária como o romance *Maria Dusá*, de Lindolfo

Rocha, nosso objeto de estudo, uma vez que a investigação de uma obra, comumente, passa pela leitura filológica do texto. Essa leitura, conforme aponta Said (2007, p. 43), “[...] é o ato indispensável, o gesto inicial sem o qual qualquer filologia é simplesmente impossível”.

Desse modo, a leitura filológica deve ser ativa, crítica e política, ao ponto de deslindar tudo o que pode estar oculto, incompleto e ininteligível no texto (Said, 2007). Uma leitura filológica de um texto literário como *Maria Dusa*, por exemplo, precisa localizar “[...] gradativamente o texto no seu tempo como parte de uma rede de relações, cujos contornos e influência desempenham papel formador no texto” (Said, 2007, p. 44). Pensar assim é entender a Filologia como uma ética de leitura, em que o filólogo assume uma postura ética e de participação ativa, promovendo o exercício de uma crítica mais democrática, como recomenda Said (2007), corroborado por Sacramento e Santos (2017).

No que se refere à prática editorial, cabe destacar que a Crítica Textual desenvolve metodologias e objetivos próprios e se adapta às características específicas dos textos, de acordo com as vertentes editoriais e as intenções do filólogo-editor. Contemporaneamente, as duas vertentes editoriais que mais se destacam no campo da Crítica Textual são a em perspectiva platônica e a em perspectiva pragmática. A primeira é entendida como a *práxis* filológica da edição crítica (K. Lachmann) e intencionalista (W. Greg e Tanselle, F. Bawers) e pressupõe um conceito estático do texto crítico, com exceção para a história da tradição e os estudos das variantes dos textos e suas versões. Já a segunda, compreende a *práxis* sociológica de McKenzie e J. McGann, e da crítica textual genética e histórica, as quais consideram a pluralidade de estados de um texto e buscam alargar as leituras e percepções de outros indivíduos historicamente silenciados (Borges; Souza, 2012).

Por um longo período, a Filologia teve suas práticas atreladas às noções de bases tradicionais. Apesar disso, Warren (2003 apud Duarte, 2020) preconiza que as discussões contemporâneas que versam sobre as práticas filológicas devem estar organizadas em torno dos “pós” (pós-filologia, pós-modernidade e pós-colonialismo), a fim de criar novas abordagens interpretativas de textos canônicos, por meio de uma leitura revisitada, e de textos não canônicos, a partir do comprometimento com uma crítica humanística, democrática e contra-hegemônica do não silenciamento.

A partir das últimas décadas do século XX, esse movimento tradicional, colonial e eurocêntrico passou a ser questionado, fomentando importantes discussões na área da Bibliografia Material (Sociologia dos Textos) e da Crítica Genética, o que afetou a prática

filológica editorial e gerou uma renovação da Filologia (Borges, 2021). Dentro do escopo pragmático, tais ciências destacam-se como modalidades renovadas da Crítica Textual.

As modalidades renovadas de crítica textual que surgiram no último quartel do século XX – a sociologia dos textos e a crítica genética [...] São modalidades que revelam a plasticidade da crítica lachmanniana e a sua capacidade de diálogo com novas análises da cultura e da sociedade. (Marquilhas, 2008, p.8).

A Crítica Genética, iniciada em 1968 na França com Louis Hay e Almuth Grésillon, foi introduzida no Brasil por Philippe Willemart. A princípio, a Crítica Genética tinha como objeto de estudo o manuscrito literário em seu processo de criação, fato que impulsionou, mais tarde, a sua ampliação para o estudo de processos criativos em manifestações artísticas a partir de sua gênese. Nesse tipo de abordagem, propõe-se a conhecer de forma mais aprofundada, através dos registros do processo, os caminhos percorridos pelo autor na construção da obra de arte entregue ao público (Salles; Cardoso, 2007).

Já a abordagem da Sociologia do Texto, proposta por Jerome McGann (1983) e Don Mackenzie (1986), busca compreender o texto a partir das impressões deixadas em sua materialidade, em cada estágio do seu processo de criação, transmissão e circulação. Dada a amplitude do campo de atuação dos estudos bibliográficos, Mackenzie (2005, p. 26) descreve a bibliografia como “[...] o estudo da sociologia dos textos” e a define como a disciplina “[...] que estuda os textos enquanto formas registradas e os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e recepção” (Mckenzie, 2005, p. 25).

A concepção de texto como forma registrada é importante para a compreensão de que as formas afetam o significado, além de que nas práticas atuais todas as formas de texto são tomadas para análise, com vistas a estudar os processos técnicos e os processos sociais da transmissão, “[...] as motivações sociais, econômicas e políticas da publicação, as razões pelas quais os textos foram escritos e lidos desta ou daquela maneira, o porquê de terem sido reescritos e redesenhados, ou deixados morrer [...]” (Mackenzie, 2005, p. 26).

Assim, conforme aponta Chartier (2005), a Sociologia do Texto definida por Mackenzie nos leva a considerar cada estado de uma obra como uma de suas encarnações históricas, que precisa ser compreendida, respeitada e, possivelmente, editada. Ademais, o proponente da disciplina recomenda que a crítica textual abandone a noção de que há um texto (manuscrito) com cópias ideais ao longo da história de sua transmissão. Isso se

dá pelo fato de o texto sofrer várias interferências ao longo do seu processo de produção e reprodução, o que o torna instável e passível de reconstrução.

A partir de então, observa-se o surgimento de uma nova concepção de texto, à luz da teoria sociológica. Segundo Lourenço (2009, p. 229),

[...] o texto é entendido não como produto de uma intenção autoral, mas de aspectos colaborativos, contextos históricos, pessoais, intertextuais, caracterizados, eles próprios, pela variação. A perda de centralidade da intencionalidade final e a valorização do leitor e da leitura como espaço de criação de sentido directamente associada à consciência da natureza discursiva da significação constituem um elo de ligação entre a teoria literária pós-estruturalista e a teoria social da edição, fundamentando alguns projectos editoriais electrónicos (Lourenço, 2009, p. 229).

O texto, portanto, deixa de ser um produto isolado de um único indivíduo, para ser um produto material e social, no qual é possível estudar o seu processo de criação e produção individual, bem como o seu processo de reprodução, circulação e recepção. Diante disso, percebe-se o quanto as práticas metodológicas da Crítica Genética, da Crítica Sociológica e da Crítica Textual estão imbricadas e têm contribuído directamente para a ampliação da *práxis* filológica contemporânea. Essa ideia corrobora com a proposta de Said (2007) para uma leitura filológica de carácter humanístico, a qual exige uma abordagem ampla e interdisciplinar que articula diferentes áreas do conhecimento.

Ao levar em consideração o indispensável diálogo interdisciplinar com outras disciplinas que circundam por várias áreas do conhecimento, a Crítica Textual passa a tomar diferentes rumos e a estabelecer novos diálogos, os quais a conduzem a novas práticas e a novas teorias. Os novos rumos tomados pela Crítica Textual se dão, especialmente, com a revolução informática e os avanços das tecnologias digitais.

O avanço das tecnologias da informação e da comunicação, a partir da segunda metade do século XX, trouxe consigo grandes transformações sociais, culturais e econômicas que têm provocado mudanças no processo de comunicação e impactado de maneira cada vez mais evidente a área das Humanidades. Essas mudanças vêm sendo refletidas, principalmente, no modo como a sociedade se relaciona com a escrita, estabelecendo uma nova condição para o texto: a escrita digital. Segundo Barreiros (2013), embora apresenta-se um novo paradigma para a cultura escrita, com inovações e rupturas, é importante lembrar que o texto digital está fundamentado na cultura escrita de tradição impressa, havendo sempre a continuidade de determinadas características.

Deste contexto de relações entre tecnologias digitais e as Ciências humanas e sociais surgem as Humanidades Digitais, definidas como um campo transdisciplinar que porta métodos que fazem relação com o digital no domínio das referidas ciências (Manifesto, 2010). Sua origem remonta ao trabalho do padre italiano Roberto Busa, por volta de 1949, quando ele recorreu a um computador para processar uma grande quantidade de informações contidas nos textos de Tomás de Aquino, criando um índice eletrônico que ficou conhecido como projeto *Index Thomisticus*.

A partir de então, as tecnologias computacionais vêm se desenvolvendo e o seu uso pela Filologia tem sido atrelado ao campo das Humanidades Digitais. Nesse contexto, tem surgido um crescimento de propostas de edições digitais, induzindo o aparecimento de um novo campo, o denominado “*Digital Philology*”. Esse novo campo propõe uma filologia cujo labor seja realizado por meio do uso de ferramentas computacionais, contribuindo para “[...] libertar as técnicas de representação editoriais das limitações colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso” (Paixão de Souza, 2013, p. 114). Assim como o termo filologia é empregado em diversos sentidos, o mesmo ocorre com edições digitais. No Brasil, há vários projetos que se propõem a desenvolver edições digitais, cujo interesse está centrado na construção de *corpora* eletrônicos, para o estudo da língua e da história social da escrita, a exemplo de alguns grupos e pesquisas como: o Corpus Histórico do Português Tycho Bhare⁹, um corpus eletrônico anotado, composto de textos em português escritos por autores nascidos entre 1380 e 1978, sob a coordenação da Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves, no Instituto de estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP); o Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais¹⁰, da Universidade de São Paulo (USP), com o desenvolvimento de diversos projetos que intentam a expansão do acervo de obras raras da Biblioteca para o ambiente digital, liderado pela Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa; o Laboratório de História da Língua Portuguesa (HistLing)¹¹, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que é coordenado pelos professores Profa. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes, Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio e Profa. Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, e constitui-se por edições semidiplomáticas de cartas particulares escritas no Rio de Janeiro por brasileiros e por portugueses, localizadas em distintos acervos cariocas públicos e privados.

⁹ <https://www.tycho.iel.unicamp.br/home>

¹⁰ <https://humanidadesdigitais.org/>

¹¹ <https://histling.lettras.ufrj.br/index.php>

No entanto, também existem projetos centrados na práxis editorial, que consideram o texto como um artefato cultural complexo, com interesse em explorar todos os prototextos, os paratextos e sociotextos, empreendendo uma crítica filológica que problematiza os modos de produção, circulação e recepção do texto. Apesar dessa visão de crítica textual, podemos citar o exemplo do grupo de estudo do texto teatral censurado, coordenado pela professora Rosa Borges na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o grupo de estudo em torno do acervo de Eulálio Motta, coordenado pelo professor Patrício Barreiros na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Na Bahia, os primeiros estudos voltados para as Humanidades Digitais no âmbito filológico foram realizados pelo grupo de pesquisa dirigido pelo Prof. Dr. Vasco da Gama e monitorado pela Profa. Dra. Célia Marques Telles na UFBA. Dentre as pesquisas desenvolvidas pelo grupo, sob a orientação da Profa. Dra. Célia Telles, destacamos dois importantes trabalhos: a tese de doutorado de Alcília Duhá Lose (2004), intitulada *Arthur de Salles: esboços e rascunhos*, pelo pioneirismo no âmbito das edições digitais em meio eletrônico, no Brasil; e a tese de doutorado de Patrício Nunes Barreiros (2013), intitulada *A Hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*, pelo desenvolvimento de um modelo inovador de edição digital em meio eletrônico disponibilizada via WEB.

A pesquisa desenvolvida por Lose (2004), implementou uma metodologia inovadora para a edição de textos, na época, utilizando-se dos recursos do *software* computacional *Microsoft FrontPage*, um programa editor HTML (*HyperText Markup Language*) da *Microsoft* que permitia criar e gerir páginas e sítios na WEB. Nesse trabalho, embora as ferramentas tecnológicas utilizadas permitissem uma vinculação online, a edição digital realizada foi apresentada em CD/DVD, não sendo disponibilizada na Web. Apesar disso, o trabalho de Lose (2004) tornou-se uma importante referência para os estudos com vistas à produção de edições de textos em meio digital, fazendo surgir uma tradição em solo baiano que dá origem a diversos outros trabalhos, em diferentes grupos de pesquisa, ampliando vigorosamente os estudos na área da Filologia Digital.

A pesquisa de doutorado de Barreiros (2013) representa um marco importante na história das pesquisas em edições digitais desenvolvidas na Bahia. Com o objetivo de apresentar uma edição digital de 57 panfletos publicados por Eulálio Motta (1907-1988), na cidade de Mundo Novo - BA, entre 1949 e 1988, desenvolveu-se um modelo de edição inovador com tecnologia informática que permite a sua publicação via Web Internet e, além das transcrições dos textos e da edição interpretativa, incluem-se os documentos

paratextuais do acervo do escritor. A edição dos panfletos de Eulálio Motta¹² foi indicada ao prêmio internacional de Excelência em Humanidades Digitais da *London's Global University*, na categoria de melhor contribuição em Humanidades Digitais para a língua não inglesa. O evento é uma Menção Honrosa atribuída às iniciativas inovadoras na área de Humanidades Digitais, de modo que as indicações são feitas a partir da análise de especialistas da área de Humanidades Digitais de diversas universidades do mundo e, posteriormente, aberto à votação popular.

Atualmente, na UFBA, são desenvolvidos diversos trabalhos de edição digital, na perspectiva da Crítica Textual, como os realizados pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia no acervo da instituição, coordenado pela Profa. Dra. Alícia Duhá Lose; e o Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET), coordenado pela Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos, que se dedica ao estudo de produções de escritores baianos e brasileiros. Também faz parte desse grupo a Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), atuando em acervos como o do espaço Xisto Bahia ou do Teatro Vila Velha, que salvaguardam textos de dramaturgos baianos que foram censurados durante o período da Ditadura Militar.

A UEFS também tem se destacado no quesito de pesquisas primordiais em Humanidades Digitais. O Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD)¹³, pertencente ao Departamento de Letras e Artes, da UEFS, coordenado pelo Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, têm sido um considerável espaço de diálogo interdisciplinar que vem promovendo debates em torno das Humanidades Digitais, através da realização de diversas atividades acadêmicas, como grupos de estudos, eventos educativos, cursos vários e publicações científicas. Entre os projetos que integram o Núcleo estão: *Marcadores Culturais Traduzidos (Português-Espanhol)* e *Edição das obras inéditas de Eulálio de Miranda Motta* (Etapa IV); ambos coordenados pelo Prof. Dr. Patrício Barreiros; *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* e *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras*, ambos coordenados pela Profa. Dra. Liliane Lemos S. Barreiros; *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CEDOHS), sob a coordenação geral das professoras Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda.

Conforme apresentado, as tecnologias digitais aliadas aos estudos filológicos têm trazido novas possibilidades e práticas inovadoras para o exercício da Crítica Textual, a

¹² <http://www.eulaliomotta.uefs.br/>

¹³ <https://neihd.wordpress.com/>

exemplo da edição digital que, por meio de hiperlinks eletrônicos, permite o diálogo com os elementos paratextuais, protextuais e os diferentes contextos relativos ao texto e sua história (Barreiros, 2013).

Sobre este tipo de edição, é importante destacar que uma edição não pode ser classificada como digital pelo simples fato de utilizar-se da informática para transpor edições impressas em formato digital, uma vez que, de acordo com Lucía Megías (2007), esse tipo de edição que reproduz os modelos dos impressos, mudando apenas o suporte, trata-se de incunábulo digitais. Nessa direção, Lose (2010, p. 16), destaca que “[...] a edição digital, e não edição meramente em formato digital, mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado.

De acordo com Barreiros (2013), as edições que têm sido empreendidas e produzidas pelos filólogos em meio digital foram definidas por Jerome McGann (1997) como *HyperEditing*. Esse tipo de edição constitui-se numa hipermídia, a qual estabelece uma nova forma de escrita e transgredir os antigos modelos de textualidade. Ainda segundo o autor, “[...] uma hipermídia geralmente apresenta mais de um tipo de edição [...] de modo integrado e dinâmico, documentos paratextuais diversos – textos, imagens, vídeos, sons e animações, organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor” (Barreiros, 2013, p. 21).

As hiperedições são formas de edições interativas que permitem explorar as diversas mídias que se relacionam diretamente ou indiretamente com a gênese da obra, proporcionando conexões que constroem novos sentidos. Para esse tipo de edição, Barreiros (2013) propõe a construção de um dossiê arquivístico com paratextos e prototextos que o editor seleciona para incluir em sua hiperedição.

Como bem salienta McGann (1997), ao contrário do livro físico, o hipertexto em rede pode estabelecer um número indefinido de "centros", bem como alterar seus relacionamentos. Assim, é notório que o modo como os textos se apresentam em tela diferencia-se dos livros modernos. Portanto, nem todos os textos que se apresentam em meio digital foram criados nesse meio ou para ele. Um texto não possui condição fixa, podendo ter o seu suporte transferido para outro, o que pode ocasionar interferência em seu sentido.

Com base nessas reflexões, reafirmamos que a edição de um texto, seja ele impresso ou digital, tem como principal objetivo favorecer sua leitura. Contudo, ao

desenvolvermos um trabalho filológico com o intuito de elaborar uma edição digital com finalidade pedagógica, voltada para a Educação Básica, não podemos perder de vista que os avanços tecnológicos trazem consigo uma nova cultura e diferentes formas de ler, a partir de uma variedade de tipos de leitores. Sobre isso, discutiremos mais especificamente a seguir.

3.1 CULTURA DIGITAL E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UM NOVO PERFIL DE LEITOR

Com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), iniciada no contexto da Terceira Revolução Industrial, na segunda metade do século XX, muitos foram os avanços científicos e tecnológicos que contribuíram para o desenvolvimento de diversas áreas, como por exemplo: indústria, comunicação e educação. Dentre as diversas transformações ocorridas, destaca-se a relação dos usuários com as TICs, sobretudo, o modo com que as novas tecnologias interferiram em nosso modo de pensar, de adquirirmos conhecimentos e nos relacionarmos socialmente, fazendo surgir uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (Kenski, 2007). Ao longo do tempo, essas mudanças impulsionaram a evolução das TICs para Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), integrando ferramentas e tecnologias digitais, como os computadores, os dispositivos móveis e a internet, que permitem diferentes conexões e interações entre pessoas e ambientes. A partir de então, surge a sociedade contemporânea marcada pela alta tecnologia, pelo traço da cultura cibernética, a Cibercultura.

Para Levy (1999, p. 17), o termo cibercultura significa "[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço", isto é, do novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Ainda segundo o autor, a expansão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural provocam mudanças significativas, introduzindo uma ampla gama de possibilidades que surgem a partir delas (Levy, 1999). Nessa direção, Lemos (2003, p. 11) aponta a cibercultura como a forma "[...] sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias [...]".

No intuito de elucidar o processo das formações socioculturais e o surgimento da cultura virtual, Santaella (2003) apresenta uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a

cultura das mídias e a cultura digital. De acordo com a autora, essas formações não seguem uma ordem cronológica linear, isto é, não desaparecem conforme o surgimento da outra, mas sim se integram a anterior, provocando ajustes e refuncionalizações. Além disso, embora todas as eras culturais se misturem e se agreguem, cada uma apresenta natureza própria e distinta, por exemplo, na cultura das mídias que há a convivência das mídias típicas, enquanto na cultura digital ocorre uma convergência das mídias (Santaella, 2003). Portanto, as distinções não inviabilizam a intensa interação e interconexão entre as formas de comunicação e cultura.

Nesse contexto, consoante às ideias sobre cibercultura, propostas por Levy (1999), uma concepção sobre cultura digital é apresentada por Santaella (2003):

[...] é a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital (Santaella, 2003, p. 28).

Indubitavelmente, as tecnologias têm modificado a forma como vemos o mundo, como produzimos e acessamos as informações e, principalmente, como transmitimos e construímos o saber. Na contemporaneidade, a cultura digital tem se consolidado em diversos espaços, no desenvolvimento de atividades simples às mais complexas. No âmbito educacional não poderia ser diferente, uma vez que as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) passaram a fazer parte do cotidiano dos estudantes, adentrando os muros da escola e modificando as práticas de leitura e de escrita.

A presença das TDIC no cenário educacional representa uma evolução, trazendo consigo impactos significativos para o processo de ensino e aprendizagem. Essas tecnologias apresentam uma multiplicidade de recursos e ferramentas que podem contribuir em diversos setores educacionais. No entanto, a integração das TDIC às práticas pedagógicas passou a ser um tema desafiador, visto que a área da educação precisaria se remodelar para atender a um público com demandas específicas.

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (Lévy, 2005, p.172).

Diante desse cenário, as redes de ensino de instituições públicas e privadas da Educação Básica tiveram de reorganizar e adequar os seus currículos e propostas pedagógicas, assim como repensar os seus materiais didáticos, seguindo como referência obrigatória as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), entre outros documentos oficiais. Sendo assim, o currículo escolar deve estar alinhado com os princípios, objetivos e competências estabelecidos pela BNCC, adaptando-os às suas especificidades.

A BNCC é um documento normativo nacional, proposto pelo Ministério da Educação (MEC) e homologado em 2017, que estabelece o conjunto de aprendizagens essenciais, tais como competências e habilidades, as quais os educandos de escolas públicas e privadas devem desenvolver ao longo de cada etapa da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nesse documento são propostas dez competências gerais, a saber: 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura digital; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação e 10. Responsabilidade e cidadania (Brasil, 2018).

Conforme apontam Silva e Borges (2020), entre as dez competências gerais presentes na BNCC, as quatro primeiras ressaltam a inclusão de recursos e vivências digitais. Contudo, é na quinta competência geral, denominada “Cultura Digital”, que as tecnologias digitais aparecem de maneira mais específica. Nessa competência, a BNCC (Brasil, 2018) propõe que as tecnologias digitais sejam integradas e empreendidas de maneira crítica, significativa e ética, a fim de que os estudantes possam se comunicar, construir conhecimentos, solucionar problemas e desempenhar um papel de protagonismo e autoria. O documento ainda recomenda que a competência da cultura digital seja incorporada e explorada de maneira transversal no currículo, permeando todas as áreas do conhecimento da Educação Básica.

Além das competências gerais para toda as etapas da Educação Básica, a BNCC estabelece competências específicas para cada área do conhecimento, por exemplo para a área de Linguagens, e de maneira ainda mais específica para cada componente curricular da área, como Língua Portuguesa. Em se tratando da área de Linguagens, o referido documento compreende que as atividades humanas são realizadas em contextos sociais de interação e comunicação, mediadas por diferentes linguagens incluindo a digital. Desse modo, o objetivo é possibilitar que os estudantes se envolvam de maneira crítica em diferentes práticas sociais e de linguagem, que lhes permitam ampliar suas

capacidades expressivas, dando continuidade às experiências vividas em etapas anteriores (Brasil, 2018).

No que se refere ao componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC (2018) recomenda um trabalho que, para além da cultura do impresso, considere a cultura digital, as mais variadas práticas de linguagens e os multiletramentos, desde aqueles essencialmente lineares até os que envolvem a hipermídia. Desse modo, há uma preocupação em fazer com que as práticas de linguagem em ambiente digital proporcionem usos mais democráticos das tecnologias e uma participação mais consciente na cultura digital, bem como a expansão das formas de produzir sentidos e desenvolver projetos autorais.

Indo nesse caminho, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), instituído pelo Decreto n. 9.099 de 2017, tem promovido ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários na Educação Básica que demonstram apoio à BNCC e incentivam o diálogo das TDIC com as práticas de ensino. Assim, os editais do PNLD têm buscado cada vez mais acompanhar os avanços tecnológicos e cumprir com as diretrizes da BNCC, produzindo materiais didáticos e literários que compreendam os novos suportes e tecnologias contemporâneas para a leitura e a escrita em contextos educacionais (Brasil, 2017).

Dessa maneira, compreendemos que as recomendações estabelecidas pelos documentos oficiais que norteiam a Educação Básica refletem as mudanças nas práticas de leitura e escrita advindas das TDIC e a necessidade de os estudantes desenvolverem habilidades de letramento digital, isto é, de se apropriarem da tecnologia digital e exercerem práticas de leitura e de escrita no ambiente virtual. Sobre isso, Soares (2002) salienta que:

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. [...] A hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital [...] (Soares, 2002, p.151).

Nesse contexto, o professor deve desempenhar um papel que vai muito além da disseminação de conhecimentos. Conforme recomenda a BNCC (Brasil, 2018), ele precisa ser o agente que proporciona o protagonismo juvenil, levando os estudantes a se envolverem diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal.

Além disso, deve propor aos estudantes que não apenas consumam, mas, principalmente, produzam conteúdos no âmbito das TDIC, reconfigurando, assim, o papel do leitor.

Para Chartier (1994), o texto na tela é considerado como uma revolução do espaço da escrita que altera a relação entre leitor e texto, seja através das maneiras de ler ou dos processos cognitivos. Ainda segundo o autor, a representação eletrônica dos textos trouxe modificações à sua condição, substituindo a materialidade pela imaterialidade, transformando a maneira como são concebidos, acessados e armazenados. Essas alterações conduzem, indiscutivelmente, novas relações com a escrita e novas maneiras de ler (Chartier, 1994).

Ao longo da história, desde o período do códex, o código escrito passou por várias rupturas e transformações, as quais interferiram diretamente nas maneiras de ler. A compreensão de leitura passou a não se limitar apenas ao texto escrito, mas também a imagens estáticas e em movimento, ícones, som, vídeos e multimídias, softwares e hiperlinks, que acompanham e complementam diversos gêneros digitais. Assim sendo, a atividade de leitura, seja no meio impresso como no meio digital, passou a requerer competências e habilidades cada vez mais diversificadas para compreensão e difusão do texto e suas formas de inscrição.

Indo ao encontro desses pensamentos, Santaella (2004) aponta que, da mesma maneira que o código escrito foi se alterando e se misturando com outras formas de comunicação e expressão, o ato de ler também foi ampliando o seu escopo de linguagens e, conseqüentemente, o seu conceito de leitura. Com isso, entende-se que tanto a leitura quanto o leitor se movimentam e se modificam, conforme o progresso da tecnologia.

Compreendendo os avanços tecnológicos e o surgimento do ciberespaço, Santaella (2004; 2019) realiza uma pesquisa sobre como as TDIC e o uso da hipermídia vêm modificando o perfil cognitivo dos sujeitos leitores e favorecendo a existência de um novo modo de ler, diferente da atividade de leitura de um livro. Para tanto, ela sistematizou os diferentes modos de ler, a partir de uma variedade de tipos de leitores que apresentam perfis cognitivos distintos e desenvolvem habilidades diversas. Os tipos de leitores foram identificados e caracterizados em quatro modalidades: leitor contemplativo, leitor movente, leitor imersivo/virtual e o leitor ubíquo.

O primeiro tipo é o leitor contemplativo que surge no Renascimento e perdura predominantemente até meados do século XIX. Esse é o leitor do texto impresso, da imagem fixa e expositiva. O segundo tipo é o leitor proveniente da Revolução Industrial e dos aparecimentos dos grandes centros urbanos. É o leitor movente, do mundo em

movimento, dinâmico, com um perfil cognitivo de leitor de jornal, expectador do cinema e da fotografia. Um leitor de memória curta e rápida, que apreende somente o que necessita.

O terceiro tipo de leitor é aquele que emerge juntamente com os espaços informacionais virtuais. Diferentemente do leitor do livro manuscrito ou impresso, que manuseia volumes organizados em folhas e páginas, seguindo as sequências de um texto, o leitor imersivo se defronta com novas maneiras de olhar, ler e aprender no ciberespaço. É um tipo de leitor em estado de prontidão sensorial, que se conecta, interage e constrói o seu texto de forma não linear, multisequencial, entre nós e nexos cocriados no processo de hiperleitura (Santaella, 2004).

Assim, podemos dizer que essa atividade de navegação no ciberespaço, em um contexto de hipermídia que possibilita conectar os hiperleitores aos seus interlocutores, não só caracteriza um novo perfil cognitivo de leitor, como também uma nova maneira de ler. Embora a cultura digital esteja em constante transformação, devido aos avanços tecnológicos, Santaella (2004) assevera que:

Assim, o que deve permanecer, em meio a todas as mudanças que virão, é aquilo que chamo de leitor imersivo. Mesmo que as interfaces mudem, o leitor imersivo continuará existindo, pois navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos, em ambientes informacionais e simulados. Portanto as mudanças cognitivas emergentes estão anunciando um novo tipo de sensibilidade perceptiva sinestésica e uma dinâmica mental distribuída que essas mudanças já colocaram em curso e que deverão sedimentar-se cada vez mais no futuro. (Santaella, 2004, p. 184).

Posto isso, a autora ressalta que esses três tipos de leitores são concomitantes e se complementam, uma vez que cada um deles contribui de maneiras diferentes para a formação leitora. Entretanto, nos últimos tempos, o advento das mídias móveis, os novos espaços da hipermobilidade e as transformações da cultura digital fizeram surgir um quarto tipo de leitor, denominado de leitor ubíquo. Esse novo tipo de leitor nasce da junção das características do leitor movente com o leitor imersivo e traz consigo uma nova condição de leitura. Com um perfil cognitivo inédito, ele transita entre o espaço físico e o informacional, sendo capaz de ler os ambientes físicos em que circula, como casa, ruas e trabalho, ao mesmo tempo em que adentra pelo ciberespaço informacional e permanece conectado (Santaella, 2019).

A partir dessas reflexões, podemos dizer que os avanços tecnológicos e a ampliação dos espaços virtuais informacionais têm provocado mudanças profundas no

âmbito educacional, estimulando uma transformação nos processos de ensino e aprendizagem escolar. A necessidade dessas mudanças se dá principalmente com o surgimento dos novos tipos de leitores, em especial, dos leitores imersivos e ubíquos, emergidos desse contexto. Nesse sentido, as escolas e os professores precisam ter um olhar mais atento e reflexivo para as novas práticas de leituras e as diferentes habilidades e necessidades que permeiam os diferentes tipos de leitores, dentro e fora do espaço escolar.

Retomando a proposta do nosso trabalho de tese, a elaboração de uma plataforma digital voltada para a formação de leitores do texto literário, a partir da hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, tomamos como foco de interesse o terceiro tipo de leitor, o leitor imersivo/virtual, aquele hiperleitor que, ao transitar pelas hipermídias, se transforma em coautor no processo leitura. O surgimento desse perfil de leitor, que conduz um novo modo de ler, é o que mais se encaixa com a proposta da nossa plataforma digital para fins didáticos e, também, é o que justifica a elaboração de edições digitais.

3.2 CRÍTICA TEXTUAL E ENSINO

No Brasil, os trabalhos que versam sobre a relação da Crítica Textual e ensino ainda são escassos e tomam como foco, prioritariamente, a transmissão do texto. Nessa linha, tem-se como precursora a pesquisa realizada por Mendes (1986), publicada no artigo *A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil*, no qual são apontadas algumas problemáticas no que se refere à transmissão de textos literários em materiais didáticos. Ao selecionar e estudar 17 autores em 36 livros didáticos, Mendes e seu grupo puderam observar e identificar alterações que implicava na fidedignidade do texto. Nessa pesquisa, Mendes (1968) observou um fato comum a quase todos os autores do *corpus* estudado:

[...] não se costuma indicar que se trata de fragmento, quando um texto não foi integralmente transcrito. O mesmo ocorre quando o texto é interrompido e retomado adiante. Por vezes, as supressões de trechos nos dão a impressão de que isto se dá em função do espaço, ou seja, sacrifica-se a unidade do texto, para que se encaixe num pedaço do papel que a ele foi destinado, depois de feitas as ilustrações (Mendes, 1968, p. 163).

Durante as duas décadas seguintes, pode-se dizer que houve uma grande lacuna nas pesquisas deste seguimento. Contudo, faz-se um adendo a dois trabalhos que fazem

referência à pesquisa de Mendes (1986): o artigo de Telles (2003/2016), intitulado “*Que textos são oferecidos aos estudantes*”, em que a autora faz um estudo acerca dos textos utilizados pelos estudantes, a fim de que estes passem a refletir sobre o texto-fonte e sobre os critérios que devem ter ao escolher um texto como ferramenta de uso da língua; e o livro de Cambraia (2005), em que o autor apresenta um capítulo intitulado *Crítica textual e ensino*.

A partir de 2010, novas pesquisas vão surgindo, tais como as realizadas por Moreira (2010) que apresentou no artigo *Crítica Textual nos livros didáticos de Língua Portuguesa* os problemas encontrados na transmissão dos textos literários *O reformador do mundo*, de Monteiro Lobato, *Timoneiro*, de Paulinho da Viola e *Brinquedos incendiados*, de Cecília Meireles. No ano de 2013, Baldow analisou em sua dissertação, intitulada *A genuidade de textos literários em livros didáticos em língua portuguesa*, a genuidade de textos literários transmitidos em livros didáticos de Língua Portuguesa, bem como a sua relação com o ensino de literatura. Marengo e Rodrigues (2012) e Marengo (2014), por sua vez, apresentaram pesquisas voltadas para a análise de textos em livros didáticos de espanhol e reflexões acerca da importância da Crítica Textual. Além disso, em 2016, Marengo orientou três pesquisas voltadas para a análise de coleções didáticas aprovadas pelo PNLD (2012 e 2015), nas quais foram identificadas inconformidades na transmissão dos textos encontrados nos LD. Tais pesquisas contribuíram para a produção dos LD que se seguiram e, ademais, resultaram nas seguintes monografias: *PNLD 2012 x PNLD 2015: Um estudo de Crítica Textual na coleção “Enlaces”*, de Santos (2016); *Textos literários e Crítica Textual: uma análise da coleção “Cercania Jovem” (PNLD 2015)*, de Sacramento (2016); e *Crítica Textual e Livros Didáticos: os textos literários na coleção Enlaces (PNLD 2012 e 2015)*, de Rodrigues (2016).

Em 2018, Santiago-Almeida, Morandini e Silva apresentaram resultados das pesquisas realizadas sobre o processo de transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, e de *Iracema*, de José de Alencar, e apontaram diversas alterações nos respectivos textos encontrados em materiais didáticos. Seguindo essa linha de investigação, Barreto e Santiago-Almeida (2019) examinaram e publicaram em artigo os problemas encontrados na transmissão de excertos de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, em livros didáticos de Língua Portuguesa (2000).

Rosinês Duarte (2020), ao publicar o artigo “*Ensinando a transgredir*”: *a crítica filológica na sala de aula da educação básica*, no livro *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*, realizou uma análise sobre os livros

didáticos e as estratégias didáticas de professores da rede pública do 1º ano do ensino médio, a fim de indicar caminhos metodológicos através da Filologia.

Posteriormente, em 2022, destacamos a pesquisa desenvolvida por Pereira (UNEB/USP), em sua tese de doutorado, intitulada *A edição didática pelo prisma filológico: As crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de Língua Portuguesa*. Nesse trabalho, foi apresentado o cotejamento e análise do processo de transmissão das crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de Língua Portuguesa, dos anos 1999, 2002 e 2005, das quatro séries do Ensino Fundamental II. No mesmo ano, ainda temos o livro intitulado *O ensino e a formação de professores de línguas em diferentes perspectivas*, organizado pelas professoras Josenilce Barreto (UFOB) e Aline Pessôa (UFOB). Nesse livro, no capítulo intitulado *Crítica Textual e Ensino: da transmissão de textos literários em livros didáticos de Língua Portuguesa aos desafios da atuação docente*, Barreto (2022) analisa trechos das obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e de *O Guarani*, de José de Alencar, disponíveis em livros didáticos dos anos 2000 e aponta as problemáticas oriundas da transmissão de textos literários em livros didáticos de Língua Portuguesa. Além disso, trata da Crítica Textual e das suas contribuições para o ensino e a formação de professores de línguas.

Em suma, todos os trabalhos apresentados trazem importantes contribuições para o desenvolvimento da filologia e da crítica textual em diálogo com o ensino, principalmente no que se refere aos problemas filológicos encontrados na transmissão de textos literários apresentados em livros didáticos. Além disso, esses trabalhos trazem à cena a necessidade da discussão dessa temática nas formações dos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica.

No entanto, nesta pesquisa de tese, adotamos caminhos diferentes, em um viés mais propositivo que busca promover uma prática filológica que dialogue com os propósitos educacionais, a partir da compreensão de como os textos literários chegam à Educação Básica e do desenvolvimento de plataformas digitais para a disponibilização de edições digitais que atendam a esse público específico.

Nesse âmbito, Elizabeth Almeida realizou um trabalho primordial, com uma abordagem inovadora sobre Crítica Textual e ensino em sua tese de doutorado, intitulada *Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de língua portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a orientação do professor Dr. Patrício Nunes Barreiros. Com um

trabalho de pesquisa inserido no âmbito da filologia digital, da sociologia dos textos e da crítica textual aplicada à prática pedagógica, Almeida (2023) apresenta a edição dos causos sertanejos do escritor Eulálio de Miranda Motta, por meio de uma plataforma digital, voltada para a leitura de textos literários na Educação Básica. Ademais, a partir dos causos, desenvolve recursos didáticos, impressos e digitais, para serem aplicados especialmente em aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio na Educação Básica. Nesse mote, o trabalho de tese de Almeida (2023) se destaca, principalmente por apresentar um diferente caminho para aliar a *práxis* filológica aos propósitos educacionais, por meio de recursos tecnológicos digitais.

Voltando para o nosso propósito, o de desenvolvermos uma plataforma digital para a leitura literária do romance *Maria Dusá*, devemos levar em consideração o desenvolvimento ou ampliação de uma competência específica necessária para o uso dessa plataforma, tanto por estudantes quanto por professores. Essa competência específica é denominada por Almeida (2022) de *competência filológica* e se refere a

[...] uma postura de leitura que considera o texto literário em seu lugar sócio-histórico, a partir de uma rede de relações e influências externas que desempenham um papel formador no documento. [...] e estaria voltada à capacidade de professores e estudantes perceberem que os textos, literários (ou não), estão marcados, histórico e culturalmente, não apenas em seus códigos linguísticos, mas em todo o seu contexto de produção, recepção e circulação na sociedade (Almeida, 2021, p. 170).

Desenvolver essa capacidade no contexto da sala de aula é possibilitar que os leitores explorem e compreendam como os fatores externos moldam e caracterizam os textos, em cada época e período histórico. Essas práticas de leituras não apenas enriqueceriam a experiência de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, da Educação Básica, como também proporcionariam uma maior aproximação dos estudantes com o texto.

Nesse contexto, Gumbrecht (2021) é muito assertivo ao apresentar o ensino como um dos cinco poderes da Filologia. Entre os poderes de editar textos, escrever comentários e historiar, ensinar é uma tarefa fundamental para a consolidação do trabalho filológico, uma vez que, “[...] o ato de ensinar é parte do desejo de presença do filólogo, que pode trazer à cena enunciados do pretérito longínquo ou próximo, para pôr em prática os ofícios dos estudos filológicos” (Duarte, 2020, p. 522).

Alimentados por esse desejo de presença do filólogo, buscamos aproximar a filologia da Educação Básica, de modo que possamos pensar em uma abordagem filológica que considere a diversidade literária e cultural e que promova a leitura de textos literários que foram historicamente silenciados nesse contexto. Ao assumirmos esse compromisso de resgate cultural, procuramos diversificar o cenário literário canônico e democratizar o acesso, buscando “[...] investir em outras literaturas, outros escritores, outras histórias que foram, muitas vezes, silenciadas ou esquecidas” (Borges, 2021, p. 454).

Neste trabalho de tese, ao realizarmos o estudo do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, propomos uma experiência filológica que vai para os acervos de escritores não canônicos e traz para a Educação Básica uma edição e crítica filológica que possibilite o estudo da sociologia do texto literário e de todos os seus processos, trazendo à tona as diversas camadas e leituras que possam ter sido omitidas ao longo da história desse texto. Ademais, tencionamos dar visibilidade a esse escritor e sua obra, levando-os para as salas de aulas de Língua Portuguesa, principalmente por trazerem elementos de uma determinada região da Bahia, que precisa ser melhor representada na literatura.

Dessa maneira, trazer à tona um escritor como Lindolfo Rocha e problematizar sua obra, pensando na utilização dessa obra na Educação Básica, é possibilitar uma rasura na historiografia literária e promover uma inovação da própria filologia, no sentido de construir repertório de leitura para um público leitor de uma obra que não circula amplamente nos ambientes educacionais.

3.3 LIVRO DIDÁTICO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS

Desde os primeiros registros escritos, o livro percorreu um longo processo de transformações até alcançar o formato que conhecemos na contemporaneidade. Seu surgimento está associado à necessidade humana de registrar, preservar e transmitir saberes às gerações futuras. Nesse sentido, a história do livro caminha junto com a história da humanidade e mantém, desde suas origens, uma relação intrínseca com as práticas de ensino e aprendizagem.

O livro didático, doravante LD, no Brasil tem seus primórdios por volta de 1549, com a prática catequética e educacional empreendida pelos jesuítas, tendo em vista que a mais antiga referência existente sobre os livros de cunho didático no Brasil consta na menção dos livros enviados por D. João III aos meninos da escola da Bahia, educados pelos

jesuítas. (PFROMM NETO, DIB, ROSAMILHA, 1974). Entretanto, pouco se sabe sobre tais livros, principalmente após a expulsão dos jesuítas do país, em 1759.

Em comparação a outros países da América, a produção de livros no Brasil ocorreu de maneira tardia. Foi somente a partir de 1808, com a vinda da família real e a implantação da Impressão Régia¹⁴ que os primeiros livros didáticos puderam ser produzidos e publicados. De acordo com Bittencourt (2008) e Pereira (2022), durante esse período e ao longo do século XIX, os livros didáticos utilizados no Brasil adivinham da Europa e, majoritariamente, eram livros portugueses, traduzidos e adaptados de LD estrangeiros, principalmente franceses, o que gerou muitas discussões e críticas sobre o nacionalismo.

Destarte, o Brasil só passou a ter produção própria do LD a partir de 1822, com o fim do monopólio da Impressão Régia, a proclamação da Independência do Brasil e o decreto das primeiras leis educacionais. Não obstante, mesmo já havendo editoras instaladas no Brasil, alguns editores/livreiros ainda optavam por mandar os textos para serem impressos na Europa, por conta das dificuldades encontradas para a aquisição de material e para o acesso a novos recursos tecnológicos que os auxiliariam no trabalho (Pereira, 2022).

Este cenário começa a se modificar a partir da década de 1930, em um momento marcado por mudanças políticas e estruturais a partir do Estado Novo até a Nova República, na chamada Era Vargas, de 1930 a 1945 (Freitag; Motta; Costa, 1989). Nesse período, ocorreram diversas reformas curriculares e uma sucessão de Decretos e Leis foram sancionados, a fim de regulamentar todo o processo de produção, distribuição e avaliação dos LD. Ademais, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), pelo Decreto-Lei 93, de 21 de dezembro de 1937, órgão subordinado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), o qual tinha por incumbência planejar as atividades relacionadas aos LD e auxiliar no aumento da produção e distribuição desses materiais.

Em 1938, um ano depois, foi instituído o Decreto-lei 1.006 que definia os livros didáticos, pela primeira vez, como compêndios e livros de leitura de classe¹⁵. Por meio desse mesmo decreto, ainda foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD),

¹⁴ A Impressão Régia foi estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a finalidade de se imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras. A sua abertura no Brasil representou o fim da proibição de instalação de tipografias, que vigorou durante o período colonial. (BRASIL, 2021) Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/204-impresao-regia>. Acesso em: 17 ago. 2023.

¹⁵ Segundo o Decreto-Lei n. 1.006, de 30 de dezembro de 1938, Art. 2º, § 1º Compêndios são os livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares; § 2º Livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula. (BRASIL, 2021) Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 ago. 2023.

que tinha por função examinar e avaliar os LD, recomendar livros para serem traduzidos e indicar a abertura de concurso para a produção de LD ainda inexistentes no país (Freitag; Motta; Costa, 1989).

A partir de então, com a institucionalização dos referidos órgãos, o governo brasileiro passa a se interessar pela criação de políticas educacionais voltadas para o LD. Como resultado do aperfeiçoamento de diversos programas, com diferentes nomenclaturas e formas de execução, desde o ano de 1937, chegou-se a um dos maiores programas voltados à produção, avaliação e distribuição dos LD: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído pelo Decreto-Lei 91.542 do ano de 1985.

Cassiano (2007), em sua pesquisa de doutorado, apresenta uma importante contextualização histórica do PNLD, de 1985 a 2007, e identifica três momentos distintos em que se estruturam suas políticas. Na primeira fase, de 1985 a 1995, houve a implementação do programa no contexto da redemocratização do Brasil, com novas metas educacionais que foram apresentadas como prioridades pelo novo governo. Nesta ocasião, o PNLD apresentou diversas modificações substanciais em relação ao programa de livro didático anterior, o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF).

O PNLD trazia princípios, até então inéditos, de aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para os alunos da rede pública do então 1º grau (1ª a 8ª série, para alunos de 7 a 14 anos). Podemos dizer que, mais do que prescrições, seus direcionamentos continham determinada visão do educando da escola e, especialmente, implicavam um projeto de nação a ser empreendida na redemocratização do país, visto que políticas educacionais sempre se circunscrevem em contextos de políticas mais gerais. (Cassiano, 2007, p.20).

Assim sendo, o PNLD tinha por objetivos promover a participação do professor na escolha e avaliação dos livros, distribuir de maneira gratuita LD a todos os estudantes matriculados nas escolas públicas de 1º grau e instituir o fim da compra do livro descartável, passando a comprar somente livros reutilizáveis. Contudo, diferentemente dos dois primeiros pontos, apenas o que foi prescrito para os livros descartáveis ocorreu de maneira efetiva na primeira fase do programa. (Cassiano, 2007).

Vale destacar que, diante do contexto político e social de redemocratização do país, em que o PNLD foi instituído, houve a necessidade de ampliar o acesso à educação pública e garantir com que o LD tivesse qualidade e passasse a ser visto com maior importância no processo de escolarização brasileira. Essa importância atribuída ao LD

pode ser observada na Constituição Federal de 1988 (CF), inciso VII, art. 208, que afirma a obrigação do Estado com a Educação, garantindo, “atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (Brasil, 1988).

A segunda fase do PNLD, de 1995 a 2003, é marcada pela oficialização de seu sistema de avaliação dos LD, pela estruturação da rede de distribuição, pela ampliação das políticas de controle do PNLD, pelas diversas institucionalizações e publicações que se tornaram importantes para o campo educacional brasileiro, como por exemplo a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394, de 1996, e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, publicados a partir de 1997. Nesse período, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) é extinta e a política de execução do PNLD é transferida para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), iniciando, a partir de então, uma produção e distribuição contínua e massiva do material didático.

Conforme aponta Cassiano (2007), o PNLD toma novas direções, tendo em vista as mudanças proporcionadas pelas reformas educacionais que privilegiam o LD com investimentos, e as avaliações que também passam a ser a responsabilidade do governo federal, além da compra e distribuição dos LD. Ainda segundo a autora, em 1996, o MEC oficializa a avaliação pedagógica dos LD comprados pelo PNLD, formando comissões para estabelecer critérios de análise e classificação das avaliações. Os resultados dessas avaliações passaram a ser divulgados através dos Guias de Livros Didáticos, que são distribuídos nas escolas, com o objetivo de orientar os professores na escolha do LD.

Desde 1996, com a expansão da circulação do LD no país, o governo brasileiro se estabeleceu como o maior comprador desse material, o que passou a despertar o interesse de editoras internacionais neste promissor e lucrativo mercado dos livros. Com o início do século XXI, o mercado passa por uma nova configuração, em razão da entrada das multinacionais espanholas e dos grandes grupos nacionais, além de muitas editoras passarem a compor novos grupos editoriais. Editoras de didáticos como a Ática, Scipione, Saraiva, FTD, Brasil, Nacional e IBEP e, a partir de 1990, a Moderna e a Atual estiveram na lista de parcerias recorrente do MEC, desde o início do PNLD. (Cassiano, 2007).

No terceiro momento do PNLD, de 2003 a 2007, entre famigeradas recomendações e exclusões, o Governo Federal mantém o processo de avaliação dos LD estabelecido pelo PNLD e amplia seu campo de atuação. Em 2003, foi instituído o Plano Nacional do Ensino Médio (PNLEM), que passou a englobar, também, o ensino médio na distribuição

gratuita de LD. No ano de 2007, foi a vez do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado para a distribuição de LD às instituições parceiras, com o intuito de alfabetizar e escolarizar jovens e adultos com idade igual ou superior a 15 anos. É importante destacar que, em 2009, o PNLA passa a chamar-se PNLD EJA.

No que se refere aos anos seguintes, posteriores à pesquisa de Cassiano (2007), o PNLD continuou se amplificando. Em 2011, foi instituído o PNLD para as escolas do Campo, fundamentado na Política de Educação do Campo, que teve sua primeira edição em 2013, com o objetivo de distribuir LD específicos para professores e estudantes do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental de escolas pertencentes a áreas rurais, de classes seriadas e multisseriadas.

A partir do Decreto n. 9.099 de 2017, ocorreu a unificação dos programas PNLD e Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com isso, o PNLD passa a se chamar Programa Nacional do Livro e do Material Didático e assume a responsabilidade de adquirir e distribuir outros materiais relacionados à prática pedagógica, como por exemplo, softwares, jogos educacionais e materiais de reforço. Passa, também, a disponibilizar LD para alunos da educação infantil e de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas, além da distribuição anual de LD e obras literárias a cada ciclo educacional. Dentre os objetivos do PNLD, apresentados nesse mesmo decreto, destacamos o apoio à implementação da BNCC. (Brasil, 2017).

Pereira (2020) salienta que a homologação e aprovação da BNCC para a Educação Infantil e Ensino Fundamental ocorreu em 2017, já para o Ensino Médio ocorreu somente em 2018, um ano depois. Ainda segundo a autora, também em 2017, foi aberto o edital de convocação para inscrição e avaliação de materiais didáticos para o PNLD 2019, designado à Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No ano seguinte, foi aberto o edital do PNLD 2020, destinado aos Anos Finais do Ensino Fundamental, com a novidade da presença do manual do professor, em versão impressa e digital.

Neste contexto, é importante destacar que a implementação da BNCC resultou em uma proposta de desenvolvimento de competências e habilidades consideradas necessárias à formação, o que fez com que os LD passassem a considerar o desenvolvimento das habilidades e competências mencionadas naquele documento, desde o PNLD 2019, de Anos Iniciais. No que diz respeito aos materiais didáticos de Ensino Médio, mudanças importantes vêm ocorrendo, dado que a BNCC passou a considerar a

definição de habilidades e competências e a implementação dos itinerários formativos, focando-se mais diretamente ao mundo do trabalho, aos projetos de vida e aos projetos integradores por áreas do conhecimento (Copatti, Andreis, Zuanazzi, 2021).

Em 2021, o PNLD apresentou-se em um formato diferente dos editais anteriores, cujo objetivo é levar às escolas materiais didáticos que contribuíssem e viabilizassem a implantação do Novo Ensino Médio¹⁶ e as recentes definições da BNCC. Os objetos disponibilizados às escolas do ensino médio cadastradas foram: objeto 1: Obras Didáticas de Projetos Integradores e de Projeto de Vida; objeto 2: Obras Didáticas por Áreas do Conhecimento e Obras Didáticas Específicas; objeto 3: Obras de Formação Continuada, destinadas aos professores e à equipe gestora; objeto 4: Recursos Digitais; objeto 5: Obras Literárias. (Brasil, 2020).

Dessa maneira, as designações vigentes em edital preveem a produção e a avaliação de “obras didáticas, literárias e de recursos digitais destinados aos estudantes, professores e gestores das escolas do ensino médio da Educação Básica pública, das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal” (PNLD, 2021).

Em suma, desde a implementação da BNCC (2017), os editais do PNLD passaram a seguir as indicações de cumprimento dessa legislação, produzindo materiais didáticos destinados aos diferentes ciclos. “Resultaram disso os LD do PNLD 2019, 2020, 2021 e 2023, os quais são produzidos com base nas competências e habilidades do documento e em Temas Contemporâneos Transversais” (Copatti, Gomes, 2023, p. 937).

Com relação ao PNLD 2023, destinado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), os materiais estarão vigentes nas escolas de 2023 a 2026. Nesta edição, o programa está organizado em quatro objetos. Vejamos a disposição desses objetos¹⁷ (Brasil, 2023):

- Objeto 1: Obras Didáticas – Livro do Estudante impresso, Manual do Professor impresso e versões digitais – destinadas aos estudantes e professores;

¹⁶ A Lei nº 13.415/2017 alterou a LDB e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma BNCC e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. O objetivo é oferecer uma educação de qualidade voltada às habilidades e competências necessárias ao mundo contemporâneo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 17 ago. 2023.

¹⁷ Para mais informações, acessar: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico>.

- Objeto 2: Obras didáticas de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem (impresso e digital em PDF) – destinadas aos estudantes e professores;
- Objeto 3: Obras literárias, destinadas aos estudantes e professores.
- Objeto 4: Obras Pedagógicas, destinadas aos professores e gestores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e Recursos Educacionais Digitais, destinados aos estudantes e professores.

Posto isso, percebe-se que o programa 2023 está ainda mais amplo e acessível, em relação aos programas anteriores, com objetos que ampliam o escopo de recursos educacionais ofertados aos professores e estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Do mesmo modo ocorre com o PNLD 2024, que é destinado aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e se organiza em três objetos¹⁸:

- Objeto 1: Coleções Didáticas, organizadas por componente curricular nas versões Livro do Estudante impresso (exceto o componente curricular Educação Física) e digital-interativo e Manual impresso e digital-interativo para o Professor;
- Objeto 2: Coleções de Recursos Educacionais Digitais (REDs) - materiais de Projeto de Vida, Projetos Integradores e plano, sequências, avaliações e itens de avaliação, apenas em versão digital-interativa para o Estudante e para o Professor;
- Objeto 3: Obras Literárias em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa nas versões impressa e digital para o Estudante e versão digital para o Professor, dividido em duas categorias (**6º e 7º anos**) e (**8º e 9º anos**).

Diante do breve exposto, vale reafirmar que o LD é uma ferramenta que apresenta grande influência no ensino-aprendizagem e, por isso, tal estudo contribui de maneira significativa para uma melhor escolha dos materiais didáticos e qualificação de possíveis aspectos em sua política.

Há diversas editoras no Brasil que se dedicam ao ensino e contribuem para a Educação Básica, disponibilizando materiais didáticos, paradidáticos e obras literárias criadas para o contexto escolar, em acordo com as políticas e diretrizes educacionais vigentes. Este movimento não está vinculado a um projeto nacional específico, mas sim a uma crescente demanda educacional que, através de iniciativas governamentais e políticas de ensino, tem despertado o interesse de editoras renomadas em desenvolver

¹⁸ Informação disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/pnld-2024-2013-objeto-1/pnld-2024-2013-objeto-1>. Acesso em: 30 ago. 2023.

coleções voltadas para esse público. Entre as editoras que lançaram coleções didáticas estão a Ediouro, com a Coleção Prestígio, e a Ática, com a Série Bom Livro/Edição Didática.

Fundada em 1939 com o nome Pan-Americas, a editora Ediouro se transformou nas Edições de Ouro e, tempos depois, nas Empresas Ediouro Publicações. Com o objetivo de proporcionar aos leitores uma experiência literária baseada na difusão da cultura brasileira, a editora possui um catálogo de mais de 7.000 (sete mil) títulos, entre eles diversos nomes da literatura internacional e brasileira.

O romance *Maria Dusá* é um dos títulos nacionais contemplados pela Ediouro e seu subsidiário grupo Coquetel, uma marca voltada exclusivamente para a área de passatempos. O romance de Lindolfo Rocha integra a Coleção Prestígio, um projeto criado como parte da estratégia para democratizar o acesso à literatura no Brasil e atingir um maior público. Nessa coleção, os livros “[...] foram criteriosamente escolhidos entre as obras dos melhores autores nacionais e portugueses, de diferentes épocas e de diferentes gêneros literários” (Ediouro/Coleção Prestígio, sd). Paralelamente ao escritor Lindolfo Rocha com o seu romance chapadista, autores considerados clássicos da literatura brasileira fizeram parte dessa coleção, a exemplo de Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, entre outros.

A editora foi uma das pioneiras a lançar os famosos “livros de bolso”, ofertados a um custo/preço baixo com o propósito de estimular a divulgação e a popularização de diversos títulos literários. Todos os livros apresentam, normalmente, capas de cartão flexível, brilhantes, ilustradas e coloridas, bem como a informação editorial de que as edições reproduzem integralmente os textos originais. No caso do livro *Maria Dusá*, consta ainda, na folha de rosto, a informação de um apêndice que se destina essencialmente a finalidade didática. Nesse apêndice didático são realizadas considerações acerca da obra e do autor, e são levantadas questões relativas ao texto.

Além da Coleção Prestígio, o romance chapadista de Lindolfo Rocha integrou outra importante coleção didática, a Série Bom Livro/Edição Didática da Editora Ática. Lançada por volta de 1970, essa coleção surgiu como um reforço à necessidade de tornar clássicos da literatura acessíveis e compreensíveis a estudantes da Educação Básica. Consagrada no meio educacional, a Edição Didática integrou amplamente bibliotecas de escolas brasileiras, garantindo a democratização do acesso e contribuindo para a formação literária de gerações de estudantes. Para tanto, a editora precisou desenvolver um bom

planejamento para que suas edições estivessem alinhadas com os critérios e necessidades educacionais. Para auxiliar o trabalho pedagógico e, principalmente, os estudantes, as Edições Didáticas incluíram notas de rodapé, com comentários e explicações linguísticas e histórico-culturais, glossários e suplemento de trabalho como guia de estudo das obras.

Assim como a Coleção Prestígio, a Série Bom Livro foi projetada para que os livros tivessem a reprodução integral dos textos originais a um preço acessível e pudessem ser adquiridos em grande número por diversas instituições de ensino, especialmente as instituições públicas, para compor bibliotecas escolares, e até mesmo ser adquirida pelo público leitor. Nessa coleção, foi realizada uma seleção de autores considerados clássicos da literatura nacional e internacional. Provavelmente, os títulos foram escolhidos mediante a sua relevância educacional para integrarem o currículo escolar. Na edição *Maria Dusá* consta, na contracapa, a lista com os “clássicos da nossa literatura” que integram a coleção, como podemos observar a seguir.

Quadro 02 – Série Bom Livro: Os clássicos da nossa literatura

AUTORES	OBRAS
Machado de Assis	Ressurreição; A mão e a luva; Helena; Iaiá Garcia; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Quincas Borba; Dom Casmurro; Esaú e Jacó; Memorial de Aires; O Alienista; Contos.
José de Alencar	Cinco minutos – A viuvinha; O guarani; Iracema; Ubirajara; A pata da gazela; Lucíola; Senhora; O sertanejo; O tronco do Ipê.
Manuel Antônio de Almeida	Memórias de um sargento de milícia
Joaquim Manuel de Macedo	A moreninha; A luneta mágica
Visconde de Taunay	Inocência
Franklin Távora	O cabeleira
Bernardo Guimarães	A escrava Isaura; O seminarista; O garimpeiro.
Aluísio Azevedo	Casa de pensão; O cortiço; O mulato.
Raul Pompéia	O Ateneu
Domingos Olímpio	Luzia-Homem
Adolfo Caminha	A normalista
Alexandre Herculano	Eurico, o presbítero
Camilo Castelo Branco	Amor de perdição
Júlio Dinis	As pupilas do senhor reitor
Eça de Queirós	O primo Basílio
Lindolfo Rocha	Maria Dusá

Fonte: Série Bom Livro/Edição Didática

Conforme observado no quadro, a maioria dos autores que integravam a coleção já eram concebidos como cânone da nossa literatura. Ser um cânone na literatura significa fazer parte de um grupo de escritores que possuem obras literárias que são amplamente reconhecidas como as mais relevantes pela crítica literária. Essas obras são geralmente estudadas e chamadas de clássicos da literatura. De acordo com Calvino (2007, p.10-11), “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Os clássicos listados pela Série Bom Livros não possuem correlação, pois se inserem em distintos períodos literários e abordam temas diversos. O romance *Maria Dusá*, vincula-se aos romances pré-modernistas no que diz respeito à linguagem empregada, ao universo retratado e às temáticas abordadas (Meira, 2015). Nesse contexto, chamamos atenção para o fato de que, embora *Maria Dusá* agregue um grande valor literário, histórico, linguístico e cultural, essa não é uma obra literária comumente reconhecida como um clássico da literatura brasileira.

Como já mencionado ao longo desta tese, Lindolfo Rocha e sua obra não tiveram o reconhecimento merecido e necessário para serem canonizados, permanecendo por um longo período no limbo literário. O mais próximo que Lindolfo Rocha e *Maria Dusá* chegaram do grande público foi através das coleções didáticas das duas editoras citadas e da adaptação do romance para uma popular telenovela da Rede Globo de televisão, *Maria Maria* em 1978.

É importante destacar que a publicação de *Maria Dusá* (1978) pela Série Bom Livro/Edição Didática da Editora Ática ocorreu no mesmo período da referida telenovela. Não podemos dizer ao certo se a telenovela teve alguma influência direta para que Lindolfo Rocha e o seu romance fossem incluídos nessa coleção. No entanto, acreditamos que a telenovela tenha contribuído para a ampla divulgação do romance no período e, conseqüentemente, para o lançamento de uma segunda edição da coleção Didática em 1980.

A relevância literária, temática e territorial do romance, sobretudo no contexto do sertão baiano e da Chapada Diamantina, pode ter favorecido a inclusão de *Maria Dusá* nas coleções didática mencionadas. Acrescentamos a isso, o seu valor histórico e cultural que pode ser explorado em diferentes contextos de aprendizagem.

O romance apresenta em sua narrativa várias temáticas centrais, as quais podem ser abordadas no contexto da sala de aula da Educação Básica, contribuindo

essencialmente para a formação de leitores. Entre as temáticas, podemos citar o garimpo, a mulher, o escravo, entre outros.

Ambientado em 1960, o romance destaca ao longo de sua narrativa um aspecto importante da vida social daquele período, o trabalho escravo. Embora a abolição da escravidão tenha sido efetivada somente em 1888 no Brasil, Lindolfo Rocha utiliza essa temática para refletir a desigualdade econômica e social de um período histórico que ainda apresentava resquícios na sociedade do período que o romance foi escrito. No romance, os escravos Joaquim e a negra Rita prestavam subserviência a Maria Dusá, com lealdade e devoção, mesmo sendo negros libertos. Essa relação de escravo-senhora aparece no seguinte trecho: “Quasi ao mesmo tempo vieram os dous. [...] as ordens eram seguras, decisivas, como se as dêsse um homem. Os escravos já conheciam a veia da senhóra, e em taes ocasiões, se tornavam irreprehensíveis” (Rocha, 1910, p. 130). Nesse contexto, o autor revisita as condições sociais nas quais muitos ex-escravos e seus descendentes viviam, impostas pela pobreza e pela exploração.

Maria Dusá, a personagem central do romance, representa a figura feminina em um contexto marcado pelas limitações impostas pela sociedade patriarcal e que, ainda assim, exerce um protagonismo feminino. Sua personagem nos permite compreender a condição feminina no século XIX, um período em que as mulheres não tinham autonomia e suas vozes eram silenciadas. Ao contrário do que se espera no contexto da narrativa, Lindolfo Rocha cria uma personagem complexa, forte, espirituosa e de resistência, que é constantemente confrontada pela contradição das suas lutas internas e externas em relação à condição feminina.

No que se refere ao tema garimpo, o escritor aborda o ciclo diamantífero na Chapada Diamantina como um local de atividade econômica que representa a riqueza rápida e a esperança de acensação social em um contexto de pobreza no sertão baiano. Contudo, o garimpo também é apresentado como um cenário de muitos conflitos e exploração, tanto de mão de obra quanto do meio ambiente. Assim, o romance levanta questões sobre a mineração de diamantes que estão intimamente ligadas a aspectos da formação cultural, econômica e social do Brasil. Além disso, o garimpo teve um papel importante na colonização e expansão territorial do país. Essa temática é um elemento muito importante na narrativa, pois retrata um capítulo da história de um Brasil profundo.

Outro aspecto relevante a destacar é que, ao narrar a vida e o ciclo diamantífero na região da Chapada Diamantina, o romance retrata os costumes e a linguagem local,

rica em expressões regionais e vocabulares que ajudam a compreender e valorizar a identidade cultural dessa região.

Entendemos que são diversos os aspectos que fazem de *Maria Dusá* um romance relevante, cuja riqueza temática e literária o coloca entre os títulos selecionados para compor importantes coleções voltadas para a educação. Embora o romance não tenha tido uma ampla circulação nas escolas, as editoras Ediouro e Ática desempenharam um papel importante ao contribuir para que um romance de grande relevância chegasse a um número maior de leitores, especialmente da Educação Básica.

Portanto, consideramos *Maria Dusá*, um romance da literatura brasileira, de suma importância para compor o repertório literário das escolas da Educação Básica, por propiciar o estudo de um autor não canônico e por apresentar características regionais, linguísticas e identitárias de uma cultura local, tendo em vista a formação de leitores e a valorização da literatura da Chapada Diamantina e do sertão baiano.

4 A HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE MARIA DUSÁ

Na hiperedição do romance *Maria Dusá*, encontram-se a edição interpretativa do romance, o dossiê arquivístico com os paratextos e sociotextos e as atividades pedagógicas pensadas, especialmente, para estudantes da Educação Básica. Para tanto, elaboramos uma plataforma digital gratuita para apresentar de maneira interativa, dinâmica e didática o romance *Maria Dusá*, do escritor Lindolfo Rocha.

4.1 TRADIÇÃO TEXTUAL DO ROMANCE

Quadro 03 – Edições do romance *Maria Dusá*

TEXTO	TÍTULO DO ROMANCE	EDIÇÃO	EDITORA / COLEÇÃO	LOCAL	ANO
Texto 1	<i>Garimpeiros - Maria Dusá - romance de costumes sertanejos e 'chapidistas'</i>	Outubro a Abril	Folhetim - Diário de Notícias	Salvador - BA	1908 a 1909
Texto 2 – texto-base	<i>Maria Dusá (Garimpeiros) - “romance de costumes sertanejos e “chapidistas..”</i>	1ª edição	Chardron	Porto – Portugal	1910
Texto 3	<i>Maria Dusá</i>	2ª edição	Instituto Nacional do Livro/Coleção Cultura Brasileira	Rio de Janeiro - RJ	1969
Texto 4	<i>Maria Dusá</i>	1ª edição	Ática/Série Bom Livro	São Paulo – SP	1978
Texto 5	<i>Maria Dusá</i>	2ª edição	Ática/Série Bom Livro	São Paulo – SP	1980
Texto 6	<i>Maria Dusá</i>	Não informado	Ediouro/Coleção o Prestígio	Rio de Janeiro - RJ	Não informado

Texto 7	<i>Maria Dusá</i>	Não informado	Ediouro/Coleção Prestígio	Rio de Janeiro - RJ	Não informado
Texto 8	<i>Maria Dusá</i>	Não informado	P55/Coleção Biblioteca Básica da Literatura Baiana	Salvador - BA	2011

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.1 Texto 1

Trata-se do romance publicado em folhetim pelo Jornal *Diário de Notícias*, entre os anos de 1908 e 1909, na cidade de Salvador. A obra foi dividida em trinta e sete (XXXVII) capítulos, distribuídos ao longo de cinquenta e seis (56) folhetins. No cabeçalho de cada publicação, aparece primeiramente a palavra FOLHETIM, seguida do título GARIMPEIROS, ambos grafados em caixa alta. Na sequência, vem o título *Maria Dusá*, acompanhado do subtítulo *romance de costumes sertanejos e chapadistas*, impresso em fonte de corpo menor.

Os exemplares de folhetins consultados encontram-se na Biblioteca Central do Estado da Bahia (BCEB), localizada na cidade de Salvador. Estão organizados em volumes trimestrais, encadernados em formato brochura, conforme a prática editorial adotada à época. Esses volumes são acondicionados em caixas e armazenados em estantes, compondo parte do acervo físico da instituição.

Figura 08 – Acervo e encadernamento dos folhetins



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

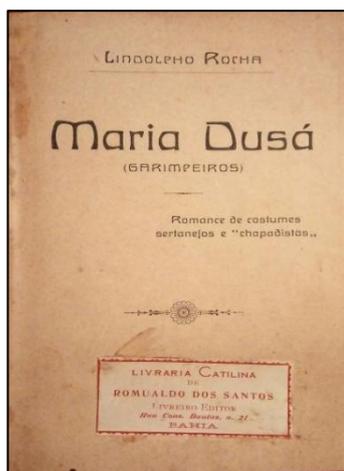
4.1.2 Texto 2 – texto de base

O texto de número 2, indicado como texto-base, refere-se à primeira edição do romance *Maria Dusá*, publicada pela editora Chardron, no Porto, no ano de 1910. Composto por 312 páginas, o romance é dividido em 37 capítulos, sem títulos, apenas numerados em algarismos romanos. O volume apresenta medidas de 12 x 19 cm.

Optou-se por adotar essa edição como texto-base por se tratar da única publicada em livro ainda em vida de Lindolfo Rocha, o que a torna, até onde sabemos, a versão mais próxima da vontade do autor. Conforme apresentado ao longo desta tese, embora o romance tenha sido originalmente veiculado em folhetins, não foi possível reunir a totalidade dos exemplares, seja pela ausência de parte deles nos acervos consultados, seja pelo avançado estado de deterioração de alguns dos que localizamos. Tais restrições inviabilizaram o uso desse material como fonte de referência principal para a presente pesquisa.

A capa dessa edição de 1910, publicada pela Livraria Chardron, apresenta encadernação em brochura, com letras grafadas em cor preta sobre um fundo de cor não identificada. Na parte superior, encontra-se o nome do autor, Lindolfo Rocha; logo abaixo, o título do romance, *Maria Dusá (Garimpeiros)*; em seguida, o subtítulo “romance de costumes sertanejos e chapadistas” e, por fim, o local de edição — Porto —, a editora — Livraria Chardron — e o ano de publicação — 1910. Na lombada, constam o título do romance e outra informação não identificada, devido ao estado de deterioração do exemplar.

Figura 09 – Capa do livro *Maria Dusá (Garimpeiros)*



Fonte: Elaborado pela autora.

Na frente da falsa folha de rosto, apresenta-se o título *Maria Dusá* (Garimpeiros) e, no verso, uma lista de obras literárias e estudos realizados por Lindolfo Rocha. Já na folha de rosto, constam o nome do autor, Lindolfo Rocha, seguido do título e subtítulo do romance, do nome da editora e do ano de publicação. No verso da folha de rosto, encontra-se a indicação: Imprensa Moderna, Rua da Rainha D. Amélia, 53 – Porto, 1910.

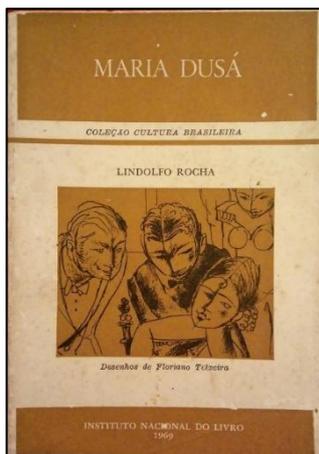
Exceto nas páginas de abertura dos capítulos, todas as demais páginas apresentam, no cabeçalho, o título *Maria Dusá*. Ao final de cada capítulo, figura o emblema da editora Chardron. A obra não possui posfácio.

4.1.3 Texto 3

No texto de número 3, trata-se da 2ª edição publicada pelo Instituto Nacional do Livro (INL), publicada no ano de 1969, na cidade do Rio de Janeiro. Constante de 303 páginas, divididas em 37 capítulos (numeração escrita em algarismos romanos), a edição pertence à Coleção Cultura Brasileira: série literatura. Os capítulos apresentam apenas a numeração, sem títulos específicos. O texto é grafado em tinta preta, e a(s) primeira(s) palavra(s) de cada capítulo grafadas em letras maiúsculas.

A capa do livro apresenta o título *Maria Dusá*, seguida do nome Coleção Cultura Brasileira e, depois, o nome do autor Lindolfo Rocha. Ao centro, há uma ilustração realizada por Floriano Teixeira, que na composição de cena ilustra dois homens e duas mulheres, sendo que uma das mulheres aparece em plano de fundo. Logo abaixo, são apresentados o nome da editora e o ano da publicação. No que se refere aos elementos gráficos, foram utilizadas na capa do livro as cores branca, preta e dourado fosco.

Figura 10 – Capa do livro *Maria Dusá* – Coleção Cultura Brasileira



Fonte: Elaborado pela autora.

Na contracapa não há a presença de texto escrito, possui apenas uma página branca com uma lista dourada que perpassa pela capa. Na lombada são apresentados o nome da coleção, a série, o nome do autor e o título da obra.

No verso da falsa folha de rosto é apresentada a ficha catalográfica. Na folha de rosto é contêm o nome da coleção e a série, o nome do autor, o nome do romance, o número da edição, os nomes do organizador da obra e do desenhista, o emblema da editora, local e data.

No prefácio, são apresentados: os traços biográficos de Lindolfo Rocha; a apresentação do romance *Maria Dusá*; o tratamento do texto, no que diz respeito à reprodução da edição realizada pela professora Maria Filgueiras, que tomou como base a primeira edição do romance de Rocha (1910); cronologia da vida de Lindolfo Rocha e bibliografia do autor e sobre o autor. Não há posfácio.

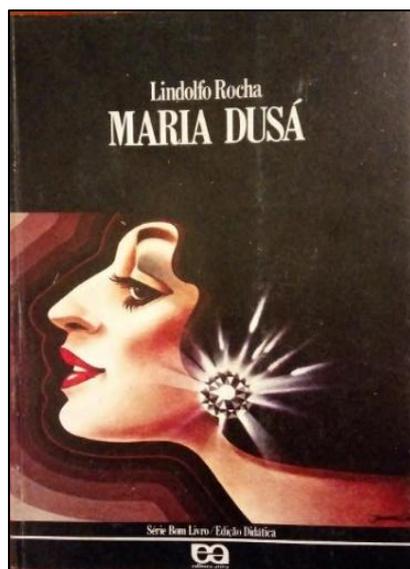
A partir do capítulo I, as páginas de números pares apresentam cabeçalho com o nome de Lindolfo Rocha, enquanto as páginas de números ímpares apresentam o nome do romance *Maria Dusá*. Ao longo do texto há algumas ilustrações de desenhos, realizados por Floriano Teixeira, correspondente à narrativa apresentada em cada capítulo.

4.1.4 Texto 4

No texto de número 4, apresenta-se a edição da editora Ática, publicada em 1978, no estado de São Paulo, e que faz parte da coleção Série Bom Livro/Edição Didática. Nessa edição constam 159 páginas, divididas em 37 capítulos (numeração escrita em algarismos romanos). O texto é escrito em tinta preta. Os capítulos não apresentam títulos, apenas numeração em algarismos romanos, e primeira letra do texto de cada capítulo é apresentada em letra maiúscula e negrito, enquanto que a primeira palavra é grafada em letra maiúscula, na maioria das vezes.

O livro é em capa de brochura e possui primeira orelha e segunda orelha. A capa apresenta o nome do autor, o título do romance e, por fim, o nome e emblema da editora. Ao centro é ilustrada a imagem de uma mulher de cabelos escuros, batom vermelho e um brinco de aspecto grande e brilhante. A cor predomina a capa e contracapa é a preta, com letras brancas. Na lombada aparecem apenas o emblema da editora, o título do romance e o nome do autor.

Figura 11 – Capa do livro *Maria Dusá* – Série Bom Livro



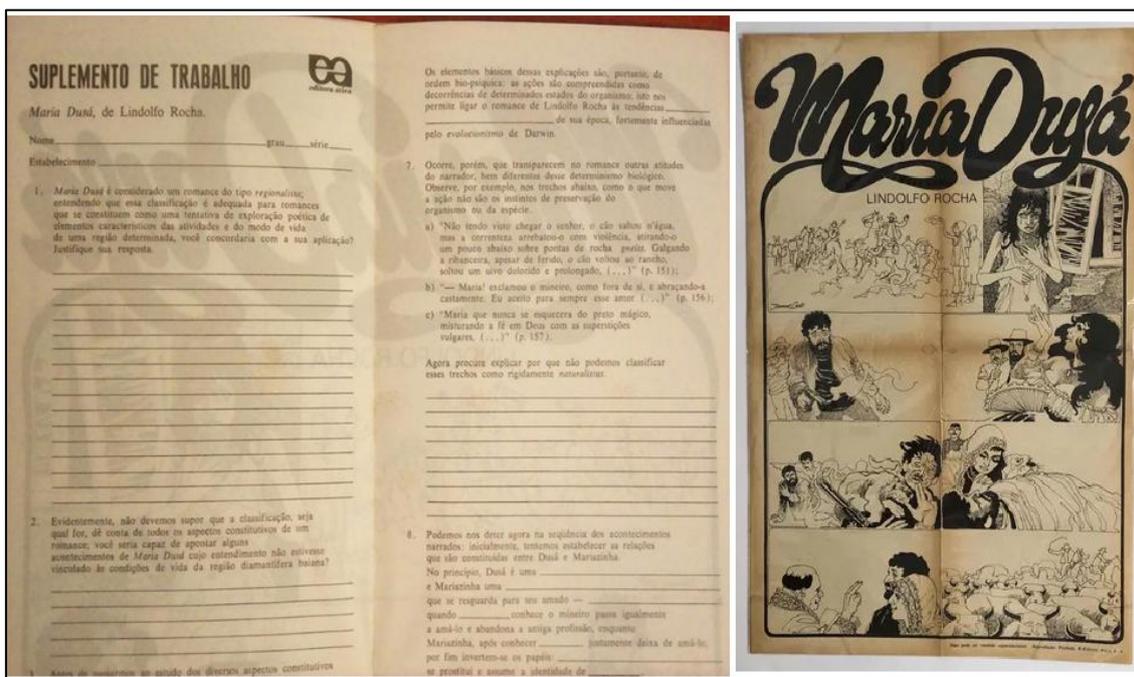
Fonte: Elaborado pela autora.

Na contracapa são listados os clássicos da literatura pertencentes à Série Bom Livro da editora. Já na folha de rosto são descritos o nome do autor, o nome do romance, o emblema da editora Ática e as informações de que a edição apresenta texto integral, organizado por Afrânio Coutinho, e faz parte da série Bom Livro, dirigida por Jiro Takahashi. No verso da folha de rosto contém ainda as seguintes informações: notas da editora e suplemento de trabalho por Antonio Alcir Bernárdez Pécora; Ilustrações da capa e do suplemento de trabalho por Jayme Leão; capa (layout) por Ary Almeida Normanha; e a ficha catalográfica.

Tendo em vista o caráter didático da edição, no prefácio são apresentados os dados biográficos de Lindolfo Rocha, de forma cronológica; os traços biográficos; a apresentação do romance *Maria Dusá*; a descrição do tratamento do texto, a partir da edição realizada pela professora Maria Filgueiras, em acordo com o texto-base de 1910.

No corpo do texto há algumas notas de rodapé. Não há posfácio, mas a edição conta um material à parte, denominado suplemento de trabalho. Esse suplemento é composto por 10 questões discursivas e um pôster ilustrativo, voltados para os estudantes da Educação Básica.

Figura 12 – Suplemento de Trabalho – Série Bom Livro



Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.5 Texto 5

É importante destacar que, após a edição de 1978 da Série Bom Livro, a editora Ática lançou uma segunda edição do romance *Maria Dusá*, no ano de 1980 (texto 5), cujos elementos tipográficos são idênticos aos da edição anterior.

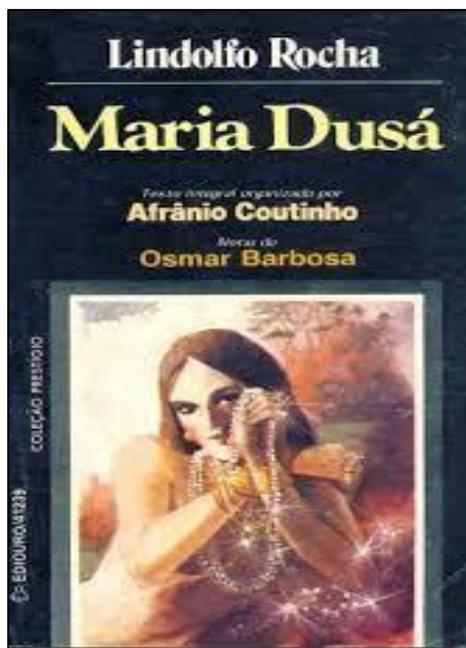
4.1.6 Texto 6

Com relação ao texto de número 6, temos a edição da Ediouro – Coleção Prestígio, com data de publicação não informada. Nessa edição, constam 37 capítulos, distribuídos em 148 páginas. As entradas dos capítulos não apresentam títulos, apenas numeral, e em todos os capítulos a primeira letra do texto é destaca em negrito. Todo o texto é grafado em tinta preta.

A capa apresenta o nome do autor Lindolfo Rocha; o nome da obra *Maria Dusá*; informações de que o texto é integral, organizado por Afrânio Coutinho, e possui notas de Osmar Barbosa. Também é apresentada a editora Ediouro/41239 e a coleção Prestígio. Os elementos gráficos são nas cores: branca, amarelo claro, amarelo escuro, bege e rosa.

Ao fundo a cor predominante é o preto. Na metade da capa é ilustrada a pintura de uma jovem mulher, enfeitada com muitas joias. A textura da capa é lisa.

Figura 13 – Capa do livro *Maria Dusá* – Coleção Prestígio



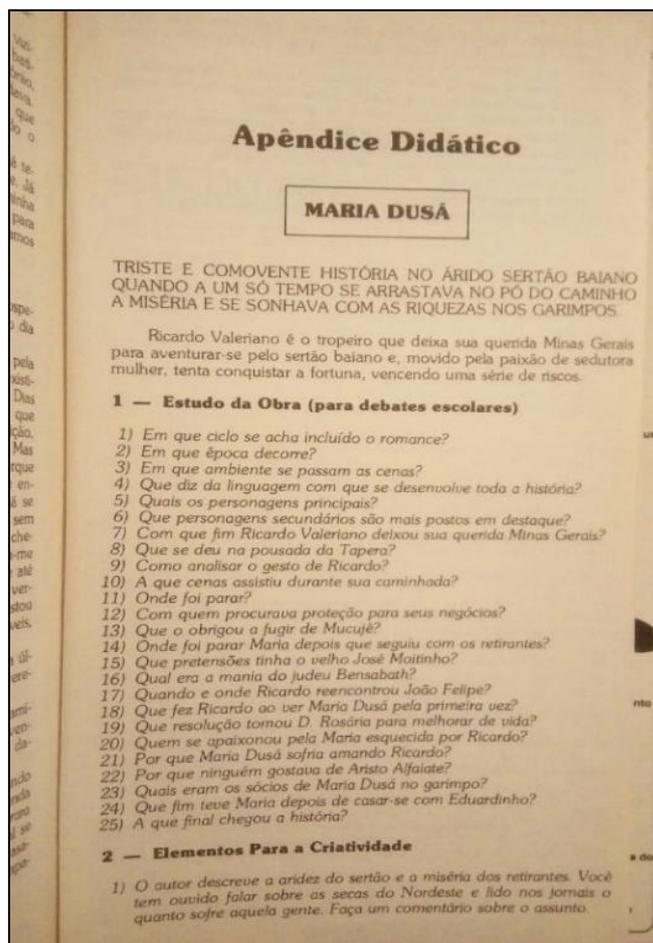
Fonte: Elaborado pela autora.

A lombada do livro é reservada ao nome da coleção, a série, o nome do autor e o título da obra. Já na contracapa, são apresentados o nome da coleção Prestígio, o nome do romance *Maria Dusá* e uma breve sinopse. Além disso, há uma propaganda informativa de que os livros da Ediouro são publicados a preços acessíveis e formatos convenientes, leves e portáteis.

No prefácio, Afrânio Coutinho apresenta: os traços biográficos de Lindolfo Rocha; a apresentação do romance *Maria Dusá*; o tratamento do texto, no que se refere à edição realizada pela professora Maria Filgueiras, que tomou como base a primeira edição do romance de Rocha (1910).

Nos elementos pós-textuais possui as “Notas” de 68 lexias regionais/culturais utilizadas na narrativa e um “Apêndice Didático” com: 1 – “Estudo da Obra”, constando 25 questões; 2 – “Elementos para a criatividade”, com 5 questões (material anexo).

Figura 14 – Apêndice Didático – Coleção Prestígio



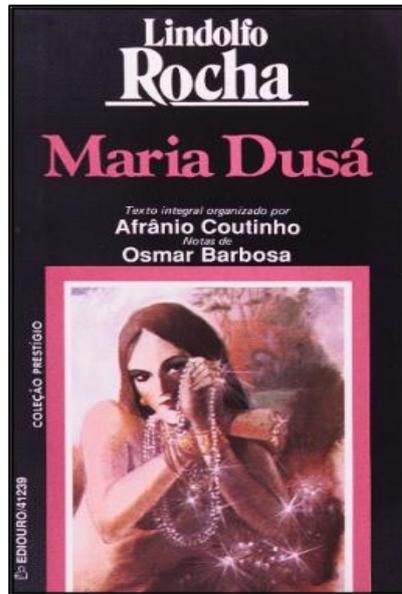
Fonte: Elaborado pela autora

Assim como a *Àtica*, a editora Ediouro/Coleção Prestígio publicou mais de uma edição do romance *Maria Dusá*. Embora as edições não sejam datadas, elas se diferenciam em alguns quesitos, conforme serão apresentados na subseção seguinte.

4.1.7 Texto 7

No texto de número 7, apresentamos uma outra edição da Ediouro – Coleção Prestígio, com data de publicação também não informada. Nesta edição, os elementos gráficos da capa são apresentados nas cores branca e rosa, com fundo preto. Ademais, a capa e a contracapa possuem uma textura rugosa, possível de ser identificada visualmente e pelo tato.

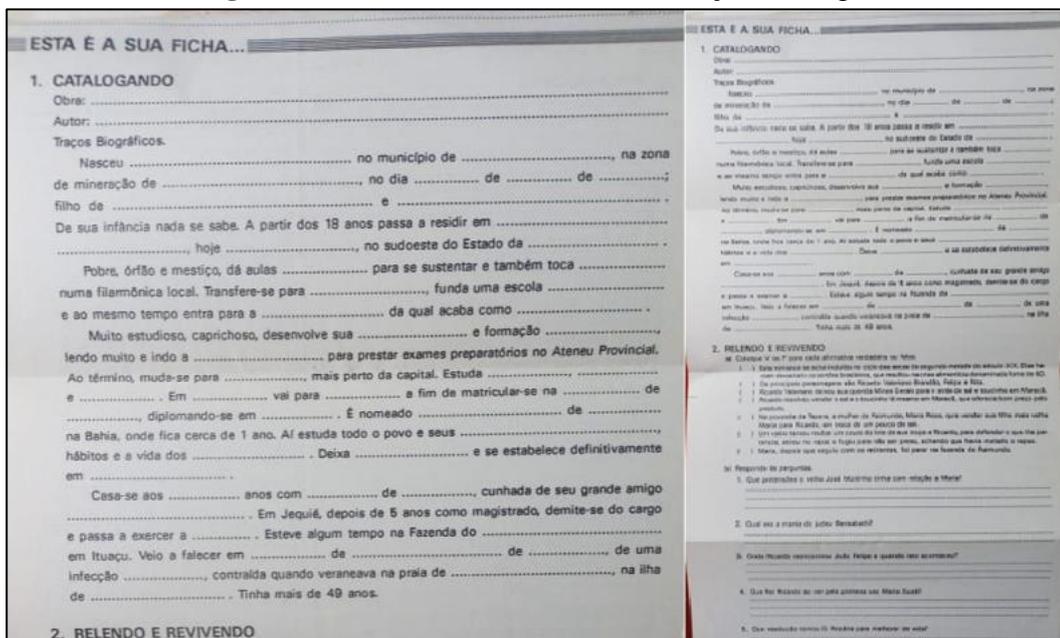
Figura 15 – Capa do livro *Maria Dusá* – Coleção Prestígio



Fonte: Elaborado pela autora.

Além da capa, as referidas edições publicadas pela Coleção Prestígio se diferem nos elementos pós-textuais. Embora ambas edições possuam a ficha de “Notas” com 68 lexias, a atividade didática possui um conteúdo diferente. Nesta última edição, a atividade didática é denominada de “Ficha”, com os seguintes itens: 1 – “Catalogando”; 2 – “Relendo e revendo”; 3 – “Personagens”. Diferentemente da edição anterior, a ficha de atividades dessa edição não pode ser destacada do livro.

Figura 16 – Ficha de atividades – Coleção Prestígio



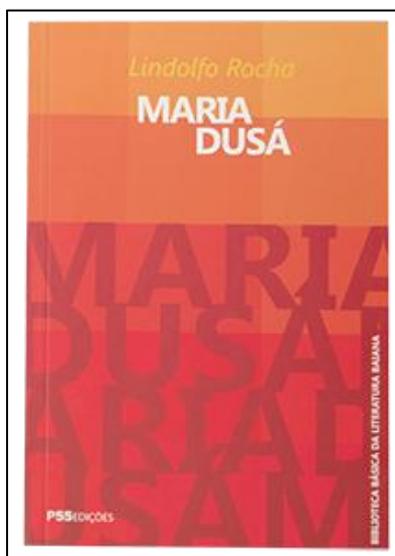
Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.8 Texto 8

No texto de número 8, temos a edição da editora P55, coleção da Biblioteca Básica da Literatura Baiana, publicada na cidade de Salvador, no ano de 2011. Nessa edição, o romance possui 343 páginas, distribuídas em 37 capítulos. Em cada capítulo é apresentado o título “Capítulo”, seguido da sua numeração em algarismos romanos. Todo o texto é grafado em tinta preta.

A capa é em brochura e apresenta as cores em tons amarelos, vermelhos e branco. Nela, é descrito o nome do autor, o título do romance, o nome editora e da coleção. Na metade da página é ilustrado o nome do romance *Maria Dusá*, em maior destaque. Na lombada aparecem o nome do autor, o nome do romance e a editora. Além disso, na orelha do livro, são apresentados um breve resumo da vida e obra de Lindolfo Rocha.

Figura 17 – Capa do livro *Maria Dusá* – P55 edições



Fonte: Elaborado pela autora.

Na folha de rosto consta o nome do autor, o nome do romance, o local e ano de publicação e a editora. E no verso o nome Biblioteca Básica da Literatura Baiana. No prefácio contêm as informações e objetivos da coleção e a biografia do autor, enquanto no posfácio são apresentadas a bibliografia utilizada para a edição, as informações da Biblioteca Básica da Literatura Baiana e a ficha catalográfica.

Na contracapa é disposto um resumo dos objetivos da Biblioteca Básica da Literatura Baiana. Ao final da página constam os emblemas da Fundação Pedro Calmon,

do Fomento à Cultura – Fundo de Cultura, do Governo do Estado da Bahia, Secretaria da Fazenda e Secretaria da Cultura.

Em síntese, foram apresentadas oito edições do romance *Maria Dusá*. A primeira corresponde ao folhetim publicado no jornal *Diário de Notícias* (1908–1909). A segunda é a primeira edição em formato de livro, lançada pela editora Chardron, em Portugal, em 1910, e considerada aqui como texto-base. Seguem-se a edição do Instituto Nacional do Livro (1969, 2ª edição), duas edições publicadas pela Ática, na coleção Série Bom Livro (1978 e 1980), duas edições da Ediouro, pela Coleção Prestígio (SD1 e SD2), e, por fim, a edição da P55, pela Coleção Biblioteca Básica da Literatura Baiana (2011).

Além dos aspetos já descritos sobre essas edições, analisamos a ortografia adotada e a fidelidade da reprodução dos textos. Essas informações, juntamente com outros dados mencionadas, estão sintetizadas no quadro a seguir.

4.2 OS ASPECTOS EDITORIAIS

O levantamento dos aspectos editoriais de *Maria Dusá* evidencia um percurso que vai das edições legitimadas pelo próprio autor até versões voltadas para o espaço escolar. As primeiras publicações, tanto no *Diário de Notícias* quanto pela editora Chardron, em Portugal, foram avalizadas por Lindolfo Rocha e mantiveram a ortografia vigente à época, sem aparato crítico ou recursos didáticos adicionais. Esse dado demonstra a intenção inicial de apenas registrar e difundir a obra no circuito literário de seu tempo, sem preocupação em oferecer mediações para o leitor.

A partir da edição publicada pelo Instituto Nacional do Livro, já sob a Coleção Cultura Brasileira, observa-se uma mudança significativa: o texto passa a ser atualizado conforme as normas ortográficas oficiais de 1943, recebe notas filológicas elaboradas pela professora Maria Filgueiras e incorpora ilustrações. Essa tendência se consolida nas edições posteriores da Ática, especialmente na Série Bom Livro, nas quais a atualização ortográfica é acompanhada de um cuidado em preservar a fala dos personagens conforme o texto-base, demonstrando sensibilidade ao valor linguístico da obra. Além disso, essas edições inserem suplementos de trabalho e material ilustrativo, situando *Maria Dusá* no espaço pedagógico da Educação Básica.

As edições da Ediouro, pertencentes à Coleção Prestígio, ampliam ainda mais esse caráter didático, trazendo glossário com 68 lexias, apêndices explicativos e fichas de atividades destacáveis. Aqui, o romance é explicitamente escolarizado: mais do que

oferecer o texto literário, busca-se fornecer instrumentos que facilitem a leitura e a interpretação, aproximando o estudante do vocabulário e do contexto histórico e cultural da narrativa. Em contraste, a edição da P55, na Coleção Biblioteca Básica da Literatura Baiana, apesar de atualizar a ortografia conforme as normas de 1990/2009, não apresenta aparato crítico, glossário ou recursos pedagógicos, o que a distancia das preocupações didáticas das edições anteriores e sugere outro tipo de circulação, mais restrita ao meio literário territorial.

Esse percurso editorial permite observar dois movimentos complementares: de um lado, a substituição da legitimidade autoral pela autoridade do editor-filólogo, como no trabalho de Maria Filgueiras, que passou a garantir a confiabilidade do texto; de outro, a transformação de *Maria Dusá* de romance chapadista em obra escolarizada, mediada por recursos que a inserem no ambiente educacional. Assim, a história editorial do romance não apenas documenta mudanças textuais e gráficas, mas também reflete os deslocamentos de recepção, circulação e apropriação da obra, revelando como um texto literário do início do século XX foi progressivamente adaptado para atender às demandas formativas da escola brasileira.

Quadro 04 – Aspectos editoriais das edições de *Maria Dusá*

EDIÇÃO/ EDITORA	REPRODUÇÃO DOS ORIGINAIS INFORMADA	ORTOGRAFIA	NOTAS FILOLÓGICAS	ILUSTRAÇÕES	GLOSSÁRIO	EDIÇÃO DIDÁTICA
Jornal Diário de Notícias	Avalizada pelo autor.	Ortografia de aspecto etimológico. Ainda não havia ocorrido a reforma ortográfica.	Não	Não	Não	Não
Chardron - Porto, Portugal	Avalizada pelo autor.	Ortografia de aspecto etimológico. Ainda não havia ocorrido a reforma ortográfica.	Não	Não	Não	Não
Instituto Nacional do Livro / Coleção Cultura Brasileira	Sim	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1943).	Sim (Profa. Maria Filgueiras)	Sim	Não	Não

Ática/Série Bom Livro	Sim	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1943). Na fala dos personagens, respeitou-se o texto-base.	Sim (Profa. Maria Filgueiras)	Não	Não	Sim. Possui Suplemento de Trabalho e um pôster ilustrativo (material à parte).
Ática/Série Bom Livro	Sim	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1943). Na fala dos personagens, respeitou-se o texto-base.	Sim (Profa. Maria Filgueiras)	Não	Não	Sim. Possui Suplemento de Trabalho e um pôster ilustrativo (material à parte).
Ediouro/Coleção Prestígio (Capa lisa)	Sim	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1943). Na fala dos personagens, respeitou-se o texto-base.	Sim (Profa. Maria Filgueiras)	Não	Sim (68 lexias)	Sim. Possui apêndice didático.
Ediouro/Coleção Prestígio (Capa rugosa)	Sim	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1943). Na fala dos personagens, respeitou-se o texto-base.	Sim (Profa. Maria Filgueiras)	Não	Sim (68 lexias)	Sim. Possui ficha de atividades (material para ser destacado).
P55/Coleção Biblioteca Básica da Literatura Baiana	Não	Atualização da ortografia, pelo sistema oficial vigente (1990/2009).	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3 CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS ADOTADOS NA EDIÇÃO

Para realizar uma edição digital é necessário levar em conta os procedimentos gerais fundamentais que a orientam. Portanto, antes de lidar diretamente com a plataforma de edição digital, será necessário: a) a digitalização com formato específico e adequado; b) a elaboração dos metadados; e c) a transcrição de todos os documentos textuais, com o mínimo de interferência possível. Sendo assim, o texto só poderá lidar diretamente com a plataforma de edição digital se esses procedimentos forem realizados previamente.

Neste segmento, será elaborada uma hiperedição que, conforme as definições de Barreiros (2013) e McGann (1991), constitui-se numa hipermídia que é capaz de agregar e permitir acesso simultâneo a imagem, som, textos e movimento no mesmo espaço, dentre outras peculiaridades.

Para tanto, de acordo com os princípios postulados por Shillingsburg (1993) e Barreiros (2013), um sistema de publicação na web deve garantir:

a) O acesso livre de qualquer pessoa que disponha de um computador ou outros dispositivos móveis conectados.

b) O design do site e as especificações de armazenamento para os materiais arquivados devem antecipar os anseios da comunidade acadêmica e dos usuários de modo geral, observando aspectos como multimídia, interatividade, a construção de links e hiperlinks etc.

c) A segurança do arquivo fonte;

d) A integridade das informações, que devem ser fundamentadas por meio de pesquisa científica e indicar as fontes pesquisadas;

e) A expansibilidade, permitindo correções e a inserção de novas informações e conteúdo;

f) A portabilidade do sistema, os arquivos não devem depender de softwares exclusivos ou suportes específicos para serem acessadas;

g) A impressão das edições;

h) O desenvolvimento de um sistema de navegação amigável e de fácil manipulação;

i) O acesso às informações acerca dos procedimentos adotados na edição dos textos;

j) A criação de um sistema de busca de informações (via banco de dados alimentado com os metadados do documento);

k) A preservação dos códigos bibliográficos, linguísticos e contextuais inerentes ao documento editado;

l) A capacidade de ser integrada às redes sociais e permitir comentários dos usuários;

m) Oferecer uma barra de menus com opção de acesso aos textos;

n) Permitir, ao usuário, regressar ao ponto anterior e navegar de modo aleatório pelas páginas;

o) Possibilitar o acesso aos textos editados, a partir de qualquer ponto escolhido pelo usuário, dando-lhe a liberdade de navegação;

p) Oferecer a possibilidade de entrar em contato com o editor por meio de um formulário específico;

E a hipertexto, dentre outros princípios, deverá conter:

a) A edição interpretativa do texto editado, permitindo níveis de visualização e ampliação da imagem;

b) A transcrição do texto sobre a imagem digital com opção de zoom;

c) A edição para impressão;

d) A edição com hiperlink para visualizar as correções e as variantes textuais em janelas ou tooltips;

e) A barra com o dossiê arquivístico, contendo os paratextos e informações adicionais organizadas em forma de rizoma;

f) Espaço para acessar a descrição paleográfica do texto;

g) Quadro de avisos para informar os acréscimos e correções;

h) A barra com atividades pedagógicas, contendo conteúdos para a formação leitora do texto literária.

4.3.1 Edição interpretativa

Preparou-se uma edição interpretativa com duzentos e vinte e quatro notas filológicas, tomando como texto-base a primeira edição em livro, lançada em 1910 pela Editora Chardron, no Porto, em Portugal, complementada pela publicação do romance em folhetim no Jornal *Diário de Notícias*, entre 1908 e 1909, por ambas terem ocorrido ainda em vida do autor.

Vale destacar que, em uma edição interpretativa, “[...] para além da transcrição e correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral.” (DUARTE, 1997, p. 77). Partindo desse princípio, as notas explicativas elaboradas na presente edição foram estruturadas a partir de uma perspectiva histórica, oferecendo elementos que ampliam a compreensão do texto e contribuem, de forma significativa, para o processo de ensino-aprendizagem.

Com o objetivo de atender às demandas pedagógicas e às particularidades de leitura, linguagem e interpretação dos estudantes da Educação Básica, considera-se esta uma edição interpretativa, sobretudo por ter sido elaborada de modo a tornar o material

acessível, reunindo recursos que facilitem a aproximação entre o texto literário e seu contexto de produção, favorecendo uma leitura mediada e contextualizada. Dessa maneira, as notas explicativas, os paratextos e a atualização ortográfica foram organizados de modo a enriquecer a experiência de leitura do romance *Maria Dusá*, aproximando o estudante do seu universo histórico, social e cultural.

Além disso, a disponibilização desta edição em ambiente digital permite, por meio de *hiperlinks*, organizar e apresentar o texto crítico e suas notas de forma mais completa e acessível. Essa configuração viabiliza diferentes movimentos de leitura e consulta, permitindo ao leitor transitar com autonomia entre a edição, os paratextos e os prototextos, ampliando as possibilidades de interpretação e análise da obra.

Nesse contexto, a edição do romance *Maria Dusá* adquire caráter crítico, sendo sua preparação orientada por critérios definidos com base nas normas sugeridas por Cambraia (2005), com acréscimos e adequações necessárias às especificidades do texto e aos objetivos de pesquisa, a saber:

- a) Respeitar o seccionamento do texto-base em capítulos, bem como a sua paragrafação;
- b) Manter a pontuação original;
- c) Manter as palavras destacadas em itálico;
- d) Atualizar a grafia do texto de acordo com a ortografia vigente, em vigor no Brasil desde 2009, conforme o Decreto nº 6.584/2008. Ressalva-se, entretanto, a manutenção das grafias que reproduzem a modalidade oral da língua, particularmente nos trechos correspondentes à fala das personagens, que serão preservadas tal como aparecem no texto original;
- e) Acentuar conforme as normas vigentes, salvo quando se tratar de registros da oralidade;
- f) Antropônimos não serão uniformizados de acordo com a ortografia atual, em virtude de existirem diversas grafias para o mesmo nome. Sendo assim, serão mantidos como no texto de base;
- g) Inserir as notas próprias do texto-base (Chardron, 1910) e do texto da Série Bom Livro/Edição Didática (Ática, 1978);
- h) Inserir notas explicativas e críticas do filólogo ao pé da página.

4.3.1.1 A edição

LINDOLFO ROCHA

Maria Dusá
(Garimpeiros)

**Romance de costumes sertanejos
e “chapadistas”**

2025

I

Abria-se para o nascente o velho casarão da *Lagoa Seca*¹⁹.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo avarandado de peitoril²⁰, guarnecido por centenas de tabiques²¹, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.

No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o caiamento²², corroendo o adobe de argila²³ ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abandonada. Acrescente-se a vista de estacas isoladas, moirões de porteiros inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de *tapera*²⁴ que os sertanejos dão a moradas que foram de gente opulenta²⁵. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam essa antiga fazenda *Tapera da Lagoa*, ou simplesmente: — *Tapera*. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que ainda a habitavam, posto que em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raymundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, os vizinhos, conhecidos velhos, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do sertão em princípios do século passado, tratavam-no por *senhor* Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de *dona*. Era isso também uma espécie de caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os modos altivos e os *tiques* de ricos de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A seca de 59²⁶, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças.

¹⁹*Lagoa Seca*: localizado no município de Iraquara, na Chapada Diamantina, na Bahia, o povoado de Lagoa Seca pode ter servido de inspiração para alguns dos cenários de Lindolfo Rocha. Embora o autor não mencione diretamente esse local em suas obras, é possível que ele tenha conhecido a região durante suas andanças pela Chapada Diamantina, incorporando-a, de forma indireta, em seus enredos.

²⁰*Avarandado de Peitoril*: varanda de casa que apresenta estruturas horizontais, geralmente em janelas ou paredes, onde é possível se debruçar ou apoiar objetos. Na região Chapada Diamantina - BA, é comum encontrar peitoris na arquitetura das casas antigas, marcando a estética e a funcionalidade das construções da região.

²¹*Tabiques*: divisórias de pequena espessura, geralmente de madeira.

²²*Caiamento*: aplicação de cal, geralmente cal hidratada ou cal virgem, em paredes ou em outras superfícies. Esse processo é de baixo custo e serve para proteger as construções do tempo e aumentar a sua durabilidade, além de melhorar a aparência.

²³*Adobe de argila*: é um tipo de tijolo feito a partir da mistura de argila, areia e água, moldado em blocos e seco ao sol. Era utilizado principalmente na construção de paredes em áreas rurais, por ser econômico, possuir boa isolamento térmica e acústica, e ser ideal para climas quentes e secos.

²⁴*Tapera*: residência ou fazenda em ruínas, em estado de abandono.

²⁵*Gente opulenta*: no contexto apresentado, refere-se a pessoas que, no passado, possuíam riquezas, bens ou uma posição de destaque na sociedade, mas que, com o tempo, perderam sua fortuna, prestígio ou influência.

²⁶*Seca de 59*: foi um evento climático ocorrido em 1859, que afetou principalmente o sertão baiano, com escassez prolongada de chuvas. Isso resultou em falta de água, alimentos, morte de gado e um grande aumento dos preços dos produtos, tornando ainda mais difícil a vida da população local.

Apenas duas moças faziam rendas²⁷, cujo produto insignificante supria-lhes algumas precisões, de longe em longe.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto o filho João e a outra moça arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o *bró*²⁸ indigerível da ceia, quando soaram ao longe os cincerros²⁹ e guizas de uma *cabeçada*³⁰³¹. A seca tinha tornado raras as tropas naquela estrada. Ouvidos habituados à solidão receberam esses sons como se escutassem o bimbalar dos sinos duma igreja em festa. Houve alvoroço. O sangue subiu às faces das moças, que apanharam, às pressas, almofadas e pelegos velhos, em que se sentavam, e correram para o interior da habitação, embarçando os bilros, cujos fios, encardidos de pó vermelho, saltavam dos pés de mandacaru, servindo de alfinetes. A velha correu ao quarto açodada:

— Seu Raymundo, boas-novas! Aí vem uma tropa!
— Levanta, homem! Cria coragem!

Estremunhado, assim, do sono doentio de faminto, o velho abriu os olhos vagarosamente. A mulher insistia baixando a voz, porque soava já no terreiro a estropiada do primeiro *lote*³², de mistura com os sons da *cabeçada*:

— Levanta, homem!
— Ó *de casa!* – Brada no peitoril uma voz forte, de homem, enquanto retiniam chinelas sobre os tijolos estragados.
O velho fez um esforço, sentou-se no catre³³ e respondeu:

— Ó de fora!

(https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2_as_secas_na_bahia_do_seculo_xix._sociedade_e_politica.pdf.)

²⁷ *Rendas*: trabalhos manuais feitos com fios finos, usando agulhas ou bilros, para criar tecidos e ornamentos delicados. Essa tradição artesanal, antiga e valorizada no Brasil rural, é também fonte de renda complementar para muitas famílias. Na Chapada Diamantina, esse artesanato ainda é praticado e preservado em algumas comunidades.

²⁸ *Bró*: comida simples e de baixo valor nutritivo, geralmente preparada com tubérculos do umbuzeiro, do coqueiro ou de outros vegetais.

²⁹ *Cincerros e guizas*: são instrumentos em forma de chocalho ou sino, usados para ajudar a guiar e reunir a tropa durante o deslocamento. O cincerro é geralmente pendurado no pescoço de animais maiores, como bois e vacas, e produz um som forte e grave. Já as guizas são menores e costumam ser usadas como enfeites nos arreios de cavalos, produzindo um som mais leve e agudo.

³⁰ *Cabeçada*: expressão do contexto sertanejo e tropeiro para se referir a um grupo de gado, especialmente bois ou vacas, que se deslocam juntos. O termo vem de "cabeça", no sentido de cabeça de gado, e, por extensão, "uma cabeçada" seria um conjunto de cabeças de gado, ou seja, uma boiada.

³¹ Neste início de romance já nos é possível observar o uso frequente que o narrador faz dos chamados *termos regionais*. São palavras que nos remetem a uma região determinada, onde seu uso é comum. Juntamente com essa referência à região, temos geralmente indicações de um modo de vida, de comportamentos e atividades características dessa região, em um período de tempo determinado. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p.11).

³² *Lote*: o termo se refere a cada grupo de animais que, juntamente a um condutor, transportam cargas.

³³ *Catre*: tipo de cama rústica e simples, geralmente feita de madeira ou metal, comum em séculos passados, especialmente em áreas rurais ou acomodações modestas.

O arrieiro estava impaciente, porque mal ouviu a resposta perguntou:

— Pode-se arranchar aqui? tem *cômodo* pra os animais?

Não suportando mais a moleza do marido, a velha saiu e, depois de dar e receber *as boas tardes*, respondeu:

— Arranchar, pode; *cômodo, só campo fora*³⁴.

O arrieiro, um rapagão moreno, de uns vinte e cinco anos, fez um – *Assim!* – gemido e acompanhado de um gesto de contrariedade, e, voltando-se para os camaradas, gritou em voz de comando, enquanto desatava as esporas:

— *Derruba!*

E, obedecendo ao seu próprio mando, saltou do peitoril, já sem chinelas, levantando burros deitados, desarrochando-os rapidamente e atirando os couros³⁵ no terreiro sujo de estravo.

Chegaram os dois lotes restantes.

Era a hora do trabalho árduo do tropeiro, principalmente quando a tropa está *puxada* ou *batida*, isto é, magra, fatigada de longas jornadas. Hora de aperto em que o tropeiro, prático no ofício, não distrai a atenção para coisa alguma, porque, à tarde, o animal, carregado, pode caminhar mais uma hora; porém, parando no pouso, suporta, de pé, um minuto.

Assim, toda a demora é nociva, não só porque o burro de tropa facilmente adquire a *manha* de deitar-se, (e, nesse caso, é preciso levantá-lo, pois se lhe tirarem uma vez a carga, deitado, apanha também esse sestro), como porque, no levantar-se, pode *sonsar* ou *espaduar-se*³⁶ e o prejuízo é ainda maior.

Por isso, conhecedor e prático da vida de tropeiro, o velho Raymundo, parando no peitoril, assistia, impassível, ao serviço bem feito, e esperava, com paciência, que o terminassem, para saudar e receber as saudações do costume, entre sertanejos, enquanto, pelas frestas das portas e das janelas, olhares tristes e cobiçosos miravam os surrões³⁷ de sal e bruacas lustrosas de unto³⁸. E não só o olhar, mas especialmente o olfato se deliciava

³⁴ *Campo fora*: espaço ao ar livre, em meio ao campo.

³⁵ *Couro*: Ao longo da narrativa, o termo "couro" é frequentemente utilizado. Em algumas passagens, ele se refere a peças de couro usadas para confeccionar arreios, cangalhas e outros equipamentos utilizados no manejo de animais. Em outras situações, o termo se refere ao "couro cru", ou seja, à pele de animal ainda não tratada, que é geralmente mais difícil de manusear e transportar devido à sua consistência e peso.

³⁶ *Sonsar ou espaduar-se*: no contexto apresentado, os termos pertencem à linguagem territorial e popular, referindo-se ao comportamento do animal após se deitar. "Sonsar" indica o ato de fingir fraqueza ou cansaço, simulando dificuldade para se levantar. Já "espaduar-se" descreve o risco de o animal tombar de forma brusca ao tentar se erguer, podendo deslocar o ombro ou a região escapular.

³⁷ *Surrões*: sacos de couro usados pelos tropeiros para guardar e transportar comidas e objetos.

³⁸ *Bruacas lustrosas de unto*: bruacas são malas de couro cru, utilizadas sobre as selas dos animais de carga, especialmente para o transporte de mantimentos como o toucinho de porco. Por serem usadas para carregar esse tipo de alimento gorduroso, ficavam brilhantes pela gordura acumulada.

com cheiro característico de uma *carregação*³⁹ de carne ou toucinho. Como toda a sua gente, o velho deglutia em seco.

Amainada a lufa-lufa⁴⁰, com a arrumação⁴¹ das cargas, em fileiras para cada lote, aproximou-se do peitoril o que figurava de capataz ou arrieiro, e, após a saudação, reinquiriu:

— Se não havia alguma roça a alugar, para que a tropa não ficasse campo fora.⁴²

O velho retribuiu a saudação e respondeu desculpando-se com a sua extrema pobreza e a seca, pior que a de 19⁴³. E por esse tom prolongou-se a conversação, no correr da qual o capataz declarou-se mineiro, de nome Ricardo Valeriano Brandão, e dono da tropa, inteirando-se ao mesmo tempo de *quem foi* e a que estado se reduzira o velho Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares.

Quanto aos camaradas, continuavam na faina⁴⁴ de tirar cangalhas⁴⁵ e raspar, enquanto o *cuca* desempenhava suas funções culinárias, tendo começado por encher e pendurar a *borracha*⁴⁶.

Ao lusco-fusco, depois de beber a água minguada e lutulenta⁴⁷ da próxima lagoa, seguiu para a arrumação a tropa, guiada pelo andrajoso filho do Raimundo, o qual, por esse serviço, fazia *jus* aos rojões do *cuca*⁴⁸.

O mineiro tinha armado a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda, por causa do calor.

Foi uma noite de fartura e de folgança para a ditosa família Alves. Além de partilharem todos da gorda ceia de arroz com carne (o antigo *locro*, que os almocreves⁴⁹ espanhóis e portugueses aprenderam dos árabes), e mais do legítimo café mineiro,

³⁹ *Carregação*: ato de carregar grande quantidade de mercadoria; carga.

⁴⁰ *Amainada a lufa-lufa*: a expressão combina o verbo “amainar”, que significa acalmar ou reduzir a intensidade, com o termo “lufa-lufa”, usado para descrever agitação, correria ou movimento incessante. Assim, ao dizer “amainada a lufa-lufa”, o narrador indica que a correria cessou e a agitação deu lugar à calma.

⁴¹ *Arrumação*: no contexto rural e territorial, esse termo pode ter dois sentidos. Pode se referir ao ato de organizar objetos ou espaços, mas também é usado para indicar os preparativos para uma viagem ou um acampamento temporário, especialmente durante atividades de tropeiros.

⁴² Observe que apesar do uso de dois pontos, parágrafo e travessão, sequência de elementos da escrita indicadora de um discurso direto, a forma que se segue é do tipo indireto, isto é, pertence à fala do narrador. Essa transgressão de norma da escrita, sem consequências significativas, vai ser repetida durante todo o romance. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.13).

⁴³ *Seca de 19*: no trecho apresentado, a seca de 1819 se refere a um período de estiagem que atingiu o Nordeste brasileiro, incluindo a Bahia. Embora tenha causado sofrimento e prejuízos à população, seus impactos e duração foram menores em comparação com a Grande Seca de 1877-1879, considerada a mais devastadora da história nordestina.

⁴⁴ *Faina*: termo relacionado ao trabalho árduo e demorado, realizado pelos tropeiros durante suas jornadas.

⁴⁵ *Cangalha*: armação de madeira, normalmente acolchoada, que se coloca no lombo dos animais para pendurar e transportar carga de ambos os lados.

⁴⁶ *Borracha*: recipiente feito de couro rústico, com bocal estreito, usado por tropeiros e garimpeiros para conservar e transportar líquidos, como água ou cachaça.

⁴⁷ *Lutulenta*: que tem lodo; lamacenta.

⁴⁸ *Rojões do cuca*: torresmo do cozinheiro. (Série Bom Livro, 1978, p.13).

⁴⁹ *Almocreves*: pessoas que conduziam animais de carga e/ou mercadorias de um lugar para outro.

ouviram, até alta noite, um dos mais famosos improvisadores de trovas, desses tempos, a que chamavam Manuel *Pingo d'Água*: tropeiro de ofício, valente por índole, e tocador de viola *por arte*.

II

Sol alto, a tropa *milhada*⁵⁰ e *engangalhada*⁵¹, esperava a hora de *arribar*⁵². Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o *ruão*⁵³, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raymundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco *mala-reis*⁵⁴ não vai um celamim⁵⁵ para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de *Baixo*, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um *fiapo* de capim manso⁵⁶. Onde tem, nalgum ponto, é *amargoso*, capim *brabo* e *fraco*⁵⁷. Desde que saí da Serra Nova, quase não descansei. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para *Maracá*⁵⁸. Aí *tampeí*⁵⁹ a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucugê, sal e toucinho *estão bons*. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der

⁵⁰ *Milhada*: termo cultural da linguagem tropeira que designa a tropa organizada em fila, com os animais dispostos em suas posições habituais, pronta para partir.

⁵¹ *Engangalhada*: termo popular do sertão baiano. Diz-se da tropa já carregada, com cangalhas e bruacas presas aos animais de carga.

⁵² *Arribar*: significa partir, seguir viagem ou levantar acampamento. É uma expressão cultural usada em áreas rurais do Nordeste brasileiro e do sertão baiano, com presença marcante na Chapada Diamantina e em outras regiões por onde circulavam tropeiros e viajantes.

⁵³ *Ruão*: cavalo que possui uma pelagem composta por pelos brancos e levemente acastanhados ou pelos brancos com manchas escuras e arredondadas.

⁵⁴ *Mala-reis*: forma popular e cultural de dizer mil-réis, antiga unidade monetária usada no Brasil até o ano de 1942. Um “mala-reis” correspondia a mil réis (1\$000). Expressões como “por menos de cinco mala-reis” eram usadas para indicar quantias muito pequenas, quase simbólicas, consideradas de pouco valor à época.

⁵⁵ *Celamim*: antiga medida de capacidade para secos e equivalente à 16.^a parte da unidade de medida agrária (alqueire), ou 2,27 litros.

⁵⁶ *Fiapo de capim manso*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever uma estrada estreita, quase imperceptível. A comparação com um fiapo sugere algo fino e difícil de enxergar. Já o termo “capim manso” refere-se a um tipo de capim geralmente rasteiro, delicado, fácil de manejar e que pode servir de alimento para o gado.

⁵⁷ *Amargoso, capim brabo e fraco*: expressões que indicam vegetação de baixa qualidade para o pasto. Referem-se a plantas daninhas, capins que nascem espontaneamente, de difícil manejo e com baixo valor nutritivo, sendo insuficientes para a pastagem.

⁵⁸ *Maracá*: na região da Chapada Diamantina, na Bahia, existe o município de Maracás, que integrava as antigas rotas de tropeiros e garimpeiros durante o ciclo do ouro e dos diamantes.

⁵⁹ *Tampeí*: no contexto sertanejo e dos tropeiros, *tampeí* é o verbo *tampar* no pretérito, que significa fechar, cobrir, proteger ou guardar algo, especialmente relacionado à carga transportada, como no caso da tropa de sal.

um celamim por *meio cobre*⁶⁰, pois nem assim podemos comprar. Faz dois meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!

— Na verdade! comentou o mineiro, sorvendo após uma fumaça do pito de *Baependi*⁶¹; para quem já teve, dói muito!

— E todo o mundo destas beiradas! Acrescentou o velho, pondo a prumo a cabeça, que se assemelhava à de um esqueleto.

— E por que não vão para as Lavras? Inquiriu o mineiro; lá está tudo caro, mas ainda não se come raiz de pau.

— Que é da força pra caminhar, meu senhor?! Atalhou a velha; e ainda para sustentar uma porção de gente que só tem pele e osso?! Sua mercê quer ver?

E a mulher, com cara de fúria, gritou em voz esganiçada:

— Ó João, chama tuas irmãs!

Apareceu um rapazinho de uns 14 anos, coberto de trapos que foram camisa e calções, muito sujos, predominando a cor vermelha da terra que habitava.

— Chama tuas irmãs! repetiu a mulher que armava assim uma cena de efeito para obter alguma esmola.

Em alguns momentos surdiu à porta da varanda um grupo de três moças, parecendo ter 15 anos a mais nova.

E essa mãe, a quem a fome tirara certamente todo o amor maternal e todo o pudor feminino, se é que em tempo algum o teve realmente, levantava, sacrilegamente, os trapos que cobriam os ombros e seios e essas pobres criaturas, para que o mineiro, certificando-se de sua miséria, pela magreza extrema de suas filhas, se compadecesse ao mesmo tempo. Ao aproximar-se, porém, da mais velha, que poderia contar 18 anos, esta recuou um passo. Apesar da fome, corava e reagia.

— Ó *xente*, Maria!! que é que tem o homem ver tua magreza?!

Duas lágrimas brotaram dos olhos da moça que sentou-se no pavimento, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Menina tola! Quem tem vergonha morre de fome!

⁶⁰ *Meio cobre*: expressão popular utilizada para se referir a uma quantia extremamente pequena de dinheiro. A palavra "cobre" refere-se às antigas moedas de cobre, metal associado às moedas de menor valor, especialmente nos séculos passados.

⁶¹ *Pito de Baependi*: refere-se a cigarro artesanal, geralmente feitos com fumo de rolo ou tabaco natural, associado à cidade de Baependi, em Minas Gerais.

No terreiro, ao longe, *Pingo d'Água* começou a cantar em *dueto* com um companheiro, enquanto *descansavam* o almoço.

— Deixe a moça, *Dona*, disse o mineiro penalizado.

— Levanta a cabeça, Maria! Insistia a velha, com o olhar chispando de ódio e, fingindo um sorriso, acrescentou, como gracejando: — Ele quer te levar; tu queres ir?

E, ao mesmo tempo, fingindo uma ameaça que, entretanto, exprimia sua verdadeira intenção, afirmou:

— Se ele desse um celamim de sal, bem que eu te dava para cozinhar na casa dele.

— É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo.

O mineiro, de cabeça baixa, pitava, em silêncio, meditando sem dúvida nas aberrações possíveis da natureza humana, e no que, a esse respeito, tinha visto, desde criança, em suas viagens.

Ao levantar a cabeça, deu com o olhar na moça. Notou, então, que, apesar da magreza, Maria conservava uns tons de beleza, apenas esmaecidos pela fome. Os olhos negros e grandes pareciam, nesse momento, refletir um braseiro; o rosto moreno, emoldurando-se pelos cabelos lisos e corredios que se desgrenhavam nos ombros, patenteava longo martírio. Não inspirava sensualidade, porém amor e compaixão.

— Pronto, patrão! Disse um dos camaradas.

— Carrega! Ordenou Ricardo, em voz pausada, voltando-se para o camarada.

— E sua mercê tinha coragem de dar um celamim de sal pela Maria? interrogou o velho Raymundo, em tom de desenxabida chocarreirice⁶².

— Até mais, se não fosse pecado e crime comprar gente forra, respondeu o mineiro, supondo que o velho gracejava:

— Estou falando sério, asseverou o velho; sua mercê não sabe o que é comer palmito sem sal, por necessidade.

— Compro, disse o mineiro, tornando-se vermelho.

— Está dito, bradou a velha, apanhando num torno da varanda uma cuia⁶³ grande, em que devia receber o preço de sua filha mais velha; aqui está esta cuia que é um celamim certinho.

⁶² *Desenxabida chocarreirice*: expressão utilizada para descrever um tom de fala irônico ou zombeteiro, porém sem graça. No contexto apresentado, o velho Raymundo adota esse tom ao se referir à própria filha, Maria, revelando uma atitude machista, desrespeitosa e carregada de desprezo, com a clara intenção de diminuí-la e desvalorizá-la.

⁶³ *Cuia*: também chamada de cabaça ou coité, é o fruto da árvore conhecida como cabaceira ou cuieira, cujo nome científico é *Crescentia cujete*. Seu fruto possui uma casca dura e arredondada, ideal para ser esvaziado, seco e utilizado como recipiente. No nordeste brasileiro, a “cuia” é comumente utilizada como medida caseira em contextos rurais.

O mineiro gritou ao *cuca* e mandou trazer um celamim de sal, um *lanho*⁶⁴ de toucinho e um pedaço de carne.

Marido e mulher não sabiam de que modo exprimiriam seu contentamento e gratidão. O mineiro é que não contava com semelhante gratidão. Num açodamento⁶⁵ indescritível, a velha foi suspender ao fumeiro o saquinho de sal, a carne e o toucinho, cujo cheiro só, lhe causava um prazer infantil.

Arrochando os últimos animais do seu lote *dianteiro*, *Pingo d'Água* cantava propositadamente:

Nesse mundão tenho visto!
Mas aqui já é *sofrê*! Aqui é que filho chora,
Filho chora e mãe não vê!

Ao atar à corda do fumeiro, a velha resmungava, respondendo ao trovista, como se pudesse ser ouvida:

— Vê, sim; *mais*⁶⁶ a fome é que tem cara de herege!

No peitoral, o Raymundo, numa espécie de delírio, esfregava as mãos de contente, e de olhos fechados, prelibava o gozo⁶⁷ de um pedaço de carne gorda, que, havia meses, nem ao menos lhe fora dado cheirar.

As duas irmãs de Maria tinham-se retirado, chorando.

Então, dirigindo-se à *vendida*, que soluçava convulsivamente, o mineiro falou:

— Não chore, não, moça; seus pais venderam a filha, mas a filha não foi comprada: fica aí, com eles; somente lembre-se que o mineiro se chama Ricardo Brandão. Aqui está mais uma lembrança, que eu destinava a uma irmã.

E assim dizendo, tirou da escarcela uma pequena medalha de prata e a entregou com mão trêmula. A moça recebeu a lembrança e disse por entre soluços:

— Deus ajude a *vosmecê*, e lhe dê feliz viagem!

⁶⁴ *Lanho*: corte ou talho profundo. No contexto cultural, refere-se a tiras compridas e finas de carne, especialmente toucinho.

⁶⁵ *Açodamento*: pressa com que se faz alguma coisa, geralmente em excesso e sem reflexão. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/a%C3%A7odamento>).

⁶⁶ O termo faz referência à conjunção adversativa “mas”, que indica oposição; no entanto, foi grafado como “mais”, advérbio que indica adição, para representar a marca de oralidade do personagem.

⁶⁷ *Prelibava o gozo*: forma verbal composta que une o verbo prelibar (provar antes, experimentar previamente) ao substantivo gozo (prazer intenso, satisfação, alegria). No contexto apresentado, Raymundo saboreava mentalmente, antecipadamente, o prazer que sentiria ao comer um pedaço de carne gorda.

Partia o lote dianteiro. Depois de rasgada cortesia com o chapéu de couro, e um *até outra vista*⁶⁸, a quem estava no peitoril, *Pingo d'Água* soltou dois gritos guturais para ativar o lote, e seguiu cantando:

Guardo o mimo que me deste
Na hora da retirada:
Quem paga amor com firmeza
Não fica devendo nada!

O velho Raymundo mal voltara a si da surpresa. Nos seus tempos de miséria, não tinha visto generosidade igual. Disse, por fim, desenvolvendo a elevada estatura e acenando com os compridos braços esqueléticos:

— Pois, senhor Ricardo Brandão, aqui fica este velho, que, se não morrer, ainda pode servir pra botar seu animal no pasto, quando sua mercê passar por aqui outra vez.

Depois de uma pequena pausa, murmurou:

— É verdade! bem se diz que o mineiro tem o coração nas mãos!

Ricardo mordia a ponta do cigarro, olhando para os dois lotes que partiam.

Restava o da *cozinha*, sempre mais retardatário.

O velho abanava a cabeça. Ao ver assomar à porta sua mulher, disse:

— Sinhá Maria Rosa, *pois* o mineiro é bom mesmo.

— Pois não deixou ficar a Maria?

— Ué!... *pois* não leva, não? interrogou a velha sem ocultar seu desapontamento.

— Não, sinhá Maria!

— Deus é que o há de ajudar! Deus é que o há de ajudar! repetia a velha com esforço, porque sua intenção era desobrigar-se de sustentar a filha.

Partia o lote do *coice*⁶⁹. Ricardo correu a vista no rancho, apertou no mento a correia do chapéu de coiro⁷⁰ curtido, amarrou as esporas, despediu-se de todos, trocando com Maria um aperto de mão, e saltou no *seligote*⁷¹, esporeando o ruão energicamente.

⁶⁸ *Até outra vista*: expressão utilizada como forma de despedida, para indicar que espera ver ou encontrar a pessoa novamente. É semelhante a dizer “até logo” ou “até a próxima”.

⁶⁹ *Lote do coice*: emprega-se para designar a retaguarda do rancho, o último grupo do comboio. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.16).

⁷⁰ *Coiro*: termo utilizado como sinônimo de couro, refere-se à pele grossa e resistente de certos animais. Para a confecção de vestimentas e acessórios, utiliza-se o couro curtido, isto é, a pele de animais que passou por um processo químico ou físico-químico denominado curtimento, que visa tornar o material mais durável e resistente.

⁷¹ *Seligote*: variação regional de *serigote*, designa um tipo de sela rústica, firmada sobre o lombo do animal, utilizada para montaria. É um termo comum em regiões sertanejas do Brasil, especialmente no contexto da vida rural e da cultura vaqueira.

Adiante, voltou-se; Maria enxugava os olhos, debruçada no peitoral. O mineiro parecia fascinado. Mais longe ouviu *Pingo d'Água* cantando:

Meu beija-flor da campina.
Que tiveste o teu condão:
Leva no bico a saudade
Ao bem do meu coração.

O sol, a essa hora, calcinava a estrada poeirenta da catinga. Os animais *turravam* e gemiam por desafogo.

III

Poucos, da atual geração de baianos, desconhecem, pelo menos de tradição, o que foi, para o povo sertanejo, o ano de 1860. De quantas secas periódicas têm devastado os sertões brasileiros, raras legaram tão horrível memória, como a geralmente conhecida por *seca de 60, aliás 59*, de que resultou a crise alimentícia denominada *fome de 60*.

Na crença dos adoradores de um Deus que pune e premeia, nunca se revelou mais evidente e punitivo o seu braço irado e inexorável.

Nesse ano de tristíssimas recordações a zona ubertosa⁷² do interior da província da Bahia transformou-se em terra sáfara⁷³, imprestável; de nutriz fecunda e dadivosa, que era, mudou-se em madrastra irritadiça e ilacrimável; de liberal e opulenta, em mendicante e miseranda.

Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no *Icó*, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o *mandacaru*, a *palmatória* e o *xique-xique*⁷⁴ formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt^{75,76}.

A catinga (mato esbranquiçado) justificava de modo perfeito a denominação *tupi*, dada a essa vegetação enfezada.

⁷² *Zona ubertosa*: expressão usada para indicar uma região de terra fértil e produtiva, com grande capacidade para a agricultura e o cultivo de plantas.

⁷³ *Terra sáfara*: expressão que se refere a uma terra infértil, geralmente pedregosa, seca e deserta, com pouca ou nenhuma capacidade para o cultivo.

⁷⁴ Neste trecho, a narrativa apresenta espécies de plantas típicas do semiárido nordestino, adaptadas para armazenar água e resistir a longos períodos de estiagem. Essas espécies integram o bioma caatinga e desempenham um papel essencial na sobrevivência de pessoas e animais durante as secas prolongadas, como as que marcaram a Bahia e o sertão nordestino ao longo do século XIX.

⁷⁵ *Candelabros de Humboldt*: também conhecido como Candelabro de Paracas, recebe esse nome em homenagem ao naturalista e geógrafo Alexander von Humboldt. Trata-se de um geoglifo (desenho de grandes proporções feito no solo), com formato semelhante a um candelabro/castiçal, localizado na Península de Paracas, próxima às Ilhas Ballestas, no litoral do Peru.

⁷⁶ No trecho apresentado, observa-se um certo distanciamento do narrador em relação à região retratada, evidenciado pela mistura entre elementos típicos da caatinga com os Candelabros de Humboldt, um símbolo estranho à cultura nordestina. Essa combinação sugere um olhar externo ou uma visão exotizante, que transforma o sertão baiano em um cenário curioso e fantasioso, distante da realidade local.

Para cúmulo da penúria vegetal e animal, os incêndios multiplicavam-se nos campos e carrascos. Propósito ou descuido de caminhante ou caçador, o fogo fortalecia a ação destruidora do sol.

No céu, nenhum sinal promissor de chuva, e já ia em meio o ano. Como sucede nos anos secos, nuvens tênues e esgarçadas passavam alto, muito alto, em diversas direções, como se evitassem baixar sobre a terra maldita. Já não tinha encantos o alvorecer nas terras sertanejas. Um silêncio pesado substituíra a ruidosa alegria do passaredo farto, a saltitar em meio da verdura primaveril doutros tempos.

Os arrebóis vespertinos aparentavam apenas a beleza trágica de quotidianos incêndios em vastas e longínquas regiões do ocidente.

De resto, o céu em fogo dizia bem com o alvejar das ossadas dispersas pelos campos desolados.

As fazendas mais abastadas estavam quase desertas. Dificilmente se ouvia um mugido, mesmo tristonho e cavernoso. Mais de um fazendeiro rico *batera*⁷⁷ já as porteiras dos currais mal situados.

Pequenos lavradores e criadores, transformados em jornaleiros de *pataca* e de *doze vinténs*⁷⁸, emigravam sem destino, isto é, caminhavam à toa, por falta de trabalho e de alimento.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra *mater dolosa*⁷⁹, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, retirantes⁸⁰ famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de crianças, tudo isso lembrando alguma coisa daquele choro e ranger de dentes do Juízo Final.

Viajando *no coice* da tropa⁸¹, no seu *ruão*, passo a passo, Ricardo assistia, cada vez mais desanimado, a essa espécie de lúgubre procissão da fome, a desfilar-se vagarosa pela estrada afora.

⁷⁷ *Batera*: pretérito mais-que-perfeito do verbo "bater". A expressão "bater as porteiras", especialmente no contexto sertanejo ou rural, é empregada no sentido de fechar as porteiras, encerrar as atividades, abandonar o curral ou desistir da criação.

⁷⁸ *Jornaleiros de pataca* e de *doze vinténs*: expressão que, no texto, se refere a trabalhadores assalariados mal remunerados.

⁷⁹ *Mater dolorosa*: expressão latina que significa "mãe dolorosa". Refere-se à Virgem Maria em sua representação de sofrimento, especialmente durante a Paixão de Cristo, simbolizando a dor de uma mãe ao ver seu filho sofrer.

⁸⁰ *Retirantes*: pessoas que abandonam a sua terra fugindo da seca e da miséria em busca de uma região que lhe dê melhores condições de vida e trabalho.

⁸¹ *Coice da tropa*: expressão cultural de sentido figurado que indica a ação de seguir atrás da tropa de animais, especialmente bois ou cavalos.

Tendo *arribado* do pouso do Raymundo Alves, o mineiro mandou *derrubar* no rodeador⁸², distante três léguas, e onde ainda existia um *olho-d'água*⁸³, que nunca secou, porque nunca lhe fora destruída a vegetação protetora.

Junto à casa de um velho africano, *derrubaram-se* as cargas.

Feito o *rancho*, isto é, arrumadas em dupla fileira as *bruacas* e *surrões* de sal, sobrepostas as cangalhas, — peitoral para a frente, a fim de se não atrasar a viagem, — aceso o fogo e armada a trempe de três agulhas de arrocho⁸⁴, enfeixadas na parte superior, — os camaradas, menos o *cuca*, perguntaram ao patrão onde deviam *arrumar*.

O sol estava a cravar-se.

Ricardo Brandão dirigiu-se ao velho africano, que tecia esteiras de pindoba⁸⁵, sentado à porta, e depois de saudá-lo, indagou:

— Se não havia pasto, perto ou longe.

— *Passo qui é, sinhô?! Exclamou o preto admirado. Passo é esse qui sinhô tá veno: foia seca só. Agora, si sinhô qué qui burro come de nôte manda gente derrubá mandacaru. Munto bom; boi gosta munto.*

O mineiro riu da estultícia do conselho, e insistiu:

— Mesmo longe não haveria alguma roça velha, encapoeirada?

— *A roça qui é, ioiô? Perguntou o africano, com cara de riso. Pai Tomé veio moleque pra terra de branco, e nunca viu coisa assim. Ah! ioiô! Deus brigou com nós tudo! A roça aqui, nem longe nem perto; nem véia, nem nova. Ué!*

E continuou a trabalhar.

O mineiro decidiu-se a mandar *arrumar* num *eixo de serra*, que se via a certa distância, e para abreviar foi ajudando a *tanger*⁸⁶ os animais. A uns duzentos passos estava um homem cavando a terra.

Parou. Com a curiosidade de saber para que fim, aproximou-se, e depois das boas tardes, perguntou:

— Você procura água nesse duro, amigo? O sertanejo levantou a cabeça:

⁸² *Rodeador*: termo utilizado no nordeste para se referir a um espaço aberto nos campos, usado pelos vaqueiros para reunir, organizar ou inspecionar o gado, especialmente durante o manejo ou a contagem dos animais.

⁸³ *Olho d'água*: termo usado para designar uma nascente, lugar onde a água brota naturalmente do solo. Isso acontece quando o lençol freático (camada subterrânea de água) chega próximo à superfície e a água aparece, formando uma nascente.

⁸⁴ *Trempe de três de agulhas de arrocho*: tripé rústico feito com três ferros finos (as “agulhas”), amarrados ou presos no topo, formando uma estrutura em forma de pirâmide. Esse tripé é usado para sustentar uma panela sobre o fogo, permitindo o preparo de alimentos. É um utensílio típico, comumente utilizados por sertanejos e tropeiros em acampamentos.

⁸⁵ *Pindoba*: tipo de palmeira, em especial do gênero *Attalea*, muito comum no nordeste do Brasil, de onde se retiram folhas para cobrir casas, fazer esteiras ou artesanato.

⁸⁶ *Tanger*: no contexto rural, significa conduzir, guiar ou afastar um animal, geralmente com gestos, sons ou instrumentos.

— Não, patrão; estou *fazendo* uma cova para meu filho que morreu.

Olhe ali. Era um menino que fazia gosto ver! Vivo como ele só!

O mineiro olhou e viu uma mulher sentada junto a um *murundu*, tendo no regaço o cadáver dum menino.

Depois de um longo suspiro, o sertanejo acrescentou em voz queixosa:

— A fome, patrão! A fome é que faz tudo isso!

— E o menino morreu de fome? Inquiriu o mineiro.

— Morreu, sim senhor! Disse o sertanejo, e acrescentou: — como muita gente tem morrido por este sertão de meu Deus! Até pai já tem matado filho pra comer! Perto daqui mesmo, dizem, eu mesmo não sei, dizem que um velho Raymundo (pode ser que sua mercê tenha dormido na casa dele), que esse velho Raimundo já matou dois.

O mineiro sentiu apertar-se-lhe o coração. Ligeiro calafrio cortou-lhe a espinha dorsal.

— Que é que está dizendo: homem?! Exclamou, sem dominar-se.

— Não sei, patrão; o povo é que diz. E parece que é assim mesmo porque ninguém sabe rumo dum que ele disse que se perdeu no mato, há uns dias.

Rápida associação de ideias fez esfriarem as mãos do mineiro. Somente agora lhe causava estranheza que o velho Raymundo tanto insistisse para *trocar* uma filha por um celamim de sal, em vez de o fazer por um pedaço de carne, quando por não tê-la se queixava.

Pensou em Maria, e o coração doeu-lhe deveras.

Não quis, em todo o caso, revelar o negócio do sal.

Não se confessaria ingênuo ou cúmplice involuntário de uma tal monstruosidade.

— Vender filho, continuou o sertanejo, isso é coisa que se vê todos os dias.

— Na verdade! Comentou o mineiro, baixando a cabeça, pensativo.

— Ah! Patrão de minh'alma! Exclamou o sertanejo, parando a escavação, têm se visto coisas com esta fome! Saí da terra dos meus, cidade de *Caetité*, e lá, e nos caminhos tenho visto! Patrão! — Bradou o retirante com amargura, — *o Deus que nos protegia morreu ou mudou-se!*

A enxada caiu de novo, cavando fundo, enquanto pela face do sertanejo duas lágrimas desciam vagarosamente.

Houve pequena pausa, durante a qual só se ouvia o *tum, tum*, abafado, da enxada na cova.

— Nós, João, não devemos agravar a Deus; antes sofrer com paciência! Disse, sufocando os soluços, a mulher, cujo rosto, oculto pelo xale, não pôde o mineiro observar.

O sertanejo não respondeu. *Enterrando* mais o chapéu de couro na cabeça, e cerrando os malares⁸⁷, como para estrangular qualquer imprecação⁸⁸ inconveniente, continuou a trabalhar.

Ricardo interrompeu o doloroso silêncio.

— E daqui para onde você vai, *sôr João*?

— Eu mesmo nem sei, patrão. Daqui, talvez pra beira-mar. Tenho vontade de tentar a sorte na Chapada Nova⁸⁹; *mais* a mulher está *repunando*⁹⁰.

— Pois é bom ir. Eu pra lá vou vender um salzinho. Se for bom deveras, fico.

— Daí, pode ser que eu vá, obtemperou o João. Só tenho medo de ser um lugar, onde ainda se mata gente por vadiação.

— Não é mais assim, não. Isso foi no princípio, quando um sujeito, pra comprar uma lazarina⁹¹, alvejava nalgum pobre que passava.

Em todo o caso, não há como a gente andar prevenido.

Houve novo silêncio.

Caía a noite. O sertanejo tomou o cadáver do filho, envolto em trapos, e o depositou na cova com o mesmo cuidado como se o fizesse numa cama. Em obediência à superstição, Ricardo lançou na cova um pugilo⁹² de terra, e com um *até outra hora*, retirou-se depressa para que a inditosa mãe pudesse chorar e lastimar-se à vontade. Dirigindo-se para o rancho, o mineiro pensava em Maria. Se tinha razão o povo, e dizia coisa certa, o pai desnaturado seria capaz de matá-la também.

Não era, entretanto, só o sentimento de compaixão que agora oprimia a alma generosa do mineiro. No seu entender, parecia estar estonteado por uma *coisa feita*⁹³. O lindo semblante da sertaneja e o seu olhar de uma doçura infinita exaltavam a imaginação do serrano com tal intensidade que o obrigavam a evocar a lembrança do olhar da *Nossa Senhora do Patrocínio* da Serra Nova⁹⁴.

⁸⁷ *Malares*: termo que se refere aos ossos das maçãs do rosto, também chamados de ossos zigomáticos. No contexto apresentado, a expressão “cerrar os malares” indica um gesto em que a pessoa fecha o semblante e contrai os músculos do rosto, geralmente como forma de conter uma emoção intensa, como raiva, revolta ou indignação.

⁸⁸ *Imprecação*: maldição, praga, xingamento.

⁸⁹ *Chapada Nova*: região da Chapada Diamantina que, assim como a Chapada Velha, foi marcada pela exploração de diamantes. A Chapada Nova corresponde às áreas de garimpo e povoamento mais recentes, em contraste com as ocupações mais antigas da Chapada Velha.

⁹⁰ *Repunando*: do verbo repunar, a expressão popular e cultural significa mostrar resistência, repulsa ou aversão a algo.

⁹¹ *Lazarina*: espingarda de pequeno calibre, de um só cano, que no passado era muito utilizada pelos sertanejos, especialmente na caça de aves.

⁹² *Pugilo*: pequena porção de algo que cabe entre os dedos, como um punhado ou uma pitada.

⁹³ *Coisa feita*: feitiço, maldição lançada por alguém.

⁹⁴ *Nossa Senhora do Patrocínio da Serra Nova*: Nossa Senhora do Patrocínio é um título da Virgem Maria, muito venerada pelos católicos em Minas Gerais. Há diversas localidades que homenageiam esse nome, inclusive uma comunidade real chamada Serra Nova, situada no município de Rio Pardo de Minas. No romance, o personagem Ricardo Brandão é natural de uma "Serra Nova", possivelmente uma referência a esse local real.

Se visse de novo a sertaneja, pensava ele, perderia de todo a cabeça e casar-se-ia com ela. Como devia ser amorosa e boa! No mais, a miséria é que não a deixava parecer mais bonita.

Quando assim meditava o serrano, ouviu um dos seus camaradas, que voltava da *arrumação*, cantar de voz solta, na toada dolente que os sertanejos conhecem:

Lá vai a garça voando
Lá pra a banda do sertão,
Leva Teresa no bico,
Maria no coração...

Ricardo reconheceu a voz de *Pingo d'Água*. Este continuou:

Cravo roxo, cravo rosa,
Cravo de toda nação!
Meu benzinho de tão longe...
Ai, meu Deus, não posso, não!

E estribilhava com mais tristeza:

Ai, meu Deus, não posso, não!

O mineiro sentiu que se lhe marejavam os olhos, após ligeiro arrepio dos cabelos, e gritou de longe:

— Cala essa boca, demônio!

Pingo d'Água compreendeu que tinha *ferido* o patrão e retrucou, incontinentemente, com vivacidade:

O tronco nasce da terra,
Do tronco rebenta a rama,
Meu patrão não se incomode,
De longe também se ama!

Chegado ao rancho, Ricardo não pôde cear. Tomou apenas um *cuítezinho*⁹⁵ de café, acendeu um cigarro, e estendeu-se na rede. Apesar de toda a energia empregada para calcular os negócios, e pensar nas riquezas da Chapada⁹⁶, só uma ideia sobrenadava, a obsidiar-lhe a mente. Maria surgiu-lhe do fundo da memória, cada vez mais formosa.

Pingo d'Água, sentado num couro, à beira do fogo, *ralhava* na viola.

⁹⁵ *Cuítezinho*: expressão utilizada em regiões do interior do Brasil para se referir ao ato de tomar um pequeno café, geralmente servido em uma cuia ou recipiente semelhante, chamado de *cuité*. A expressão carrega um tom afetivo e costuma acompanhar momentos de conversa e hospitalidade.

⁹⁶ *Chapada*: o autor faz referência à Chapada Diamantina, uma região constituída de montanhas, chapadas e planaltos da Serra do Espinhaço, localizada na região central do estado da Bahia.

Ao longe ouviam-se rezas de velório em um rancho de retirantes.
Somente pela madrugada o mineiro adormeceu.

IV

Ao alvorecer, Ricardo estava de pé. Em tempo de verão, é a hora mais aprazível do dia, na região das catingas. O ar fresco e puro, o aroma silvestre e indefinível, que se respira, restituem ao organismo combalido as energias precisas para a labutação quotidiana.

Ao levantar-se o patrão, o *cuca* trouxe-lhe água para o rosto, e, após, o cuitzinho de café, que ele, como mineiro de gema, sorveu vagorosamente, aos goles poupados, como pratica o experimentador de vinhos. Após o último gole, levantou-se da rede, deixou o cuité⁹⁷ sobre uma bruaca, puxou da bainha⁹⁸ a *parnaíba*⁹⁹, picou fumo, que esfarinhou entre as palmas, prendendo a faca, de ponta para cima, entre o polegar e o indicador; depois do que, apertando o fumo picado na mão esquerda, cortou uma palha de milho e pôs-se a alisá-la, demoradamente, como que absorvido num pensamento profundo.

Dominava o silêncio do ermo. Os camaradas tinham partido a campear, desde as primeiras barras do dia.

Para Ricardo e o cozinheiro, esse silêncio era apenas interrompido pela fervura do caldeirão da feijoada com toucinho e pernil. O mineiro continuava a meditar. Depois de sorver algumas fumaças do cigarro, sentiu certa lassidão¹⁰⁰, que o obrigou a sentar-se.

Quando os primeiros raios do sol iluminavam as cristas das serras do poente, ouviu-se o som de um cincerro e as conhecidas vibrações do solo, indicando um tropear ao longe. Em poucos momentos ouviram-se assobios e gritos guturais dos camaradas, *tangendo* a tropa. Ao chegar esta ao rancho, Ricardo notou de um lance d'olhos que faltavam animais.

De fato, os camaradas queixavam-se de que, por não haver pasto, a tropa *esparramara* na catinga.

— Faltavam *Boneca*, *Rompante*, *Bem-feito* e outros; porém que deviam estar aí mesmo, nalgum *encosto* da serra.

— Que haviam de aparecer; até a sede ajudava a botá-los pra fora. E depois de tais afirmativas, os tropeiros foram ao café.

⁹⁷ *Cuité*: pequeno recipiente, geralmente feito da casca seca do fruto da árvore cuitezeiro. É culturalmente usado para servir café, água ou outras bebidas em regiões do interior do Brasil, especialmente no sertão.

⁹⁸ *Bainha*: capa ou estojo de couro ou material resistente onde a faca ou outro tipo de lâmina é guardada e geralmente presa à cintura.

⁹⁹ *Parnaíba*: tipo de faca longa, com lâmina fina e ponta aguda, bastante utilizada por vaqueiros, tropeiros e sertanejos, tanto no manejo de animais quanto em tarefas cotidianas, como picar fumo.

¹⁰⁰ *Lassidão*: cansaço, fadiga, falta de força ou estímulo para agir.

Estava em expectativa o que constitui o terror dos viajantes: uma *falha forçada*¹⁰¹ num pouso sem recurso.

Ricardo, entretanto, não se mostrava contrariado com essa expectativa; parecia até satisfeito. Dir-se-ia que o acaso vinha favorecer a uma tendência nova de seu espírito, subjugado pela paixão nascente. Segundo afirmou, tempos adiante, nesses momentos tinha ímpetos de voltar, tomar na garupa do *Ruão* a sua *cativa*, e associá-la de qualquer modo ao seu destino. Mas esses pensamentos foram passageiros. Aprendera de sua velhinha mãe a respeitar uma donzela, qualquer que fosse o seu estado e condição. Além disso, era sinceramente católico e nos princípios rudimentares de sua religião encontrava sempre uma antemural¹⁰² contra a tentação da carne voluptuosa, e contra os maus pensamentos. Afora esses princípios ou por excesso deles, era supersticioso. Sabia orações prodigiosas contra todos os males que o pudessem afligir. O mineiro fez-se forte e rezou contritamente. O efeito da autossugestão foi miraculoso. Ricardo viu tudo com mais clareza.

Gostava de Maria, porém não podia se casar com ela, e muito menos tê-la por amante. Tinha praticado uma boa ação e não havia de destruir essa lembrança com uma doidice. Ali, era seguir d'olhos fechados o plano velho. Chegar a Chapada Nova, vender o *carregamento*¹⁰³ e a tropa, reservando apenas alguns animais para a viagem de retorno, e tentar a sorte nalgum garimpo rico. Se em princípio lhe *desandasse* a sorte, antes de *entrar no cobre* da tropa, seguiria para o Serro¹⁰⁴, a fim de comprar novos animais e recomeçar a vida. Se fosse feliz, voltaria mais tarde à Serra Nova, compraria uma fazenda de criação, que isso de andar em coice de tropa era cousa que nem ia nem vinha.

O sol alteava-se. Ao voltarem os camaradas com a tropa, que tinham levado a beber, Ricardo tornara-se resoluto; dava ordens mais terminantes. Ajudava, com presteza, a milhar os animais, que avançavam famintos, insistentes, com o beijo superior estendido e trêmulo, ora gaguejando uma espécie de rugido gutural, surdo; ora escoiceando-se e mordendo-se uns aos outros, *murchando* as orelhas, aos pinchos e aos guinchos, que os distribuidores de embornais aquietavam, distribuindo, também, murros a torto e a direito.

É esse constante lidar com animais em viagem o que faz do almocreve ou tropeiro uma entidade particular, um especialista de classe, que se não confunde com o recoveiro ocasional¹⁰⁵.

¹⁰¹ *Falha forçada*: situação causada por uma circunstância adversa ou por um erro grave, que resulta em uma parada ou pouso inesperado, sem alternativas de solução imediata.

¹⁰² *Antemural*: construção que serve de defesa, colocada diante de uma muralha principal. No sentido figurado, como apresentado no romance, representa qualquer forma de proteção ou barreira contra algo considerado perigoso ou indesejado.

¹⁰³ *Carregamento*: mercadorias ou produtos transportados de um lugar para outro, geralmente em tropas de animais ou veículos. Nas atividades de comércio antigo da Chapada Diamantina, o carregamento era fundamental para o sustento das comunidades e para a economia da região.

¹⁰⁴ *Serro*: município brasileiro localizado no estado de Minas Gerais, pertencente à região geográfica imediata de Diamantina. Está localizado em uma área de relevo montanhoso, com serras, vales e rios que compõem um cenário típico da região do Espinhaço.

¹⁰⁵ *Recoveiro ocasional*: pessoa que transporta cargas ou mercadorias em lombo de animais. Desempenha uma função semelhante à dos almocreves ou tropeiros, mas de forma esporádica, em trajetos menores e sem exercer essa atividade como profissão principal.

O tropeiro tem uma idiossincrasia, uma *gíria*, um *modo*, um *jeito* todo seu, seja para se corresponder com os companheiros, seja para *atalhar*¹⁰⁶ uma cangalha, seja para alcear¹⁰⁷ uma carga, ou arrochar um lote inteiro, dando a mesma inclinação a todas as *agulhas*¹⁰⁸. Para todo o ofício mais vale, de ordinário, a longa prática; mas o verdadeiro almocreve tem um instinto que causa pasmo aos ignorantes do ofício, como tem uma idiossincrasia que, observada, faz meditar um médico.

Assim, até para milhar¹⁰⁹ animais reunidos, só um prático pode fazê-lo sem apanhar um couce, nem deixar se entornar o milho¹¹⁰.

Distribuída a ração, o camarada de nome Felipe consultou:

— Hein, *Pingo d'Água*, você não acha que *Boneca* e *Rompante* tomaram por aqueloutro boqueirão que está mais acima?

— Acho. Aquela mula é *mocambeira*¹¹¹ que é uma desgraça!...

— Deixem de consultas, interveio o patrão; Benedito e Joaquim ficam *pastorando*; vocês dous sigam logo, que os animais estão aí mesmo e ainda hoje se pode fazer *marcha*¹¹² pequena para o *Angico*¹¹³.

Os camaradas obedeceram e seguiram. Um pouco adiante, Felipe disse ao companheiro:

— Hein, Manuel? Você viu *cumo* o patrão tem estado *zambuado*¹¹⁴ estes dias? *Mais* hoje está com a vista mais alegre.

— Eu sei, moço! respondeu *Pingo d'Água*, e começou a cantar baixo, obrigando Felipe à *segunda*¹¹⁵, sem interromper o andar ligeiro:

O cravo pediu à rosa,
Que lhe desse o seu condão:
A rosa lhe deu espinho,

¹⁰⁶ *Atalhar*: no contexto rural e sertanejo, a expressão, no trecho apresentado, significa ajustar, preparar ou arrumar algo rapidamente, especialmente equipamentos usados no trabalho diário, como as cangalhas dos animais.

¹⁰⁷ *Alcear*: levantar ou posicionar uma carga sobre o animal ou estrutura.

¹⁰⁸ *Agulhas*: no Nordeste, especialmente entre vaqueiros e tropeiros, pode significar haste de madeira ou estrutura que ajuda a travar ou estabilizar a carga sobre a cangalha — um suporte colocado no lombo de animais de carga. Essas agulhas são fundamentais para garantir que a carga fique firme durante os longos deslocamentos realizados pelo sertão.

¹⁰⁹ *Milhar*: expressão utilizada no contexto rural para se referir ao ato de jogar ou distribuir milho, ou tipo de grão, como alimento para os animais.

¹¹⁰ *Entornar o milho*: expressão utilizada para indicar o ato de derramar o milho, por inexperiência ou desatenção, especialmente ao alimentar animais.

¹¹¹ *Mocambeira*: adjetivo atribuído a animal que se esconde no mato.

¹¹² *Marcha*: expressão usada por tropeiros e vaqueiros para se referir a uma viagem ou deslocamento, geralmente feito a pé ou com animais de carga ou montaria. Indica o ato de seguir caminho, percorrendo uma determinada distância, seja ela curta ou longa.

¹¹³ *Angico*: parada ou local de descanso na antiga rota dos viajantes e tropeiros pela Chapada Diamantina.

¹¹⁴ *Zambuado*: expressão da região Nordeste, de uso popular, que se refere a alguém que está triste, calado, emburrado ou de mau humor.

¹¹⁵ *Segunda*: no contexto apresentado, refere-se a fazer a segunda voz em uma canção, ou seja, cantar uma harmonia complementar à melodia principal.

Mas o cravo não quis, não!

.....

A viola *chora* a prima,
 A prima *chora* o bordão...
 — O cravo pediu à rosa
 Que lhe desse o seu condão!
 Eh! seu condão!...

O eco respondia ao longe nas quebradas da serra, porque, insensivelmente, tinham alteado a voz.

Dentro em pouco os campeadores desapareceram na catanga. Cada um tomou seu rumo.

No rancho, os animais que acabavam de comer milho, e dos quais eram tirados os embornais¹¹⁶, ficavam por ali, a *turrar*¹¹⁷, a *babujar*¹¹⁸ folha seca do chão ou a roer casca de pau.

Já se fazia sentir o tédio de uma *folha*¹¹⁹, em que o dia parece mais longo; o sol mais quente, ou mais fria a chuva; as moscas mais importunas; o silêncio mais desanimador; e em que, tudo que não seja o burro *aparecido*¹²⁰, ou o doente são, que não seja, enfim, a cessação da *folha*, traz aborrecimento.

Passou a hora do *almoço manso*. O sol despejava uma torrente de fogo. Em longas extensões o calor irradiava-se, como se a terra fosse a abóbada de um imenso forno quente.

Passou a turma de retirantes, que pediam esmolas por todos os santos. Sem molestá-los, Ricardo convenceu-os de que não podia dar o que não era seu.

Passou uma procissão de penitência, em preces (*ad petendam pluviam*)¹²¹ conduzindo uma imagem de Nossa Senhora do Alívio. Mudava-se, para uma casa distante, a residência da imagem, para que ela fizesse chover imediatamente.

¹¹⁶ *Embornais*: sacolas feitas de tecido grosso, couro ou lona, usadas no pescoço ou nos arreios dos animais para guardar e servir alimentos, como milho ou farelo. São comuns em ambientes rurais, especialmente durante viagens ou paradas em ranchos.

¹¹⁷ *Turrar*: ação dos animais de empurrar, cutucar ou remexer objetos com o focinho, testa ou chifres. Em alguns contextos, também pode significar resmungar, mugir baixinho ou emitir sons abafados, como fazem bois ou vacas quando estão impacientes ou incomodados.

¹¹⁸ *Babujar*: molhar algo com saliva ou babar sobre ele, como fazem alguns animais ao mastigar sem engolir de imediato, deixando folhas ou objetos úmidos.

¹¹⁹ *Folha*: o termo que aparece duas vezes neste parágrafo para indicar a parada forçada do rancho devido ao extravio de animais, parece ser devido a algum engano, uma vez que nas demais passagens em que se alude a esse fato diz-se *falha* (Cf. p. 21), ou, em dialeto popular, *faia* (acima). (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.23).

¹²⁰ *Burro aparecido*: expressão cultural que pode ser usada para descrever algo ou alguém que aparece de forma inoportuna ou inesperada, trazendo desconforto ou irritação. No contexto do trecho, pode ser uma metáfora para algo que interrompe a tranquilidade, causando aborrecimento.

¹²¹ *Ad petendam pluviam*: locução latina que significa “para pedir chuva”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/ad%20petendam%20pluviam>).

Pela estrada afora o mulhierio, aterrorizado com a seca e a fome, carregava pedras, gritando esganiçadamente¹²² como carpideiras egípcias¹²³ em funerais de grande pompa.

O mineiro e os camaradas levantaram-se e descobriram-se à passagem da Santa.

A procissão desapareceu ao longe.

Passava a hora do *almoço bravo*¹²⁴, e não vinham os animais! Uma dúvida surgiu no espírito do mineiro:

— Teriam furtado os animais?

Quis ir até ao rancho do africano, para indagar se havia ali tal costume; porém nesse momento aproximava-se o João, o sertanejo com o qual Ricardo travara conhecimento no dia anterior, e que, depois de saudar, falou:

— *Hein*, meu patrão, com que está sua mercê de *faia*¹²⁵!

— Era verdade. O pior¹²⁶ era que podiam estar furtados uns animais desaparecidos, respondeu Ricardo.

— Não tivesse susto, atalhou o sertanejo. Apesar da fome, o povo dali não furtava. Estava de pouco tempo, mas podia afirmar. Os animais apareceriam.

— Os anjos dissessem amém, respondeu Ricardo, coçando a cabeça, de impaciente.

Não esperou muito. Soou ao longe o prolongado grito do tropeiro, quando encontra o último animal *sumido*.

— Os anjos tinham dito amém, observou João.

Contente por isso, o mineiro abriu a bruaca da cozinha, cortou bom pedaço de carne, e deu-o ao sertanejo.

— Farinha é que não havia, acrescentou.

O sertanejo expandiu-se em agradecimentos:

— Pudesse contar com ele onde estivesse. Nunca se esqueceria daquela esmola de bom coração. Ia sempre para a Chapada, e lá estaria ao serviço do patrão.

¹²² *Esganiçadamente*: expressão que descreve um grito estridente, agudo e penoso, muitas vezes associado a uma sensação de desespero ou sofrimento.

¹²³ *Carpideiras egípcias*: mulheres contratadas na antiga civilização egípcia para lamentar e chorar durante os rituais funerários. Elas expressavam a dor da perda de maneira dramática e intensa, contribuindo para o luto e a honra ao falecido.

¹²⁴ *Almoço bravo*: expressão cultural e popular que se refere a um almoço feito fora do horário usual, geralmente mais tarde do que o horário esperado ou desejado.

¹²⁵ *Faia*: termo de uso coloquial e territorial em algumas áreas do Nordeste, utilizado para se referir a "falha". No contexto apresentado, "faia" é empregada para indicar um problema, especificamente a falta ou ausência de animais.

¹²⁶ *Peior*: do latim (*peior*), quer dizer pior.

E despediu-se. Decorrido algum tempo, chegaram os animais.

O mineiro *desapontou*. Estavam *finos* e *varados* de sede.

Ordenou que Felipe fosse dar-lhes de beber, enquanto o Manuel *atalhava* algumas cangalhas de seu lote, que estavam *lambendo* em *vésperas* de *pisar*¹²⁷.

Determina a superstição dos tropeiros que se não descubram os lotes do rancho sem que estejam vistos todos os animais da tropa, porque o proceder contrário dificulta o aparecimento dos que estejam transviados, obrigando a *falhar*.

Assim, foi *Pingo D'Água* o primeiro a tirar de seu lote os couros que estavam tinindo com o calor. Desarrumou as cangalhas, lembrando que o próprio Diabo não quis ser tropeiro para não lidar com *couro cru em tempo de sol quente*, e, enquanto trabalhava, distraía-se:

Quem parte, parte chorando;
 Quem fica vida não tem;
 Não tem sono nem sossego,
 Quem chegou a querer bem.

O canto era intermeado de socos para acamar ou espalhar a paina do *talabardão*¹²⁸, nos pontos a atalhar.

Quem tiver cuidados, tenha
 Mas nunca procure amar,
 Que é pena que puxa pena
 Sem nunca mais acabar.

Quem saiu de sua terra,
 Se disponha a padecer;
 Que a tristeza nunca solta
 Quem tem alma pra sofrer.

Concertava com a voz do camarada o ruído causado pelo *corrute*¹²⁹ dos animais vindos, triturando o milho.

Chegou a hora de *suspender* cargas. — O sol declinava; mas ainda havia tempo de alcançar pouso de melhor arrumação, daí a légua e meia.

Os camaradas almoçaram. Ricardo almoçou pouco. Apesar de seu trabalho pensava, de quando em quando, em Maria, sem, contudo, se perturbar, como a princípio.

¹²⁷ *Lambendo em vésperas de pisar*: metáfora ou expressão cultural que sugere uma situação em que algo ou alguém está quase prestes a agir ou a se mover, mas ainda está em um momento de preparação ou expectativa.

¹²⁸ *Talabardão*: cobertura de couro cru costurada a uma espécie de saco com enchimento, colocada sobre a armação de madeira das cangalhas, que facilita a acomodação da carga e protege o lombo do animal do atrito e do peso.

¹²⁹ *Corrute*: expressão territorial, provavelmente relacionado ao som característico produzido por animais ao se moverem ou se alimentarem.

O primeiro lote partiu. A *cabeçada* agitava-se, vibrando com o desânimo peculiar às tropas *batidas*¹³⁰. Seguiram-se o segundo e o terceiro lotes. Arrochou-se a última carga do traseiro. Ricardo, ao *calçar* as esporas, relanceava o olhar pelo *rancho* para verificar se acaso ficara alguma coisa.

Por pior que seja um *rancho* em que o viajante passou algumas horas, causa-lhe sempre alguma saudade o deixá-lo, porque, ao menos, acode-lhe ao pensamento a dúvida ou possibilidade de o tornar a ver algum dia.

Nessa tarde a tropa *derrubou*¹³¹ no Angico.

V

Do pouso do Angico, Ricardo continuou a viagem sem tropeços. Em poucos dias atravessou o *gerais*¹³² do *Tanquinho*¹³³; passou pelo *Comércio de Fora*¹³⁴, e entrou em *Mucugê*¹³⁵, aliás vila de Santa Isabel, desde 1847, porém somente conhecida então por aquele nome.

Em consequência da viagem, estava quase apagada no espírito do mineiro a lembrança da sertaneja. A sua chegada ao Mucugê obliterou ainda mais essa lembrança.

Não obstante ser filho da província de Minas e, além disso, bastante *corrido*, habituado, portanto, a lidar em meio de grandes cidades sertanejas, em todo o caso, o burburinho febril do comércio do Mucugê, d'então, tornou-o, na gíria dos tropeiros, *zaranza*¹³⁶ e *apoucado*¹³⁷.

É preciso, em verdade, petulância e presença de espírito, para um homem qualquer enfrentar, de chofre, com calma e sem desaprumar-se, o grande movimento de uma *lavra*, recentemente descoberta, onde se aglomere uma população de dezenas de milhares de indivíduos, gente de todos os climas, de todas as raças, de todas as condições, e costumes diversos, num vaivém contínuo, numa azáfama¹³⁸ e agitação atordoadoras, de vasto acampamento de guerra, e que acobarda os tímidos, desafiando a gana dos audazes. É aí que a luta pela existência se acentua, por vezes, de um modo acerbo e apressado, evidenciando-se o princípio egoísta, segundo o qual, sejam quais forem as condições étnicas e mesológicas, o mundo é dos que rugem e não dos que balam; é dos leões e não

¹³⁰ *Tropas Batidas*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever um grupo de animais de carga que já preparados ou arrumados para a jornada se mostram exauridos e fatigados de longas viagens.

¹³¹ *Derrubou*: no contexto de tropeiros e vaqueiros, significa que a tropa (grupo de animais de carga) chegou e se acomodou ou parou em um local para descansar ou pernoitar.

¹³² *Gerais*: campos extensos, desabitados e com vegetação escassa.

¹³³ *Tanquinho*: na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia, existe um distrito chamado Tanquinho. Ele faz parte do município de Lençóis e está localizado a aproximadamente 126 quilômetros da cidade de Mucugê, outra importante localidade da Chapada em que o romance é ambientado.

¹³⁴ *Comércio de Fora*: antigo ponto de passagem e localidade próxima a Mucugê, que servia como parada comercial e de apoio para viajantes e garimpeiros.

¹³⁵ *Mucugê*: cidade histórica da Chapada Diamantina, localizada a cerca de 448 km de Salvador, a capital do estado da Bahia. No século XIX, destacou-se como um dos primeiros locais da região onde se encontraram diamantes, atraindo garimpeiros e comerciantes e marcando a história do ciclo do garimpo de diamantes na Bahia.

¹³⁶ *Zaranza*: atordoado.

¹³⁷ *Apoucado*: acanhado, tímido.

¹³⁸ *Azáfama*: movimento intenso e contínuo.

das ovelhas; aí, como na guerra, aqueles que esmorecem são cruamente calcados pelos próprios amigos, por todos os que se arrojam no campo da luta; nem há meio termo: aí é morrer ou vencer. Nesses lugares, e em princípio, enquanto não se uniformizam os costumes, pela força da autoridade pública ou pela preponderância dos indivíduos melhores e mais fortes, o que só acontece com o decorrer de muitos anos, a própria *Caridade*, entre cristãos, tem o aspecto selvagem e grosseiro, do *tiro de Misericórdia* das execuções militares de *povos cultos*.

Ricardo mandou *derrubar na intendência* do capitão Joaquim Manuel, o protótipo da honradez, como homem e negociante. O mineiro ouviu, durante a viagem, falar muito nesse homem como *homem bom do lugar*, no dizer singelo dos sertanejos, que é o mesmo das antigas *ordenações do Reino*, e, por precaução, estando em *terra alheia*, dirigiu-se ao capitão Joaquim Manuel.

Precisava de quem o protegesse desinteressadamente, em qualquer emergência, e ninguém se lhe afigurou melhor.

Esse negociante modesto (liberal e monarquista que, nessa época, nem poderia sonhar ter um dia, trinta e três anos depois, um de seus filhos, como governador de um estado republicano)¹³⁹; recebeu o mineiro, ao balcão mesmo, com o seu discreto e afável sorriso:

— Donde vinha? Que trazia de negócio? Inquiriu.

— Era da Serra Nova, Minas, mas vinha de *baixo* pelo *Maracá*, donde pretendeu seguir para a *casa*; mas voltou para a Chapada Nova, porque soube que o sal *estava dando*, bem como o toicinho. Por isso a tropinha estava *tampada* de sal e toicinho.

Respondeu-lhe também o bom negociante:

— Que aproveitasse a quadra, realmente boa. Não podia ser melhor. Ele não comprava, porque não tinha mais onde depositar; porém, comprador não faltaria.

Pedindo sua proteção, o mineiro justificou-se, declarando que não tinha conhecimento algum no comércio.

O paciente negociante deu-lhe informações de pessoas e chegou até a indicar-lhe um alugador de *manga*¹⁴⁰, de confiança, para a tropa.

Deu-lhe conselhos para não se afastar do *carregamento* e do *rancho* nem se meter em *badernas*, se acaso gostava disso, porque poderia se arrepender.

Ricardo asseverou sisudamente que não *era de badernas*, nem na sua própria terra, e, despedindo-se, voltou-se ao *rancho*.

¹³⁹ O Partido Liberal defendia a monarquia federativa, a abolição do poder moderador e a eleição de senadores. Em 1870, a sua ala exaltada fundou o Clube Radical, que daria origem ao Partido Republicano, contrário, evidentemente, à monarquia, e defensor dos interesses da classe média em ascensão.

¹⁴⁰ *Manga*: no contexto apresentado, o termo manga, usado no Nordeste e em outras regiões do Brasil, refere-se a um local cercado, destinado para o pasto do gado. É uma área de vegetação fechada ou cercada, onde os animais são reunidos temporariamente.

Nesse mesmo dia, em poucas partidas, dinheiro à vista, vendeu o carregamento, com grande lucro.

Por segurança, logo ao anoitecer deu a guardar, contado e amarrado em bolo, todo o dinheiro ao capitão Joaquim Manuel, e, conforme o seu costume, às 8 horas estava deitado em sua rede, armada a um canto do casarão de meias paredes, denominado *intendência*, onde estavam hospedados outros *bruaqueiros*¹⁴¹.

Não dormiu logo, porque entrou a fazer cálculos para a execução do plano traçado, isto é, vender parte da tropa e atirar-se ao garimpo.

Em tais cálculos adormeceu, imitando todos os companheiros de *rancharia*, no ressonar alto e compassado.

Alta noite, uma tropilha de desocupados noctívagos¹⁴² (denominados *vadios*, e que constituem a escória de todas as populações) dividiu-se em grupos, e foram estes, como de costume, passear pelas *intendências*, acordando os *bruaqueiros*, arrastando couros, *furtando por brincadeira*, expandindo, enfim, as sensaborias do espírito baixo¹⁴³, acanhado e acalcanhado¹⁴⁴.

Aproximaram-se alguns, pé ante pé, da em que estava Ricardo; porém o mineiro não se deixou surpreender. Como todos os viajantes de profissão, em geral, tinha o sono *leve*. Assim, quando o mais avançado quis puxar um couro do lote de sua tropa, ele disse pausadamente:

— Deixe disso, moço. O senhor não sabe com quem brinca. É melhor ir-se embora!

— Eu puxo couro de outros, quanto mais *de você*, respondeu o desconhecido, peguilhando¹⁴⁵, e puxando o couro, entre gargalhadas mal reprimidas dos companheiros de *vadiação*.

— Terra sem governo! Solta o couro, já lhe disse! Retrucou Ricardo.

Os camaradas acordaram, e procuravam se munir de *agulhas* de arrocho, às apalpadelas, descompondo os *vadios*.

O *vadio*, supondo que esse, como outros *bruaqueiros*, se limitasse a persegui-lo, atirando *agulhas*, cobriu a cabeça e as costas com o couro aberto, e correu, arrastando as *garras* do couro pelas calçadas.

— Espera, diabo, *traste*! Gritaram a um tempo *bruaqueiros* e *tropeiros*, atirando, no rumo, *pilungas* e *agulhas*¹⁴⁶.

¹⁴¹ *Bruaqueiros*: termo utilizado na Bahia para denominar garimpeiros inexperientes; condutores de tropas de animais.

¹⁴² *Noctívagos*: refere-se a pessoas ou seres que têm hábitos noturnos ou que são mais ativos durante a noite.

¹⁴³ *Sensaborias do espírito baixo*: ações e ideias sem importância, maldosas ou medíocres, próprias de pessoas de espírito mesquinho e desprezível.

¹⁴⁴ *Acalcanhado*: alguém preso a coisas insignificantes, de pensamento e comportamento desprezíveis, com atitudes de pouco valor moral ou intelectual.

¹⁴⁵ *Peguilhando*: provocando, promovendo disputa.

¹⁴⁶ *Pilungas* e *agulhas*: minérios satélites do diamante. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.26).

O sangue, em saída, refluía ao coração do mineiro, que, como possuído de loucura instantânea, apanhou a pistola de dois canos, e correu no encalço do desconhecido, cujos companheiros corriam adiante, em fileira, fiados no anteparo do couro.

— Espera, desgraçado! Gritou Ricardo, que, não podendo alcançá-lo, fez fogo.

Ouviu-se um grito e o baque do couro. Os outros *vadios* fugiram covardemente, deixando o companheiro, de borco, na calçada.

Ricardo voltou, caminhando, e, ainda descalço, sentou-se na rede, afrontado, ardendo em cólera.

Algumas portas se abriram, apareceram luzes, ao longe.

Os camaradas, penalizados, rodearam o mineiro, exclamando, comentando:

— Ora, patrão, *vosmecê* se botar a perder com uma *coisa ruim!*

— *Vosmecê* matou o homem deveras!

Diante dessas vozes, Ricardo levantou-se sem saber que devia fazer. Voltava-lhe a reflexão. Tirou-o do estado de perplexidade o conhecido trilo de apito da polícia, e o estrépito de gente que corria dos lados da cadeia velha.

Falou-lhe então, alto, o instinto de liberdade e conservação. Agarrou o casaco de algodão, tingido de lama, enrolou-o na capanga de couro, e, empunhando punhal e pistola, correu por um beco próximo, que dava para o rio Mucugê.

Quando a patrulha chegou, já o mineiro tinha desaparecido na escuridão.

Todos se apressaram em dizer que o criminoso já não estava ali; tinha fugido, ninguém sabia para onde.

O comandante da patrulha agastou-se com tanta *inocência*:

— Alguém haveria de saber, ou então prenderia todos.

Para aquietar a fúria dos soldados, um, menos discreto, dos tropeiros disse:

— Ora! fugiu por esse beco aí, e se bem andou, já atravessou o rio.

— Olha os sapatos dele ali, acrescentou outro, apontando, à luz do fogo do caldeirão da feijoada, os sapatos do mineiro debaixo da rede.

Assim orientados, os *guardas* (como então eram chamados) atufaram-se na escuridão do beco, em carreira até à *Várzea*; porém nada viram nem ouviram. Apenas *ninhadas* de porcos espantados corriam, soprando e roncando, pela várzea afora. A um soldado pareceu-lhe lobrigar um vulto branco, ao longe, correndo. Por desencargo de consciência, descarregou a pistola que levava em companhia da baioneta. Não se viu mais nada. Após o estampido, que ecoou de quebrada em quebrada, e os estalos do ricochete da bala nas pedras, tudo ficou em silêncio, em relação a vozes e movimentos de gente.

Somente o Mucugê escachoava ruidoso por entre os rochedos e penedias escuras de suas margens e leito.

A patrulha entrou em consultas recíprocas e resolveu-se a voltar à intendência.

Os camaradas de Ricardo não arredaram pé dos lotes.

Ao chegar à rancharia, o comandante da patrulha inquiriu se não tinha companheiros ali o criminoso:

— Que tinha camaradas, foi a resposta de *Pingo d'Água*, e indicou os quatro, incluindo-se.

— Pois me acompanhem, disse o furriel¹⁴⁷ da patrulha.

— Pra cadeia? Perguntaram a um tempo os camaradas.

— Sim, respondeu um guarda, enquanto o furriel coçava a cabeça, inclinando a barretina sobre os olhos.

— *Uai!* Exclamou Benedito, como é que o patrão faz um *dilito* e o camarada vai preso?

— Não. Isso não está direito, não; acrescentou Joaquim.

— E que tem isso? Perguntou o comandante.

— Tem, que eu não vou por bem, nem por mal, porque não fiz *dilito* nenhum. E comecem com muita conversa, eu grito meu amo, senhor coronel Rocha, e está tudo acabado. O sobrado dele é ali perto, disse *Pingo d'Água*.

Diante desse nome e da ameaça, o furriel coçou de novo a cabeça e os guardas emudeceram.

— Mas é preciso sempre ir à casa do Sr. subdelegado.

— Está bom, *isso* a gente vai amanhã, retrucou *Pingo d'Água*; hoje já é tarde, não tem quem tome conta do rancho. E depois o *vadio* não teve nada. Um carocinho de chumbo na pele.

O furriel concordou e retirou-se, depois de tomar o nome do patrão e dos camaradas, em direção da casa duma velha Sinhanna, onde soube estar o ferido, um rapazola imberbe, órfão de pai e mãe.

Aí verificou o furriel que realmente não devia incomodar o subdelegado. Apenas quatro *caroços*¹⁴⁸ de chumbo empregaram-se na omoplata direita, interessando somente o tecido celular subcutâneo. O couro de boi certamente enfraquecera a força dos projéteis.

Remédios caseiros foram aplicados e o rapazinho fumava o seu cigarro tranquilamente.

¹⁴⁷ *Furriel*: era uma graduação militar que existiu no Exército, nas polícias e nos corpos de bombeiros militares no Brasil. Em alguns contextos, o termo pode ser comparado ao que hoje seria o terceiro-sargento, ou usado apenas para se referir a uma função específica, como a de organizar a folha de pagamento e as refeições dos sargentos, cabos e soldados.

¹⁴⁸ *Caroços*: no contexto apresentado, a palavra *caroços* se refere a pequenas balas ou projéteis de chumbo, usados como munição em armas de fogo antigas.

Em todo o caso, no dia seguinte foram ouvidos os camaradas e mais tropeiros, formando-se o corpo de delito. Por mais que as testemunhas do inquérito inocentassem o delinquente, este, na melhor hipótese, teria que pagar a imprudência do seu impulso, com quatro anos de prisão com trabalho, ou mais oito meses de prisão simples, porque ficou bem classificada a tentativa de homicídio.

Entretanto não houve mais novas do mineiro. Essa falta de notícias incomodava ao capitão Joaquim Manuel, por estar de posse do dinheiro de Ricardo, e exposto à probabilidade de comparecer em juízo, o que nada tinha de agradável.

Providenciou, portanto, em segredo, para que fosse encontrado o mineiro, vivo ou morto.

Quanto aos camaradas, mandou chamá-los e aconselhou-os que não abandonassem o rancho.

Somente não pôde dar um jeito em *Pingo d'Água*, que, à noite, andava já de viola ao peito, cantando em *desafio*¹⁴⁹ pelas tavernas, temendo somente se enfrentar com o famoso *Ponta d'Água*.

VI

Quem corre com medo assusta-se da própria sombra.

Quando Ricardo atravessou o Mucugê, resistindo à correnteza, e escorregando nas pedras lodosas, ouviu o tropel da patrulha e vozes dos guardas que o perseguiam. Transposto o rio estreito, acorrou-se atrás de uma pedra baixa e ficou a espiar os vultos de seus perseguidores. Daí viu o clarão e ouviu o estampido em direção diversa da em que estava: e, com grande alívio, percebeu que voltaram. Estava, portanto, livre; porém, não há homem de brio que não tenha medo de ser preso como assassino impulsivo. Assim, apesar de ser animoso, cresceu-lhe de tal modo o medo, que não hesitou em arriscar-se a outro perigo, talvez maior, de correr sobre terreno desconhecido, acidentado, pedregoso, por entre uma vegetação enfezada, emaranhada, a lhe rasgar as roupas e as carnes, lugar próprio, enfim, para asilar inúmeras cobras venenosas.

Às vezes chegava a um ponto que lhe parecia bom esconderijo; mas instantes depois já não lhe servia, e tocava para o rumo que lhe afigurava mais longe da vila. Cerca das três horas da manhã, a luz escassa da lua minguante veio alumiar fracamente as anfractuosidades do terreno onde Ricardo, vencido pela fadiga, se acoutara definitivamente. Estava no sopé duma montanha, cujo nome desconhecia. Ouviu galos cantarem, pareciam-lhe vir as vozes de muito longe. Resolveu descansar até ao alvorecer. Tendo na mão direita a pistola, recostou-se na pedra de um canal. Passou-lhe então pela memória conturbada a figura amorosa e boa de sua querida mãe. Seus olhos se vidraram de lágrimas. Teve desejo de pitar, para distrair-se e abstrair-se do mundo de pensamentos que o acabrunhavam; mas refletiu que o isqueiro poderia fazer muito ruído. Também a prostração moral e física subjugarão-lhe a consciência da vida de relação e adormeceu.

¹⁴⁹ *Desafio*: disputa de cantoria improvisada entre duas ou mais pessoas, em que os participantes criam versos na hora, rimando e respondendo ao adversário. Essa tradição, conhecida como repente, embolada ou moda de viola, faz parte da cultura popular brasileira e ainda acontece em várias regiões do país.

Sol alto ainda dormia. Uma algazarra de meninos veio despertá-lo. Levantou-se assustado e espiou por cima de uma pedra.

Eram lenhadores, quebrando garavetos. Isto animou ao foragido. Pensou entrar em conversação com os meninos para averiguar se dera a morte, que era o seu terror. Mas o modo de conversar sem se descobrir era o difícil. Afinal decidiu-se fingir de *campeador*, e, saindo dentre as pedras, caminhou para o mais próximo e perguntou-lhe:

— Se não tinha visto um burro *pangaré de frente aberta*¹⁵⁰?

Era realmente um de seus animais.

O menino assustou-se. Os companheiros aproximaram-se, cheios de curiosidade. O primeiro gaguejou, desconfiado, algumas palavras, dizendo que *não sabia*, enquanto sorrateiramente ia apanhando as cordas de amarrar lenha.

Nesses tempos, entre mulheres, meninos e até adultos, nada causava mais terror, nos lugares ermos do que a presença do *Criminoso* ou *Matador*, do *Ladrão* ou do *Negro fugido*¹⁵¹. Por isso, vendo aquele homem estranho, vestido de preto, armado, descalçado, todos os meninos tiveram o mesmo pensamento, porque sabiam do fato da noite passada, e o que estava mais longe gritou:

— Corre, *esse menino!* É o *criminoso d'onte!*

Foi uma arrancada geral, estrepitosa, entre gritos e gargalhadas, que fariam rir aforradamente ao mineiro, se inocente fora. Feixes atirados a esmo, lenha espalhada, rodilhas por aqui, chapéus por ali; uma inferneira de gritos e assobios, enquanto as camisinhas dos menores trepavam ao vento, que era um gosto.

Ricardo empalideceu. Estava perdido! Em todo caso, gritou com fingida energia:

— Vocês estão malucos, diabinhos?!

Os meninos pararam ao longe, escabriados, rindo, cochichando.

Ricardo sustentou a presença de espírito, parado também, com um riso forçado nos lábios. Depois saiu vagarosamente, fingindo rastrear, porém já muito resolvido a dar à perna, quando não pudessem os meninos vê-lo. E isto fez. Em certa distância apressou o passo. Criado em terrenos semelhantes, esperto como poucos, não sentia dificuldades. Galgava penedias, saltava *canalões* e torrentes sem tomar fôlego, afastando-se o mais que podia do Mucugê.

— Assassino! Pensava ele, com os olhos rasos de lágrimas.

— Minha mãe! Monologava alto, e apressava-se.

Onde iria parar? Não sabia. O essencial era fugir para longe. Levava na capanga alguns mil-réis (mala-reis como dizia), e, encontrando alguma cousa alimentícia para

¹⁵⁰ *Pangaré de frente aberta*: expressão que designa o animal que, depois de muitos esforços, fica com os músculos do peito relaxado e cai facilmente. (N. E). (Série Bom Livro, 1978, p.29).

¹⁵¹ *Negro fugido*: escravizado que fugia do feitor e seu senhor, para tentar a sorte em outra região e viver como um liberto. Contudo, o texto apresenta o “negro fugido” como uma presença perigosa, comparando-o a um ladrão, matador, criminoso.

comprar, não padeceria fome. Se não encontrasse, havia a fartar frutas silvestres, coco e palmito amargo do *licorioba*¹⁵², além de caças.

A zona que percorria era de garimpos abandonados. Isso lhe favorecia. Depois de andar cerca de uma légua, fraldeando uma serra, chegou a um ribeiro de água corada, cuja direção indicava ser afluente do Mucugê. Parou para dessedentar-se; mas ao encher o chapéu de couro, ouviu passos. Despejou fora o chapéu e empunhou a *garrucha*, disposto a defender-se.

Nos terrenos diamantíferos, em geral, o som propaga-se a grandes distâncias, posto que demoradamente.

Quem vinha, estava ainda longe, e começou a assobiar uma tirana, molemente. Não havia motivo de estar sobressaltado. Contudo encheu de novo o chapéu e bebeu depressa.

O assobio parou; o garimpeiro tinha avistado Ricardo. Este voltou-se. Aquele era um tipo de *faiscador*¹⁵³ indolente. Trazia a *bateia*¹⁵⁴ à cabeça, e no ombro uma enxada, alavanca pequena e um *frincheiro*¹⁵⁵. Vestia calças e camisas de *gruna*¹⁵⁶, justas ao corpo, e de algodão sertanejo¹⁵⁷. Tinha parte do rosto oculta pela *bateia*; — somente, quando chegou perto, viu Ricardo que era um caboclo escuro, de barbas cerradas e pretas como azeviche¹⁵⁸.

— *Bons dias*, saudou o garimpeiro.

— Bom dia, respondeu Ricardo. Mas tendo o outro guardado silêncio curioso, investigador, acrescentou:

— Viu por aí, amigo, um burro *pangaré de frente aberta*?

— Não, vi não. Está *sumido*? Inquiriu.

— Está.

Depois de pequena pausa, em que inspecionou o mineiro de alto a baixo, o *faiscador* interrogou:

¹⁵² *Licorioba* ou *licurioba*: nome popular de uma palmeira nativa da Chapada Diamantina, na Bahia. Tradicionalmente utilizada na alimentação e na medicina popular da região. Seu coco é aproveitado na produção de óleo, doces e até sorvetes, enquanto o palmito, de sabor mais amargo, é consumido com menor frequência.

¹⁵³ *Faiscador*: no contexto dos garimpos e do ciclo do diamante, o termo se refere ao garimpeiro que procurava diamantes ou pepitas de ouro em rios e áreas onde se acumulavam areia, cascalho e pedras trazidos pela água. Assim, a expressão *faiscador* indolente designa o garimpeiro preguiçoso, que trabalha sem vontade ou sem dedicação.

¹⁵⁴ *Bateia*: ferramenta utilizada no garimpo de rios para extrair ouros e diamantes. Sua principal função é separar os preciosos minérios de materiais menos densos, como a areia e o cascalho.

¹⁵⁵ *Frincheiro*: ferramenta utilizada pelos garimpeiros para desprender o cascalho das fendas das rochas.

¹⁵⁶ *Gruna*: o termo se refere a roupas simples e ajustadas ao corpo, feitas de tecido resistente, geralmente usadas para o trabalho pesado no campo ou no garimpo.

¹⁵⁷ *Algodão sertanejo*: tecido grosso, rústico e resistente, feito a partir das fibras de algodão, muito usado por tropeiros, vaqueiros e garimpeiros.

¹⁵⁸ *Azeviche*: mineral muito negro, tão duro e uniforme que pode ser esculpido e polido de modo a parecer vidro, muito utilizado na fabricação de botões. (Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/azeviche/>).

- Ainda que mal pergunte, o patrão é *de fora*?
 — Sou, respondeu secamente o mineiro, enrolando um cigarro.

O fato novo de algodão, tinto de lama, o chapéu macio, coberto de pele curtida, a capanga a tiracolo, os pés tratados, tinham feito com que o garimpeiro visse em Ricardo *um patrão*, do mesmo modo que este adivinhara naquele *um faiscador* preguiçoso, sem descortino, o que o tratamento de *patrão* confirmava, porque o genuíno garimpeiro, por mais *infusado*¹⁵⁹ que esteja, não reconhece padrões. É sempre altivo como as serranias cujas entranhas ele rompe, com risco de vida, e às vezes à força de *cunha*¹⁶⁰ e *marreta*¹⁶¹, em busca do diamante.

- Então, observou o faiscador, o animal estará para as bandas do *Gerai*s.
 Aqui não pode estar.
 — De lá vim eu, acudiu Ricardo, e agora é que acertei com o *Comércio*, porque me perdi.

Vendo que Ricardo era de *fora mesmo*, portanto sem *fidúcias*¹⁶², não duvidou pedir um *cigarro de fumo*, isto é, um pedacinho de fumo; e, ao perceber que ele abria a escarcela, atirou com a ferramenta no chão e encostou cuidadosamente a *bateia*.

Não havia dúvida, queria prosa, e sem saber se também a queria o *patrão*, foi falando sobre as riquezas dos *garimpos*, relanceando a vista pelas serras, como se soubesse de verdade onde estavam as grandes *manchas*¹⁶³ *de diamante curto*.

Ricardo deu-lhe o cigarro de fumo, e, prevenido sempre, dispôs-se a ouvi-lo complacentemente. Esperava informar-se dos acontecimentos, orientar-se da saída, e até utilizar-se do indivíduo estranho para escrever ao capitão Joaquim Manoel, se fosse possível.

- *Isto aqui ainda dá diamante?* perguntou.
 — *Si dá!* Inda a semana passada um camarada do Conde achou neste riachinho um *chapéu-de-frade*¹⁶⁴, que vendeu por duzentos mil-réis.
 — *Dozentos mala-reis!* Exclamou o mineiro.
 — Sim; vendeu por duzentos mil-réis e *inda pegou mais uns lambreios*¹⁶⁵.
 — Que Conde é esse? Aqui tem algum Conde? Perguntou Ricardo.

¹⁵⁹ *Infusado*: no contexto do garimpo, na Bahia, essa expressão é utilizada para se referir a um garimpeiro sem sorte na exploração de ouro e diamantes.

¹⁶⁰ *Cunha*: ferramenta de metal ou madeira em forma de cunha (triangular ou trapezoidal) usada para abrir rochas, separar blocos de pedra ou cascalho e facilitar o acesso a diamantes ou ouro.

¹⁶¹ *Marreta*: tipo de martelo de ferro, pesado, de cabeças quadradas e cabo longo, usado em demolições.

¹⁶² *Fidúcias*: confiança ou relação de proximidade e credibilidade com alguém.

¹⁶³ *Manchas*: tira de rocha onde possa estar oculto uma jazida de diamante.

¹⁶⁴ *Chapéu-de-frade*: no contexto dos garimpos de diamante, especialmente na Chapada Diamantina, chapéu-de-frade é o nome popular dado a uma pedra de diamante de formato achatado ou arredondado, lembrando o formato do chapéu usado por frades (monges) franciscanos.

¹⁶⁵ *Lambreios*: no uso territorial e popular, especialmente no sertão nordestino e nos ambientes de comércio informal como os garimpos, *lambreios* se referem a pequenos agrados ou vantagens extras recebidos numa troca ou venda.

— O Conde *Fon... Me... Mero...* sei lá... um *estranja ruivo cuma fogo*, que está aí no Mucugê, muito amigo de meu amo senhor coronel *Riginaldo... anda sempre junto*.

— E esse Conde é rico? Interrogou o mineiro.

— *Dize que é rico cumo os diabo? Vai mudá pra Passage dos Piaba*¹⁶⁶.

— Você já veio hoje do Mucugê?

— Ora, ora! *pru* que não? Mucugê é ali.

E o faiscador estendeu o lábio inferior na direção.

Por esse modo de conversar, Ricardo, prático e corrido, viu logo que tinha diante de si um pobre diabo, e não um perverso, um ladrão de estrada.

— E que há mais de novo? Perguntou.

— Nada. *Só onte é qui um bruaquero ou tropero* atirou num sobrinho de *Sinhanna*. *Mais não fez má não. Esses vadio aborrece os bruaquero de mais toda a noite*, arrastando couro, furtando *cardeirão* de feijão, e ninguém dá *pruvidença*.

O faiscador começou a fazer um cigarro. Se fosse perspicaz, teria notado o rubor e em seguida a palidez de Ricardo, que, depois de uma pausa, perguntou:

— E o *vadio* morreu?

— *Quá o que, sinhô? Demone feliz assim só nos inferno! Pegou uns carocinho de chumbo na pá*, que nem tocou *no osso! Eu vi! Ah! Ah! Ah! Ladrão feliz!*

A alegria que invadiu subitamente a alma boa do mineiro é daquelas que não se descrevem. Teve ímpeto de abraçar, como um irmão, aquela antipático faiscador, porém reprimiu o impulso, e perguntou sorrindo:

— E o bruaqueiro tem processo?

— *Quá prucesso, patrão?! Se a justiça fosse fazé prucesso* por isso, não havia *papé qui* chegasse, *pru* que aqui na Chapada todo o dia é tiro, facada, cacetada, *navaiada*, o diabo, até no *mei da gente da roda!*

— Você donde é? Inquiriu Ricardo, seguindo seu plano.

— Eu? eu sou *das Correia*¹⁶⁷. Vim no ano passado com a tropa de *seu Malaquia*, *mais* fiquei *pra aventurá* a sorte. *Mais não tenho me dado bem e com essas conversa* de *recluta*, *tou vendo vortá a vida véia* *purque tropeiro é garantido*.

— Quer-me acompanhar para Minas?

— Conforme.

— Conhece o capitão Joaquim Manoel?

— É meu patrão *véio*. *Home* bom até aí chegou!

¹⁶⁶ *Passagem dos Piabas*: é um rio localizado no município de Mucugê, na Chapada Diamantina, Bahia. Durante o ciclo do garimpo de diamantes no século XIX, esse local era ponto importante de travessia e de atividade garimpeira.

¹⁶⁷ *Correias*: embora não se tenha certeza sobre a referência exata do local mencionado no romance, existe atualmente uma pequena comunidade rural chamada Correias, localizada no município de Abaíra, na Chapada Diamantina, Bahia.

- Pois se eu precisar, e ele me garantir por você pago pelo *trivial*¹⁶⁸, se quiser.
 — Se quero! Me chamo *Benício*.

Quase toda a noite vou na loja dele, até a hora de *fechá*. Disse o faisgador, que olhou para a altura do sol e começou a apanhar a ferramenta.

Ricardo quis dizer a verdade, mas conteve-se. Perguntou apenas a direção mais certa para sair na *Varge*, que ele sabia ficar longe do Comércio. O garimpeiro ensinou, e despediu-se prosseguindo riacho acima.

O mineiro tomou o desejado rumo. Sem embargo, porém, da boa notícia, estava ainda com receio e caminhava cauteloso.

— Por muito menos, *quebrando só a espoleta*¹⁶⁹ *noutro*, um conhecido seu foi condenado a oito anos de prisão com trabalho! Raciocinava ele.

Em todo o caso, arriscava a aproximar-se do povoado. Passou acima do *Poço do Padre*, seguiu pela aba da serra, saiu no *Cemitério* e ganhou a *Vargem*, depois do meio-dia.

Viu garimpeiros e mulheres, que conversavam e riam alto, em algumas choupanas. Adiante encontrou uma *preta de tabuleiro*¹⁷⁰. Foi um alegrão. Comprou *pão de ló e manuê*¹⁷¹ com que encheu um lenço. Pagou e seguiu para a *Volta do Morro*.

Ao sair da *garganta* da serra, a oeste da Vila, viu sentado numa pedra alta, à margem da estrada, um homem que parecia *capangueiro*¹⁷², ou, antes, *mosquitador*, isto é, comprador de diamante miúdo, denominado *mosquito*.

Ricardo saudou-o, mas, em vez de responder, o desconhecido chamou-o:

- Vem cá, moço?
 — Não levo diamante, respondeu Ricardo.
 — Venha cá, senhor; não se trata de diamante. Trata-se de negócio seu, retorquiu o desconhecido, descendo e aproximando-se.
 — Negócio meu?! Inquiriu o mineiro, parando.
 — Sim. Conhece o capitão Joaquim Manoel?

¹⁶⁸ *Trivial*: no contexto dos garimpos e tropeirismos, refere-se às despesas básicas de alimentação, estadia e pequenas necessidades cotidianas de quem trabalha ou está de passagem.

¹⁶⁹ *Quebrar a espoleta*: expressão que designa um tiro em falso, um disparo falhado. (N. E) (Série Bom Livro, 1978, p.32).

¹⁷⁰ *Preta de tabuleiro*: expressão popular usada para se referir às vendedoras ambulantes negras, que transportavam e vendiam seus produtos em tabuleiros — espécie de bandeja ou estrutura de madeira, apoiada na cabeça ou nas mãos, onde expunham alimentos.

¹⁷¹ *Manuê*: espécie de bolo típico da culinária nordestina, feito com massa de mandioca ou de milho, açúcar e especiarias. Costuma ser enrolado em palha de bananeira e assado ou cozido.

¹⁷² *Capangueiro*: indivíduo que compra diamantes em pequenas porções, diretamente dos garimpeiros que os extraem nos garimpos.

Ricardo hesitou em responder, com receio de denunciar-se. O desconhecido percebeu a hesitação, e disse:

— Conhece, conhece! Não tenha susto de mim. Olhe, ele manda-lhe dizer que por ora não há nada; mas é bom ter cautela, porque foi uma tentativa de morte. E, se quiser, os camaradas levarão a tropa no Tanquinho. Quanto ao dinheiro, diga o nome do seu camarada de confiança...

O homem viu que não vencia os receios do mineiro, por isso acrescentou:

— Quer que lhe tire toda a dúvida? O senhor deu ao capitão um conto e quinhentos para guardar; eu estava presente. Ele sabe que venho mosquitar toda a tarde aqui e me pediu em segredo para o prevenir, assim como mandou gente por outras partes.

— Agora, sim! Exclamou Ricardo, animando-se. Agora vejo que não é um *laço*; porque, conforme a fama, o capitão Joaquim Manoel é incapaz de me entregar à Justiça à falsa fé. Não tenho com que lhe pagar esse benefício. Mas Deus é grande!

E confiava o bigode preto com tranquilidade.

— Quanto ao camarada de confiança, continuou ele, não sei bem... *Pingo d'Água* não serve...

— Esse, interrompeu o mosquitador, já abandonou o lote e anda cantando em desafio pelas vendas.

— Como é ingrato! Sem esse estou, e fica me devendo! Disse Ricardo. E os outros?

— Estão no rancho.

— Pois sim; eu confio no *cuca* Joaquim. É um preto de bem; morre e não furta, nem mente à toa.

— Está direito. Neste caso volto para despachar a gente hoje mesmo. Adeus. Boa Viagem.

Ricardo apertou a mão ao mosquitador e, indagando-lhe pelo nome, disse:

— Muito obrigado, Sr. José Francisco. Dê lembranças ao senhor capitão Joaquim Manoel, de quem estou muito cativo. E até um dia!

Separaram-se. O mineiro seguiu, mas entendeu de dormir no Comércio de Fora, posto que houvesse tempo de ir mais longe.

Nessa mesma noite chegou a tropa. O fiel Joaquim entregou o dinheiro ao patrão, num invólucro lacrado. O mineiro verificou; estava certa a quantia. Gravou-se-lhe no coração o nome do honrado negociante.

Os camaradas informaram de tudo ao patrão, que os escutava sorvendo o seu café, que lhe fez tanta saudade.

No dia seguinte supriu-se dos mantimentos que faltavam nas bruacas, e, *dobrando o dianteiro*, por falta do camarada, seguiu para a Serra Nova.

Levantando nuvens de poeira da larga estrada, os lotes *vazios*, trotavam, cortando o chapadão do Tanquinho.

Os camaradas, montados, cantavam saudosas trovas de *Pingo d'Água*, que, no seu dizer, ficara fazendo *epa* na Chapada Nova, ainda que nunca vencesse *Ponta d'Água*, o maior dos repentistas sertanejos desse tempo.

Ao ver-se de novo no seu *Ruão*, caminho de Minas, respirando o ar puro das campinas, Ricardo sentiu-se revigorar. Experimentava um contentamento incoercível.

Como reminiscência, passou-lhe pela mente a imagem da bela sertaneja. Mas agora o caminho era diverso; não a veria... talvez mais nunca. E com este pensamento mordeu o cigarro e esporeou o animal sem precisão. Em Minas também havia moças bonitas, tanto por tanto.

Quem conhece a volubilidade dos viajantes de vocação e profissão, desculpará ao mineiro.

VII

Desde que Ricardo Brandão partiu da *Lagoa Seca* em caminho das Lavras, Maria Alves não teve mais sossego de espírito. Pensava dia e noite no seu benfeitor. Por singular magia, inerente aos corações muito impressionáveis, tomava, a cada dia, maior vulto a ação caridosa do mineiro, e a sua pessoa, poetizando-se-lhe a figura simpática, o olhar inteligente, os modos decididos. Por um fenômeno de autopersuasão, mui frequente nas pessoas predispostas ao histerismo, a gratidão de Maria transformava-se em *benquerer*, e a mão beneficente em mão de noivo. Pouco a pouco, fixava-se-lhe a idéia de se tornar um dia esposa de seu benfeitor. Como? quando? Não sabia dizê-lo, nem mesmo se preocupava com isso. Nutria e afagava o ideal, apenas entrevisto pelo seu espírito inculto. Pensava, somente, que havia de tê-lo por marido, e, então, tratá-lo-ia muito, acariciando-o sempre, sempre, escondendo-o até da vista das *outras mulheres*. Havia de ter sua casa e trazê-la *bem arrumada* ter umas roupas muito bonitas, vistosas e limpas, umas toalhas muito alvas, e uma rede, fina, de larga *varanda*, em que ele descansaria das soalheiras. Horas inteiras entretinha-se a sertaneja com esses pensamentos e sonhos, numa espécie de obsessão ou matação de sua infinita pobreza e ignorância. E, escondida num quarto, beijava repetidas vezes a medalha que esteve nas mãos *dele*. Entretanto, em meio de sua loucura amorosa, o estômago dava sinais cruciantes e inequívocos da realidade do presente. Era preciso ingerir fosse o que fosse, para não sucumbir à dor que lhe torturava a principal fonte da vida animal. Sentia turbações na vista e tonturas repetidas. Tinha ouros de fome. Passado o momento crítico, dobrava-a mortal desânimo, em relação aos seus sonhos, enquanto o instinto de conservação a impelia a procurar alimento.

Ralava batata de umbuzeiro, preparava, às pressas, um *bró* com sal, e sozinha, ou acompanhada de suas irmãs, comia para não morrer de fome.

Para garrotear uma alma, não escolhe condições o amor.

Apenas saciada, a sertaneja esquecia sua miseranda situação, entregando-se após aos seus sonhos e visões de amor. Dotada de um temperamento melancólico, afastava-se de suas irmãs, permanecendo isolada, cosendo renda quando achava linha de fuso, aconchegando-se muito à *almofada*, fixando, porém, cada vez mais, o pensamento no objeto de suas meditações. A ideia fixa não tardou a produzir as suas consequências. A

sertaneja convenceu-se por fim de que no olhar do mineiro descobrira um convite para se casarem.

Sobre isso nem mais dúvida lhe restava.

As irmãs de Maria, apesar de sua ingenuidade de tabaroas, tinham-lhe notado grandes mudanças nos seus costumes. Mais calada e macambúzia do que de ordinário, às vezes expandia-se em modos muito esquisitos. Brilhavam-lhe os olhos com estranho fulgor; enrubesciam-se-lhe as faces, como em febre; afillava-se-lhe o nariz, levemente pálido; arfavam-lhe os seios; tornava-se lépida e folgazã; dava *muçungões* e beliscava *Tiana*, a irmã mais moça. Em seguida caía em mórbida abstração, amuava ou chorava, sem causa real, soluçando convulsivamente. Entre lágrimas, então, jurava, que havia de sair daquele inferno da *Lagoa Seca*; ir-se embora para bem longe, donde ninguém ali houvesse notícias suas, para Minas, ou para a Chapada, e nunca mais voltaria. Não tinha sido vendida, como se fosse cativa? Não ficou *forra*¹⁷³ por gosto do *seu senhor*? Pois podia ir para onde muito bem quisesse.

Depois de tais crises, voltava à razão; tornava-se cordata, meiga e compadecida de suas irmãs.

Fatos graves, entretanto, vieram concorrer para se concretizarem uma a uma essas ideias de autossugestão.

A longa temporada que Raymundo e sua família levaram sem comer sal, desabitudara cada organismo dos efeitos comuns dessa substância, e por isso, a esmola do mineiro transformou-se em dádiva funesta.

O cloreto de sódio, em organismos desacostumados e enfraquecidos, produziu o efeito de um drástico terrível. O velho Raymundo não resistiu muito. No fim de alguns dias estava sepultado. A velha viúva foi atacada de uma espécie de câmaras de sangue, e em breve se foi reunir ao marido, levando, pouco depois, no dizer do vulgo, o filho homem que restava, o João. As moças resistiram; ficando, porém, ao desamparo e quase assombradas no casarão vazio, pediram proteção ao vizinho mais *arranjado* e mais próximo, o José Bento, que lhes fez *má cara*, sem contudo, as despedir, em virtude do espírito caridoso de sua mulher.

— *Volta do mundo!* Disseram outros vizinhos, comentando o desprezo ou *pouco caso* a que o Raymundo, no tempo da riqueza, votava a José Bento, por ser *tapuio*, isto é, sem ascendência ilustre pelos *haveres* e feitos notáveis.

Essa proteção, entretanto, não compreendia completo sustento e vestuário, que o *tapuio* não podia. As *órfãs* continuaram a viver ainda um pouco, de seu trabalho de rendas, do *bró* de coqueiro e de raiz de umbuzeiro, de algumas aves que apanhavam em *arapucas*, armadas na fonte, onde fizeram *cevadouro*.

¹⁷³ *Forra*: que recebeu carta de alforria, livrando-se, assim, da escravidão. O mesmo que *forrada*. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.35).

Julgando-se emancipada, e não querendo mais suportar semelhante vida, Maria Alves, a *vendida*, como apelidou-a o povo, tomou uma resolução definitiva. No seu entender estava só no mundo, pois que as irmãs não a podiam proteger; antes, por serem mais moças, careciam de proteção, que ela não podia dar. Assim iria *tentar a sorte*, em terras estranhas.

Não se ouvia dizer que muitas mulheres viviam em grandeza e luxo, sem terem pai nem marido? Pois aprenderia a viver como elas. Tomando tal resolução, a infeliz ser, nada é mais pertinaz do que a ideia errônea duma mulher.

Maria assentou consigo mesma ir para a Chapada. Talvez lá encontrasse o mineiro. Se não o encontrasse, seria o mesmo. Encontraria outro qualquer, talvez em melhores condições. *Estava dito*.

E enxugando as lágrimas, que a lembrança de suas irmãs provocava, parecia outra, tão resoluta se mostrava.

Era questão de oportunidade.

Esta, para o mal, depressa vem.

Na tarde seguinte, junto à casa de José Bento, arranchou-se uma turma de *retirantes*. Destinavam-se às *Lavras Diamantinas*¹⁷⁴. Vinham do município de Santo Antônio da Barra.

Maria soube tudo isso por intermédio dalguns meninos; mas, para se certificar, perguntou a uma velha do rancho.

— Vamos deveras para a Chapada Nova, respondeu a velha, cujos olhinhos vivos pareciam refletir o brilho dos diamantes, *vistos em sonho*.

— Minha *tiazinha* pode me levar em sua companhia? Inquiriu Maria, timidamente, dando à desconhecida o tratamento que habitualmente, entre gente inculta do sertão, os mais moços dão aos *mais velhos*, a quem nunca viram.

A velha empertigou-se, pôs as mãos nos quadris, mediu a moça d'alto a baixo, como quem observa a estampa de um animal vendável, e respondeu em tom decidido:

— Se não *tem* quem te pegue, minha filha, arruma tua trouxa. Talvez Deus te dê *boa sorte* nas Lavras! – E um olhar rápido e vesgo, para uma companheira, completou o pensamento da megera.

Não tenho pai nem mãe; explicou, em voz baixa, a ingênua sertaneja. Tenho duas irmãs, mais moças do que eu, que estão também de esmola aqui na casa de seu *Zé Bento*. Assim mesmo não quero que ninguém saiba de minha decisão. Minha tia não viaja cedo com *as outras*?

¹⁷⁴ *Lavras Diamantinas*: termo que se refere à região da Chapada Diamantina, na Bahia, onde, a partir de 1844, a extração de diamantes atraiu milhares de garimpeiros e impulsionou o desenvolvimento da mineração na região.

— Viajo. E é melhor que siga daqui sozinha, porque, como nunca tive filho, não gosto de choro, nem de *zuada* atrás de mim. Eu sou muito *desempambada*¹⁷⁵; o que tenho de dizer, digo logo; não é, Ritinha?

— *Toda a vida!*¹⁷⁶ Confirmou, em voz lenta, uma esgrouinhada que remexia, à beira do fogo, uma trouxa de trapos.

Apesar de intimidada com os modos bruscos e a linguagem desenvolta da velha, disse Maria:

— Pois quando *vosmecê* passar na *Lagoa Funda*, daqui a meia légua me achará.

No dia seguinte, a inditosa sertaneja cumprira a palavra.

Sobraçando a trouxinha de roupas velhas, tinha saído furtivamente de casa, à *primeira cantada do galo*, deixando as duas irmãs dormindo. No lugar designado, a velha Anna Maria saudou-a estabanadamente. Apesar de corruptas, as companheiras da megera compadeceram-se da infeliz. Isto, porém, depressa passou, como reminiscência importuna de perdidas virtudes.

No pouso desse dia, começou o obrigatório e ignóbil aprendizado de Maria Alves. Tornava-se familiarizada com a linguagem obscena do rancho composto de mulheres perdidas e crianças.

Depois de oito pequenas jornadas, sem embargo da fome e sede que sofreram, caminhando de pés inchados, sobre um solo ardente, o ciganado rancho da velha Anna Maria chegou ao Comércio de Fora. Este primeiro núcleo de garimpeiros, vindo de vários lugares para a *Lavra do Cazuzo do Prado*¹⁷⁷, já estava nessa época abandonado da primitiva *influência*, servindo mais de *pouso* obrigado. Restavam poucos ranchos de palha dos garimpeiros que trabalhavam pelos lados da Cotinguiba, a alta serra que corre à direita do *Paraguaçu*zinho.

À medida que se aproximava do Mucugê, a pobre sertaneja sentia aumentar-se-lhe o terror secreto que experimenta quem se apropinqua de um despenhadeiro. A emoção e mais o vento frio dos *gerais* faziam-lhe tiritar como *sezonática*. Invadiu-lhe a alma um desânimo mortal. Arrependeu-se de se ter separado de suas irmãs. Chegou a ter funda saudade de sua miséria passada. Ao menos, nesse tempo, calcava a terra do seu nascimento, e conhecia os seus vizinhos. Agora, não. Pobre órfã abandonada, não fruía sequer o consolo de ver um rosto amigo. Em vez deste, quando levantava os olhos, encontrava o olhar impudente das companheiras, ou os carbúnculos da velha, que lhe pareciam dizer diabolicamente: — *É tarde!*

¹⁷⁵ *Desempambada*: expressão usada para descrever uma pessoa que é direta, franca, desinibida e não tem medo de falar o que pensa, sem hesitar ou se preocupar com convenções sociais.

¹⁷⁶ *Toda a vida!*: expressão usada para confirmar ou reforçar a afirmação de algo que é verdadeiro ou habitual.

¹⁷⁷ *Lavra do Cazuzo do Prado*: área de garimpo batizada em homenagem a Cazuzo do Prado, garimpeiro que, em 1844, descobriu cascalho diamantífero no rio Mucugê, na Chapada Diamantina. Essa descoberta deu início à histórica corrida do diamante na região, atraindo milhares de pessoas e resultando na formação da povoação de Mucugê do Paraguaçu.

Encontraria Ricardo Brandão? Era sua pergunta íntima, que não mais comunicava, com receio da cuquiada cruel das messalinas¹⁷⁸. Firme, então, nesse pensamento, quando encontrava em caminho viajantes ricos, jovens ou *maduros*, voltava o rosto ou baixava os olhos.

— Tola! — Exprobrava a velha. *Então pra que veio!?*

Entretanto, horas havia, em que se apoderava de seu espírito um alvoroço estranho, um como pressentimento de futuras grandezas e prazeres sem fim. Sentia-se deslumbrar pelo róseo clarão duma aventura inenarrável. Lembrava-se do mineiro, que devia estar muito rico... Mas vinha-lhe a dúvida: queria se casar com ela, tão pobre? E se *ele* quisesse viver com ela *doutra forma*?

Batia-lhe então nas têmporas, descompassadamente, o sangue dessorado.

O *rancho* de Anna Maria acampou no Comércio de Fora, enquanto lavavam-se as melhores roupas – de aparecer. No dia seguinte, domingo, depois de se vestirem dentro de moitas, as mulheres partiram, e, à noitinha, entraram no Mucugê.

O burburinho de pegulhal humano, a multidão de luzes, lojas e vendas cheias de fregueses, foguetes, gritos, sons de música, tudo isso formando um *zunzum* de colmeia, aterrorizou a pobre sertaneja, que entrava pela primeira vez num grande comércio. Caminhava quase chorando, de mãos frias, pés doloridos, tropeçando a cada passo no calçamento acidentado, acompanhando, envergonhada, a velha, com o seu *rancho*, que, indagando sempre pela casa de uma *Chiquinha do Tomba*, embarafustou pela *Resina da Gata* e saiu na *Rua do Caetité*, onde encontrou a *Chiquinha*, sentada na porta, entre uma roda de rapazes.

É um mérito dos entes decaídos da virtude, quando em melhores condições de fortuna, ampararem os seus iguais que lhes estendem as mãos. Entre mulheres de baixa classe é isso comum. Foi, pois, não só bem recebida a Anna Maria, com o seu rancho, mas, ainda, recebida com alegria ruidosa.

As gargalhadas dobradas se sucediam entre explicações, queixas de sofrimentos, em confissão alta e repetida.

Maria, a ingênua sertaneja, acorada num desvão sombrio da casa, ouvia tudo, triste, humilhada, principalmente por entender pouco, ou nada entender das meias palavras e expressões que nunca ouvira, apesar do aprendizado em viagem.

Nas Lavras era tal o número de *ditados*, surgindo a cada dia um novo, que essa gente permutava ideias e gracejava, horas seguidas, sem carecer de dar o verdadeiro nome às ideias e às coisas.

Depois de muito tagarelar, lembrou-se a *Chiquinha* da tabaroa.

— E essa, a que veio? Perguntou.

¹⁷⁸ *Messalinas*: termo que designa mulher desenfreada, promíscua e imoral, em referência à imperatriz romana Valéria Messalina, a qual ficou afamada por seu comportamento devasso e pela conspiração de que participou contra o seu marido; o plano teria sido descoberto e Messalina foi executada a mando deste.

— É uma filha que eu achei. Deixe ela no seu cantinho, disse a velha, trocando com a *Tomba* um olhar inteligente.

— Coitadinha! É muito tola ainda! Retorqui a dona da casa.

— Qual tola, moça! Você sabe de nada? Há ninguém tolo?

— Eh, Eh, Eh, *por cima!* *Que por baixo tem formiga, gente!* — Comentou a *Chiquinha* com o ditado mais novo.

E foi tratar da ceia para os hóspedes.

Segunda-feira, entre *vadios*, falava-se da vinda de uma menina nova, que estava em casa da *Chiquinha da Tomba*.

Deixemo-la no cairel do abismo...

VIII

— É como lhe tenho dito, senhor José Moitinho. Toda a riqueza da Chapada Nova, reunida com a da Chapada Velha, não pagam a miséria desses costumes. As riquezas passam, consomem-se, e, circulando, se dispersam; os costumes, ao contrário, ficam, permanecem na sociedade donde saiu a riqueza, amestrando o povo a viver, a lutar pela vida em comunhão. De modo que, um povo rico de bons costumes, é um povo habilitado a progredir, a se engrandecer na paz ou na guerra, pela indústria, pelas artes e ofícios; um povo de maus costumes é um povo realmente pobre, posto que atualmente cheio de riqueza acumulada sem escolha de meios. Creio que me entende, não?

— Perfeitamente, senhor Bensabath. Dito assim, parece que é verdade; mas eu lhe digo que não.

— Oh! Exclamou o velho Bensabath, voltado para o Moitinho, conservando os olhos arregalados de espanto e a boca na expressão da exclamativa.

— Sim; continuou o velhote português, cujos olhos vivos dançavam nas órbitas protegidas por supercílios espessos; eu lhe digo que não, e aqui está porque o digo. Quando vim para o Mucugê, em 1846...

— E eu, em 45... interrompeu o Bensabath.

— ... vi cousas que hoje não vejo, porque os costumes mudaram, concluiu o Moitinho.

— É porque hoje o governo contém melhor essa gente, observou o judeu.

Nesse ano, por exemplo, continuou o português, em casa do *Tonico*, ali abaixo, um garimpeiro comprou uma lazarina, *carregou-a*, na loja mesmo, e, para os lados onde é hoje a Cadeia alvejou um pobre diabo, por entre gargalhadas dos circunstantes. Matou-o e foi verificar tranquilamente a *roda* de chumbo no peito; e se não fosse o Antônio *Boca Murcha*, que, nesse tempo, como vosmecê sabe, andava acima e abaixo, com seus grandes tamancos, se arvorando em inspetor, por humanidade, tornando-se o pacificador do Mucugê, o sujeito teria também tranquilamente desaparecido. E, como esse, outros muitos fatos, que hoje não vemos. Quero dizer que, desta ou daquela forma, com o correr

do tempo, o povo endireita seus modos de viver. Ande lá, meu amigo, ande lá; o senhor é muito lido e corrido, mas nesse ponto não tem razão.

E, assim concluindo, o português, conforme seu hábito, deu duas palmas, esfregando as mãos, em seguida, uma na outra.

O judeu apertou com o polegar e o indicador o nariz adunco e vermelho, como para verificar sua inteireza; abanou a cabeça, ironicamente, em sinal afirmativo, e conservou-se mudo, olhando ao longe. Sabia, por experiência, que o Moitinho dava a camisa por teimar e pairar. Ele, Bensabath, ao contrário, não gostava de teimas. Prático em seu *Antigo Testamento*, repetia, mentalmente, as palavras do cap. XII, v. 23 dos *Provérbios*: “O homem sagaz encobre a ciência, e o coração dos insipientes apressa-se a manifestar a sua estultícia”.

O português intrigava-se com o silêncio do judeu, que parecia menos um indício de convicção do que menosprezo ao seu modo de pensar. Queria prosa, e não hesitou em se fingir dócil a melhor aviso. Além disto, o esplendor da tarde convidava à boa prosa. A sombra da gameleira frondosa, sob a qual conversavam, sentados em bancos de madeira, entre a *Rua das Pedras* e a *Rua Direita*, protegia-os do calor que irradiava do calçamento e das paredes expostas ao poente. Em meio de semana, os fregueses lhes davam tempo, até porque, sendo muito *careiros*, mesmo em dia de feira, raros entravam em suas lojas, verdadeiros bazares, fronteiros à gameleira. Afora isso, apenas tinham fama de abastados caulentos.

O português não pôde suportar muito tempo o silêncio do judeu, e, por isso, perguntou:

— Então, senhor Bensabath, estou errado?

— Não, senhor! São modos de ver! Exclamou polidamente o judeu.

— Tenha paciência, insistiu o português, diga-me com franqueza. Assim não serve. Gosto de ouvir as pessoas que sabem mais dos livros, porque da vida... da vida... (o português tossiu, concluindo): tenho sofrido e aprendido.

— Visto que o senhor Moitinho quer, vá; ou não me entendeu, ou está errado; mas acredito que não me entendeu. Quando eu falo em costumes, refiro-me principalmente aos costumes particulares, domésticos. É no seio da família que se aparelha o bem-estar do indivíduo e do povo a que ele pertence. Os costumes domésticos é que permanecem, porque ninguém pode extirpá-los. Se são bons, o povo será forte; se são maus, o povo será fraco, ainda que forte em aparência. Eu me explico em poucas palavras para não as gastar superfluamente.

Fora das Lavras o senhor encontrará, em geral, pessoas e famílias de costumes simples, modestos (ainda que ricos), tementes a Deus, a Quem adoram a seu modo, e, pelo que, prezam a honra acima das riquezas. Em chegando, porém, aqui, no meio dessa democracia *sui generis*, indisciplinada, e ambiciosa de figurar, essas pessoas simples, essas famílias, com raras exceções, transformam os seus costumes, porque aprendem somente a adorar o Deus da terra – o *Diamante*. De pacatas e alegres, se fazem tunantes e folgazonas, vaidosas e fúteis, tomando como *civilidade* certa desenvoltura que as perde, em bom conceito da gente moralmente sadia, antes de as perder para todos, em realidade

irremediável. O gosto do luxo de tal modo as enfraquece, que, quando lhes falta o dinheiro para espedícios, esmorecem... e... será beijada a pústula em que brilhe um diamante. Uma prova: não vemos famílias honestas receberem em seu seio, com afagos e carinhos, a *dona Messalina*, chamada aqui *mulher da roda*? Não vemos, todos os dias, indivíduos sem educação nem instrução, analfabetos até de maus bofes, piores instintos, sentados entre os grandes, reverenciados pelos pequenos, somente porque trazem *picuás*¹⁷⁹ cheios de diamantes *grossos*? Ora, diga-me, em consciência, senhor Moitinho, que tais sairão filhos e filhas, educados em tal escola? Quem mais pode consertá-los em geral? Diga-me!

— Neste ponto, bem pensado, — apoiou o português, aproveitando o fôlego que o judeu tomava. O senhor tem razão, mas...

— Está enganado! Está enganado! — gritou alguém se aproximando.

Os dous voltaram-se.

Era o *capitão Chico Roxo*, vizinho do português, e um dos muitos felizardos ou lutadores enérgicos e audazes que, começando a trabalhar alugados, ou de *meia praça* no garimpo, davam algum *bamburro*¹⁸⁰, formando meia fortuna que duplicavam usurariamente, *capangando* ou negociando de porta aberta.

Ao reconhecê-lo, o judeu murmurou:

— Aí tem um.

Ao mesmo tempo o português dizia rindo:

— Eu, só, não; o senhor Bensabath primeiro...

— Sim, *ambos dous*! Eu ouvi tudo: *ambos dous*! Repetiu o Chico, na voz forte, estouvada, de dinheiroso dotado dessa petulância alvar, de que a fortuna tanto se agrada, e a que tão cegamente ajuda.

— Bons e maus costumes há em toda a parte, mormente nas grandes terras, — continuou o homem, — e, às vezes, numa família só, há bons e maus, porque os dedos da mão não são iguais. Estão dizendo que tudo que vem *pr'aqui* muda de modo. Não é. Muda quem já tinha de mudar. Agora mesmo, esta semana, deu-se um caso muito interessante. Chegaram umas mulheres de fora, vindo com elas uma *moça donzela* de seus 19 anos, que também arranchou na casa da *Chiquinha do Tomba*. Uma velha, Anna Maria, que se dizia parenta dela, parece que queria explorar com a rapariga. Uma noite destas, passava eu pela Rua do Caetité, perto da entrada para a Rezina da Gata, quando ouvi gritos, choros,

¹⁷⁹ *Picuá*: recipiente em formato cilíndrico com tampa, usado por garimpeiros para guardar diamantes. Ele pode ser feito com um pedaço de bambu, chifre de boi, semente de jequitibá, pedaço de mangueira ou cano com a tampa e o fundo de madeira.

¹⁸⁰ *Bamburro*: variante de bambúrrio, expressão popular dos garimpos que indica o achado inesperado de grande quantidade de diamantes ou ouro. Também pode ser usada, de forma mais geral, para se referir a um golpe de sorte ou ganho repentino.

um *esparrame* dos diabos! Ao chegar perto, vi uma mulher sair na carreira, de uma casinha e gritei.

— Que é isto, mulher?!

Ela voltou-se chorando e ajoelhou-se aos meus pés, pedindo que a salvasse, que a quieram *desgraçar*. E contou-me tudo por alto. Ela não conhece o *lorde* levado pela velha. Entendi o negócio; mas não podendo protegê-la em casa porque a *senhora* lá não quer ver saia de mais, ensinei à rapariguinha, que me disse se chamar Maria, ensinei a casa de D. Rosária, aquela que cose de alfaiate para o Jordão, a fim de que se agasalhasse. E fui mesmo explicar a D. Rosária, que teve dó da mocinha e recebeu-a. Com pena ainda, dei uns cobres e saí. Aí está um caso...

— Tão raro, tão fora do comum, que causou e causará admiração a todos, senhor capitão – atalhou o judeu, sorrindo maliciosamente e empertigando-se, em sinal de triunfo.

— Sim, mas também, ao menos, aqui no Mucugê, não é como o senhor diz, senhor Bensabath.

— Eu falo de um modo geral.

— Sim, acrescentou o português, de modo geral, porque aqui temos a *Chiquinha da Roda*, a *Maroca Cearense*, a *Neném* e outras que vivem no luxo e na lordeza, como dizem, vestindo seda e cobertas de joias e brilhantes, e na maioria, as famílias, até na igreja se separam delas. Mas aqui mesmo e lá para *Dentro* já não fazem assim algumas famílias e pessoas de bem que as acolhem com prazer porque têm sua *pataca*.

— Querem saber de uma coisa? perguntou o *Chico Roxo*, e respondeu: — É mundo! Vamos viver.

E, rindo-se, voltou para sua casa de negócio.

— Eis aí a filosofia que mata, comentou o judeu; e, com um *até logo*, retirou-se também para o seu bazar, do lado de baixo. Caminhava curvado, em colete, esfregando em sentido horizontal o lenço de Alcobaça sob o nariz adunco.

O Moitinho permaneceu de cabeça baixa, não tendo dado a entender que ouvira o último comentário do vizinho. É que lhe não saiu mais do bestunto a história da virtuosa rapariga abandonada. Bem sabia que não era mais um homem para aventuras eróticas. Possuía ainda a escrava quarentona, a quem as más línguas atribuíram, em tempo, autoridade de patroa dos caixeiros dele.

Pior do que isso, porém, eram os seus 55 janeiros bem puxados.

Entretanto, uma circunstância tentava-o a inquirir desse negócio pelo miúdo. Conhecia D. Rosária desde a vila da Barra, quando ela, moça ainda, deu *pancas*, estonteando meia dúzia de pretendentes... e isso animava-o. Afinal assentou dar, à noite, uma chegadinha ao fim da Rua Direita, onde morava a florista D. Rosária. E com esta resolução retirou-se para a loja, do lado de cima. Eram horas de jantar. O cheiro dos

guisados desafiou-lhe o apetite; porém deu-lhe na cabeça tomar uma abrideirazinha, o que desde muito não fazia.

Saltou o balcão, mas, ao apanhar o frasco de genebra holandesa, este lhe caiu das mãos. O caixeiro, um aperreado de 10 anos de idade, apressou-se a apanhar os cacós, dando graças ao céu de poder descansar as pernas um instante. Só depois de um tal desastre é que o velho notou estar nervoso, isto é, trêmulo de emoção. A velha escrava correu a ver que barulho era aquele numa casa habitualmente sossegada. Por seu lado, o Moitinho repetia entre dentes, num impulso de bom senso:

— É isto! Gente velha, metendo-se em empresas novas, é isto!

Contra a expectativa do princípio, jantou mal. Não é que ligasse importância ao prejuízo do frasco de genebra, nem à tremura dos seus nervos. Quanto a estes, se fosse lido em História, poderia, parodiando Turenne¹⁸¹, ter dito: — Tremam demônios! Tremam, que mais tremeriam se soubessem que hoje mesmo dou com vocês todos em casa da velha Rosária. Em verdade o Moitinho estava numa ânsia que anoitecesse, para ir ver a virtuosa abandonada. Passeava inquieto ora no corredor, ora na frente e ao longo do balcão, assobiando muito baixo, veladamente, a medir com o olhar, de quando em quando, o progresso da sombra na calçada. Havia bem tempo que não atentava numa tarde tão comprida.

Afinal cravou-se o sol, deixando em nuvens do poente uns revérberos arruivados, renunciando isso alongado crepúsculo, para maior desespero de uma alma aflita por noite escura.

Às oito horas, contra o costume, e com grande alegria do Pedrinho, o caixeiro, fechou-se a loja.

O português meteu-se na melhor roupa de brim que possuía, tomou o *chile* de largas abas, e apanhou, ao canto do quarto, o velho junco, de que se não apartava nos seus passeios. Disse *para dentro* que ia à Rua do *Lava-pés*, e, efetivamente, seguiu em direção à Matriz. Conhecia bem a casa de D. Rosária, e de longe viu luz na sala. Ao aproximar-se teve um afrontamento. Parecia-lhe ouvir vozes d’homem na casa. Apressou o passo. Não se tinha enganado. Atraído, sem dúvida, pela fama da virtuosa e bela rapariga sem proteção, pousara lá um troço do rapazio alegre. Sentiu ciúmes o Moitinho; uns ciúmes prévios, mas por outro lado, a propósito, pois que eram também os de sua quase velhice contra a mocidade vigorosa, cujo vozear ouvia.

Prosseguiu, despeitado, somente até a matriz, donde voltou.

Ao passar, de retorno, pela casa, notou que os *importunos* ainda lá estavam. Uma coisa, porém, o alegrou: não viu na sala senão a dona da casa. Com este consolo, recolheu-se, disposto a fazer outra tentativa.

¹⁸¹ *Turenne*: Henri de La Tour d’Auvergne, Visconde de Turenne, foi um militar comandante dos franceses na guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648) que envolveu vários países europeus.

IX

Ao alvorecer, o Moitinho estava de pé.

Passou o dia arrumando e desarrumando, meio alegre, meio nervoso.

Faltou à prosa da Gameleira, onde estiveram outros, inclusive o velho Bensabath, sempre a palpar a integridade do nariz respeitável, quando não lhe supria as fossas, vagarosamente, do legítimo *Princesa*, acudindo logo com o lenço de Alcobaça, cuidadosamente desdobrado.

Pensando sempre em continuar a conquista, o português mandou preparar um churrasco apimentado para o jantar, que ele regou ainda com uma garrafa de puro tinto Figueira. Precisava tonificar-se.

Não queria desfalecimentos.

Após a refeição copiosa, acendeu um charuto. Era mais uma singularidade nesse dia, em que, a propósito de qualquer coisa, falava alto e grosso, como o poltrão às escuras, para se animar.

Mas o que escandalizou a velha cozinheira, alegrou o Pedrinho, e espantou ao próprio gato, fiscal efetivo da loja, foi o se fechar esta às sete horas da noite.

— *Ué!* resmungava a cozinheira, *qui é qui Ioyô Muitim viu hoje?!*

O português estava decidido a ir até o fim. Não buscava mais rodeios.

Que diabo! Ainda era um *homem*. Rapazolas vadios não lhe deviam meter medo. Depois, não ia praticar nenhuma ação má. Era só uma visita à sua antiga conhecida, a D. Rosária.

Com esse intento, foi seguindo rua abaixo.

Perto da casa ouviu *pizzicatos*¹⁸² de violão e vozes na sala. Eram evidentes motivos de modinhas e folgares.

Bateu devagarinho com o castão da bengala.

Abriu-lhe a porta um capangueiro principiante, que dava pelo apelido de *Bilô*. Este recebeu-o com um — *Oh! Senhor Moitinho!* — semelhante a uma verdadeira pateada. Outros continuaram garganteando:

— O senhor Moitinho por aqui!

— Também aqui!

O português suava frio. Ora empalidecia, ora se tornava vermelho até à raiz do cabelo. Apesar de assim desaprumado, procurou desculpar-se com o antigo conhecimento da D. Rosária, o que esta confirmou, afavelmente, oferecendo-lhe uma cadeira.

¹⁸² *Pizzicatos*: do italiano, significa “beliscado”; passagem de música que se executa dedilhando as cordas de um instrumento que ordinariamente se toca com arco. (Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/pizzicato/>).

O homem do violão afinou-o, e *Bilô* cantou, com voz fanhosa, a modinha triste, cuja letra é do infeliz poeta mineiro, Cláudio Manuel da Costa¹⁸³:

Adeus, adeus, minha adorada Eulina,
 Ordena a sina cumprir mandos teus!
 Se a dor matar-me na fatal masmorra,
 Antes que eu morra te direi – adeus!

Enquanto o cantor arrastava a voz, numas firmatas descabidas, irritando o acompanhador, que batia com o pé e com a cabeça, como um desesperado, o Moitinho lançava *miradas* intencionais ao objeto daquelas visitas expansivas.

Era um belo tipo de brasileira; altura mediana, talhe esbelto, colo turturinho, boca pequena, nariz afilado, olhos negros... e não precisa dizer mais. Pode-se adivinhar o que eram os supercílios e o cabelo. Estava sentada a um canto. Trajava um vestido de cassa lisa, sobre modesto balão; casaquinho justo, tendo na frente o bicão da moda. O cabelo, penteado em bandós, dava-lhe uma graça singular. Acanhada de modos, porém de olhar inteligente, a despedir chispas, a morena sertaneja arrebatava. Tudo isso o português observou em pouco tempo. Não lhe vira os dentes, nem lhe ouvira a voz; mas devia de ter bons dentes e uma voz harmoniosa, de matar. Estava ainda magrinha; era dar-se-lhe trato.

A dona da casa, olhando de soslaio, não perdia de vista o velhote.
 Alguém chegou a falar baixinho:

— Como gostou, o Moitinho velho!

O português ouviu, e voltou-se. Aquele *velho*, ainda que dito em voz baixa, era-lhe uma afronta. Não devia ficar mais ali.

Terminava a modinha nesse momento. Soaram palmas, bravos e comentários. O Moitinho aproveitou-se da confusão, despediu-se da Rosária e saiu.

Durante a noite, por mais que meditasse no seu plano de conquista, não passou das linhas gerais: obter a posse da rapariga¹⁸⁴, fosse como fosse, *mesmo casando-se*. A primeira coisa a fazer, no seu pensar, era pôr termo àquela foliata, todas as noites em casa da barrista. A continuar aquela *pouca-vergonha*, o resultado estava previsto: quando menos, desacreditar a pobrezinha.

De fato, todo o mundo sabe o que são *liberdades* e intimidades num lar honesto: quando não devoram a vida maculam a honra. Com esses pensamentos, passou em claro a noite.

¹⁸³ *Cláudio Manoel da Costa*: foi um poeta mineiro do século XVIII, participante da Inconfidência Mineira (1789 – 1792) e um dos principais representantes do Arcadismo no Brasil. Seus poemas apresentam características como pastoralismo, amor idealizado, constante desilusão e sofrimento amoroso, entre outras.

¹⁸⁴ Nesse trecho do romance nos é possível observar um retrato da condição feminina da época, da estereotipação e objetificação da mulher como posse, em um contexto machista e patriarcal.

Levantou-se à hora do costume, mas indisposto, excitado. Se não apressasse o desfecho do seu plano, adoeceria facilmente. Mas de que modo apressar?

A *língua alheia*, que ele tanto temia, veio em seu auxílio desta vez. Durante o dia alguns conhecidos lhe falaram dos *comes e bebes* na casa da barrista, depois do acolhimento à *Maroquinha*, como já tratavam a sertaneja. O próprio *Chico Roxo*, com cara de penitente chegou a dizer-lhe:

— Meu amigo, eu não soube o que fiz. A ovelha que há de ser do lobo...

A novidade teve o maior quinhão na prosa da Gameleira. Dizia-se que alguns amos e pais de família estavam receosos de que seus caixeiros e filhos entrassem em algum conflito por causa da *influência* em que estava a rapariga, como era costume entre gente de pouca idade e menos juízo.

Diante disto, o Moitinho não se demorou na execução do que pensava desde a noite anterior.

Recolheu-se à sobreloja e escreveu com letra quase ilegível:

“Senhora D. Rosária — Que tivesse passado bem de ontem a esta parte. Como seu conhecido antigo, não posso *deixar* de preveni-la que estão falando bastante na rua, a respeito de *comes e bebes* em sua casa, *motivo da menina*, e alguns pais e amos já estão se *queixando*. Se quiser aceitar um conselho de amigo, *lacre* suas portas e janelas à *noitinha*. E se precisar dalguma coisa, mande dizer ao... Moitinho.”

Fechou a carta, aplicando-lhe uma obreia *verde*¹⁸⁵; chamou o Pedrinho e mandou levá-la. O caixeirinho saía raramente. Folgou, pois, com a novidade, e mais ainda, quando entregou a carta e a destinatária, lendo e relendo, arrenegando-se contra as más línguas, disse-lhe que esperasse a resposta, entrando para um quarto.

Depois de alguma demora, voltou com uma cartinha fechada à obreia verde, e, em companhia da moça, interrogou o menino, que, disse, *nada sabia*. Deu a carta e o menino saiu.

— Eu não dizia? Eu não dizia, que esse ajuntamento de noite não dava em coisa boa? — repetia a moça.

— Mas, retorquiu a velha, aqui em casa nunca houve coisa de mais. E além disso, menina, você precisa de achar algum noivo, e não é escondida como freira, que o há de achar.

— Isso não, mãe Rosa! Já disse que me hei de guardar. Ou com ele... ou nenhum!

— Tu és tola, menina? Ainda que o mineiro voltasse, e o encontrasses, não estás vendo que ele não se casaria contigo?

— Deus não está pobre com o que tem dado, mãe Rosa; agora eu quero só aprender a ler; fazer flores para comprar minhas roupinhas e ajudar na despesa.

— Deus te ouça, minha filha.

¹⁸⁵ *Obreia*: pasta de massa, de várias cores, usada para colar papéis e fechar cartas; para algumas pessoas, a cor da obreia representava os sentimentos e as intenções de quem escrevia.

Enquanto mãe e filha adotivas repisavam o assunto, o português, trêmulo de prazer, abria a carta nuncia de *boas-novas*.

No século passado, as pessoas *lidas* sabiam fazer bom uso das obreias, segundo a cor indicadora dos sentimentos e intenções de quem escrevia.

Empregando na sua carta a obreia verde, o português, sem se declarar, denunciou o intento de seu aviso, pedindo *esperança*; se na resposta viesse preta ou vermelha, só lhe restava lançá-la ao fogo, se não quisesse arrepender-se da leitura. Vendo, pois, a cor verde, rejubilou-se e leu a carta, escrita com boa letra de que ufanavam as barristas, nesses tempos:

“Senhor Moitinho – Agradeço muito sua prevenção. Nunca houve nada de mais em nossa casa. Mas para não dar que falar às más línguas, aceito seu conselho, também sua proteção. De sua respeitadora... *Rosária Conceição*.”

Após a leitura, o Moitinho, ao tirar os óculos, interrogou o caixeiro:

— Então, viste lá mais alguém?

— Tinha visto somente uma moça – foi a resposta.

Era quase noite fechada. Para se certificar da resolução da velha, o português saiu às oito horas. Estava fechada e em silêncio a casa.

Quis bater, porém julgou imprudência e voltou.

Daí em diante, D. Rosária cumpriu o prometido. Não mais quis ajuntamentos em sua casa. Alguns teimosos, que batiam à porta, eram despedidos com uma desculpa qualquer. Apenas tinham ingresso o José Francisco, empregado de compras do capitão Joaquim Manoel, Patrício da Rosária, e o Moitinho. Aquele de dia, este à noite, e fechava-se a porta, durante a prosa mansa do português, que não cessava de elogiar o aproveitamento de Maria, quer na leitura, quer nas flores, ou na costura.

Lisonjeava-se com esses gabos a boa velha, que se tornara sinceramente à sua filha adotiva.

Muito diligentes ambas, ganhavam de seu trabalho para o modesto passadio. Também o Moitinho dava algum presente, que a barrista, por seu turno, dava a Maria. Mas, apesar de sua constância, o português não adiantava o trabalho da conquista.

Era de desesperar. Quanto mais se desenvolvia a inteligência da moça, tanto mais esquivava e arredia se tornava. Às vezes, pela intimidade que se permitia, o Moitinho chamava-a, para a prosa. Ela, porém, não respondia.

— *Estava de veneta*, dizia a velha.

Com o José Francisco é que a moça gostava de conversar, porque lhe falava do mineiro, dava-lhe esperanças.

Não obstante a entrada franca na casa, o português já se estava aborrecendo daquela maçada. Ele a querer *mesmo* se casar, e a moça a não querer *mesmo* ouvi-lo, pois até os presentes eram em pura perda.

Por esse tempo, os *vadios*, corridos e desenganados, tinham marcado as horas certas de entradas e saídas do português. Recebeu cartas anônimas, descompondo-o; porém, teimou por isso mesmo.

— Invejas desses biltres, dizia.

Uma noite, ao sair de casa, foi acompanhado de surpresa por uma dúzia de realejos de sopro, desafinados. Compreendeu e quis reagir de junco alçado; os rapazes recuaram em gargalhadas e avançaram após, em assuadas, tocando sem cessar.

Alguns moradores abriam janelas; deitavam a cabeça fora e se recolhiam enfasiados da algazarra.

O português resignou-se a seguir para sua casa, desesperado, infernado, invejando a sorte de quem dormia tranquilo àquela hora, inclusive o austero Bensabath, com as suas normas de moralidade.

Tinha carradas de razão o judeu. No dia seguinte queixou-se ao Bensabath, que lhe aconselhou calma e circunspecção.

Não lhe ficou, porém, na assuada, a desfeita, sem embargo de faltar à pontualidade e não obstante ainda o carão e *ponta de língua* da D. Rosária contra os vadios.

Um dia as portas do português e da barrista amanheceram *pintadas*.

O ridículo! Se, às vezes, é ele o desforço possível à justa vingança de uma alma *fraca*, é sempre, sempre a manifestação mais evidente de um espírito ignorante e mesquinho.

Destarte, uma alma superior, por qualquer título, não se devia ressentir de ser alvo do ridículo; entretanto, a verdade é que todo espírito superior se refrange sobre o látego do ridículo, e a superioridade cifra-se, então, em não retribuir na mesma moeda, nem se dar por ofendido em público. Ora, se lhe não resiste um espírito superior, que fará um espírito acanhado igualmente?

Demonstra logo que sentiu a ofensa.

O português não resistiu à afronta. E não se podendo vingar doutro modo, porque entre os *vadios* estavam filhos de gente poderosa, verdadeiros alicerces da sociedade nascente, *apaixonou-se* e adoeceu. O seu único recurso era viajar para *fora* ou para a Bahia.

Vendeu a loja ao Bensabath, sofrendo grandes golpes os preços da receita, e viajou para S. Félix, enquanto o povinho repetia:

— Na pataca do *canguinho* o demônio tem quinze vinténs e dez réis.

Não se podendo transportar de súbito, por falta de dinheiro, a barrista queixou-se ao subdelegado, que, na forma do costume, prometeu dar providências. Ela e a moça permaneceram por algum tempo na mesma casa, ainda, mais recatadas, formando, contudo, o projeto de mudança para o Xique-Xique, onde sua profissão renderia mais em virtude da *influência* de diamantes na *Serra do Coisa Boa*, *Califórnia*, *Piabas* e outros garimpos do *Comércio de Dentro*, hoje Andaraí.

X

Não obstante a perpetração de um delito grave, e a fuga precipitada do Mucugê, Ricardo Brandão não abandonou seu plano primitivo.

Nascido no norte de Minas, sem ter jamais trabalhado em garimpo, ignorando até a tecnologia do ofício, via tudo pelo lado maravilhoso.

Em sua terra só aparecia diamante fino e com muito trabalho. Assim, a Chapada Nova é que o devia curar da obsessão, enriquecendo-o ou *arrebentando-o*, como fez a milhares de conterrâneos seus.

Em consequência da sua resolução, para voltar à Chapada, só esperaria vender a tropa *arreada*. Nisto o ajudou a elevação dos fretes, porque, antes de chegar à casa, vendeu-a a um fazendeiro do *Rio do Antônio*.

Posto que estivesse enfiado da vida de tropeiro, trabalhosa, e, afinal, pouco rendosa, em virtude dos riscos e dispêndios, teve pesar e saudade dessa vida, ao ver saírem os animais para as mangas do novo dono.

Reservara sua montada, três para os camaradas e dois para cargas. Os camaradas, embora aliviados do trabalho, também sentiam saudades do *rancho*, que não é o mesmo do viajante escoteiro ou de bagagem. Tais saudades, entretanto, não perturbavam o bom humor e igualdade d'ânimo, peculiares ao verdadeiro camarada de viagem; resumiam-se apenas na lembrança dos animais a que se afeiçoaram, nas recordações da prosa, à tarde ou à noite, estendidos em couros abertos, depois da *arrumação* da tropa, ouvindo ferver o caldeirão, quando não havia alguma *violinha*, em que um deles *raiava a tirana saudosa*.

Embolsado o dinheiro da tropa, e não querendo voltar logo à Chapada, Ricardo seguiu para a Serra Nova, onde chegou em poucos dias.

Pretendia demorar-se o tempo necessário para acertar negócios em Grão Mogol e mandar fazer uma boa roça, que ficaria para sua velha mãe. Mas esse mesmo amor materno, que lhe ditou tão boa ação filial, o obrigou a prolongar a estadia por alguns meses a mais, sem conseguir, aliás, demovê-lo do propósito. Por isso, tomando de novo apenas o camarada Felipe, de confiança e disposto para tudo, Ricardo voltou à Chapada, com grande pesar da velhinha.

Não tendo de passar, desta feita, pela Barra do Gavião, lembrou-se de sua cativa-liberta, como quem se recorda de um passado longínquo. Viajando com uma carga apenas, e aproveitando noites de luar, em dez dias entrava, à noite, no Comércio de Fora, e nessa mesma noite passava por Santa Isabel, seguindo em direção ao Xique-Xique, onde chegou no dia seguinte, pela *Boca da Mata*. Ainda assim retardara-lhe as marchas um belo cão perdigueiro, a que votava grande estima.

Mineiro altivo e corajoso, Ricardo, apesar de desconhecido, e desconhecendo os próprios costumes das Lavras, não levou sequer uma carta de recomendação.

Possuía dinheiro e um bom camarada, e, no seu pensar, isso bastava, *se Deus não o desamparasse*.

Por felicidade, antes meia légua da povoação, descansou na rancharia do honrado mineiro, alferes Gil Brás dos Santos, que lhe indicou um negociante, o Felipe, estabelecido no *Tomba Surrão*, e recomendou-lhe muito cuidado em suas relações aí.

O mineiro seguiu satisfeito com a indicação. Desceu a ladeira extensa, atravessou o rio, que corre apertado entre morros, e subiu oposta e empinada ladeira, saindo na Rua do *Tomba Surrão*, se é que pode merecer o nome de *rua* um trecho de estrada tortuosa, por ter de contornar penedias e altos rochedos, casas aqui e ali, sem ordem, rodeadas de escavações, mal aprumadas sobre despenhadeiros, quando não eram lapas muradas de taipa, ou tapadas à pindoba, e fechadas a portas de varas.

Na primeira casa o mineiro perguntou pela morada do Felipe. Disseram que era adiante, uma casa caiada, de duas portas e janela, pintadas de azul. Ricardo chegou à casa. O dono não estava. A mulher, que devia ser a dona, mandou-o apear-se.

— Seu marido não tardaria, disse.

E começou a mirar, insistente, as feições varonis do viajante.

Era o mineiro quem mineiros chamam – um rapaz sacudido. Entretanto o olhar da mulher não se dirigia ou atendia evidentemente, à beleza masculina, porque mais parecia relembrar feições que um dia vira, e a custo recordava. Fora de um centro populoso, como era a Chapada, onde se reúnem indivíduos de pontos diversos do globo, assemelhando-se, portanto, muitas pessoas entre si, ela teria conhecido ou não à primeira vista.

A insistência incomodou o mineiro, lembrado ainda do delito do Mucugê, e saiu para o pequeno passeio da porta, onde se pôs a acariciar o seu perdigueiro. Não teve de esperar demasiado pelo dono da casa. Este, tendo ido à *Praça*, a negócio, voltou em breve. Ao chegar à porta, cumprimentou o viajante, com ar afável de negociante prático, saudou o camarada, e entrou.

Depois de pequena demora, falando baixo com a mulher, no interior da casa, voltou, com ar mais prazenteiro ainda, ordenando ao camarada *que arriasse as caixinhas*, e desarreasse os animais; e voltando-se para o mineiro, disse:

— Descansa ao menos aqui, não é?

Entre surpreso e agradecido, respondeu Ricardo:

— Não precisa incômodo... Eu vim aqui por indicação do alferes Gil!...

— Quem? seu alferes *Gilin*, dali de cima? Interrompeu o negociante.

— Sim, esse mesmo.

— Então, Deus vem lhe guiando, senhor...

— Ricardo Brandão, afirmou o mineiro, um seu criado.

— De Deus Nosso Senhor. Mas o senhor não sabe que homem é esse seu *Gilin*, aqui, para todo o mundo. Homem de conceito...

— Pois foi ele, senhor Felipe, que me aconselhou procurar esta casa, porque eu preciso de alugar uma casinha pra me *aboletar*...

— Não há dúvida; se arranjará a casa ainda que com trabalho, porque a *influência* aqui é muita; mas por ora ficará em nossa casa.

E como visse no semblante de Ricardo certa hesitação, abriu a porta que dava para uma saleta, mandou depositar aí as caixinhas, alforjes e arreios, e convidou o mineiro a entrar e sentar-se. Este acedeu, porém acanhado, ou antes, desconfiado.

Isso não era costume do lugar, segundo informações certas. Ao mesmo tempo a fisionomia simpática do negociante, o seu *luxo* relativo, trajando com certa elegância um terno de fina casimira clara, chapéu-de-chile, calçando botins de verniz, tranqüilizava-o relativamente a intenções criminosas de roubo, como se davam casos. Contudo aventurou-se a perguntar:

— Mas aqui é casa de pasto?

— Não, senhor, foi a resposta do dono da casa, arrumando os arreios, de modo a tomar o menor espaço na saleta.

— Então, o senhor é diferente dos outros *lavristas*? Insistiu o mineiro com semblante risonho.

— Talvez diferente de muitos; e por que o senhor pergunta?

— Porque essa franqueza me cativa, fazendo me lembrar dos meus patrícios mineiros... também eu sou mineiro.

— Estou fazendo minha obrigação, porque apesar de morar entre gente (não todos), que só acredita no dinheiro e na valentia, eu ainda creio na Providência Divina! Depois – concluiu o negociante, com olhos úmidos, em que se viam betas sanguíneas – depois temos tempo de conversar. Agora vou despachar esses fregueses que estão me vexando¹⁸⁶.

O mineiro ficou sozinho, pensando no imprevisto da recepção cordial, por pessoas que, em sua consciência, nunca ele vira.

A tarde descia. O camarada foi arrumar os animais nas mangas do alferes Gil, a conselhos do negociante, por serem mangas bem empastadas e seguras. Lá dormiria o camarada.

Às *Ave-Marias* apareceu a mulher do negociante anunciando o jantar. O delicado convite feito pelo Felipe, tornou o hóspede obediente.

A mesa estava servida a capricho.

Mundíssima toalha, louça nova e limpa, copos e frasqueira de cristal com vinho, iguarias diversas, tudo desafiava o apetite, e, mais ainda, afirmava certo bem-estar dos donos da casa. Por isto mesmo, o hóspede, mais habituado à frugalidade do rancho de tropeiro, onde estava sempre à vontade, sentiu-se apoucado, cerimonioso.

O negociante compreendeu, e, sem ostentação, antes com lhaneza, que não era de esperar em tão poucas horas, tornou expansivo e desembaraçado o mineiro.

Servido o café, voltaram à saleta. Depois de algum tempo, o negociante rompeu o silêncio:

¹⁸⁶ *Vexando*: no Nordeste, o verbo vexar é empregado no sentido de apressar; apressando.

— Eu disse que, *lhe* hospedando, fazia minha obrigação, e vejo que o senhor não me conheceu ainda! Pois eu dou graças a Deus por *lhe* prestar qualquer serviço em reconhecimento do benefício que o senhor me fez num dia de aflição... que dia!

O mineiro olhou espantado para o negociante, que falava sério, pausadamente, e o interrompeu:

— Não será engano, senhor Felipe? Há tanta gente que se parece uma com outra...

— Não estou enganado, não! Agora veja se não se lembra? – E o negociante com seu rosto angular, encarou de frente o hóspede.

— Homem, com franqueza, não! Tenho corrido tanta terra...

— Pois vai conhecer. Eu sou aquele pai desesperado que o senhor encontrou, no Rodeador, cavando sepultura pra enterrar o último filho que morreu de fome! Lembra-se agora?

— Ah! agora, sim! Também não era possível conhecer, nem pelo nome, nem... O mineiro suspendeu a palavra.

— Pode acabar; nem pelo traje e negócio.

— É verdade. Em tão pouco tempo, ganhar tanto...

— Pois fique sabendo que o senhor foi causa disto, sem saber, porque o seu pedaço de carne me deu força a mim e a minha mulher, que não aguentava mais de fraqueza, e seus conselhos, me deram ânimo de vir par'aqui. Quando agradei sua esmola de bom coração, eu disse que nunca esqueceria!

O senhor é um mineiro bom! Pois aqui está, senhor Ricardo, também um sertanejo baiano que não nega a firma, nem morrendo! Eu me chamo João Felipe de Sousa, disse com uma entonação de altivez serena, mas o povo só me chama de Felipe e ninguém me conhece por João.

— Mas, então a sorte *lhe* acudiu logo, senhor Felipe! Exclamou o mineiro.

— Eu *lhe* conto minha vida. Mas me dê licença, que vou abrir a venda e acender a luz. Além disso é preciso mandar trazer o prato a seu perdigueiro.

O mineiro ficou pensando naquele salto da fortuna, dentro de um ano; e, por associação de ideias, meditava no seu próprio destino, quando o Felipe voltou da venda, perguntando:

— Só não quer que se fale na vida passada, quem não ganhou com o suor do rosto, não é verdade?

— E quem não tem coragem de ganhar outra vez, confirmou Ricardo.

— Pois é porque ainda tenho coragem de arregaçar a *calça* e meter o pé no trabalho, que eu gosto de contar a minha vida. Eu fui criado no trabalho. Antes da *fome*, eu tinha minha criaçõzinha, minha roça e, como pobre, sustentava a família. Quando

arrojou a seca, vendi tudo pra comer. Quando não pude mais, *saí da terra*. Como o senhor me viu, andei mendigando, até que, por seu parecer, vim pr'aquí. E por felicidade o trabalho não faltou. Trabalhei alugado uns dias, fui vivendo, até que fui convidado pra trabalhar de *meia-praça* num serviço de *gruna*¹⁸⁷, do *Bom Será*. Serviço duro, senhor, onde eu ia perdendo a vida, por ser inda *reculuta*. O dono teve pena de mim, foi me *adiantando o saco* toda a feira, porque eu não tinha outro jeito. Depois de um mês de trabalho, em que foi preciso arrebentar com broca um *emburrado* dos diabos, também a gente *catou* diamante que foi um gosto! Como *meia-praça*, me coube uns quatro contos, e eu comprei esta casinha e *botei* esse negócio, porque no fim o diamante ficou *cumprido*.

— Sendo assim feliz, devia continuar.

— É um engano, senhor Ricardo. Garimpo é um jogo¹⁸⁸. Só deve jogar quem não tem muito a perder, e ganhando, deve sair e não voltar, enquanto tiver dinheiro.

Quer uma prova? Olhe, o homem que primeiro me alugou, estava quase rico; pois já gastou tudo com o serviço, com luxo, e está *infusado* que mete dó! Esta semana me veio pedir o *saco fiado*¹⁸⁹, e eu não tive jeito senão fiar.

— Então acha que eu não devo garimpar? Inquiriu Ricardo.

— Para falar franco, não. Tendo algum dinheiro, só deve arriscar no comércio, ou então *capangar*¹⁹⁰, se tem prática.

— Pois eu vim decidido a garimpar, dê no que der.

— Estando assim decidido, é bom desenganar.

Chegaram fregueses em maior número, e o negociante foi despachá-los.

O mineiro adiou o pedido de informações e conhecimentos de que precisava.

XI

Na estação estival, é assaz elevada a temperatura na extensa povoação do Xique-Xique, edificada, como está, no socalco acidentado de uma das serras, que a rodeiam de perto, estreitando-lhe o horizonte visual. À noite, principalmente, devido à vizinhança de grandes rochedos, o calor é insuportável.

Ricardo experimentou, durante a noite, o mal-estar próprio de um hóspede na terra e na casa em que estava. No entanto impediu-o de dormir menos o calor do que o *bamburro* do João Felipe. Aumentada pela imaginação, não lhe saía da memória aquela

¹⁸⁷ *Gruna*: escavação profunda e artificial aberta manualmente pelos garimpeiros em busca de pedras preciosas, especialmente diamantes. Essas cavidades eram frequentemente perigosas devido às condições precárias de trabalho, ao risco de desabamentos e alagamentos, além de serem de difícil acesso.

¹⁸⁸ *Garimpo é um jogo*: expressão usada para se referir à atividade do garimpo, onde o esforço pode gerar lucro ou perda. A garimpagem pode ser associada aos jogos de azar, onde o jogador/garimpeiro é atraído pela possibilidade de grandes ganhos, mas o resultado final envolve riscos e incertezas e depende quase exclusivamente da sorte.

¹⁸⁹ *Saco fiado*: expressão popular que significa a compra de produtos ou mercadorias a prazo, fiado, ou seja, sem pagamento imediato.

¹⁹⁰ *Capangar*: trabalhar como capangueiro comprando diamantes nos garimpos.

cena fascinadora de *catar diamantes* numa gruta. Afigurava-se-lhe uma coisa fácilíssima, na Chapada, encontrar muitas grutas como a do *Bom Será*.

A convicção que tem a mocidade vigorosa de poder governar o destino a seu talante, excitava-lhe o desejo de se atirar ao garimpo no mais breve prazo.

Quando, ao alvorecer, João Felipe abriu as portas da venda, já o mineiro estava passeando no terreiro.

Saudaram-se.

Após a ablução costumeira do rosto, veio o café. Ansioso estava o mineiro por falar no objeto de suas meditações, quando irrompeu na venda, com ar de novidade, um vizinho do negociante, de nome Benedito, de alcunha *Braço Forte*, falando alto:

— Não sabe, seu Felipe? Aquele camaradinho *perrengue* do *Chico José*, do *Coisa Boa*, pegou uma *pedra* e uns *lambreios*, que vendeu por dois contos!

— Qual? o *Badu*? Perguntou o Felipe.

— Esse mesmo! E o bobo, em vez de vir vender aqui no meio de gente conhecida, foi vender na Passagem!

— Está morto! Só o jogo e o mulherio de lá comem-lhe o cobre.

— Por isso, não, que aqui também comiam, mas podia vender “mais bem vendido” aqui. Enfim, lá se arrume! O que eu quero agora é matar o bicho. E bateu o cobre no balcão.

O Felipe mediu a cachaça. *Braço Forte* bebeu e saiu.

Ricardo exclamou:

— Qual, senhor, isso aqui é uma riqueza que não acaba nunca!

— É negócio de sorte! acrescentou o negociante, sempre calmo.

— João! Ó João! Gritou no interior da casa a mulher do negociante. Vem ver se não é diamante o que eu achei na moela da galinha?

O João Felipe acudiu presto à novidade. Dentro em pouco trazia um diamante na palma da mão esquerda e a víscera referida em outra, dizendo:

— Está, senhor Ricardo, porque aqui se vende uma galinha, afora o papo e a moela! Felizmente *esta* era nossa *mesmo*. Veja que lucro o senhor me deu, porque Clarinha pra lhe obsequiar matou-a para o almoço! Veja!

E o Felipe, alegre, mostrava o diamante, regulando um quilate.

O mineiro tomou-o cuidadosamente, mirando-o de todos os lados, com o pouco jeito peculiar a um *bruaqueiro* ou *recruta* em garimpo. Depois restituiu-o, dizendo:

— O senhor tem sorte; vamos garimpar, homem!

— Eu mesmo não posso; uma praça em meu lugar, podia ser; porém no *mocororô* do *Coisa Boa* ou nas *grupiaras* da *Califórnia* que também *estão dando* muito, respondeu o Felipe, cedendo de seu propósito, e guardando o diamante num *picuá* vazio.

— Pois está dito homem! Ainda que eu nem saiba o que é *mocororô* nem *grupiara*.

— Ora! isso aprende logo. *Mocororô* é um cascalho amarelo, ou esbranquiçado e *peguento* como barro de telha. *Grupiara* é *serviço* onde se tira um cascalho com massa, e encontra a *piçarra*¹⁹¹ aí mesmo rasiño; não é como cata que é preciso desmonte, às vezes de dois estados e mais, para dar no cascalho e depois na *piçarra* funda.

O *mocororô* ou a *grupiara*, quando tem diamante, é bom e grosso, *canjicudo*. *Desenverga* um cristão *infusado* em dois tempos. Agora, o *serviço* de minha influência é *gruna*. É perigoso; porém quando a gente dá num *caldeirão*, ou num *casco de burro*, que é um caldeirãozito, está tirando o cascalho, e no mesmo tempo catando diamante grosso, antes de *pegar* na bateia, é um gosto!

— E ainda há *grunas* ricas? Perguntou o mineiro.

— Não tem conta, respondeu Felipe. Aqui mesmo pertinho há uma, chamada agora *Gruna dos Defuntos* e que está entupida, desde que morreram os *gruneiros*, que trabalhavam, quando veio *água do monte*. Esta dizem que é rica. Há outras muitas de fama. Eu mesmo tenho informação de uma, daqui a meia légua, serra acima, que, se é como dizem, é um encanto!

— Então vamos dar um *serviço* lá, atalhou o mineiro, com a volubilidade própria do recruta em garimpo.

— Não, objetou o outro. No *Coisa Boa* é mais certo. E se for lá, eu chamo *Braço Forte* pra combinar. É uma boa praça.

— Pois está direito. Hoje e amanhã arruma-se; terça-feira é bom dia de estar lá. O meu camarada já tem prática de garimpo, mas não aqui.

Nesse momento chegava o camarada.

Em tais conversas e planos passaram o dia, tratando ao mesmo tempo de preparar, juntando ou comprando, a ferramenta que faltava: alavanca, enxadas, carumbés¹⁹², bateia, ralo, frincheiros, grande e pequeno.

À noite, depois do jantar, João Felipe convidou o hóspede para darem um passeio, a fim de conhecer a povoação ou parte, porque já tinha mais dum quarto de légua, até à Rua da *Forca*.

Em véspera da feira, o povoado todo tinha uma vida, uma animação, somente comparável às duma grande cidade.

Também o calor duplicado pela falta de ventilação no lugar, e pela irradiação do solo pedregoso, não permitia viva alma no interior das habitações.

Na praça única d'então, grande número de cargas arrumadas, fazia avultar o número de transeuntes, de fregueses, enchendo vendas e lojas bem iluminadas a candeias de azeite. Via-se aí, em grupos, conversando animadamente, rindo alto, gente de todas as

¹⁹¹ *Piçarra*: material formado por areia e fragmentos de rochas, encontrado abaixo do cascalho.

¹⁹² *Carumbé*: termo de origem indígena que designa uma vasilha de formato cônico, a qual é utilizada para conduzir o cascalho à lavagem na busca de ouro ou diamante.

raças e climas, desde o bronco *jeje*¹⁹³ contando pelos dedos das mãos e pés a maior soma de mil-réis ambicionada, ao *haussá*¹⁹⁴ *ladino* e valente; desde o caboclo *caçado* a dente de cachorro, até o mestiço elegante, brasileiro da gema; desde o *carcamano* e o saltimbanco, meio músico, meio pelotiqueiro, até o europeu polido e aventureiro.

Nas ruas tortuosas, becos e vielas, mais afastados, crescia o burburinho e o movimento, porque aí eram *pagodes*, cujos brindes, entremeados do – “Como canta o papagaio” -, não raro terminavam com a louça quebrada, e no alagamento da casa com vinho caro, em que se ensopavam vestidos de chalim, calças e jaquetas de linho, veludo e merino; eram serenatas de flauta e violões; *batuques* nacionais; modinhas mineiras e baianas; *atabaques* de africanos, em *candomblés* intermináveis; o *zunzum* das casas de tavolagem, e superando a tudo, de quando em quando, as gargalhadas em tiple do mulhério sem Deus nem lei, ou o grito de uma vítima baleada ou esfaqueada.

O mineiro estava maravilhado com aquela vida; não cessava de gabar a alegria da terra, em comparação com a tristura religiosa das cidades mineiras.

O Felipe foi guiando-o para as ruas mais ordeiras, visto que só estavam armados de punhais, que nas outras imperavam o trabuco e o terçado.

Na então chamada Rua Direita do Comércio, ouviram cantar tirana. O João Felipe, conhecendo a casa, donde partiam a voz e o som da viola falou:

— Lá está o *Pingo d'Água*. É quem está na moda, aqui.

— *Pingo d'Água!* Exclamou o mineiro; já tinha conhecido a voz. Foi meu camarada, e me largou o lote no Mucugê...

— Não se lembre mais disso, não. Aqui a vida é outra. Ninguém pergunta aqui por quem foi; pergunta por quem é. *Pingo d'Água* anda no trinque; é chamado para cantar em casas ricas, sozinho ou em desafio, porque todos nesta terra são alegres. Tem vencido *Tomba Morro*, *Pedro Viola*, e outros afamados no desafio, e tem cantado dia e noite sem repetir quadra; — só não vence *Ponta d'Água*. Faz bem dinheiro, *jogando o lenço* na roda. Está cantando na casa da famosa *Dusá*... conhece? Ah! nem me lembrava que chegou há pouco.

— Não conheço, não. *Dusá*... isso é nome? Perguntou o mineiro.

— Qual nome! Ela se chama Maria... não sei de quê, Alves. Mas aqui é terra de apelido e ditado. De pouco tempo houve um ditado, que se usava para não dizer um segredo. Quando a gente ia conversando, e chegava no ponto do segredo, parava e o outro perguntava: — E o resto? A gente respondia: — *Aí é que está o A, B, C*. A *Dusá* quando ria (e ainda hoje), em vez de dizer assim, gritava: *Aí é que está os ah, ah, ah!* — E o povo deitou-lhe o apelido de *Maria Dusá*, de que ela gostou e até assina. Essa mulher chegou

¹⁹³ *Jeje*: indivíduos do jeje, grupo de pessoas pertencentes à África Ocidental. O termo “jeje” surgiu na Bahia no século XVIII, para designar os africanos escravizados provenientes do antigo reino do Daomé e seu entorno geográfico na África Ocidental. (<https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/jeje>).

¹⁹⁴ *Haussá*: ou hauçá, povo africano que habita principalmente a região norte da Nigéria e a região sul do Níger. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/hauçá>).

no Mucugê o ano passado em farrapos. O *Conde da Passagem*¹⁹⁵ botou-a em casa, fez dela como uma princesa, gastou muito, deu muita joia, até mandou ensinar a ler e depois largou-a, quando a família veio da Europa. É rica muito, segundo dizem; mas é estabanada e tem veneta. Mas vamos chegar mais perto.

Nesse momento ainda improvisou *Pingo d'Água*:

O Bem do Mal mora perto;
 Não há ninguém que os desuna.
 Mas aqui... não mora longe
 A Boa da Má Fortuna!

— Está ouvindo? Perguntou o Felipe ao hóspede. Assim é que é cantar; o mais é bobagem!

O mineiro também estava entusiasmado, admirando ao mesmo tempo, pelos modos de Felipe, o progresso que toda gente fazia na Chapada em *falar certo*, dentro de poucos meses, pronunciando as palavras como gente lida.

Caminharam ele e Felipe mais alguns passos até defrontarem com as janelas. A sala espaçosa de mobiliário luxuoso, estava bem iluminada por um castiçal em cada ângulo, e pendente do teto um grande lustre de velas, com *pingentes de cristal*.

Grupos de negociantes, capangueiros, pedristas, e mosquitadores, servidos por escravos novos, trajando calças e jaquetas de *pano da Serra*, bebiam alegremente, e comentavam o improvisado de quadras admiráveis, hoje perdidas, do famoso analfabeto morto obscuramente, e cuja memória apenas vive nas reminiscências de alguns velhos sertanejos, que recitam ou cantam versos deformados dessa prodigiosa imaginação poética.

Tendo parado em frente da sala deslumbrante, habituaram a vista à claridade, e dentro em pouco João Felipe indicou a Ricardo:

— Lá está a Maria Dusá! É aquela morena, de vestido cor-de-rosa, decotado, que está de cabelo solto, brincos e medalha de brilhantes, presa ao pescoço por um veludinho cor-de-rosa.

Aquelas outras também são da *roda*. É a *Supi*, a Flora, *Gaguinha*, *Flor de Couve*, e outras que não conheço.

O mineiro parecia não ouvir mais nada. Dir-se-ia que a vida se lhe concentrara no olhar faiscante.

Dusá conversava com um dos convivas, risonha, gesticulando, ora de modo vivo, ora cadenciado e gracioso. Via-se que relatava um fato. De súbito afastou-se um pouco, o conviva falou, aproximando-se, e ela, acenando com o indicador negativamente, soltou gostosa gargalhada:

¹⁹⁵ Titular holandês, deportado em consequência de negócios políticos. Não era da Passagem o seu título. Porque não é abonadora a referência, substitui-se o nome pelo nome do lugar em que morou na Chapada. (Chardron, 1910).

— *Eh, eh, eh, diá! Eh! Aí é que está os ah, ah, ah!*

— Ouviu? Perguntou o Felipe, também rindo baixinho, porque os curiosos estavam apinhados em frente da casa.

O mineiro não parecia ter ouvido nada. E, em lugar de responder à pergunta, exclamou:

— Eu estou conhecendo aquela mulher!...

E depois de uma pausa:

— É ela mesma! Não tem dúvida!

— Ela quem? Perguntou o Felipe, tornando ao sério.

— Uma moça que eu conheci em 60, acima *da Barra do Gavião*.

— Pode ser, concordou o João Felipe. Ela veio deveras dos lados de Santo Antônio da Barra, segundo já ouvi dizer.

— Estava quase experimentando se ela também me conhece! Acrescentou o mineiro.

— Agora, não acho bom! A hora não é própria. Daí, faça como quiser, aconselhou o Felipe, lançando um olhar de dúvida à mal talhada jaqueta de seu hóspede:

— Nada! É agora mesmo, decidiu o mineiro.

E caminhou para a porta, convencido de que em casa de *mulher-dama* não havia cerimônias.

Pingo d'Água vinha saindo a porta e, ao ver Ricardo, reconheceu-o, e estendeu-lhe a mão:

— Oh! Seu Ricardo; meu patrão velho!

O mineiro esteve a recusar a mão, mas refletiu que *Pingo d'Água* estava cercado de admiradores, e correspondeu à saudação, dizendo:

— Você foi bem ingrato, Manoel!

— Qual nada, seu Ricardo! Aqui a vida é outra! E a gente procura suas melhoras, respondeu o ex-tropeiro.

Ricardo perguntou, baixando a voz:

— Hein, Manoel! Esta Dusá não será aquela moça da *Lagoa Seca*?

— Sei lá! Respondeu o cantador, com sorriso malicioso. Hoje é que fui chamado pra cantar nesta casa. Também me parece que é ela em carne e osso, mais gorda e bonita, sim. Mas como aqui tudo muda de um dia para outro, não quis dizer nada. Não quero barulho comigo!

O mineiro chegou-se para a porta. Ao perceber aquele tipo varonil de sertanejo (o que o chapéu e os modos indicavam), Dusá veio encontrá-lo. O mineiro não teve mais hesitação, e cumprimentou-a em voz brevemente comovida:

- Adeus¹⁹⁶, Maria! Não pensei...
- Quem é o senhor? Perguntou Dusá em ar sério.
- Não me conhece mais? Interrogou o mineiro, por sua vez.
- Não posso conhecer, porque nunca o vi!
- Pois tem fraca memória! Comentou o mineiro, entre risonho e despeitado.

E alteando a voz, perguntou ainda:

- Então não conhece o *mineiro*? Que é da medalha da despedida?

A mundana não se pôde mais conter. Desfechou uma estrondosa gargalhada na cara do mineiro. Este sentiu o sangue escurecer-lhe a vista.

Dusá quis amenizar o caso, - desfazendo o mau efeito do riso, e disse com a voz doce, que lhe era própria:

- Meu bem, você errou a porta!

O conserto piorou o negócio, porque o mineiro retrucou em tom sarcástico e brando, que a raiva desfigurava:

— Pois, sim! Agora, não pode mais ser a troco de sal; porém, quando eu tiver a carteira bem cheia pra te comprar outra vez, *acertarei com a porta*! E quando todo o mundo souber como foste vendida, e como procedeu teu pai...

— Tenha paciência, *meu amigo*! Atalhou um dos convivas que ouviram as palavras de Ricardo. Quando se bate na porta, ninguém pergunta: — *Quem foi?* Pergunta: — *Quem é?* E quem tem vergonha não mete vergonha!

O incidente chamou a atenção de todos. O mineiro apalpava o punhal, porque já era basto o grupo que o cercava.

João Felipe, percebendo o perigo que ameaçava seu hóspede, aproximou-se presto e puxou-o por um braço.

O mineiro atendeu, retirando-se, mas repetindo:

- Faça lá caso desse tunantes!

Ao mesmo tempo, os da sala comentavam:

¹⁹⁶ *Adeus*: nesse contexto, o termo é usado como cumprimento de boas-vindas.

— Sim senhor! Que atrevidão! Um mais exaltado aventurou:

— Era caso de mandar *enxugar o coiro* desse sujeito!

O plano encontrou aceitação de alguns. Outros, porém discordaram:

— Não valia a pena: O bruaqueiro é que ia já *arrastando o coiro*, isto é, de *cabeça inchada*, porque Dusá *fez pouco caso nele*, não se querendo mais vender a troco de sal!

E o despeito deu lugar ao riso.

As *amigas* de Dusá folgaram com a novidade que seria sempre boa arma para a deprimir no conceito dos amantes ambicionados.

Dusá tinha se recolhido à alcova luxuosa, trescalando a *patchouli* e *macassá*. Alguns, que a foram ver, encontraram-na chorando, com os dedos enclavinhados, em atitude compungida.

A notícia correu na sala, e o divertimento esfriou.

— Não estou ofendida, explicava, aos íntimos, a messalina; não me ofendeu essa criatura que, por Deus eu juro, nunca vi! Ele foi vítima de um desgraçado engano! Está ainda apaixonado por alguma moça que se parece comigo! O que eu sinto é ter ele falado em meu pai, que não conheço, porque fui uma enjeitada... e sou... uma enjeitada da sorte!

Houve protestos. Dusá disse com firmeza, enxugando as lágrimas:

— Sou uma perdida, uma estouvada. Vivo a rir e a folgar, porque minha sorte foi desgraçada e o mundo me quer assim. Mas na alma eu não tenho alegria da felicidade. Preferia conservar minha inocência, de que abusou um miserável com histórias de casamento, a possuir essa meia riqueza, que na minha terra serviria de vergonha entre gente de bem!

— Deixa disso, Dusá! Esta é a vida, disse um.

— Vocês não querem ver! Chasqueava outro; quem sabe se Dusá não quer virar monja deveras por causa do tabaréu?

— Isso não é nada, atalhou um curandeiro bem apessoado e circunspecto: isso é nervoso, passa!

— Vão todos vocês para o inferno, demônios! Apostrofou Dusá aos comentadores sarcásticos.

Deu-lhe a veneta de acabar com o divertimento, e em poucos minutos retiravam-se os convivas, homens e mulheres, relembrando o negócio do sal, e já apelidando-a Maria *Vendida*, entre risos, porém em ausência, porque sabia-se que Dusá era mulher de punhal e garrucha.

Já era tarde da noite, e Dusá mandou fechar portas e janelas, recolhendo-se de novo à sua alcova solitária.

Rita, a escrava de sua confiança ¹⁹⁷, veio destoucá-la e guardar vestidos, joias e enfeites que a *senhora*, ainda nervosa, ia atirando a esmo, sem a garrulice de outros dias. O silêncio dominava a casa. Somente ao fundo, na senzala, havia conversação dos escravos nos serviços de copa e em outros de asseio.

A mulata velha de confiança estranhou os modos de Dusá:

— Sinhá está doente? Inquiriu.

— Estou, Rita, mas é do coração. Amanhã te digo. Agora chama Juliana pra trazer água.

A escrava saiu. A mundana ficou sentada na cama, meditando, e devorando, uns após outros, seus cigarrinhos de Baependi, de que abusava.

Por este tempo entrava o mineiro em casa de seu hospedador, a quem acabava de relatar a razão de seu despeito contra a mulher que ele tinha comprado e *forrado* logo. Na sua ira, o mineiro jurou que não pisaria mais na Rua do Comércio, enquanto não tivesse bastante dinheiro para mandar seu camarada *comprar* Dusá, que o desfeitera tão cruamente.

Baldava empenhos o Felipe, a fim de amainar a cólera do hóspede, asseverando que ali, no Xique-Xique, não valia tanto aquele negócio; que *esfriasse a cabeça* e pensasse.

— Não tenha susto, respondia Ricardo. Agora só desejo que amanheça o dia para ir ver logo o garimpo. O saco se faz hoje mesmo.

— Mande chamar o *Braço Forte* e outro, que o meu camarada está aí.

No dia seguinte seguiam o mineiro e três camaradas para o *Coisa Boa*.

XII

Sabe-se que é bigúmea a arma do ridículo; se é, porém, temida pelos mesmos que a manejam, para as pessoas simples, de espírito ingênuo e delicado, constitui um verdadeiro e terrível espantalho.

Sob sua ação, a alma boa doridamente se contrai, como a sensitiva ao choque da asa estouvada dum inseto, enquanto o espírito grosseiro salta e esbraveja, como a saramatinga no brasido. Trate-se, entretanto, deste ou daquela os efeitos são quase sempre contrapostos aos intuitos de quem ridiculiza.

O espírito ingênuo de Maria Alves e o coração bondoso da velha D. Rosária não suportaram muito à baixa vingança dos garotos, despedidos da sua casa.

¹⁹⁷ Na sociedade escravocrata, era comum que os escravizados ocupassem diferentes funções e posições hierárquicas de maior confiança em relação aos seus senhores. Essa relação de confiança os tornavam mais próximos da casa e da família dos senhores, no entanto, não anulava a condição de opressão e subordinação.

Viveram algum tempo enclausuradas, porém trabalhando sempre, com o plano formado de se mudarem para o Xique-Xique, onde lhes parecia haver menos floristas e mais dinheiro. A facilidade do transporte, em virtude do trânsito de bruaqueiros, ajudou a execução do desígnio, ficando logrados os vadios ciosos da rendição.

Souberam da retirada, quando viram fechada a casa.

Existia no Xique-Xique, na Rua Direita do Comércio, uma barrista ilustre, professora de meninas, e D. Rosária procurou-a, sendo bem recebida com sua filha adotiva, que fizera progressos na leitura e na arte.

Dous dias depois, alugou uma casinha, de porta e janela, contígua à da professora.

Chegaram em oportunidade as floristas. Prometia ser de arrojo a festa de S. Sebastião, cuja novena começava.

Por esse motivo, tendas, fornos e oficinas trabalhavam dia e noite; alfaiates, costureiras, floristas, sapateiros, ourives, marceneiros, doceiras, não tinham mãos a medir, e, pois, sobrou logo trabalho para as ádvenas.

Uma das noites, D. Rosária envergando sua capotina de veludo azul, foi à novena com a filha.

Não só era devota de S. Sebastião, como, *também* afirmava ela, *não era nenhum peixe podre*. Além disso precisava de sair à rua com a filha, para que se engraçasse de algum rapaz bom, desenganando-se do mineiro, no qual não cessava de falar, contando então, como mais certo o enlace, por estar *civilizada* e prendada, de esforço próprio.

À noitinha, desceram caminho da capela.

Para a sertaneja era uma festa. A multiplicidade de luzes da fachada; portas e janelas do coro, rodeadas de lamparinas de azeite, em coco de sapucaia, a iluminação, à vela, desde a nave até ao altar-mor, enfeitado de flores; o mulhierio de *tundás*¹⁹⁸, luxuosamente vestidas, a recender os perfumes da moda; o rapazio, trajando a capricho, tudo concorria para encantar e atordoar-lhe os sentidos.

Por sua vez, sem o saber, a sertaneja despertou a atenção na igreja. Houve cochichos, entre rapazes; donzelas mussitavam, como despeitadas contra a formosa *novata*.

Começaram as rezas. Subiram foguetes em barda; bombões espocavam, estrondeando nas grotas vizinhas e serras distantes, atestando os recursos dos mordomos.

Maria relanceava os olhos, furtivamente, à direita e à esquerda.

D. Rosária percebeu, e passou-lhe um *recipe*¹⁹⁹ de mansinho. Mas, ao terminar a ladainha, a moça olhou à direita, por acaso, e empalideceu, tornando-se vermelha em seguida.

Viu, sem dúvida, alguma pessoa ou cousa, que a surpreendeu, e que só o lugar e o momento forçavam-na a conter-se. Baixou a vista, com receio da velha.

Terminado o oferecimento, enquanto repicava-se o sino, espocavam de novo foguetes e bombões, e crescia o burburinho confuso de conversas e risos, como é d'uso

¹⁹⁸ *Tundás*: vestido de roda com muitas saias de baixo. (Dicionário Online Priberam de Português, <https://dicionario.priberam.org/tund%C3%A1>).

¹⁹⁹ *Recipe*: a grafia correta é *récipe*. No contexto informal, passar um *récipe* é o mesmo que repreender, censurar.

nos templos católicos. Maria, com as mãos frias, apesar do calor puxou a capotina da velha, e falou baixo, mostrando com os olhos:

— Está ali, mãe Rosa! Está ali!

— Ali o quê, menina? Interpelou a velha admirada.

— Ele, mãe Rosa! Ele!

— Ele, quem?

— O senhor Ricardo...

— Ah! O mineiro?

— Sim!

— E ele te viu?

— Pareceu ver... e fez que não viu, disse a moça, corando. Voltou o rosto para o altar.

— Pode ser que não te conhecesse. Como está vestido?

— De jaqueta preta e calça branca... e saiu por aquela porta.

A velha meteu-se pelo meio do povo, levando a filha pela mão, para que se não separasse.

Em boa ocasião aparecia o homem, pensava a velha. Maria estava vestida direitinho, artigos baratos, porém de elegância.

E D. Rosária tomou a peito descobri-lo.

Começava o grande leilão da porta, e bem podia ser que lá estivesse para arrematar alguma coisa. Dirigiu-se, pois para o adro da capela, onde *gente da roda* cercava uma grande mesa, em que se arrimavam, sem ordem, a *caixinha de segredo*, o *peru assado*, *galinhas assadas*, e *doces de compota*; enormes *pães-de-ló*, *frigideiras gordurosas*, misturando-se, por fim, *lombos fritos*, *frutas e ramalhetes de flores naturais*.

A velha relanceou um olhar de gula por tudo aquilo, que lhe fazia crescer água na boca e continuou a procurar o mineiro.

Olhos mais investigadores, no entanto, deram-lhe primeiro conta do *achado*. Apertando com força a mão de D. Rosária, Maria falou em voz baixa:

— Lá está ele, é aquele de bigode preto e barba cerrada e anelada, que está pitando agora. Mas eu não vou lá, acrescentou.

Era louvável a resolução da moça. Acima de qualquer afeição, deve estar a afeição ao pudor.

D. Rosária também coçou a cabeça envergonhada. Riu-se, sem coragem; mas afinal resolveu.

Deixando Maria encostada ao frontispício da igreja, foi ao encontro do mineiro. Deu uma volta, atravessou grupos, e chegando junto a Ricardo, disse:

— O senhor me dá uma palavra?

— Não há dúvida, respondeu ele; e separando-se do companheiro com o qual conversava, afastou-se alguns passos, acompanhando a velha que, por causa de dúvidas,

tinha posto o capuz. Adiante, ela voltou-se. Estava meio atrapalhada sobre o modo de começar a conversa, afinal perguntou:

— O senhor chama-se Ricardo?

— Um seu criado.

— Pois Maria, filha do Raimundo, da Lagoa Seca...

— Não é ela que está morando na Rua Direita do Comércio? Perguntou o mineiro, interrompendo a velha.

— Está, respondeu D. Rosária, espantada do tom e modo da pergunta.

— Pois diga-lhe que, quando eu tiver dinheiro bastante para comprá-la outra vez, *acertarei com a porta*, como já disse outro dia.

— Acho que o senhor está enganado! Retorquiu D. Rosária com altivez. Nossa casa não é o que o senhor pensa!

— *Sei disso! Lá somente vão condes!... Eu é que não quero* mais histórias.

Desfeita que ela me pregou, há de pagar do modo que eu sei.

— Qual, senhor! Eu acho que *vosmecê* está muito enganado; foi outra pessoa que lhe ofendeu.

— *Está bão*; pode ser! Mas quer ouvir uma coisa? Vá-se embora em paz! E voltando as costas, resmoneou:

— Diabo desta *onze letras* ainda vem pra cá *requentar caldo*!

D. Rosária sentiu faltar-lhe a terra aos pés, tão injuriosa foi a empresa.

Como se aproximassem algumas pessoas curiosas, perguntando que era aquilo, ela respondeu-lhes, com um sorriso contrafeito, que não era nada. E foi encontro de Maria, que estava no mesmo lugar. Ao avistá-la, a barrista disse apenas, bruscamente:

— Vamos!

Maria seguiu como um autômato, e, por sua vez, surpreendida pelos modos da velha, que a acompanhava, calada, pisando forte.

Na altura do Lava-pés, além do cemitério, Maria rompeu o silêncio:

— Mas o que foi que aconteceu, mãe Rosa? Inquiriu.

— Menina, me deixe! Aquele homem, ou é maluco, ou está com o Diabo no couro... ou... então que está me metendo nalgum mexerico. Mas eu não sou de mexericos, fique sabendo!

A sertaneja, cujo temperamento se modificara pela orfandade, e pelos novos costumes, mais polidos, esteve a cair sufocada, e parando na estrada, exclamou com acento dolorido:

— Mas, que foi, meu Deus?!

A velha compadeceu-se da pobre órfã e, para a acalmar, disse:

— Deixe estar; em casa contarei tudo; vem muita gente aí atrás.

E apressaram o passo. Em poucos minutos entravam em casa, e a barrista, depois de trancar a porta e atirar a capotina para a marquesa da sala, perguntou:

— Que desfeita pregou você ao tal homem, que lhe ameaça de você *pagar do modo que ele sabe?*

— Eu?!... exclamou a moça, tornando-se lívida. Pois, se desde lá de casa que não o vi mais... como é que preguei desfeita?

— Quem sabe, ponderou D. Rosária, sentando-se, se você não está esquecida de ter batido a porta ou a janela, quando passava alguém, aí na rua?

— Tenho certeza de que não fiz isso. Às poucas vezes que tenho chegado à janela, não vi, ao menos, ninguém que chegasse perto. Além disso, mãe Rosa está sempre aqui...

— E como sabe ele que você mora aqui, na Rua Direita?

— Não sei!... Isso é uma coisa que me faz ficar tonta!

— E a mim? E a vergonha que eu sofri? Cruz! Eu te arrenego! Isso até parece obra do capeta! Ora, a gente chegou esta semana, e já encontra uma coisa assim! *Creio em Deus Padre!* Você quer saber, Maria? Tire essa criatura do pensamento! Deixa estar, que achará um bom rapaz, para se casar. Não precisa de semelhante bruto. Até me parece que isso é uma desculpa que ele arranjou para não vir aqui! E vamos dormir para acordar cedo. A encomenda de D. Julinha tem muita pressa.

D. Rosária levantara-se, decidida ainda a não revelar a parte injuriosa da conversação.

Maria estava acabrunhada.

Não há maior dor moral que a da morte súbita, ainda que aparente, da nossa mais viva esperança.

Passados momentos de reflexão, as lágrimas começaram a correr pelas faces abrasadas da jovem. Ai, quantas, quantas mutações na vida, originadas de pequenas causas!

— Deixa de tolice, menina! Consolou a mãe adotiva, com voz trêmula. O mundo é assim mesmo. A gente há de sofrer de tudo.

E retirou-se para o quarto, levando a lamparina.

Maria ficou, soluçando, na sala escura. Depois, acalmou-se. É que no seu espírito começaram a debater-se dous sentimentos opostos: amor e ódio.

Quando se foi deitar, predominava o último. Daí em diante se esforçaria por esquecer o ingrato. Começaria frequentando a janela.

Desde a noite em que trocou palavras com o desconhecido, Maria Dusá tornou-se, pouco a pouco, quase intratável para com a maioria dos frequentadores de sua casa, e com as *amigas* que a alcunhavam de *Vendida*, em ausência.

Maria era uma dessas pecadoras que, não obstante a opulência, a juventude e o meio vicioso em que vivem, cedo aprendem, na facilidade do amor venal, a distinguir o joio do trigo, o oiro falso do verdadeiro, adquirindo, por isso, uma experiência precoce, que as torna ambiciosas da monogamia, cimentada pelo verdadeiro amor, sagrado por Deus, no qual creem, sancionada pela lei, à qual obedecem tementes.

Sabia Dusá que o tesouro da sua tão falada formosura se empobreceria, muito cedo, pelo consumo da libertinagem, e que, para isso evitar, seria necessário, em tempo, um só admirador, pois que, mais de um auxiliariam também a ação do tempo.

Além disso, em lugares como nas *Lavras*, da Chapada Nova, não faltavam belezas fenomenais, sedutoras e novas, tenros lírios arrancados ao lar paterno ou ao lar conjugal, na sua primeira eflorescência e vigor.

Seus amantes, em grande maioria, sentiam por ela a pura paixão carnal, violenta, e portanto saciável; raros lhe votavam certa amizade admirativa, que não era, propriamente, amizade nem amor.

Em outros termos, e ainda que de modo confuso, tais ideias lhe surgiam sempre em horas de meditação. Mas o desconhecido lhe despertara francamente o instinto ou inclinação à monogamia, ao casamento.

Aquele moço vigoroso, moreno, esbelto, bem apessoado, valente e singelo, atestando, no seu parecer, firmeza de amor, em procura da mulher amada, feriu-lhe a fundo a imaginação... e o coração.

Fora, pois, verdadeira, quando disse à escrava, na noite do incidente, que estava doente do coração.

Dias se passaram, e a mundana continuava taciturna, o que lhe dava, aliás, maior realce à beleza do semblante.

Seus próprios escravos murmuravam, ansiosos por descobrir a causa. Na noite em que D. Rosária teve o desagradável encontro com o mineiro, Dusá mandou fechar a casa cedo. Pretendia descansar das noites de insônia; porém, não conseguia dormir. À meia-noite chamou Ritta, que dormia em quarto próximo.

A escrava acudiu, e em poucos momentos apresentou-se, mas exclamando e interrogando na mesma frase:

- Uai! que é que Sinhá teve que não drumiu até agora?
- Nada, Ritta. Perdi o sono à toa.
- Quá! Sinhá não engana negra véia, não! Sinhá viu coisa, ou tem coisa feita!
- Está bom. Manda Juliana trazer café.
- Eu trago já, mais Sinhá conta tudo à sua negra véia pra dá remédio.

A escrava saiu pelo corredor, atravessou a sala de jantar e entrou na cozinha.

A cozinheira dormia; porém, habituada ao contínuo pedido de café, tinha posto a chaleira ao fogo, o qual clareava escassamente a cozinha.

Ritta entendeu de fazer ela mesma o café. Como o necessário estava à mão, não se demorou.

Em alguns minutos voltava ao quarto da Senhora, com a bandejinha de café perfumoso.

Quando a escrava entrou, Maria, vestida de *rob de chambre*²⁰⁰ azul claro, estava sentada em frente à banca do toucador.

Recebeu da escrava confidente a xícara de porcelana, e disse sorrindo:

— Então, Rita? Eu tenho *coisa feita*?

— Tem, Sinhá *tem coisa feita*! Pois um bando de dia Sinhá vive triste, suspirando, chorando... Eu também tenho chorado escondido, com pena de Sinhá, porque é boa pra mim e pra tudo aqui.

— E se tiver? Quem me dá remédio?

— Uai! *Maravia* tá aí, já vortou. Sinhá nunca viu falá, não?

— Já ouvi falar em Maravilha. É um negro baixo, de olhos vermelhos como sangue. Mas ele não dá remédio para mim, não.

— Quem?! *Maravia*? Sinhá não conhece aquele negrinho, não, de vera!

— Pois, se o que eu tenho é um desejo, que ele não pode satisfazer!

— Que é qui Sinhá qué?

— Eu queria virar homem, Ritta! respondeu fingindo-se grave, e voltando vagarosamente a colherinha na xícara.

A negra entupiu a boca com a ponta do xale para não estrondear a gargalhada.

Riu a bom rir. Dusá parecia estar de pachorra nessa noite.

Depois de esvaziar a xícara, colocou-a na bandeja e acendeu um cigarrinho, cada vez mais séria.

A escrava comentou, limpando os olhos com o xale:

— Sinhá tem astúcia! Pra que queria virá home?

— Pra trabalhar, Ritta; pra ser considerado, respeitado na sociedade. Mulher, e mulher do mundo²⁰¹, sofre muito, Ritta.

— É mesmo, minha Sinhá! Apoiou a escrava, tornando-se pensativa também.

— Mas, não podendo ser homem, vou viver agora como... homem, ou viúva, visto que não posso ser... casada.

— O quê, Sinhá! Vosmecê tão moça, deixa o mundo?! Exclamou a velha escrava, pondo a mão no queixo, franzindo os supercílios e com o olhar firme.

— Vou, Ritta. Não tenho gênio de sofrer mais, como sofro, e tenho sofrido.

²⁰⁰ *Rob de chambre*: locução francesa que significa “roupa de quarto”. É uma vestimenta, geralmente aberta à frente, usada por cima da roupa de dormir. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/robe%20de%20chambre>).

²⁰¹ *Mulher do mundo*: o mesmo que mulher da vida, prostituta. O termo é empregado em sentido moral e depreciativo, relativo aos comportamentos considerados proibidos e pecaminosos na época da ação do romance.

A escrava caiu de joelhos aos pés da mundana, de um lance.

— Minha Sinhazinha do coração! Nem a carta de liberdade me dava tanto gosto como esta notícia! Nossa Senhora da Conceição ajude minha Sinhá nesse capricho! Deus é grande!

E a escrava cobria de lágrimas e beijos a mão fina da Dusá.

Maria comoveu-se também. Tinha certeza de que Ritta amava-a como mãe carinhosa. Era mesmo a única afeição sincera com que contava no mundo. Ordenou que a escrava se levantasse, e prosseguiu:

— Pois estou decidida, Ritta. Vou me entregar ao trabalho. Quero ganhar dinheiro agora com o suor do meu rosto.

— Pode mesmo, Sinhá. Olhe sinhá Dedé, sinhá Juliana, sinhá Raymunda, do Mucugê! Esta tem comprado negro, de vera! Já comprou vinte e quatro. Negro novo, só! Disse que é pra fazer terno de zabumba, pra tocar em toda festa ganhando dinheiro pra ela.

— As negra, é bolo e mais bolo, doce e mais doce na rua... a muié é um home! Tudo respeita a ela e qué bem.

— É assim, Ritta. Isso é que agora eu acho bonito. Além disso, tu bem sabes que Dindinha mandou-me dizer que não me abençoava enquanto eu estivesse nesta vida. Até o dinheiro que eu mandei, ela voltou, dizendo que era amaldiçoado. Tudo sofrimento e desprezo... Só penso numa dificuldade! Acrescentou, depois de uma pausa.

— Pruquê, Sinhá?

— Um homem de idade, de respeito, ainda que fosse só pra figurar em casa.

— Uai! No meio de tanto branco bom, é Sinhá escolher um!

— Dos solteiros que conheço, não vejo... Só um... se for solteiro... solteiro é! — Esse, sim! Acrescentou a mundana, como falando consigo mesma e desviando-se mentalmente do plano traçado a princípio.

— Quem é, Sinhá? Perguntou a escrava, piscando os olhos, maliciosamente.

— Tu não conheces, Ritta.

— À vez conheço, Sinhá.

— Pois se eu mesma não sei ao menos o nome dele, como tu conheces?

— À vez Sinhá viu e eu também vi.

— Faz oito dias que eu o vi, e cada dia me lembro mais dele, Ritta!

— Ahn! Eu não disse que Sinhá viu coisa? Eu também *vi ele*.

— Tu viste, Ritta? Perguntou Maria, voltando olhos tristes para a escrava.

— Vi, sim! Pois eu fiquei junto de Sinhá quando ele falou zangado... como, é?!

— Pois é esse que me serviria pra vida e pra morte, Ritta! Aquele, quando amar, é a uma só!

— Pois Sinhá manda procurar ele...

— Agora... é difícil... E eu tenho tanta vontade de vê-lo outra vez...

— Ahn! qui é qui eu dizia? Poi Sinhá tem *coisa feita* mesmo; qui é que eu dizia?

Maravia taí!

— Tu és tola, Ritta? Quem me botava coisa feita? Ele?

— Ele mesmo, Sinhá! O moço saiu zangado de verdade!

— Pois um moço, tão... bonito, sabe feitiço, Ritta?

— Uai! Poi farta negro mau na Rua do Rosário pra botá a mando dele, Sinhá?!

Não quero mais sabê, não. Sinhá me dá um lencinho, eu levo. Boto o xale pela cabeça. *Maravia* não me conhece... ele diz tudo e eu venho dizê a Sinhá. Ninguém há de saber!

— Tu estás maluca, Ritta?

— Maluca, não! Sinhá não conhece *Maravia*, divera, não. Aquele negro faz coisa, Sinhá, que só vendo. Ele lê o pensamento da gente como quem sabe ler um livro. Amanhã eu vou lá. Isso não pode andá mais assim. Minha Sinhá triste, triste...

— Deixa isso! Mas o moço é bonito, Ritta?

— Bonito é! Uns olho grande; sombrancea fechada, cabelo de caracol, rosto bem feito, bigode preto como carvão; barba anelada, corpo bem feito... bonito é; mas pode ser mau, Sinhá!

— Não fala mais, não... Ritta, disse a mundana, ameaçando com faceirice risonha, tapar a boca da escrava. A vingança que ele quer comigo, Ritta, é mais ou menos a que eu desejo, porém ele mesmo.

— Ah! Se eu o visse outra vez! É bem mau o costume de rir a toda hora!

— Eu vi tudo. Ele disse que havia de comprar Sinhá. Uai! como é que compra gente forro?

Maria riu mais alto, e respondeu:

— Comprando... Ritta! Mas eu não quero mais conversa, hoje, não. Vem pra cama, matar um cafuné. Ponha a cadeira aí na cabeceira.

Dusá levantou-se da cadeira e deitou-se na cama. A escrava sentou-se na cadeira, colocou um travesseiro grande no regaço, e Maria recostou-se. A escrava abriu a basta e perfumosa coma luzidia, começando os estalinhos do cafuné.

Em meia hora, Maria ressonava docemente, com semblante risonho, e cruzados os braços roliços e corados sobre os seios rijos.

A escrava ajeitou devagarinho o travesseiro, suspendeu de manso o tronco da adormecida, voltando-o aos poucos, até pô-lo na cama fofa.

Depois afastou-se em ponta de pés, cerrando a porta da alcova.

XIV

Dusá acordou ao meio-dia. Ritta veio encontrá-la ainda sentada na cama, com cara de preguiçosa.

— Hoje, sim! Exclamou a governante. Dormiu de vera!

— Porém, em vez de sonhar com quem eu queria, sonhei só com barulhos, facadas, um horror! — Retorquiu Dusá, pondo-se de pé e dirigindo-se para o quarto do lavatório.

— Baruido houve de vera, Sinhá! Joaquim veio da rua e disse que na Rua do Fervedô mataro uma muié.

Enquanto Maria asseava-se, perfumava-se e mudava de vestido, auxiliada pela governanta, que era ao mesmo tempo criada grave e confidente, esta narrava o acontecido. Fora uma das muitas cenas de ciúmes, às quais os moradores do lugar estavam assaz habituados.

Mas um ponto prendeu-lhe a atenção. Era de fora, e desconhecido, o moço que ocasionara o ciúme entre os amantes.

— Quem seria? Perguntava ela.

— Tanta gente que é de fora... quem sabe quem é, Sinhá?

Juliana chegou à porta do quarto. Depois do “Sôs Cristo” disse que o café estava na mesa.

Dusá foi servir-se. Estava pensativa. Em meio à frugal refeição, constante de biscoitos do Reino e queijo de Minas, perguntou:

— Veio alguém hoje aí?

— Veio seu capitão Lucrecio, respondeu a governanta; e também, de manhã, aquele moço da ponta da rua...

— Antoninho? Perguntou Dusá.

— Acho que é ele mesmo.

— Que me queria tão cedo?

— Não foi cedo, não. Que queria? Eu sei, Sinhá? Chegou rindo, rindo, e perguntando se Sinhá é uma ou duas!

— Uma ou duas?

— Sim, Sinhá.

— Que diabo de negócio é esse?! Uma ou duas! Repetia Dusá, com as orelhas já vermelhas, ao terminar a refeição.

Vai chamar Joaquim, ordenou ela.

A escrava dirigiu-se ao quintal, onde estava Joaquim, o velho africano da confiança de Dusá. Quando o escravo se aproximava, bateram na porta da rua e imediatamente soaram vozes alegres no corredor.

Maria mandou Sophia, escrava mais moça, abrir a sala de visitas. Os visitantes eram três, disse a escrava ao voltar: dous conhecidos e um ruivo de fala atrapalhada. Mas já falavam na porta do meio:

— Ó Dusá, gritou um, vem dizer-nos se tens o dom da ubiquidade!

— Vem explicar, dizia outro, essa tua transformação em menina ingênua!

— *Non*, disse terceiro, *mim estar convencido que Dusá tem sua sócias aqui mesmo perto!*

Dusá apareceu, vestida de branco, cabelos soltos, apenas com um nastro de veludo, em tope, no alto da cabeça. Não obstante o ar de enfado que se lhe notava, esplêndia de formosura. Cumprimentou, apertando a mão de cada um.

O inglês fez menção de acariciar-lhe, com a mão, o rosto. Ela repeliu-o brandamente:

— Deixe-te de graças, Arthur! Não estou para graças, hoje!

— Aóh! Mim não faz por graça. Mim quer bem tua formosura, só!

— Digam-me que diabo tanto falam vocês que eu não entendo.

— Muito simples, disse o Filó, — um pedrista dos Lençóis. Está morando ali, perto do Beco dos Sete Pecados, uma moça que é teu retrato, um pouco desmaiado apenas. Se ficares pálida e apertares bem o vestido, não haverá quem distinga uma da outra, ao longe.

— E que tenho eu com isso? Que é que hei de fazer? Perguntou Dusá, mordendo o lábio inferior e tornando-se vermelha.

— Eu é que tenho de cobrar o que sofri, respondeu-lhe o Almeida, um negociante de joias. Vínhamos subindo, e ao te avistar, assim vestida de branco, de cabelos soltos, na janela contígua à casa da professora, adiantei-me para te saudar, e... sem tir-te nem guar-te²⁰², me arrumaste com a janela na cara! E, pior ainda, saiu uma velha *curunga* dizendo que eu me *assuntasse*. E lá se ficou a me descompor, ou a nós três. Mas a demoninha se parece contigo deveras, Dusá!

E os três continuaram a rir, lembrando-se do *quiproquó* com o sócia de Maria e principalmente da caraça da velha. Dusá sorria apenas, porque o riso é comunicativo. Mas, interiormente, cada vez mais se desaprumava com a sua *semelhante*. Corava e empalidecia a miúde o narizinho bem conformado, o que era indício claro da alternativa de suas impressões sobre o caso. Chamou Sophia e mandou servir licor aos três, mas ao trazer a rapariga a salva de prata com os cálices, ela mesma serviu, fingindo-se indiferente e calma.

— Afinal, disse ela, em voz pausada, afetando rir; acho bom que vocês continuem no engano. Já aqui vieram dous com a mesma história.

Quem sabe também se... aquele moço...

— Dusá! Ó Dusá! Gritou da porta da rua alguém.

— Entra, Eduardinho! Ordenou ela, com a sua voz argentina, acrescentando logo:
— Vamos ver que Eduardinho traz a mesma novidade.

²⁰² *Sem tir-te nem guar-te*: expressão popular que significa sem aviso, de repente.

Apenas acabava de falar, entrou ele, aos pulos, todo espantado, de chapéu à nuca, exclamando:

— Isto só pelo Diabo! Por sua causa passei por uma vergonha desesperada, neste instante!

Todos estimavam muito a Eduardinho, que era de si mesmo engraçado. Por isso diante do seu todo desapontado, não houve mais quem se aguentasse sério. A própria Dusá, apesar do recente propósito de se regenerar, soltou uma de suas gargalhadas estridentes e escandalosas, bem conhecidas dos moradores mais afastados.

Eduardinho enfiou. Isso prolongava o riso, porque raramente era visto em atitude séria, e muito menos de um sério cômico.

— Não se riam, pelo amor de Deus, que estou danado com uma velha que quase me arrebeta a cabeça com uma colher de pau!

Subiu o diapasão do coro de gargalhadas. O próprio Eduardinho disparou a rir, esquecendo, por momentos, a pretendida *vergonha*.

Por fim, Dusá, enxugando os olhos, porque riu até chorar, pediu ao Eduardo que contasse como se dera o engano.

— Venho da Rua do Sapo, disse aos três; dobro a esquina dos Sete Pecados, e dou de frente com Dusá. Tendo eu intimidade na casa da professora, e supondo que ela estivesse por aí passeando, entro. Conheço logo ser outra a casa; mas vendo correr pela casa a dentro, pensei que estivesse gracejando, e enfiei também pelo corredor, até à saleta de jantar. Quem eu supunha ser Dusá entra num quarto e tranca-se pro dentro, enquanto da cozinha sai uma velha e berra-me aos ouvidos: — *Está doido, seu diabo!* — Ao tempo que investe para me arrebeta a cabeça com uma colher de pau engordurada. Apesar de todo o meu embaraço, tive vergonha de um escândalo, recuei e pedi desculpa. Qual desculpa! A mulher nem me ouvia. Estava danada, já! De *cachorros e delambidos* me fez a festa e a outros mais, que, sem dúvida, também se enganaram. Saí corrido. Também não sei donde são semelhantes criaturas! Concluiu Eduardo, espantado outra vez, porque nem Dusá, nem os três lhe prestavam mais atenção.

Ligando este com os enganos anteriores, presididos pela velha desconhecida, tinham atingido o grau em que o riso se transforma em nevrose insuportável, num espasmo que toma a respiração, deixando o indivíduo estatelado, na posição em que estava a rir. Cada um, debruçado sobre um espaldar de cadeira, soltando espaçados guinchos guturais amparava com a mão livre os músculos já doloridos do epigastro. Ninguém se atrevia a encarar a figura, já de si jocosa, do Eduardinho enfiado. E no momento em que este, no meio da sala, de mãos nos quadris, perguntava a sério:

— Ora, mais esta! Como é que se ri assim à toa? — Parece que um só pensamento surgiu a um tempo nos que se riam: — fugir!

O jovem inglês, foi o primeiro a espirrar pela porta afora; os dous seguiram-no, enquanto Dusá fugia para a alcova, deixando Eduardinho, o sujeito mais risão do lugar, a repetir no meio da sala, sozinho:

— Mas, senhor, como é que se ri assim, por uma cousa que não tem graça nenhuma?

E pôs-se a assobiar.

Passado algum tempo voltou Dusá, gemendo e rindo e enxugando os olhos. A pena que teve de ver Eduardo sozinho, curou-a do riso. Ofereceu-lhe licor e sentou-se.

Os outros tinham fugido duma vez.

— Então, Eduardinho, a moça se parece comigo? Perguntou Dusá.

— Nem que fosse sua irmã mabaça! Exclamou ele.

Lembrando-se que fora uma enjeitada e podia ter irmãos desconhecidos, Dusá tornou-se pensativa. Depois, suspirando, e como se não quisesse ser ouvida, disse:

— Quem sabe, o engano doutro dia...

Sophia veio dizer que o almoço estava na mesa. Dusá convidou a Eduardinho, que exclamou:

— Ora, boa dúvida! Depois de um susto daqueles, não há como um almoço ajantarado.

Era Eduardo um tipo de valdevino simpático, engraçado, cantor de modinhas, à meia-noite, sentado nos passeios da rua, e, pelo bom gênio, sempre folgazão, muito estimado. Quase não tinha morada, porque o quarto alugado na Rua da Bica, passava semanas inteiras, sem ter a honra da presença do locatário.

Jogava e era feliz em pequenas paradas. Nunca pôde conseguir ganhar um conto de réis. Também não se preocupava com esse capricho da sorte.

Depois do almoço, Dusá falou sobre a sua *semelhante* e pediu a Eduardo para indagar quem era e donde viera.

— Ora! Isso é já! Doido estou eu por tomar conhecimento. A professora me dirá, respondeu ele; e saiu.

Apesar de o não ter divulgado, Maria estava quase convencida de que essa moça era a que o homem procurava. Era ela a amada, e feliz, por isso; enquanto ela, Dusá, a perdida, que, afinal de contas, excetuando Ritta, não contava ao menos com a afeição

desinteressada de seus próprios escravos, estaria, talvez, condenada a passar uma velhice sem recordações, por não ter encontrado na vida quem lhe votasse amor sincero e puro. Intuitivamente, a mundana reconhecia que não há deserto mais triste que o de uma alma esterilizada pelo egoísmo em tudo, nem há velhice mais desconsolada do que aquela a que faltam doces recordações da juventude. Esse pensamento voltava-lhe, entristecendo-a, sempre que estava sozinha.

Não se demorou o prestante Eduardo. Pouco adiantavam as informações colhidas; em todo caso, se ficava sabendo que a moça se chamava Maria, era florista, vinda do Mucugê em companhia de uma D. Rosária, que era sua mãe adotiva.

O que mais interessou à Dusá foi a profissão, pois que esta lhe dava ensejo de travar conhecimento.

O Eduardo não cessava de elogiar a beleza da *menina*. E já falava em propostas de paz à velha. Por isso saiu de novo, postando-se na esquina dos Sete Pecados.

Ainda que interessada no conhecimento, e curiosa de ter melhores informações, Dusá começou a sentir pronunciada antipatia por essa moça, assim tão formosa. Além disso, a comparação que todos faziam, a molestava sem saber por que, e apesar de não ter ainda visto a moça. Adiou, por isso, a encomenda de flores que imaginara, como traço de aproximação.

O resto do dia passou-o arrumando roupas, limpando jóias, pondo em ordem vidros de essência e latinhas de banha do toucador e cosméticos então muito em moda.

Ao anoitecer chamou Ritta. Não estava. Para onde tinha ido? Ninguém sabia. Calou-se, porque, na sua afeição, Ritta só era escrava em nome.

Entrou a noite. Dusá, dispensou o jantar, continuando entretida nas arrumações e leitura de cartas novas e velhas, que ia rasgando uma a uma, sem encontrar ao menos um bilhete, no arquivo de amor fácil, que merecesse então ser conservado.

De quando em quando, escutava, para saber se Ritta já estava em casa. Essa ausência, prolongada, contra o costume, causava-lhe cuidado.

Cerca das nove horas da noite, chegou a governanta, resfolegando, cansada, e rindo.

— Onde estavas, Rita? Inquiriu Dusá, admirada.

— Eu não disse que eu ia?

— Ia, aonde?

— Na casa do negro véio?

— É porque não tens que fazer.

— Que fazê tem muito! Mas a saúde de Sinhá também é que fazê.

— E daí?

— Daí, é que fiquei descansada e contente. Sinhá há de ser feliz.

— Feliz como?

— Não sei. Maravia (ah! negro danado de sabido!), quando entrou com o lenço no quarto cheio de traquitanda...

— Que lenço, Ritta? Inquiriu Dusá, interrompendo-a.

— O lenço de Sinhá! Eu não disse que levava?

— Meu Deus, pois não levou meu lenço a Maravilha?!

- Levei, sim, e trouxe.
- Pois fica com ele, que eu não o quero mais!
- Arruma! Contanto que trouxe boa-nova.
- Que nova, criatura tonta?!

— Ele demorou, demorou, demorou, no quarto. Quando saiu, principiou rindo, com cara de veiaço, e disse: — “Fala com dona di lenço, qui tem paciência de esperar. Côsa que ela qué, terá. Nesse dia Maravia espera pagamento sem farta”.

— Eu creio, Sinhá, o negro sabe de vera. É muita gente que tem provado. Até meus senhores e senhoras casada vai lá.

Dusá ficou pensativa. Supersticiosa como, em regra, são todas as mulheres, era fingida a sua reprovação à aventura da velha escrava.

Vendo-a assim meditativa, por tanto tempo, Ritta perguntou:

- Agora, qui é qui Sinhá pensa? Si nova fosse má...
- Penso, Rita, que Maravilha te enganou. É impossível eu ter o que eu quero!
- Nada é impossível pra Deus, Sinhá! Não pensa mais, não; faz o qui Maravia mi disse só, e espera.

Dusá continuou a rasgar as cartas perfumadas de seus amantes, porque nenhuma já lhe despertava emoções agradáveis.

XV

A curiosidade crescente de conhecer a bela florista venceu em Dusá a injustificada antipatia ao sócia. Amanheceu decidida.

Vestiu-se com o apuro costumado, lançou aos ombros um xale de Tonquim, de cores vivas, e dirigiu-se à casa da professora D. Florinda. A escola desta tinha boa frequência, pela falta de *escola régia* (como então se denominava a escola pública)²⁰³, apesar da densidade da população escolar, visto que, vem de longe a *emburrância* dos governos em negar instrução ao povo, deixando os sertões *às escuras*. Entretanto, com a vida cara da Chapada, em qualquer de suas povoações, a escola não bastava a suprir as precisões da professora. Era-lhe necessário mais meio pão, que ela obtinha, trabalhando de modista. Não podendo ainda, em tal profissão, distinguir virtudes, e, sem embargo de seu recato, tendo-se habituado ao meio, trabalhava mais para quem melhor pagava, e todas as freguesas lhe mereciam a mesma atenção. É que no seu parecer, como no do célebre imperador romano, o dinheiro não trazia o cheiro da procedência. Se era ouro ou prata, brilhava; se papel, quando novo, estalava. No mais o valor era o mesmo, donde

²⁰³ Em 1860, época da ação do romance, o regime político do Brasil era monarquista, Dom Pedro II era imperador, daí a designação das escolas oficiais como régias, isto é, reais. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p. 69).

quer que viesse. Foi, pois, com sincera afabilidade que recebeu a sua melhor freguesa, apertando-lhe a mão e conduzindo-a à sala de costuras. Não obstante as relações da freguesia, mantinha sempre certa cerimônia de tratamento, a que a mundana correspondia com louvável modéstia e acanhamento. Nesse dia, principalmente, não tendo de tratar sobre costuras, e não querendo mentir, sentia-se Dusá ainda mais apoucada, com um riso dissaborido a lhe dançar nos lábios. Não devia tomar o tempo a quem tinha deveres múltiplos a cumprir e não se animava a dizer logo o fim de sua visita, que era ver de perto a moça florista.

Mas o assunto da *semelhança* já estava tão trilhado dos vizinhos, que foi D. Florinda a primeira a exclamar, com semblante risonho:

— D. Maria! Tenho agora uma vizinha que é seu retrato! Mora em companhia de uma patrícia minha que eu conhecia de vista. Até o nome é o mesmo!

— Já soube, D. Florinda, respondeu Dusá; e para falar com franqueza, vim aqui hoje, somente para conhecer essa moça, que me disseram trabalhar em flores.

— É verdade, coitadinha! Apoiou a professora; D. Mariazinha bem precisa de quem lhe ajude. Minha patrícia, D. Rosária, tomou essa moça, por obra de caridade, segundo me disse. Não tem pai nem mãe; mas é muito inteligente, sabe ler e é trabalhadeira.

Esse elogio fez corar a *vadia*. Dusá sabia ler, possuía muitos bens, porém não trabalhava em coisa alguma. Servia para o que servia... avultava pelos bens, e recomendava-se pela ponta de língua e desembaraço petulante que, em poucos meses, adquire quem frequenta centros populosos como são, em geral, as Lavras de ouro e diamante.

— Pois, D. Florinda, insistiu ela, eu queria mesmo encomendar umas flores, e estava com vergonha de bater na porta, sem ter conhecimento.

— Ora! por isso não! — Retorquiu a professora. Vou já prevenir a D. Rosária.

Disse, e dirigindo-se à sala de jantar, chamou a patrícia. Esta acudiu prontamente, e a professora pediu-lhe para chegar à cerca do fundo. Ouviram-se passos apressados, e em pouco a professora prevenia à sua patrícia da visita de Dusá, que pretendia encomendar umas flores a D. Mariazinha. A conversa começou em voz alta, em tom alegre, mas descambou depressa para o cochicho. Foi D. Rosária quem começou, dizendo:

— Sim, mas... então é do?... e, meneando a cabeça, a voltar olhar pelo horizonte, completou a frase interrogativa, porque o olhar significava — *Mundo*.

A outra riu-se, baixinho, e respondeu no mesmo diapasão:

— Sim, é... e, fazendo com os dedos o sinal de moeda, acrescentou: — Mas tem... e paga bem!

Toda essa conversa foi rápida, em meias palavras, de modo que, em poucos instantes, voltava a professora, dizendo a Dusá:

— Já não tenha acanhamento; quando quiser, será muito bem recebida. D. Rosária, — não é por ser minha patrícia —, parece uma criatura muito boa!

Dusá levantou-se, corando, bateu nas dobras da saia de *chalim*, barrada de ramagens verdes, consertou o xale com recato, agradeceu o obséquio da professora, e despediu-se. A poucos passos penetrou na casa vizinha. Já aí encontrou D. Rosária espanando móveis, uns tamboretos velhos, catando retalhos no chão, tentando, enfim, dar melhor aspecto à sala de visitas.

Recebida prazenteiramente pela dona da casa, perdeu o acanhamento e declarou não só a curiosidade que a levava, como o desejo de obter flores feitas por D. Mariazinha.

Rindo-se da curiosidade, contou logo a barrista, por alto, os enganos a que a semelhança com sua filha dera lugar.

Dusá disse sentir essas contrariedades, mas não era sua a culpa. Era antes da sua *sorte*, porque não era *livre* por seu gosto, de modo que todo o mundo tomasse tanta liberdade.

Tão franca declaração tocou a alma da barrista, que logo percebeu tratar com uma criatura digna de estima, à parte seus teres e haveres. E polidamente, pondo termo ao assunto, chamou sua filha adotiva. Esta saiu do quarto onde estava, e à sala veio ter.

Vestia de branco, tinha os cabelos em parte soltos, parte em *bandós* elegantes. Sua presença desarmou a antipatia de Dusá, que se não conteve de exclamar, sorrindo:

— Como é bonita!

— Isso é mangação! Retorquiu a moça. A senhora é que é bonita.

— Não estou mangando, não; sou incapaz de fazer isso, minha Santa! E agora fique sabendo que só lhe chamarei *Minha Santa*, para não chamar *xará*.

Ria-se a velha Rosária, sentindo mais funda simpatia por essa mulher, que se diferenciava *das outras*.

Dusá falou na encomenda de flores. Queria cravos e rosas. E prometeu auxiliar na freguesia.

Neste ponto D. Rosária afirmou também sua gratidão. Tendo-se já estabelecido entre ambas certa simpatia confiante, a barrista narrou seu passado, incluindo as razões por que viera para o Xique-Xique do que, aliás, não estava arrependida.

De novo referindo-se aos enganos dos conhecidos seus, em relação à filha de D. Rosária, Dusá afirmou que isso terminaria.

Ao ouvi-la, a barrista exclamou:

— Ah! minha senhora! Isso não tem sido nada em comparação com a vergonha que eu sofri numa novena de S. Sebastião.

A menina compreendeu que não poderia pôr cobro à tagarelice de sua mãe adotiva, pediu licença, e retirou-se para o interior da casa. E a barrista, agoniada ainda, tudo narrou, inclusive os conselhos à filha. Dusá escutou-a com atenção, porém impressionada, beliscando o lobo da orelha, que era seu sestro predileto, quando meditava. Quis também dizer quanto sofrera com o engano do mineiro, porém conteve-se. Parecia que no seu cérebro germinava alguma ideia elevada, alguma resolução extremamente generosa, porque pediu para se despedir da moça, e ao avistá-la, disse com firmeza!

— Minha Santa; de hoje em diante, seremos como irmãs. E não se ofenda, porque eu mostrarei ser digna de uma afeição pura.

E despediu-se. A moça riu-se ingenuamente, mas não compreendeu o sentido das palavras de sua nova protetora.

D. Rosária repetia contente:

— *Aí está: antes cair em graça do que ser engraçada!*

E logo que Dusá desapareceu ao longe, correu ao cercado, chamando D. Florinda, a quem narrou suas impressões.

Dusá acelerou o passo miudinho, como quem tinha pressa de chegar em casa. Era quase meio-dia. À sombra escassa, sentadas nos passeios das calçadas, quitandeiras açodadas, doceiras belfas, alfeloeiras dengosas mercavam, em gritos ininteligíveis, como se usava na capital da província, donde muitas foram importadas.

Além, na praça, cede o costumado burburinho a um relativo silêncio, cortado às vezes por um *trape!* Ou pelo rasgar de fazenda engomada, indicando vendagem a retalho.

Ao chegar a casa, com o rosto afogueado, Maria Dusá atirou com o xale para um sofá, e chamou Ritta. A escrava acudiu, e ela deu ordem para chamar Joaquim.

Quase ao mesmo tempo vieram os dous. Ritta inquiriu se devia servir o almoço. Dusá disse que sim, e ordenou logo a Joaquim que se preparasse para uma viagem, depois que fosse à rua chamar Eduardinho.

As ordens eram seguras, decisivas, como se as desse um homem²⁰⁴.

Os escravos já conheciam a *veia da senhora*, e em tais ocasiões, se tornavam irrepreensíveis.

Servido o almoço, Dusá sentou-se à mesa, porém comeu com pouco apetite. Era evidente que algum projeto a preocupava.

Demorando-se o Eduardinho, disse ela a Ritta, ao terminar o almoço:

— Sabes, Ritta, que nós vamos para o garimpo?

A governanta arregalou os olhos, como se visse um fantasma, depois riu-se, e exclamou:

²⁰⁴ É possível observarmos neste trecho do romance que o narrador reforça o machismo e o estereótipo de gênero, valorizando a superioridade masculina e desvalorizando a capacidade feminina de atuar com autoridade e liderança de forma assertiva e segura nas mais variadas funções sociais.

— Sinhá tá caçoando!

— Estou falando seriamente, Ritta. Hoje mesmo vou tirar Francisco e Venâncio do jornal, porque quero por mim arriscar a sorte no garimpo.

— Pois Sinhá deixa roda de branco rico, pra ir sofrê no garimpo?!

— É por isso mesmo, Ritta. Essa roda não me vale de nada, quando eu nada tiver e precisar dela. Além disso, tenho agora uma *promessa* a cumprir.

Diante da palavra “promessa”, posto que empregada em sentido profano, a escrava calou-se. Mas, *in petto*²⁰⁵ protestava contra uma tal resolução, porque, qualquer que fosse o acúmulo de trabalhos, a vida em grandes povoados lhe agradava muito mais que a solidão do garimpo.

Estava Dusá ainda à mesa, quando entrou Eduardinho, gingando, a imitar castanholas com os dedos, ao compasso de um fado português, que trauteava.

Dusá recebeu-o com a afabilidade do costume, e o fez almoçar dos pratos intactos. Enquanto decorreu o almoço, Dusá, depois de relatar a entrevista que tivera com a sua Santa, disse o que pretendia, acrescentando:

— Quero agora servir para alguma coisa honesta no mundo. Visto não ter uma boa irmã precisada, um parente infeliz a quem me dedicar, uma pessoa, enfim, para a qual eu tenha obrigação de trabalhar com minhas próprias mãos aqui, entregar-me-ei ao benefício de uma órfã como eu. Para começar, desejo saber o paradeiro do homem, cujo nome é Ricardo, que me tomou pela órfã a quem amava, e que hoje erradamente odeia. Eu fui causa do rompimento e quero reparar o mal.

Eduardinho tornou-se sério, e atalhou, ponderando:

— Que na Chapada não valia a pena se nutrir tão elevados sentimentos. Ali era para quem mais gozasse a vida e possuísse para gozá-la. Que a moça acharia outro rapaz para casar. E que não achasse! Valia a pena tanta matação por uma desconhecida?

Nenhuma ponderação demovia a mundana. Se lhe não impulsionava a *voz do sangue*, estava num desses momentos, às vezes passageiros, em que todo o ente sensível toma uma resolução que se afigura decisiva para melhorar de sorte.

— Sei de tudo isso; mas desejo saber onde está esse mineiro. É esse serviço que peço a você.

O rapaz estava numa entalção, não só por fazer uma figura duvidosa, procurando um indivíduo a pedido duma mulher livre, como por já ter, sem dúvida, d’olho a florista.

²⁰⁵ *In petto*: locução latina que significa “no íntimo do peito” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/in%20petto>).

Além disso, nem ao menos se lembrava das feições desse mineiro, nem da pessoa que o acompanhava. Em todo o caso, resolveu-se a prestar o serviço, e saiu disposto a inquirir doutras pessoas que estiveram na noite em que *Pingo d'Água* cantou em casa de Dusá. Entretanto não deixou de protestar, ao transpor a porta da rua:

— Qual! Dusá está malucando!

Ficando com Ritta, a mundana mandou chamar Francisco, um dos dois escravos novos, e ordenou:

— Vá dizer a Yoyô Flores que é tempo de cumprir o prometido; que agora vou faiscar para ver se estou de sorte.

Enquanto isso, Ritta andava em uma dobadoura, arrumando, separando roupas, apertando Sophia e Joana para lhe ajudarem.

À tardinha, já Dusá estava impaciente pelo resultado da pesquisa sobre o paradeiro de Ricardo.

Francisco voltou com a resposta do Flores, sempre cavalheiro e cumpridor da palavra dada.

Mas anoiteceu, e Eduardo não aparecia.

Tarde da noite voltou, trazendo a suspirada nova.

O mineiro fora hospedado por um negociante do Tomba Surrão, de nome João Felipe.

Em vez de alegria, Dusá mostrou certa tristeza.

Depois dalguns momentos de prosa fria, o cantor de modinhas saiu monologando:

— Vão lá entender o coração desses demônios!

XVI

Descoberto o rastro, Dusá mandou Joaquim ao Tomba Surrão saber notícias do mineiro, cujo nome e qualidades morais já conhecia pelos informes da barrista.

João Felipe estranhou o interesse da investigação, e foi preciso explicar-lhe tudo, tintim por tintim, para se resolver a falar:

— Que Ricardo Brandão estava num garimpo rico do *Coisa Boa*, descambo para o Rio das Piabas. Estava se enriquecendo, e tinha dissolvido em poucos dias a primitiva sociedade. Não obstante algumas inimizades, por causa do garimpo, ia se tornando popular entre os garimpeiros dos arredores, porque em seu rancho, a qualquer hora, se encontrava a franqueza e a fartura da terra mineira. Porém que, se aproveitando de seu

gênio franco, amigos especuladores aumentavam-lhe, as despesas, iniciando-o ainda nos mistérios do *livro de 42 folhas*²⁰⁶.

Tais informações não desagradaram à Dusá, e, melhor ainda, por ser o garimpo do Flores pouco distante do Coisa Boa. Demais, a povoação da Passagem estava em franca prosperidade e ficava mais próxima de ambos que o Xique-Xique. Não tinha mais que pôr mãos à obra. Mas que obra? Ela resolvera, estava resolvendo ainda, sem patentear um plano, uma orientação segura. Que queria ao certo? Os seus mais íntimos ignoravam. E quem pôde jamais sondar o intento de uma mulher, quando delibera consigo? Só futuros acontecimentos indicarão em linhas gerais o que ela queria definitivamente, porque, em princípio procede sempre de modo inverso ao proceder comum do homem.

Os mais firmes apaixonados de Dusá estavam de pulga na orelha, com a notícia de suas relações.

Na Chapada Nova, como na Chapada Velha, era coisa vulgar verem-se mulheres de vida livre²⁰⁷, no auge da *influência*, transformadas repentinamente em negociantes, capitalistas, garimpeiras, hoteleiras, e até alquiladoras, abandonando dessarte, sem confissão nem penitência a *poliandria* do tom. Era isso efeito de intuitiva previdência, reunida ao instinto monogâmico, ou da conservação da espécie, que mui alto fala, exatamente entre as mais baixas classes dos sertões brasileiros. Essas mulheres, porém, constituindo exceções, à vista do grande número que, tendo o instinto, careciam de energia, eram sempre de natureza varonil. Eram mulheres, que, em suas lutas e rivalidades de alcouce, vibravam o punhal de preferência à navalha traiçoeira e baixa. E se algumas, por sua prudência e bem-viver, não se utilizavam do ferro bigúmeo, também nunca se apartavam dele; antes ostentavam-no como símbolo do poder soberano. Aí na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: — É mulher de punhal!; — o que valia dizer: — É um perigo, se lhe chegam a mostarda, ao nariz. Quem tivesse suas estudantinas a praticar, procurasse antes gente de navalha.

Entretanto, Dusá não ostentava nenhum punhal, posto que tivesse quigília à navalha. Só a governanta e alguns escravos a tinham surpreendido, por vezes, acomodando sob o *corpinho*²⁰⁸ um fino estilete de cabo de prata com anéis de oiro. E para esses somente, ela possuía instintos de homem, era capaz de empresas arriscadas; por isso nenhum a contrariava, quando franzia os supercílios; ao contrário, tornavam-se atentos, diligentes, dóceis, contentes, mesmo, de tais modos varonis.

Quanto aos amantes, nunca lhe conheceram a natureza íntima, porque não tinha ciúmes de nenhum; a nenhum amava; mas para eles essa natureza não diferia de gênio puramente feminil. Donde, pois, lhe vinham essas resoluções de garimpar e beneficiar uma desconhecida? Todos tinham notado que, desde o encontro com o sertanejo, Maria

²⁰⁶ *Livro de 42 folhas*: expressão cultural que designa o baralho de cartas. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p.73).

²⁰⁷ No contexto apresentado, a expressão “mulheres de vida livre” é empregada de forma pejorativa para se referir às mulheres que vivem de forma independente ou fora dos padrões patriarcais impostos à figura feminina.

²⁰⁸ *Corpinho*: corpete; peça do vestuário feminino que cobre o busto e sustenta os seios. Foi uma peça muito usada entre o século XVI e a década de 1970 com o objetivo de moldar o corpo feminino.

Dusá mudara de modos. Mas esse indivíduo não mais aparecera. Quem a possuía depois disso? Andava em cheiro de mistério a sua vida. Alguns aventaram a ideia de um amante liberal e oculto; outros, que seria nova paixão dalgum donzel de casa rica.

Se acertavam de perguntar a Eduardinho, que era íntimo, sem ter sido amante, ele encolhia os ombros e respondia invariavelmente:

— Sei lá? acho que está para malucar!

E todos deitaram inculcas, pois que baldaram esforços com a mundana, para lhe arrancar por bem o segredo da *revolução* de sua índole.

O que deu na vista foi a nova revolução, depois de ela saber o paradeiro de Ricardo. Tomou um ar discreto, mudando o tom do riso, substituindo certo desdém por uma afabilidade cortês e sem afetação, que lhe valeu logo o chasco e alcunha de *condessa enfadada*.

Ao despedir-se dos conhecidos, amantes e vizinhos, afirmava que entendeu de mudar de vida para servir dalguma coisa no mundo. Mas ainda aí estava uma frase sibilina: ocultava ou podia ocultar um mundo de pensamentos egoístas, de egoísmo bem entendido, que não lesa nem melindra aos outros. E tiveram de se contentar com isso.

Arrumados, joias e dinheiro de prata e ouro, provisões e roupa necessárias, Dusá mandou, à Rua da Forca, um esboço de rua, lá, fora de portas, chamar o *Chico Fortuna*.

Quando saiu Joaquim, ela ficou na alcova, onde Ritta arrumava ainda qualquer cousa.

— Então, Rita? Maravilha falou certo? Já não viste como mudei tudo? Fiz um esforço e pretendo casar minha Santa com o mineiro... de quem nem me lembro mais, senão para isso, que não direi, nem quero que ela saiba.

A governanta sorriu desconsolada, e respondeu:

— Sei lá, Sinhá! Mundo dá tanta vorta... O que eu sei é que o negro véio, nunca menti; só se for agora. Se Sinhá, quando eu levei lenço, queria esse, há de ser ele mesmo.

— Porém, se eu é que não quero mais?!

— *Tá bom!* língua de branco só branco é que entende! Sei não!

E continuou a arrumar, enquanto Dusá ria-se do amuo da governanta.

Ao fim de duas horas chegava o *Chico Fortuna*.

Vale a pena traçar o tipo físico e moral desta criatura.

Era alto, magro, porém forte e trabalhador, apesar dos seus cinquenta janeiros. Tipo de *carioca*, preto, de cabelo corrido, ninguém lhe adivinhava a idade. Entusiasta, como ninguém, das riquezas da Chapada, nunca se aventurara em garimpo. Mania como qualquer outra. Seu cognome ou alcunha não passava de uma irrisão do destino, porque vivia somente de alugar animais que trouxera do alto sertão, e que lhe herdou um pai laborioso.

Entretanto gozava de um bem equivalente a uma fortuna: todos lhe votavam sincera estima em Xique-Xique.

Entrou na sala e gritou:

— Que me queira a senhora Dusá?

Esta saiu, rindo da estúrdia, saudou-o, e disse:

— Quero cinco animais de carga para a Passagem, amanhã. O alquilador deu o preço e combinaram.

— Não quer animal de silhão? Perguntou o Chico.

— Deus me livre, vou a pé como todas.

Nesse mesmo dia, Dusá despediu-se de D. Rosária, da filha, e da professora.

Repetiu o pedido das flores, e prometeu que não pouparia esforços para ver a moça amparada. Maria sensibilizou-se ao indício de tão desinteressada afeição, e a barrista enxugou os olhos. Era de se crer numa *voz do sangue* entre Dusá e a moça.

Dusá dispôs as cousas de forma que, às cinco horas da manhã seguia acompanhada de Joaquim, Ritta e Sofia. Francisco ficava tomando conta das cargas e Juliana permaneceria provisoriamente na casa.

Ao seu bota-fora compareceram algumas conhecidas. De homem, só Eduardo cumpriu a palavra, levando-a até um quarto de légua de distância.

De véspera mandara Dusá a um conhecido seu, na Passagem, para lhe obter uma casa, alugada. E assim confiante, seguiu vagarosamente, pelo caminho tortuoso, ladearento, pedregoso, um quase trilho de peão, tropeça aqui, manqueja ali, de modo que as cargas a alcançaram, passando adiante, e assim, somente sobre a tardinha é que chegou à Passagem, entrando logo para a casa que Venâncio varrera e asseara, na Rua Direita.

Correu a notícia da vinda de Maria Dusá. A sala encheu-se de desconhecidos de várias classes. Esse mau costume, em muitos lugares do sertão, entre pessoas incultas, tem, aliás, seus préstimos; evita, em certos casos, a tristeza do isolamento em terra estranha, e poupa dispêndio para informes e obtenção de objetos necessários. Há apenas o inconveniente de serem os indivíduos, às vezes, os piores do lugar. Mas, ainda assim, havendo prevenção, aparam-se os golpes de sua malignidade. Dusá tinha experiência e mesmo certa intuição no trato com tais íntimos. Conhecia-os logo, mas agradava, sem intimidade, em forma de captar-lhes a boa vontade, sem, contudo, se utilizar dos seus serviços no primeiro momento.

Demais, prazenteiro e serviçal, aí estava o velho Antônio Roxo, o seu conhecido, para a atender nos menores desejos.

Em presença das visitas, Dusá perguntou-lhe por tudo, menos pelo que mais lhe interessava. Quando ficou a sós com Antônio, e durante a refeição, constante de *locro* e ovos, deu parte de seu plano de garimpar, e pediu conselho sobre o melhor garimpo do Flores.

O velho garimpeiro riu-se da singular lembrança e perguntou:

— Se aquilo era sério?

Dusá respondeu que era, e até desejava admiti-lo como sócio ou *praça*.

— Como sócio, não, que não tenho capital bastante; como *praça* e feitor aceito, respondeu o garimpeiro, entusiasmado com a masculinidade daquela mulher.

— Pois sim, assentiu ela; vamos ver agora qual é o ponto melhor dos garimpos do Flores.

— Eu embirro muito com garimpo de grupiara e os dele é *só lavradão* que se vê. É verdade que aí o diamante é grosso e bom, mas às vezes é *comprido*; é preciso lavar muito, labutando com *canela-d'ema* e *candombá* para fazer um *montinho* de cascalho, dando pouco e com água longe.

Calou-se. Dusá pensava. Antônio Roxo refletia também. Depois levantou-se e falou convictamente:

— Há tempos eu ando *banzando*²⁰⁹, por não poder trabalhar numa *gruna* que eu descobri, perto daqui, em terreno *devoluto*²¹⁰. Também se essa não tiver boa mancha, não há na Chapada outra que tenha. É perigosa, não nego; mas guirimpeiro não conhece perigo. Ainda não dei um serviço nela, porque o cobre tem sido curto, e preciso de gente de sangue nos olhos. Se quiser...

Dusá encarou-o, e disse:

— Vamos ver qual é o perigo.

— É que se deve entrar por um *talhadão* largo. E não há quem alcance os lados, que são a prumo, com os braços. Só descendo em corda de laçar, e uma não chega nem duas, porque eu já tenho jogado pedra que leva batendo um *tempão*.

— Mas há quem desça aí? perguntou Dusá.

— Ora! Ora! Ora! Pois *guirimpeiro* tem alma, quando desconfia achar diamante! No inferno que seja, vai! Eu mesmo desço brincando, se achar companheiro firme na ponta da corda. Quanto mais que eu conheço aqui mesmo muitos que não *trastejam*, se eu estiver na frente.

— Pois está dito; vamos a ela! Exclamou Dusá! Vá dar providências e ajuste as cordas e ferramenta.

— Pois sim, quem não se arrisca não perde nem ganha. Mas há demora de uns dias para arranjar tudo. Hoje vou prevenir a João Caboclo que é um gruneiro coraçudo

Disse o Antônio e despediu-se.

Dusá foi bater água de sal nos pés que lhe ardiam, como se estivessem escaldados.

²⁰⁹ *Banzando*: introduzido pelos escravos, o termo se refere no texto à tristeza.

²¹⁰ *Devoluto*: refere-se ao terreno que está sem habitantes, sem dono, livre.

XVII

Enquanto o velho garimpeiro se provê do necessário à exploração da *Perigosa*, como à gruta nova lhe aprouve denominar, Dusá medita e faz executar singelo plano de reconciliação entre o mineiro e Maria Alves, tornando assim possível a realização da felicidade de sua Santa.

Com tal intuito escreveu a seguinte carta:

“Passagem, 3 de abril de 1862.

“Senhor Ricardo Brandão – Tendo eu sido causa involuntária de ódio seu à moça a quem vosmecê, parecia amar, correspondendo assim à constância que a trouxe de longe à sua procura, apresso-me a dizer que ela, D. Mariazinha, está morando na mesma rua, onde morava, em Xique-Xique. Sem outro motivo, assino, sua respeitadora... *Maria Emerentina.*”

Fechando-a com obreia branca, Dusá chamou Joaquim, e deu-lhe a carta para levar ao mineiro, no Coisa Boa.

O escravo partiu.

Desilusão, que sofre quem encontra rude e rebarbativo o infante, outrora visto — criança papeadora e gentil; mágoas, que experimenta o coração materno ao sentir mal recebidas as bênçãos do seu amor e os conselhos de sua providência, pelo filho julgado inocente e que ela encontra a rebolear-se no chão da taverna; tais deveria sofrer Dusá, desilusão e mágoas, mais acerbadas, em troca do seu bem-fazer.

Na sua imaginação, via sempre o mineiro na roupa mal talhada, belo, na sua ingenuidade sertaneja, varonil e apaixonado, na vingança de seu mal correspondido amor.

Entretanto, bem outro era agora Ricardo. A fortuna do garimpo, tornara-o orgulhoso; a companhia de maus amigos, fizera-o esquecido dos nobres sentimentos em que fora criado; a casa sempre freqüentada de mulheres livres, transformara-o de religioso em descrente e zombeteiro.

Apanhara a *prática* da vida, como ele dizia.

Quando o escravo chegou à casa do mineiro, estava este numa roda de jogo, tendo ao lado uma garrafa de vinho e um copo. Levantou-se, deixando um garimpeiro no seu lugar e dirigiu-se para o interior da casa. Joaquim ficou fora, à sombra. Em poucos momentos toda a gente da casa espocava em gargalhadas, que terminaram em chacotas.

Ao voltar com a resposta, em bilhete aberto, o mineiro estava já em companhia de mulher conhecida de Joaquim, que a saudou. O velho africano desconfiou de tanto riso, e se soubesse ler, afeiçoado como era à senhora, teria lido o bilhete, poupando-lhe, talvez, um grande desgosto. Mas, nada sabendo ao certo, viajou e entregou à Dusá a resposta.

Entre indignada e nervosa, a mulher leu isto:

“Senhora condessa Maria Dusá – Gostei muito de seu aviso, porque agora posso comprar ambas. Quando quiser... não faça quindim²¹¹”.

Não trazia assinatura. O primeiro ímpeto de Maria foi para rasgar o bilhete. Se fosse mulher de *faniquitos*, teria caído sufocada. Mas teve a coragem de reler. Doía-lhe menos a parte da afronta que lhe tocava, do que a crueldade da outra parte em relação a uma inocente.

Sobrevieram-lhe dúvidas, em abono do homem que ela ainda amava de instinto. Teria o escravo errado a casa? Teria entregado a carta a outro?

Chamou Joaquim. Veio o escravo e ela o interrogou.

O africano contou o que vira, adicionando suas impressões.

Quando disse que tinha visto Supi, junto ao Ricardo, compreendeu tudo. O sentimento da injúria cedeu lugar ao ciúme vingativo. Ela disse apenas:

— Vai comer, Joaquim.

E ficou a traçar um plano de vingança. Consigo monologava, amarrotando o bilhete:

— Ah! Ela quer lutar ainda? Pois sim, lutarei com ambos. Miseráveis criaturas! Mas, como virou ruim! Esta terra muda tudo de um dia para o outro. Bebendo... jogando... vendido à Supi... E assim monologando, disparou a rir.

Ritta ouviu o riso de pouco caso, e, tendo sabido dalguma coisa por Joaquim, veio à sala.

— Está, Ritta! Exclamou Dusá, o tal mineiro mandou me dizer que agora compra as duas! Eu fui me meter a fazer bem, saí de mal!

— O mundo é assim, Sinhá! Mas Deus é grande. Deixe está que ele dá jorná de cada um cumo merece!

— Já está dando, Ritta. O sujeito já deu pra beber, está jogando, e, tolo, bem tolo, vendeu-se à Supi! No primeiro momento eu tive raiva! Quase sufoco. Agora... tenho pena! Depois que comecei minha devoção a Nossa Senhora, estou aprendendo a ter mais paciência.

— Isso, Sinhá! Brabo! Apoiou a escrava.

Nesse momento bateram na porta. Ritta foi ver. Era uma carta e um embrulho de flores, de D. Rosária, enviados por positivo.

Dusá arrebatou a carta, ansiosa por ler. Vinha a propósito o portador, porque ela desejava aconselhar à moça para abandonar a ideia de encontrar o mineiro, que se tinha mudado em mau homem. Qual não foi, porém, o seu pasmo ao ler as primeiras linhas! — Dizia a barrista, que Mariazinha não queria mais saber do mineiro, que estava muito

²¹¹ *Não faça quindim*: expressão utilizada em sentido de não se constranger, ficar tímida. Semelhante à expressão mais atual “não faça doce”.

malquistou, por ter tomado garimpos alheios, muito mal visto pelo procedimento mau, e que estava para ser preso por um crime no Mucugê.

Mulher gosta de contar todo fato, pelo miúdo, e a barrista não fazia exceção. Dizia ainda: “Eu mesma fui ontem à casa do Sr. João Felipe, que é um bom homem, e ele me narrou tudo, até sentido, porque o tal mineiro (a quem ele deve uma obrigação que não esquece), ficou de amizade fria com ele, porque lhe deu conselhos e lhe abriu os olhos.

“Dizem que é ‘coisa feita’ que o moço tem. Entregou-se mesmo a tudo quanto é gente ruim. Vive bebendo, jogando, como um perdido, entre gente perdida. Um garimpeiro, de quem ele tomou o serviço, não podendo se vingar doutra forma, tendo sabido por um *Pingo d’Água*, que o mineiro tinha um crime no Mucugê, foi denunciar à justiça o procedimento dele e fornecer dinheiro ao ofendido. Pelo que, quando o homem mal pensar, vai preso. Arrume-se! Sua alma, sua palma! Mariazinha não quer mais nem ouvir falar nele. O senhor Eduardo é que tem nos servido muito, e é um bom moço. Esta é só para lhe avisar que não procure saber mais do tal mineiro. Adeus. Aceite abraços de sua Santa que lhe envia as flores, e da amiga... *Rosária da Conceição*.”

Quando acabou de ler a carta, Dusá tinha os olhos úmidos. Ritta que estivera a conversar com o positivo na porta, voltou-se, a uma interjeição da senhora. Esta disse-lhe em voz quase trêmula:

- Estás vendo o que é o mundo, Ritta? Pois o moço não está para ser preso?
- Que moço, Sinhá? Perguntou a governanta, admirada.
- Esse, do Coisa Boa.
- Ora! Quem faz cama boa deita nela, Sinhá!
- Mas, preso!... ponderou Dusá.
- E daí, Sinhá?
- Está bom! Leva o rapaz pra dentro e dê-lhe o que comer.

A escrava obedeceu. Mas enquanto o camarada comia, a governanta entregou à Sophia o resto do serviço e voltou à sala.

Dusá passeava na sala pensativa, correndo os dedos nos cabelos desgrenhados.

- Uai... qué que Sinhá tem? Tá cum pena de quem queria comprar Sinhá?
- Estou, Ritta! E se minha Santa tivesse amor deveras a esse moço, agora é que ela devia querer salvá-lo de qualquer perdição.
- Quá! Sinhá mesmo tem coração bom demais!
- É isso! Continuou Dusá, sem prestar atenção à escrava. Eu, no caso dela, queria vê-lo morto ou mesmo nos braços doutra mulher; porém preso, algemado, acorrentado... que horror, meu Deus!

E a mundana levou as mãos aos olhos como se quisesse furtá-los ao espetáculo triste de um prisioneiro que passasse.

Entre admirada e sugestionada, a escrava apoiou em voz triste:

- É de vera, Sinhá preso? Nem pro Santantônio! E meditavam ambas.

Bateram outra vez à porta. Era o Antônio Roxo, que vinha combinar a ida para

o garimpo, porque estava tudo pronto. Dusá pediu licença para escrever uma cartinha, e foi primeiro responder à carta da barrista.

Foi resposta lacônica, em que disse o que era preciso, sem ocultar que sentia se o mineiro, além de cair tanto, ainda fosse preso. Fechou a carta com obreira roxa e despachou o portador.

Se estiver aí o Eduardinho, bem pudera dizer de novo:

— Vão lá entender o coração de mulheres!

Antonio Roxo deu a conta detalhada das despesas a pagar, e declarou que a gente esperava ordens.

Dusá correu a vista demoradamente pela conta, verificou preços, achando tudo caro, verificou a soma, e entrou para um quarto, donde voltou com a importância precisa.

Combinou a ida para o dia seguinte, e o feitor saiu.

Determinou Dusá que Ritta ficaria na casa com Venâncio e ela iria, somente para aprender o caminho, em companhia de Joaquim e Sophia, pois que Francisco reunir-se-ia à turma de trabalhadores.

Veio-lhe de novo, a Dusá, o entusiasmo pelo garimpo. Nunca tinha visto ao menos como se apanhava diamante, de perto. E toda ela era curiosidade.

XVIII

O genuíno garimpeiro é uma organização especial, de educação física e moral algo semelhante à dos marinheiros.

Deliberação e execução, para um e outro, são coisas que andam sempre irmanadas, quaisquer que sejam os obstáculos antepostos.

A diferença entre as duas classes está em que o marinheiro obra disciplinadamente, e o garimpeiro, por impulso, ambição, entusiasmo, ou valentia, transfigurando-se, por vezes, em mártir ou herói, é sempre o velho *garimpeiro*, o incorrigível sonhador das *bandeiras e entradas*²¹² de aventureiros, vivendo romanticamente, nutrido moralmente por um ideal de riquezas inexauríveis.

Não admira, pois, a quem conhece o espírito do garimpeiro, as deliberações instantâneas e as execuções arrojadas.

Esse espírito animava a Antônio Roxo, e dele participava Dusá, os quais, no dia imediato, ao alvorecer, acompanhados de escravos e camaradas, carregados de sacos e ferramentas, se encaminharam para uma espécie de contraforte, ou, antes, socalco da Serra do Andaraí que teve depois o nome de *Cantinho*.

²¹² *Bandeiras e entradas*: expedições armadas que, entre os séculos XVI e XVIII, exploraram diversas regiões do Brasil, inclusive os sertões, com o objetivo de descobrir minas de pedras preciosas e capturar indígenas para o trabalho escravo.

À hora do almoço chegavam ao canal ou *talhadão*, que, segundo os cálculos do Antônio Roxo, daria, no fundo, entrada para alguma gruta.

Perto do canal, havia uma das muitas lapas existentes na serra, e cuja frente ou entrada, tapada a barro ou a pindoba, e dividida em quartos, transformar-se-ia em uma casa confortável para garimpeiros. Aí se arranchou Dusá, com Sophia e Joaquim, ordenando logo os benefícios indicados aos escravos e camaradas.

Antônio Roxo, João Caboclo e mais dois camaradas, tomaram outra lapa vizinha.

Nesse mesmo dia, iniciou-se o trabalho pela roçagem do *serviço*, roçagem que, além de indispensável à ação desimpedida dos trabalhadores, constituía um sinal de posse do descobridor.

Limpas do mato enfezado as bordas do *talhadão*, surgiu uma dificuldade: era ou parecia tudo a prumo; nenhum dos lados ou cantos oferecia ponto de apoio aos pés de quem descesse na corda. Era portanto, imprescindível a colocação de três vigotas, paralelas, em um dos cantos do talhadão, nas quais, se abrissem mossas ao meio que substituíssem roldanas de guindastes. E para que o *gruneiro* pudesse ao menos conter as oscilações da corda, escolheu-se o canto mais estreito, e tomada a medida de largura e sobras, foram todos os trabalhadores em busca de três madeiros fortes. Em falta de teoria, ensina a experiência que, nas chapadas e declives das serras, quanto mais funda a depressão de um trato de terra, tanto mais alta e vigorosa a vegetação.

Assim, não distante, à margem duma torrente, encontraram mucugês excedentes à medida.

Cortaram e trouxeram os troncos preciosos, com tamanho duplo da largura do canto do *talhado*. Abertas mossas no meio como montão, e nos extremos de cada tronco, amarraram nestes cordas fortes de caruatã, e atravessaram os troncos ou vigotas no lugar preferido, fixando-as por meio das cordas a estacas e pedras, distantes uns três palmos uma da outra, de modo a passar o gruneiro por entre vigotas, na descida e subida.

Dusá assistia a todo o trabalho com a emoção própria de quem nunca presenciara temeridade semelhante.

Os camaradas, inclusive João Caboclo, que era o gruneiro, galhofavam:

— Deixem estar, meninos, repetia João Caboclo; como esse negócio lá embaixo parece pertinho do inferno, se eu voltar trago, pra vocês, lembranças do Diabo.

Cascalharam gargalhadas chocarreiras. Dusá interveio de longe:

— Pra que fala assim, seu João?

— Qual, minh'ama! Quando a gente tem Deus no coração, não faz *nuvem* ter na boca *Pedro Botelho*²¹³.

Os camaradas dobraram as gargalhadas.

Antônio Roxo, sério, ativava o trabalho, tomava precauções; examinava os laços de couro untados, assegurando-se dos nós.

²¹³ *Pedro Botelho*: expressão popular que designa o Diabo, também conhecido como Satanás, Demônio, espírito do mal.

Mas era tarde, e ele ordenou a suspensão dos trabalhos.

Na manhã seguinte, depois do almoço de carne assada e chá, feito do arbusto que chamam *Três folhas*, voltaram ao serviço. Era necessária uma experiência das cordas ou laços. Enlinharam bem uma pedra, de cerca de 4 arrobas, equivalente ao peso do Caboclo, e, dada no tronco do meio a laçada de sarilho ou de dobadoura, fizeram descer a pedra. Dois escravos seguravam, de longe, a ponta da corda de couro, dous camaradas e o Antônio regulavam a descida, seguros à corda, e com os pés apoiados ao mais próximo travessão de mucugê. Assim tornava-se pequeno o peso da pedra, que descia, oscilando, batendo nas paredes do talhadão, de que resultava um som cavo e repetido.

Os escravos caminhavam, lentamente, escorando-se nas anfractuosidades do terreno, e os laços emendados iam-se sumindo no talhadão. Quando os escravos estavam a poucos passos dos travessões, o laço *fez seio*. A pedra tinha pousado no fundo.

Todos se voltaram para o Caboclo, que arregalou os olhos, exclamando com um riso amarelo:

— É fundo, como seiscentos diabos!

— Eh! Eh! Tomou medo! Chufaram os outros camaradas.

Os escravos riam-se à socapa. Antônio Roxo franziu a testa.

— Sai daí, *cambada*! Medo de quê?! — Retorquiu o Caboclo, dirigindo-se ao rancho, a fim de se preparar.

Na sua ausência foi guindada a pedra, e, livre da corda, precipitada em seguida; desceu como um prumo e depois de alguns segundos, deu um som tinido e rolou para um dos lados do canalão. Não havia dúvida; era uma gruta, e, neste caso teria *arroto*²¹⁴, longe ou perto.

Nesse momento chegava o *gruneiro*, vestido com a roupa própria, constante de camisa de algodão, de mangas a meio braço, justa ao corpo, descendo até a braguilha, sobre calças do mesmo pano, apertadas, com o talhe de ceroula. Cobria-se com uma carapuça afunilada, de baeta azul, em cujo fundo interno tinha guardado fósforos, fumo de palha de milho, para cigarro. Trazia à cinta uma faca pequena e na mão a candeia de gruneiro, feita de forma que não derrame o azeite de mamona, que a alimenta.

João Caboclo ajudou a atar cordas a uma travessa de madeira, formando um trapézio triangular baixo, e cujo vértice foi amarrado com segurança à grande corda. Esta prendia ainda uns como cinturões largos, de boa sola, que o gruneiro apertou ao tórax, à cintura e às coxas, de modo que, se lhe faltasse aos pés o trapézio, ficaria sempre pendurado em posição natural.

²¹⁴ *Arroto*: nome dado pelos garimpeiros ao lugar em que se chega à superfície de um curso de água subterrâneo que atravessa as grunas; o nome relativo ao verbo *arrotar* refere-se ao ruído produzido pelas águas emergentes. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.82).

Tudo pronto, Antônio Roxo disse:

— Agora, rapazes, toda a atenção é pouca.

Deu-se outra laçada ao tronco; os dois escravos distanciaram-se de novo com a ponta da corda; os camaradas ficaram à meia distância, nela seguros; Antônio Roxo, junto ao canal, regularia por sinais o momento de ceder ou colher a corda. O gruneiro agarrara-se ao travessão, sentando-se ao meio.

Dusá e a escrava assistiam agora, de perto, com a respiração quase suspensa, à perigosa descida.

Quando a corda cedeu o necessário, o Caboclo, sempre agarrado ao tronco, dependurou-se sobre o abismo, apoiando os pés no trapézio. Trêmulo e pálido, pediu a candeia. Ao dar-lha na ponta do *frincheiro*, que ele também devia levar, Antônio Roxo animou-o:

— Coragem, Caboclo! Confia em Deus e em mim!

— Até à volta; foi a resposta.

Começou a descida. Cedia-se a corda, lentamente, aos sinais de Antônio Roxo. O Caboclo balanceava no espaço como uma pêndula ou como um enforcado, à feição do vento. Mas como tinham previsto, a proximidade do extremo do canal servia ao gruneiro para, com a mão livre, moderar a oscilação.

Agora não eram somente mulheres impressionadas e apreensivas, que suspendiam a respiração; nos mais insensíveis despertara-se o instinto de conservação, personificado no João Caboclo. O terror do desconhecido também os assombrava. Antônio Roxo, calado, em aparência impassível, segurando a corda, atendia ao movimento da descensão, esperando, angustiado, qualquer sinal na corda, ou algum grito do gruneiro.

Após largo tempo, sucedeu o que ansiosamente esperavam; a corda fez seio, ao mesmo tempo que um grito fanhoso, como se saísse de um túmulo mal fechado, soou:

— Cheguei!

— Muito bem! — Respondeu o Antônio.

Passados alguns minutos, sem mais sinal, o Antônio, apurando a vista para o fundo, percebeu tênue clarão.

Era o Caboclo, já desligado da corda, que tinha acendido a candeia. Desapareceu o clarão. Pouco depois soou um ruído surdo como o do rascar de ferro em pedra ao longe. Não foi longo o trabalho. Reapareceu a luz e veio a voz longínqua:

— Jogue um saco!

O Antônio pediu um saco e um preto foi às carreiras buscá-lo ao rancho. Não restava dúvida sobre a existência de cascalho em algum *caldeirão*; mas o Antônio não se conteve e perguntou alvoroçado:

- Achou cascalho?
- Achei um *caldeirão* e uns *cascos de burro*²¹⁵!
- Tem água? Perguntou o Antônio.

- Não! Só se for mais abaixo!
- Terá *aroto*?
- Ainda vou ver; mas tem jeito dele!
- A gruna é apertada? Indagou o Antônio.
- É um salão! Só me falta uma viola e meia dúzia de chinas! E uma gargalhada alvar ecoou do fundo do talhadão.

- Ah! Tratante! É do que você se lembra!
- Não, senhor! Em falta da viola e das chinas, aceito um pedaço de raspadura no saco.

Antônio riu-se com os camaradas, e pediu um quarto de raspadura. Ao voltar o escravo com o saco, amarrou-se dentro a raspadura, e o Antônio avisou:

— Lá vai!

E atirou o saco.

A luz desapareceu de novo.

Fatigada já do sol, Dusá retirou-se com a escrava para o rancho.

Decorrida uma hora, reapareceu a luz e um leve balanço da corda indicava que o gruneiro estava se aparelhando para a ascensão. Decorrido mais algum tempo, ele gritou:

- Estou pronto!
- Está bem seguro? Inquiriu Antônio Roxo.
- Estou!

Todos se puseram a postos. Antônio deu ordem, e a subida começou, mais assustadora do que a descida, porque o tronco se movia a cada guindagem.

O Antônio atendeu a isso, mandando um camarada escarranchar-se no extremo mais fino do madeiro, o que diminuiu os movimentos.

Isso não obstante, a ascensão foi lenta e penosa.

Quando o gruneiro apareceu, oscilando sobre o abismo, estava pálido, como um defunto. A essa feição, Antônio exclamou:

²¹⁵ *Caldeirão e cascos de burro*: escavação feita pelas águas dos rios, que ficam empossadas e em que se encontram ouros e diamantes.

— Que é isso lá, rapaz? Está esmorecido? Tenha coragem!

O Caboclo não respondeu. É que talvez a grande demora da ascensão, e os movimentos da travessa lhe tivessem sugerido a ideia de que sua vida esteve por um fio. Assim, ao alcançar os travessões, agarrou-se a um deles, cedendo-se-lhe a corda, enquanto grimpava, escarranchando-se, e, ajudado pelo patrão, com todo o cuidado saltou em terra, onde levou bom pedaço resfolegando, sem desembaraçar a língua.

Dusá aproximou-se com interesse. O Caboclo respirava agora com delícia, mas parecia *amuado*.

Só então notaram todos que ele deixara saco, frincheiro e candeia.

— Que foi isso? Caiu o saco? E o frincheiro? E a candeia? Inquiria Antônio Roxo.

— Caiu, sim, senhor! — Respondeu o gruneiro, sério; e agora só mandando descer um desses, porque lá não vou mais hoje.

Os camaradas desconversaram.

— Por mim, pode dizer que tudo fica lá, disse o Pedro Pinga.

— E você, Manoel Grosso? Indagou o Antônio, ainda mais roxo de decepção.

— Pra falar com franqueza, eu vou *saindo*; não fico nesse trabalho por dinheiro nenhum, afirmou o camarada.

— Eu também vou-me embora, concordou o outro.

— Pois estão despachados, e já! Eu quero camaradas para todo o serviço, no sossego e no perigo. E venham receber o jornal, decidiu o Antônio, que julgou descobrir qualquer coisa no olhar sonso de João Caboclo.

Dusá retirou-se, contrariada, maldizendo a ruindade da gente e do serviço.

Em meia hora, os dous camaradas desciam a serra, e era a quem mais andava, com receio dalguma sova.

Antônio voltou ao serviço e dirigindo-se ao João, perguntou:

— Então, Caboclo! Você esmoreceu de veras?

O João soltou a sua gargalhada alvar e respondeu:

— *Esmoreceu* o quê, seu Antônio! Mande chamar minh'ama, que saiu por ali resmungando. O que eu quis foi meter medo àqueles sujeitos, para se irem embora, porque pra mim não são gente de fé.

Antônio mandou chamar Dusá, e enquanto esperavam, o gruneiro ia narrando os sustos que passou, na descida e na subida, e concluiu convictamente:

— Quem não tiver sangue nos olhos, não desce, não, deveras!

Veio Dusá; o Caboclo tirou de sob a camisa um lenço sujo; e começou a desdar os nós duma das pontas, depois do que, à vista deslumbrada de Dusá e de Antônio Roxo, caíram no chão limpo quatro belos diamantes de *fina água*²¹⁶.

O Caboclo tomou um ar solene, e levantando-se apontou os diamantes, afirmando:

— Está aí a prova da gruna! É pra *catar*! *Catei* isso, só num “casco de burro”. O cascalho de um caldeirão está no saco, e nós vamos tirá-lo sem precisar descer ninguém.

Depois de Dusá, Antônio Roxo tomou os diamantes na palma da mão esquerda, enquanto com o indicador da direita revolvia-os vagarosamente, apreciando-lhes a beleza, ou antes a *bondade*, porque o garimpeiro não diz — diamante *belo*, porém diamante *bom*.

Dusá dividia agora sua admiração entre os diamantes e a ação do Caboclo. Parecia-lhe um sonho a fidelidade do pobre jornaleiro. E imediatamente propôs ao Antônio dar praça ao Caboclo, no que aquele consentiu logo, apesar da ambição irreprímível do garimpeiro veterano.

Entregues de novo os diamantes a Dusá, que se retirou para o rancho, o Antônio perguntou ao Caboclo:

— E o saco?

— Espere aí, respondeu aquele.

Foi ao mato próximo, cortou quatro varões, tendo dous deles ganchos, em forma de anzol de tapuia, engradou-os, formando um quadro mais estreito que o canalão; ao lado oposto aos ganchos amarrou uma corda em cada canto, e prendeu estas, em ângulo, à grande corda. Fez descer o engradado, vagarosamente, até tocar no fundo.

Quando o suspendeu, de novo, sentiu pelo aumento do peso, que o saco vinha, com o frincheiro que ele deixara atravessado, e sobre pedras, onde devia chegar como um prumo à grade imaginada.

Ao verem surgir o saco de cascalho, Dusá e os escravos riram-se, admirados, e o próprio Antônio dizia:

— Este Caboclo não é gente!

Era, de fato, um engenho simples; porém cuja invenção, nem a todos ocorreria de momento.

Recolhido o saco, retirada a candeia de dentro, todos se dirigiram para o rancho de Dusá. Aí, João Caboclo despejou-o vagarosamente numa bateia grande, que Antônio

²¹⁶ *De fina água*: de qualidade excelente, livre da presença de outros minérios. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p. 84).

Roxo mantinha equilibrada com o pião no solo, enquanto com a mão livre remexia o cascalho, recolhendo, de espaço a espaço, mais uma gema, que Dusá guardava num grosso *picuá* de imbé. Terminado o singular e maravilhoso processo, apenas usado nos garimpos ricos e de pouco cascalho, Antônio ensacou de novo o catado e mandou conduzi-lo com a bateia para a *lavadeira*²¹⁷, que ainda ia fazer no riacho vizinho.

O resultado desse dia, em diamante grosso e fino, foi de causar pasmo.

À tarde, Antônio mandou o João em busca de camaradas de confiança.

Dusá parecia ter-se transportado ao país dos sonhos; no entanto em vez de alegria pesava-lhe n'alma uma nuvem de mal definida tristeza. Decidida a abandonar a vida livre, que faria de sua fortuna?

— Procura um bom marido, segredava-lhe a consciência. E, instintivamente, lembrou-se do mineiro ingrato.

XIX

Riquezas não guardam segredo.

Por maior que fosse o sigilo entre os associados e seus conhecidos, a fama da riqueza da gruna de Antônio Roxo souou e correu célere, atraindo garimpeiros para as vizinhanças.

Em mais alguns caldeirões, os três associados fizeram boa fortuna, relativamente às condições de cada um.

Dusá retirou-se, dentro em pouco tempo, enjoada de muriçocas e da solidão do garimpo. E deixou a sociedade.

João Caboclo, desconfiado de que aquilo era apenas *mancha*, de que tiraram o melhor diamante, foi se estabelecer, além do Andaraí, no *Comercinho*, que estava no auge da influência.

Antônio Roxo era garimpeiro *rançoso* e insaciável.

Descoberto, entre as rochas *coração de negro* (*gneiss*), um estreito *aroto* da gruta, entendeu de *dar um serviço de broca*, para abrir entrada franca. Gastou mais de mês nesse trabalho dispendioso, ao mesmo tempo que, fiado noutros *caldeirões* a encontrar, fazia voar a meia fortuna em passadio de fidalgo, em comezainas opíparas, quer no garimpo, quer na passagem, onde trajava-se como um pedrista.

Quando conseguiu entrar na gruta pelo *rebaixo* já fazia o *saco* fiado, e fiado continuou, porque confirmou revera a opinião do João Caboclo. Extinguira-se a boa *mancha*, circunscrita aos *caldeirões* e *cascos de burro* explorados.

Os mineralogistas, arrimados aos princípios e teorias sobre as jazidas metalíferas, supõem que o diamante é como o ouro, a prata ou o cobre. Esta é a razão porque têm

²¹⁷ *Lavadeira*: processo de separar, por meio da água, o diamante dos minérios acoplados nele. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.85).

falido muitas companhias, ficando, às vezes, na miséria os incorporadores, desacreditando assim bons garimpos. A formação casual do diamante, pelo carbono puro, cristalizado em altas temperaturas, ou nas súbitas mudanças dessas temperaturas, durante as grandes convulsões geológicas, não dá lugar a regras fixas de mineração diamantífera.

A mais abalizada experiência também falha muitas vezes, porque os minérios que constituem ou denunciam a formação e paradeiro do diamante (que não *jazida* ou *veio*), a *ferragem*, o *caboclo*, *fava*, *feijão-preto*, *pingo-d'água* e outros, e que na gíria de garimpeiros se denominam *informações*, estão frequentemente isolados, baldando-se destarte os conhecimentos do garimpeiro. Por outro lado o diamante se encontra onde não se espera estar, num *mocororô*, por exemplo, argila branca ou amarela, pegajosa, contendo mui pouco cascalho. Torna-se, por isso, um jogo aleatório a mineração diamantífera, e eis porque o garimpeiro diz fazer ou dar *bambúrrio*, quando, apesar do trabalho constante e pouco remunerador, encontra inesperadamente um diamante *grosso* ou *mancha* que o tira da *infusão*²¹⁸, ao passo que o garimpo não *dá* mais nada.

Eis por que em todas as minas de diamantes, por grandes que sejam suas riquezas, gira com rapidez maior que em qualquer outra indústria, a roda da Fortuna e ninguém sabe ao justo, quando se abatem os muros e elevam-se os monturos, acontecendo ainda que aquele que se abate hoje, levanta-se amanhã, e assim sucessivamente.

Antônio Roxo, portanto, fizera um bambúrrio e, não sabendo se precaver como João Caboclo, recaíra na infusão costumeira, com a qual, aliás, não se resignava.

João Caboclo já lhe tinha emprestado dinheiro uma vez para o saco, e ele tinha vergonha de lhe pedir dinheiro outra vez, mesmo porque o Comercinho era longe. Devia nas vendas e somente lhe restava a mobília para pagar.

Reservando um caboclo velho de confiança, despachara os outros camaradas, por não poder sustentá-los.

Chegou ao extremo de alimentar-se, durante uma semana, com raspadura e farinha.

No sábado à tarde, e depois da *apuração*, em que, por ironia da sorte, encontrou *cativos* e *ferragens*, no fundo da bateia, voltou à lapa, inteiramente desanimado. Sentou-se, fumando cigarro, enquanto o Manoel Pedro fervia a garapa de raspadura, com que de costume ingeria a farinha.

O silêncio e a tristeza mortificavam o ousado garimpeiro. Sentiu frio e achegou-se ao fogo crepitante a um canto da lapa. Vendo a atitude sorumbática do patrão, Manoel Pedro quis alegrá-lo, e exclamou:

— Não tem nada, patrão! Coragem, que nós damos de testa com uma pedra grossa, breve!

Antônio balançou a cabeça, respirou longamente e respondeu:

²¹⁸ *Infusão*: estado daquele que empobreceu ou se endividou muito. (Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/infusacao/>).

— Daqui já estou desenganado. Eu devia ter feito como João Caboclo. Agora, é tarde.

— Pois eu digo a *vancê* que é aqui mesmo. Onde se quebrou o pote aí se picura a rodia. Vancê não acredita em visagem de diamante, não?

— Dizem que há, mas eu nunca vi. Por isso não creio, respondeu Antônio.

— Pois eu tenho visto e creio, e por isso não saio daqui.

— Que é que você viu? Interpelou Antônio, interessando-se no assunto.

— Vancê não sabe aquele canoão que tem pra baixo da gruna, no caminho do riacho?

— Sei.

— Pois umas poucas de noites eu tenho ouvido lavar cascalho, e bater marreta até de madrugada.

— Ora, Manoel Pedro! Isso é garimpeiro vivo, como nós, que vem faiscar.

— Vivo, não, seu Antônio! Quando este caboclo véio afirma uma coisa é porque já provou. E garimpeiro lava cascalho em noite escura como breu? Ahn! Vancê ainda não viu nada! Ainda a noite passada, eu saí aí fora, e a marreta falava que era um gosto. Eu não tenho medo dessas coisas, mas sempre o cabelo me arrepiou.

— E, daí, inquiriu o Antônio, que é que havemos de fazer?

— *Dá* um serviço no canoão, respondeu o caboclo. Pra vancê acabar de acreditar, espere hoje até meia-noite.

— Está dito; se eu dormir você me acorde.

E atiraram-se à jacuba como gato a bofes, porque bem poucas tristezas resistem à ação digestiva das águas potáveis da Chapada.

Anoiteceu, mas a lua repontava através de uma barra de nuvens.

Os garimpeiros acomodaram-se em suas camas de capim macio, descansando o corpo fatigado da soalheira. De hora a hora trocavam algumas ideias, falando pausadamente, para não adormecerem.

Fora, os bacuraus, curiangus, e caburés cantavam tristemente nas cristas dos rochedos. No mais, dominava o luar, um silêncio medonho, nas grotas, lavrados, e ribanceiras.

É menos triste a noite escura nos garimpos montanhosos e despovoados, do que a noite em que um luar muito esplendente põe sombras fantásticas, de espaço a espaço, no solo acidentado, imitando todas as formas que a imaginação possa conceber.

Alta noite, Antônio ouviu um tinir de ferro; porém julgando se ter iludido, perguntou:

— Ouviu, Manoel Pedro?

O camarada riu baixo, e disse:

— Vai principiar agora o trabalho.

Terminava a última sílaba, quando se ouviu o retintim da marreta dum broqueador amestrado.

Antônio sentou-se na cama de pedra. O trabalho era perfeito e continuado. Não havia ilusão possível.

Parecia-lhe estar assistindo de longe aos cavouqueiros e broqueadores no trabalho do rebaixo. Levantou-se para escutar melhor. O som partia do canoão indicado por Manoel Pedro. Este sentia o prazer da confirmação de suas palavras. Antônio duvidou ainda de ser visão e disse:

— Aquilo é gente, Manoel Pedro!

O camarada levantou-se e respondeu:

— Pois vamos ver de perto. Medo eu não tenho.

— Nem eu; vamos, respondeu Antônio, apanhando a garrucha e o punhal.

O camarada empunhou a faca de ponta e saíram, devagarinho, escutando. Corria um vento ligeiro que fazia variar o som.

Quando estavam a meio caminho, parou-se o trabalho.

— Ora! Exclamou baixo o Antônio.

— Vamos esperar, ponderou o camarada.

Dentro em pouco ouviram o *chua!* De calhaus que o lavrador atira às mancheias, à margem da lavadeira.

Continuaram a caminhar de manso. Não havia dúvida de que alguém estivesse lavando cascalho no canoão.

Ao avistarem este, tudo cessou. Antônio Roxo era corajoso. Desceu ao canoão, que estava deserto. Nem sinal de lavadeira havia. Somente trilavam grilos. Apesar de sua coragem, Antônio Roxo sentiu-se apavorado. Não podia explicar semelhante coisa. Os olhos lhe umedeceram e os cabelos se eriçaram, como cerdas de porco.

— Então, seu Antônio? Já viu com seus olhos? perguntou o camarada.

— Já vi! Já vi!

— Pois vamos pra o rancho, se quiser ouvir outra vez, disse o Manoel Pedro.

O Antônio seguiu adiante, apressado, tiritando de frio.

A meio caminho da lapa, recomeçou o trabalho.

Manoel Pedro convidou-o a verificar outra vez.

— Para quê?! Agora acredito no que muita gente assevera, também, sobre facho de fogo que sai dum lugar pra outro, de um monte pra outro, à noite.

— O que eu sei dizer, comentou Manoel Pedro, é que há muita coisa neste mundo que ninguém entende. E num *garimpo* em que aparece visagem é diamante certo, nem que seja um só. E vancê não tem que imaginar. Segunda-feira vamos *ver* o canoão.

Antônio foi se deitar, pensando na possibilidade de encontrar diamante num lugar que não parecia ter cascalho. O barulho cessou; mas, enquanto o Manoel Pedro roncava alto, Antônio velava sem poder conciliar o sono. Somente pela manhã madornou.

Sol alto, despertou da modorra, e correu ao canoão.

Nada viu, nem ao menos um rasto, um sinal de que se tivesse trabalhado. Parecia-lhe que tudo fora um sonho.

Decidiu-se a ir procurar Dusá para justificar a sua pertinácia no mesmo garimpo, e pedir-lhe algum dinheiro de empréstimo.

Com esse intuito tratou de esconder a ferramenta existente, bem como outros objetos, porque não podia deixar o Manoel Pedro jejuando.

E com ele desceu à Passagem.

XX

Atendendo apenas ao vário humor seu, de folgazão na abastança, e taciturno na infusão, Antônio Roxo supunha ir ver em festa permanente a casa de Maria Dusá, cuja fortuna se aumentara, e cuja fama crescia por toda a Chapada. Começou a sua desilusão por encontrar, à noitinha, a porta fechada e as janelas de gelosias descidas. Pareceu-lhe uma casa de luto. Bateu, e só então viu luz no interior.

Veio abrir-lhe a porta a governanta. Dusá ficara na sala de jantar. Sabendo que era o Antônio, mandou-o entrar para onde ela estava.

Quando o garimpeiro penetrou na sala, viu que se não enganara.

Dusá pálida, recostada numa cadeira de balanço, trajando um vestido cor de ametista, dizia, pelos olhos pisados, que alguma dor a oprimia.

Ritta entrou para a cozinha, donde vinha um sussurro de conversação em voz baixa.

Um candeeiro de bronze, antigo, de bico elevado, alimentando a azeite o pavio, por meio de pressão do próprio azeite, dava uma claridade insuficiente para a extensão da sala, cujos móveis mais afastados pareciam mergulhados em penumbra.

Depois da saudação, o garimpeiro indagou:

— Está doente, D. Emerentina?

Maria estimava Antônio Roxo, especialmente pelo modo delicado e quase paternal com que a tratava. Essa mesma escolha de seu sobrenome era uma singularidade que a penhorava.

Confiando instintivamente no garimpeiro, em cujas feições via também estampado o sofrimento, deliberou abrir-lhe o coração, como fazia com Ritta, e respondeu:

— Do corpo, não; porém o que eu tenho sofrido estes dias é mais do que uma doença.

— E eu não posso saber, não? Perguntou mansamente o garimpeiro.

— Pode, sim, por que aqui na Passagem é a única pessoa que eu sei que me estima, sem interesse.

— Por aí, obtemperou o garimpeiro, dizem que eu sou seu *peito largo*, seu bajulador; mas eu não faço caso dessa corja ruim. Por isso mesmo desejo saber o que vosmecê sofre, porque se eu puder dar remédio... e suspendeu a palavra, dando um murro na mesa.

— É mesmo por causa dessa gente ruim, que me chama *Vendida* a toda a hora, gritando na rua, insultando meus escravos... mas eu bem sei quem é o culpado! Ele é que devia me pagar!

— Ele que? Perguntou o garimpeiro.

Um sujeito, que mora no Coisa Boa, um Ricardo, mineiro, que, quando chegou, o ano passado, no Xique-Xique, foi à minha porta pensando que eu era uma moça que ele disse ter comprado em 60 a troco de sal, e como eu respondi rindo que ele tinha errado a porta, prometeu se vingar de mim. A moça apareceu procurando-o, também, eu tomei conhecimento com ela; tive pena, e daqui escrevi a esse traste avisando que a moça estava no Xique-Xique, e ele me respondeu que estimou saber, pra nos comprar a nós duas. Daí começou a espalhar a mentira de eu ter sido uma vendida a troco de sal, e essa cambada não me deixa. Mas deixe estar que Deus velará por mim, concluiu Maria enxugando os olhos.

O garimpeiro escutara a Dusá, como quem escuta queixas de uma criança que perde um brinco. Quando ela terminou, ele disse rindo:

— Ora, dá-se? Pois vale a pena estar se matando por isso?

— E não hei de sentir? Perguntou ela, franzindo a testa.

— Não digo isso. Digo que já podia ter mandado virar a cara pras costas, a uns dois ou três e se acabava a graça.

— E os outros? E *ele*? Inquiriu Dusá.

O garimpeiro pausou as palavras:

— D. Emerentina quer que eu acabe com isso?

— Como? Brigando? Não!

— Não se importe com as consequências, nem é preciso brigar. Onde há dinheiro se dá jeito em tudo que pode ter jeito.

— Ah! quem me dera comprar com dinheiro o meu sossego! Exclamou Dusá.

— Se é por isso, compra, e é em poucas horas.

— Pois diga logo, seu Antônio. Farei o que vosmecê disser.

— Em primeiro lugar fique sabendo que esse sujeito do Coisa Boa, já deve, aqui na Passagem, talvez o que não possui; já vê que está imposturando. Só a seu *Bebé*, ele

passou outro dia uma letra, a prêmio, de dois contos. A *Vito de Terto* deve também uma letra a prêmio, não sei de quanto.

Dusá levantara-se. Os olhos brilhavam de contentamento malévolos. Antônio Roxo mostrava-lhe o caminho da vingança contra o mineiro. Ia por sua vez emudecê-lo a troco de dinheiro.

— Não fale mais, não, seu Antônio. Vá ver se compra essas letras em seu nome, e depois passará para o meu sem dizer a ninguém.

— Espere, Senhora: é preciso que hoje mesmo uns dous sujeitos que eu conheço saibam quem sou eu! E porque estou quebrado, me dê aí cinquenta mil-réis, que eu vinha tomar emprestado, pra continuar noutro serviço, em que estão aparecendo umas visagens de diamante.

Dusá conhecia a sisudez de Antônio Roxo, e entrou num quarto, donde trouxe o dinheiro.

Ao receber a cédula, o garimpeiro disse:

— Se vosmecê ouvir zoadas na rua hoje, não se importe; é gente minha.

Na porta da rua estava Ritta. Ao ver o garimpeiro, exclamou baixo, em voz chorosa:

— Ah! sinhô Antônio! Eu ouvi tudo! Os anjos do céu lhe deem bom pago.

— Não é desaforo, Rita? A moça quer viver direito, e essa cambada atentando como os demônios? Eu tive uma filha que morreu nos meus braços. Faça de conta que minha filha é essa. Estou velho, e não nasci pra semente. Agora o negócio é comigo!

E assim falando, se distanciara, enquanto a velha escrava enxugava os olhos, sentindo ao mesmo tempo a alegria de quem se desabafa.

Antônio dirigiu-se à loja do negociante *Bebé*, pedindo-lhe trocar em miúdos a cédula.

— Olé! Pelo que vejo já se *desenvergou*, hein, Antônio? Perguntou o *Bebé*, tomando a cédula.

— Ora, *si!* Esta Chapada é assim; a gente *enverga* hoje, *desenverga* amanhã, e até vai desenvergar os outros.

Ao receber o dinheiro do *Bebé*, Antônio indagou:

— E por falar em gente envergada, seu *Bebé*, não é da minha conta; mas eu ouvi dizer que esse mineiro do *Coisa Boa*, está envergando!

— Deixe-me, Antônio! Envergado já está ele! A mim mesmo deve-me uma letra de um conto e cem, a 30 dias, e o prêmio já lhe está montando no costado, ou antes no meu costado, porque eu é que terei o prejuízo.

- Ora vejam! Comentou o garimpeiro; um moço tão bom...
- Mas que quer? Acrescentou o negociante; *orelha de sota* já deu lucro a alguém? Demais... só a Supi está no Xique-Xique coberta de ouro: anéis, brincos, trancelins...
- O moço pode endireitar; ele é caprichoso...
- Qual nada! O diabo é que eu não acho quem compre a letra dele, até com abatimento.
- Pode achar, retorquiu o garimpeiro; eu mesmo tenho pena de um cristão nesse estado!
- Você quer? Pode cair já com o cobre? Dou abatimento de cem mil-réis.
- Neste instante! Pode ir preparando a letra.

Disse o garimpeiro e saiu apressado.

O negociante ficou pasmado, contemplando o vulto de Antônio, que caminhava na direção do armazém do Vítor de Terto, e fazendo beijo de descrença para alguns indivíduos desocupados e alcunhados *sapos de balcão*, chacoteou:

— Ou está doido, ou está para isso!

Os indivíduos gargalharam tolamente.

No armazém do Vítor, o Antônio comprou um frasco de genebra holandesa e deu ao negociante uma cédula de vinte, para que lhe voltasse o troco.

Conhecedor dos desperdícios do garimpeiro, o negociante perguntou-lhe se tinha dado noutra *mancha*.

- Dei, e estou até comprando letras perdidas.
- Olá? Espere aí! Tenho algumas que ainda não estão perdidas; mas estão de difícil recebimento... se quer...
- Vá dizendo.
- Tenho do Juca do Fundão...
- Nada. Mora longe.
- Tenho do José Balaio...
- Esse, nem pra fumo.
- Tenho do Ricardo Mineiro, que está se metendo em processo...
- De quanto a letra? Perguntou o garimpeiro, tornando-se grave.
- De mais de quinhentos, quase seiscentos.
- Quer os quinhentos?

O negociante olhou sério para o garimpeiro.

- Não estou caçoando! Acrescentou. É um bom moço...
- Traga o dinheiro e a letra é sua.
- Prazo de uma hora, disse o Antônio e seguiu para a própria casa, onde dormia, cansado e faminto, Manoel Pedro.

Acordou-o e mandou chamar uns camaradas conhecidos, gente de baderna e manguara; bateu na casa da vizinha que lhe preparava as refeições; deu dinheiro para uma ceia gorda, e voltou à casa de Dusá, já armado de garrucha e faca. Relatou as condições dos contratos, com os respectivos abatimentos e deu pressa.

Dusá parecia já estar com a importância contada. Tirou do bolso da saia um maço de cédulas, contou um conto e quinhentos e entregou. O garimpeiro tirou cem mil-réis e devolveu. Ela recusou aceitar.

— Não dei de mais por engano. Cem é de sua comissão.

Antônio saiu, e dentro de uma hora voltava com as letras endossadas em seu nome.

Em casa de Dusá, fez novo endosso à D. Maria Emerentina Alves, e voltou

apressado à casa.

Dusá sentia agora estranha comoção ao contemplar, sozinha, a escrita do mineiro em teor de nota promissória. Que bonita letra! Que assinatura clara, legível, como que indicando o caráter franco e resoluto do dono! Mas por que franquearam essa franqueza, inteligência e resolução? Em horas de meditação, longe de parentes e de algum amigo verdadeiro, não sentiria essa criatura a falta doutra criatura sincera que lhe servisse de prumo, e apoio na luta pela vida? Havia de ser mau, sempre, entregue a pessoas sem coração?

A mundana se esquecia das ofensas; sentia vontade de perdoar ao ofensor. Amara uma vez, quando virgem, e fora desiludida. Via bem que o não podia amar; porém desejaria votar ao mineiro uma amizade perpétua, tranquila, num canto de sertão, contanto que ele correspondesse com amizade igual, protegendo-a, como esse velho garimpeiro, que a estava garantindo desinteressadamente.

Mas isso era agora impossível. Ele mesmo, ofendendo-a com o desprezo, quando ela indicara a moça a quem ele parecia amar e dando auso a que a ridicularizassem indivíduos despeitados pelo seu recato, a que chamavam impostura, criara um grande obstáculo. Agora que ela se tornava sua credora, o obstáculo aumentava de proporções. Quando ele soubesse, entenderia ser uma vingança e o ódio lavraria em sua alma como um incêndio. Mas isso era preferível ao desprezo, que lhe doía mais do que tudo. Ao menos enquanto constasse que ele era devedor ninguém levaria em conta suas bazófias.

De tais cogitações foi Dusá despertada por um arruído, na Rua de Cima. Ritta correu para a sala falando baixo:

— Barulho, Sinhá!

Maria empalideceu, pensando ser provocado por Antônio Roxo. Quis falar e a glote paralisou-se-lhe. Maria não era medrosa, porém o remorso de ser causa de um conflito, podendo mesmo ser indigitada mandante, tirou-lhe toda ação.

Continuavam gritos, estrondos de portas que se fechavam apressadamente, correrias e em seguida alguns tiros.

Maria sentiu gelarem-se-lhe os pés e os braços. Que seria dela, se Antônio Roxo matasse ou morresse!

Os escravos estavam também amedrontados.

Dusá arrependia-se de se ter queixado ao garimpeiro.

Viu então que a vingança parece agradável, porém tem frutos bem amargos.

Somente voltou-lhe a respiração regular, quando ouviu vozes de comentários, entre gargalhadas estrondosas de homens e mulheres.

Agora sufocava de curiosidade.

Que teria acontecido? Antônio teria tomado parte nesse barulho?

Somente na manhã seguinte poderia saber, porque não abriria sua porta antes do amanhecer.

XXI

Dusá acordou cedo e mandou chamar Antônio Roxo. Joaquim encontrou ainda fechada a porta do garimpeiro. Bateu. Veio abrir-lha Manoel Pedro. Na sala dormiam outros camaradas. O escravo deu o recado e voltou. Encostado à porta da Senhora estava um homem de calças arregaçadas. Perguntou-lhe que queria.

— Venho do Xique-Xique; trago esta carta, afirmou o portador.

O escravo recebeu a carta e na sala de jantar, entregou-a a Dusá, ao passo que dizia:

— Sinhô Antônio ainda tá drumindo.

Dusá abriu, sobressaltada, a carta de obreia roxa. A assinatura era da professora.

Joaquim fora limpar um quartinho contíguo à casa, onde se agasalhavam os portadores, ou camaradas estranhos.

D. Florinda noticiava, aflita, que D. Rosária estava a expirar, e que Mariazinha ficaria, outra vez, ao desamparo, porque ela, Florinda, não dispunha ao menos de um quarto na casa para a hospedar, se não por alguns dias. Que tendo Dusá prometido proteger a moça, era ocasião de cumprir a promessa.

Em *post-scriptum*²¹⁹ acrescentava:

²¹⁹ *Post-scriptum*: comumente abreviada como *P.S.*, a expressão latina significa “escrito depois” e indica a parte que se acrescenta à carta após a assinatura do destinatador.

“Ouço gritos de Mariazinha. Não há dúvida que minha pobre amiga acaba de entregar a alma a Deus.”

Dusá não tinha amizade a D. Rosária, porém, possuía um coração capaz de simpatizar-se com alheias dores. Mostrou, pois, o seu pesar umedecendo os olhos e dizendo:

— Deus lhe dê descanso.

Ouvindo à senhora falar assim, Ritta veio inquirir. E toda a casa ficou sabendo a triste nova, que, aliás, ninguém sentia realmente.

— E a mocinha, Sinhá? Perguntou a governanta.

— Só mandando buscá-la. Faça de conta que é minha irmã mais moça.

— Sinhá, Sinhá! Olha! O dia do benefício é bespa da ingratidão! Se ela fosse irmã, ainda, ainda!

— Agora não há outro jeito. Prometi proteger a moça, simpatizo mesmo com ela, e não tenho coração de ver uma criatura assim abandonada. Vai te aprontar pra seguir com Joaquim, depois do almoço e voltar amanhã com a pobre órfã. E diga a Juliana que venha.

A escrava chamou Joaquim, transmitiu a ordem, e foi se aprestar.

Na porta da rua soou a voz grossa de Antônio Roxo. Dusá gritou-lhe que entrasse. O garimpeiro percorreu o corredor e penetrou na sala de jantar. Saudou rindo. Dusá retribuiu a saudação, e perguntou, também sorrindo:

— Que barulho foi o dessa noite?

— Não houve barulho, não; respondeu o garimpeiro, com ar de sonso. Foram uns *meninos* que andaram lambuzando pelo chão uns três sujeitos da Rua de Cima, que gostam muito da vida alheia, e têm língua de palmo. Um correu. Foi nessa hora que os *meninos* atiraram no rumo.

— E se o sujeito morresse, meu Deus!

— Não tinha nada, não, Dona. Era mesmo que morrer um cachorro, porque ninguém gosta dele aqui. Os outros não tiveram nada. Tomaram uns *panaços* de facão, e acabaram, *às boas*, bebendo à saúde de D. Maria Emerentina.

— À minha saúde?! Exclamou Dusá.

— E então? Vosmecê, que trata a todos bem, respeitando pra ser respeitada, servindo a pobres e desvalidos que batem na sua porta, não merece que se bebe à sua saúde?

— Mas, por essa gente!?

— Qual, Dona! Todo o mundo entende por que eu fiz isso. E o remédio pra esse povo é esse. Afirmo que vosmecê pode viver descansada agora. Conheço muito a

Chapada e o sertão. Mostrar muita prudência é fraqueza. E quem é fraco vai pisado; nem merece fé! Aqui ou nas armas, ou no dinheiro e com elas. Agora me falta o tal *Aristo* Alfaiate. Mas o dia dele está guardado.

— Aristo! Quem é? Que fez esse? Perguntava Dusá admirada.

— Não fez nada! É um santo, um pisa-mansinho! Quando fala, quase que é preciso a gente encostar a *porta* do ouvido na boca dele. Sempre dengoso, todo *petimetre*²²⁰, ninguém o leva preso por nada do mundo! Mas porque não tem entrada nesta casa como tem em outras, outro dia escreveu um pasquim contra vosmecê, e até tratando de meu nome, e estava metendo de madrugada por baixo da porta, aqui, quando o Manoel Pedro pegou-o no “sufragante” e tomou o papel. Ele pediu muito pra não dizer nada a ninguém, que era uma brincadeira, porém Manoel tomou sempre o papel e me deu. Está lá em casa. Esse ele come, assim como há Deus no céu! É um alfaiate, que se mete a escrivão ou advogado. Mora na esquina da Rua de Cima.

— Mas que é que fiz eu a essa gente, meu Deus? Exclamou Maria enclavinando os dedos. Qual! Só paciência!

— Paciência, não, atalhou o garimpeiro. Pau muito, é que é preciso.

— Ave Maria! Sô Antônio! Deus tomará contas de cada um!

— Deus manda castigar a quem erra, retorqui o garimpeiro, galhofando. Ele não pode tomar conta de gente, ou rebotalho de gente, que vive, desde o nascimento, solta como animal no campo, sem peia nem cinorro. E com esta, até amanhã!

— Espera para almoçar, convidou Dusá.

— Não senhora. Muito obrigado.

O garimpeiro saiu, e Maria ficou pensando como, toda a gente, querendo, pode mudar de uma hora para outra. Ela não supunha que Antônio Roxo fosse capaz de se transformar em valentão da noite para o dia.

Entretanto, os escravos, na cozinha, transmitiam os boatos da rua. Enquanto ele falava mansamente com Dusá, o povo miúdo resmoneava, amedrontado, com as correrias da véspera. O nome de Antônio Roxo corria de boca em boca, em comentários tímidos ou respeitosos. Os escravos estavam contentes.

Sem saberem explicar, notavam que muitas pessoas tinham mudado o tratamento à *senhora*. Tratavam *sá dona* Emerentina, em vez de *sá* Emerentina.

Ritta era a mais contente, e já de saias guindadas para o caminho, comunicava à senhora essa mudança.

Dusá, ao entregar uma carta para a professora e outra para Mariazinha, repetia:

— Deus há de me ajudar, Ritta. Agora, escute: venha devagar com minha Santa. Não quero que ela chegue maltratada.

²²⁰ *Petimetre*: do francês *petit-maitre*, refere-se em sentido pejorativo ao indivíduo que se veste com requinte exagerado; o mesmo que almofadinha, peralta.

O portador e Joaquim tinham almoçado, e partiram, acompanhando Ritta.

Sofia serviu o almoço e Dusá sentou-se à mesa, prevenindo logo que queria limpo o quarto dos baús.

Antônio Roxo, ao chegar à casa, conversou em voz baixa com os camaradas, que se dispersaram, em rumos diversos, dando isso grande alívio às pessoas tímidas, que esperavam novas correrias à noite.

O próprio Antônio, acompanhado de Manoel Pedro, seguiu caminho do seu garimpo, no *Perigoso*, como ficou denominado o canalão. Mas um *até logo* à vizinha

cozinheira, dito em cara de riso, fez desconfiar à vizinhança que aquilo era uma retirada falsa ou fingida.

E fora justificada a desconfiança, porque ao anoitecer alguns dos camaradas foram vistos nos extremos das ruas principais, em atitude pacífica.

O Aristo Alfaiate, não fora ameaçado de modo nenhum, mas na sua categoria de pasquineiro²²¹ conhecido, com várias culpas, não andava bem tranquilo; por isso entendeu de se recolher, contra o costume, às 8 horas da noite. Saiu da loja, onde prosava sempre, e dirigiu-se para sua casa. Abriu a porta; quando, porém, mudava a chave para o lado de dentro, um vulto surgiu da sombra, tomou a porta, e, saltando na sala escura, disse em voz abafada:

— Somos amigos; não tenha susto!

Outro vulto entrava, fechando a porta de manso, e dando volta à chave.

— Mas que quer dizer isso? Inquiriu o Alfaiate, puxando a faca da bainha, e encostando-se à parede.

— Ora, que bobagem! Se fosse pra matar, você não tinha tempo de puxar essa faca, disse o primeiro vulto, em voz baixa.

— Acenda logo a luz, disse o outro no mesmo tom, que não é negócio de sangue, nem de roubo.

Animado por essas palavras, o Alfaiate começou a bater nos bolsos à procura da caixa de fósforos. Encontrou-a e meteu a faca na bainha. Tirou a caixa, que rangeu ao abrir-se, que tais caixas eram de madeira e de forma cilíndrica. O tempo não estava bem seco e o fósforo, então, havendo umidade, requeria prolongado atrito. O Alfaiate estava trêmulo e isso fazia-o perder palitos sobre outros.

— Que diabo! Exclamava a cada perda, mais trêmulo, porque o silêncio dos desconhecidos o apavorava.

²²¹ *Pasquineiro*: pessoa que produz pasquim, jornal ou folheto de caráter calunioso e difamatório.

Conseguiu, enfim, acender um. Elevou à altura da cabeça, para reconhecer os dois indivíduos; mas não pôde. O clarão baço e a fumaça do enxofre impediram-no. Dirigiu-se ao quartinho contíguo à sala, onde estava a candeia de azeite. Parecia que os desconhecidos sabiam não ter a casinha saída pelo fundo, porque não se moveram. Novo trabalho teve o Alfaiate para acender a candeia. O pavio tinha morrão, e novo palito foi necessário.

Quando chegou à sala a claridade da candeia, um dos indivíduos deslizou-se até à porta do quarto, de modo que, ao voltar-se para ela, com a candeia na mão, o Alfaiate recuou, quase assombrado, exclamando:

— Sô Antônio Roxo!

— Eu mesmo, sô Aristo. Mas não precisa ficar assim, homem! Deixe a luz aí mesmo. Eu vim somente lhe pedir para ler um papel, que eu não sei ler.

— Mas com tanto mistério? Inquiriu o Alfaiate, com um riso amarelo.

— É porque o negócio é de segredo, disse Antônio Roxo, tirando um papel do bolso, e entregando ao Alfaiate. Este, ao desdobrar a meia folha de papel, tornou-se lívido, rufando involuntariamente com os dentes.

— Uai! pois esse papel é venenoso assim? Perguntou o garimpeiro, chasqueando.

— É... foi... uma brincadeira... tartamudeou o Alfaiate.

— Mas tenha paciência, leia, porque eu não sei.

— Sô Antônio! Eu lhe peço que me perdoe!

— Não lhe tenho que perdoar; quem lhe pode perdoar é a senhora a quem você ofendeu e que nunca lhe viu ao menos esta cara cínica. Ela não leu isso, e lendo não perdoa. Se você quer que acabe tudo...

— Sim, vamos queimar isso!

— Queimar! Pra queimar eu mesmo já tinha queimado. O que é preciso é curar você. Esse negócio de pasquim, parece que é uma doença de alma ruim. Mas tem cura. Dizem que o último remédio é o mesmo sujeito que faz, comer o pasquim aos bocadinhos, sem derramamento de sangue, nem zoadas.

— Sô Antônio! Pelo amor de Deus! Disse, tremendo, de novo, o Aristo.

— Ora, senhor! Quem sabe que há Deus não mete espinho à toa na alma do próximo que não lhe ofendeu! E avia com isso! disse o garimpeiro sacando duma grande parnaíba.

O camarada que ficara na varanda, tossiu, consertou a garganta, e disse:

— Essa conversa já está muito comprida!

— Avia, avia! Continuava Antônio. Ou você come o papel neste instantinho, ou eu lhe sangro como a porco. E estou lhe dando a escolher, porque sei que você tem mãe, que não soube lhe ensinar a viver no mundo, e tem irmãs. Senão...

A lembrança avivada desses entes queridos acabou de acobardar a alma fraca e mesquinha do pasquineiro.

- Isto é uma vergonha!... Mas vosmecê promete...
 — Ora, coma, senhor, que eu não prometo nada!

O Alfaiate rasgou o primeiro pedaço do pasquim e levou-o à boca, enquanto duas lágrimas compridas lhe desciam pelas faces esverdeadas.

Em poucos minutos tinha engolido todo o pasquim. No último, Antônio voltou ao tom zombeteiro, e ria.

— Agora, sim, disse ele, podemos ser camaradas. Com essa cura você ainda pode fazer boa figura na sociedade, porque inteligência tem. Assim não lhe dê ela pra aperrear os outros... Sim, já comeu tudo... agora só bebendo um pouquinho do azeite da candeia, que eu acho que papel comido assim, faz um mal danado à barriga da gente.

E assim falando, procurava uma vasilha para tirar azeite.

— Tira aqui, Manoel Pedro.

O camarada assomou à porta. Ao vê-lo, exclamou o Alfaiate:

— Ah! Seu Manuel Pedro! Veja que mal o Sr. me fez! O camarada abugalhou os olhos para o Alfaiate:

— Ué! Estou lhe fazendo nada? Dei o papel a meu amo, porque a casa onde você estava botando é de uma senhora que ele considera! Nem eu sabia que diabo de papel era esse. No mais queixe de si e da mãe ou do pai que não soube lhe ensinar!

— Ande, Manoel! “vigia” aí um copo ou “xícara” seja que diabo for, e depressa! Manoel Pedro apanhou uma xícara na saleta que servia de cozinha e trouxe.

— Ah! Sô Antônio! O azeite da candeia está quente! olhe ali no canto uma garrafa!

— Como é sabido! Chasqueou o garimpeiro. Não gosta de azeite quente pela boca! Porém no inferno você há de tomar fervendo por outros lugares!

A garrafa estava cheia de azeite de mamona, retinto; o garimpeiro encheu a xícara, e o Alfaiate bebeu-a de um fôlego.

— Bem, agora estamos de pazes. Adeusinho, e queira-me bem que não custa dinheiro, disse Antônio, saindo adiante do camarada.

O alfaiate chorava debruçado sobre a mesa do quarto.

Pela porta da rua, que ficara aberta, entrou apressado um vulto de mulher. Na porta do quarto, apostrofou:

— Mas isso é que é miséria no mundo! Toma estas saias e dá cá essas calças, peste!

Disse e fez meia volta, retirando-se. Era a vizinha predileta do Aristo.

XXII

Logo às primeiras horas da manhã, soube, minudentemente, toda a Passagem madrugadora, a negregada história do pasquim comido com azeite de candeia, que originou a fuga do Aristo Alfaiate, antes do alvorecer.

Não se sabia ao certo o rumo tomado pelo infeliz pasquineiro, mas as mães de família, toda a gente honesta e modesta sentia um grande alívio com a ausência definitiva do Alfaiate, cujo ofício principal era indagar de lavadeiras, engomadeiras, criadas e criados, pela vida de toda a população, para se vingar de quem não o cortejasse, não fosse seu freguês, ou seu cliente, bem como de pessoas que não o convidavam para suas reuniões festivas. Até os homens fortes temiam-no, não porque ele fosse valoroso, mas porque não se queriam tornar criminosos por causa de uma *lesma*.

E eis por que eram os próprios amigos do pasquineiro os primeiros a rirem, comentando a *ceia* do Alfaiate, e sua inopinada *viagem* obrigada a *baú de dedo*.

Ouvir a conversa de um grupo, sobre o assunto, era ouvi-la de todos:

— Então? O Aristo *entrou* sereno, hein?

— Na aragem, e obrigado a baú de dedo!

— Ingrato! Nem *aqui fica a chave!* Nem ao menos pra passar o São João com a gente!

— O azeite não deu tempo!

— Ora! “Quem com muitas pedras bole...”

— E seria mesmo a Emerentina que mandou?

— Se foi! Antônio Roxo não é protegido? Não trabalha no garimpo dela?

Enquanto o povo assim falava e pensava, Dusá era surpreendida não somente com a notícia do fato, dada pelos escravos, porque Antônio Roxo não mais lhe aparecera, como por lembranças e mimos enviados por pessoas desconhecidas para ela. De hora a hora entrava em casa uma bandeja de flores, conduzida por escrava bem trajada trazendo lembranças e agradecimentos que a Sinhá Velha ou Sinhá Moça mandava. Inquirida pelo nome, a portadora dizia-o. Quando, porém, Dusá perguntava:

— Agradecimento por quê?

A portadora respondia requebrando-se e rindo maliciosamente:

— Eu sei, Sinhá? Eu entendo língua de branco? Ou então:

— Eu sei? Sinhá Velha ficou muito alegre hoje. Ela só diz que foi uma obra de caridade. Um descanso pra todo o mundo!

Inteligente como era, Dusá compreendeu logo que lhe atribuíam o principal papel na *lição* recebida pelo Alfaiate.

Senhoras pobres ou de poucos haveres, sem disporem dum braço d'homem que as protegesse contra a malignidade do Alfaiate e seus asseclas, agora livres da obsessão e opressão, expandiram-se por meio de tais mimos.

Por isso, às últimas portadoras, Dusá respondia:

— Diga à Sinhá que fico obrigada, e que estou também alegre, porque nem sempre os malvados vencem.

E bem a propósito vinham essas flores e essas alegrias, porque, em vésperas de S. João, Dusá preparava contente a casa e principalmente o quarto destinado à Mariazinha, a quem esperava com a simpatia de uma irmã.

Dir-se-ia que a própria natureza acoroçoava-lhe o prazer despertado por uma obra de caridade, como o amparo a uma órfã em estado vizinho da miséria.

Se lhe não bastara a simpatia das almas boas e simples, assegurando-lhe o apoio moral, mesmo em ação criminosa, como a pena infligida ao recidivo autor de uma ação odiosa, aí estava um dia formoso, em que um sol brilhante, deslizando-se num céu de anil, escampo, alumbrava as florestas do nascente, faiscando oiro e gema nas águas encachoeiradas das serranias opostas.

Águas e serras! Que filho, que habitante destas regiões criadoras do “diamante e do gênio”, não sentiu alguma vez toda a grandiosa poesia dessas paisagens alpestres, que, se desnutrem ambições evangélicas, de pobreza e santidade, tonificam o caráter para as mais rudes conquistas da vida!

Águas e serras! Que desventurado, ausente, ou que feliz, mas ao entardecer da existência, não rememora saudoso os dias idos, de sonhadora contemplação das altas serranias, que dilaceram as nuvens com o itacolumito de seus visos, ouvindo o escachoar das águas límpidas, por entre as arestas do granito de seus flancos!

Águas e serras! Que filho ou ádvana não traz de memória o selo de grandeza dessas altanadas serras, e o cunho fisiológico dessas águas salubérrimas!

Doce viração do meio-dia para o setentrião, penetrando pelas janelas laterais da casa, fazia farfalharem as flores artificiais dos jarros elegantes da sala, desafrontando da calma a moradora gentil.

Dusá, de cabelos soltos, vestia uma bata de musselina branca, enfeitada de rendas finas. Era o requinte do gosto romântico da época.

De vez em quando chegava à janela, como um sinal de quem espera.

Caiu a noite. Acenderam-se as luzes. Em pouco um tropel de pessoas aproximava-se da casa. Dusá estava de ouvido à escuta. Correu à janela. Adivinhou mais do que conheceu no escuro da rua ser Mariazinha, acompanhada dos escravos Joaquim, Ritta e Juliana.

Simpatia, pena da infelicidade alheia, desvanecimento da sua própria ação, qualquer que fosse o sentimento indefinido que a dominava então, a ex-mundana não receberia com maior alvoroço uma irmã amiga.

— Minha Santa! — Foi a saudação de ambas, abraçando-se, demoradamente, porque a órfã chorava, confundindo suas lágrimas com as da sua protetora.

Os escravos estavam admirados dessa expansão repentina.

Não havendo mais que um conhecimento recente, só a voz do sangue, que até a semelhança das duas lembrava, justificaria tão espontâneo bem-querer.

A própria Dusá teve momentânea ilusão de abraçar uma verdadeira irmã.

Mariazinha queixou-se do caminho. Precisava de descanso, e recolheu-se ao seu aposento.

Ritta trouxera cartas de D. Florinda e do Eduardinho.

Dusá foi lê-las. Boas notícias que ainda mais lhe alegraram. O Eduardinho estava tomando juízo. Tinha começado a mosquitar e era feliz nos negócios. Não queria saber de jogo, nem de foliatas. A sua insistência sobre Mariazinha dava a entender que tinha pretensões lícitas.

Mas o dia não devia terminar, para Dusá, sem certo dissabor. Ao saírem do Xique-Xique, Joaquim e Ritta ouviram falar muito em segredo, que um inspetor estava intimando pessoas do povo para uma prisão no Coisa Boa.

Não restava dúvida que isso se referia a Ricardo Brandão.

Apesar do ódio que votava ao mineiro, por lhe atribuir desgostos curtidos, nesse dia, cheio de alegrias, condeu-se de sua sorte.

Não desejava, apesar de tudo, vê-lo preso. Além disso, se quisesse justificar o impulso de seu coração, com um sentimento egoísta, bastaria recordar a sua qualidade de credora quirografária.

Tal qualidade, entretanto, era o que ela menos invocava.

E pensou na sorte do mineiro, durante a noite, predispondo-se a mandar indagar o que havia de verdade sobre a prisão no Coisa Boa.

Para todos, em casa de Dusá, a véspera da festa de S. João, somente foi percebida pelas fogueiras e os estrondos de tiros e busca-pés.

XXIII

Aos primeiros sorrisos da fortuna com o acertar em garimpos em que se repetiam os bambúrrios, realizando-lhe passados sonhos de riquezas inexauríveis, Ricardo começou a cercar-se de maus amigos que o pervertiam lentamente, inflando-lhe um orgulho mais oriundo de sua educação defeituosa e do meio em que vivia, do que da sua índole sempre boa, e acessível a sentimentos elevados.

Na sua espécie de alienação temporária do ideal do Bem, chegara a esfriar as boas relações com o João Felipe, porque lhe exprobrava o procedimento menos digno, avisando-o das tristes consequências da *bebida* e do *jogo*, e também da ambição desmedida, que o fizera senhorear-se à força de garimpos alheios, de pessoas mais fracas, acarretando-lhe ódios e rancores que deviam explodir, tarde ou cedo, em vinganças justificadas.

Em pouco tempo cessaram os bambúrrios; mas o impulso dado às despesas extraordinárias e excessivas, invadira os domínios do crédito pessoal, onerando de dívidas o mineiro, a quem restavam apenas uma casa de pequeno valor, o garimpo *inconstante*, e alguns animais; de modo que, se pagasse as dívidas, ficaria em árvore seca.

Disse a sabedoria romana:

Donec eris felix, multos numerabilis amicos; tempora si fuerint nubila solus eris. Quando fores feliz, terás inumeráveis amigos; no dia da adversidade, sozinho ficarás.

Chegara para Ricardo Brandão o tempo brusco do infortúnio, em que seus amigos e comensais assíduos, como andorinhas, o abandonaram aos vendavais da sorte. Desde muitos dias essa ausência o obrigara à reflexão. Conheceu que tinha errado.

Mas era tarde. Só lhe restavam duas criaturas, em cuja lealdade podia descansar: eram o seu camarada Felipe, e seu cão perdigueiro amestrado. Fora desse, somente os seus credores se interessavam por sua boa sorte, mas para uma cobrança imediata.

Soube que um inimigo fora de novo ativar a conclusão do processo de tentativa de morte no Mucugê. Que haveria de verdade? Não sabia. Mas era preciso saber. No dia seguinte iria ao Xique-Xique reatar suas relações com João Felipe, confessando-se culpado e prometendo regenerar-se.

Após essas reflexões, veio-lhe a saudade do torrão natal, onde sua velha mãe, a essa hora, estaria talvez rezando e orando a Deus para que ele fosse feliz. Lembrou-se do seu labor de tropeiro, vida mais laboriosa, porém livre das vertigens de elevações repentinas. Por associação de ideias passou-lhe pela memória a cena da Lagoa Seca. E sentiu remorsos de ter ofendido, posto que em estado de embriaguez, a uma pessoa a quem beneficiaria em dia de aflição, estendendo a ofensa a outra que nunca lhe ofendera de intenção. Lembrava-se bem que a Supi o obrigara a escrever um bilhete injurioso em resposta a uma carta delicada. Agora, por seu procedimento ingrato, Supi demonstrava que era ela a messalina desbriada, e não Dusá.

Já era noite alta. O mineiro sentou-se na cama, remordido com a prática de tão feia ação. Acendeu um cigarro, depois levantou-se e vestiu-se, no intento de mandar Felipe fazer café. O camarada que estava dormindo na sala, tossiu.

Nesse momento ladrou fora o cão de guarda para o rumo do Xique-Xique. O coração do mineiro palpitou como se pressentisse a iminência de uma desgraça. Os

ladridos repetiam-se com insistência, mas o animal recuava como se procurasse defender a porta.

Um estrupido surdo, pouco distante, indicou a aproximação dum grupo de gente a pé. Não tendo razões para esperar uma visita de amigos àquela hora, o mineiro foi à sala falar, em voz baixa, a Felipe.

Este, que tivera desconfianças também, já estava de pé, nu da cintura acima, camisa na capanga e armado de facão, punhal, garrucha e clavinote, e capanga de munição a tiracolo. Desde muitos dias um vizinho lhe fizera entender por meias palavras um segredo, que Ricardo seria preso em breve. Comunicou o aviso ao patrão, mas este não deu crédito, ao passo que o camarada, a cada dia se prevenia mais, principalmente sabendo que tais prisões, no mato, se transformavam, quase sempre, em assassinatos frios sob a capa da lei.

O grupo tinha parado perto, e um murmúrio de vozes abafadas demonstrava hesitação ou consultas recíprocas. O cão ladrava sempre, compassadamente, porém cessado o murmúrio, fazia-o para a frente e para o fundo. Era evidente que o grupo se dividira e não restavam mais dúvidas de ser uma diligência policial contra o mineiro.

Não há homem, principalmente ignorante de matérias jurídicas, que se não apavore ante a lembrança de ser preso, diante do aspecto hediondo da cadeia, além da vergonha pela qual, acorrentado, passa um homem brioso.

Ricardo estremeceu, rufando os dentes. Felipe era um cabra de coragem individual e calma. São os mais dedicados e generosos. Teve pena do patrão, e disse baixinho:

— Esconda-se lá dentro, meu amo. Deixe estar que eu recebo essa gente e aguentarei o tempo que vier.

Ricardo sabia que o sertanejo não bazofiava. Era corajoso, tinha prática de brigar, e era perfeito esgrimidor de terçado, punhal e *manguara*²²². Por isso mesmo, o sangue lhe subiu às faces. Voltava-lhe a reação do espírito, contra a momentânea fraqueza da carne, e ele afirmou:

— Isso nunca!

— Mas não se bote a perder. Eu já estou acostumado...

No mesmo instante bateram na porta da frente e na do fundo, enquanto uma voz cavernosa intimava:

— Em nome da lei, abra a porta, seu Ricardo. Entregue-se à prisão! Felipe inquiriu:

— Quem é? Meu amo viajou.

— Viajou o quê, senhor! Pois se “nois sabemo” que ele está aí dentro, “cumo é?...” Abra a porta e entregue-se “cumo home!” É o “espetô” que está aqui e os apenado²²³. Abra em nome da lei, e não faça “opção”.

O cão acuava agoniadamente, mas não mordida, porque não tinha ordem.

O mineiro, impulsivo como era, não se conteve, e revidou:

— Não sou criminoso! Não abro que não quero, porque a lei me garante para não abrir minha porta de noite e à força!

— Deixe-se de conversa, já disse! Sou “espetô jurimentado” com honra de “assubdelegado”, e a lei aqui é o que eu “quis é”. E não m’afervente o sangue, porque se não “abri” por bem, abre por mal. Mando “tocá” fogo na casa e está “cumo é a história”.

²²² *Manguara*: bastão, pau, de base grossa.

²²³ *Apenado*: refere-se a pessoa selecionada/contratada para realizada algum serviço público. (Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/apenado/>).

Ouviu-se um mussitar dentro da casa. Felipe dizia a Ricardo:

— Me deixe “divertir” com os da frente um instante. Quando o tempo estiver duro, os do fundo “foge” ou vão acudir, e meu amo corre e me dá um assobio pra eu também correr serra acima.

— Está direito, disse o mineiro, dirigindo-se ao fundo.

Mas a presteza da resposta, em desacordo com os seus sentimentos verdadeiros, indicara intuito diverso.

Em verdade, estimulado pelo exemplo do camarada, Ricardo tomou a resolução de resistir e vender caro a vida, porque compreendia que, sendo a diligência guiada por inimigos, entregar-se era morrer, e fugir era apanhar uma descarga pelas costas e morrer sempre, tolamente, como um covarde. Além dessas considerações, estava em sua dignidade não abandonar seu camarada, e único amigo, como não abandonaria o *Amigo*, o seu cão fiel, que se mantinha em distância, ladrando, à espera de ordem do senhor para agredir.

— Si não abre, derruba-se, insistia o inspetor na porta da frente.

— Ora! Espera aí, que essa porta não aguenta um coice meu, disse um apenado; e juntando à palavra a ação, “soltou” o pé na porta, que tombou fragorosamente.

Felipe tinha tomado posição convenientemente, com o clavinote engatilhado.

Supondo os sitiantes que os dois sitiados não resistiriam, e tomando agora o silêncio da casa como covardia, precipitaram-se para a porta em grupo cerrado. Era o que Felipe esperava, e descarregou o clavinote.

O grupo rareou; ouviu-se um *ai!* E um baque no chão; mas, imediatamente, o clarão de uma descarga alumiou a sala, enquanto voavam estilhaços de móveis, e caíam torrões da parede do fundo da sala, fronteira à porta, e soava a vozeria selvagem dos apenados.

— Morreu, cabra! Gritavam alguns.

De fato quem estava na sala parecia ter morrido ou corrido pelo fundo. E o grupo arrojou-se de novo para vingar a morte do inspetor que estrebuchava encostado à parede do lado de fora, mas dois tiros, à queima-roupa, demonstraram-lhes que na casa havia gente viva. O grupo recuou, e alguns gritaram que estavam feridos. É que Felipe, após descarregar o clavinote, engatilhou a garrucha de dois canos e encostou-se à parede junto à porta. Houve pequena pausa, e o camarada pensou que não devia dar tempo ao resto dos sitiantes de preparar as armas de fogo, e saltando inopinadamente no terreiro, com o facão desembainhado e a garrucha na mão esquerda gritou:

— Vamos ver, rapaziada! Agora é a frio!

Só os primeiros golpes empregaram, porque Felipe sentiu peso no facão afiado. O grupo dispersou, ganhando certa distância, enquanto os feridos gritavam aos do fundo da casa:

— Acode cá, gente!

Mas os apenados do fundo, gente intimada e obrigada a servir, foi firme no posto, até ver se o criminoso se entregaria por bem; desde que perceberam a resistência, escafederam-se imediatamente ladeira acima, e era a quem mais corria.

Entretanto havia na força do governo gente de sangue nos olhos. Recobrados da surpresa, quatro ferros cruzaram-se com o de Felipe, numa rapidez que só lhe dava tempo de cobrir-se, em defensiva, apadrinhando-se com a parede da casa.

— Entrega, negro! Bradavam a um tempo os apenados.

— Entrega, si não “morre”! Insistiam, em cutiladas perdidas.

Intervalando-se com o jogo do facão e os golpes no cano da pistola, Felipe respondia:

— Isso... não é... bem certo... não!

— Já é fraqueza! Tantos contra um! — Trovejou uma voz indignada, atrás do grupo, e, como um raio relampagueou sobre a cabeça dos sitiados o que os esgrimidores sertanejos chamam com muita propriedade — um facão *doido*.

Era Ricardo que, ouvindo o tinir de ferros, no terreiro da frente, abrira a porta do fundo, e, rodeando a casa, dava sobre a retaguarda do grupo.

Não podendo servir-se da garrucha de dois canos, pois que, atirando, poderia ofender Felipe, servia-se do facão.

— Bravo, meu amo! Gritou Felipe, sentindo-se aliviado na defensiva, porque dois voltaram-se contra o mineiro.

— Entrega, negro! Bradavam os dois apenados.

— Ora! Ora! Ora! Com dois é até “vê”! Respondeu-lhes Felipe, já agredindo, porque era melhor esgrimidor do que eles.

— Entrega como homem! Intimavam os outros, reconhecendo Ricardo, que saltou para trás, o que deu lugar a ser acometido pelas costas.

Sentindo-se ferido aos primeiros golpes, por causa de sua mesma imprudência, lutando em meio do terreiro, o mineiro soltou um assobio agudo. Invocava o socorro de *Amigo*. Este, tendo ido levar ou impor alguns fugitivos da força, voltava a trote, arquejando de cansado; mas ao ouvir o assobio do *senhor*, sacudiu as orelhas e disparou ladeira abaixo. Em poucos instantes, um dos apenados, que lutavam com Ricardo, era violentamente arrastado pela perna. Conseguindo levantar-se com presteza, “correu” o facão no animal com gana de o traspassar. Ignorava, porém, que o cão era amestrado no

jogo de arma branca e cacete, e foi incontinentemente desarmado, porque *Amigo* desviou-se do furo, saltando para um lado, e aferrou o braço do facão. Sentindo cair a arma, o animal soltou o braço e firmando-se nas patas traseiras, aferrou a garganta do apenado, que soltou um grito de estrangulado e tombou. Neste momento Felipe desarmara, com um golpe no punho, um de seus contendores e o outro, ouvindo o grito do companheiro, e o grosso rosnar, que dava à luta um aspecto de briga de cães, saltou para trás e correu. Felipe resfolegou um momento, passando a mão pela testa ensanguentada.

— *Amigo*, aqui! gritou o mineiro subjogado pelo contendor, que procurava desarmá-lo, oprimindo-o com o joelho nos peitos.

Felipe quis correr em socorro, mas faltou-lhe a *terra* aos pés e caiu tonto. Ao ouvir o grito do senhor, corre *Amigo* em socorro, deixando a sua presa estrangulada.

— Traz as cordas, gente, que o *homem* está *morrendo*! Gritou o apenado, supondo que lhe restava algum companheiro.

Não sabendo “jogar” facão, e tendo de lutar com dois, Ricardo defendia-se saltando para trás. Depois de ferido na espádua e no braço esquerdo, o que o fez deixar cair a pistola, perdeu o equilíbrio ao pisar numa pedra mais alta e caiu de costas.

— Chega, gente! Que o homem...

Não pôde dizer mais. Sem ganir, nem rosnar, *Amigo* dera uma peitada no apenado, derribando-o para um lado. O homem quis reagir, porém sentiu-se logo na garganta as presas do cão possante que lhe sacudia a cabeça com violência.

Livre do apenado apanhou a arma, e vendo-o agora debater-se aferrado pelo cão, Ricardo correu em socorro do valente camarada. Encontrou-o já sentado no chão, rasgando em pedaços a própria camisa para estancar o sangue que ainda corria de golpes da cabeça e das coxas.

— É você, Felipe? Perguntou.

— Sou eu mesmo, patrão!

— Está ferido?

— Ora, si! O tempo foi duro deveras! Os *meninos* me “déro” pó!

— E você não pode andar?

— Espere aí, deixe acabar de amarrar aqui. E vancê também está ferido?

— Estou; mas é preciso deixar a casa, porque alguns demônios podem voltar e eu não aguento mais, nem você.

— Eu estou é morto de sede. Acho que bebendo água, inda aguento varar um diabo no facão.

Ricardo entrou na casa, apenas alumiada pela claridade fraca das estrelas e trouxe o pote d'água e copo do seu quarto de dormir. Deu a beber ao camarada e bebeu também, banhando depois a cabeça de Felipe.

Chegou *Amigo* lambendo o focinho, “fazendo festa” a ambos.

— Está quem fez o serviço deveras, disse o camarada.

— Você... e ele, que me livrou duas vezes, acrescentou Ricardo. Eu acho que ele acabou de sangrar outro.

— Esse cachorro é o diabo! Tem força de leão!

O cão deitara-se junto à pedra em que Ricardo estava sentado.

— Agora deixe ver, disse Felipe levantando-se. Ora! Não foi muita coisa!

— Eu estou com um braço me adormecendo, afirmou Ricardo, mas é preciso deixar este lugar já, antes que aponte a barra do dia.

Amigo levantou a cabeça, farejou para o lado do Xique-Xique e rosnou.

— Está vendo? Vamos pelo fundo, serra acima.

E seguiu, acompanhado pelo camarada e *Amigo*, devagar, por um trilho que ia dar no alto da serra.

Em certa distância, Ricardo parou e disse:

— Só sinto ter ficado minha garrucha! Podia mandar *Amigo* buscá-la, mas pode chegar alguém e ver o rumo que ele toma.

— Só mandando, opinou Felipe.

Ricardo sentou-se, chamou o cachorro em voz baixa. O animal veio contente. O mineiro tomou a garrucha de Felipe, mostrou-a ao cão, esfregou-lhe as orelhas e ordenou:

— *Vai buscar o perdido!*

O cão partiu correndo. Os dois continuaram o caminho. Em poucos minutos *Amigo* os alcançava, trotando com a pistola atravessada na boca, como se fosse um osso.

Ricardo acariciou-o com entranhada afeição.

Se tivesse demorado mais, o cão seria visto. Ao tempo que entregava a arma, alguns vultos se aproximavam cautelosamente do terreiro, onde alguém gemia de espaço a espaço.

Eis o que sucedera, ocasionando a vinda dessas pessoas:

Quando o imprudente apenado derribou a porta, o inspetor José Calixto passou para a retaguarda do grupo, que avançou, e um apenado que estava vestido de roupa da mesma cor, foi o que recebeu no peito toda a munição do clavinote de Felipe. José Calixto correu até à sua casa e outros o imitaram, tomando rumos diversos. Ao chegar em

casa, José Calixto encontrou sua mulher chorando, porque ouvira os tiros, entrou esbaforido, afirmando convictamente:

— Estou ferido; estou mesmo todo baleado! Que desgraça!

A mulher aproximou-se, solícita e chorosa:

— Meu Deus! Onde pegou a bala, seu José?

— Sei lá, mulher! Sei que estou “chumbado” e ensanguentado!

A mulher alumiou cuidadosamente, sem ver sinal de sangue, e convencida de que nenhum chumbo ou ferro furara os intestinos do marido, ela fez:

— *Fum!*... Seu José? Você veio *chumbar*²²⁴ a gente! Se isso... fosse sangue de veras... “entonce” você estava morto mesmo! *Fum! Fum!* Vá se lavar e mudar a roupa, antes que chegue gente, homem dos meus pecados!

— Cala a boca, mulher! Que a coisa está feia lá!

— Sim; mas vá se lavar. Quem não pode com o tempo não inventa moda. Si você não tem “corage”, pra que aceita esses “emprego” de prender criminoso?

O José Calixto foi ao riachinho, levando roupa limpa, e minutos depois voltava limpo, mas tremendo de frio e medo. Neste estado procurou o fogo da cozinha. Dentro de meia hora bateram na porta, gritando:

— Seu Zé Calixto! Seu Zé Calixto!

A mulher abriu a porta, mas recuou aterrada:

— Seu José! Venha ver o que é sangue! “Mané Paulista” está todo lavado de sangue!

O apenado entrou, pedindo algum remédio e panos.

— Depressa, que está me escurecendo a vista!

O inspetor acudiu:

— Que é isso “Mané”?!?

— O Sr. deixa a gente só e ainda pergunta, seu Zé Calixto?! O que sei é que matei o negro! De longe eu vi cair, e João Mandinga gritou que o “home” estava morrendo e eu corri.

²²⁴ O termo *chumbar* havia sido utilizado pelo inspetor com o sentido de baleado, alvejado; ao verificar que isso não acontecera, sua mulher emprega o termo *chumbar* na acepção de enganar. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p. 105).

— Valha-me Nossa Senhora! Exclamou o inspetor. Estou perdido! Meu amo, sô coronel Rocha mandou dizer pra o Xique-Xique que prendesse o “home” com jeito! Que é que eu faço agora?!

— Não sei; eu também estou muito ofendido! dizia o apenado.

A mulher tinha colhido no quintal folhas de algodoeiro e de capim-açu, e pisava-as no almofariz.

O inspetor tirava fios de uma ceroula velha. Veio a mulher, examinou os ferimentos. Não pareciam graves. Espremeu sumo, assentou fios. O homem pediu água para beber.

Bateram outra vez na porta. Eram os apenados da porta do fundo, que andaram extraviados por manha, e vinham chegando, escabriados, tristes. O inspetor chamou-os de parte, dizendo:

— Pois não mataram o homem e o camarada?

— Ahn! Nós bem “sabia” disso e por isso “corremo” pra não comprometer a “vancê”. “Dispois nois samo desconhecido, nem ao meno conhecemo os cumpanheiro, cumo podia brigá sem saber?”

— É isso mesmo, vocês “procedeu” com juízo, dizia o inspetor levando os apenados para mais longe da porta. Agora, eu quero um serviço de vocês, mas ninguém há de saber, porque é pra bem de nós todos. Antes de “amanhecê é preciso fazê desaparecê os cadave dos defuntos”. E eu boto na minha parte de “espeto” pra o juiz que o “home” fugiu e o camarada. Tem atrás da casa uma boca de gruna.

— Tá bom, isso nois fais, responderam os quatro apenados, e seguiram para o lugar do conflito.

Eram os vultos que se aproximavam cautelosos e foram pressentidos pelo cão.

Ao chegarem no terreiro, viram logo dois cadáveres. Os cabelos de cada um se arrepiaram. Ouviram mais abaixo alguém em estertor. Quiseram correr, porém um mais animoso impediu a fuga. Acudiram ao agonizante. Não o conheciam e embalançaram-lhe o corpo chamando-o *irmão*.

O moribundo abriu os olhos e disse apenas:

— O cachorro... me matou!

— Pois lembra o nome de Jesus, exaltou o corajoso.

O homem expirou.

— Agora vamo vê a gruna primeiro, disse outro.

Atrás da casa encontraram, a pequena distância, o que procuravam. Atiraram uma pedra. Era funda a gruna. Carregaram os cadáveres, um a um, e do modo mais bárbaro atiraram-nos ao fundo do precipício.

Depois desse trabalho, fugiram à longa-perna, enquanto o da frente afirmava:

— Nos Lançó ninguém nos pega!

XXIV

Três dias depois da sinistra diligência policial ao Coisa Boa, corriam no Xique-Xique e na Passagem, os mais desconhecidos boatos.

O próprio subdelegado do distrito ignorava oficialmente quanto ocorrera.

Quem lhe podia melhor informar era o inspetor José Calixto; esse, porém, tinha desaparecido no dia imediato ao conflito. Nesse dia, o pobre homem escrevia a sua parte oficial, tão cheia de inverdades, quanto recheada de erros ortográficos, quando o aparecimento do último ferido veio restabelecer a verdade, lançando-o num estado de irresolução, do qual aliás saiu logo, graças aos gritos de vingança dos parentes, preparando-se para cobrar na pele do José Calixto a falta dos três apenados mortos.

Mas para o povo da Passagem, não foram vitimadas somente pessoas da diligência. A multidão de urubus, pairando no alto da serra do Coisa Boa, durante dias, faziam crer no boato insistente, segundo o qual morreram, depois do conflito, o mineiro, o camarada e o cão formidável, em consequência dos graves ferimentos recebidos na luta; e coisa singular, mas não admirável, a maior parte das pessoas cientes do fato, manifestava mais dó pela morte do cão valente e fiel, que estrangulara dois apenados, defendendo o *senhor*, do que pelas vítimas, e pelo próprio dono e camarada.

Entretanto, no seio dessa população indiferente ao infortúnio alheio, havia alguém que lastimava, em secreto, a sorte infeliz de Ricardo Brandão. Desde que souu a primeira notícia, Maria Dusá percebeu que a sua simpatia pelo mineiro era mais poderosa do que seu ódio, originado mais de certo ciúme do que de definida malquerença. Sempre que saía do quarto, estava com os olhos vermelhos. Durante esses dias, alimentava-se de café. Os escravos atribuíam esse estado ao prejuízo da *senhora*, como credora do mineiro, e justificavam menos a quase indiferença de Mariazinha que nem sequer rezara um *Padre-nosso* pela alma de Ricardo. Apenas alguns julgavam-na desobrigada, como ela se julgava também, em virtude da injúria que ele lhe infligira, e, só atendendo ao desenvolvimento de sua mania de luxo e riqueza, cuidava no feitio de vestidos novos, com que Dusá a mimoseara.

Houve uma hora em que Dusá se aproximou da mesa de costuras, e perguntou à sua protegida, em tom de censura:

— Minha Santa, não lhe dói o coração pela morte do moço, não? Você não tem dó, não?

— Eu, não! Pra que hei de mentir? Tive um bocadinho de pena só no princípio. Depois me lembrei da injúria que ele me fez... e depois, favor alegado, favor resgatado.

— E pra que conserva essa medalha?

— Ora! Por enfeite! Respondeu Maria.

— Você quer outra mais bonita por ela? Perguntou Dusá.

Mariazinha levantou a vista da costura, olhou sua protetora com um sorriso inocente e respondeu, corando:

— Não precisa outra, minha Santa. Já lhe devo tanto, que, mais cara que ela fosse eu dava. Aqui está, acrescentou, tirando pela cabeça o laço de veludo com a medalha.

Dusá recebeu a lembrança do mineiro, dizendo:

— Agora todo o mundo ficará sabendo que ele comprou foi a mim, e você, minha Santa, fica livre das más línguas, não é?

— Pra que isso? perguntou Maria, com uma inocência vizinha da idiotice.

Dusá foi ao seu guarda-joias, trouxe uma medalha com pequeno brilhante cravado, e entregando-a, já presa ao veludo da outra, disse:

— Agora, tome esta, para você se lembrar somente de mim.

— Ah! Esta sim, que é bonita e rica! Disse a moça, contente e amarrando ao pescoço o veludo com a medalha. Quem tem muito, não faz caso de nada! Esta sim! Toda a vida eu guardarei como lembrança de minha Santa!

Dusá voltou ao seu quarto, pensando:

— Ou tem coração duro, ou é tola demais, coitadinha!

Tirou de um bauzinho de folha-de-flandres envernizado, uma fita estreita de veludo preto, enfiou-a na argolinha da medalha, e dando um lacinho de gravata, com as pontas da fita passada ao pescoço, reconstruía, mentalmente, as belas feições do inditoso mineiro, dominado pelo amor e paixão ao entregar aquela lembrança, destinada a uma irmã. Mais viva ainda, acordava-lhe a lembrança do primeiro e único encontro que ela, Dusá, tivera com ele, e a funda impressão de simpatia que sentira, principalmente quando ele lhe perguntou por aquela medalha. Ah! Se fosse possível encontrá-lo agora, com a lembrança assim à vista!

Nisto, terminava o laço e, voltando-se para a nuca, puxava para a frente a medalha, de modo a ficar entre os seios cor de jambo.

Isso feito, ajoelhou-se ante o oratório, apoiando a testa sobre as mãos cruzadas à borda da banca, sobre a qual estava o nicho.

Não chorava, não gemia; porém rezava contrita e dominada pelo dó e afeição de que são capazes somente as almas boas e experientes.

Por mais paradoxal que pareça, não há ente mais respeitável do que a mundana moça e bela, que ama santamente e ora, sem esperança, pelo objeto do seu amor infeliz.

Não se diz que o seu amor ou a sua dor se superiorize ao amor e ao dó da esposa virtuosa, que chora a perda irreparável do esposo amado, porém se diz que os desta são iguais aos daquela notando-se apenas que, enquanto os excessos da afeição e da dor conjugal podem ter por base o hábito de convivência, possibilitando, às vezes, o lenitivo

de um segundo consórcio, os da mundana se sobrederam com a intensidade e a abnegação, pelo conhecimento que tem do mundo e das coisas que despreza.

No evangelho cristão, onde a lei divina tem por base o amor, é o pranto de Madalena²²⁵ que orvalha o tronco da árvore redentora, como se o Divino Mártir predeterminasse, por este símbolo que a santidade dum afeição ou dum dor só se afere pela pureza consciente de sua origem toda espiritual.

E Maria continuava a orar, e a sua dor, era santa, porque agora lhe parecia amar em espírito.

Bem pouco sabe do coração humano, quem nunca um dia se ajoelhou sozinho.

Há nessa atitude humilde, não sei que magnética influência no mecanismo fisiológico, que o espírito se eleva, quando o indivíduo voluntariamente se prosterna sobre os joelhos.

Qualifiquem de autossugestão esse exaltamento por força de princípios doutrinários; mas, enquanto o altruísmo ou a caridade for a base da moral humana mais perfeita, não poderão jamais empanar o caráter de nobreza dessa momentânea alienação do eu material.

Continuando a orar, Maria supunha-se em estado de viuvez eterna. A medalha, que trazia ao colo “fora” um presente de núpcias.

Alguém caminhando de manso na sala, despertou-a desse sonho.

Era Ritta, que ao observar a senhora orando, disse, intencionalmente, em voz baixa e pondo-se de joelhos, à porta do quarto:

— Eu também tenho rezado pela alma *dele* essas noites; porém não faz mal rezar outra vez!

Depois de algum tempo, Maria levantou-se. A escrava persignou-se, levantando também.

— Sinhá, disse a governanta, eu mesma fiz um caldo de frango...

— Sim, eu vou tomar, atalhou Maria, e mudando de tom perguntou: —Tu tens pena *dele*, Ritta?

— Ou, Sinhá! Pru quê não “há” de ter pena dum cristão comido de urubu?! Eu nem gosto de pensar. Também sou mãe! E cumo não ficará o coração dessa mãe, quando soubé da sorte triste desse fio!

Maria levou o lenço aos olhos.

²²⁵ *Madalena*: Maria Madalena, personagem bíblica; é a prostituta convertida por Jesus que a preserva de todo julgamento humano. Essa menção a Maria Madalena é oportuna e enriquecedora se a ligarmos à “regeneração” de Maria Dusá. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p. 108).

— Assim mesmo, estão também dizendo na rua que *ele* foi jogado, ainda *quente*, Sinhá, num “buraco” muito fundo, atrás da casa! Mas isso não é certo. O certo eu acho que é o que se encontrou em cima da serra!

Maria sentou-se na cama, e com um sorriso dolorido, murmurou:

— Então, Ritta?! Desta vez Maravilha se enganou, hein? Esperei, sofri, tive prejuízo, que eu não sinto...

— Ah! Sinhá! Mas quem podia pensar uma coisa assim? Sinhá acha outro...

— Comigo não é assim, não, Ritta. Isso de simpatia, não está na vontade! Além disso me parece que meu espírito era casado com o dele, e que agora estou viúva, e viúva morrerei.

— Uai! Não fala em morrê, não Sinhá!

Mariazinha, na sala de dentro, começou a cantar um trecho de moda.

— Esta, Sinhá, aquela sim, esquece como o vento que passa!

— É tola coitadinha! Não conhece a vida e o mundo! — Observou Maria.

— Tola, Sinhá! Tola, Sinhá! Hum! Pois então, faz poucos dias que morreu o pobre que “socorreu ela”, nem lembra! Deixou pai e mãe, nem fala! Disse que esse moço matou a fome dela; quis bem a ela; morre duma desgraça assim, tá cantando! A moça tem a vista alegre demais! Só fala em “luxá” seja cuma fô. Sinhá há de ver! Ela lhe dá ainda um desgosto! — Concluiu a escrava convictamente.

— Mas eu terei sempre pena dela, coitada! Revidou Maria.

— É porque Sinhá tem um coração bom! Respondeu a escrava.

— É porque ela é dos lados da minha terra. Nasceu e criou-se perto do lugar onde eu nasci e me criei e é uma desamparada.

A escrava baixou a cabeça como a se recordar dalguma coisa, depois levantou-se com presteza, dizendo:

— Sim! Estava esquecendo de dizer à Sinhá uma notícia que eu não sei se é certa. Francisco veio da rua inda agora, dizendo que sô Antônio levou uma queda no garimpo, que está muito doente!

— Quem disse a Francisco? Perguntou Maria assustada.

— Ele “viu” falou que o sô Manoel Pedro veio na botica e comprou arnica e “balso”.

— Quando veio Manoel Pedro?

— Acho que foi ontem, Sinhá!

— Qual! Se sô Antônio estivesse doente assim, mandava-me dizer. Pode ter levado alguma queda, mas não está tão doente, afirmou Maria, tranquilizando-se.

— Agora, Sinhá, o caldo? Já é de tarde!

— Vá buscar e deixe sobre a mesa de jantar. Vou já.

A escrava saiu.

Maria dirigiu-se ao toucador e por um sentimento de faceirice, peculiar ao organismo feminino, ficou a olhar para o espelho a fim de verificar se a medalha e a fita ficavam bem. Após alguns instantes, saindo do quarto e tendo levado aos lábios a medalha, disse baixinho:

— Coitado! Não sabia onde ela devia parar!

XXV

Menos áspero seria o caminho da virtude, se, além dos combates aos nossos maus pendores, não se tornasse preciso combater alheias resistências, de modo vário opostas, obrigando-nos a delinquir para evitar delitos maiores.

Desde Xique-Xique começara a luta de Dusá. Já não eram os detratores gratuitos, os inimigos que ela temia. Eram os seus adoradores, velhos e novos, que lhe constituíam sério obstáculo.

A mudança de lugar não bastou. Adotou hábitos modestos; vestia-se com simplicidade; raras vezes era vista; ainda era pouco.

Apelou para a mentira. Fingiu-se doente de mal incurável; estabeleceu o costume de se fechar cedo, às primeiras horas da noite; então descansou; porém, durante o dia, tinha de ouvir, de lenço atado à cabeça, as declarações dos resignados e esperançados.

Depois da notícia da morte do mineiro, nem essas quis mais ouvir, porque conservava a porta fechada, dia e noite.

Os escravos transitavam pelo portão. Ao prejuízo das letras, pagas ao Bebé e ao Victor, atribuíam os bisbilhoteiros o nojo²²⁶.

Ao terceiro dia, dormiu cedo, resignada com aquisição da medalha, que considerava já como um amuleto contra tentações carnis.

Com ela ao pescoço, supunha-se obrigada a respeitar a sombra de um morto, principalmente com a tenção que fizera de se mudar para o sertão alto.

Cerca de nove horas da noite, Ritta entrou na alcova e chamou em voz baixa:

— Sinhá! Sinhá!

Maria acordou assustada, perguntando:

— Que é, Ritta?

— “Fala” baixo, Sinhá! Sô Antônio está aí no quintal. Ele disse que quer “falá” com Sinhá sozinha! — Respondeu a escrava, espevitando a lamparina.

— *Oxente!* Pra que esse mistério? Ele não estava doente? Que hora é esta? Perguntava Dusá sem dar tempo a responder.

²²⁶ *Nojo*: de origem portuguesa, de Portugal, o termo significa luto, tristeza, desgosto.

— É cedo, Sinhá. O relógio deu nove. Aqui em casa, só sá Mariazinha é que tá drumindo agora. Sô Antônio está com a cabeça amarrada, e todo enrolado em baeta, que parece negro fugido.

— Isso é diamante grosso que achou, observou Dusá.

— Não sei, Sinhá; mas ele tá alegre.

— Mande-o entrar para a sala de jantar, que eu já vou.

A escrava saiu.

Dusá “arranjou” o cabelo às pressas, abotoou uma batina escura, e dirigiu-se para a sala de jantar; onde encontrou Antônio Roxo.

— Boas noites, D. Emerentina! Saudou ele em voz baixa.

— Boa noite! Respondeu ela, perguntando logo: Ainda está doente? Que novidade é essa?

O garimpeiro riu, e disse:

— Eu nunca estive doente. É uma mentira de precisão pra poder mandar comprar na botica, porque apareceu lá no rancho uma complicação...

— Complicação?! Interrogou Maria, tornando-se pálida.

— Quero dizer, uma gente complicada, que está muito doente...

— Já sei! Bem o coração me dizia e eu não acreditava! É o moço...

— Fale baixo, dona! É ele mesmo e o camarada.

— Está muito ferido, ele? Escapará? Perguntou Maria com aflição.

— Está muito ferido, mas pode escapar. E o camarada também perdeu muito sangue, dos talhos que levou, mas está mais forte.

— Estão no seu rancho? Como foram esbarrar lá sô Antônio? Diga! Como se salvaram, meu Deus?

— Salvos, não estavam, não, que a justiça, quando persegue, não faz graça. Por isso, é que preciso muito segredo, pra o moço ficar livre, se escapar com vida; senão vosmecê perde o cobre.

— Não me lembro disso. Mas estão no rancho?

— O moço não quis ficar no rancho, porque pensou que o garimpeiro é de vosmecê, e foi bom...

— Oh! Ainda ele me odeia? Interrompeu Dusá, mais pálida ainda.

— Não, senhora. Ao contrário, diz que tem vergonha do que fez, principalmente pelo que escreveu, já meio “chumbado”²²⁷ e por conselho da sujeita que estava em casa dele. O moço tem “opinião” e é “sentido”, Dona. Pelas conversas, ele está mais arrependido de ter ofendido a vosmecê do que à *outra*, que ele diz ser *falsa*.

²²⁷ *Chumbado*: nesse contexto, o termo é empregado com o sentido de bêbado, embregado.

— *Falsa?* Inquiriu Dusá, sem ocultar seu pasmo.

— Falsa, porque ele diz que nunca a viu, e sim a vosmcê.

— Talvez ele tenha razão, coitado, noutra sentido, porque minha Santa não quer mais saber dele. Mas continua enganado, porque a mim é que ele nunca viu. Que engano aborrecido! Concluiu Dusá, tornando-se pensativa.

— Mas deixe-me contar de princípio. Na madrugada da véspera de S. João, em que eu fiz o tal sujeito apanhar o caminho dos Lençóis...

— O Alfaiate foi pra os Lençóis? Interrogou Dusá.

— Foi, sim, senhora. Eu segui para o garimpo a fim de desenganar do canoão, onde estava aparecendo visagem. Hora de almoço, nesse dia, estava Manoel Pedro arrebrandando um “costelão”, para ver se achava cascalho debaixo, quando eu vi apontar um homem armado, com a roupa suja de sangue, e depois outro, nas mesmas condições, e um cachorro. Fiquei logo de pulga na orelha. Quando chegaram perto, foi que eu conheci o mineiro.

— Que é isso, sô Ricardo? Perguntei.

— “Trabalho dos homens, respondeu ele; quiseram me prender e eu resisti, porque sabia que era homem morto se me entregasse. Mas devo a vida abaixo de Deus a este amigo” e apontou o camarada Felipe, que veio com ele de Minas.

“Mas quem fez maior estrago, continuou ele, livrando nós dois da morte certa, foi este cão, que sangrou dois sujeitos. Viemos subindo a serra, devagar, porque temos deitado muito sangue. Vamos por aqui procurando um lugar onde a gente possa, ao menos, morrer descansado”.

— Isso não, disse eu. Os senhores podem ficar aqui, porque o rancho é de pobre, mas é de gente que não trai.

— “Muito obrigado, respondeu o mineiro; mas aqui é o garimpo de uma pessoa que tem toda a razão de não gostar de mim. Além disso não devemos procurar complicação para os outros”.

— Pois ainda assim, disse eu, os senhores não hão de morrer à míngua. Eu vou ensinar uma gruna aqui perto, e onde ninguém vai. Pode confiar, sô Ricardo.

— “Eu já lhe conhecia de nome, antes de nos conhecer em casa de Bebê, sô Antônio, respondeu ele. E me entrego em suas mãos”.

— Essa franqueza do homem me cativou, Dona Emerentina. Mande logo Manoel aqui buscar arnica e bálsamo, e que ele dissesse que era pra mim. Conduzi os feridos pra gruna, atrás da lapa onde estou, mas do outro lado da serra. E nesses três dias é que nós temos conversado o que eu já disse, nas horas da comida e tratamento. Mas agora eu vim pedir recurso de roupa de cama, porque o homem já apareceu com uma febrezinha, que tem me dado pó...

— Não só a roupa de cama, como o que for preciso, conte comigo, atalhou Dusá. Somente não quero que ele saiba disso, nem do negócio das letras.

— Não saberá por mim, asseverou o garimpeiro. Agora mande vosmcê preparar e enrolar a roupa, que eu vou falar com a velha Mafalda, minha vizinha, e em quem tenho muita confiança, pra ir tratar do moço, lá na gruna.

— Muito bem, apoiou Dusá. Neste caso mande que ela vá junto com Joaquim. Você volta e continua doente. Todos os dias Joaquim irá pedir *notícias suas*, já sabe.

O garimpeiro despediu-se e saiu pelo portão, depois de verificar que a rua estava deserta.

Ritta veio logo à Maria:

— Sinhá, eu acho que sá Mariazinha ouviu tudo!

— Não disseste que ela estava dormindo? Inquiriu Dusá, apreensiva. Vai ver se ela está acordada.

— Vou; porém Sinhá olhe pra o telhado. Se aparecer minha sombra, foi a sombra dela que eu vi andando.

A velha entrou devagarinho no aposento da moça. Esta ressonava, toda coberta. Ao voltar, Dusá perguntou:

— E tu viste mesmo sombra no telhado?

— Vi, Sinhá.

— Entra agora no meu.

A escrava foi até à cama de Dusá. E, como fizera no outro aposento, esquadrinhou todos os cantos.

Maria olhava para o telhado. Quando Ritta voltou, ela inquiriu:

— Até onde veio a sombra que tu viste?

— Até ali, Sinhá! Até ali! Afirmava a velha, apontando convictamente um ponto do telhado.

— Então, foi ela! Concluiu Dusá, franzindo os supercílios. Mas que interesse tem ela em escutar ou ver o que se passa comigo?

— Não sei, Sinhá. O que sei é que essa criatura dá um desgosto aqui em casa. Eu não sou enredeira; mas se “sai” alguma coisa da conversa, Sinhá pensa que é “nois, e que castiga sem razão²²⁸”. Assim, fica sabendo.

— Não haveria engano de tua vista, não Ritta? Indagou Maria, querendo se amparar a uma dúvida, porque lhe doía ter de repreender a moça.

— Eu não me enganei, Sinhá! E tanto que a sombra batia com a mão fechada, como quem esmurra, quando sô Antônio falou que o moço não se importava de ter ofendido ela.

Maria corou e empalideceu, sem dizer palavra, meditando.

Depois lembrou-se da andaina de cama e disse baixinho:

²²⁸ Neste trecho do romance podemos observar que, embora Dusá e Ritta mantivessem uma relação de proximidade e afeição, a escrava era tratada dentro da mesma estrutura opressiva da escravidão que os demais, sujeita à castigos físicos e psicológicos, condições de trabalho degradantes, privação de locomoção, entre outros.

— Mete num saco o colchãozinho, que eu vou tirar cobertas, lençóis e fronhas pra dois travesseirinhos.

A governanta entrou no quarto em que dormia, e Dusá dirigiu-se para o seu, onde abriu uma arca, e daí tirou, escolhendo, as peças de que precisava.

Em sua vida, apesar da impressão que a dominava, jamais sentira emoção tão plácida e ao mesmo tempo indefinível, como nesse momento, em que figurava de irmã de caridade.

Ritta veio tomar a roupa e “vestir” os travesseiros.

Alta noite, Antônio Roxo mandou a velha Mafalda bater no portão de Dusá, para chamar Joaquim, e foi esperá-los no caminho.

XXVI

Maria Dusá acordou tarde, quase à hora do almoço, porque, somente pela manhã conseguira adormecer, apesar de se ter recolhido ao quarto à meia-noite. Três foram as causas da insônia: incerteza do restabelecimento do mineiro; persistência do engano (porque ela não queria ser amada por semelhança); e a espionagem de sua protegida. Por tudo isso foi doloroso ainda o seu despertar, principalmente sendo, por delicadeza, obrigada a se mostrar amável e alegre com uma criatura a quem oferecera proteção, e que estava de poucos dias em sua casa. Só esse pensamento lhe constituía um martírio. Fingir era coisa contrária a seu gênio. Mostrar-se desconversável, era uma grosseria que lhe repugnava, porque não tinha uma prova decisiva contra a moça. Nesta alternativa, sem querer sair, como de costume, para banhar o rosto, no lavatório da sala, chamou Ritta.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Sinhá — saudou a governanta, abreviando a pronúncia como era de uso.

— Pra sempre, respondeu Dusá, ordenando em seguida: traz água aqui, Ritta.

E ficou passeando no quarto, escovando os dentes com o macio “areador” de salsa, enquanto voltava a escrava.

— Está aqui, Sinhá. Está mornazinha, dizia Rita, apresentando a bacia de rosto, com a toalha no ombro.

— Onde está minha Santa? Perguntou ela arregaçando as mangas do vestido.

— Tá cosendo no quarto, Sinhá.

— *Ou!* Exclamou Dusá. Mudou hoje da sala?

— Sei lá? Sinhá? Hoje, nem café ela quis!

— Por quê? Alguém molestou-a? Inquiriu Dusá, tornando-se vermelha.

— Ninguém buliu com ela, não. Ela disse que não queria café, enquanto Sinhá não se levantasse. Eu perguntei que é que tinha tomar primeiro. Ela disse que sendo uma “agregada” aqui em casa, não devia tomar primeiro que Sinhá.

— Mau, mau! Exclamou Dusá, lavando o rosto apressadamente. — Assim não está direito! Vou já brigar com ela, porque eu quero que viva aqui como uma irmã.

Intimamente Maria estimava encontrar um pretexto para se mostrar expansiva com a sua protegida, de quem, nesse momento sentiu-se mais compadecida do que nunca.

— Espera que eu vou já brigar com ela! Repetia Dusá (depois de enxugar o rosto e “passar” o pente no cabelo), ao atravessar o corredor.

— Que é isso, minha Santa? Por que não quis tomar café? Perguntou ela, entrando no aposento de Mariazinha.

A moça levantou os olhos da costura, encarou Dusá com um triste sorriso de lábios secos, e disse:

— Eu sou como uma agregada sua, minha Santa! Como é que vou tomando jeito de dona da casa?

— Mas você não é agregada aqui, já disse, retorquiou Dusá. Você viverá aqui, como se fosse minha irmã. Assim é que eu quero!

— Não pode ser sempre assim, minha Santa! Aqui está: ainda esta noite, eu acordei com sede, vesti, cheguei até aí na porta, mas ouvi fala de gente estranha, corri e fui me deitar outra vez. Felizmente peguei logo no sono e só acordei de manhã. Eu sabia lá quem era? Eu podia interromper a conversa dos outros?

Um relâmpago de alegria passou pelo espírito de Dusá, vendo justificada a moça por uma confissão espontânea, ingênua e ao mesmo tempo num tom melancólico e resignado, que despertava dó.

Não se conteve. Abraçou a moça com olhos úmidos, dizendo em voz branda:

— Pois fez mal em dormir com sede, sem precisão. Não era gente de mais que estava aí. Era sô Antônio Roxo, que é para mim como um pai, e eu o auxílio também, como se fosse filha dele. Está doente, e veio me pedir recursos. Além disso, você podia chamar Juliana, Ritta, ou Sofia para lhe dar água... ou pra outro serviço qualquer, pode chamar a qualquer hora...

Rindo baixinho, com faceirice diabólica, Mariazinha atalhou:

— *Eh, eh, eh... meu bem!... Não pode... não!...*

Ao ouvir a risada e o ditado de Supi, tão bem reproduzidos, pareceu a Dusá ver um anjo transformado em demônio, e, abrindo os braços que mantinha em volta da cintura da moça, levou as mãos à cabeça, como se lha tivera, de repente, tocado a asa duma ave agoureira e exclamou:

— Misericórdia! Com quem aprendeu esta risada moça?!

— Eu ouvi no Xique-Xique, respondeu Mariazinha, com a cara mais ingênua deste mundo.

— Pois não repita essa risada, minha Santa! Não lhe assenta rir assim. Essa risada com esse ditado são duma perdida como eu, porém a criatura mais perversa que o sol cobre, admoestou Dusá.

— E você é perdida, minha Santa? Perguntou a moça, piscando, como se o rosto de Dusá fosse um foco de luz viva.

— Para mim, fui; para o mundo ou a sociedade ainda sou uma perdida, e por isso sou infeliz...

— Ai! quem me dera ser infeliz assim! Atalhou Mariazinha.

— Meu Deus do Céu! Que modo de pensar é esse, minha Santa? Você hoje não está com o juízo certo, não!

— Muito certo! Retorquiou Mariazinha, olhando-a de frente.

— Então você não é mais “moça”²²⁹! Bradou Dusá, num assomo de súbita indignação. Se fosse, queria se casar e não ser...

— Sou “moça”, revidou Mariazinha, com a calma de parteira abalizada; mas enquanto estiver aqui, não me caso!

— Por quê? Inquiriu Dusá, apertando as pálpebras, e franzindo os supercílios.

— Porque eu acho você tão bonita, minha Santa! E já lhe quero tanto bem... que chego até... *pecar!* — Respondeu a moça envolvendo Dusá num olhar frio.

Dusá corou até à testa, enquanto a moça, numa palidez histérica, rasgava um retalho da madapolão, nos dentes. A mundana aproximou-se e perguntou com voz abafada:

— Pecar... Como?...

A moça afastou-se, e riu baixinho, como ave nova a ensaiar gorjeios próprios da família:

— *Eh, eh, eh, diá! Aí é que está os ah, ah, ah, ah!*

Ouvindo, fielmente reproduzida, a risada que lhe dera o nome que ela agora odiava, Dusá levou a mão ao queixo, exclamando:

— Coitadinha! Está ficando doida varrida! E agora, com quem aprendeu essa risada? Porque aqui ninguém ri assim...

— Com a *Santa* mais bonita que eu já vi, no Xique-Xique. Foi assim: eu tinha chegado com mãe Rosa, aí num dia, e no outro, de noite, houve um pagode na casa da tal *Santa*, que ria assim. A voz dela, até hoje, não me saiu da memória.

²²⁹ *Moça*: nesse contexto, o termo é utilizado na acepção de virgem, mulher donzela.

— Sim, objetou Dusá, porém, lembre-se que a tal *Santa morreu*, ficando mulher que pensa agora doutra forma!

— *Qual morreu!* Exclamou Mariazinha. Maria... *dos... às* é agora mais bonita do que era!... só essa covinha no queixo, que eu não tenho... essa sobrelha que parece pintura...

— Você está doida, deveras?!... exclamou Dusá vermelha já, outra vez, sentindo perdida sua força moral sobre a protegida.

— Está bem! Estou brincando! Não se zangue, não, minha Santa! Prometo que não falo mais tolices! Me perdoe! Mas, agora é sério: se eu fosse rapaz só me casava com você!

— Eu é que não me casaria com um doido de sua espécie! E deixe-se de asneiras! Intimou Dusá.

— Eu lhe prometo que muito em breve minha Santa não me chama doida mais...

— Porém chamo feia, se continuar a me chamar bonita.

— Bonita! Insistiu o anjo-demônio.

— O café está na mesa, Sinhá, avisou a governanta, chegando à porta do quarto e retirando-se em seguida.

— Vem tomar café, *feia!* Convidou Dusá.

— Vamos, *bonita!* Respondeu a moça.

Dusá entrou na sala com cara de riso, mas as orelhas pareciam verter sangue.

Exceção feita dos que trazem cilícios, ou lançam cinzas sobre a cabeça, não há ninguém que odeie de coração um elogio, quando sinceramente externado, ainda que por um monstro, em referência a uma qualidade possuída. E se, por alguma conveniência, reprova, só os lábios reprovam.

Como protetora espontânea e desinteressada, Dusá sentia que essa intimidade, ex- abruptamente procurada pela moça, fosse, na vida comum, uma causa de constantes desgostos. Temia que nesse mesmo instante, à mesa, tivesse de ralhar com a moça pela repetição de algum dito inconveniente, à vista das escravas. Entretanto durante essa primeira refeição, que não era simples café, Mariazinha mostrou-se com recato e até apoucamento dos dias anteriores. Apenas contou com a mesma ingenuidade à Ritta, dando a entender que já o tinha feito à Dusá, o fato de ter se levantado à noite com sede e de ter adormecido logo, quando viu que não podia sair.

— Pois custava me chamar, sá Mariazinha? Perguntou Rita, lançando à moça e à Sinhá um olhar de dúvida.

— D'agora em diante poderei chamar, porque minha Santa ralhou comigo.

— Ralhei mesmo, afirmou Dusá, continuando a tomar café.

Terminada a refeição, Mariazinha foi para o quarto coser, enquanto a dona da casa se dirigia para a sala de visitas, cujas janelas abriu, conservando as rótulas descidas.

Ritta espanejava móveis, pois que a sala fora varrida pela manhã.

— Sinhá acreditou naquela conversa de sede? Inquiriu ela.

Dusá encolheu os ombros, e continuou a reunir as pétalas de uma rosa, que tinha começado, em aprendizagem com a protegida.

Juliana chegou na porta e disse que Joaquim queria falar à Sinhá.

Esta ficou alvoroçada e ao mesmo tempo receosa de má notícia, porém ordenou que o escravo viesse à sala.

— Então? Melhor ou pior? Indagou ela, depois de responder à saudação do escravo.

— O “curadô” que tá lá, diz que tá mió, Sinhá!

— E por que te demoraste assim?

O velho escravo riu-se discretamente, rodando com as mãos, vagarosamente, o chapéu de couro luzidio de unto, e exclamou:

— Ué! Foi gosto do moço, que o “curadô” disse que não se deve contrariar, senão a febre “vorta”. E Sinhá tamem teve culpa! Eu vinha de manhã, mas...

— Culpa de quê? Perguntou ela intrigada.

— Ué! Pois Sinhá mandou roupa tudo com nome, cuma é?!

De fato, lençóis, fronhas, toalhas, tinham, a linha vermelha, esta marca: *Maria E. Alves*.

— E eu que não me lembrei disso, senão tinha cortado! Também eu estava tão alheia de mim mesmo... Mas, daí? Que é que houve? Perguntava Dusá.

— Daí, que houve é que o moço só deita de bruço, porque o ferimento foi na costa, e quando deitou leu o nome de Sinhá, e disse que agradecia muito a caridade; que Sinhá pagava com bem o mal que ele tinha feito; e daí disse pra sá Mafalda, que Sinhá não é Dusá, não; é dos *Arve*, da Lagoa Seca; que conheceu muito, pai, mãe e irmão de Sinhá, e daí perguntou o nome do portador, mandou me chamar pra ele dá o conhecimento ao cachorro dele.

— Pois cachorro é gente, pra conhecer? Perguntou Dusá, disfarçando o despeito e rindo, no mesmo tom de voz baixa.

— Hum! Cachorro do home só farta falar, Sinhá! Eu fui, dei sós Cristo, e ele chamou: — *Amigo!* Cachorro levantou a cabeça (um cabeção que faz medo), e ele disse, apontando pra mim: — Joaquim! Joaquim! — Cachorro pegou a me mirá do pé à cabeça, tomando faro. Daí o moço disse: você vai com o cachorro até lá no rancho, bota um raminho na coleira dele e diga: — Leva a sinhô. Eu despedi e ele disse: — *Amigo*, vai! — *Amigo* me acompanhou, e no rancho eu fiz cumo o moço mandou. Aí sô Antônio me mandou comê e eu fui comê.

Dusá e Ritta estavam maravilhadas com a história do cão.

O escravo ia se retirando, depois voltou e disse:

— Sô Antônio mandou falar pra Sinhá me mandá eu lá amanhã de tarde, pra trazê *Amigo* e ele aprendê a casa, praque se precisar d'um portador ligeiro, de noite, ele vem.

— Está direito. Irás amanhã, ordenou Dusá, já aflita para ver o animal; mas ao mesmo tempo impressionada pela persistência de uma das causas de insônia na noite anterior: era, conforme o seu dizer, o *engano aborrecido*, pelo qual, só em aparência lhe eram dirigidos agradecimentos ou quaisquer sentimentos de afeição, porquanto se revivesse o amor antigo, desprezaria Mariazinha, supondo ser outra Maria, e amaria Dusá, supondo ser Mariazinha, ou Maria Alves, como a nomeava. E esse engano lhe causava fundo desgosto. Já lhe importaria menos ser posta à margem, do que ser amada em lugar de outra. Ricardo estava como um cego que recobrasse a vista e tivesse de escolher, a distância, entre duas, a mulher amada durante a cegueira. Dusá tinha medo da escolha e não se sujeitaria a ela. Além disso, não tendo ainda o amor que mata, o verdadeiro amor, ao mineiro, e sim inclinação, desejo de amá-lo, não podia ter demasiado ciúme de sua protegida, e por isso tinha antes pena dela. Era uma situação singularíssima a de Dusá, que não sabia bem se devia lamentar sua sorte ou a de sua protegida. Parecia que a cabeça lhe andava a rodar.

Levantou-se e dirigiu-se para o quarto em que Mariazinha trabalhava. A porta estava fechada; bateu devagar, perguntando a si mesma:

— Estará dormindo?

— Não, respondeu a moça, abrindo a porta.

— Pensei que estava dormindo, disse Dusá; e, reparando-lhe os olhos rasos d'água, perguntou: — Por que está chorando? Que foi?

A moça baixou a vista, apanhando a costura.

— Fale, minha Santa! Pra que faz assim? Insistia Dusá.

— Se eu falar, você ralha; assim não falo.

— Não ralho, não! Afirmou Dusá, penalizada.

— Choro, porque tenho medo que você me despreze em breve, disse a moça.

— Que loucura, meu Deus! Mas por que hei de desprezar a quem eu estimo? perguntou Dusá, já desaprumada.

— É por isso mesmo! Você me estima e eu lhe quero bem!

— Pois não está direito? Não é a mesma coisa?

— Não! Querer bem é outra coisa... Se você me quisesse bem, chamava pra um serviço, nem que fosse pra catar cafuné. Não chamava Ritta, só, que é a quem chama. E eu não sirvo de nada.

— Era o que faltava! Ter ciúme da amizade de uma escrava velha! Pois você não está me ensinando a fazer flores?

— Ora! Isso não é nada!

— Então agora é você que me cata cafuné, chasqueou Dusá. Mas fique sabendo que, quando eu quero, RiTta agUenta até eu dormir. Quer assim?

— Nem que seja a noite inteira!

Dusá retirou-se, pensando em tão esquisita amizade.

Era hora do jantar. E servido ele, sentaram-se as duas amigas. Mariazinha, entretanto, não despregava os olhos de Dusá. Estava fascinada ou desejava fascinar.

À noitinha, Venâncio e Francisco vieram entregar o dinheiro do jornal. Sophia trouxe, do quarto de engomar, o tabuleiro cheio, entregou à governanta, que, aliás, tinha mais vontade de dormir do que de guardar a roupa nos baús.

Juliana serviu d'água nos aposentos de Mariazinha e de Dusá, e às oito horas a casa estava em sossego.

Dusá gastou algum tempo debruçada à janela, respirando o ar da noite, e Mariazinha trabalhava no quarto à luz do candeeiro.

Receando alguma visita importuna, Dusá fechou as janelas, acendeu um cigarrinho, e, preparando-se para dormir, chamou:

— Venha agora, minha Santa!

Em poucos instantes, Mariazinha estava junto à cama de Dusá.

Esta notou-lhe, à luz da lâmpada, a mudez e a respiração ofegante, mas não fez caso.

Acomodou-se de modo a facilitar o trabalho da outra, sentada à beira da cama, atirando fora o cigarro.

Os estalinhos começaram. Em pouco, Dusá ressonava. Mariazinha devorou primeiro com os olhos em fogo as formas esculturais da adormecida.

XXVII

Mariazinha acordou cedo, com uma expansão de ruidosa alegria. Ora trabalhava, ora passeava, a recitar versos patrióticos, que aprendera de um livrinho de D. Florinda. Mas a sua alegria, em vez de aborrecida, era comunicativa. As escravas riam-se por seus gracejos, sem demasia!

Dusá, entretida no trabalho de flores, em que desejava se aplicar, mantinha-se reservada e séria, lançando-lhe, de vez em vez, olhares langurosos.

Sobre a tarde, após o jantar, encontrando Dusá na sala, sozinha, perguntou-lhe:

— Então?... Sou doida?...

Baixando mais a vista sobre o trabalho, Dusá respondeu, depois de alguns momentos:

— Não; mas parece doente... E eu tenho pena de você, porque não se governa!

— Pois eu lhe mostro que não sou doente e me governo, retorquiu a moça.

- Estimo isso!
- Ah! Estima?
- Estimo!
- Pois vamos ver! Quem primeiro se arrepender é que não terá juízo!
- Você ainda tem coragem de falar, Mariazinha?
- Oh! Não sou mais sua Santa, não?
- Não! De hoje em diante é Mariazinha!
- E eu continuo a chamar você minha Santa! Agora vou me preparar, e quero que me deixe ir, com Sophia, pagar a visita das moças que vieram cá.

Disse, e sem esperar o consentimento pedido, dirigiu-se ao seu quarto, fechando-se por dentro.

Dusá ia se habituando às mutações repentinas daquela alma, que não podia compreender; porém, ia se convencendo, por outro lado, que sua ação benfazeja não teria o êxito desejado, ainda mesmo que sobre a moça exercesse autoridade parental. Via mesmo que era pior contrariá-la com advertências. Deixá-la ao seu destino, era o melhor partido para quem não se presumia “palmatória do mundo”.

Entretanto, essa resolução instantânea de retribuir visitas, foi muito apositada para Maria. Joaquim, tendo partido caminho da serra, devia voltar à noite, em companhia de *Amigo*. Estando a moça em casa, havia necessidade de ocultar-se à sua vista o cão, mantido na senzala ou no quintal; ausente ela, o cão ficaria na sala iluminada, onde Maria podia admirá-lo à vontade. Ordenou, pois, com semblante alegre, que Sophia se preparasse para sair com Mariazinha. Esta, depois de larga demora, saiu do quarto, como se tivesse de ir a alguma festa. Não trajava, sobre a roupa branca, mais que um vestido cor de cinza, com enfeites e laços de fita cor-de-rosa; mas, do toucado à ponta da sapatinha de fivela dourada, havia elegância tal, e era tão imponente o seu ar senhoril, que, se fosse a um baile, seria proclamada *Rainha*, segundo o uso.

E reinaria e dominaria com o despotismo da beleza. Dusá podia desaparecer, porque ficaria em Mariazinha o seu retrato. Percebendo isso, aquela ficou a contemplar sua protegida, pensando ao mesmo tempo na possibilidade de um parentesco próximo. Nada dizia, temendo as respostas de Mariazinha. Esta, porém, tinha notado uma espécie de embevecimento de Dusá, e perguntou:

- Falta alguma coisa?
- Um bom noivo, disse Dusá, baixando a vista sobre o trabalho.
- Já lhe disse...
- Está bom! Atalhou Dusá, gracejando; não é isso que eu queria dizer. Digo que está boa de dar um doce!
- E a quem então?
- A quem lhe achar bonita.
- Então é à minha Santa!
- A mim, não, que não acho; pra mim é até feia... afirmou Dusá, rindo.
- Pois quero mesmo ser feia, contanto que todas digam que você é bonita!

— Está bom, vá a seu passeio; mas diga a que hora quer que eu mande Sophia ir lhe buscar.

— Se está com tanta pressa de me ver pelas costas, não mande mais me buscar, retorquiu Mariazinha, fingindo-se enfadada.

— Oh! Criatura sem juízo! Exclamou a outra. Pois é porque está entrando o sol, que eu acho bom ir logo, pra voltar mais cedo.

— Ah! Quer que eu volte cedo? Mande me buscar quando quiser.

Apareceu a escrava, entonada do disforme “tundá” com saia de chalim, trazendo à cabeça bem entrelaçado “tum-tum” de cassa lisa, com sombra cor-de-rosa; e às pontas dos dedos dos pés trazia, que não calçava, a clássica sapatina de oleado e salto alto. Ajeitava ainda o “pano da Costa” fino, cruzando-o do ombro esquerdo ao lado direito, de modo que aparecia em ângulo a alva camisa “cerrada de rendas”, deixando entrever um seio rijo.

Juliana e Ritta saíram a “espiar”. Mariazinha transpôs a porta da rua, chamando imediatamente a atenção dos transeuntes e dos vizinhos, que “tomavam frescor”, sentados às suas portas.

Como se traduzisse o pensamento de todos, Ritta dizia, acompanhando a moça com o olhar:

— Meu Deus! Não sei como uma “gente” parece com outra assim! Até o caminhar! Eu tenho visto muita irmã que não parece com outra irmã assim!

— Minha comadre, repare também Sophia como vai bonita, dizia Juliana, cochichando ao ouvido de Ritta.

— *Uai!* Pois Sofia é peixe podre?

Dobraram a esquina próxima a moça e a criada.

Dusá mandou Ritta abrir o portão, para que, ao chegar, Joaquim não precisasse bater.

Juliana foi cuidar dos candeeiros e lâmpadas.

Quando anoiteceu, Ritta veio apressada ao quarto de Dusá:

— Sinhá! Joaquim tá aí! Trouxe o cachorro. Que cachorro bonito! Cor de vinagre, pintado de branco. Um bicho bonito, Sinhá!

Dusá estava recostada, pensando exatamente na chegada de Joaquim, e saltou da cama, dirigindo-se à sala de jantar. Aí, à luz do candeeiro de quatro bicos acesos, encontrou Dusá o cão, sentado sobre as patas traseiras, farejando e mirando todos os objetos. Joaquim, da porta, que dava para a cozinha, mostrava os dentes alvos, num sorriso interminável, à espera que Sinhá lhe dirigisse a palavra. *Amigo* fitava-a, impressionando-a mais pelo olhar inteligente do que pelo tamanho do corpo e beleza da pele. Era de fato um genuíno perdigueiro, cuja inteligência desenvolvida causava pasmo às pessoas que supunham ser o raciocínio um privilégio do ser humano.

Afastada e medrosa, Dusá perguntou:

— Como vai o moço, Joaquim?

— Sinhá, ele não vai bom, não. A ferida tá sarando antes do tempo. Curadô mandou buscar remédio que, tá escrito. Sô Antônio tá muito triste também. Eu vou dá escrito a *Amigo* pra entregar a Sinhá. Foi assim que o moço mandou.

E em seguida o escravo chamou:

— *Amigo!*

O cão voltou a cabeça, levantando-se, e abanando a cauda.

— Toma, *Amigo!* Dá Sinhá! ordenou, apontando para Dusá.

O cão tomou na boca o papel dobrado e entregou.

— Agora, Sinhá passa a mão na testa dele; dá algum bolo, que ele não perde mais conhecimento.

Dusá passou a mão fina e rosada pela cabeça do cão, cujas grandes orelhas caídas tinham um pelo macio como o de lontra.

Dirigiu-se ao armário, abriu a porta envidraçada, tirou biscoitos, pão de ló, que ela pretendia jogar no pavimento.

Percebendo isso, Joaquim disse:

— Sinhá não bota no chão, não, que *Amigo* não come.

— Ah! *Amigo* é fidalgo assim? Não sabia! disse, e pondo tudo num prato, colocou-o no pavimento, ordenando!

— Come, *Amigo!*

O cão mostrou-se alegre, agitando a cauda com presteza, mas deitou-se junto ao prato, pousando a cabeça sobre as patas dianteiras.

— Come, *Amigo!* Insistia ela.

O cão olhava para ela e para o prato, sem levantar a cabeça.

O escravo ria, tapando a boca com o chapéu de couro. Depois disse:

— Sinhá não fala *come*, não; fala *boca!*

— *Boca!* Repetiu ela.

Amigo levantou-se e devorou tudo em poucos instantes. O escravo ensinou de novo:

— Agora eu tapo a cabeça de *Amigo*, Sinhá vai devagar pra o quarto e cerra a porta. Eu mando ele procurar Sinhá. Aí manda ele botar sentido, e mandar dinheiro e papel pra comprar mezinha na botica.

E Joaquim chamou o cão para a cozinha, e ocultou-lhe a cabeça. Dusá deslizou de manso pelo corredor e entrou no seu quarto de dormir.

Em poucos instantes, Joaquim soltava o cão, ordenando:

— Vai procurar Sinhá.

Amigo atravessou a sala de jantar; ao penetrar no corredor, pôs-se a farejar em cada porta, porque eram dois quartos de um lado e dois doutro. Porém, antes de acertar no de Dusá, bateram na porta da rua, e o cão rosou de modo a causar terror.

— Deve ser Sophia, explicou Ritta. Vai abrir, Joaquim, que eu não vou lá.

O escravo atendeu. Era de fato a mucama que voltava, trazendo recados de lembrança, não sem sentir os cabelos arrepiados, quando passou pelo corredor, encolhendo-se com medo do cão.

Joaquim ralhou com *Amigo* e passou, acompanhando Sophia.

Amigo não se tinha esquecido de seu dever, e, chegado ao quarto de Dusá, empurrou a porta com a pata.

Dusá tinha se escondido do melhor modo que pôde, porém, *Amigo* acertou logo, sem vacilar, puxando com os dentes a roupa sob que se ocultara. Ela riu-se alto. Depois ordenou:

— Sentido!

O cão deitou-se e ela foi ler os bilhetes na sala, onde havia claridade suficiente.

Dizia um, sem assinatura, escrito a lápis:

“Maria. Estou mal. Se antes de morrer pudesse ouvir de sua boca o meu perdão, morreria tranquilo”.

O outro bilhete dizia:

“D. Emerentina. O moço está piorando. Mande-me um bocado de quina em pó, aguardente e alcanfor. Peço, se escrever ou vier, não contrarie em nada o moço. Esteja por tudo. Seu criado... Antônio Santos”. “N. B. O moço chama-se Valeriano”.

Dusá tornou-se triste com a leitura. Mas pensou que não havia tempo a perder. Tirou duma bolsa uma cédula branca de mil-réis, e, sem se lembrar de mandar *Amigo* a Joaquim, chamou por si o escravo e mandou-o à botica comprar a quina e a cânfora. Em casa havia aguardente. Quando o escravo saiu, Dusá voltou ao quarto, tomou papel, sem saber como escreveria a resposta, principalmente dando o nome de Valeriano a Ricardo. Ignorava que era um sobrenome dele. Afinal, urgia responder, e sobre uma banca da sala de visitas escreveu:

“Sr. Valeriano. Seu bilhete me fez ficar triste. Espero que Deus lhe dará saúde. Sobre o perdão, eu não tenho o que perdoar mais. Como disse estar mal, eu me esforcarei para ir.”

Não datou nem assinou. Escreveu a contragosto, porque sentia figurar em lugar de Mariazinha. Era sempre vítima do tal *engano aborrecido*, que não podia ainda desfazer, para não contrariar o enfermo.

Na resposta a Antônio Roxo, entretanto, falava com mais convicção, exigindo que se não poupassem despesas, a fim de que o mineiro tivesse o melhor tratamento.

Joaquim tinha voltado com os remédios e ela dobrando os bilhetes, numa tira de pano, atou-os no pescoço de *Amigo*, ordenando:

— Leva ao Senhor.

O cão sacudiu as orelhas e dirigiu-se ao portão. O escravo apanhou a botelha d’aguardente e acompanhou-o.

Dusá lembrou-se de Mariazinha, e ordenou a Sophia para ir buscá-la. Mas, intimamente, sentia já certo retraimento, que não podia vencer, contra sua protegida. Quando não houvesse outros motivos, revoltava-se contra a ideia de proceder em sua casa, como se tivesse contas a dar a algum tutor. Pensou afinal em perguntar à Mariazinha, se lhe não agradava tornar a seus parentes, pois, no caso afirmativo, faria todas as despesas e daria dinheiro para que ela pudesse viver algum tempo sem mendigar. Esse foi o plano que tomou vulto no seu espírito. Assim, ficaria livre da língua do povo, e mais livre ficaria em sua casa. Neste propósito esperou a moça, conservando-se no quarto, onde Juliana lhe trouxe o banho. Terminado este, Mariazinha bateu na porta com estrondo. Ritta abriu, e a moça entrou alegre, perguntando por sua Santa, porém, recolheu-se ao seu quarto. Depois mudou de vestido, saiu de novo e seguiu para o quarto de Dusá. Esta pitava um cigarrinho recostada nos travesseiros, com semblante calmo em aparência.

— Que é isso? Está enfadada? As moças mandaram lembranças, dizia a visitante, correndo o olhar pelo quarto.

— Estão todas boas, hein! Indagou Dusá, pausadamente.

— Estão. Elas dizem que não compreendem como você fica presa em casa sem sair...

— É porque eu já saí demais, noutra tempo.

— Mas, deveras, minha Santa, tendo dinheiro como você tem, é até pecado não gozar. Olhe, agora mesmo D. Zizi esteve me dizendo que a festa de Dois de Julho, no Xique-Xique, vai ser muito bonita. Já estão armando palanque na praça, aprontando carro de caboclo... Que bom se você fosse!

O olhar de Dusá iluminou-se com essa ideia. Ao menos por alguns dias poderia ficar em liberdade; por isso disse com bonomia:

— Eu não poderei ir, mas você...

— Ouxente! Eu sozinha?!... exclamou a moça, rindo.

— Sozinha, não! Eu posso mandar Juliana e Joaquim com você... Lá tem a casa... para onde você pode ainda chamar tia Bibi, uma velha de muito respeito e que me quer muito bem... pode passar o dia em casa de D. Florinda.

— E você não fica zangada comigo, não? perguntou a moça, como justificando sua volubilidade.

— Oh! Zangar como? Se você quer ir e eu ajudo... Passada a festa, volta, não é?

— Volto logo!

— Pois... no mais, quem melhor guarda uma moça é ela própria!

— Bom! então eu irei no dia 30, depois de amanhã.

— Está direito! Concordou Dusá.

— E você não tem saudade de mim, não?

— Tenho, decerto.

— Ah! Velhaca! Se dissesse que não tinha...

— Que acontecia? Perguntou Dusá.

— Nada! Eu sei...

— Sabe o quê?

— Mudemos de conversa, minha Santa! Eu lhe quero muito bem e você tem sido muito boa pra mim. Você diz que eu não tenho juízo, mas eu dou meu sangue por você...

Dusá riu-se.

— Você duvida? Perguntou Mariazinha, tornando-se grave. Eu sinto, quando lhe vejo uma saudade, não sei de quê!... Você tem uma coisa que me puxa. Há horas que eu tenho uma pena no coração, e ainda mais se você fica triste. Olhe! tanto me disseram, hoje, que nós parecemos irmãs, que eu estou muito arrependida de minhas tolices!

— Ah! Já se arrependeu?! Chasqueou Dusá.

— Já! E se você não brigasse comigo, eu lhe diria tudo quanto sei e sinto.

— Diga, não brigo, não, que eu também sou culpada.

— Pois eu sei que o senhor Ricardo não morreu...

— Quem lhe disse?! Inquiriu Dusá, sentando-se.

— Não sei. Ele está escondido na Serra e tratado por uma velha Mafalda... E quer muito bem a você... porque socorre “a ele”...

— Não negue, Mariazinha! Diga como você soube! Se me deseja sossego, diga, porque se outras pessoas sabem, eu também estou perdida! Diga!

— Foi D. Zizi... e eu também já sabia alguma coisa. Ela soube, porque a velha era lavadeira dela; mais ninguém sabe!

— Graças a Deus! Exclamou Dusá, acrescentando: visto que você é leal comigo, fique sabendo que ele pensa que eu sou você, e me incomoda não poder desmanchar o engano logo.

— A mim também aborrece isso, porque eu não o amo mais, e ainda que amasse um pouco, estimava que ele casasse com minha Santa!

— Comigo! Você está sonhando, Mariazinha?

— Veremos! Já não disse que hoje dou meu sangue por você? Eu não sou tão tola que não possa lhe ajudar, para ser feliz...

— Mas eu não...

Mariazinha tapou, com a mão rosada e fina, a boca de sua protetora.

— Não diga mais nada, minha Santa. Nunca você dirá que eu sou uma ingrata! Meu passeio não é só pra ver a festa, não. Agora vamos dormir.

— Bem se diz que coração alheio é terra aonde ninguém vai! Vem cá, minha irmã! Deixa te chamar assim. Dá cá um abraço, porque nunca pensei que uma cabeça leve fosse tão boa e generosa!

— Não dou nenhum abraço, porque me chamou cabeça leve, disse Mariazinha rindo e afastando-se.

— Chamei-te assim por causa de tuas levadas de...

— De doida... diga logo, porque eu não cato mais cafuné.

— Também, só hoje... não vale a pena.

— Vale, sim. E agora quero catar, senão você não dorme. Deita aí já! — Intimou a moça, levantando o dedo indicador.

Dusá riu-se e obedeceu.

Era tão habituada a esse sestro ou vício, que em pouco adormecia.

Mariazinha saiu em ponta de pés e recolheu-se a seu quarto.

XXVIII

Tendo sido avisada, na noite de 29 de junho, de que Ricardo piorava, Dusá aproveitou-se da madrugada de 30, em que Mariazinha seguira para o Xique-Xique, depois de chorosa despedida, e, acompanhada de Sophia e Francisco, tomou o caminho do *Perigoso*.

A ideia de praticar uma obra de caridade, como perdoar, de viva voz, a um enfermo, ofensas velhas, dava-lhe força para vencer o caminho escabroso, e às oito da manhã chegava ao rancho de Antônio Roxo. Rolas e tico-ticos esvoaçaram às tontas de dentro.

A lapa, chamada rancho, estava deserta. Não havia sequer um objeto que denotasse continuar habitada. Advertida pelo instinto de cozinheira e engomadeira, Sophia dirigiu-se ao canto do fogo porque fogão não havia, e assentou o dorso da mão sobre a cinza: estava morna. Alguém dormira ali na noite anterior. Mas isso em nada remediava a situação penosa em que estava Dusá, cujo coração “se fechara”, isto é, se entristecera com a decepção.

Francisco perguntou se podia dar um grito; e a Sinhá disse que não. Não havia realmente, necessidade de alarmar um criminoso doente.

O escravo deu voltas em busca dalgum trilho, que levasse a descambar a crista da serra, porém não encontrou vestígio algum de passagem, nem era possível encontrar, porque para o poente, atrás da lapa, tudo que se avistava eram rochedos a prumo e penedias horizontalmente sobrepostas, em cujos interstícios, cheios de cascalho e terra humosa, vegetavam canelas-de-ema e candombás.

Maria pensou em voltar. Piorava-lhe o estado d'alma, aquela paisagem alpestre e triste, tornada ainda mais triste pela presença de algumas orquídeas brancas e roxas, debruçadas aqui e ali sobre o negrume das rochas, lembrando as lendas em que formosas princesas, definhavam prisioneiras nos tétricos domínios de monstros encantados. A visitante ia dar ordem para a volta quando ouviu um ladrido longínquo, cuja direção lhe era impossível determinar porque cessou logo. Lembrou-se de *Amigo*, e se dispôs a esperar que aparecesse alguém. Depois dalgum tempo, Francisco disse:

— Olha ali, Sinhá, em cima duma pedra um cachorro!

Maria levantou-se e foi olhar na direção apontada. Não lhe restava dúvida. Era o cão fiel. Ela gritou alegre:

— *Amigo!*

O cão ouviu, agitou a cauda, demonstrando que conhecia quem o chamou, mas, em vez de aproximar, desapareceu rapidamente atrás da rocha.

— Acho que é por ali o caminho, Sinhá — opinou Francisco.

— Pode ser: mas é bom esperar que apareça alguém.

Decorridos alguns minutos, apontou *Amigo* correndo sozinho.

Chegou junto de Maria, ganindo alegremente; ela o acariciou, perguntando, por brinquedo:

— Onde é o caminho, *Amigo*? Hein? Onde é o caminho?

O cão festejou-a, lambendo-lhe as mãos, agitando a cauda, depois seguiu devagar, por um rumo diverso daquele pelo qual tinha vindo.

Dusá ficou de pé, com os escravos, em estado de dúvida. O cão voltou a cabeça e, vendo-os assim, deitou-se.

— Será por ali? E por que ele veio por este lado? Perguntava ela.

Afinal decidiu-se a experimentar a intenção do animal e caminhou em direção dele. *Amigo* levantou-se e continuou.

— O caminho é aqui mesmo. Esse cachorro sabe como gente! Disse Sofia.

Seguiram. A breve trecho voltaram um rochedo, que ocultava a entrada de um trilho tortuoso, em direção ao cimo da serra.

Enfraquecida pela fome e pelas emoções, Dusá venceu, já com dificuldade, a ladeira empinada; mas, logo que atingiu o cimo, sentiu-se recompensada pela vista da paisagem do poente, menos alpestre do que a do nascente. Entretanto, esse folgar da visão foi de poucos instantes. Urgia chegar ao termo da viagem, e desceu acompanhando *Amigo*. No primeiro socalco, o animal tomou rumo do Norte, em caminho melhor, e em pouco desapareceu. Agora era seguir o trilho franco. Francisco ia na frente, distante; Dusá atrasava-se dando indícios de estropiada, apesar dos chinelos.

Foi, pois, com alegria que viu surgir, numa volta do caminho, Antônio Roxo; mas, em vez de prosseguir, sentou-se, banhada de suor. O garimpeiro aproximava-se.

— Oh! D. Emerentina! Bom coração é o seu! Exclamou ele ao chegar perto.

Depois de retribuir a saudação, Dusá disse:

— E se não fosse *Amigo* eu tinha voltado.

— Esse cão vale de veras, dona!

— E como é que ele sai por um lado e volta por outro? — Perguntou Dusá, que não podia explicar o procedimento do animal, — porque eu estou certa que ele veio aqui, quando eu o chamei lá fora, e tornou a voltar.

O garimpeiro riu-se, e explicou:

— Quando chegaram lá, ele pressentiu, porque estava no arrotto da gruna, perto do rancho: se fosse gente estranha, ele vinha latindo pra dentro; mas chegou festejando, e sô Ricardo disse: — *vai buscar*. Ele foi pelo arrotto, que só “cabe ele”, e porque nunca viu gente passar ali junto com ele, trouxe vosmecê por aqui, que é o caminho. Eu fiquei bem assustado assim mesmo, porque o moço tem conhecidos que não convém, por ora, que saibam onde ele está.

— Agora, me diga como vai ele... se está pior mesmo...

— Pior não está; antes, ao meu ver, está melhor, como diz o velho que está curando. É um amigo meu, que merece “bom pago”. Quando o doente pensou que estava sarando, foi que o velho Domingos teve susto. Diz ele que a ferida estava “morrendo” e não tardava dar o “mal”. Aí ele frigiou uma banha e escaldou a ferida, que ficou viva outra vez; e porque o doente está sentindo doer, diz que está mal, porém é engano.

— Coitado! Tem sofrido! — comentou Dusá.

— Tem, e nós temos trabalhado de veras, com ambos, ajuntou Antônio. O Felipe, esse, felizmente, está são. Só tem é fraqueza. Vosmecê “creia” que eu não tirei mais um carumbé de cascalho!

—Então, faltou dinheiro?

— Isso não! Dos cem ainda resta, porque eu não tenho saído fora. Mas vamos chegar pra diante, que o sol está quente, D. Emerentina.

— É muito longe ainda? perguntou ela.

— Qual, é ali mesmo; e, em seguida, gritou: - Vai Francisco; fala com Mafalda pra fazer café e apressar o almoço.

O escravo seguiu depressa. Dusá levantou-se, gemendo, a queixar-se dos pés, e seguiu devagar, acompanhada de Sophia e do prestante Antônio Roxo.

Há ações, cuja importância desconhecem as próprias pessoas que, em boa intenção, as praticam, ainda que muito presumam do seu merecimento.

A notícia da chegada de Maria foi recebida com um júbilo indefinível, de que apenas Ricardo não participava, por ter adormecido, depois de uma noite de sofrimento atroz.

A sua entrada na lapa alta, que se prolongava em forma de gruta, foi saudada com exclamações comoventes, proferidas em voz baixa, para que não despertassem o enfermo. Mafalda já esperava no pequeno aterro que servia de terreiro, e a alegria parecia transpirar-lhe de todos os poros; Manoel Pedro coçava a cabeça de satisfeito; Felipe, o camarada valente e dedicado, só esse, levantando-se com o chapéu na mão, não disse palavra, se é que nada exprime a mudez reverente de um bravo a fitar alguém com os olhos úmidos. O próprio curandeiro pareceu esquecido um momento da sua altivez de sábio rústico.

— Sá Emerentina! Sua vinda vem servir muito ao doente, que tinha esmorecido.

— Pois eu sou Deus? Perguntou ela, rindo modestamente.

— Não é Deus, mas traz a alegria, que é a fonte da saúde! Vigia! Até *Amigo* está alegre!

Dizia a verdade o curandeiro Domingos. Naquele deserto, habituados à monotonia da convivência, sob o mesmo teto de pedra, às vezes entanguecidos ou enfarados do rugitar do vento constante nas frinchas dos rochedos e na vegetação enfezada do socalco, só a presença de Maria, personificando a saúde, a formosura e a bondade, parecia encher o ar ambiente de um fluido vivificante. O timbre de sua voz feria docemente os tímpanos afeitos à própria voz rouca e rude dos garimpeiros, que, se alguma coisa podia causar admiração naquele momento, seria o fato de algum desconhecer certa superioridade na recém-vinda, desobedecendo a um aceno seu.

Veio o café, que a Mafalda fizera, às pressas.

Antônio apontou a Amigo o centro da gruta, e repetiu a fórmula: — *Olha o inimigo*.

O cão partiu para o posto de observação, donde denunciara Dusá e os escravos, e o garimpeiro voltava a receber sua xícara de café, quando ouviu a voz enfraquecida do enfermo:

— Quem está aí, sô Antônio?

— Uma pessoa amiga! Respondeu o garimpeiro aproximando-se da cama de varas.

— Eu conheço essa voz! Continuou o enfermo, debruçado sobre os travesseiros, que era a posição em que se sentia aliviado.

— Então já sabe quem é!

— Não sei bem porque, quem eu penso não virá... aqui...

— E quem é que você pensa? Indagou o garimpeiro, rindo.

— Maria Dusá! Respondeu o doente, baixinho.

Sabendo que Maria não queria mais ouvir esse apelido, Antônio confirmou:

— Pois é D. Emerentina em pessoa!

O doente fez menção de se levantar, mas, prevendo isso mesmo, já o Domingos, junto da cama, lhe dizia:

— Tenha paciência, não se levante agora! A moça aqui está!

— Senhor Raymundo! Vim vê-lo! Como vai?

— Como hei de ir? Entregue aqui, às mãos de Deus! Respondeu o mineiro, descobrindo a cabeça e voltando-a para sua interlocutora.

— Mas, graças a Deus, está salvo! Atalhou ela.

— Deus permita que assim seja, porque tenho sofrido muito, muito!

— Mas, prosseguiu ele, mudando de tom, como teve coragem de subir a serra para ver um pobre doente?

— Pois é porque está doente mesmo que eu vim, disse ela num sorriso compassivo, sentando num banco tosco.

O curador e Antônio afastaram-se, que o café esfriava.

— Maria! Exclamou o doente, — permita essa liberdade, porque eu devia chamar *dona*.

— Sim, chame, porque eu não sou uma *dona* ainda.

— Ai! Quem dera a muitas *donas* terem de novo tanta vontade de ser!

— Bom, não fale mais nisso. Diga o que ia dizendo.

— Eu ia dizendo, que, quem tem tão bom coração, já me perdoou de todo...

— Já, sim, nem fale mais.

— Não posso deixar de falar, insistiu o doente, com a voz enfraquecida, porque, afora esse amigos verdadeiros, que estão me tratando, só duas pessoas, na minha lembrança, me têm dado força pra viver... é minha mãe... e você.

— Eu! Exclamou Dusá empalidecendo, porque sentiu de súbito um misto de decepção e ciúme.

Era evidente que o mineiro ainda amava Mariazinha na sua pessoa.

— Sim, respondeu o enfermo, serenamente.

— Olhe o cordialzinho, sô Ricardo! Disse o Domingos, aproximando-se da cabeceira do enfermo.

Este fez uma cara de resignado; mas em seguida mostrou-se alegre, porque vira Dusá tomar a xícara para lha apresentar. Levantou a cabeça, na mesma posição em que se mantinha, e, aos goles, esgotou o conteúdo da xícara. A gentil enfermeira limpou-lhe a boca com um lenço, notando em voz baixa que era preciso mudar-se o jogo de fronhas ou antes, toda a cama.

O enfermo deitou de novo a cabeça, voltando o rosto para a mulher, cujo olhar o inebriava. Fosse efeito desse gozo, que um organismo combalido não podia resistir, fosse o do cordial, especialmente preparado com alguma substância soporativa, para subtrair o doente à excitação a que se estava entregando, ele fechou os olhos, pouco a pouco... e adormecendo com um sorriso que contrastava com o descarnado e a palidez cadavérica do rosto.

Dusá retirou-se de manso. O almoço estava posto sobre a larga laje que servia de mesa. Essa vida rústica lhe causava bom humor; mas alguma coisa a impediu de comer em proporção do jejum sofrido. Deu pressa aos escravos para que se aviassem para a volta.

Ao Antônio Roxo aconselhou que mandasse, com urgência, ao João Felipe, no Xique-Xique, para que desse um jeito a fim de não ser incomodado o enfermo, e todos, enfim, e que não mandasse mais o cão à Passagem, enquanto não viesse resposta favorável.

Antônio julgou boa a ideia e mandou Manoel Pedro preparar-se para a viagem.

Duas horas depois, Maria descamba a serra, em companhia dos escravos.

Caminhava triste, abatida de corpo e de espírito, pois levava a certeza de que não tinha forças para suportar ser amada em lugar de outra. Desta vez, ainda que o mineiro se curasse, o que, segundo afirmou Domingos, podia se realizar em oito dias, o seu sonho de ser mulher casada estava desfeito.

Ao chegar à casa, Ritta conheceu logo o semblante contrariado da senhora, mas esperou que ela lhe quisesse confiar as suas mágoas.

XXIX

Estudados, em sua simplicidade, certos fatos psicológicos, sem prevenções de seitas religiosas ou de princípios filosóficos, eles autorizam a acrescentar que no íntimo de cada ser humano reside uma inteligência superior e distinta da inteligência que preside à vida de relação no mundo físico. Em verdade, pelo desenvolvimento desta, explicam-se muitos fatos de providência instintiva e fenômenos neurológicos incompreensíveis para inteligências rudimentares que, desde tempos pré-históricos, povoam de deuses os altares de todas as raças; mas aqueles que implicam uma *presciência*, e aos quais vulgarmente se chamam *pressentimentos*, sem ligação real ou aparente com a razão ou senso comum,

que não são determinados por um estado d'alma, nem por um despertar do instinto, esses ficarão inexplicados, por mais que os expliquem aqueles que tudo pretendem saber.

Na madrugada em que despertou para viajar para o Xique-Xique, Mariazinha preparou-se alegre, porque contava estar de volta em poucos dias. Demais era tão pequena a distância da Passagem àquele grande povoado, que não havia razão para tristezas. Contudo, na hora da despedida, Mariazinha sentiu de súbito uma tristeza mortal, desfazendo-se em copioso pranto.

— Se está arrependida, não vá, minha Santa, dizia Dusá, admirada daquele acesso de choro.

— Não estou arrependida, porque preciso ir; mas passou-me uma coisa de repente pelo coração, como se não nos víssemos mais nunca. Mas é uma tolice, não é? Ainda que eu adocesse, você não ia me ver?

— Decerto, confirmou Dusá. Isso não é nada, ou é nervoso.

—É mesmo, concordou Mariazinha, desprendendo-se dos braços da protetora, no alto da igreja, e apressando o passo em rumo do Xique-Xique.

Criada no sertão, habituada desde criança a caminhar todos os dias para a roça ou para fontes distantes, sentia prazer em caminhar agora, não obstante a sua nova educação e modos adquiridos.

Além de tudo, fortificava-lhe o ânimo, para vencer as ladeiras sucessivas, a novidade dos festejos e o desejo de ser útil à sua protetora.

Quando chegou ao Xique-Xique, percebeu logo que não havia exagero nas notícias de D. Zizi e das filhas.

O povo só pensava e falava na festa patriótica. Nada faltava. Todos estavam a postos, inclusive os batalhões legendários, atentos ao alvorecer de 1.º de julho.

Apesar de ser baiano o território, a população era constituída, em maioria, de mineiros e paulistas, não falando em indivíduos ou grupos doutros pontos do globo; por isso os baianos formavam uma espécie de colônia; mas havia um laço que unia baianos a mineiros e paulistas; era o amor pátrio simbolizado no auriverde pavilhão; havia um objeto que apertava entusiasticamente esse laço: era o retrato do imperador, que lá estaria sob custosas cortinas, no palanque, armado na Praça do Comércio, ao qual dariam guarda de honra oficiais de patente.

Todos prenunciavam uma festa de arrojo.

A fabulosa riqueza da Chapada, circulando já em boa parte, proporcionava facilmente a realização de todos os desejos da comissão de patriotas baianos, ou antes, de todos os baianos unidos em comissão patriótica.

Não era, entretanto, o dinheiro, somente, que dava cunho especial aos festejos comemorativos do imortal Dois de Julho.

Era ainda esse patriotismo sincero e ardente que eletrizou os fundadores do Império do Brasil; era o sentimento da Liberdade, amada mais por instinto do que por definições filosóficas e doutrinas liberais; era esse civismo raro que vingava nas urnas e se ostentava nas praças públicas, nutrindo a geração de fortes, que, pouco mais tarde, devia fornecer carne ao canhão nos campos inóspitos do Paraguai.

Nestes tempos, bem vizinhos daqueles em que brasileiros ilustres trocavam sobrenomes e apelidos avoengos por nomes de árvores, rios, montes e animais genuinamente brasileiros, como ainda atestam muitos nomes patronímicos existentes, nosso amor pátrio tinha alguma coisa de fanatismo religioso e do delírio das grandezas, em certos momentos. Era esse fanatismo e esse delírio que davam a nota predominante nos festejos para cujo realce se estimulavam todos os brasileiros, qualquer que fosse a província do nascimento.

Ao entrar na casa de Dusá, depois de ver as ruas adornadas de arcos triunfais e as portas e janelas da Rua do Comércio, enfeitadas de palmas e folhas brasileiras, Mariazinha levava já n'alma o entusiasmo comunicativo dos moradores, transitando em grupos alegres. Mas foi de breve duração esse primeiro despertar de amor pátrio, porque grande número de conhecidos de sua amiga e protetora invadiu a casa, supondo que Dusá *estava na terra*. Felizmente, dentre esses, surgiu Eduardinho, que tomou a seu cargo desfazer o engano, porém ainda assim não evitava as visitas maçantes. Ele já era um homem de negócios e não podia estar a perder tempo. Aconselhou, pois, à moça, que pedisse agasalho em casa de D. Florinda.

— É no que já tinha pensado, senhor Eduardo. Mas antes de tudo eu tenho um grande favor a lhe pedir. É um favor que nunca pagarei...

— Oh! É tão grande assim? Inquiriu o ex-cantor de modinhas, corando, mas em atitude respeitosa.

— É. Desejo livrar minha Santa de um grande incômodo e conto com seu auxílio.

— É dizer logo.

— Desejo que o Sr. obtenha com seus amigos para não ser perseguido aquele mineiro...

— Oh! Já mudou de pensar? Atalhou Eduardinho.

— Não mudei; contestou a moça gravemente; porém minha Santa deseja protegê-lo, porque ele está à morte, e tratado em segredo por gente que ela também protege. Pode fazer esse favor?

Eduardo refletiu alguns minutos, e gaguejou:

— Eu não gosto de me meter em negócio de justiça... esse homem está complicado demais, porque resistiu, e da força morreram três...

— Dois, foi um cachorro dele que matou...

— Sim, mas... está o diabo! E já se sabe que ele está vivo? Porque se diz que ele morreu... dos ferimentos... E Dusá que se importa com ele? Não foi injuriada?

— Ele pediu perdão, e ela perdoou.

— Tenho uma ideia... vou ver se o Cazuzza, inspetor, que veio à festa, dá uma parte, afirmando que o homem morreu. Mas o Cazuzza pode se negar... “Está cru” este negócio! Em todo o caso, vou tentar. Agora diga, D. Mariazinha fica aqui mesmo, ou...?

— Deus me livre! Exclamou ela.

— Quer que lhe leve à casa de D. Florinda?

— Muito obrigada, respondeu Maria, eu vou com Juliana.

Eduardinho saiu pensativo. A moça chamou a escrava e seguiu para a casa da professora, que a recebeu alegremente, desde que a viu bem trajada, e em companhia da escrava de Dusá, conduzindo um baú de folha-de-flandres.

Entretanto, por mais que se esforçasse para corresponder à alegria da dona da casa, Maria não podia dissipar certa tristeza, o que foi logo atribuída à lembrança da velha falecida.

Em verdade, a casinha, caiada de novo, e ocupada por inquilino estranho, lembrou à moça os dias passados em companhia da boa velha, que ela chamava Mão Rosa; mas possuindo uma dessas naturezas para as quais o passado em breve se distancia, nos meios movimentados como a Chapada, pareceu-lhe um acontecimento de meses. O que a entristecia era a incerteza de poder servir de auxílio à Dusá, a quem desejava surpreender com esse serviço não solicitado.

Veio a noite, cheia de luzes e burburinho da povoação. Maria denotava esperar alguém, porque chegava à janela alta, de espaço a espaço. Às sete horas, Eduardinho aproximou-se da janela, dizendo:

— Boas novas!

— Graças...

— Mas espere. Não obtive ainda; porém “cresci” um cobre no sujeito para agradar e ele cede.

— Deus permita.

— Há de permitir; eu daqui a pouco vou chamá-lo para a venda, e não há dúvida que ele cai, porque eu já disse que o moço me toca parente. E até logo.

D. Florinda, que ouviu a conversa enigmática, desejou saber de que se tratava. E porque segredo de mulher, em regra, só se conserva de ouvido a ouvido, ficou a barrista louvando a intenção generosa de sua hóspede.

Durante a noite não mais voltou o Eduardinho a quem talvez os fregueses impedissem de sair, porque, mostrando-se cada vez mais apaixonado por Mariazinha, só por força maior se explicaria o descumprimento da palavra, pois ele dissera *até logo*, e não até amanhã.

O alvorecer do dia 1.º de julho foi estrondoso. Somente ficaram na cama os organismos refratários às emoções agradáveis e comunicativas. Ao toque das cornetas duma ala de batalhão aquartelado, isto é, *cada guarda em sua própria casa*, reunia-se o espocar de bombões, de girândolas de foguetes, e o bimbalar no sino da capela distante. Em pouco os sons de música, na rua, completaram o entusiasmo da população madrugadora.

D. Florinda era patriota consciente e participava da alegria geral. Sentia apenas não ter um marido que a compreendesse.

Mas nem por isso sua porta e janelas tinham menos enfeites.

Correu a “ver a música”, chamando Mariazinha, porque, em geral, ninguém se contenta de ouvir os sons, sem os completar com a vista do instrumental.

Ao mesmo tempo chegava o Eduardinho e, depois de saudar, disse, com a estouvance que lhe era própria:

— Alvíssaras! Tudo arranjado! Pode ficar tranquila!

— Oh! Que alegria que eu sinto, por minha Santa! Exclamou a moça.

— E eu também! Obtemperou ele. Mas agora tenha paciência, quero uma capela muito chic e na carreira, pra amanhã. Hoje tenho uma, mas não está bem feita, porque não o foi por mãos que eu conheço!

Mariazinha corou, retirando-se um pouco da janela, enquanto D. Florinda comentava, rindo:

— Isso é que é patriotismo! Até a capela do ombro deve ser feita por mãos conhecidas...

— E adoradas! Terminou, rindo e escapulindo-se, o Eduardo.

— Está dito, D. Mariazinha; Eduardinho será seu noivo!

— Noivo! Exclamou ela, meio pensativa. Eu o estimo, porém não posso me casar, ainda que ele queira.

— Pois havemos de ver. Ele é estourado, e o dia que lhe der na cabeça, corre à Passagem, levando o padre, e ou casa, ou casa mesmo! Aqui agora está em uso isso!

Mariazinha fez um muxoxo, e, mudando de assunto, repetiu:

— Como minha Santa vai ficar alegre comigo! Pensava que eu não tinha préstimo? Anda!

— Bem merece um bom serviço! É tão boa... disse a professora.

— Agora vou trabalhar na capela de...

— De *meu noivo*! Fale assim logo.

— Não fale mais nisso, não, D. Florinda! Por caridade!

— Não falo mais, não; mas é bom fazer também a sua, de prevenção.

— Tró, tró, tró! Tró, tró, tró! Cantarolou Mariazinha, por disfarce, dirigindo-se à sala de costuras, onde estava o seu baú.

Encontrando os aviamentos precisos, entregou-se ao trabalho, sem descanso, porque não queria perder a festa da noite.

Fora, nas ruas, o movimento crescia.

O oiro, nesse tempo, corria à farta no Xique-Xique, e não havia tempo para tristezas nem mutismo.

Raiou, enfim, o dia suspirado, em que a gloriosa Bahia comemorava essa epopeia escrita pelo nobre sentimento que o futuro cosmopolita denominará loucura patriótica.

O alvorecer fora *aquecido* a mais por um “terno” de barbeiros²³⁰ com o respectivo “zabumba”, vindos da Furna, localidade vizinha da vila do Rio das Contas. Logo pela manhã começaram os preparativos da entrada do carro triunfal, levado, na véspera, para os lados da Rua da Forca, percorrendo assim quase toda a extensão do povoado, à luz de archotes embebidos em resina de jatobá.

Nunca fora tão intenso ali o fervilhar da vida coletiva.

Havia missa cantada, e só essa parte da festa era bastante para fazer andar em polvorosa, metade da população.

Os batalhões patrióticos se aparelhavam a capricho. Patriotas avulsos se esmeravam principalmente em sair montados em bons e bem ajaezados animais. Por isso, desde cedo, escravos de estimação transitavam para o rio ou regatos próximos, levando a lavar ginetes briosos, que nitriam inquietos ao sair das “estrebarias” e eram a custo contidos pelo “estorvo” dos “buçais²³¹” trançados.

Mais tarde, já faziam estrotegar ou esquipar os corcéis ardidos, cavalheiros que possuíam mais de um, e que reservavam os mais belos para a entrada triunfal dos carros.

A meninada enchia as ruas em gritos, vivas e assobios.

Mucamas, vestindo seda ou chalim, traçando “becas” de alto valor, atestando ainda pelos grossos colares, argolas e braceletes de oiro, a abundância das senhoras (que nisso punham ponto de honra), conduziam mimos em bandejas de prata, cobertas de toalhas de esguião fino, cujos bordados e rendas valiam tanto quanto as bandejas, em razão do baixo preço da prata.

Até o exterior das casas, pelo acúmulo de enfeites, parecia estremecer do amor pátrio dos donos. Algumas estavam mesmo ornamentadas com luxo. A de D. Florinda, apesar de pequena, era desse número. Das janelas e portas pendiam cortinas e sanefas, graciosamente postas, e das ombreiras, festões de folhas de pitanga e brasileiras. Nos claros das paredes, lanternas venezianas multicores indicavam que a casa se iluminaria à noite, como quase todas. A de Dusá, por insistência de Eduardo, estava ornamentada também.

Submetida, voluntariamente, à chefia do ex-valdevino, Mariazinha radiava de prazer. Tinha preparado uma capela bonita com laços de fitas verdes e amarelas, esperava-o para colocar-lha no ombro, que ele assim o exigira. Sobre a tardinha veio açodado e puxadinho, e a moça prendeu-lhe o distintivo patriótico.

Tinha pressa de ir montar no fogoso ginete, porque o povo e batalhões já estavam se reunindo para os lados da Rua da Forca, onde ficaram os carros, mas insistia num pedido feito pela manhã:

²³⁰ *Terno de barbeiros*: conjunto de percussão de sopro, tradicional no Nordeste, composto de pífaros, caixa e zabumba; toca em festas e também em cerimônias religiosas, a fim de angariar fundos para as igrejas. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p. 132).

²³¹ *Buçais*: arreios, cabrestos, focinheiras, colocados do pescoço à cabeça do cavalo. (Dicionário Online de Português, <https://www.dicio.com.br/bucais-2/>).

— Se não recitar, não me verá mais!
 — Eu morro de vergonha! Sô Eduardo! Não me exija isso!
 — Qual morre nada! Faça de conta que está recitando sozinha, como costuma fazer!

A moça meditou, querendo consentir, porque D. Florinda também a animava e rogava, mas imediatamente disse:

— Qual! Eu sinto que não ficarei em mim!
 — Fica, sim. Olhe, D. Florinda, quando passar o carro, bata palmas por ela, e eu quero ver se ela lhe mete vergonha!

Disse e saiu ligeiro o Eduardo.

Mariazinha embranqueceu. Sentia faltar-lhe a terra aos pés. A professora ria-se, metendo à bulha o acanhamento da moça.

Caía a noite. Cessara o rumor das ruas inferiores, porque o povo acorrera ao lugar dos carros. Mas dentro em pouco ouviram-se os sons das músicas. O grande préstito cívico desfilava entre vivas e aclamações. Ao penetrar na Rua Direita, ao som do hino baiano, cantado por centenaes de vozes, o entusiasmo tocava ao delírio, que mais excitavam o espocar dos foguetes, dos bombões, o tropel da cavalaria, os vivas incessantes ao imortal Dois de Julho, à Nação Brasileira e ao Imperador.

O préstito de milhares de indivíduos, terminado pelos carros de bagagens, imitava realmente a entrada do Exército Libertador.

Quando paravam as músicas, soavam os clarins. O carro do caboclo, em que figurava um menino, era puxado por patriotas. O préstito movia-se lentamente, parando de espaço a espaço, quando assomava a alguma janela um orador ou poeta, incendiado de amor pátrio, a recordar em prosa ou verso os feitos dos heróis de 1823. Terminando, soava o Hino Nacional, e o povo prosseguia, cantando ao som do hino baiano:

Nasce o sol a Dois de Julho,
 Brilha mais que no primeiro;
 É sinal que, neste Dia,
 O mesmo sol é brasileiro!

E, seguia o coro:

Nunca mais o despotismo
 Regerà nossas ações,
 Com tiranos não combinam
 Brasileiros corações!

Não era raro encontrarem-se baianos e cachoeiranos, cantando satisfeitos, a plenos pulmões, porém com os olhos rasos de lágrimas.

Ditosa a Nação que rememora seus feitos heroicos!

O povo que esquece os nobres estímulos de seus antepassados, e se envergonha de entoar, à luz do sol, velhos hinos patrióticos, verá perder-se o seu civismo, entre os temores arteiros da autolatria dos poderosos, bem como sua independência, confiada à covardia que se alaparda nos devãos de interesses mercantis, onde por vezes a própria consciência se almoeda.

O vigor desse entusiasmo comunicou-se rapidamente ao espírito de Maria, que ficou alheada de apreensões anteriores. Não via mais nada, senão esse estrondo que a arrebatava. E quando o carro triunfal defrontou com a janela em que se instalara, foi ela própria que bateu palmas, pedindo atenção. O préstito parou, e entre o povo percorreu um murmúrio de admiração e surpresa; era uma mulher que ia falar. O seu traje e a sua beleza captaram logo simpatias. Vestia de branco, trazia à cabeça um diadema de sempre-vivas²³² amarelas, ao pescoço um colar de rosas mínimas, e a tiracolo uma faixa de fitas largas, com as cores brasileiras. O povo duplicava a atenção pela patriota. Algumas vozes repetiam, contudo:

- É a Dusá!
- É uma irmã!
- É a Dusá mesmo, que a casa dela está iluminada, também.
- Psiu! Psiu! Psiu! Insistiam outros.

Conseguido relativo silêncio, Maria, ligeiramente pálida, recitou, em voz de timbre argentino, a primeira estrofe:

Salve, ó tu, Pátria de livres!
 Salve, querido Brasil,
 Que te coroas de flores
 Debaixo dum céu de anil!

Os bravos espontâneos, que irromperam no seio da multidão, animaram a poetisa, e, ela prosseguiu, em voz vibrante:

Um dia quebraste os ferros
 Da mais negra escravidão;
 Por isso devem teus filhos
 Jurar perpétua união!

E unidos, seremos fortes,
 Perante os povos da Terra,

²³² *Sempre-vivas*: várias espécies de plantas que, após colhidas e secas, resistem por um longo período, preservando a cor e a beleza. São típicas da Chapada Diamantina – BA e muito utilizadas na confecção de arranjos florais.

Opondo sempre aos tiranos
Ódio fundo e crua guerra!

Os vivas ao Brasil e ao Imperador indicaram o fim da poesia.

O povo correspondeu em delírio de entusiasmo, e ouviram-se vivas à Brasileira patriota. Tudo isso ultrapassava à expectativa de Maria, que considerava já uma glória o não ser vaiada, como às vezes acontecia aos maiores poetas e oradores da terra. Estava cheia de si, porque até a professora a abraçara efusivamente. Porém, num átimo, aguçou-se-lhe o prazer. Ao terminarem os vivas do povo, formou-se um tumulto à frente do préstito. Portas fechavam-se ruidosamente; corria gente em direções opostas, desorganizando as fileiras, enquanto vozes enérgicas repetiam:

— Não pode! No dia de hoje, não pode insultar a uma brasileira!

— Fosse, ou não fosse vendida a Dusá, ninguém tem nada com isso, hoje! Hoje é viva a Liberdade!

Maria tornou-se lívida. D. Florinda arrastou-a, quase à força, para o interior da casa. Juliana ajudava.

Fora repetiam-se os vivas, e soava a música reconstituindo o préstito, e serenando o tumulto, cuja causa logo se soube. Uma dessas almas odientas e mesquinhas, almas de chicharro em corpos de lesmas, que coleiam entre as multidões ou rastejam pelos lares, ora farfalhando sedas, ora coberta de trapos, tinha injuriado à brasileira, dando um fora, e adicionando-lhe à alcunha – o qualificativo de *vendida*. Perto estava o Eduardinho, cavalgando seu belo corcel, e, ouvindo a injúria esporeou o cavalo e vibrou uma chicotada em cheio no rosto do indivíduo que a proferira. Quis dar segunda, mas o covarde penetrou na casa mais próxima, e fugiu pelos fundos. Alguém denunciara-lhe o nome. Era um *Aristo Alfaiate*, um pasquineiro.

Eduardo mordia o charuto, vermelho de cólera. Apenas chegado o carro do caboclo junto ao palanque destacou-se com um grupo de rapazes amigos e voltou à casa de D. Florinda. Aí foi encontrar Maria, banhada em pranto, em que se desfazia a comoção produzida pela injúria. E lançava à conta do seu desamparo o atrevimento do indivíduo, que ela desconhecia completamente.

— Não chore mais, D. Mariazinha. Já está vingada e bem vingada, porque o miserável levou na cara a marca deste chicote, afirmava ele, mostrando o rebenque de castão de prata, com anéis de ouro.

E ele também não se vingará? Perguntava ela apreensiva.

— Ora! Um covarde! Mas deixemos isso. Vim dizer que tomei uma resolução extrema. Amanhã, cedo, nos casamos, D. Mariazinha; consente?

A surpresa da proposta estancou de súbito as lágrimas da moça. D. Florinda teve um acesso de riso.

- Mas que casamento estourado é esse, meu Deus?!
- Estou falando seriamente, e há de ser amanhã, disse o rapaz.
- Casamento assim aferventado, não é bom. Reflita, Sr. Eduardo, aconselhava D. Florinda.
- Já refleti, há mais de mês. Casamento demorado é que não presta. Responda, D. Mariazinha, insistia Eduardo.
- Consinta, consinta, logo! Corroboraram os amigos de Eduardo.

Mariazinha, com as mãos geladas, suando em camarinhas, mantinha-se emudecida com o olhar no pavimento. Mas, ajoviada, num assédio de pedidos, murmurou:

- Consinto, porém, se minha Santa consentir!
- Por ela fico eu! Bradou Eduardo.
- Também eu, disse a professora.
- Mas é uma ingratidão não esperar por ela, disse a moça em voz suplicante.
- Qual ingratidão, exclamou ele. Pior é ficar pesando-lhe às costas, porque o vigário vai amanhã para o Mucugê... e sua recusa é para mim um desengano.
- Faça como quiser, Sr. Eduardo, interveio a professora.
- Pois neste caso, só precisa um véu e uma capela de flores de laranjeira. O mais é como está aí. Amanhã às oito, à hora da missa. E vou dar providências em casa!

E o noivo, em companhia de seus amigos, saiu radiante de alegria.

- O vigário celebrará o casamento sem banhos? Inquiria um.
- Ora se! Eu tenho meu plano, respondeu o Eduardo.
- Ao ficar a sós com a professora, Mariazinha exclamou:
- Mas isso parece um sonho!
- Sonho que você desejava, minha sabida!
- Juro que não desejava assim.
- Pois é isso o mundo e a sorte, ponderou a professora, sorrindo. Eu que guardo véu e capela, há tanto tempo, ainda não achei casamento, nem assim. E agora vão servir para quem eu não esperava.
- Por isso, não, D. Florinda, eu compro na loja.
- Mas, agora sou eu que quero que eles sirvam, porque dizem que isso ajuda a gente...
- A casar?
- Sim!
- Neste caso aceito, porque lhe desejo de coração o mesmo sonho! Já não tem algum em vista?
- Tenho uns poucos! Mas nenhum me agrada direito.

Desse modo se entretinham as duas, enquanto Juliana, Joaquim e a escrava da professora *se benziam*, rindo, na cozinha.

No dia seguinte, à hora da missa, no momento da elevação da hóstia, os assistentes, e mais ainda o vigário, foram surpreendidos por um fato extraordinário. Nesse momento solene duas vezes se alternavam, dizendo:

- Perante o Deus vivo, recebo a vós, Maria, por minha mulher.
- Perante o Deus vivo, recebo a vós Eduardo, por meu marido.

Os crentes curvaram a cabeça, reverentes, abençoando os noivos. Mais longe alguns reprimiam o riso, enquanto outros murmuravam:

- Esse Eduardo é estourado em tudo!
- Porém aquela é a Dusá mesmo?
- Parece, muito.

Após a consumação simbólica, não teve remédio o vigário, senão terminar o casamento, intervindo com a sua autoridade.

Realizara-se o plano de Eduardo, cujos amigos lhe proporcionaram uma boda estrondosa.

Mas não houve então quem convencesse ao povo da rua que Maria não era Dusá.

XXXI

No dia 4 de julho, repercutiu pelos garimpos da Chapada a notícia do casamento de Dusá. Por sua vez fora ela surpreendida com a nova trazida por Joaquim e Juliana, e ratificada pela seguinte carta, datada de 3:

“Minha Santa: Parece-me que ainda estou sonhando ao escrever esta. Casei-me com Eduardo hoje, à hora da missa. Ele não quis esperar pelo seu consentimento, que eu reclamei, nem por sua presença. Nunca pensei numa coisa assim. Só com a vista poderia conversar melhor. Prometi ajudar a você e fiz mais do que pensava. Logo que cheguei pedi a ele mesmo para obter do subdelegado não perseguir mais o homem. Ele arranjou tudo.

“No dia 2, ontem, ele insistiu para eu recitar na passagem do carro; eu recitei, mas depois de aplaudida, um Aristo Alfaiate, pensou que eu era você, e me injuriou. Eduardo estava perto e deu-lhe com o rebenque.

“Eu fiquei fora de mim. D. Florinda, com quem ainda estou, foi minha salvação, porque quase morro. Mais tarde chegou Eduardo, com amigos dele, e tanto fizeram pra eu dar o *sim*, que não tive outro remédio. Agora não sei o que será minha sorte e dele. Tenho muita, muita saudade de você. Agradeço os benefícios que você me fez. Espero em breve nos abraçar. Adeus. Sempre sua, de coração... *Maria*”.

Depois da leitura da carta, Dusá cessou o riso que lhe despertara a simples nova do casamento de Eduardo e Maria. Seu espírito se entristeceu, vendo-se causa

involuntária de uma injúria a uma amiga, e de uma desfeita a um miserável que se constituíra seu inimigo gratuito; desfeita que podia ter consequências funestas, apesar de ser vítima o mesmo que comeu um pasquim, bebeu uma xícara de azeite e fugiu, sem se vingar.

Maria meditou, com desgosto, na sua vida, na sua alcunha, e assentou que, para fruir dias mais tranquilos, devia se mudar para a capital ou para o sertão; sair, enfim, da Chapada.

Alheada alguns minutos de sua inclinação para o mineiro, Dusá arquitetou o plano de viver entre pessoas estranhas, trabalhando com seus escravos, sem precisar de despende o ouro e a prata, guardados em saquinhos, no fundo dos baús.

Permanecendo assim, em atitude meditativa, tendo ainda a carta na mão, nem viu se aproximar a governanta, que a assustou, perguntando:

— Sinhá sabe duma coisa?

— Que susto! Que é Rita? Pra que me assusta assim?

— *Uai!* Me perdoe, Sinhá. Eu pensei que Sinhá tinha me visto.

— Que coisa é? Diga.

— É Maravia, Sinhá, que tá morando no Alto da Igreja.

— Daí? Que tem?

— Que tem, Sinhá? O negrinho tá chegando pra perto. Agora sá Mariazinha casou... eu quero vê...

— Ver o quê?

— Deslindado duma vez esse negócio, Sinhá.

— Não pode ser deslindado, não, Ritta, porque *ele* ainda tem muito amor à Mariazinha. Eu conheci isso da última vez que fui à serra. Por isso voltei aborrecida. Não desfiz o engano logo porque ele estava muito fraco, não devia ser contrariado. Porém agora já o engano estará desfeito. O que eu estava pensando era em mudar daqui pra o sertão ou pra Bahia...

— Pra o sertão, Sinhá; pra o sertão! Ah, meu sertão! Quem me dera Sinhá viajasse esta semana! Mas é preciso esperá um bocadinho!

— Decerto, que é preciso vender minhas casas e o que eu não posso levar.

— Não é isso, não, Sinhá. Esperá que eu falo é o negócio...

— Está bom, vai procurar o que fazer e deixa-te de tolice, que eu não hei de querer a quem morre por outra.

— Sinhá verá quem vence! Se é Maravia ou ela!

— Tola! Quem vence é a vontade minha, porque não quero.

— Pois eu tenho a certeza de fazer esse *arroz* e não demora muito.

Assim dizendo, a escrava saiu rindo, enquanto Dusá recaía na meditação, que agora tinha por objeto exatamente o que ela *não queria*. E veio-lhe à imaginação a possibilidade de ver o mineiro confessar-lhe um amor sincero, sem apego à sua pequena fortuna, afirmando que o seu amor à Mariazinha fora um sentimento passageiro. Então sim, aquela fronte morena, aquela cabeça adornada de cabelos negros e finos, de anéis largos, poderia descansar em seu regaço, porém como marido. E o amaria de um amor

invencível, que seria como o dele, uma fonte de felicidade, até para os seus escravos. Neste caso, em vez de buscar a capital, melhor seria procurar um recanto de sertão, sossegado e fértil, onde em meio de um pomar verdejante se levantaria a casa branca, o cândido ninho de seu amor... e de... seus filhos!

A esta ideia última Dusá pareceu despertar, e murmurou:

— Que loucura! Nem ele me terá amor, nem eu, sem esse amor, o quererei, mesmo como esposa, o que é quase impossível!

Levantou-se, guardou a carta, que tinha, dobrada na mão, e começou a passear na sala, apenas iluminada por uma réstia de luz, como fita sobre o ladrilho de tijolo projetada pela lâmpada na alcova.

Alguém bateu na porta, devagarinho.

— Quem é? — perguntou Dusá, chegando à rótula.

— Sou eu, Dona!

— Ah! Por aqui hoje, sô Antônio? Perguntou ainda correndo a abrir a porta ao velho e dedicado garimpeiro.

— Eu mesmo, D. Emerentina. Boa noite. Eu mesmo, que vim me desenganar com meus próprios olhos, porque Manoel Pedro disse e jura que vosmecê se casou.

— Ora, senhor! Veio só por isso? Foi minha Santa, que estava aqui, e foi passar a festa no Xique-Xique e já se casou com o Eduardo Franco, conhecido por Eduardinho. É um bom moço, porém muito estouvado, como mostrou, casando sem a noiva esperar isso, nem pessoa alguma.

— Muito bem, disse o Antônio. Eu vim somente para acabar de acreditar. Agora o difícil está em convencer o doente.

Dusá pareceu perturbar-se; mas perguntou, depois de convidar o Antônio para a sala de jantar, que estava iluminada:

— Que doente?

— Seu Ricardo, respondeu, dirigindo-se pelo corredor, seguindo a dona da casa. Vosmecê nem sabe como ele demudou com a notícia. Desde meio-dia não deu mais uma palavra.

— Sem dúvida! Apoiou ela, fingindo indiferença. Pois se Mariazinha era conhecida e amada...

— Qual! — atalhou Antônio. O negócio é outro. Ele pensa que vosmecê casou de veras!

— Pois é isso mesmo. Ele me tem ainda como Mariazinha que ele conheceu. Eu não desfiz esse engano outro dia, porque podia lhe fazer mal; mas à primeira vez que eu o encontrar, ficará ciente, porque isso tem me aborrecido demais. E como soubera do casamento?

— Já não disse? Foi por Manoel Pedro, que eu mandei ao João Felipe. Este mandou ao Monge, e só ontem veio a resposta, felizmente boa, porque chegou lá a parte

do inspetor com ofício do subdelegado, dizendo que o *Ricardo Mineiro* morreu no conflito.

— Pois fique ele sabendo que quem obteve o ofício e a parte foi Eduardinho, a pedido de minha Santa, que, por si mesma disse que ia ao Xique-Xique pra ajudar a mim e a você nesse empenho de livrar o moço da perseguição.

— Então seria isso. Da minha parte serei reconhecido, porque o rancho, em que ele está, é meu, e agora vou tratar de lavar o cascalho do *Canoão* que está amontoado até hoje. Também seu Ricardo ou *Valeriano*, como se chama agora, já está andando; quando sarar de todo, que cuide de si. E não sei como se há de arranjar, porque roubaram o dinheiro e tudo dele, que ficou na casa! Só tem a roupa do corpo! Os animais estão soltos na serra, de modo que só vosmecê comprando e mandando pegar.

— Coitado! Chegou ao último ponto! Mas posso mandar pegar esses animais sem me comprometer com a justiça?

— Pode, sim, porque o rebate das letras foi antes do barulho. Se são, como ele e Felipe dizem, os seis animais valem a letra maior.

— E ele quer vendê-los a mim?

— Quer, e já me falou. Ele pediu a Manoel Pedro pra indagar de Vítor e do Bebê, como quem não sabia de coisa alguma, se eles, eram credores do criminoso, e neste caso mandavam pegar os animais que ele deixou; responderam que isso era com vosmecê, que tinha antes comprado as letras. Isso faz três dias, e desde então ele foi ficando triste, e me pediu para lhe falar. Agora, depois da notícia do casamento, calou de todo.

Maria soltou um fundo suspiro, como se sua própria alma soluçasse, carpindo o infortúnio do mineiro.

— Seja como for, Sr. Antônio. Não quero que esse homem sofra e se desespera por causa de dinheiro.

— Vosmecê está enganada, supondo que ele aceite dinheiro. É orgulhoso e de opinião, como ele só!

— Espere. Não quero dar dinheiro assim. Mande pelo camarada dele, pegar os animais; faça preço e compre-os a dinheiro, que lhe darei.

— Ora! Dá no mesmo, porque ele vem lhe entregar o dinheiro, que eu sei.

— Pois deixe vir!

Ritta serviu o café. O garimpeiro tomou e saiu, deixando a mundana entregue às suas meditações.

XXXII

Decorreram oito dias.

Fosse intento de amor, ou estivesse resignada a esquecer, Dusá voltara à vida laboriosa e metódica de boa dona de casa.

Iam já um pouco distante os dias breves em que despertava sol alto, almoçando à uma hora da tarde, e jantando às sete da noite.

Muito outro era agora o seu viver e maiores os seus rendimentos, porque, além do jornal de Francisco Venâncio, transformara Juliana e Sophia em doceiras. E seus doces e bolos eram disputados pelos fregueses, logo que os tabuleiros saíam. De propósito deliberado, Dusá frequentava a cozinha, degradando Ritta do cargo de governanta, o que, aliás, enchia de contentamento à velha e amorosa escrava.

Joaquim tinha nova obrigação de cuidar dos animais, comprados ao mineiro pelo Antônio Roxo, que os pagara a bom preço. Ricardo guardou o dinheiro, de que separou apenas certa quantia para a compra de roupa de “carregação” e despesas, inclusive o pagamento ao curandeiro e à enfermeira Mafalda, mas logo que se sentiu forte, convidou Antônio para descerem à Passagem. O garimpeiro deu-lhe a chave da casa, alegando não ir, por estar triste com a apuração do cascalho das *visagens* de que resultaram somente uns diamantinhos de despesa, e muito cativo, o que era “prenúncio certo de infusão”.

Isso dizia ele, porém o Manoel Pedro teimava que, tendo ficado o cascalho amontoado por muitos dias, os *batichós* tinham engolido o diamante grosso da visagem.

Ricardo, que tinha precisão de descer, tomou a chave e seguiu à noitinha, acompanhado de Felipe.

Nessa noite, conforme o costume, Dusá estava na sala de visitas, em meia penumbra, recostada num canapé, conversando, em voz baixa, com Ritta, sentada no ladrilho.

De súbito, ouviram um arranhar na porta da rua que, estando destrancada cedeu, dando entrada ao vulto imponente de um cão de raça.

— Olhe *Amigo*, gente! Exclamou Dusá, sentando-se, e chamando o cão.

Amigo avançou, abanando a cauda alegremente, com a alegria pacata de cão ensinado e pousou o pescoço nos joelhos de Dusá, para que ela melhor o afagasse.

— Que novidade é essa?! Perguntava ela. Tanto tempo que não te vejo! Vamos a ver que nem trouxe nada hoje! Exclamava, rindo, e passando a mão no pescoço do lindo animal, para verificar se trazia algum bilhete atado.

— Isso é o sinhô dele que vem aí, Sinhá! — *Amigo*! Cadê Sinhô?

— Dá licença? Solicitou da porta entreaberta uma voz conhecida.

— Pode entrar, disse Maria, levantando-se.

Ricardo entrou risonho ainda porque ouvira as palavras carinhosas com as quais Dusá tinha recebido o seu fiel *Amigo*, mas essa expansão ficou despercebida, por causa da meia escuridão da sala. Depois de apertar, com a mão gelada, a mão fria de Dusá, e responder à saudação da escrava, o mineiro sentou-se, ao passo que *Amigo* estirava-se junto à sua cadeira.

Ritta fora buscar e já trazia o candeeiro para a sala, porém Ricardo ponderou que não convinha ser visto.

— Então vamos para a sala de jantar, convidou Maria.

— Não, senhora; aqui mesmo estou bem, respondeu ele, e mesmo a demora é pequena. Eu vim agradecer sua bondade e caridade, me socorrendo, porque eu sei de tudo, e até indo ver um pobre doente escondido atrás da serra. E afirmo, D. Emerentina, que meu reconhecimento não se acabará enquanto vivo for.

Dusá ouvia, silenciosa e embevecida, aquela voz simpática a lhe penetrar no íntimo da alma. E aquela voz branda e pausada, partia de um homem, que, além de belo a seus olhos, era destemido e generoso, as duas virtudes mais apreciadas pelo comum das mulheres; mas o tratamento de *dona Emerentina* desfez-lhe a ilusão de um momento, e ela, com fingida chocarrice, inquiriu:

— Oh! Já não sou Maria?! Sou *dona Emerentina*? Já se convenceu de que a outra é a verdadeira?

O mineiro emudeceu um momento e, não podendo ler coisa alguma no semblante de sua interlocutora, tomou as perguntas como ditadas por altiva indiferença, ou vingança das afrontas que ele lhe fizera duas vezes, e respondeu secamente:

— Tenha paciência, *dona Emerentina*. Agora vamos tratar de negócio. A senhora é credora de duas letras. Venho resgatar a menor e vou trabalhar, para resgatar a outra.

— *Tenha paciência também*, retorquiu ela; não quero que se vexa por isso! Esse dinheiro, que o senhor quer me dar, pode servir para ganhar outro, e assim não tomo...

— Isso não! Assim me contraria muito! Eu quero a letra de seiscentos e vinte.

— E se eu tivesse queimado ambas? Perguntou Dusá.

— Eu depositava o dinheiro em mão segura, aqui, e a senhora não me veria mais nunca.

— Mas isso é capricho ou orgulho? Que gênio, meu Deus!

— Nem orgulho nem capricho. É negócio. É porque a senhora não está acostumada a negociar, se não, sabia o que é honra de negociante. Por minha infelicidade dei pra garimpar, mas espero ainda negociar no sertão, se bem que o garimpo não tivesse culpa de minhas doidices, e antes desse lucro. E vá buscar minha letra, que não posso me demorar muito.

Dusá, habituada à obediência dos escravos e dos amantes, quando os teve, ouviu, como um sibilar de serpente, aquele “vá buscar”, indicador da altivez de espírito do mineiro.

Calou-se, entufada, e, pisando forte, dirigiu-se ao quarto. Demorou-se um pouco e voltou com a letra exigida; porém, imaginando vingar-se, perguntou:

— E os juros? Não paga também?

— Pois não! Acudiu o mineiro. Olhe aqui, pode contar, principal e juros até hoje.

Maria desaprumou-se. Mas entregou a letra e recebeu o dinheiro, tendo nos lábios um sorriso dissaborido.

— Negócio é negócio, amizade à parte, insistiu Ricardo.

— Mas nem tanto... ponderou Dusá. Agora, também não aceita uma xícara de café? Perguntou ela, já temendo a resposta.

— Muito agradecido. Mas está ficando tarde e eu quero ver se vou ainda hoje pra o rancho. Preciso entrar logo num trabalho marcado. E *quem é cativo não bota puba de molho*²³³! Não é? Perguntou Ricardo, em tom de mal disfarçada ironia.

— Mas isso vai a quem é cativo; retorquiu ela, em voz sufocada.

— Mais cativo do que eu sou? Cativo de um benefício que não tenho com que pague, e cativo ainda da mesma senhora, por uma dívida de conto e cem, afora prêmios...

— Adeus, dona Emerentina. Vou trabalhar e espero em Deus, breve resgatar minha letra, ficando sempre agradecido e pedindo ainda perdão de outras ofensas novas, porque das velhas já fui perdoado.

O mineiro tinha se levantado, e estendia a mão à Dusá.

— Modere seu gênio, senhor Ricardo! Eu vejo que o senhor está zangado comigo, porque comprei suas letras.

— Qual, dona. Foi até um benefício, um ensino que me deu.

— Olhe! Eu não disse? Ensino de quê? Inquiriu ela.

— Eu era um tantinho orgulhoso e agora fiquei convencido de que a gente não deve ser vingativa nem orgulhosa!

— Então eu sou vingativa e orgulhosa? Perguntou ela, cuja emoção traía-se pelo trêmulo da voz.

— Deus me livre de dizer isso a quem fez o sacrifício e a caridade de ir tão longe me visitar, doente para morrer. Peço também que reforme o seu pensamento; eu não sou ingrato... E boa noite, concluiu o mineiro, apertando, quase à força, a mão trêmula da formosa mundana, que se ria nervosamente, como histérica, desejando chorar.

Ricardo saiu e *Amigo* o acompanhou.

Dusá tinha ainda o dinheiro na mão esquerda, e apenas fechou a porta, correu para o quarto, atirou o dinheiro sobre uma banca, e, deitando-se de bruços na cama, afogava com os travesseiros o pranto soluçado, que reprimira a custo.

Na sala de jantar, as três escravas escutavam, emocionadas, os soluços e o assoar das lágrimas. Ritta não sabia que fazer; ir para junto da senhora, podia excitá-la ainda mais; conservar-se arredia, sujeitava-se às consequências de sua raiva depois.

— Mas o que foi, gente? Perguntava Juliana, em voz baixa.

— Cala a boca, minha comadre, cochichou Ritta, levando o indicador aos lábios. Vem cá, que eu estou até alegre!

²³³ *Botar a puba de molho*: a puba é uma massa que se extrai da mandioca ao coloca-la durante algum tempo de molho na água; no texto, a expressão se refere a não perder tempo.

— Pois Sinhá tá chorando, e vosmecê, que é mesmo que mãe dela, tá alegre? Murmurou a cozinheira, sinceramente aflita.

— Vem cá, insistiu a governanta, e, acenando, dirigiu-se para a cozinha, donde ouviria qualquer chamado da senhora.

Juliana e Sofia acompanharam-na automaticamente. Encontrando Joaquim, na cozinha, Ritta ordenou:

— Vai depressa, Joaquim, aí pelo portão, e vigia que é que o moço, sô Ricardo tá fazendo na casa de sô Antônio, e vem me dizê.

O velho escravo saiu apressado, supondo ser uma ordem de Dusá e Ritta, concentrando-se num momento, disse depois:

— Minha comadre: *Maravia* vai ganhar o prêmio!

— Que prêmio, minha comadre? Perguntou Juliana.

— Do casamento de Sinhá, respondeu a governanta, cujos olhos brilhavam de alegria.

— *Uai!* Pois *Maravia* contratou casamento pra Sinhá? Interrogou Sophia, por sua vez, com voz de assombrada.

— Não, menina; mas adivinhou, e fez Sinhá ter paciência e esperar...

— E com quem? Com esse moço estourado, que deixou Sinhá chorando?

— Cala a boca, menina; você inda é nova e tola, continuou Ritta, em tom de misteriosa decifração. Eu sou negra véia baseada. Sinhá Maria tá apaixonada pelo moço e ele inda mais por ela. Ele é home mesmo, que muié não governa; o moço é valente e fala rosado, mas é bom, agora eu vi! Aqui uns tempo Sinhá quis vingar dele e comprou umas letras que ele devia. Agora ele soube, e pensou que Sinhá o despreza e quer comprar a vontade dele como cativo a dinheiro. Por isso zangou e veio pagar uma. Sinhá não queria receber e ele obrigou. Eu escutei tudo, por bem dela. Agora o choro passa e ela fica mais presa. Ele também fica pelo beijo, quando souber que Sinhá quer bem a ele... de coração.

— E quem diz? Perguntou Juliana.

— Eu! Exclamou Rita, batendo no peito.

Rançou a porta da cozinha, e Joaquim entrou.

— Então? Perguntou a ex-governanta.

— Moço tá na sala de dentro, sentado, pitando cigarro de cabeça baixa. Eu fui vê sô Felipe, que estava fazendo café na cozinha.

— Eu não disse? Negra véia não se engana. O moço tá de modo que tendo inimigo, deixou a porta aberta. Vou lá neste instante. Cadê meu pano?

— Tá aqui, tia Ritta, disse Sophia, apresentando o pano da Costa.

— Si Sinhá me chamá, Juliana, diz que eu volto já.

As escravas ficaram como estateladas da resolução de Ritta.

Esta saiu, chamando Joaquim, que a acompanhou à casa onde estava Ricardo. Ao ver o vulto de Ritta, *Amigo* rosou, mas depressa conheceu Joaquim.

— Ahn! Exclamou a escrava; assim ninguém entra, que *Amigo* não deixa, se for estranho.

A porta ainda estava aberta e Joaquim entrou adiante.

O mineiro estava tomando café. O escravo disse:

— Rita veio vê sinhô!

— Que Ritta? Inquiriu Ricardo.

— Rita véia, lá de casa, sinhô!

— Ah! Essa eu não conheço ainda.

— Pois inda agora dei Louvado sôs Cristo... mais a sala estava com pouca luz e sinhô não viu direito, disse a escrava aparecendo na porta, enquanto Joaquim entrava para os fundos da cozinha.

— Ah! Era você, minha velha? Que veio fazer?

— Vim ver si sinhô estava incomodado e zangado com sinhá...

— Foi ela que mandou saber? Zangado, por quê?

— *Ou!* Pois sinhô nem quis tomar o café que sua negra véia tinha feito... como é que não tá zangado?

— Mas foi ela que mandou? Insistiu Ricardo.

— Não foi, não. Ela nem me viu saí. E digo a Yôyô. Minha Sinhá é mesmo que uma fia minha. E tenho dó quando ela sofre. Sinhô saiu e nós vimos ela entrar pra o quarto chorando, eu pensei que sinhô brigou com ela.

O mineiro sorriu descrente.

— Está bem, minha velha. Isso é lá outra coisa. Não sou culpado.

— É porque sinhô não sabe como ela lhe quer bem!

— Bem, a mim? Perguntou o mineiro, rindo. Se ela me quisesse bem de coração, não comprava dívida minha, por vingança, pra querer trazer-me debaixo dos pés!

— Não foi isso, não, sinhô!

— Olhe, minha velha, vai tomar café na cozinha. Não fale mais nisso, não, ordenou ele, imperativamente, em voz mudada.

A escrava calou-se. Julgou inconveniente insistir, e disse:

— Tá bom, meu senhor, me perdoe. Eu não posso demorar, vou só dizer adeus a sô Felipe.

E foi à cozinha, donde voltou instantes depois, com Joaquim.

A velha escrava não sabia onde pisava. Todo o seu castelo se desabara. Ao chegar à casa nada disse; estava triste, mas foi fazer companhia a Dusá, que se tinha acalmado, posto que continuasse a velar.

Ricardo continuou a meditar.

Felippe fechou a porta, depois de prender *Amigo* na sala, e foi deitar-se. Ricardo velou, até que adormeceu de fadiga, debruçado sobre a mesa.

Quando os galos “miudaram”, Felippe levantou-se e despertou-o, porque deviam partir para o garimpo.

XXXIII

Resistir, na luta pela vida, destruindo os obstáculos emergentes, é apanágio das almas fortes; porém perseverar, contornando-os e afeiçoando-se a um objetivo supremo e digno, só é próprio dos espíritos de eleição, para os quais é estímulo a própria desventura.

Dusá possuía a virtude da perseverança no amor, que se nobilita pelo sofrimento, e acrisola-se pelo domínio do amor-próprio.

Acalmada a crise nervosa, que a acometera após o último encontro com o mineiro, reconheceu a sua sem-razão e infantilidade.

D’homens dóceis às veleidades de uma mulher, não estava cheio o mundo? Logo, aquele que, polidamente, a subjugava, era, entre muitos que conhecia, o único digno de sua dedicação.

Não a amava? Era preciso que amasse. E para ela se transformou em estímulo a altivez de Ricardo. Estava aberta a luta da brandura contra a violência, em que o ponto de honra daquela era vencer pela afeição.

Em consequência de sua resolução, adotando novo plano de combate, em que Antônio Roxo entrava como figura obrigada, mandou chamar o garimpeiro, e, propondo sociedade nos lucros, fê-lo estabelecer-se na Passagem com armazém de “gêneros da terra”. Além disso procurou entreter amizade com as vizinhas, que não suportava já o isolamento em casa.

Por sua parte, Ricardo continuava a viver e pensar como um homem desorientado, desde o casamento de Mariazinha, ou antes desde a notícia de ter Dusá comprado suas letras.

Era singular a situação do mineiro, e mais singulares as alternativas do seu espírito, que se debatia entre a razão, o amor, o reconhecimento e o brio.

Ele próprio rememorava essas alternativas e sofrimentos, admirado da resistência de sua razão, quando, por muito menos, outros a perdiam.

No Xique-Xique odiou Dusá, convencido de que era Maria Alves não porque tivesse a esta um verdadeiro amor, mas porque se julgou menosprezado, quando tinha direito ao reconhecimento e a certa superioridade moral. Depois entrou em dúvida, por ter notícia da moça, vinda do sertão, que o procurava e arrependeu-se de ofender a uma pessoa que, além de estranha, o impressionara pela beleza. Porém Supi, que o iniciara no vício da embriaguez, convencera-o de que Dusá era a verdadeira Maria Alves, e a moça uma especuladora, forçando-o a injuriá-las por um bilhete sem assinatura.

Sobrevem o infortúnio, e a ingratidão de Supi mostra-lhe que Dusá era-lhe superior, e se o tinha desconhecido, a culpa era dele, Ricardo, que desprezara o bom aviso de João Felipe.

Surgem, depois, os negros dias da perseguição, e Maria Dusá toma a seus olhos o prestígio de uma heroína adorável, e adora-a no mesmo calor da febre traumática, e no delírio de sua fraqueza. Vendo-a transpor a Serra, deixando comodidades que lhe a fortuna proporcionava, depois de abandonar a vida alegre das funçanatas, sentiu-se acabrunhado de remorsos, porque Maria se tornara um ente superior. Mas, eis que essa superioridade se rebaixa à vingança trivial dos entes mesquinhos. Maria Dusá compra as letras, por vingança, para mostrar que não devia ser chamada vendida, porque também sabia e podia comprar. Em seguida vem a notícia do seu casamento com um daqueles que lhe fizeram frente no Xique-Xique, em casa da mundana. Tal notícia, transmitida por Manoel Pedro, que a conhecia e a viu recitar à passagem do préstito do Dois de Julho, veio entretanto lançar o mineiro, num estado vizinho do desespero. Desapareceram de sua alma todos os sentimentos e considerações de reconhecimento, para ficar sozinho, veemente, como ele não supunha, um amor sem limites, que pedia sangue, numa vingança estrondosa, porque Dusá, dois dias antes, recebera compassiva a expressão desse amor. Foi este ímpeto de vingança que o fez emudecer, despertando apreensões dos que o cercavam. Mas a verificação de Antônio Roxo, que fora à Passagem, donde Dusá nem ao menos tinha saído, chamou-o à razão. Mas a essa razão era preferível a ilusão antiga, porque seu amor caía agora, fracionado, do pedestal de sonhos em que se estadeava. Sentia-se contrafeito como aquele que ao cravar o ferro homicida, reconhece a inocência da vítima. Que semelhança tão extraordinária era essa, entre as duas criaturas, que iludia até aos conhecidos de poucos dias!? Seriam irmãs? Mas isso que importava? Quando a amada era Dusá, a verdadeira e não a que o povo teimava em denominar assim, e a quem agora votava indiferença?

Havia, entretanto, o lado que o inquietava.

Enquanto estava enganado, tratava Dusá com a familiar superioridade de quem a beneficiara em dias de miséria. Agora era-lhe uma mulher estranha, de quem conhecia apenas a beleza despótica, e a generosidade turvada pelo instinto de vingança. Nem poderia invocar em prol de qualquer familiaridade, o fato de ter sido mundana, porque ela estava em caminho de notória regeneração. O próprio tratamento geral de “D. Emerentina” era a consagração do seu esforço virtuoso.

Em tais meditações, o mineiro gastava horas, dias inteiros.

Não gostava de admitir seus camaradas em palestras íntimas, mas a fidelidade, a constância de Felipe, elevaram-no à categoria de um confidente. Por isso, ao voltarem da Passagem, ao alvorecer, Ricardo repetia, pela quarta vez:

- Eu nunca pensei de cair num engano assim, por tanto tempo.
- Também foi culpa desta daqui da Passagem, patrão.

— Não foi. A vez única em que ela podia me enganar, não o fez porque o Domingos preveniu-a de que não me contrariasse, e quando viu que ela ia desobedecer, deu-me um cordial²³⁴, e eu dormi sem que a visse partir.

— E me pareceu, patrão, que ela tinha muita pena de vosmecê. Se não me enganei, eu vi água nos olhos dela, na hora da saída...

— Nesse ponto eu também me enganei... mas... sei lá... a mulher estima dinheiro, como todos. Talvez fosse medo de perder a dívida... E não fazia mal! Quem mandou comprar minhas letras?... É o diabo! Aí quem não tem razão sou eu!... Agora, a velha Ritta disse que ela ficou chorando, quando eu saí ontem. Se é verdade, a velha pensa numa forma e eu penso de outra. Se chorou, é porque, mulher rica, pensou que eu me agachava obediente, porque estou devendo. Que engano! Nem a ela, nem a ninguém no mundo! Qual! Quando eu penso nessa dívida... fico com raiva de mim mesmo! Gastar à toa com uma infame e ingrata! Nem gosto de me lembrar!

— Não vale a pena, patrão. Água passada não mói... Agora vamos ver o que diz a sorte nesse novo garimpo.

— É isso! Hoje mesmo pode se desmontar um bocado bom, se sô Antônio quiser se associar... mas, coitado! Eu o vejo tão esmorecido com o serviço de garimpo... Comprou os animais e não teve remédio senão tornar a vender... Garimpo é um jogo do diabo!

Olhe, no momento que resgatar minha letra e tiver um cobre mais pra viagem, vou-me embora. Foi uma cabeçada que eu dei, deixando minha tropa. Mas tenho fé em Deus, que inda boto outra na estrada!

— Ah! Dia, patrão! Tomara já chegar esse dia! Creia vosmecê, que se não fosse a amizade que eu tenho, e vergonha de me apresentar sozinho a sinhá D. Joaquina, eu já estava longe!

— Coitada de minha mãe! Não sabe quanto eu tenho sofrido!

A recordação do amor materno pôs termo à conversa. O mineiro suspirou, como um filho pródigo²³⁵ infeliz, sentindo umedecerem-se-lhe os olhos, e continuou, vagorosamente, a galgar a serra, acompanhado de Felipe e *Amigo*.

XXXIV

No julgar do povo, estava “de sorte aberta” o Antônio Roxo, quando estabeleceu o seu armazém de víveres.

²³⁴ *Cordial*: bebida com efeitos calmantes.

²³⁵ *Filho pródigo*: em referência à parábola bíblica que aparece em Lucas 15:11-32, o filho pródigo é aquele que retorna à casa dos pais após longo período, tendo levado uma vida desregrada e cheia de desperdícios. Essa parábola faz parte de uma trilogia sobre a redenção e o perdão.

Em poucos dias afluiu tão numerosa freguesia, que foi admitido um caixeiro, filho de uma vizinha de Dusá.

A razão dessa afluência estava, principalmente, nas simpatias de que gozava o sócio ostensivo, que apenas sabia ler, porém que aliava à sisudez – um trato delicado e bonachão. Entrou a negociar, para fazer vontade à Dusá, visto que sua vocação era para garimpar; mas, talvez, por isso mesmo, a sorte o auxiliasse a contragosto, porque, no dizer vulgar, ela agarra pela orelha a quem lhe nega as mãos.

Havia, entretanto, uma palavra, que não deixaria de concorrer para arraigar as simpatias: era o título SAUDADE, escrito em grandes letras na frontaria da casa do negócio. Chamava muito a atenção e alguns amigos perguntavam:

— Ó Antônio, que quer dizer esse título? *Saudade* de quê?

— Ora! Sei lá? É um nome!... É saudade do meu garimpo, onde eu não estava como macaco amarrado no cepo: — corre pr’aqui, despacha um; corre pr’ali, despacha outro, que já não dou conta das minhas pernas!

E, assim dizendo, ria-se maliciosamente o ex-garimpeiro, porque, nem levava a mal os lucros obtidos à custa da canseira alegada, nem lhe pertencia a autoria do título.

Dusá é que o imaginara, guardando o segredo sobre o fato ou objeto distante que motivava o sentimento por ele expresso. Saudade! por que se lembraria Dusá da mais bela, e mais sugestiva palavra da língua portuguesa?! Dessa palavra, que, por si mesma, evoca sonhos e ilusões desfeitas?

Saudade! De que ou de quem teria ela saudade? Da alegre vida passada? Não, porque cada vez mais se esforçava por esquecê-la, atarefando-se em constante e produtivo trabalho com seus escravos.

Saudade! Tê-la-ia de Mariazinha, por se ter mudado com seu marido para mais longe ainda, para o Mucugê?

Não, que até ficou satisfeita com a mudança de Eduardo Franco e sua mulher, a quem o povo teimava em dar a alcunha de Dusá.

Ela própria não saberia dizer definitivamente de que tinha saudade, porque, no seu viver atual, experimentava apenas o sentimento indefinível de uma ilusão esvaecida.

Fosse como fosse, o que não sofria dúvidas era que em meio de uma população de ádvenas aventureiros, em um lugar, cujos naturais mais velhos não teriam ainda vinte anos de idade, esse título não podia deixar de exercer certa influência no ânimo dos fregueses, porque não há criatura adulta, feliz ou desventurada, que não tenha sempre uma saudade a chorar num canto d’alma.

Em consequência e porque morava já um bom violão encordado na Saudade, alguns fregueses escolhiam a venda do Antônio Roxo, para desabafar mágoas que se reavivavam pelos comentários do título, e, não raro, às dez horas, fechada a venda, vibrava o *pinho* saudoso, acompanhando modinhas populares. O vinho então corria fartamente, com o que lucravam os donos da casa.

Dusá morava perto, e já se tinha habituado a ouvir essas expansões pacatas, que, em regra, terminavam em carraspanas inofensivas, mesmo porque todos sabiam que o Antônio era “homem como trinta”, e não admitia provocações. Entretanto, apesar do

hábito, uma noite, em meio de semana, quando todas as casas estavam fechadas e a população repousava em maior parte, Dusá foi despertada por uma desconhecida e bela voz de tenor, segura e afinada, que partia da venda ou armazém *Saudade*.

Era umas dessas vozes soberanas, que ordenam a quem ouve: *Ama ou recorda-te de quem amaste um dia*.

O acompanhamento era também diferente daquele dos cantores já conhecidos. Era uma modinha mineira, escrita sem dúvida por algum aventureiro inditoso, que deixando o torrão natal para correr em busca do oiro e do diamante, acordara um dia desiludido, vibrando a corda lírica e romântica da alma da terra natal. A música exprimia o mesmo sentir e não havia mineiro ou chapadista desse tempo que a não conhecesse.

Era esta a primeira estância que a voz de tenor repetiu:

Arrojado em climas remotos
De desgraça em desgraça corrido,
Nestas plagas, enfim, desvalido,
Que o destino me obriga a pisar...

Sem gozar o carinho materno,
Sem irmãos, nem amigos ou amante...
Combatido da sorte inconstante.
Quem virá minha dor consolar?!

Também cantou a segunda estância e nada mais se ouviu.

O acento da voz denunciava o grito de uma alma infeliz, que não deixaria de encontrar eco na alma da mulher sensível, para quem o oiro não constituía a fonte da verdadeira felicidade. Alma boa e sonhadora, atirada em verdes anos no abismo da luxúria humana, e, ora tentando grimpar pelas arestas cortantes, numa escalada heroica, para galgar os cimos tranquilos, donde pudesse deslizar, flutuando em ondas luminosas, a inebriar-se do azul cerúleo num alvorecer sem fim, Maria estimava tudo que lhe podia fortalecer na luta, avigorando-lhe o amor ideal.

Simpatizou com o cantor, mas não podendo conhecê-lo pela voz, formou o intento de indagar quem era ele.

No dia seguinte mandou chamar seu sócio, sob um pretexto fútil, e, no meio de conversa corriqueira, perguntou:

- Quem cantou uma modinha, só uma, esta noite, lá?
- *Ou!* Vosmecê não conheceu, não? Perguntou, sorrindo, o Antônio.
- Nunca ouvi essa voz, e quem cantou estava sentido, que fazia pena!
- Estava, e está, acentuou o negociante, compadecido. Seu Ricardo...
- E era ele? E canta assim? Atalhou Dusá, mudando de cor.
- Canta e toca violão como poucos aqui. É mineiro e não tem que ver! Mas, como eu ia dizendo, esse moço entrou deveras na carreira duma infelicidade, que faz dó. No vexame²³⁶ de pagar a dívida, fez despesa no serviço de um “emburrado” que dá muito

²³⁶ *Vexame*: no Nordeste do Brasil, o termo designa pressa, urgência.

diamante; pois o que trouxe ontem no final do serviço, mal deu pra pagar Manoel Pedro, e fazer o saco. Agora, decidi trabalhar na *Gruna do Defunto*²³⁷. Apesar do tempo estar “fixe”²³⁸, eu não achei bom, porque neste mês costuma dar uns aguaceiros na serra, e qualquer aguinha do riacho toma a boca da gruna, e foi assim que morreu o primeiro que entrou.

Fiz ver isso, mas o homem respondeu que quem está perdido não procura caminho.

— Coitado! Mas para que há de ser assim? Por que não veio aqui? Perguntou Dusá.

— *Eiô!* Eu fui falar nisso, e ele atalhou logo, dizendo que só vem aqui no dia em que tiver o dinheiro contado.

— Que orgulho!

— Não é orgulho, não, dona. É gênio. Eu também pensava assim, mas é gênio desconfiado de mineiro. O moço é bom à boca cheia.

— Faça um jeito, sô Antônio, pra ver se ele deixa esse serviço. Ofereça-lhe dinheiro emprestado, faça sociedade com ele, noutra garimpo... e eu aguentarei com os prejuízos, se houver.

— Está direito. Isso é até obra de caridade. Quando ele aparecer aqui no Comércio, eu proponho.

— E se eu pudesse convencê-lo para vir aqui em casa, talvez ele se deixasse de tanta desconfiança, porque eu rasgaria a letra à vista dele.

— Vamos ver, respondeu o Antônio, despedindo-se.

Dusá tornou-se desde então apreensiva. Comunicou seus sentimentos a Ritta, e a escrava fazia apelo a Deus, consolando, porque via que, pouco a pouco, a senhora devotava-se, como esposa extremosa, ao mineiro.

A contrariedade sofrida, o pranto inconsolável de uma noite, servira somente para acentuar depois a simpatia, transformando-a em verdadeira paixão, porque Dusá já não pensava muito tempo em outro objeto. Era a paixão fria e ponderada da mundana de juízo, que é a paixão mais veemente, porque menos se denuncia antes do momento que ela julga oportuno.

Dias se passaram. O desassossego de Maria tornou-se notório aos seus próprios escravos.

²³⁷ *Gruna do Defunto*: nome popular que possivelmente se refere à Gruna do Brejo, antigo garimpo localizado na cidade de Andaraí, na Chapada Diamantina. Também conhecida como Mina do Brejo ou Garimpo Verruga, trata-se de uma gruta artificial onde muitos garimpeiros perderam a vida durante o ciclo do diamante no século XIX. Atualmente, o local faz parte do roteiro turístico das ruínas de Igatu e conserva bonecos esculpidos em pedra em homenagem aos trabalhadores mortos. A expressão “Gruna do Defunto”, apresentada no romance, provavelmente seria uma referência oral e simbólica aos episódios trágicos ocorridos ali.

²³⁸ *Fixe*: no contexto apresentado, a expressão é utilizada para descrever o tempo aparentemente firme e bom, sem sinal imediato de chuva, mas que pode mudar de forma repentina, como frequentemente acontece nas regiões serranas da Chapada Diamantina.

— Que é que Sinhá tem, que vive olhando pra o céu? Perguntavam uns aos outros, rindo à socapa.

— Sinhá tem um trabalho, explicava Ritta, que a chuva bota a perder, por isso tem medo que chova.

A explicação era maliciosa, porém satisfeita, porque todos compreendiam a referência ao mineiro.

XXXV

Entrou o mês de setembro, nublado e quente, renunciando chuva.

Ricardo, desde a noite da modinha, cuja música Maria repetia baixinho nas horas de tranquilidade, não mais voltara à povoação. Apenas mandava Manoel Pedro fazer compras a crédito em casa de Antônio Roxo. Este mandava-lhe recados que viesse; precisava de falar-lhe; porém o mineiro, entretido e animado num trabalho de desmonte dificultoso no veio da gruta, não atendia aos chamados.

A princípio trabalhava com grande cuidado. De espaço em espaço, ia ou mandava inspecionar o estado da atmosfera. Porém não só ele como os camaradas foram se habituando ao interior da gruta que formava, na gíria dos gruneiros, um bom “salão”, comprido e largo, onde trabalhavam à vontade, desmontando areia do meio para amontoá-la aos lados. É certo que fixou o hábito do descuido a preguiça, oriunda da dificuldade da saída, porque era preciso calma e perícia do gruneiro. A “boca” estreita da gruta ficava no leito do riacho, livre, porém, do fio d’água, que sussurrava na estação estival; o leito ou veio da gruta era “baixo”, inferior, cerca dum “estado”; de modo que, uma ponta de rocha, aquém da “boca”, é que servia de apoio ao gruneiro que, para sair, se perfilava nela, depois metia os braços, firmando as mãos na borda, pendurava-se, guindando como um acrobata, até apoiar os cotovelos em alguma saliência; firmava os pés noutra aresta, e surgia fora. Era um exercício penoso.

Mas o garimpeiro se acostuma aos mais penosos trabalhos; e esse causava apenas preguiça e não medo. A entrada era mais fácil pelo hábito de se deixarem escorregar até o ponto de apoio.

Fora, no rancho, que era uma lapa, à margem direita do riacho, ficava *Amigo* vigiando ou dormindo, pelo que, às vezes, antes de entrarem para o trabalho, escondiam em redor, as roupas e víveres.

No dia 3 de setembro, à tarde, estava terminado o trabalho do desmonte, e patente o cascalho de alguns caldeirões. Adivinhando o pensamento do patrão, Felipe e Manoel Pedro disseram que se devia logo dar uma “experimenta”.

— Sim, respondeu Ricardo, mas depois que eu souber o estado do tempo. Felipe vai comigo, pra ajudar a trazer a bateia e ralo, e você, Manoel Pedro, vai tirando cascalho deste primeiro caldeirão e amontoando lá embaixo, junto da “lavadeira”. E pra não andar

com candeia às voltas, deixa a sua aí no alto, toma a de Felipe e leva pra lá, com o primeiro “carumbé”.

Depois de tais deliberações, seguiu com Felipe, levando a sua candeia, que alumiaava o caminho para ambos; e, pela prática do trânsito, em poucos minutos estavam fora.

Amigo veio, alegre, festejar o senhor e o camarada. Este tratou de atear um bom fogo, para assar carne e fazer café.

Ricardo subiu a um ponto mais alto da encosta, olhou em redor, e desceu convencido de que não haveria chuva até no dia seguinte.

Estava pronto o café, à moda dos tropeiros, e Ricardo tomou logo o seu cuitezinho, para se aquecer e esperar a carne assada.

Decorrido algum tempo, tomaram ambos a frugal refeição, reservando o que bastava a Manoel Pedro, deram a *Amigo* a sua parte e, depois de esconderem de novo os sacos de víveres e outros objetos, partiram para a gruta, ficando *Amigo* com a costumada ordem de — *sentido!*

Felipe entrou primeiro, para receber a bateia, que Ricardo fazia, por meio de uma corda, descer devagarinho, o que se efetuou sem partir-se a bateia.

Ricardo olhou ainda uma vez para o céu e desceu disposto a trabalhar parte da noite, porque nada viu de suspeito.

Mas, ao cravar-se o sol, nuvens negras, impelidas por um leste rijo, mudaram totalmente o estado atmosférico, e poucas horas depois cobria a serra uma chuva grossa e “mansa”, isto é, sem trovoada, fazendo escachoar subitamente dezenas de riachinhos, precipitando-se no Riacho da Gruna do Defunto, que, de humilde fio d’água, avolumou-se em caudal impetuosa e rugidora, tomando de margem a margem.

Alta noite rebentou violenta trovoada, ribombando de grota em grota, e a chuva caiu semelhante a cataratas diluvianas.

Amigo, de espaço a espaço, gania de aflição e terror.

Ao amanhecer, o riacho atingia o aterro do rancho dos garimpeiros, mantendo esse nível, porque a chuva continuava, se bem que mais calma.

Não tendo visto chegar o *senhor*, o cão saltou n’água, mas a correnteza arrebatou-o com violência, atirando-o um pouco abaixo sobre pontas de rocha *gneiss*²³⁹. Galgando a ribanceira, apesar de ferido, o cão voltou ao rancho, soltou um uivo dolorido e prolongado, que repercutiu tetricamente, misturando-se ao fragor das águas. Depois, sacudiu as orelhas, arrepiado e trêmulo, e disparou serra abaixo, pelo caminho da Passagem.

Os habitantes madrugadores viram-no atravessar na carreira, em direção à casa de Dusá. O portão estava aberto, porque Joaquim e Sofia estavam carregando potes de água, e o animal, do conhecimento que tinha, atravessou o quintal, saltou a janela da sala de

²³⁹ *Gneiss*: ou *gnaisse* são rochas metamórficas formada a partir de outras rochas, como cristais de mica, quartzo e granito.

jantar, entrou pelo corredor, farejando, e foi encontrar Dusá na sala de visitas, quando relia uma carta, recebida à noite, e firmada por Mariazinha. Apesar de não ter dormido, receando a sorte do mineiro, a mulher soltou um grito de assombro e recuou.

O cão aproximou-se de novo, deitando, humilde, ganindo, a seus pés. Só então ela notou que o pobre animal, além de molhado, tinha manchas de sangue na cabeça e no corpo.

Não podia compreender como, tendo perecido o “senhor”, salvara-se, o cão que não apartava-se dele. Outra coisa teria sucedido.

Condoía-se, com a quase certeza dalguma desgraça.

Não tendo o cão trazido bilhete, nem objeto algum, ela exclamou:

— Coitado de *Amigo*! Parece que foi ferido! Que foi isso, *Amigo*? Que é de *Sinhô*? Inquiria, alisando-lhe, com as pontas dos dedos, a cabeça molhada.

Ao ouvir a palavra *Sinhô*, o cão levantou-se, e soltou um uivo esquisito e prolongado, dirigindo-se para o corredor. Esse uivo, nuncio certo de uma catástrofe, ecoou, na casa, de um modo lúgubre. As escravas acorreram espantadas. Estando na cozinha, a um lado da casa, não tinham visto entrar o cão. Logo que o reconheceram, exclamaram a um tempo:

— Foi uma desgraça que sucedeu, Sinhá!

Maria sentia os cabelos arrepiados, e rápida associação de ideias fez-lhe compreender tudo.

— Corre ali, Ritta, vai chamar sô Antônio que venha cá depressa. Ah! meu Deus! não há mais remédio! Exclamava ela, chorando. Eu bem disse! Que moço teimoso! Pagou com a vida a sua teima!

As escravas resmungavam, paralisadas. O cão foi até ao quintal, porém, não vendo ninguém seguiu-o, voltou de novo, uivando.

Em poucos instantes Antônio Roxo entrava na sala, acompanhado pela escrava.

— Já adivinhei o que aconteceu, disse ele. Cachorro não entra nessa gruna, por isso *Amigo* está aqui. Agora é a gente rezar por alma de todos os três.

— Mas não era bom, ao menos, ver o que ficou fora? ... a chuva aqui passou já, também, e se achasse o corpo *dele*, eu mandaria fazer o enterro decente... Oh! meu Deus! Nem eu gosto de pensar! Exclamava Dusá, em voz chorosa. Tenha paciência, sô Antônio! Fecha a casa e vá até lá mais Joaquim e Venâncio, que eu não deixei ir hoje pra o serviço, pensando mesmo nisso!

— Não tem dúvida, D. Emerentina. É um dever, e eu ia com algumas pessoas, por mim mesmo. Eu quero dizer é que não se deve ir com esperança de salvar nenhum. E até logo. Mande os escravos me esperarem lá adiante.

Disse e saiu para a venda.

Joaquim e Venâncio receberam ordem de partir, e logo que Amigo os viu arregaçando as calças ou enfiando jalecos de baeta, ganiu menos triste, como se preparando para guiá-los. E no momento em que os viu partir, seguiu adiante trotando.

No fim da Rua do “Ferve”, Antônio Roxo os alcançou, e em menos de uma hora de caminho chegavam ao rancho.

O cão uivou novamente, vendo o riacho ainda cheio.

— Enquanto não baixar, é tempo perdido estar aqui, ponderava Antônio Roxo. Em todo caso, vamos lá embaixo a ver o arrote da gruna que cai no riacho.

Desceram. O velho garimpeiro conhecia palmo a palmo esses terrenos.

O arrote ainda estava tomado pelo riacho, mas via-se bem que a água da gruta saía em borbotões.

— Eu vou descer, ordenou Antônio aos escravos, mas vocês ficam no rancho procurando os trens que devem estar escondidos pra me levar e eu apresentar à autoridade.

Os escravos ficaram até à tarde, e encontraram sacos de víveres e roupas, que conduziram.

O cão, fiel ao senhor, não os quis acompanhar.

Continuou junto ao riacho, a soltar uivos que enterneciam.

XXXVI

A chuva cessou de todo. O tempo firmou-se com um sol ofuscante.

Passaram-se dois dias, durante os quais o povo falou na “desgraça” da *Gruna dos Defuntos*. Mas como sempre acontece nos centros muito populosos, maximamente lavristas, no dia 6 de setembro já ninguém, nas ruas ou vendas, falava em tal coisa.

Outros acontecimentos, e as urgências da vida, ocupavam a atenção de cada um. Demais, ia-se festejar a *Natividade de Nossa Senhora*, no dia 8, e isso era, então, um acontecimento da maior valia, que empolgava a alma católica da povoação, para a qual o vigário, chegado de véspera, era uma espécie de ente superior, quase sagrado.

Assim, somente na casa de Maria Dusá ou D. Emerentina (como era conhecida e tratada, visto que na opinião geral, a verdadeira Dusá era a do Xique- Xique ou Mucugê), somente nessa casa não se esquecia o fato lutuoso. Dia e noite, a casa estava cheia de tristeza. Todos se moviam como sombras, taciturnos e acabrunhados. É que também a dona da casa estava de cama e a caldos, tão forte foi a emoção sofrida com o desengano que lhe deram os escravos, trazendo o restante dos objetos, na tarde de 5, e asseverando que a gruta estava seca, porém metade da altura aterrada de “lavagem” e areia. Não houve seduções nem violências, afirmavam igualmente, que conseguissem retirar o cão fiel da

boca da gruta. Deitado aí, defendia o lugar com uma ferocidade insólita. Atiraram-lhe pedaços de carne, que ficaram esturricando no lajedo, porque o animal não queria comer.

Na noite de 6, porém, houve um rebuliço na cozinha: gritos, exclamações, risos comprimidos. Ritta, Juliana e Sophia correram ao quarto de Dusá. Esta “madornava”, e abriu os olhos com o estrupido das escravas.

- Que é isso? Inquiriu ela.
- “Alvista²⁴⁰!” Exclamaram a um tempo.
- Por quê? É Mariazinha?
- Não, Sinhá; é “sinhô” Ricardo, que chegou vivo! Vivo! Sinhá!
- Mentira, Ritta! Disse ela, sentando-se na cama com grande esforço.
- Joaquim “viu ele” chegar na casa de morada de sinhô Antônio!
- E onde está Joaquim?
- Tá i, Sinhá.
- Chame Joaquim.

O preto já estava na sala. Ouviu e respondeu:

— É de vera, Sinhá. “Chegou” há muito tempo, ele e Manoel Pedro. O outro eu acho que morreu. Mais sinhô Antônio não qué que ninguém fale na rua.

Dusá levantou-se, cambaleando de fraqueza.

Nesse momento bateram devagarinho na porta da rua.

Ritta abriu-a e retirou-se com os parceiros. Era Antônio Roxo. Entrou com ar misterioso e sentou-se, esperando a dona da casa. Depois de pequena demora, ela apareceu na porta. Trazia os longos cabelos sobre uma de suas batas azuis de cote, que mais acentuava-lhe a palidez e o desfigurado semblante.

- É verdade, sô Antônio? Perguntou ela, sem saudar.
- É, dona, respondeu ele, compreendendo o objeto da pergunta.
- Mas isso, só por milagre!
- Realmente, só por um milagre, depois de tantos dias e noites.

E explicando o milagre, Antônio Roxo narrou o que ouvira ao mineiro:

— Na tarde de 3, saiu com o pobre Felipe, e tornaram a voltar à gruna onde tinham deixado Manuel Pedro amontoando cascalho de um caldeirão. Não viram sinal de chuva. Felipe começou então a “servir” e Manoel Pedro a lavar. Como era pouco o “esmeril”²⁴¹, apuraram logo. Ficaram assombrados da riqueza da gruna. Ricardo encheu o “picuá”, e colocou-o numa banquetta de pedra. Um bonito diamante de vinte e três grãos,

²⁴⁰ *Alvista*: interjeição correspondente a boas novas, boas notícias.

²⁴¹ *Esmeril*: pequenos grãos de areia e quartzito resultantes da lavagem, e onde se encontra mais facilmente o diamante. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.154).

que acabei de vender agora mesmo, não cabendo no picuá, ele amarrou num lenço e meteu por baixo da carapuça.

Como o saco da ambição não enche para garimpeiros, começaram a tirar o cascalho doutro caldeirão. Quando já o tinham tirado todo e amontoado no “paiol”²⁴² da lavadeira, ouviram o estoiro. Quiseram cuidar em sair, mas era tarde. Sentiram pelo vapor a “cabeça” d’água pertinho.

Como a gruna aí tem um emburrado alto dum lado, cada um foi tratando de subir com o maior cuidado, temendo, porque acima há uns “macacos” que podiam desabar. A água já estava “lambendo” perto das candeias, quando Ricardo se lembrou do picuá. Neste instante a água leva o picuá! disse ele. Felipe não pensou no que ia fazer. Saltou como um gato, apanhou o picuá, atravessou-o na boca, mas nesse instante as candeias se apagaram. Sem dúvida o infeliz ficou desorientado, pendeu para o lado, onde havia maior perigo, porque ouviram os dous rolar uma pedra, e logo um gemido e daí mais nada. Ricardo gritou Felipe e quis se precipitar para o socorrer, porém Manoel Pedro agarrou-o, afirmando que Felipe tinha respondido mais embaixo. Nada mais ouviram senão o barulho da água. Acomodaram-se o melhor que puderam os dous, recostados nas pedras seguras. Mas começou um calor úmido, que os fazia suar em bicas. Tiveram medo de morrer asfixiados por falta de ar, mas viram de um lado no alto um ponto como uma estrela pequenina e compreenderam que aquilo era um suspiro da gruna. Entretanto sentiram um torpor que os prostrou, e adormeceram. Durante o sono ouviram uma espécie de mugido e às vezes sonhavam estar devorando cadáveres. Quando acordaram, respiraram livremente. Mas tremiam de frio. Não sentiam fome, porque tinham perdido a noção do tempo. Pensavam ter dormido durante uma noite. Ricardo gritou o nome de Felipe diversas vezes, mas não teve resposta.

Acabrunhava-os a incerteza de poder sair, pelo aterro possível da gruna. Mas aplicaram o ouvido e escutaram o sussurro dum fio d’água. Isso, e o ar fresco reanimou-os. Manuel Pedro lembrou-se dos fósforos guardados no forro da sua carapuça, e, tirando um, friccionou-o pacientemente na ponta da unha do polegar, até levantar-se a chama tênue, a cujo clarão puderam ver a areia quase a seus pés. Desceram, e só então viram que a enchente fizera uma espécie de ribanceira, e apanharam o veio da gruna.

Aí ouviram os uivos do cachorro como vindo de longe. Então foram subindo de rastos, Tateando até à boca da gruna. Manuel Pedro teve uma alegria doida. Ricardo, ao contrário, chorou a morte do bom camarada e amigo, vítima da sua dedicação. O estado de *Amigo* metia dó. Era uma magreza que espantava. Por isso se convenceram que fazia dias que tinham entrado. Manoel Pedro atirou-se a um dos pedaços de carne que encontrou no lajedo e deu outro a *Amigo*.

Ricardo não encontrou as roupas nem nada e ficou supondo que os ladrões tinham dado no rancho, e deliberou descer. Aqui é que soube de tudo que se passou.

— Mas parece que estou sonhando! Comentou Dusá, quando, em termos outros e expressões próprias Antônio Roxo terminou a narrativa.

²⁴² *Paiol*: depósito onde é guardado o cascalho diamantífero para lavagem. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.13).

— Parece mesmo um sonho, concordou Antônio Roxo.

— E o camarada, coitado?!

— Esse morreu mesmo, e está bem enterrado afirma agora Manoel Pedro. Sô Ricardo está triste deveras, por isso.

— Outra coisa, você não tem amizade com o padre que está aí?

— Tenho, por quê?

— Eu desejava que ele dissesse uma missa aqui em casa, amanhã, ainda que pagasse caro... para a madrugada...

— Acho que ele não faz dúvida, e o altar?

— Pode ficar pronto hoje mesmo, porque é uma mesa com as imagens... tem velas...

— Então vou em casa entregar o dinheiro; vou à casa do padre, e volto a dar a resposta. E até já.

Maria permaneceu sentada, em atitude meditativa.

Ritta veio da cozinha, trazendo-lhe uma xícara de caldo, que ela tomou, sentindo melhor sabor que doutras vezes. Tendo a velha escrava confidente ouvido a narração de Antônio Roxo, comentava o *milagre* com exclamações; mas foi interrompida por alguém que bateu na porta, devagar.

— Entre, convidou Maria. Empurre a porta.

Ricardo apareceu. A escrava saudou-o alegre e retirou-se.

— Graças a Deus, que ainda o posso ver! Exclamou Dusá.

— Eu digo a mesma coisa, D. Emerentina, e sempre agradecido, porque já soube quanto a senhora se incomodou. Infelizmente lá ficou pra eternidade o amigo mais firme que já tive, porque Felipe não era mais um camarada, e sim um amigo!

Houve um silêncio doloroso. O mineiro sentia apertar-se-lhe a garganta.

— Que é feito de *Amigo*? Perguntou Maria, como que censurando a falta de memória de Ricardo.

— Sim, ainda me resta esse animal fiel, a quem devo a vida. Está, aí em casa, magro que faz pena, mas já está comendo como onça.

Houve novo silêncio. Maria chorava, sem soluços. Não tendo percebido as lágrimas, o mineiro disse em voz branda:

— Venho buscar minha última letra. Aqui está o dinheiro do capital e prêmios. Era o que me prendia na Chapada, porque já vi que, nesta terra, a sorte, comigo, anda quer e não quer.

Maria soluçou alto.

— Oh! Que é isso, D. Emerentina? Por que chora?

— Choro, respondeu ela, ainda entre soluços, porque, ou o senhor é surdo e cego, ou tem um coração de ferro! Não viu que a certeza de sua morte ia me matando? Como ainda vem falar que só teve um amigo? Que ingratidão é essa?!

— Meu Deus! Exclamou o mineiro, e era por mim?!...

— Além disso, ainda traz dinheiro, pedindo uma letra maldita que eu já rasguei, guardando só a firma! Pois tome também esta, é a medalha que devia ser enterrada comigo, porque a obtive de quem não o amava! Tome!

E assim dizendo, partiu, com raiva, a fita que estava presa à medalha, e, entregando-a com a mão direita, tapava os olhos com a esquerda.

— Maria! Exclamou o mineiro, como fora de si, e abraçando-a castamente. Eu aceito para sempre esse amor, que respondia ao meu, sem que eu o soubesse. Aceito de joelhos, Maria, porque ao amor inconstante de uma virgem volúvel devia preferir um amor virgem, para sempre. E eu sei que nunca amaste, Maria! Conheço tua vida desde que te vi, e abençoo meu engano!... E queres saber duma coisa? Aí está um padre hospedado...

— Está, filhos, está para os unir em tão santa intenção, disse da porta uma voz simpática.

Ricardo, confuso e envergonhado, abriu os braços afastando-se. E o padre, acompanhado de Antônio Roxo, penetrou na sala, francamente iluminada. Tinha vindo a pretexto da missa, já contratada, tentar ouvir de confissão a mundana, que ele sabia ter entrado em bom caminho. Ao chegarem à porta pararam e aí ouviram a mútua confissão de amor de Ricardo e de Maria.

O padre entrou, comovido com o lance ou desfecho romântico, muito ao gosto da época.

— Isso, meus filhos! repetia ele. E ficai certos de que Jesus Cristo se enche de maior gozo com o arrependimento de um pecador, do que com a presença de cem justos.

Antônio Roxo, esse pai adotivo de Maria, estava radiante de alegria. Maria, depois de cumprimentar o padre, desapareceu pelo corredor, envergonhada do que dissera, e do traje, que tratou de substituir por vestido mais decente.

O padre ordenou que Antônio Roxo ficasse na porta, prevenindo que ninguém se aproximasse, e, colocando uma cadeira num canto da sala, disse a Ricardo:

— Vem te confessar logo, filho. O padre e o médico não escolhem muitas condições para curar.

Ricardo obedeceu. Depois dele veio Maria.

Terminadas as confissões, o vigário designou o lugar para a mesa em que devia celebrar a missa pela madrugada; e retirou-se, recomendando a Ricardo que fosse para a casa dormir, e assim poder comungar. Maria teve a mesma recomendação de repouso, para a comunhão.

Ricardo despediu-se de sua amada, com um *até logo*, como se fosse sua mulher. A intervenção do sacerdote extinguiu, por algumas horas, entre ambos, a voluptuosidade dos sentidos, deixando superar a alma cristã.

Antônio Roxo voltou com o sacristão. Arranjaram o altar e saíram.

Às cinco horas, voltaram com o padre, Ricardo e mais alguns conhecidos e vizinhos amigos. D. Zizi foi madrinha, Antônio Roxo foi o padrinho.

Efetuada o casamento, foi celebrada a missa, e os nubentes comungaram.

Durante o dia correu a festa, numa alegria íntima, de portas cerradas.

O grosso da população ignorava o fato, aliás transmitido de pessoa a pessoa. Também a atenção geral estava voltada para a venda *Saudade*, onde *Ponta d'Água*, de volta da Bahia, onde fora cantar, entusiasmava o povo.

Entretanto, no meio da alegria da casa, havia o açodamento de arrumação para uma viagem de muda.

É que, à noite, após o casamento, Ricardo preveniu que viajariam no dia seguinte, de madrugada, e Maria respondera simplesmente:

— Agora minha vontade é a tua, Cadi.

Era esse último nome o apelido familiar do mineiro.

À noite, Maria fez ligeiras despedidas, e quando escrevia uma cartinha à mulher de Eduardo, despedindo-se de ambos, com a cabeça azoinada pelo batuque dos escravos no quintal, Ritta chegou de manso, à porta do quarto, e disse:

— Sinhá! Maravia tá aí!

Maria que nunca se esquecera do preto mágico, misturando a fé em Deus com as superstições vulgares, apanhou uma sobrecarta, fechou uma cédula de cinquenta mil-réis, e foi levar em pessoa.

Ao ver o feiticeiro, teve repugnância e medo, mas disse:

— Aqui está o seu presente, e muito obrigada!

Em agradecimento, o fetichista respondeu, rindo:

— Eu sei que Sinhá e Sinhô têm de ser muito felizes, e Sinhá, voltando pra sua terra, há de conhecer seus parentes.

Disse, fez meia volta, cortejando com o barrete de baeta escura, e saiu sem ouvir mais.

Maria ficou também sem saber que havia de dizer, tão grata foi a impressão produzida pelas palavras do feiticeiro. Seria possível? Quando voltou ao quarto, contou

ao marido, convencida de que uma boa esposa não tem segredos para o marido, naquilo que se refere a ambos.

No dia seguinte a casa estava deserta.

Antônio Roxo chorava ainda. Não obstante a generosidade de Maria e Ricardo, deixando-o como o dono único do negócio e de móveis, não se consolava, porque até Manoel Pedro, seduzido pelo bom coração do mineiro, viajara com ele.

XXXVII

Um ano depois, a mulher conhecida por Maria Dusá, no Xique-Xique, recebia da mão de Antônio Roxo negociante na Passagem e casado com D. Zizi, a seguinte carta, ao gosto do modelo em voga, escrita da Fazenda Lagoa Seca, trazendo a obreia preta:

“Minha querida irmã. – Estimarei que estas mal traçadas letras vão encontrar-te fruindo saúde e felicidade, para assim receberes as nossas saudades e lembranças. Há muito, ou desde que saí da Passagem, nunca mais soube notícias de minha Santa ou Mariazinha; mas agora sou obrigada a mandar o portador desta ao Sr. Antônio Roxo, para te entregar, em pessoa, esta carta e ficares sabendo que nossa simpatia era a voz do sangue. Tu és minha irmã, por parte de pai e ainda prima em não sei que grau. Porém só contando de princípio como eu soube. Quando eu e Cadi (meu marido) saímos da Passagem, ficamos no Sincorá, porque eu adoeci. Aí passamos dois meses. Eu mandei nosso escravo Joaquim com uma carta a Dindinha, participando meu casamento. Ela ficou numa grande alegria e mandou dizer que nos esperava no menor prazo. Cadi fez-me a vontade e viajamos para a Barra do Gavião. Ela nos recebeu com muito agrado, e virou a cabeça de Cadi, para não seguir para Minas, e sim arrematar na praça esta fazenda. Ele fez isso (depois de participar e mandar recursos para minha sogra e cunhada), e começou a consertar a casa, fazer currais, cercas, fonte e foi comprando gado de que Manoel Pedro tomou conta, como vaqueiro. Passamos para aqui também. Meses depois, Dindinha apanhou umas febres, e não houve remédio que a impedisse de entregar a alma ao Criador. Mas, na hora da morte, ela declarou que era prima carnal de meu pai, e por ser órfã estava em companhia dele, que já era casado.

“Então houve o *desastre*; ele me fez enjeitar na porta de um vizinho, daí tornou a me tomar, casou Dindinha com outro e ela me batizou à força, mudando para a Barra. Aí morreu logo o Pedro Antônio, marido dela e ela continuou a me criar com os recursos que ele dava. Esta nossa história bem triste, sim, mas explica nossa amizade, que neste momento devo anunciar, e ainda a semelhança que todo o mundo admira.

“Tomei nossas irmãs e espero em Deus ampará-las breve, e já tenho um filhinho muito vivo, teu sobrinho, com três meses de idade. Já dei a liberdade a Ritta, mas está em nossa casa. Agora esforça-te, minha irmã, para que Eduardo te faça a vontade também, mudando-se para aqui, onde pode se afazendar, gozando da vida tranquila, que estamos gozando. Nós supriremos o que faltar.

“Nossas irmãs ficam boas e te mandam lembranças.

“Adeus. Aceita um abraço de tua irmã do coração... *Maria*.”

A infeliz ouviu ler a carta, chorando. Antônio Roxo estava hospedado com João Felipe, então negociante da praça, e disse que no dia seguinte procuraria a resposta, que foi esta:

“Minha querida e ditosa irmã. – Quando leres esta, escrita pela caridosa pessoa que me tem socorrido na minha desgraça, já não existirei. Estou às portas da morte, que é hoje para mim um alívio. Dias depois que viajaste com teu marido, o miserável Aristo Alfaiate, que Eduardo chicoteou, apareceu no Mucugê, e matou Eduardo, à traição, no garimpo. Os camaradas correram atrás e picaram-no à facão. Mas essa vingança de nada me valeu. Já tínhamos poucos recursos, porque infelizmente eu não tinha juízo e queria somente luxar. Depois de enviuar, voltei para aqui, porém a minha boa amiga D. Florinda já se tinha mudado para o S. Francisco, casada com um patrício. Fiquei sem uma pessoa que velasse seriamente por mim. As seduções, porém, chegaram, e a necessidade, ou a fome de ouro, me perdeu. Deitaram-me logo o teu apelido... arranquei o luto... e copiei teus antigos modos e até o antigo riso que te deu esse apelido. Ganhei muito, e, por minha vergonha, devo dizer, luxei, entreguei-me a todos os excessos. Hoje estou atirada em cima de um velho catre, onde, entre agonias insuportáveis, procuro arrepende-me de tanta miséria!

“Foi certo o meu pressentimento, quando nos despedimos pela última vez, e eu tinha de voltar dois dias depois. Nunca mais nos veremos. Adeus, adeus, reza por tua infeliz irmã... *Maria.*”

Antônio Roxo e João Felipe foram, até o final, cavalheiros e amigos. Não somente aumentaram os socorros, como depois que a desventurada deixou de existir, fizeram enterrar docemente o cadáver daquela que todos conheciam por *Maria Dusá*.

João Felipe escreveu então a Ricardo, participando tudo e notando as voltas do mundo. Em verdade, Ricardo foi morar na própria fazenda donde fora enjeitada a filha natural do primitivo dono, e onde *comprara* ao próprio pai, por um celamim de sal, a filha legítima, que afinal se perdeu, tomando o nome de guerra da irmã natural regenerada, casada, e conhecida, na vizinhança de sua morada, por D. Maria, a Chapadista.

4.4 MARIA DUSÁ NA ESCOLA: HIPEREDIÇÃO DO ROMANCE DE LINDOLFO ROCHA

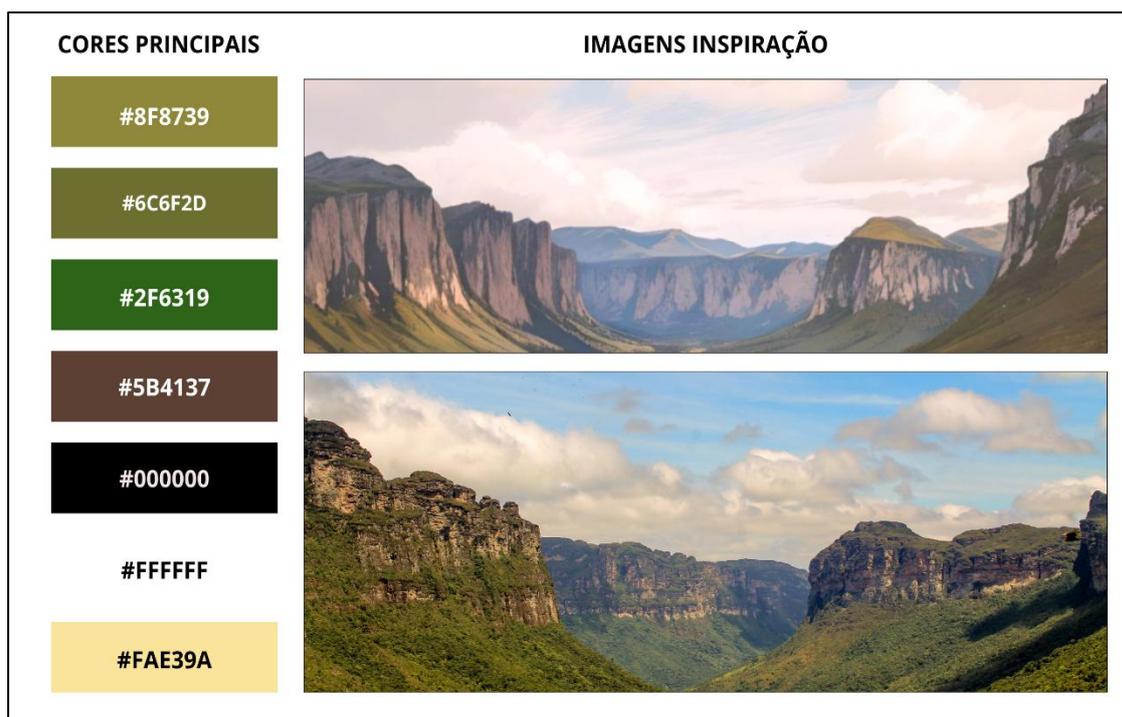
Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha é uma página da *Web* hospedada no domínio: <https://mariadusa.com/>, especialmente criado e desenvolvido para esta tese. Seu objetivo principal é apresentar e disponibilizar a hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, com vistas a favorecer a formação de leitores na Educação Básica.

Para sua construção, utilizou-se o *software WordPress.org*, uma plataforma de sistema livre e código aberto para gerenciamento de páginas eletrônicas na internet, amplamente utilizada para a criação de *websites* e blogs em contextos editoriais e educacionais. Desenvolvido na linguagem PHP (*Personal Home Page*) em conjunto com banco de dados MySQL, um sistema de gestão de banco de dados relacional, o *WordPress* possibilita a integração e organização de conteúdos dinâmicos e interativos. Além disso, suporta o uso de HTML, uma linguagem complementar de marcação de hipertexto fundamental para a construção de páginas publicadas na internet. Essa infraestrutura permitiu disponibilizar o *corpus* da pesquisa em ambiente digital, incorporando hiperlinks e recursos hipermidiáticos de diferentes gêneros, integrados ao vocabulário e às notas explicativas, garantindo uma experiência de leitura enriquecida aos usuários.

A plataforma pode ser utilizada em versões de hospedagem gratuita ou paga, ambas funcionais e flexíveis, com recursos de personalização e integração de diferentes formatos de mídias. Contudo, a versão gratuita apresenta limitações, como pouco armazenamento e instabilidade, o que pode comprometer o seu acesso e edição, a depender do projeto empreendido. Diante disso, optou-se pela versão com domínio pago, que oferece vantagens significativas, como espaço de armazenamento ampliado, endereço personalizado, maior estabilidade, além de funcionalidades diversificadas como plugins e extensões. Esses recursos mostraram-se fundamentais para a construção desta edição digital, possibilitando a abrangência da pesquisa.

O design da interface foi inspirado nas paisagens naturais da Chapada Diamantina, região em que se ambienta a narrativa de *Maria Dusá*. Para reforçar a ambientação, utilizou-se uma paleta de cores que remete aos tons verdes e terrosos da região, tomando como referência o cartão-postal da Chapada Diamantina, o Morro do Pai Inácio.

Figura 18 – Paleta de cores da plataforma *Maria Dusá na escola*



Fonte: Elaborado pela autora.

Essa escolha de paleta também busca valorizar a leitura e interação dos estudantes com os conteúdos. Além disso, aplicou-se uma proposta estética de um ambiente virtual limpo, leve, responsivo e interativo, adequado para dialogar com estudantes da Educação Básica. Dessa maneira, a plataforma valoriza as possibilidades dinâmicas e interativas oferecidas pelo meio digital, sem abrir mão dos princípios metodológicos e críticos que orientam a filologia textual.

No processo de criação do cabeçalho, utilizou-se uma logo marca criada pela pesquisadora, que representa o Morro do Pai Inácio com um diamante em seu interior, reforçando a ambientação territorial e a temática literária, além de um livro na base. O título da plataforma foi posicionado no centro do cabeçalho, garantindo destaque e legibilidade.

Figura 19 – Cabeçalho da plataforma *Maria Dusá na escola*



Fonte: Elaborado pela autora.

Para complementar a construção da identidade visual, a escolha das fontes foi cuidadosamente pensada, considerando o público-alvo da Educação Básica. No geral, as fontes adotadas foram *Roboto*, *Open Sans* e *Arial*, utilizadas em diferentes seções da plataforma para assegurar legibilidade e uma boa experiência no aprendizado. No caso do menu de navegação, optou-se pela fonte *Roboto*, em caixa alta, com tamanho 17px., peso 400, cor #FFFFFF, em contraste com o fundo #8F8739.

A interface da plataforma *Maria Dusá na escola* apresenta um design limpo e responsivo, adaptando-se a diversos dispositivos, como notebooks, smartphones e tablets. O menu de navegação, elaborado com foco na usabilidade, organiza-se em categorias objetivas: *Início*, *Sobre*, *O Escritor*, *O Romance*, *Edição*, *Material Didático* e *Contato*, facilitando o acesso rápido às informações e conteúdos disponíveis na plataforma.

Embora o site seja responsivo e funcione adequadamente em diferentes dispositivos, recomenda-se a visualizá-lo no modo “site para computador”, mesmo em celulares e tablets, para garantir a melhor experiência de navegação e o melhor aproveitamento de todos os recursos disponíveis. Para isso, basta clicar no ícone dos “três pontinhos” na barra de navegação do navegador e selecionar “site para computador”. Dessa forma, o usuário poderá visualizar a página por completo e dar zoom com gestos de pinça sempre que necessário.

4.4.1 A página inicial

A página inicial da plataforma é o ponto de entrada principal do *website*, funcionando como a primeira interface do usuário com o conteúdo e as funcionalidades

oferecidas. A partir dela, estrutura-se a navegação para as demais páginas e recursos disponíveis. Por isso, essa interface deve apresentar informações objetivas, um menu intuitivo e garantir responsividade, assegurando compatibilidade e boa usabilidade em diferentes dispositivos e tamanhos de tela.

Nesse ambiente, concentram-se as informações principais da plataforma, organizadas de modo a apresentar sua proposta e facilitar o acesso aos conteúdos. A seguir, são descritos os elementos que compõem essa página, dispostos de cima para baixo:

Na margem superior:

a) cabeçalho: apresenta o nome do site — *Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha* —, elemento que se repete em todas as páginas da plataforma. No ambiente da Web, esse cabeçalho também funciona como um hiperlink de retorno direto à página inicial;

b) barra de menus: dispõe as seções de *início, sobre, o escritor, o romance, a edição, material didático e contato*, que conduzem o usuário a páginas específicas da plataforma;

c) ferramenta de pesquisa: localizada abaixo da barra de menus, na parte superior da página, alinhada à margem direita, permite a busca de conteúdos específicos no site;

d) recurso de leitura em áudio: posicionado na parte superior da página, ao lado da ferramenta de pesquisa. Trata-se de uma função que permite a reprodução sonora dos conteúdos textuais, ampliando a acessibilidade para usuários com deficiência visual ou dificuldades de leitura, bem como para o público em geral que desejar ouvir a leitura dos conteúdos disponibilizados no site;

Figura 20 – Margem superior da página inicial da plataforma



Fonte: <https://mariadusa.com/>

2) Na parte central do site, logo abaixo da barra de menus, encontra-se uma caixa de texto contendo uma apresentação sucinta do trabalho e a descrição do corpus literário estudado. À direita dessa caixa, há um carrossel de imagens com as capas das diferentes edições de *Maria Dusá*. Abaixo da caixa de texto, localiza-se ainda um botão modal *popup*, que oferece ao usuário a possibilidade de visualizar as capas de romances publicados posteriormente, cuja ambientação na Chapada Diamantina evidencia diálogos literários e, em alguns casos, continuidades temáticas e possíveis inspirações na obra de Lindolfo Rocha.

Figura 21 – Parte central da plataforma



Fonte: <https://mariadusa.com/>

3) Na margem inferior constam: dois modais *popup* de créditos de autoria, um com as informações de *copyright* e o outro com cláusula de reserva; os brasões das instituições vinculadas. Esses elementos são apresentados de forma padronizada e se repetem em todas as páginas da plataforma.

Figura 22 – Margem inferior da plataforma

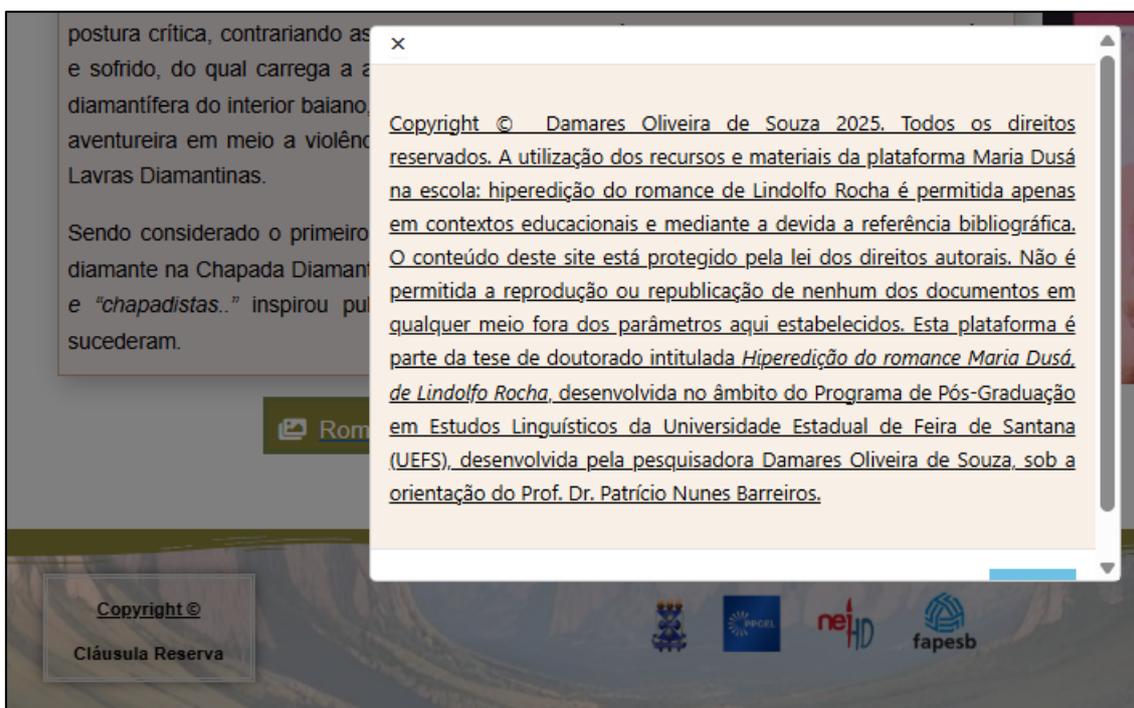


Fonte: <https://mariadusa.com/>

Os créditos de direitos autorais referentes aos conteúdos disponibilizados na plataforma foram redigidos como base na proposta de Barreiros (2015), pensada para edições digitais publicadas via *Web*. A seguir, o texto inserido no modal *popup* copyright © da plataforma <https://mariadusa.com/>:

Copyright © Damares Oliveira de Souza 2025. Todos os direitos reservados. A utilização dos recursos e materiais da plataforma Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha é permitida apenas em contextos educacionais e mediante a devida a referência bibliográfica. O conteúdo deste site está protegido pela lei dos direitos autorais. Não é permitida a reprodução ou republicação de nenhum dos documentos em qualquer meio fora dos parâmetros aqui estabelecidos. Esta plataforma é parte da tese de doutorado intitulada *Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), desenvolvida pela pesquisadora Damares Oliveira de Souza, sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.

Figura 23 – Copyright ©



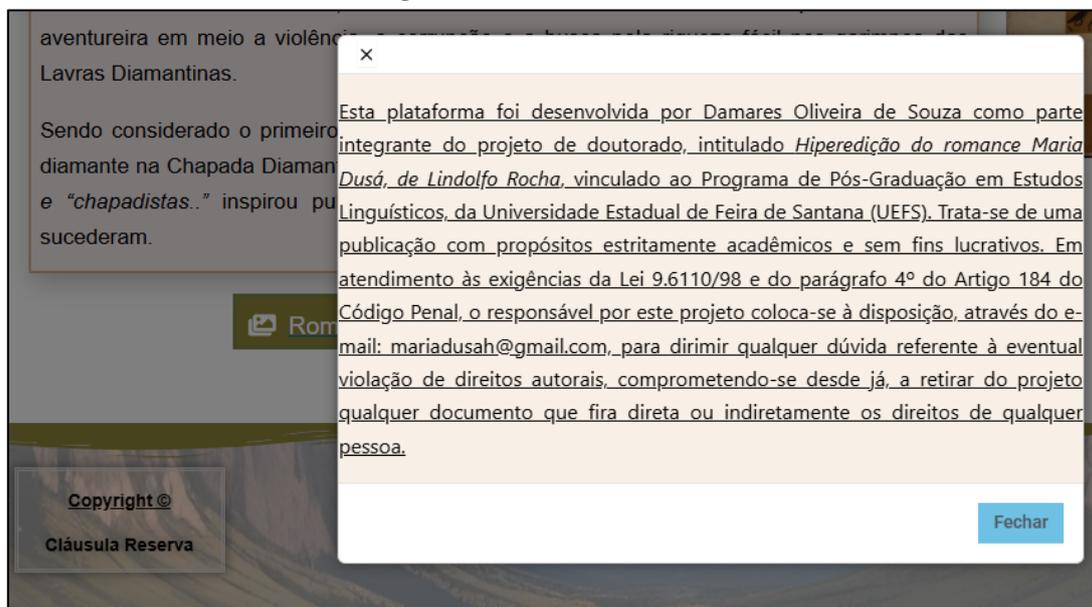
Fonte: <https://mariadusa.com/>

A cláusula reserva tem como intuito proteger o administrador da plataforma e salvaguardar os direitos de qualquer pessoa que, por algum motivo, se sinta prejudicada

por alguma publicação ou divulgação de imagem. Com esse propósito e seguindo o modelo proposto por Barreiros (2015), consta o seguinte texto no modal *popup* cláusula reserva:

Esta plataforma foi desenvolvida por Damares Oliveira de Souza como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado *Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Trata-se de uma publicação com propósitos estritamente acadêmicos e sem fins lucrativos. Em atendimento às exigências da Lei 9.611/98 e do parágrafo 4º do Artigo 184 do Código Penal, o responsável por este projeto coloca-se à disposição, através do e-mail: mariadusah@gmail.com, para dirimir qualquer dúvida referente à eventual violação de direitos autorais, comprometendo-se desde já, a retirar do projeto qualquer documento que fira direta ou indiretamente os direitos de qualquer pessoa.

Figura 24 – Cláusula reserva



Fonte: <https://mariadusa.com/>

4.4.2 A barra de menus

Foram organizados seis menus — Início, Sobre, O escritor, O romance, Material didático e Contato — dispostos em uma barra horizontal no cabeçalho da página inicial do *site*. Esses menus reúnem informações e documentos que apresentam e contextualizam

a pesquisa sobre o romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, além de apoiar a leitura e a compreensão dos textos editados.

Figura 25 – Barra de Menus



Fonte: <https://mariadusa.com/>

4.4.3 Menu: Sobre

O menu *Sobre* tem como objetivo apresentar informações gerais sobre a pesquisa de hiperedição, incluindo seus objetivos, os critérios adotados para a edição, os recursos tecnológicos utilizados na construção da plataforma digital e na edição do romance, além dos colaboradores envolvidos na realização da pesquisa.

Figura 26 – Menu *Sobre*

Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha

A plataforma digital Maria Dusá na escola integra a pesquisa de doutorado intitulada **Hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha**, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, no âmbito do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeIHD/UEFS).

[-> acesse a tese](#)

Esta plataforma digital visa apresentar, de maneira dinâmica e interativa, o romance *Maria Dusá* do escritor Lindolfo Rocha, além de reunir, em um mesmo ambiente, edições e documentos que se relacionam diretamente ou indiretamente com a gênese da obra.

No âmbito da Filologia, disponibilizamos, para a leitura, edições fac-similares digitais e interpretativa do romance *Maria Dusá* (Garimpeiros) – romance de costumes sertanejos e “chapadistas”, publicado em 1910 por Lelo & Irmão, Livraria Chardron, Porto, em Portugal. Buscamos favorecer a difusão da obra e de seu escritor e, em especial, promover diálogo com a Educação Básica, contribuindo para a formação leitora do texto literário.

Critérios Gerais da Hiperedição

Para a elaboração da hiperedição, foram adotados os critérios e princípios estabelecidos por Shillingsburg (1993) e Barreiros (2013), com os acréscimos e adaptações necessários, adequados aos objetivos específicos da pesquisa. Nessa edição, deverão constar, entre outros, os seguintes elementos:

a) A edição interpretativa do texto editado, permitindo níveis de visualização e ampliação da imagem;

b) A transcrição do texto sobre a imagem digital com opção de zoom;

Fonte: <https://mariadusa.com/apresentacao>

Nesse menu, por meio de *hiperlinks*, o usuário pode acessar a versão em PDF da tese, o currículo lattes da pesquisadora e seu orientador, além de outras pesquisas relacionadas, com edições voltadas para propósitos pedagógicos. O acesso a esses conteúdos é feito a partir de *links* inseridos em botões e imagens.

Figura 27 – Menu *Sobre* - outras edições voltadas para propósitos pedagógicos



Fonte: <https://mariadusa.com/apresentação>

4.4.4 Menu: O Escritor

O menu *O Escritor* está organizado em três submenus: *Biografia*, *Linha do Tempo* e *Mapa Mental*. A página *Biografia* apresenta uma visão geral sobre o escritor mineiro Lindolfo Rocha, incluindo a única imagem conhecida do autor, registrada pelo fotógrafo alemão Rodolpho Lindemann.

Figura 28 – Menu *O Escritor*

Lindolfo Rocha: um romancista chapadista

Biografia
Linha do tempo
Mapa mental



Lindolfo Jacinto Rocha é um escritor mineiro nascido em 03 de abril de 1862, na cidade mineira de Grão Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, e falecido em 30 de dezembro de 1911.

Filho de Manuel Jacinto Rocha e de Irene Gomes, Lindolfo Rocha viveu no sertão da Bahia quase a totalidade dos seus 49 anos. Entre os seis e oito anos de idade, ao ficar órfão de pai, sua mãe decide partir para o povoado de Xique-Xique de Igatu, na Chapada Diamantina-BA, onde residiam outros parentes. Um menino mestiço, pobre e criado pela mãe, pouco se sabe da sua infância.

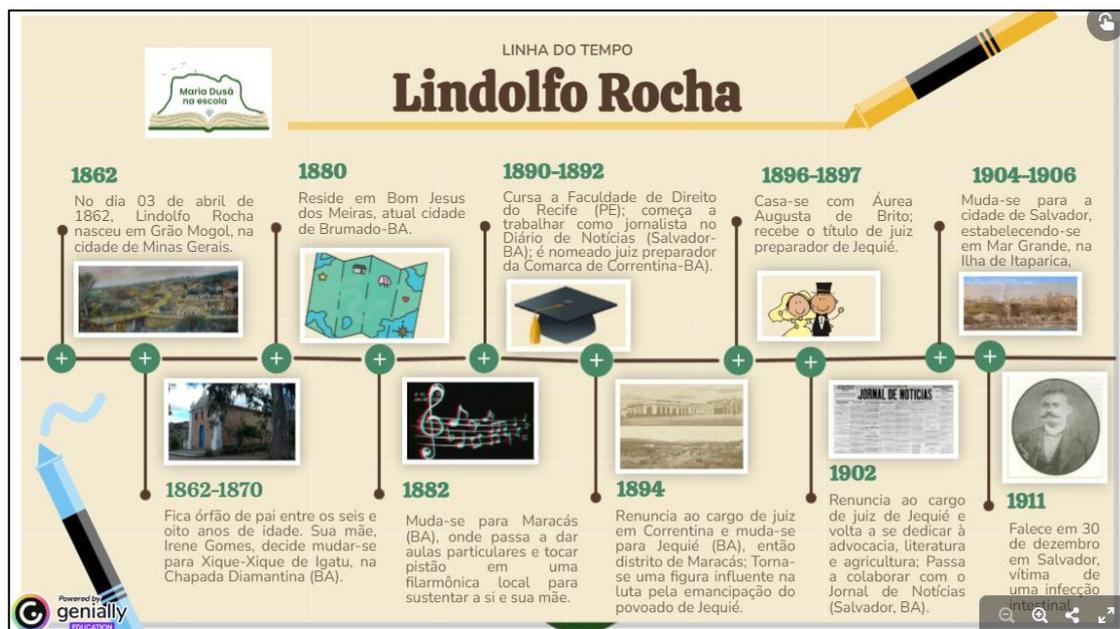
Dez anos após a sua partida de Grão-Mogol, têm-se notícias de Lindolfo Rocha em Bom Jesus dos Meiras, hoje cidade de Brumado-BA, em 1880. Posteriormente, mudou-se depois para a cidade de Maracás. Aos 18 anos, garantia o seu próprio sustento e de sua mãe, dando aulas particulares e tocando pistão numa filarmônica local. Sua mãe, Irene, dedicou-se totalmente à sua criação, não se casando novamente e permanecendo na condição de viúva até o final da vida. Começando a progredir em sua formação intelectual, vai a Salvador, capital da Bahia, para prestar exames preparatórios no Ateneu Provincial. Mais tarde, já residindo na Vila d'Areia, hoje Ubaíra, cria o colégio primário São Vicente Ferrer.

Lindolfo Jacinto Rocha é um escritor mineiro nascido em 03 de abril de 1862, na cidade mineira de Grão Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, e falecido em 30 de dezembro de 1911.

Fonte: <https://mariadusa.com/autor>

No submenu *Linha do Tempo* são apresentadas, de forma cronológica e didática, as principais informações sobre a vida e obra de Lindolfo Rocha. Elaborada na plataforma digital *Genially*, a linha do tempo reúne recursos visuais e interativos que permitem ao usuário acessar conteúdos adicionais, situando o autor em seu contexto histórico, social e geográfico.

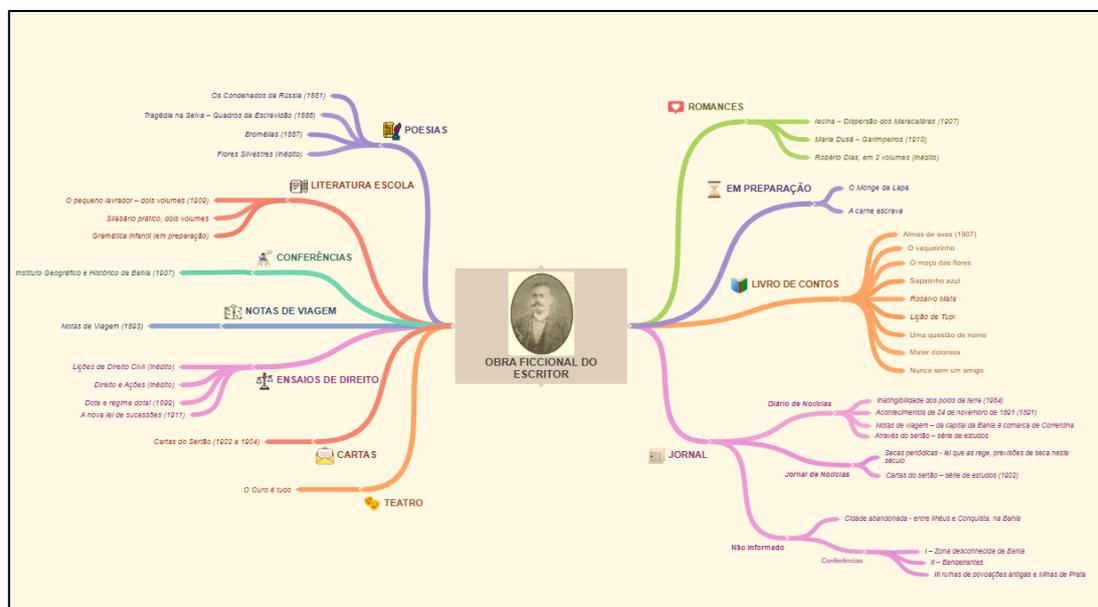
Figura 29 – Menu *O Escritor* – Linha do tempo



Fonte: <https://mariadusa.com/linha-do-tempo>

Já o submenu *Mapa Mental* apresenta especificamente a produção ficcional de Lindolfo Rocha. Elaborado na plataforma digital *Coggle*, por meio da ferramenta *MindMap*, o recurso permite visualizar, em ramificações interligadas, os gêneros, obras e temáticas abordadas pelo autor, possibilitando ao usuário compreender as conexões entre sua trajetória literária e os contextos em que suas obras foram produzidas.

Figura 30 – Menu *O Escritor* – Mapa Mental



Fonte: <https://mariadusa.com/mapa-mental>

4.4.5 Menu: O romance

O menu dedicado ao romance *Maria Dusá* tem como finalidade apresentar informações que ambientem o leitor no universo ficcional da obra, além de contextualizar sua produção e circulação editorial. Essa seção da plataforma disponibiliza um histórico do romance, destacando que, antes de ser publicado em livro pela Livraria Chardron, em 1910, circulou como folhetim no Jornal *Diário de Notícias*, de Salvador, no ano de 1908.

Figura 31 – Menu *O Romance*

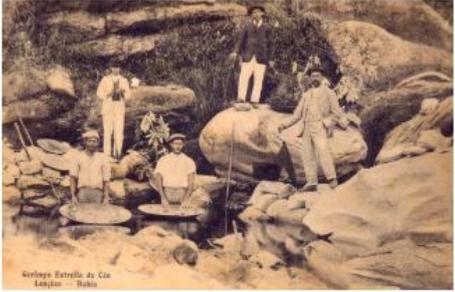
Maria Dusá: um romance chapadista

O romance *Maria Dusá*

O romance *Maria Dusá*, escrito por Lindolfo Rocha, teve a sua primeira edição publicada em 1910 por Lelo & Irmão, Livraria Chardron, Porto, em Portugal. Esta edição possuía o subtítulo "(Garimpeiros) – romance de costumes sertanejos e "chapadistas"" e constituía de 312 páginas. No entanto, o romance já havia sido publicado em folhetim, no *Jornal Diário de Notícias*, da cidade de Salvador, no ano de 1908.

A telenovela *Maria Maria*





Vilagem Estrela da Cia. London - Bahia

Trata-se de um romance ambientado em um ciclo diamantífero do interior baiano, entrecortado pela fome, violência e miséria causadas pela seca que ficou conhecida como "fome de 60", em 1860. Lindolfo Rocha buscou retratar nesse romance a vida nas Lavras Diamantinas (Chapada Diamantina-BA), as paisagens, tradições, costumes e linguagem.

A história de *Maria Dusá* resume-se em um doloroso triângulo amoroso envolvendo o tropeiro mineiro Ricardo Brandão, Maria Alves (Mariazinha) e a própria protagonista Maria Dusá. Ricardo,



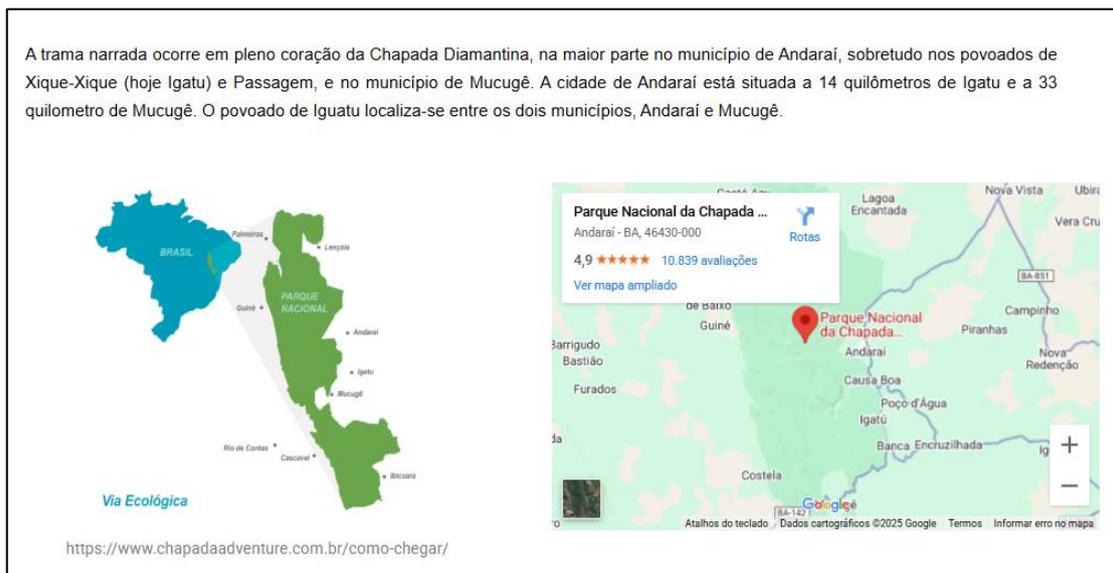
Cortezinha em trabalho, Lençóis - Bahia

Fonte: <https://mariadusa.com/romance>

Além desse contexto, a página oferece um resumo do enredo, cuja trama se desenvolve a partir de um triângulo amoroso envolvendo o tropeiro mineiro Ricardo Brandão e as personagens Maria Alves (Mariazinha) e Maria Dusá.

Complementando essas informações, a página apresenta a localização geográfica dos principais cenários ficcionais, situados no coração da Chapada Diamantina e ilustrados por meio de mapas. Dentre eles, destacam-se os municípios de Andaraí, Mucugê e o povoado de Xique-Xique (atualmente Igatu), espaços que desempenham papel essencial na construção do ambiente sertanejo retratado por Lindolfo Rocha.

Figura 32 – Menu *O romance* - localização geográfica



Fonte: <https://mariadusa.com/romance>

No submenu *A Telenovela Maria Maria*, apresenta-se, de forma sucinta e contextualizada, a adaptação do romance de Lindolfo Rocha (1910) para a telenovela *Maria Maria* (1978), escrita por Manoel Carlos e exibida pela Rede Globo de Televisão. A página é enriquecida com informações sobre a adaptação, vídeos com a apresentação de alguns capítulos da telenovela, uma playlist de áudio com o EP das músicas da novela e hiperlinks relacionados, oferecendo ao usuário recursos complementares sobre essa transposição da obra literária para o formato televisivo. Além disso, disponibiliza-se um carrossel de imagens com recortes de revistas que registram a recepção da telenovela na época de sua exibição.

Figura 33 – Menu *O romance – A Telenovela Maria Maria*

Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia

▶ 00:00 — 00:00 🔊 📶

Diversos títulos de grande renome da literatura foram adaptados para a teledramaturgia, em especial pela emissora Rede Globo. Embora não tenha surgido com grande repercussão na literatura durante algum tempo, o romance *Maria Dusá*, do escritor mineiro Lindolfo Rocha, não passou despercebido pela dramaturgia brasileira. De autoria de Manoel Carlos e direção de Herval Rossano, a telenovela *Maria, Maria*, foi inspirada no romance *Maria Dusá*, cujo enredo foi o mesmo, porém adaptado. Exibida pela Rede Globo em 1978, no período de 30 de janeiro a 23 de junho, a telenovela foi exibida em 119 capítulos, no horário das 18 horas.

Na adaptação, a trama principal que envolve as irmãs Maria Alves e Maria Dusá teve como intérprete a atriz Nívea Maria, fazendo os dois papéis, e o ator Cláudio Cavalcanti interpretando o tropeiro Ricardo Brandão. Anteriormente, ambos os atores já haviam participado de inúmeras telenovelas de sucesso da Rede Globo.

Ambientada no século XIX, em uma região de



Acervo/Globo

Capítulos de Maria Maria 1978



Telenovela Maria
maria 1978 Capítulo
01



Telenovela Maria
Maria 1978 Capítulo
02



Telenovela Maria
Maria - Capítulo 03

Fonte: <https://mariadusa.com/telenovela>

4.4.6 Menu: Edição

O menu *Edição* tem como objetivo disponibilizar, em ambiente digital, a edição interpretativa do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha. Organizado de forma didática e interativa, esse menu oferece ao usuário acesso ao texto integral da obra e recursos complementares que favorecem a leitura, a contextualização e a mediação pedagógica. Sua estrutura baseia-se em dois recursos principais: o **índice lateral**, que permite percursos individuais de leitura, e **submenus superiores**, que oferecem acesso integral aos conteúdos.

Figura 34 – Menu *Edição* – recursos principais



Fonte: <https://mariadusa.com/edicao>

O índice lateral possibilita a navegação direta entre a *Edição* completa, os *Capítulos* individuais do romance e as *Seções Individuais*. Essa estrutura oferece múltiplas possibilidades de leitura:

- Acesso à edição interpretativa completa do romance;
- Disponibilização dos fólios individuais de cada facsímile do livro original - texto-base;
- Organização dos capítulos individuais, tanto da edição interpretativa quanto de facsímiles e folhetins.

No que se refere às *seções individuais*, o usuário pode escolher entre três percursos diferentes de leitura:

1. *Romance* – acesso à edição interpretativa integral do romance.

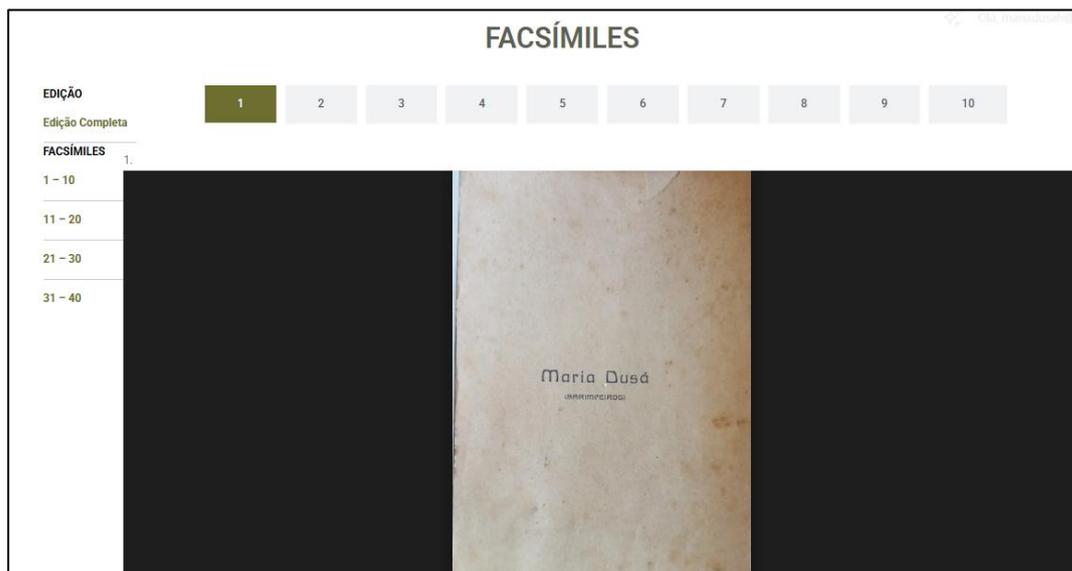
Figura 35 – Menu *Edição* – seções individuais-romance



Fonte: <https://mariadusa.com/romance-i-v>

2. *Facsímeis* – acesso às imagens digitalizadas do livro.

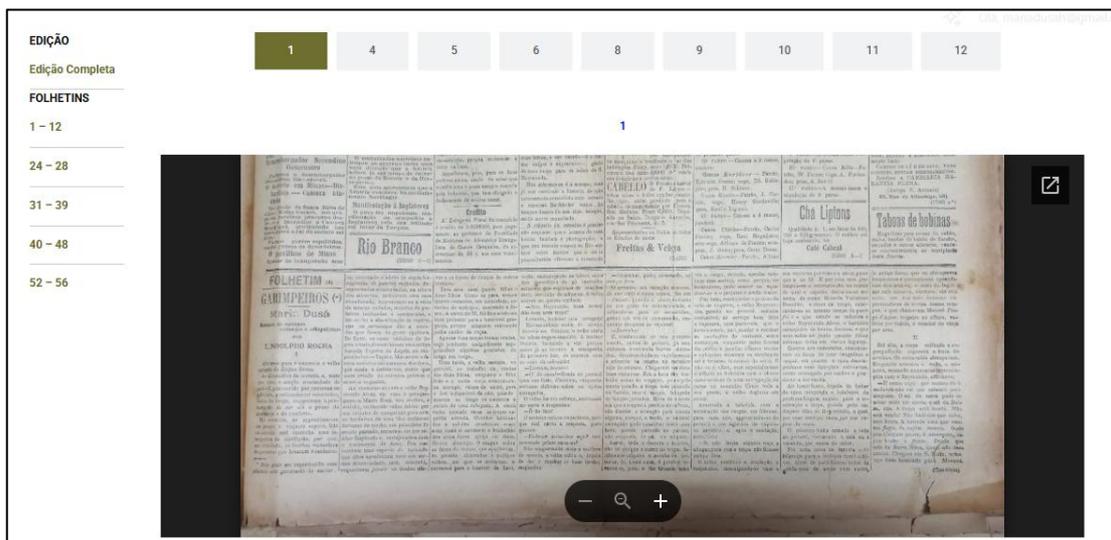
Figura 36 – Menu *Edição* – seções individuais-facsímeis



Fonte: <https://mariadusa.com/facsimiles-1-10>

3. Capítulos – acesso a cada capítulo isolado, nas diferentes versões disponíveis.

Figura 37 – Menu *Edição* – seções individuais-folhetins



Fonte: <https://mariadusa.com/folhetins-1-12>

Além do índice lateral, o menu *Edição* conta ainda com três *Submenus superiores*, localizados na parte superior da interface. Diferentemente do índice lateral, que permite percursos individuais, esses submenus oferecem acesso integral a cada recurso: *Romance Maria Dusá*, *Facsímiles* e *Folhetins*.

No submenu *Romance Maria Dusá*, o usuário encontra o texto integral do romance, organizado por capítulos e enriquecido com recursos hipertextuais implementados por meio de *tooltips*. Esses recursos oferecem glossário de termos regionais, notas explicativas e informações contextuais vinculadas a trechos específicos, destacados em azul, permitindo acessar conteúdos complementares de forma pontual sem comprometer a fluidez da leitura.

Figura 38 – Menu *Edição* – *Romance Maria Dusá*

Romance de costumes sertanejos e chapadistas

ÍNDICE

Edição

Edição Completa

Capítulos

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Seções Individuais

Romance

Facsímeles

Folhetins

Romance Maria Dusá

Facsímeles

Folhetins

I

Abria-se para o nascente o velho casarão da *Logoo Seco*.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo *avarandado de peitoril*, guarnecido por centenas de *tabiques*, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.

No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o *calamento*, corroendo o *adobe de argila* ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abalada de estacas isoladas, moirões de porteiros inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de *casas de moradas* que foram de *gente opulenta*. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam *Logoo*, ou simplesmente: — *Tapera*. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que a tinham em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raymundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do século passado, tratavam-no por *senhor* Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de *dona*. Era a mesma caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os detalhes das ricações de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, morrendo à fome. A *seca de 59*, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, por não quererem cuidar de roças.

Apenas duas moças faziam *rendas*, cujo produto insignificante supria-lhes algumas necessidades.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto as outras se arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o *bró* indigerível da ceia, quando soaram ao longe os

Adobe de argila: é um tipo de tijolo feito a partir da mistura de argila, areia e água, moldado em blocos e seco ao sol. Era utilizado principalmente na construção de paredes em áreas rurais, por ser econômico, possuir boa isolamento térmica e acústica, e ser ideal para climas quentes e secos.

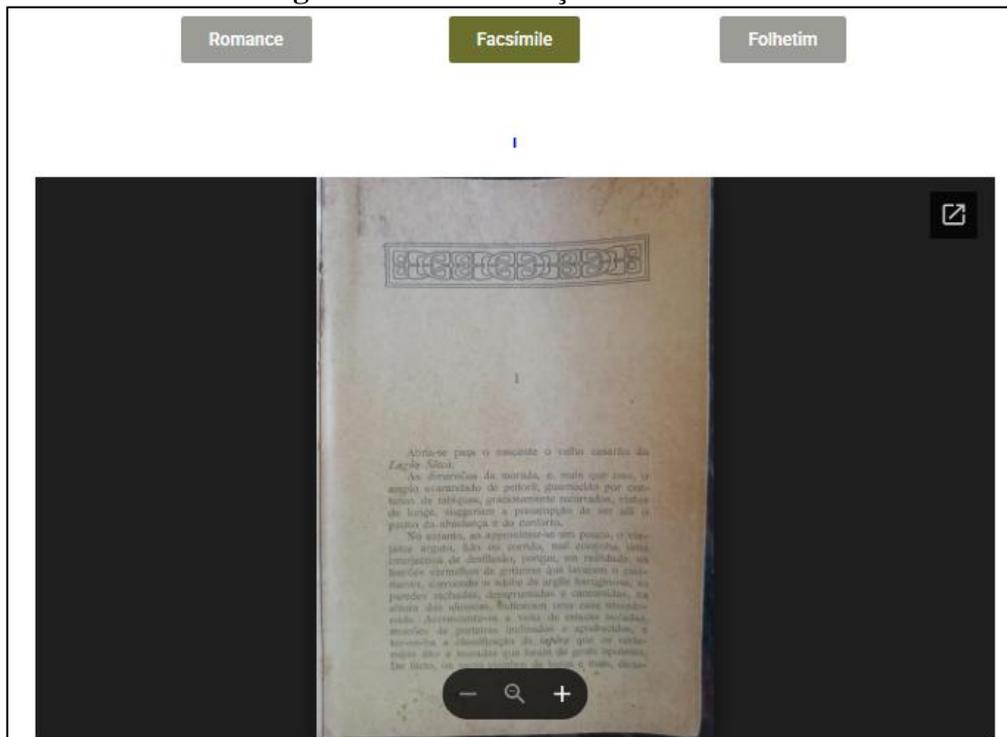


Disponível em: psassunapontadalingua.blogspot.com

Fonte: <https://mariadusa.com/edicao>

No submenu *Facsímeles*, são reunidas as páginas digitalizadas da primeira edição em livro do romance *Maria Dusá* (1910), preservando suas características gráficas e editoriais. Por meio dessa edição facsimilar, os leitores podem experienciar o contato direto com a materialidade da obra, observando elementos textuais, tipográficos e editoriais originais. Para tornar a consulta mais dinâmica e acessível, a página apresenta o romance seccionado por capítulos e disponibiliza recursos interativos, como ampliação, impressão e *download* das páginas.

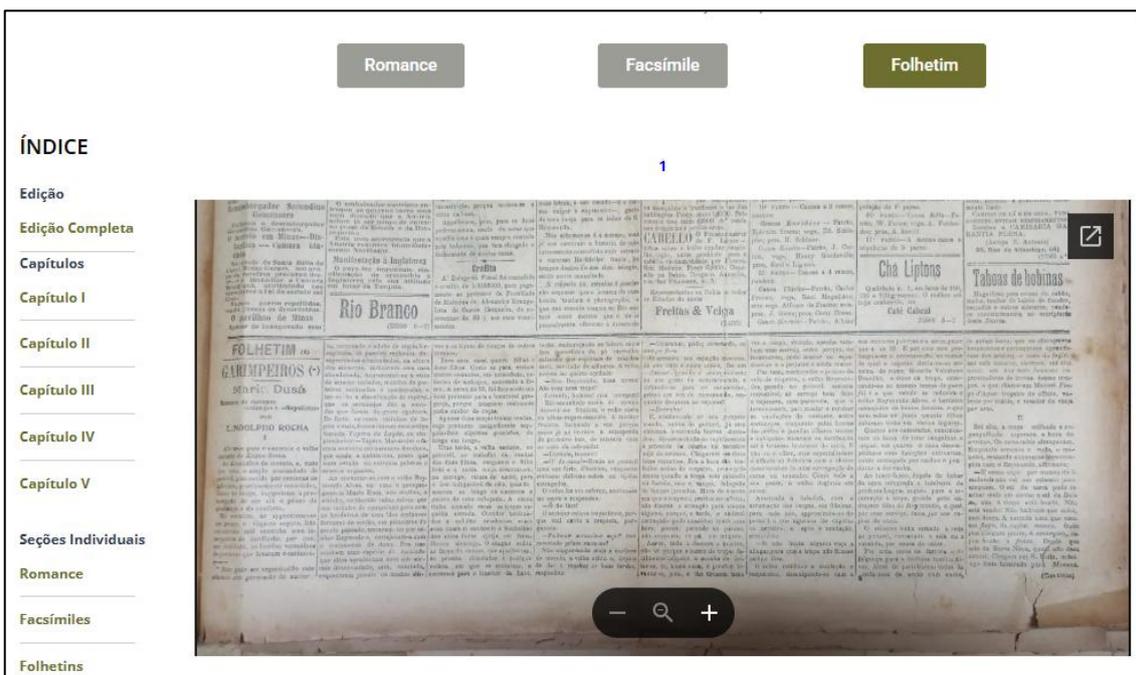
Figura 39 – Menu *Edição – Facsímiles*



Fonte: <https://mariadusa.com/capitulo-1-facsimile>

No submenu *Folhetins*, os usuários têm acesso à versão do romance publicada originalmente em periódicos, circulada inicialmente em folhetins, permitindo compreender seu contexto histórico e explorar o gênero textual utilizado na época. A página oferece ferramentas de zoom de imagem, abertura em nova janela, download e impressão, além de informações e imagens extras que auxiliam na contextualização e compreensão da publicação folhetinesca.

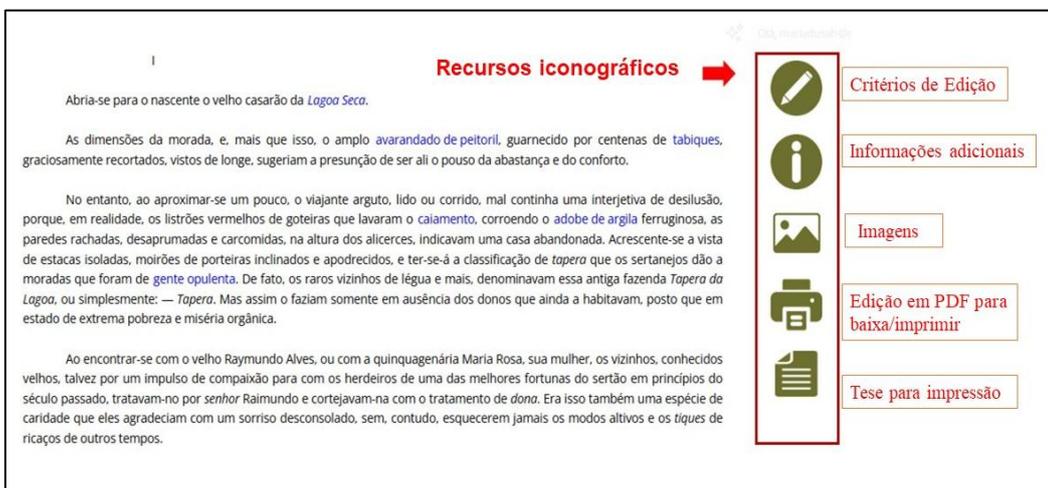
Figura 40 – Menu Edição – Folhetins



Fonte: <https://mariadusa.com/edicao>

Na lateral direita da interface, há ícones gráficos que permitem acessar informações sobre os critérios de edição, informações adicionais, visualização de imagens e ferramentas para impressão ou download da edição e da pesquisa de tese apresentada. Esses recursos iconográficos facilitam a navegação e ampliam a experiência do usuário, tornando o ambiente virtual mais dinâmico, intuitivo e propício à mediação didática na formação de leitores.

Figura 41 – Menu Edição – recursos iconográficos



Fonte: <https://mariadusa.com/edicao>

Destarte, o menu *Edição* oferece múltiplas formas de acesso aos textos, considerando as particularidades de cada versão textual disponível. Assim, a estrutura favorece a formação de leitores e a aprendizagem na Educação Básica, por meio de incentivo à leitura comparada, da análise material, do estudo do texto e da compreensão histórica das práticas editoriais e narrativas no Brasil.

4.4.7 Menu: Material Didático

O menu *Material Didático* reúne recursos especialmente elaborados para estudantes da Educação Básica e demais interessados no romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha. A página dá acesso ao livro literário denominado *Maria Dusá na escola: o romance de Lindolfo Rocha*, disponibilizado nas versões flip e PDF, para download e impressão.

Figura 42 – Menu *Material Didático* em efeito flip



Fonte: <https://mariadusa.com/material-didatico>

Nesse material didático, são apresentados:

- Conteúdos abordados na plataforma *Maria Dusá na escola*, apresentados de forma resumida;

- A edição interpretativa do romance *Maria Dusá*, com notas explicativas sob uma perspectiva histórica e cultural, ilustrações, vocabulário destacado em negrito e ortografia atualizada segundo critérios editoriais;
- Links e QR codes que direcionam o leitor a recursos digitais selecionados disponíveis na plataforma.

Considerando a necessidade de alternativas didáticas e metodológicas na Educação Básica, o material didático *Maria Dusá na escola* oferece o romance literário em diferentes suportes, atendendo a necessidades individuais e garantindo acesso mesmo quando o ambiente digital não estiver disponível.

Figura 43 – Material didático – versão impressa

Maria Dusá na escola

II

Sol alto, a tropa *milhada*³² e *engangalhada*³³, esperava a hora de *arribar*³⁴. Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o *ruão*³⁵, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raymundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco *mala-reis*³⁶ não vai um *celamim*³⁷ para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de *Baixa*, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um *fiapo* de *capim manso*³⁸. Onde tem, nalgum ponto, é *amargoso*, *capim brabo* e *fraco*³⁹. Desde que sai da Serra Nova, quase não descanso. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para *Maracá*⁴⁰. Ai *tampeí*⁴¹ a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucugê, sal e toucinho *estão bons*. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der um celamim por *meio cobre*⁴², pois nem assim podemos comprar. Faz dois meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!




³² *Milhada*: termo regional da linguagem tropeira que designa a tropa organizada em fila, com os animais dispostos em suas posições habituais, pronta para partir.

³³ *Engangalhada*: termo popular do sertão baiano. Diz-se da tropa já carregada, com cangalhas e bruacas presas aos animais de carga.

³⁴ *Arribar*: significa partir, seguir viagem ou levantar acampamento. É uma expressão regional usada em áreas rurais do Nordeste brasileiro e do sertão baiano, com presença marcante na Chapada Diamantina e em outras regiões por onde circulavam tropeiros e viajantes.

³⁵ *Ruão*: cavalo que possui uma pelagem composta por pelos brancos e levemente acastanhados ou pelos brancos com manchas escuras e arredondadas.

³⁶ *Mala-reis*: forma popular e regional de dizer mil-réis, antiga unidade monetária usada no Brasil até o ano de 1942. Um "mala-reis" correspondia a mil réis (1\$000). Expressões como "por menos de cinco mala-reis" eram usadas para indicar quantias muito pequenas, quase simbólicas, consideradas de pouco valor à época.

³⁷ *Celamim*: antiga medida de capacidade para secos e equivalente à 16.ª parte da unidade de medida agrária (alqueire), ou 2,27 litros.

³⁸ *Fiapo de capim manso*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever uma estrada estreita, quase imperceptível. A comparação com um fiapo sugere algo fino e difícil de enxergar. Já o termo "capim manso" refere-se a um tipo de capim geralmente rasteiro, delicado, fácil de manejar e que pode servir de alimento para o gado.

³⁹ *Amargoso, capim brabo e fraco*: expressões que indicam vegetação de baixa qualidade para o pasto. Referem-se a plantas daninhas, capins que nascem espontaneamente, de difícil manejo e com baixo valor nutritivo, sendo insuficientes para a pastagem.

⁴⁰ *Maracá*: na região da Chapada Diamantina, na Bahia, existe o município de Maracás, que integrava as antigas rotas de tropeiros e garimpeiros durante o ciclo do ouro e dos diamantes.

⁴¹ *Tampeí*: no contexto sertanejo e dos tropeiros, tampei é o verbo tampar no pretérito, que significa fechar, cobrir, proteger ou guardar algo, especialmente relacionado à carga transportada, como no caso da tropa de sal.

⁴² *Meio cobre*: expressão popular utilizada para se referir a uma quantia extremamente pequena de dinheiro. A palavra "cobre" refere-se às antigas moedas de cobre, metal associado às moedas de menor valor, especialmente nos séculos passados.

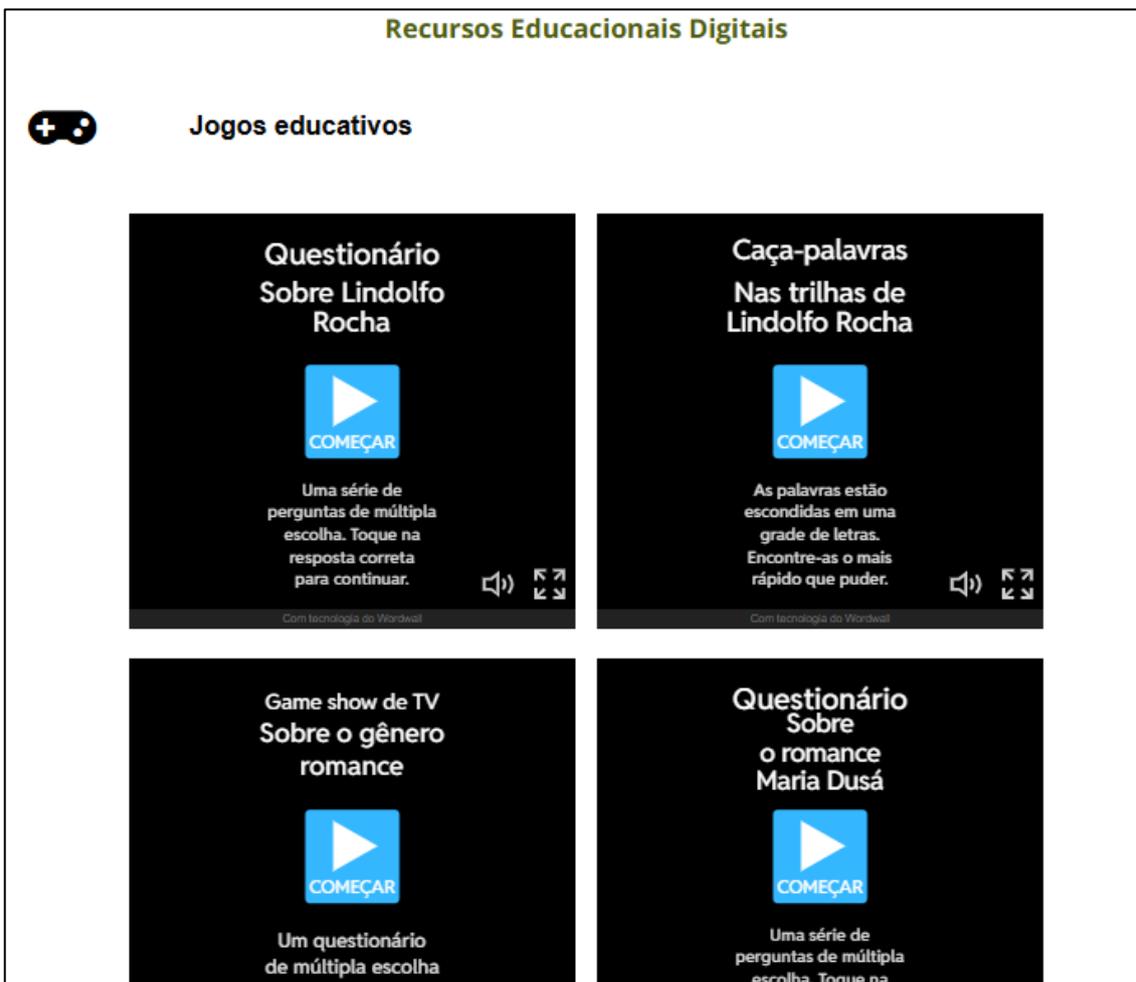
37

Fonte: Elaborado pela autora.

O menu *Material Didático* ainda conta com dois submenus: *Recursos Educacionais Digitais* e *Recursos Audiovisuais*. No submenu *Recursos Educacionais Digitais*, são disponibilizados jogos educativos diversificados, desenvolvidos em plataformas e aplicativos gratuitos, como *Wordwall* e *Jigsaw Planet*. Esses recursos,

elaborados pela pesquisadora especialmente para a plataforma, abordam temas relacionados ao romance e têm como finalidade complementar sua leitura, inserindo os leitores em um ambiente de aprendizagem hipermediático.

Figura 44 – Material didático – Recursos Educacionais Digitais



Fonte: <https://mariadusa.com/recursos-digitais>

As atividades gamificadas aplicadas ao ensino na Educação Básica mostram-se extremamente relevantes na atualidade, pois tornam o processo de aprendizagem mais lúdico e interativo, despertando o interesse e engajamento dos estudantes, além de favorecer o desenvolvimento de diferentes habilidades. Entre as atividades gamificadas disponibilizadas na plataforma, encontram-se quizzes, caça-palavras, jogos no formato de game show e quebra-cabeças, que abordam a vida e a obra de Lindolfo Rocha, o gênero textual romance e o enredo de *Maria Dusá*.

No submenu *Recursos Audiovisuais* foram reunidos vídeos selecionados e produzidos com o objetivo de ampliar a leitura e o estudo do romance *Maria Dusá*. Com

esses materiais, buscou-se oferecer apoio didático ao abordar conteúdos de aspectos históricos, culturais e literários relacionados ao autor e à obra, bem como conteúdos específicos sobre o gênero textual e sobre a região da Chapada Diamantina (BA). Dessa maneira, os vídeos aproximam os estudantes do ambiente e da realidade retratada no romance, favorecendo uma compreensão mais ampla e contextualizada do texto.

Figura 45 – Material didático – Recursos Audiovisuais



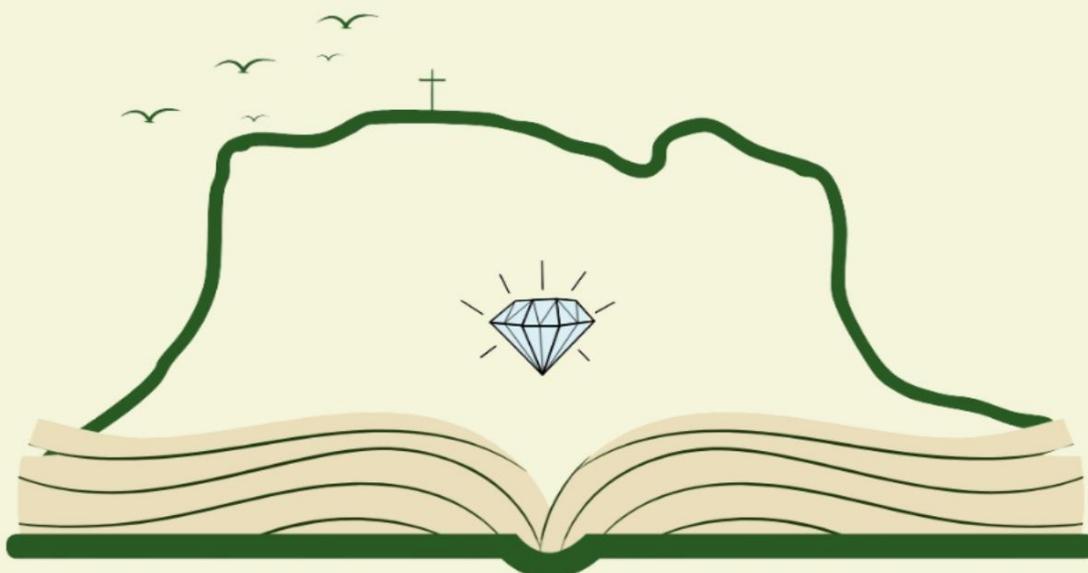
Fonte: <https://mariadusa.com/recursos-audiovisuais>

4.4.7.1 Material didático: versão impressa

Apresentamos, a seguir, o Material Didático, destinado ao uso na Educação Básica, em suas versões impressas. Ressalta-se que o romance foi explorado neste material apenas até o capítulo V, em razão dos prazos estabelecidos para a apresentação da pesquisa, podendo ser concluído posteriormente.

Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Damares Oliveira de Souza

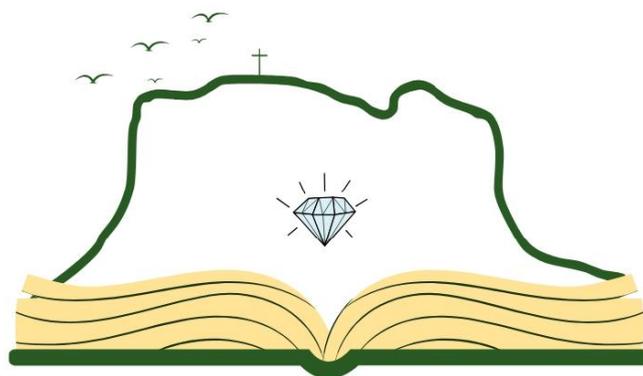
Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Damares Oliveira de Souza

Copyright © Damares Oliveira de Souza, 2025.

Todos os direitos de edição reservados à

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Avenida Transnordestina, s/n - Feira de Santana, Novo Horizonte - CEP

44036-900 – Feira de Santana – Bahia

Telefone (0xx75) 3161-800 <https://www.uefs.br/>

Ficha catalográfica

SOUZA, Damares Oliveira de. **Maria Dusá na escola**: O romance de Lindolfo Rocha. Livro literário que integra a plataforma Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha. Feira de Santana. 2025.

Ensino Fundamental. Anos Finais. Ensino Médio. Plataforma Digital Maria Dusá na escola

Disponível em: <https://mariadusa.com/>

Texto, arte e designer

Damares Oliveira de Souza

Ilustração

Canva

O conteúdo desse website está protegido pela lei dos direitos autorais. A utilização dos recursos e materiais da plataforma Maria Dusá na escola, bem como dos materiais didáticos, impressos e digitais, é permitida apenas em contextos educacionais e mediante a devida atribuição de autoria por meio da citação da referência bibliográfica. Não é permitida a reprodução ou republicação de nenhum dos documentos em qualquer meio, fora dos parâmetros aqui estabelecidos. Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, intitulada doutorado Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, inserida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), desenvolvida pela

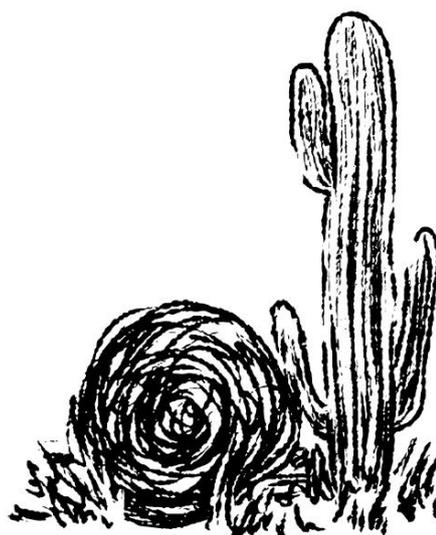
pesquisadora Damares Oliveira de Souza, sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.



À Marilde Aureliana, minha mãe, e à Olinda Oliveira, minha
vózinha, — mulheres que me inspiram todos os dias e me sustentam
com suas orações.

Ao meu amor e companheiro de vida, Tulio Nepomuceno.





“Aí na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: - É mulher de punhal!”

(Lindolfo Rocha, 1910, p. 135-136)

SUMÁRIO

Apresentação, **15**

O escritor Lindolfo Rocha: um romancista chapadista, **16**

Romance: um gênero narrativo, **21**

Maria Dusá: um romance chapadista, **22**

Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia, **26**

Filologia em cena, **28**

O romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, **33**

Recursos Educacionais Digitais, **63**

Sobre a autora de Maria Dusá na escola, **65**

Referências Bibliográficas, **67**





APRESENTAÇÃO

O presente livro integra a Plataforma Digital Maria Dusá na escola. Os ícones presentes neste livro, indicará os recursos digitais disponíveis na plataforma e que pode ser acessado pelo leitor. Essa plataforma apresenta o romance *Maria Dusá*, do escritor Lindolfo Rocha, por meio de recursos digitais interativos, imagens da obra publicada em livro físico e em folhetins, notas explicativas acompanhadas de informações relacionadas aos textos e ao contexto histórico, fotografias relacionadas ao romance e à pesquisa, vídeos, jogos online e diversas outras informações complementares.

O livro *Maria Dusá na escola: o romance de Lindolfo Rocha* apresenta a edição interpretativa do romance *Maria Dusá* escrito pelo escritor mineiro Lindolfo Rocha. Essa edição foi especialmente elaborada para o público da Educação Básica. Como referência basilar, para a criação desse livro, foi utilizado o trabalho de Elizabeth Motta de Almeida, intitulado “Bahia Humorística na Escola”, publicado em 2022 (Almeida, 2022).

No romance, encontramos, uma história ambientada na Chapada Diamantina, Bahia, que narra a trajetória da protagonista Maria Dusá, uma personagem feminina representativa do ambiente sertanejo e dos costumes chapadistas. Sendo considerado o primeiro dos romances brasileiros publicados a tematizar o garimpo de diamante na Chapada Diamantina, *Maria Dusá (Garimpeiros): romance de costumes sertanejos e “chapadistas..”* (1910) inspirou publicações de outros romances, contos e até telenovelas que o sucederam. Ler o romance *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha propicia que conheçamos aspectos culturais, históricos e sociais da época e da região da Chapada Diamantina - BA. Vamos lá?

Aponte a câmera do seu smartphone para o QRCode:

Dica: para melhor visualização, recomenda-se acessar a plataforma no modo “site para computador”, disponível no menu de opções do navegador (ícone de três pontos).



Acesse: <https://mariadusa.com/>

O escritor Lindolfo Rocha: um romancista chapadista

Lindolfo Jacinto Rocha é um escritor mineiro nascido em 03 de abril de 1862, na cidade mineira de Grão Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, e falecido em 30 de dezembro de 1911.

Filho de Manuel Jacinto Rocha e de Irene Gomes, Lindolfo Rocha viveu no sertão da Bahia quase a totalidade dos seus 49 anos. Entre os seis e oito anos de idade, ao ficar órfão de pai, sua mãe decide partir para o povoado de Xique-Xique de Igatu, na Chapada Diamantina-BA, onde residiam outros parentes. Um menino mestiço, pobre e criado pela mãe, pouco se sabe da sua infância.



Lindolfo Rocha (1862-1911)



filarmônica local.

Dez anos após a sua partida de Grão-Mongol, têm-se notícias de Lindolfo Rocha em Bom Jesus dos Meiras, hoje cidade de Brumado-BA, em 1880. Posteriormente, mudou-se depois para a cidade de Maracás. Aos 18 anos, garantia o seu próprio sustento e de sua mãe, dando aulas particulares e tocando pistão numa

Sua mãe, Irene, dedicou-se totalmente à sua criação, não se casando novamente e permanecendo na condição de viúva até o final da vida. Começando a progredir em sua formação intelectual, vai a Salvador, capital da Bahia, para prestar exames preparatórios no Ateneu Provincial. Mais tarde, já residindo na Vila d'Areia, hoje Ubaira, cria o colégio primário São Vicente Ferrer.



María Dusá na escola



Em 1890, matricula-se na Faculdade de Direito, em Recife-PE, recebendo em 1892 o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Já diplomado, Lindolfo Rocha lança-se no jornalismo e, pouco mais tarde, é convidado a trabalhar no jornal Diário de Notícias, da Bahia, na cidade de Salvador. A sua permanência física na redação jornalística durou pouco tempo, pois logo é nomeado juiz preparador da Comarca de Correntina – BA, ainda em 1892. Apesar disso, suas contribuições para o jornal Diário de Notícias continuaram constantes, ao ponto que se tornou colaborador efetivo da redação durante dois anos (1910 e 1911), os seus dois últimos anos de vida.

A atuação de Lindolfo Rocha como juiz de Correntina foi breve, não durando nem a metade do tempo previsto (4 anos) para a função assumida. Demitindo-se do cargo em março de 1894, deixa Correntina e parte rumo a Jequié, então distrito de Maracás.

“Em abril [1894] chega a Jequié, que escolhera definitivamente para seu domicílio, em companhia de Irene. Aluga uma casa na Rua da Vitória, que passaria, tempos depois a ter seu nome, como homenagem” (Cerqueira, 1995, p. 70). Estabelecido em Jequié, Lindolfo Rocha amplia suas relações pessoais e seus conhecimentos sobre a região, e passa a desempenhar um papel de destaque no desenvolvimento das questões políticas e burocráticas em favor da emancipação do povoado, conforme o noticiário publicado pelo jornal Cidade do Salvador, na edição 170 de 1897.

Junto à emancipação do novo município veio a sua consagração ao receber o título de juiz preparador de Jequié. No auge dos seus 34 anos e, após passar por um período de luto pela morte de sua mãe, Irene, em 1896, Lindolfo Rocha é aconselhado a casar-se com Áurea Augusta de Brito, vinte anos mais nova que ele. Conforme Silva (2023), o casamento de Áurea e Lindolfo fora arranjado por Nestor Ribeiro, cunhado da noiva e grande amigo do noivo, e pela família da jovem que, por sua vez, já estava sendo preparada para ser uma esposa prendada, recatada e de honra familiar, conforme a mentalidade da sociedade da época. O casamento arranjado se realizou, não tiveram filhos e permaneceram juntos até 1911, quando Lindolfo Rocha faleceu.



María Dusá na escola

Embora tenha desempenhado com grande desenvoltura as suas funções políticas e sociais, os seus dias como juiz preparador não foram tão fáceis. Dentre as dificuldades encontradas, precisou enfrentar a ameaça de uma epidemia de varíola em Jequié, bem como intervir e combater o banditismo contra os trabalhadores italianos estabelecidos no município.

Em 1902, diante das demandas políticas e dos seus diferentes interesses intelectuais e profissionais, renuncia o cargo de juiz preparador e volta a se dedicar aos trabalhos de advocacia e de literatura, dentre outras atividades de interesse como a agricultura. Ainda, passa a colaborar com outro importante periódico da capital baiana, o *Jornal de Notícias*.



Entre 1904 e 1906 transfere definitivamente sua residência para a Capital. Alugou uma casa em Mar Grande, ilha próxima à cidade de Salvador, dedicando-se a cuidar dos seus manuscritos já finalizados e dos que ainda estavam em processo de produção. Infelizmente, ali, adquiriu uma forte infecção intestinal, a qual foi se agravando com passar dos dias.

Dada a situação, sua esposa Áurea Brito buscou ajuda na capital, internando o marido na casa do amigo e médico Joaquim Reis Magalhães, situada na Freguesia dos Mares, na Calçada do Bonfim. Não havendo melhora, outros dois médicos foram chamados na tentativa de salvá-lo. Todos os esforços foram inúteis. Lindolfo Rocha veio a óbito em 30 de dezembro de 1911, na cidade de Salvador. O seu sepultamento ocorreu no mesmo dia 30, no cemitério da Quinta dos Lázaros (Leão, 1953).



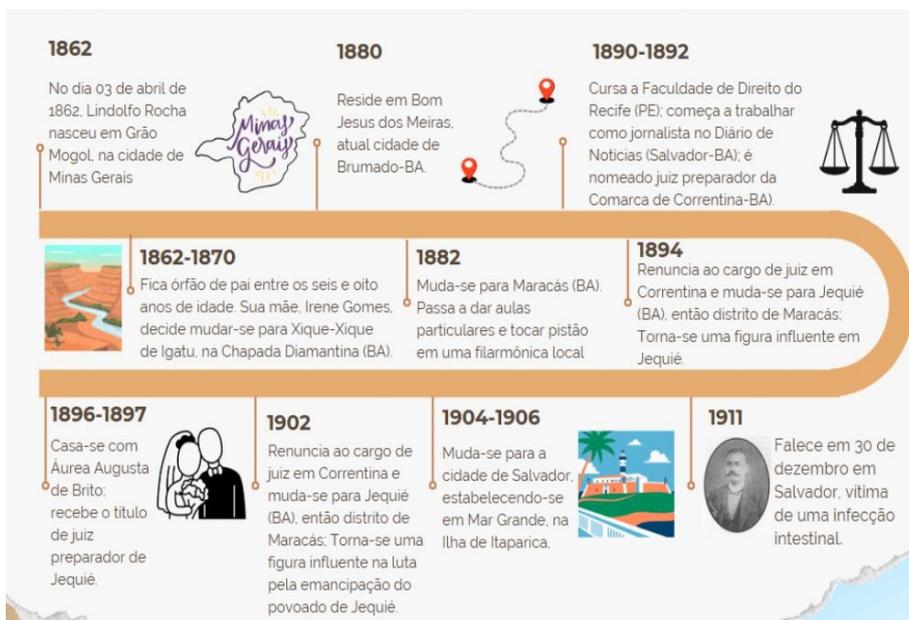
Sua morte foi lamentada e repercutida na mídia, de certa forma: “os jornais de Salvador registraram circunstancialmente a perda que a Bahia sofrera com a morte do notável escritor. [...] Um mês depois daquela triste madrugada, ninguém mais falou no nome devorado pela morte. A vida continuou” (Bruzzi, 1953, p. 194).

Lindolfo Rocha é um autor fundamental para compreender aspectos importantes da literatura brasileira. Para conhecer mais sobre sua trajetória e suas obras, em especial o romance *Maria Dusá*, acesse a **plataforma digital Maria Dusá na escola**. Acesse: <https://mariadusa.com/>



Linha do Tempo

A trajetória de Lindolfo Rocha



Acesse a linha do tempo interativa, sobre a vida de Lindolfo Rocha.

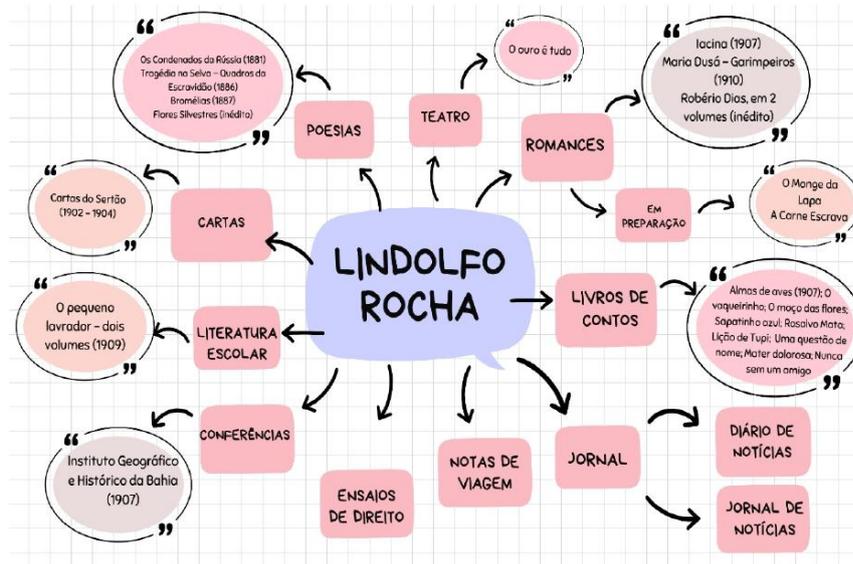
Dica: Ao acessar a linha do tempo interativa, passe o mouse sobre as imagens e clique para ampliá-las ou acessar informações adicionais.



<https://view.genially.com/679180aef96fa8028f5f71ce/interactive-content-lindolfo-rocha>

Mapa Mental

Produção ficcional de Lindolfo Rocha



Acesse a versão virtual do mapa mental sobre a produção ficcional de Lindolfo Rocha.



<https://mariadusa.com/mapa-mental>

Romance: um gênero narrativo

Na literatura, existem diferentes formas de textos que utilizamos para nos comunicar. Esses textos são chamados de gêneros textuais. Dentre eles, um dos mais antigos e populares é o gênero narrativo, cujo principal objetivo é contar histórias.

Dentro do gênero narrativo, o romance é a forma literária que se destaca por apresentar uma história longa e completa, com narrador definido, personagens complexas, tempo e espaço detalhados, enredo bem desenvolvido e temas variados.

O romance teve seu surgimento no século XVIII, substituindo, em parte, as antigas epopeias, narrativas épicas que contavam feitos heroicos ou as grandes aventuras de um herói.

Durante o século XIX, muitos romances, como *Maria Dusá*, foram publicados periodicamente em jornais, em uma seção específica destinada aos chamados folhetins. Esse tipo de publicação resultou em grande sucesso, dando origem ao que mais tarde seria conhecido como romance-folhetim. De acordo com Garcia e Ferreira (2012), nesse gênero os romances são escritos sob regras específicas, muitas vezes sob encomenda, para circularem primeiramente no jornal, antes de serem publicados como livros.

Foi por meio da publicação em folhetins que vários escritores brasileiros do século XIX deram início às suas carreiras de ficcionistas. Se a publicação do romance agradasse o público, era transformado em livro, pois a sua edição exigia um alto custo. Entre os autores brasileiros que se destacaram nesse formato estão:



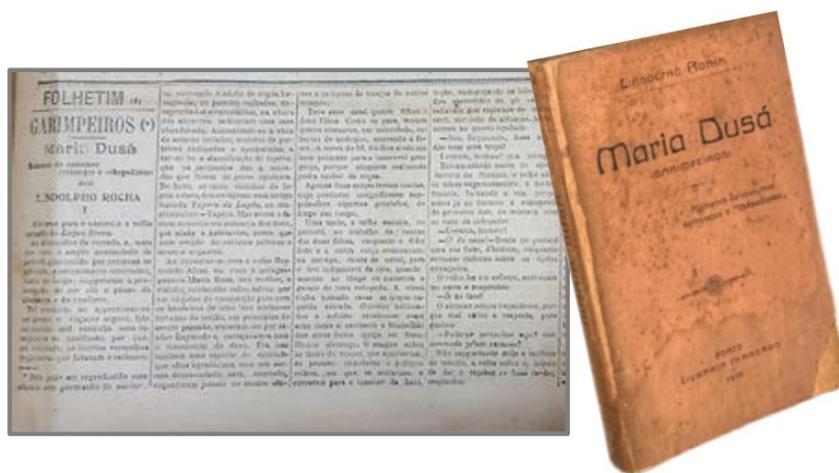
- Joaquim Manuel de Macedo, com *A moreninha* (1844), publicado no jornal do *Commercio*
- José de Alencar, com *Cinco Minutos* (1856) e *O Guarany* (1857), publicados no Diário do Rio de Janeiro
- Machado de Assis, com *A Mão e a Luva* (1874) e *Helena* (1876), publicados no jornal *O Globo*.

Em suma, pode-se dizer que a estreia de um romance em folhetim contribuía significativamente para tornar o escritor e sua obra conhecidos do público leitor, além de estimular a leitura e promover uma conscientização dos leitores de jornais sobre questões sociais e as agruras da vida cotidiana.



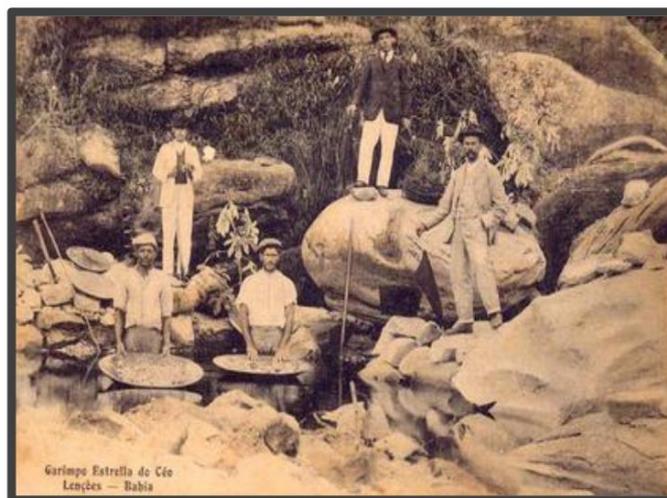
Maria Dusá: um romance chapadista

O romance *Maria Dusá*, escrito por Lindolfo Rocha, teve a sua primeira edição publicada em 1910 por Lelo & Irmão, Livraria Chardron, Porto, em Portugal. Esta edição possuía o subtítulo (*Garimpeiros*) – romance de costumes sertanejos e “chapadistas” e constituía de 312 páginas. No entanto, o romance já havia sido publicado em folhetim, no *Jornal Diário de Notícias*, da cidade de Salvador, no ano de 1908.



Trata-se de um romance ambientado em um ciclo diamantífero do interior baiano, entrecortado pela fome, violência e miséria causadas pela seca que ficou conhecida como “fome de 60”, em 1860. Lindolfo Rocha buscou retratar nesse romance a vida nas Lavras Diamantinas (Chapada Diamantina-BA), as paisagens, tradições, costumes e linguagem.

Maria Dusá na escola



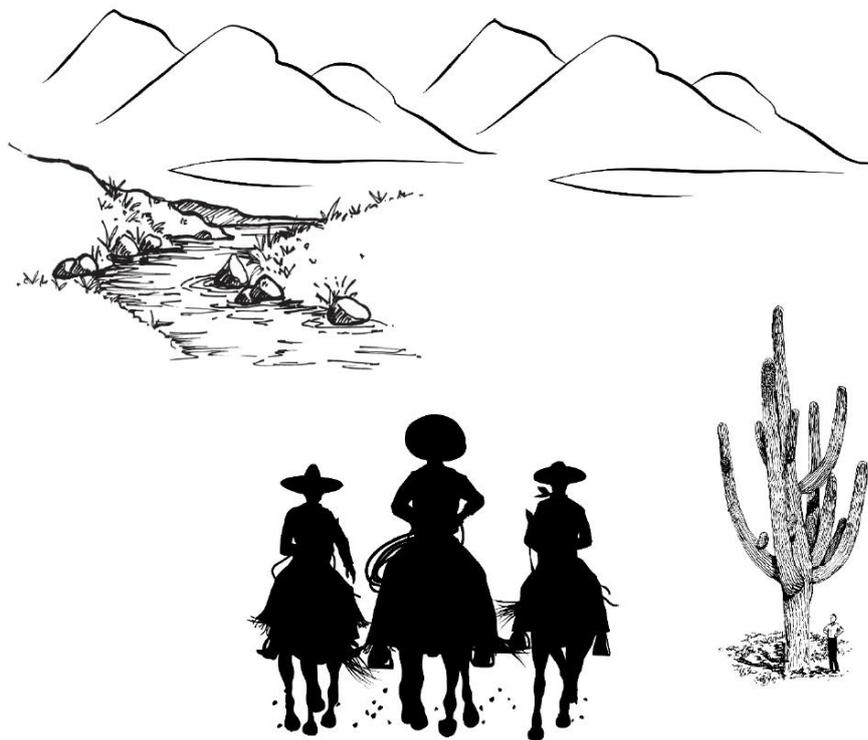
Embora seja um livro essencialmente brasileiro, durante algumas décadas após a sua primeira publicação ficou “esquecido”, como um romance pouco lido, pela falta de exemplares à venda, devido “[...] a tiragem reduzida, somando-se a isso o incêndio da Biblioteca Pública da Bahia [...]” (Cerqueira, 1995, p. 113). Além disso, é importante elucidar que a única publicação realizada pelo autor foi a primeira edição, editada pela Livraria Chardron, fato que também contribuiu para desaparecimento e circulação do romance por um extenso período.

A história de *Maria Dusá* resume-se em um doloroso triângulo amoroso envolvendo o tropeiro mineiro Ricardo Brandão, Maria Alves (Mariazinha) e a própria protagonista Maria Dusá. Ricardo, em suas andanças pelo sertão baiano em direção às lavras da Chapada Diamantina, conhece Maria Alves, mulher que “roubou” o seu coração e jamais conseguiria tirar da memória. Logo após a sua chegada à Chapada Diamantina, Ricardo conhece Maria Dusá, prostituta afamada, ostentadora de grande luxo, cuja aparência fisionômica muito semelhante com Maria Alves causou um grande emaranhado à cabeça e ao

Maria Dusá na escola

coração do tropeiro. A partir daí a trama é marcada por muitos conflitos, encontros e desencontros que, conseqüentemente, determinam o destino dessas personagens.

Além de Maria Dusá, Maria Alves e Ricardo Brandão, outros personagens contribuem para o desenrolar da narrativa: Raimundo Alves e Maria Rosa, pais de Maria Alves; Manuel Pingo d'Água, tropeiro e violeiro; Rita, a mucama obediente; a floricultura Dona Rosária; o português Moitinho; o judeu Bensabath; Maravia, o negro rezador; Aristo Alfaiate; o garimpeiro Antônio Roxo; José Calisto, o inspetor; o negociante João Felipe de Souza; o cão perdigueiro, fiel escudeiro de Ricardo Brandão.



María Dusá na escola

A trama narrada ocorre em pleno coração da Chapada Diamantina, na maior parte no município de Andaraí, sobretudo nos povoados de Xique-Xique (hoje Iguatu) e Passagem, e no município de Mucugê. A cidade de Andaraí está situada a 14 quilômetros de Iguatu e a 33 quilometro de Mucugê. O povoado de Iguatu localiza-se entre os dois municípios, Andaraí e Mucugê.



<https://www.chapadaadventure.com.br/como-chegar/>

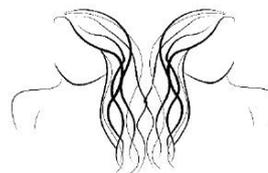


Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia

Ao longo da história da teledramaturgia brasileira, diversos exemplares foram adaptados de grandes nomes da literatura. Em alguns casos, a referência é direta e explícita, até no título da obra, mas em outras situações não há uma fidelidade à obra que serviu de inspiração. Por isso, é importante salientar que uma adaptação literária para o audiovisual pode torna-se um ponto de partida para que um maior número de telespectadores possa se interessar [ou não] pela leitura do livro.

Diversos títulos de grande renome da literatura foram adaptados para a teledramaturgia, em especial pela emissora Rede Globo. Embora não tenha surgido com grande repercussão na literatura durante algum tempo, o romance *Maria Dusá*, do escritor mineiro Lindolfo Rocha, não passou despercebido pela dramaturgia brasileira. De autoria de Manoel Carlos e direção de Herval Rossano, a telenovela *Maria, Maria*, foi inspirada no romance *Maria Dusá*, cujo enredo foi o mesmo, porém adaptado. Exibida pela Rede Globo em 1978, no período de 30 de janeiro a 23 de junho, a telenovela foi exibida em 119 capítulos, no horário das 18 horas.

Na adaptação, a trama principal que envolve as irmãs Maria Alves e Maria Dusá teve como intérprete a atriz Nívea Maria, fazendo os dois papéis, e o ator Cláudio Cavalcanti interpretando o tropeiro Ricardo Brandão. Anteriormente, ambos os atores já haviam participado de inúmeras telenovelas de sucesso da Rede Globo.



María Dusá na escola



Ambientada no século XIX, em uma região de garimpo de diamantes na Bahia, em 1860, a produção da telenovela *Maria Maria* precisou fazer algumas investidas. De acordo com o site Memória Globo (2021), para a produção da telenovela foi necessário um extenso trabalho de pesquisa histórica, que ficou a cargo da atriz e roteirista Ana Maria Magalhães. A fim de uma ambientação o mais verossímil possível, ela fez um levantamento detalhado de costumes, vida social, vestimentas e religiosidade na região do garimpo nordestino no século XIX.

Maria, Maria foi a 14ª telenovela exibida na faixa das 18 horas da Rede Globo, e foi a primeira telenovela do dramaturgo Manoel Carlos para a televisão. Ao Memória Globo (2021), Manoel Carlos contou como surgiu a proposta de adaptação do romance *Maria Dusá* para a telenovela. Ele relata que a ideia surgiu do escritor Fernando Sabino, que um dia encontrou o Mauro Borja Lopes, o então diretor artístico da Central Globo de Produções, e disse que tinha um romance do século XIX chamado *Maria Dusá*, do Lindolfo Rocha, e que achava que daria uma boa novela das seis. Assim, diante do interesse e preocupação que a Globo, na época, tinha em adaptar os romances brasileiros, Borja deu a ideia para Manoel Carlos.

À *Revista Amiga* (edição nº 403 de 1978), Manoel Carlos revelou que se interessou pelo romance *Maria Dusá* para a adaptação da telenovela porque considera Lindolfo Rocha um dos mais vigorosos e injetados escritores.

Nesse sentido, a adaptação literária para a teledramaturgia foi importantíssima para a trajetória do romance *Maria Dusá*, corroborando para uma maior visibilidade para a fonte primária e para o seu criador Lindolfo Rocha, o qual ainda não havia repercutido de forma extensiva desde o início do século. Portanto, acredita-se que a partir disso novos interesses foram surgindo, como a leitura do livro e o estudo sobre o escritor, os quais também contribuíram para o relançamento de outras edições do romance.



Filologia em cena

A Filologia é uma ciência antiga que, em seu surgimento, tinha como principal objetivo preservar e reconstituir a forma mais original possível dos documentos históricos, culturais ou sagrados. Para isso, o filólogo corrigia e eliminava os possíveis erros que podiam surgir durante a transmissão dos textos ao longo do tempo.



Com o passar dos séculos, a Filologia passou a voltar-se para novos interesses na investigação do texto, ampliando o seu foco para uma prática democrática. Atualmente, valoriza e se interessa não apenas pelos textos canônicos, mas também por todos os textos ordinários, os do cotidiano, os renegados, ligados a sujeitos e a práticas diversas.

Dessa maneira, podemos dizer que o trabalho do filólogo é o de investigar, analisar, interpretar, organizar e editar um texto. Nesse processo, ele atua como um curador textual, pois, ao editar um texto, toma decisões e faz escolhas, assumindo o papel de autor e de editor, tornando-se, também, coautor do texto.



María Dusá na escola

A edição de um texto consiste em organizar e preparar uma versão adequada às necessidades e objetivos de um determinado estudo. O filólogo pode realizar esse trabalho com base em diferentes tipos de edição, conforme o interesse da investigação:

Edição fac-similada: reprodução fiel da imagem original de um texto manuscrito, impresso ou esculpido, por meios fotográficos, xerográficos, digitalizados ou outras possibilidades tecnológicas.

Edição diplomática: transcrição conservadora rigorosa do texto original, conservando os sinais abreviativos, sinais de pontuação e separação dos vocábulos. Neste tipo de edição, faz-se uma intervenção de grau mínimo de mediação, a fim de mostrar como o texto foi escrito originalmente.

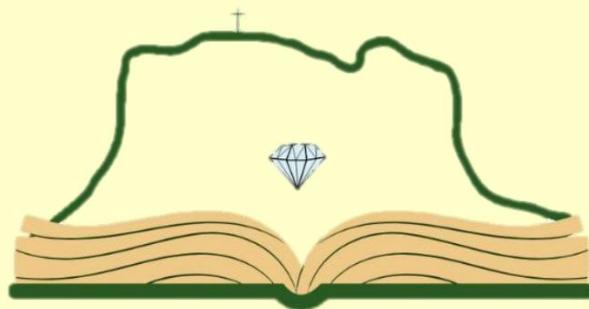
Edição crítica: busca estabelecer o texto da forma mais próxima possível daquela que o autor teria escrito originalmente. Para isso, realiza-se um processo de análise comparativa entre outras versões existentes. Todas as etapas desse processo devem ser justificadas e explicadas, e quaisquer intervenções do editor devem ser registradas em notas.

Edição interpretativa: apresenta o maior grau de intervenção. O editor transcreve o texto, corrige erros, atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral. Essa edição é destinada principalmente a um público de não-especialistas e visa ampliar a compreensão do texto, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.





**O Romance Maria Dusá,
de Lindolfo Rocha**

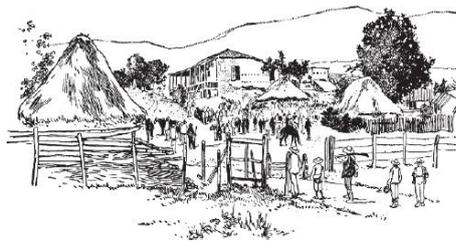


O Romance Maria Dusá de Lindolfo Rocha

I

Abria-se para o nascente o velho casarão da *Lagoa Seca*¹.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo avarandado de **peitoril**², guarnecido por centenas de **tabiques**³, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.



No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o **caimento**⁴, corroendo o adobe de **argila**⁵ ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abandonada. Acrescente-se a vista de estacas isoladas, moirões de porteiras inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de **tapera**⁶ que os sertanejos dão a moradas que foram de gente **opulenta**⁷. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam essa antiga fazenda *Tapera da Lagoa*, ou simplesmente: — *Tapera*. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que ainda a habitavam, posto que em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raymundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, os vizinhos, conhecidos velhos, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do sertão em princípios do século passado, tratavam-

¹*Lagoa Seca*: localizado no município de Iraquara, na Chapada Diamantina, na Bahia, o povoado de Lagoa Seca pode ter servido de inspiração para alguns dos cenários de Lindolfo Rocha. Embora o autor não mencione diretamente esse local em suas obras, é possível que ele tenha conhecido a região durante suas andanças pela Chapada Diamantina, incorporando-a, de forma indireta, em seus enredos.

²*Avarandado de Peitoril*: varanda de casa que apresenta estruturas horizontais, geralmente em janelas ou paredes, onde é possível se debruçar ou apoiar objetos. Na região Chapada Diamantina - BA, é comum encontrar peitoris na arquitetura das casas antigas, marcando a estética e a funcionalidade das construções da região.

³*Tabiques*: divisórias de pequena espessura, geralmente de madeira.

⁴*Caimento*: aplicação de cal, geralmente cal hidratada ou cal virgem, em paredes ou em outras superfícies. Esse processo é de baixo custo e serve para proteger as construções do tempo e aumentar a sua durabilidade, além de melhorar a aparência.

⁵*Adobe de argila*: é um tipo de tijolo feito a partir da mistura de argila, areia e água, moldado em blocos e seco ao sol. Era utilizado principalmente na construção de paredes em áreas rurais, por ser econômico, possuir boa isolamento térmica e acústica, e ser ideal para climas quentes e secos.

⁶*Tapera*: residência ou fazenda em ruínas, em estado de abandono.

⁷*Gente opulenta*: no contexto apresentado, refere-se a pessoas que, no passado, possuíam riquezas, bens ou uma posição de destaque na sociedade, mas que, com o tempo, perderam sua fortuna, prestígio ou influência.

María Dusá na escola

no por *senhor* Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de *dona*. Era isso também uma espécie de caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os modos altivos e os *tiques* de ricos de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A **seca de 59**⁸, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças.

Apenas duas moças faziam rendas⁹, cujo produto insignificante supria-lhes algumas precisões, de longe em longe.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto o filho João e a outra moça arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o *bró*¹⁰ indigerível da ceia, quando soaram ao longe os *cinceros*¹¹ e *guizas de uma cabeçada*^{12 13}. A seca tinha tomado raras as tropas naquela estrada. Ouvidos habituados à solidão receberam esses sons como se escutassem o bimbalar dos sinos duma igreja em festa. Houve alvorço. O sangue subiu às faces das moças, que apanharam, às pressas, almofadas e pelegos velhos, em que se sentavam, e correram para o interior da habitação, embaraçando os bilros, cujos fios, encardidos de pó vermelho, saltavam dos pés de mandacaru, servindo de alfinetes. A velha correu ao quarto açodada:

— Seu Raymundo,
boas-novas! Aí vem uma
tropa!

— Levanta, homem!
Cria coragem!



⁸*Seca de 59*: foi um evento climático ocorrido em 1859, que afetou principalmente o sertão baiano, com escassez prolongada de chuvas. Isso resultou em falta de água, alimentos, morte de gado e um grande aumento dos preços dos produtos, tornando ainda mais difícil a vida da população local. (https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2_as_secas_na_bahia_do_seculo_xix_sociedade_e_politica.pdf)

⁹*Rendas*: trabalhos manuais feitos com fios finos, usando agulhas ou bilros, para criar tecidos e ornamentos delicados. Essa tradição artesanal, antiga e valorizada no Brasil rural, é também fonte de renda complementar para muitas famílias. Na Chapada Diamantina, esse artesanato ainda é praticado e preservado em algumas comunidades.

¹⁰*Bró*: comida simples e de baixo valor nutritivo, geralmente preparada com tubérculos do umbuzeiro, do coqueiro ou de outros vegetais.

¹¹*Cinceros e guizas*: são instrumentos em forma de chocalho ou sino, usados para ajudar a guiar e reunir a tropa durante o deslocamento. O cincero é geralmente pendurado no pescoço de animais maiores, como bois e vacas, e produz um som forte e grave. Já as guizas são menores e costumam ser usadas como enfeites nos arreios de cavalos, produzindo um som mais leve e agudo.

¹²*Cabeçada*: expressão do contexto sertanejo e tropeiro para se referir a um grupo de gado, especialmente bois ou vacas, que se deslocam juntos. O termo vem de "cabeça", no sentido de cabeça de gado, e, por extensão, "uma cabeçada" seria um conjunto de cabeças de gado, ou seja, uma boiada.

¹³ Neste início de romance já nos é possível observar o uso frequente que o narrador faz dos chamados *termos regionais*. São palavras que nos remetem a uma região determinada, onde seu uso é comum. Juntamente com essa referência à região, temos geralmente indicações de um modo de vida, de comportamentos e atividades características dessa região, em um período de tempo determinado. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p.11).

Maria Dusá na escola

Estremunhado, assim, do sono doentio de faminto, o velho abriu os olhos vagarosamente. A mulher insistia baixando a voz, porque soava já no terreiro a estropiada do primeiro *lote*¹⁴, de mistura com os sons da *cabeçada*:

— Levanta, homem!

— *Ó de casa!* – Brada no peitoril uma voz forte, de homem, enquanto retiniam chinelas sobre os tijolos estragados.

O velho fez um esforço, sentou-se no *catre*¹⁵ e respondeu:



— *Ó de fora!*

O arrieiro estava impaciente, porque mal ouviu a resposta perguntou:

— Pode-se arranchar aqui? tem *cômodo* pra os animais?

Não suportando mais a moleza do marido, a velha saiu e, depois de dar e receber *as boas tardes*, respondeu:



— Arranchar, pode; *cômodo, só campo fora*¹⁶.

O arrieiro, um rapagão moreno, de uns vinte e cinco anos, fez um – *Assim!* – gemido e acompanhado de um gesto de contrariedade, e, voltando-se para os camaradas, gritou em voz de comando, enquanto desatava as esporas:

— *Derruba!*

E, obedecendo ao seu próprio mando, saltou do peitoril, já sem chinelas, levantando burros deitados, desarrochando-os rapidamente e atirando os *couros*¹⁷ no terreiro sujo de estravo.



Chegaram os dois lotes restantes.

Era a hora do trabalho árduo do tropeiro, principalmente quando a tropa está *puxada* ou *batida*, isto é, magra, fatigada de longas jornadas. Hora de aperto em que o tropeiro, prático no ofício, não distrai a atenção para coisa alguma, porque, à tarde, o animal, carregado, pode caminhar mais uma hora; porém, parando no pouso, suporta, de pé, um minuto.

¹⁴ *Lote*: o termo se refere a cada grupo de animais que, juntamente a um condutor, transportam cargas.

¹⁵ *Catre*: tipo de cama rústica e simples, geralmente feita de madeira ou metal, comum em séculos passados, especialmente em áreas rurais ou acomodações modestas.

¹⁶ *Campo fora*: espaço ao ar livre, em meio ao campo.

¹⁷ *Couro*: Ao longo da narrativa, o termo "couro" é frequentemente utilizado. Em algumas passagens, ele se refere a peças de couro usadas para confeccionar arreios, cangalhas e outros equipamentos utilizados no manejo de animais. Em outras situações, o termo se refere ao "couro cru", ou seja, à pele de animal ainda não tratada, que é geralmente mais difícil de manusear e transportar devido à sua consistência e peso.

Maria Dusá na escola

Assim, toda a demora é nociva, não só porque o burro de tropa facilmente adquire a *manha* de deitar-se, (e, nesse caso, é preciso levantá-lo, pois se lhe tirarem uma vez a carga, deitado, apanha também esse sestro), como porque, no levantar-se, pode *sonsar ou espaduar-se*¹⁸ e o prejuízo é ainda maior.

Por isso, conhecedor e prático da vida de tropeiro, o velho Raymundo, parando no peitoril, assistia, impassível, ao serviço bem feito, e esperava, com paciência, que o terminassem, para saudar e receber as saudações do costume, entre sertanejos, enquanto, pelas frestas das portas e das janelas, olhares tristes e cobiçosos miravam os *surrões*¹⁹ de sal e *bruacas lustrosas de unto*²⁰. E não só o olhar, mas especialmente o olfato se deliciava com cheiro característico de uma *carregação*²¹ de carne ou toucinho. Como toda a sua gente, o velho deglutia em seco.



Amainada a *lufa-lufa*²², com a *arrumação*²³ das cargas, em fileiras para cada lote, aproximou-se do peitoril o que figurava de capataz ou arrieiro, e, após a saudação, reinquiriu:

— Se não havia alguma roça a alugar, para que a tropa não ficasse *campo fora*.²⁴

O velho retribuiu a saudação e respondeu desculpando-se com a sua extrema pobreza e a seca, pior que a de 19²⁵. E por esse tom prolongou-se a conversação, no correr da qual o capataz declarou-se mineiro, de nome Ricardo Valeriano Brandão, e dono da tropa, inteirando-se ao mesmo tempo de *quem foi* e a que estado se reduzira o velho Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares.



¹⁸ *Sonsar ou espaduar-se*: no contexto apresentado, os termos pertencem à linguagem regional e popular, referindo-se ao comportamento do animal após se deitar. "Sonsar" indica o ato de fingir fraqueza ou cansaço, simulando dificuldade para se levantar. Já "espaduar-se" descreve o risco de o animal tombar de forma brusca ao tentar se erguer, podendo deslocar o ombro ou a região escapular.

¹⁹ *Surrões*: sacos de couro usados pelos tropeiros para guardar e transportar comidas e objetos.

²⁰ *Bruacas lustrosas de unto*: bruacas são malas de couro cru, utilizadas sobre as selas dos animais de carga, especialmente para o transporte de mantimentos como o toucinho de porco. Por serem usadas para carregar esse tipo de alimento gorduroso, ficavam brilhantes pela gordura acumulada.

²¹ *Carregação*: ato de carregar grande quantidade de mercadoria; carga.

²² *Amainada a lufa-lufa*: a expressão combina o verbo "amainar", que significa acalmar ou reduzir a intensidade, com o termo "lufa-lufa", usado para descrever agitação, correria ou movimento incessante. Assim, ao dizer "amainada a lufa-lufa", o narrador indica que a correria cessou e a agitação deu lugar à calma.

²³ *Arrumação*: no contexto rural e regional, esse termo pode ter dois sentidos. Pode se referir ao ato de organizar objetos ou espaços, mas também é usado para indicar os preparativos para uma viagem ou um acampamento temporário, especialmente durante atividades de tropeiros.

²⁴ Observe que apesar do uso de dois pontos, parágrafo e travessão, sequência de elementos da escrita indicadora de um discurso direto, a forma que se segue é do tipo indireto, isto é, pertence à fala do narrador. Essa transgressão de norma da escrita, sem consequências significativas, vai ser repetida durante todo o romance. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.13).

²⁵ *Seca de 19*: no trecho apresentado, a seca de 1819 se refere a um período de estiagem que atingiu o Nordeste brasileiro, incluindo a Bahia. Embora tenha causado sofrimento e prejuízos à população, seus impactos e duração foram menores em comparação com a Grande Seca de 1877-1879, considerada a mais devastadora da história nordestina.

María Dusá na escola

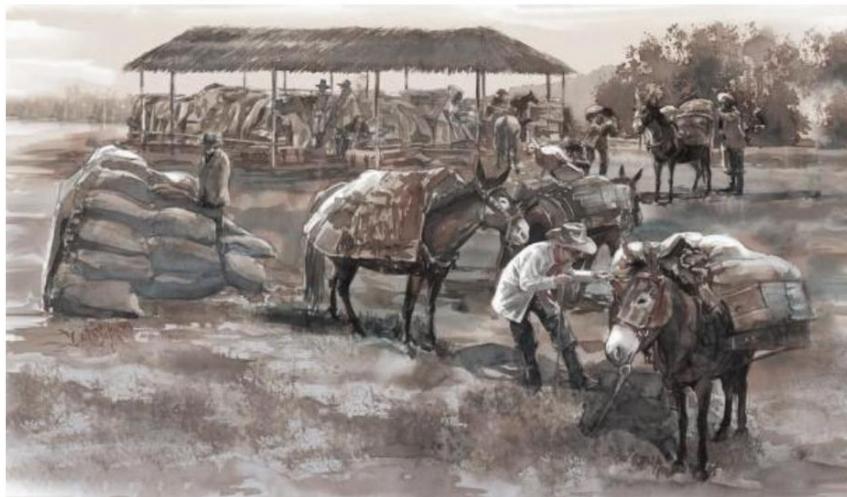


Quanto aos camaradas, continuavam na **faina**²⁶ de tirar **cangalhas**²⁷ e raspar, enquanto o *cuca* desempenhava suas funções culinárias, tendo começado por encher e pendurar a **borracha**²⁸.

Ao lusco-fusco, depois de beber a água minguada e **lutulenta**²⁹ da próxima lagoa, seguiu para a arrumação a tropa, guiada pelo andrajoso filho do Raimundo, o qual, por esse serviço, fazia *jus* aos **rojões do cuca**³⁰.

O mineiro tinha armado a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda, por causa do calor.

Foi uma noite de fartura e de folgança para a ditosa família Alves. Além de partilharem todos da gorda ceia de arroz com carne (o antigo *locro*, que os **almocreves**³¹ espanhóis e portugueses aprenderam dos árabes), e mais do legítimo café mineiro, ouviram, até alta noite, um dos mais famosos improvisadores de trovas, desses tempos, a que chamavam Manuel *Pingo d'Água*: tropeiro de ofício, valente por índole, e tocador de viola *por arte*.



²⁶ *Faina*: termo relacionado ao trabalho árduo e demorado, realizado pelos tropeiros durante suas jornadas.

²⁷ *Cangalha*: armação de madeira, normalmente acolchoada, que se coloca no lombo dos animais para pendurar e transportar carga de ambos os lados.

²⁸ *Borracha*: recipiente feito de couro rústico, com bocal estreito, usado por tropeiros e garimpeiros para conservar e transportar líquidos, como água ou cachaça.

²⁹ *Lutulenta*: que tem lodo; lamacenta.

³⁰ *Rojões do cuca*: torresmo do cozinheiro. (Série Bom Livro, 1978, p.13).

³¹ *Almocreves*: pessoas que conduziam animais de carga e/ou mercadorias de um lugar para outro.

II

Sol alto, a tropa *milhada*³² e *engangalhada*³³, esperava a hora de *arribar*³⁴. Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o *ruão*³⁵, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raymundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco *mala-reis*³⁶ não vai um *celamim*³⁷ para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de *Baixo*, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um *fiapo* de *capim manso*³⁸. Onde tem, nalgum ponto, é *amargoso*, *capim brabo* e *fraco*³⁹. Desde que saí da Serra Nova, quase não descansei. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para *Maracá*⁴⁰. Aí *tampeei*⁴¹ a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucugê, sal e toucinho *estão bons*. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der um celamim por *meio cobre*⁴², pois nem assim podemos comprar. Faz dois meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!



³² *Milhada*: termo regional da linguagem tropeira que designa a tropa organizada em fila, com os animais dispostos em suas posições habituais, pronta para partir.

³³ *Engangalhada*: termo popular do sertão baiano. Diz-se da tropa já carregada, com cangalhas e bruacas presas aos animais de carga.

³⁴ *Arribar*: significa partir, seguir viagem ou levantar acampamento. É uma expressão regional usada em áreas rurais do Nordeste brasileiro e do sertão baiano, com presença marcante na Chapada Diamantina e em outras regiões por onde circulavam tropeiros e viajantes.

³⁵ *Ruão*: cavalo que possui uma pelagem composta por pelos brancos e levemente acastanhados ou pelos brancos com manchas escuras e arredondadas.

³⁶ *Mala-reis*: forma popular e regional de dizer mil-réis, antiga unidade monetária usada no Brasil até o ano de 1942. Um "mala-reis" correspondia a mil réis (1\$000). Expressões como "por menos de cinco mala-reis" eram usadas para indicar quantias muito pequenas, quase simbólicas, consideradas de pouco valor à época.

³⁷ *Celamim*: antiga medida de capacidade para secos e equivalente à 16.^a parte da unidade de medida agrária (alqueire), ou 2,27 litros.

³⁸ *Fiapo de capim manso*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever uma estrada estreita, quase imperceptível. A comparação com um fiapo sugere algo fino e difícil de enxergar. Já o termo "capim manso" refere-se a um tipo de capim geralmente rasteiro, delicado, fácil de manejar e que pode servir de alimento para o gado.

³⁹ *Amargoso, capim brabo e fraco*: expressões que indicam vegetação de baixa qualidade para o pasto. Referem-se a plantas daninhas, capins que nascem espontaneamente, de difícil manejo e com baixo valor nutritivo, sendo insuficientes para a pastagem.

⁴⁰ *Maracá*: na região da Chapada Diamantina, na Bahia, existe o município de Maracás, que integrava as antigas rotas de tropeiros e garimpeiros durante o ciclo do ouro e dos diamantes.

⁴¹ *Tampeei*: no contexto sertanejo e dos tropeiros, tampei é o verbo tampar no pretérito, que significa fechar, cobrir, proteger ou guardar algo, especialmente relacionado à carga transportada, como no caso da tropa de sal.

⁴² *Meio cobre*: expressão popular utilizada para se referir a uma quantia extremamente pequena de dinheiro. A palavra "cobre" refere-se às antigas moedas de cobre, metal associado às moedas de menor valor, especialmente nos séculos passados.

Maria Dusá na escola

— Na verdade! comentou o mineiro, sorvendo após uma fumaça do pito de *Baependi*⁴³; para quem já teve, dói muito!

— E todo o mundo destas beiradas! Acrescentou o velho, pondo a prumo a cabeça, que se assemelhava à de um esqueleto.

— E por que não vão para as Lavras? Inquiriu o mineiro; lá está tudo caro, mas ainda não se come raiz de pau.

— Que é da força pra caminhar, meu senhor?! Atalhou a velha; e ainda para sustentar uma porção de gente que só tem pele e osso?! Sua mercê quer ver?

E a mulher, com cara de fúria, gritou em voz esganiçada:

— Ó João, chama tuas irmãs!

Apareceu um rapazinho de uns 14 anos, coberto de trapos que foram camisa e calções, muito sujos, predominando a cor vermelha da terra que habitava.

— Chama tuas irmãs! repetiu a mulher que armava assim uma cena de efeito para obter alguma esmola.

Em alguns momentos surdiu à porta da varanda um grupo de três moças, parecendo ter 15 anos a mais nova.

E essa mãe, a quem a fome tirara certamente todo o amor maternal e todo o pudor feminino, se é que em tempo algum o teve realmente, levantava, sacrilegamente, os trapos que cobriam os ombros e seios e essas pobres criaturas, para que o mineiro, certificando-se de sua miséria, pela magreza extrema de suas filhas, se compadecesse ao mesmo tempo. Ao aproximar-se, porém, da mais velha, que poderia contar 18 anos, esta recuou um passo. Apesar da fome, corava e reagia.

— Ó *xente*, Maria!! que é que tem o homem ver tua magreza?!

Duas lágrimas brotaram dos olhos da moça que sentou-se no pavimento, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Menina tola! Quem tem vergonha morre de fome!



⁴³ *Pito de Baependi*: refere-se a cigarro artesanal, geralmente feitos com fumo de rolo ou tabaco natural, associado à cidade de Baependi, em Minas Gerais.

María Dusá na escola

No terreiro, ao longe, *Pingo d'Água* começou a cantar em *dueto* com um companheiro, enquanto *descansavam* o almoço.

— Deixe a moça, *Dona*, disse o mineiro penalizado.

— Levanta a cabeça, Maria! Insistia a velha, com o olhar chispando de ódio e, fingindo um sorriso, acrescentou, como gracejando: — Ele quer te levar; tu queres ir?

E, ao mesmo tempo, fingindo uma ameaça que, entretanto, exprimia sua verdadeira intenção, afirmou:

— Se ele desse um celamim de sal, bem que eu te dava para cozinhar na casa dele.

— É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo.

O mineiro, de cabeça baixa, pitava, em silêncio, meditando sem dúvida nas aberrações possíveis da natureza humana, e no que, a esse respeito, tinha visto, desde criança, em suas viagens.

Ao levantar a cabeça, deu com o olhar na moça. Notou, então, que, apesar da magreza, Maria conservava uns tons de beleza, apenas esmaecidos pela fome. Os olhos negros e grandes pareciam, nesse momento, refletir um braseiro; o rosto moreno, emoldurando-se pelos cabelos lisos e corredios que se desgrenhavam nos ombros, patenteava longo martírio. Não inspirava sensualidade, porém amor e compaixão.

— Pronto, patrão! Disse um dos camaradas.

— Carrega! Ordenou Ricardo, em voz pausada, voltando-se para o camarada.

— E sua mercê tinha coragem de dar um celamim de sal pela Maria? interrogou o velho Raymundo, em tom de desenxabida **chocarreirice**⁴⁴.

— Até mais, se não fosse pecado e crime comprar gente forra, respondeu o mineiro, supondo que o velho gracejava:

— Estou falando sério, asseverou o velho; sua mercê não sabe o que é comer palmito sem sal, por necessidade.

— Compro, disse o mineiro, tomando-se vermelho.

— Está dito, bradou a velha, apanhando num torno da varanda uma **cuia**⁴⁵ grande, em que devia receber o preço de sua filha mais velha; aqui está esta cuia que é um celamim certinho.



⁴⁴ *Desenxabida chocarreirice*: expressão utilizada para descrever um tom de fala irônico ou zombeteiro, porém sem graça. No contexto apresentado, o velho Raymundo adota esse tom ao se referir à própria filha, Maria, revelando uma atitude machista, desrespeitosa e carregada de desprezo, com a clara intenção de diminuí-la e desvalorizá-la.

⁴⁵ *Cuia*: também chamada de cabaça ou coité, é o fruto da árvore conhecida como cabaceira ou cuieira, cujo nome científico é *Crescentia cujete*. Seu fruto possui uma casca dura e arredondada, ideal para ser esvaziado, seco e utilizado como recipiente. No nordeste brasileiro, a “cuia” é comumente utilizada como medida caseira em contextos rurais.

María Dusá na escola

O mineiro gritou ao *cuca* e mandou trazer um celamim de sal, um *lanho*⁴⁶ de toucinho e um pedaço de carne.

Marido e mulher não sabiam de que modo exprimiriam seu contentamento e gratidão. O mineiro é que não contava com semelhante gratidão. Num *açodamento*⁴⁷ indescritível, a velha foi suspender ao fumeiro o saquinho de sal, a carne e o toucinho, cujo cheiro só, lhe causava um prazer infantil.

Arrochando os últimos animais do seu lote *dianteiro*, *Pingo d'Água* cantava propositadamente:

Nesse mundão tenho visto!
Mas aqui já é *sofrê*! Aqui é que filho chora,
Filho chora e mãe não vê!

Ao atar à corda do fumeiro, a velha resmungava, respondendo ao trovista, como se pudesse ser ouvida:

— Vê, sim; *mais*⁴⁸ a fome é que tem cara de herege!

No peitoril, o Raymundo, numa espécie de delírio, esfregava as mãos de contente, e de olhos fechados, prelibava o *gozo*⁴⁹ de um pedaço de carne gorda, que, havia meses, nem ao menos lhe fora dado cheirar.

As duas irmãs de Maria tinham-se retirado, chorando.

Então, dirigindo-se à *vendida*, que soluçava convulsivamente, o mineiro falou:

— Não chore, não, moça; seus pais venderam a filha, mas a filha não foi comprada: fica aí, com eles; somente lembre-se que o mineiro se chama Ricardo Brandão. Aqui está mais uma lembrança, que eu destinava a uma irmã.

E assim dizendo, tirou da escarcela uma pequena medalha de prata e a entregou com mão trêmula. A moça recebeu a lembrança e disse por entre soluços:

— Deus ajude a *vosmecê*, e lhe dê feliz viagem!

Partia o lote *dianteiro*. Depois de rasgada cortesia com o chapéu de couro, e um *até outra vista*⁵⁰, a quem



⁴⁶ *Lanho*: corte ou talho profundo. No contexto regional, refere-se a tiras compridas e finas de carne, especialmente toucinho.

⁴⁷ *Açodamento*: pressa com que se faz alguma coisa, geralmente em excesso e sem reflexão. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/a%C3%A7odamento>).

⁴⁸ O termo faz referência à conjunção adversativa “mas”, que indica oposição; no entanto, foi grafado como “mais”, advérbio que indica adição, para representar a marca de oralidade do personagem.

⁴⁹ *Prelibava o gozo*: forma verbal composta que une o verbo prelibar (provar antes, experimentar previamente) ao substantivo gozo (prazer intenso, satisfação, alegria). No contexto apresentado, Raymundo saboreava mentalmente, antecipadamente, o prazer que sentiria ao comer um pedaço de carne gorda.

⁵⁰ *Até outra vista*: expressão utilizada como forma de despedida, para indicar que espera ver ou encontrar a pessoa novamente. É semelhante a dizer “até logo” ou “até a próxima”.

Maria Dusá na escola

estava no peitoril, *Pingo d'Água* soltou dois gritos guturais para ativar o lote, e seguiu cantando:

Guardo o mimo que me deste
Na hora da retirada:
Quem paga amor com firmeza
Não fica devendo nada!

O velho Raymundo mal voltara a si da surpresa. Nos seus tempos de miséria, não tinha visto generosidade igual. Disse, por fim, desenvolvendo a elevada estatura e acenando com os compridos braços esqueléticos:

— Pois, senhor Ricardo Brandão, aqui fica este velho, que, se não morrer, ainda pode servir pra botar seu animal no pasto, quando sua mercê passar por aqui outra vez.

Depois de uma pequena pausa, murmurou:

— É verdade! bem se diz que o mineiro tem o coração nas mãos!

Ricardo mordida a ponta do cigarro, olhando para os dois lotes que partiam. Restava o da *cozinha*, sempre mais retardatário. O velho abanava a cabeça. Ao ver assomar à porta sua mulher, disse:

— Sinhá Maria Rosa, *pois* o mineiro é bom mesmo.

— Pois não deixou ficar a Maria?

— Ué!... *pois* não leva, não? interrogou a velha sem ocultar seu desapontamento.

— Não, sinhá Maria!

— Deus é que o há de ajudar! Deus é que o há de ajudar! repetia a velha com esforço, porque sua intenção era desobrigar-se de sustentar a filha.

Partia o lote do *coice*⁵¹. Ricardo correu a vista no rancho, apertou no mento a correia do chapéu de *coiro*⁵² curtido, amarrou as esporas, despediu-se de todos, trocando com Maria um aperto de mão, e saltou no *seligote*⁵³, esporeando o ruão energicamente.



⁵¹ *Lote do coice*: emprega-se para designar a retaguarda do rancho, o último grupo do comboio. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.16).

⁵² *Coiro*: termo utilizado como sinônimo de couro, refere-se à pele grossa e resistente de certos animais. Para a confecção de vestimentas e acessórios, utiliza-se o couro curtido, isto é, a pele de animais que passou por um processo químico ou físico-químico denominado curtimento, que visa tornar o material mais durável e resistente.

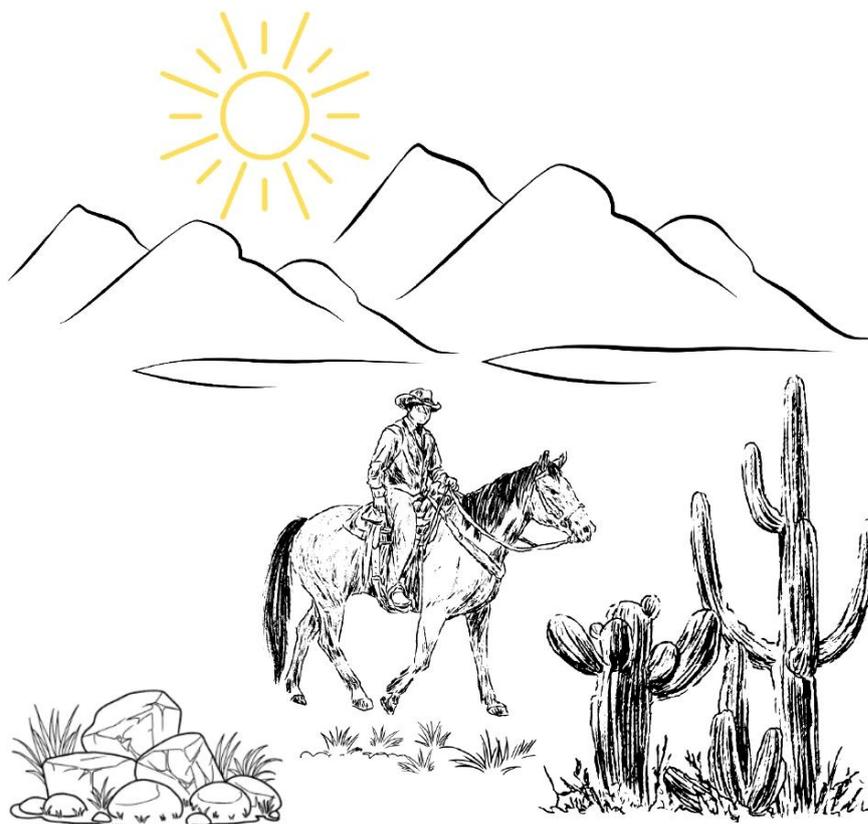
⁵³ *Seligote*: variação regional de *serigote*, designa um tipo de sela rústica, firmada sobre o lombo do animal, utilizada para montaria. É um termo comum em regiões sertanejas do Brasil, especialmente no contexto da vida rural e da cultura vaqueira.

Maria Dusá na escola

Adiante, voltou-se; Maria enxugava os olhos, debruçada no peitoril. O mineiro parecia fascinado. Mais longe ouviu *Pingo d'Água* cantando:

Meu beija-flor da campina.
Que tiveste o teu condão:
Leva no bico a saudade
Ao bem do meu coração.

O sol, a essa hora, calcinava a estrada poeirenta da catinga. Os animais *turravam* e gemiam por desafogo.



III

Poucos, da atual geração de baianos, desconhecem, pelo menos de tradição, o que foi, para o povo sertanejo, o ano de 1860. De quantas secas periódicas têm devastado os sertões brasileiros, raras legaram tão horrível memória, como a geralmente conhecida por *seca de 60*, *aliás 59*, de que resultou a crise alimentícia denominada *fome de 60*.

Na crença dos adoradores de um Deus que pune e premeia, nunca se revelou mais evidente e punitivo o seu braço irado e inexorável.

Nesse ano de tristíssimas recordações a zona **ubertosa**⁵⁴ do interior da província da Bahia transformou-se em terra **sáfara**⁵⁵, imprestável; de nutriz fecunda e dadivosa, que era, mudou-se em madrastra irritadiça e ilacrimável; de liberal e opulenta, em mendicante e miseranda.

Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no *Icó*, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o *mandacaru*, a *palmatória* e o *xique-xique*⁵⁶ formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt^{57,58}.

A caatinga (mato esbranquiçado) justificava de modo perfeito a denominação *tupi*, dada a essa vegetação enfezada.

Para cúmulo da penúria vegetal e animal, os incêndios multiplicavam-se nos campos e carrascos. Propósito ou descuido de caminhante ou caçador, o fogo fortalecia a ação destruidora do sol.



⁵⁴ *Zona ubertosa*: expressão usada para indicar uma região de terra fértil e produtiva, com grande capacidade para a agricultura e o cultivo de plantas.

⁵⁵ *Terra sáfara*: expressão que se refere a uma terra infértil, geralmente pedregosa, seca e deserta, com pouca ou nenhuma capacidade para o cultivo.

⁵⁶ Neste trecho, a narrativa apresenta espécies de plantas típicas do semiárido nordestino, adaptadas para armazenar água e resistir a longos períodos de estiagem. Essas espécies integram o bioma caatinga e desempenham um papel essencial na sobrevivência de pessoas e animais durante as secas prolongadas, como as que marcaram a Bahia e o sertão nordestino ao longo do século XIX.

⁵⁷ *Candelabros de Humboldt*: também conhecido como Candelabro de Paracas, recebe esse nome em homenagem ao naturalista e geógrafo Alexander von Humboldt. Trata-se de um geoglifo (desenho de grandes proporções feito no solo), com formato semelhante a um candelabro/castiçal, localizado na Península de Paracas, próxima às Ilhas Ballestas, no litoral do Peru.

⁵⁸ No trecho apresentado, observa-se um certo distanciamento do narrador em relação à região retratada, evidenciado pela mistura entre elementos típicos da caatinga com os Candelabros de Humboldt, um símbolo estranho à cultura nordestina. Essa combinação sugere um olhar externo ou uma visão exotizante, que transforma o sertão baiano em um cenário curioso e fantasioso, distante da realidade local.

María Dusá na escola

No céu, nenhum sinal promissor de chuva, e já ia em meio o ano.

Como sucede nos anos secos, nuvens tênues e esgarçadas passavam alto, muito alto, em diversas direções, como se evitassem baixar sobre a terra maldita.

Já não tinha encantos o alvorecer nas terras sertanejas. Um silêncio pesado substituíra a ruidosa alegria do passaredo farto, a saltitar em meio da verdura primaveril doutros tempos.

Os arrebóis vespertinos aparentavam apenas a beleza trágica de quotidianos incêndios em vastas e longínquas regiões do ocidente.

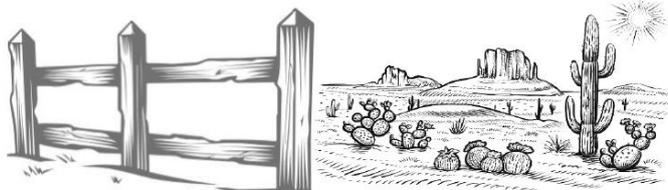
De resto, o céu em fogo dizia bem com o alvejar das ossadas dispersas pelos campos desolados.

As fazendas mais abastadas estavam quase desertas. Dificilmente se ouvia um mugido, mesmo tristonho e cavemoso. Mais de um fazendeiro rico *batera*⁵⁹ já as porteiras dos currais mal situados.

Pequenos lavradores e criadores, transformados em jornaleiros de *pataca e de doze vinténs*⁶⁰, emigravam sem destino, isto é, caminhavam à toa, por falta de trabalho e de alimento.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra *mater dolorosa*⁶¹, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, *retirantes*⁶² famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de crianças, tudo isso lembrando alguma coisa daquele choro e ranger de dentes do Juízo Final.

Viajando *no coice da tropa*⁶³, no seu *ruão*, passo a passo, Ricardo assistia, cada vez mais desanimado, a essa espécie de lúgubre procissão da fome, a desfilar-se vagarosa pela estrada afora.



⁵⁹ *Batera*: pretérito mais-que-perfeito do verbo "bater". A expressão "bater as porteiras", especialmente no contexto sertanejo ou rural, é empregada no sentido de fechar as porteiras, encerrar as atividades, abandonar o curral ou desistir da criação.

⁶⁰ *Jornaleiros de pataca e de doze vinténs*: expressão que, no texto, se refere a trabalhadores assalariados mal remunerados.

⁶¹ *Mater dolorosa*: expressão latina que significa "mãe dolorosa". Refere-se à Virgem Maria em sua representação de sofrimento, especialmente durante a Paixão de Cristo, simbolizando a dor de uma mãe ao ver seu filho sofrer.

⁶² *Retirantes*: pessoas que abandonam a sua terra fugindo da seca e da miséria em busca de uma região que lhe dê melhores condições de vida e trabalho.

⁶³ *Coice da tropa*: expressão regional de sentido figurado que indica a ação de seguir atrás da tropa de animais, especialmente bois ou cavalos.

María Dusá na escola

Tendo *arribado* do pouso do Raymundo Alves, o mineiro mandou *derrubar* no **rodeador**⁶⁴, distante três léguas, e onde ainda existia um **olho-d'água**⁶⁵, que nunca secou, porque nunca lhe fora destruída a vegetação protetora.

Junto à casa de um velho africano, *derrubaram-se* as cargas.

Feito o *rancho*, isto é, arrumadas em dupla fileira as *bruacas* e *surrões* de sal, sobrepostas as cangalhas, — peitoral para a frente, a fim de se não atrasar a viagem, — aceso o fogo e armada a trempe de três agulhas de **arrocho**⁶⁶, enfeixadas na parte superior, — os camaradas, menos o *cuca*, perguntaram ao patrão onde deviam *arrumar*.

O sol estava a cravar-se.

Ricardo Brandão dirigiu-se ao velho africano, que tecia esteiras de pindoba⁶⁷, sentado à porta, e depois de saudá-lo, indagou:

— Se não havia pasto, perto ou longe.

— *Passo qui é, sinhô?! Exclamou o preto admirado. Passo é esse qui sinhô tá veno: foia seca só. Agora, si sinhô qué qui burro come de nôte manda gente derrubá mandacaru. Munto bom; boi gosta munto.*

O mineiro riu da estultícia do conselho, e insistiu:

— Mesmo longe não haveria alguma roça velha, encapoeirada?

— *A roça qui é, ioiô?* Perguntou o africano, com cara de riso. *Pai Tomé veio moleque pra terra de branco, e nunca viu coisa assim. Ah! ioiô! Deus brigou com nós tudo! A roça aqui, nem longe nem perto; nem véia, nem nova. Ué!*

E continuou a trabalhar.

O mineiro decidiu-se a mandar *arrumar* num *eixo de serra*, que se via a certa distância, e para abreviar foi ajudando a **tanger**⁶⁸ os animais. A uns duzentos passos estava um homem cavando a terra.

Parou. Com a curiosidade de saber para que fim, aproximou-se, e depois das boas tardes, perguntou:

— Você procura água nesse duro, amigo? O sertanejo levantou a cabeça:

— Não, patrão; estou *fazendo* uma cova para meu filho que morreu.



⁶⁴ *Rodeador*: regionalismo nordestino que se refere a um espaço aberto nos campos, usado pelos vaqueiros para reunir, organizar ou inspecionar o gado, especialmente durante o manejo ou a contagem dos animais.

⁶⁵ *Olho d'água*: termo usado para designar uma nascente, lugar onde a água brota naturalmente do solo. Isso acontece quando o lençol freático (camada subterrânea de água) chega próximo à superfície e a água aparece, formando uma nascente.

⁶⁶ *Trempe de três de agulhas de arrocho*: tripé rústico feito com três ferros finos (as “agulhas”), amarrados ou presos no topo, formando uma estrutura em forma de pirâmide. Esse tripé é usado para sustentar uma panela sobre o fogo, permitindo o preparo de alimentos. É um utensílio típico, comumente utilizados por sertanejos e tropeiros em acampamentos.

⁶⁷ *Pindoba*: tipo de palmeira, em especial do gênero *Attalea*, muito comum no nordeste do Brasil, de onde se retiram folhas para cobrir casas, fazer esteiras ou artesanato.

⁶⁸ *Tanger*: no contexto rural, significa conduzir, guiar ou afastar um animal, geralmente com gestos, sons ou instrumentos.

María Dusá na escola

Olhe ali. Era um menino que fazia gosto ver! Vivo como ele só!

O mineiro olhou e viu uma mulher sentada junto a um *murundu*, tendo no regaço o cadáver dum menino.

Depois de um longo suspiro, o sertanejo acrescentou em voz queixosa:

— A fome, patrão! A fome é que faz tudo isso!

— E o menino morreu de fome? Inquiriu o mineiro.

— Morreu, sim senhor! Disse o sertanejo, e acrescentou: — como muita gente tem morrido por este sertão de meu Deus! Até pai já tem matado filho pra comer! Perto daqui mesmo, dizem, eu mesmo não sei, dizem que um velho Raymundo (pode ser que sua mercê tenha dormido na casa dele), que esse velho Raimundo já matou dois.

O mineiro sentiu apertar-se-lhe o coração. Ligeiro calafrio cortou-lhe a espinha dorsal.

— Que é que está dizendo: homem?! Exclamou, sem dominar-se.

— Não sei, patrão; o povo é que diz. E parece que é assim mesmo porque ninguém sabe rumo dum que ele disse que se perdeu no mato, há uns dias.

Rápida associação de ideias fez esfriarem as mãos do mineiro. Somente agora lhe causava estranheza que o velho Raymundo tanto insistisse para *trocar* uma filha por um celamim de sal, em vez de o fazer por um pedaço de carne, quando por não tê-la se queixava.

Pensou em Maria, e o coração doeu-lhe deveras.

Não quis, em todo o caso, revelar o negócio do sal.

Não se confessaria ingênuo ou cúmplice involuntário de uma tal monstruosidade.

— Vender filho, continuou o sertanejo, isso é coisa que se vê todos os dias.

— Na verdade! Comentou o mineiro, baixando a cabeça, pensativo.

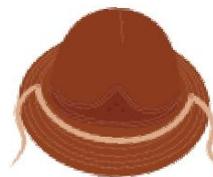
— Ah! Patrão de minh'alma! Exclamou o sertanejo, parando a escavação, têm se visto coisas com esta fome! Sai da terra dos meus, cidade de *Caetité*, e lá, e nos caminhos tenho visto! Patrão! — Bradou o retirante com amargura, — *o Deus que nos protegia morreu ou mudou-se!*

A enxada caiu de novo, cavando fundo, enquanto pela face do sertanejo duas lágrimas desciam vagarosamente.

Houve pequena pausa, durante a qual só se ouvia o *tum, tum*, abafado, da enxada na cova.

— Nós, João, não devemos agravar a Deus; antes sofrer com paciência! Disse, sufocando os soluços, a mulher, cujo rosto, oculto pelo xale, não pôde o mineiro observar.

O sertanejo não respondeu. *Enterrando* mais o chapéu de couro na cabeça, e cerrando os **malares**⁶⁹, como para estrangular qualquer **imprecação**⁷⁰ inconveniente, continuou a trabalhar.



⁶⁹ *Malares*: termo que se refere aos ossos das maçãs do rosto, também chamados de ossos zigomáticos. No contexto apresentado, a expressão “cerrar os malares” indica um gesto em que a pessoa fecha o semblante e contrai os músculos do rosto, geralmente como forma de conter uma emoção intensa, como raiva, revolta ou indignação.

Maria Dusá na escola

Ricardo interrompeu o doloroso silêncio.

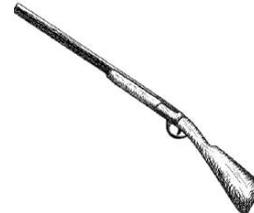
— E daqui para onde você vai, *sôr João*?

— Eu mesmo nem sei, patrão. Daqui, talvez pra beira-mar. Tenho vontade de tentar a sorte na **Chapada Nova**⁷¹; *mais* a mulher está *repunando*⁷².

— Pois é bom ir. Eu pra lá vou vender um salzinho. Se for bom deveras, fico.

— Daí, pode ser que eu vá, obtemperou o João. Só tenho medo de ser um lugar, onde ainda se mata gente por vadiação.

— Não é mais assim, não. Isso foi no princípio, quando um sujeito, pra comprar uma **lazarina**⁷³, alvejava nalgum pobre que passava.



Em todo o caso, não há como a gente andar prevenido.

Houve novo silêncio.

Caía a noite. O sertanejo tomou o cadáver do filho, envolto em trapos, e o depositou na cova com o mesmo cuidado como se o fizesse numa cama. Em obediência à superstição, Ricardo lançou na cova um **pugilo**⁷⁴ de terra, e com um *até outra hora*, retirou-se depressa para que a inditosa mãe pudesse chorar e lastimar-se à vontade.

Dirigindo-se para o rancho, o mineiro pensava em Maria. Se tinha razão o povo, e dizia coisa certa, o pai desnaturado seria capaz de matá-la também.

Não era, entretanto, só o sentimento de compaixão que agora oprimia a alma generosa do mineiro. No seu entender, parecia estar estonteado por uma **coisa feita**⁷⁵. O lindo semblante da sertaneja e o seu olhar de uma doçura infinita exaltavam a imaginação do serrano com tal intensidade que o obrigavam a evocar a lembrança do olhar da *Nossa Senhora do Patrocínio* da **Serra Nova**⁷⁶.

Se visse de novo a sertaneja, pensava ele, perderia de todo a cabeça e casar-se-ia com ela. Como devia ser amorosa e boa! No mais, a miséria é que não a deixava parecer mais bonita.

Quando assim meditava o serrano, ouviu um dos seus camaradas, que voltava da *arrumação*, cantar de voz solta, na toada dolente que os sertanejos conhecem:

⁷⁰ *Imprecação*: maldição, praga, xingamento.

⁷¹ *Chapada Nova*: região da Chapada Diamantina que, assim como a Chapada Velha, foi marcada pela exploração de diamantes. A Chapada Nova corresponde às áreas de garimpo e povoamento mais recentes, em contraste com as ocupações mais antigas da Chapada Velha.

⁷² *Repunando*: do verbo repunar, a expressão popular e regional significa mostrar resistência, repulsa ou aversão a algo.

⁷³ *Lazarina*: espingarda de pequeno calibre, de um só cano, que no passado era muito utilizada pelos sertanejos, especialmente na caça de aves.

⁷⁴ *Pugilo*: pequena porção de algo que cabe entre os dedos, como um punhado ou uma pitada.

⁷⁵ *Coisa feita*: feitiço, maldição lançada por alguém.

⁷⁶ *Nossa Senhora do Patrocínio da Serra Nova*: Nossa Senhora do Patrocínio é um título da Virgem Maria, muito venerada pelos católicos em Minas Gerais. Há diversas localidades que homenageiam esse nome, inclusive uma comunidade real chamada Serra Nova, situada no município de Rio Pardo de Minas. No romance, o personagem Ricardo Brandão é natural de uma "Serra Nova", possivelmente uma referência a esse local real.

María Dusá na escola

Lá vai a garça voando
Lá pra a banda do sertão,
Leva Teresa no bico,
Maria no coração...

Ricardo reconheceu a voz de *Pingo d'Água*. Este continuou:

Cravo roxo, cravo rosa,
Cravo de toda nação!
Meu benzinho de tão longe...
Ai, meu Deus, não posso, não!

E estribilhava com mais tristeza:

Ai, meu Deus, não posso, não!

O mineiro sentiu que se lhe marejavam os olhos, após ligeiro arrepio dos cabelos, e gritou de longe:

— Cala essa boca, demônio!

Pingo d'Água compreendeu que tinha *ferido* o patrão e retrucou, incontinente, com vivacidade:

O tronco nasce da terra,
Do tronco rebenta a rama,
Meu patrão não se incomode,
De longe também se ama!

Chegado ao rancho, Ricardo não pôde cear. Tomou apenas um **cuítezinho**⁷⁷ de café, acendeu um cigarro, e estendeu-se na rede. Apesar de toda a energia empregada para calcular os negócios, e pensar nas riquezas da **Chapada**⁷⁸, só uma ideia sobrenadava, a obsediá-lhe a mente. Maria surgia-lhe do fundo da memória, cada vez mais formosa.

Pingo d'Água, sentado num couro, à beira do fogo, *ralhava* na viola.

Ao longe ouviam-se rezas de velório em um rancho de retirantes.

Somente pela madrugada o mineiro adormeceu.



⁷⁷ *Cuítezinho*: expressão utilizada em regiões do interior do Brasil para se referir ao ato de tomar um pequeno café, geralmente servido em uma cuiá ou recipiente semelhante, chamado de cuité. A expressão carrega um tom afetivo e costuma acompanhar momentos de conversa e hospitalidade.

⁷⁸ *Chapada*: o autor faz referência à Chapada Diamantina, uma região constituída de montanhas, chapadas e planaltos da Serra do Espinhaço, localizada na região central do estado da Bahia.

IV

Ao alvorecer, Ricardo estava de pé. Em tempo de verão, é a hora mais aprazível do dia, na região das catingas. O ar fresco e puro, o aroma silvestre e indefinível, que se respira, restituem ao organismo combalido as energias precisas para a labutação quotidiana.

Ao levantar-se o patrão, o *cuca* trouxe-lhe água para o rosto, e, após, o cuitézinho de café, que ele, como mineiro de gema, sorveu vagarosamente, aos goles poupados, como pratica o experimentador de vinhos. Após o último gole, levantou-se da rede, deixou o cuité⁷⁹ sobre uma bruaca, puxou da *bainha*⁸⁰ a *parnaíba*⁸¹, picou fumo, que esfarinhou entre as palmas, prendendo a faca, de ponta para cima, entre o polegar e o indicador; depois do que, apertando o fumo picado na mão esquerda, cortou uma palha de milho e pôs-se a alisá-la, demoradamente, como que absorvido num pensamento profundo.



Dominava o silêncio do ermo. Os camaradas tinham partido a campear, desde as primeiras barras do dia.

Para Ricardo e o cozinheiro, esse silêncio era apenas interrompido pela fervura do caldeirão da feijoada com toucinho e pemil. O mineiro continuava a meditar. Depois de sorver algumas fumaças do cigarro, sentiu certa *lassidão*⁸², que o obrigou a sentar-se.

Quando os primeiros raios do sol iluminavam as cristas das serras do poente, ouviu-se o som de um cinorro e as conhecidas vibrações do solo, indicando um tropear ao longe. Em poucos momentos ouviram-se assobios e gritos guturais dos camaradas, *tangendo* a tropa. Ao chegar esta ao rancho, Ricardo notou de um lance d'olhos que faltavam animais.

De fato, os camaradas queixavam-se de que, por não haver pasto, a tropa *esparramara* na catinga.

— Faltavam *Boneca*, *Rompante*, *Bem-feito* e outros; porém que deviam estar aí mesmo, nalgum *encosto* da serra.

— Que haviam de aparecer; até a sede ajudava a botá-los pra fora. E depois de tais afirmativas, os tropeiros foram ao café.

Estava em expectativa o que constitui o terror dos viajantes: uma *falha forçada*⁸³ num *pouso sem recurso*.



⁷⁹ *Cuité*: pequeno recipiente, geralmente feito da casca seca do fruto da árvore cuitzeiro. É culturalmente usado para servir café, água ou outras bebidas em regiões do interior do Brasil, especialmente no sertão.

⁸⁰ *Bainha*: capa ou estojo de couro ou material resistente onde a faca ou outro tipo de lâmina é guardada e geralmente presa à cintura.

⁸¹ *Parnaíba*: tipo de faca longa, com lâmina fina e ponta aguda, bastante utilizada por vaqueiros, tropeiros e sertanejos, tanto no manejo de animais quanto em tarefas cotidianas, como picar fumo.

⁸² *Lassidão*: cansaço, fadiga, falta de força ou estímulo para agir.

⁸³ *Falha forçada*: situação causada por uma circunstância adversa ou por um erro grave, que resulta em uma parada ou pouso inesperado, sem alternativas de solução imediata.

María Dusá na escola

Ricardo, entretanto, não se mostrava contrariado com essa expectativa; parecia até satisfeito. Dir-se-ia que o acaso vinha favorecer a uma tendência nova de seu espírito, subjugado pela paixão nascente. Segundo afirmou, tempos adiante, nesses momentos tinha ímpetos de voltar, tomar na garupa do *Ruão* a sua *cativa*, e associá-la de qualquer modo ao seu destino. Mas esses pensamentos foram passageiros. Aprendera de sua velhinha mãe a respeitar uma donzela, qualquer que fosse o seu estado e condição. Além disso, era sinceramente católico e nos princípios rudimentares de sua religião encontrava sempre uma **antemural**⁸⁴ contra a tentação da carne voluptuosa, e contra os maus pensamentos. Afora esses princípios ou por excesso deles, era supersticioso. Sabia orações prodigiosas contra todos os males que o pudessem afligir. O mineiro fez-se forte e rezou contritamente. O efeito da autossugestão foi miraculoso. Ricardo viu tudo com mais clareza.

Gostava de Maria, porém não podia se casar com ela, e muito menos tê-la por amante. Tinha praticado uma boa ação e não havia de destruir essa lembrança com uma doídice. Ali, era seguir d'olhos fechados o plano velho. Chegar a Chapada Nova, vender o **carregamento**⁸⁵ e a tropa, reservando apenas alguns animais para a viagem de retorno, e tentar a sorte na algum garimpo rico. Se em princípio lhe *desandasse* a sorte, antes de *entrar no cobre* da tropa, seguiria para o **Serro**⁸⁶, a fim de comprar novos animais e recomeçar a vida. Se fosse feliz, voltaria mais tarde à Serra Nova, compraria uma fazenda de criação, que isso de andar em coice de tropa era cousa que nem ia nem vinha.

O sol alteava-se. Ao voltarem os camaradas com a tropa, que tinham levado a beber, Ricardo tomara-se resolutivo; dava ordens mais terminantes. Ajudava, com presteza, a milhar os animais, que avançavam famintos, insistentes, com o beico superior estendido e trêmulo, ora gaguejando uma espécie de rugido gutural, surdo; ora escoiceando-se e mordendo-se uns aos outros, *murchando* as orelhas, aos pinchos e aos guinchos, que os distribuidores de embornais aquietavam, distribuindo, também, muros a torto e a direito.



É esse constante lidar com animais em viagem o que faz do almocreve ou tropeiro uma entidade particular, um especialista de classe, que se não confunde com o **recoveiro ocasional**⁸⁷.



⁸⁴ *Antemural*: construção que serve de defesa, colocada diante de uma muralha principal. No sentido figurado, como apresentado no romance, representa qualquer forma de proteção ou barreira contra algo considerado perigoso ou indesejado.

⁸⁵ *Carregamento*: mercadorias ou produtos transportados de um lugar para outro, geralmente em tropas de animais ou veículos. Nas atividades de comércio antigo da Chapada Diamantina, o carregamento era fundamental para o sustento das comunidades e para a economia da região.

⁸⁶ *Serro*: município brasileiro localizado no estado de Minas Gerais, pertencente à região geográfica imediata de Diamantina. Está localizado em uma área de relevo montanhoso, com serras, vales e rios que compõem um cenário típico da região do Espinhaço.

⁸⁷ *Recoveiro ocasional*: pessoa que transporta cargas ou mercadorias em lombo de animais. Desempenha uma função semelhante à dos almocreves ou tropeiros, mas de forma esporádica, em trajetos menores e sem exercer essa atividade como profissão principal.

María Dusá na escola

O tropeiro tem uma idiossincrasia, uma *gíria*, um *modo*, um *jeito* todo seu, seja para se corresponder com os companheiros, seja para *atalhar*⁸⁸ uma cangalha, seja para alcear⁸⁹ uma carga, ou arrochar um lote inteiro, dando a mesma inclinação a todas as *agulhas*⁹⁰. Para todo o ofício mais vale, de ordinário, a longa prática; mas o verdadeiro almocreve tem um instinto que causa pasmo aos ignorantes do ofício, como tem uma idiossincrasia que, observada, faz meditar um médico.

Assim, até para *milhar*⁹¹ animais reunidos, só um prático pode fazê-lo sem apanhar um couce, nem deixar se entornar o *milho*⁹².

Distribuída a ração, o camarada de nome Felipe consultou:

— Hein, *Pingo d'Água*, você não acha que *Boneca* e *Rompante* tomaram por aqueloutro boqueirão que está mais acima?

— Acho. Aquela mula é *mocambeira*⁹³ que é uma desgraça!...

— Deixem de consultas, interveio o patrão; Benedito e Joaquim ficam *pastorando*; vocês dous sigam logo, que os animais estão aí mesmo e ainda hoje se pode fazer *marcha*⁹⁴ pequena para o *Angico*⁹⁵.

Os camaradas obedeceram e seguiram. Um pouco adiante, Felipe disse ao companheiro:

— Hein, Manuel? Você viu *cumo* o patrão tem estado *zambuado*⁹⁶ estes dias?

Mais hoje está com a vista mais alegre.

— Eu sei, moço! respondeu *Pingo d'Água*, e começou a cantar baixo, obrigando Felipe à *segunda*⁹⁷, sem interromper o andar ligeiro:

O cravo pediu à rosa,
Que lhe desse o seu condão:
A rosa lhe deu espinho,
Mas o cravo não quis, não!



⁸⁸ *Atalhar*: no contexto rural e sertanejo, a expressão, no trecho apresentado, significa ajustar, preparar ou arrumar algo rapidamente, especialmente equipamentos usados no trabalho diário, como as cangalhas dos animais.

⁸⁹ *Alcear*: levantar ou posicionar uma carga sobre o animal ou estrutura.

⁹⁰ *Agulhas*: no Nordeste, especialmente entre vaqueiros e tropeiros, pode significar haste de madeira ou estrutura que ajuda a travar ou estabilizar a carga sobre a cangalha — um suporte colocado no lombo de animais de carga. Essas agulhas são fundamentais para garantir que a carga fique firme durante os longos deslocamentos realizados pelo sertão.

⁹¹ *Milhar*: expressão utilizada no contexto rural para se referir ao ato de jogar ou distribuir milho, ou tipo de grão, como alimento para os animais.

⁹² *Entornar o milho*: expressão utilizada para indicar o ato de derramar o milho, por inexperiência ou desatenção, especialmente ao alimentar animais.

⁹³ *Mocambeira*: adjetivo atribuído a animal que se esconde no mato.

⁹⁴ *Marcha*: expressão usada por tropeiros e vaqueiros para se referir a uma viagem ou deslocamento, geralmente feito a pé ou com animais de carga ou montaria. Indica o ato de seguir caminho, percorrendo uma determinada distância, seja ela curta ou longa.

⁹⁵ *Angico*: parada ou local de descanso na antiga rota dos viajantes e tropeiros pela Chapada Diamantina.

⁹⁶ *Zambuado*: expressão regional do Nordeste, de uso popular, que se refere a alguém que está triste, calado, emburrado ou de mau humor.

⁹⁷ *Segunda*: no contexto apresentado, refere-se a fazer a segunda voz em uma canção, ou seja, cantar uma harmonia complementar à melodia principal.

Maria Dusá na escola

A viola *chora* a prima,
A prima *chora* o bordão...
— O cravo pediu à rosa
Que lhe desse o seu condão!
Eh! seu condão!...



O eco respondia ao longe nas quebradas da serra, porque, insensivelmente, tinham alteado a voz.

Dentro em pouco os campeadores desapareceram na catíngia. Cada um tomou seu rumo.

No rancho, os animais que acabavam de comer milho, e dos quais eram tirados os **embornais**⁹⁸, ficavam por ali, a **turrar**⁹⁹, a **babujar**¹⁰⁰ folha seca do chão ou a roer casca de pau.

Já se fazia sentir o tédio de uma *folha*¹⁰¹, em que o dia parece mais longo; o sol mais quente, ou mais fria a chuva; as moscas mais importunas; o silêncio mais desanimador; e em que, tudo que não seja o burro **aparecido**¹⁰², ou o doente são, que não seja, enfim, a cessação da *folha*, traz aborrecimento.

Passou a hora do *almoço manso*. O sol despejava uma torrente de fogo. Em longas extensões o calor irradiava-se, como se a terra fosse a abóbada de um imenso forno quente.

Passou a turma de retirantes, que pediam esmolos por todos os santos. Sem molestá-los, Ricardo convenceu-os de que não podia dar o que não era seu.

Passou uma procissão de penitência, em preces (*ad petendam pluviam*)¹⁰³ conduzindo uma imagem de Nossa Senhora do Alívio. Mudava-se, para uma casa distante, a residência da imagem, para que ela fizesse chover imediatamente.

Pela estrada afora o mulhierio, aterrorizado com a seca e a fome, carregava pedras, gritando **esganiçadamente**¹⁰⁴ como carpideiras egípcias¹⁰⁵ em funerais de grande pompa.

O mineiro e os camaradas levantaram-se e descobriram-se à passagem da Santa.

A procissão desapareceu ao longe.

⁹⁸ *Embornais*: sacolas feitas de tecido grosso, couro ou lona, usadas no pescoço ou nos arreios dos animais para guardar e servir alimentos, como milho ou farelo. São comuns em ambientes rurais, especialmente durante viagens ou paradas em ranchos.

⁹⁹ *Turrar*: ação dos animais de empurrar, cutucar ou remexer objetos com o focinho, testa ou chifres. Em alguns contextos, também pode significar resmungar, mugir baixinho ou emitir sons abafados, como fazem bois ou vacas quando estão impacientes ou incomodados.

¹⁰⁰ *Babujar*: molhar algo com saliva ou babar sobre ele, como fazem alguns animais ao mastigar sem engolir de imediato, deixando folhas ou objetos úmidos.

¹⁰¹ *Folha*: o termo que aparece duas vezes neste parágrafo para indicar a parada forçada do rancho devido ao extravio de animais, parece ser devido a algum engano, uma vez que nas demais passagens em que se alude a esse fato diz-se *falha* (Cf. p. 21), ou, em dialeto popular, *faiá* (acima). (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.23).

¹⁰² *Burro aparecido*: expressão regional que pode ser usada para descrever algo ou alguém que aparece de forma inoportuna ou inesperada, trazendo desconforto ou irritação. No contexto do trecho, pode ser uma metáfora para algo que interrompe a tranquilidade, causando aborrecimento.

¹⁰³ *Ad petendam pluviam*: locução latina que significa “para pedir chuva”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/ad%20petendam%20pluviam>).

¹⁰⁴ *Esganiçadamente*: expressão que descreve um grito estridente, agudo e penoso, muitas vezes associado a uma sensação de desespero ou sofrimento.

¹⁰⁵ *Carpideiras egípcias*: mulheres contratadas na antiga civilização egípcia para lamentar e chorar durante os rituais funerários. Elas expressavam a dor da perda de maneira dramática e intensa, contribuindo para o luto e a honra ao falecido.

Maria Dusá na escola

Passava a hora do *almoço bravo*¹⁰⁶, e não vinham os animais! Uma dúvida surgiu no espírito do mineiro:

— Teriam furtado os animais?

Quis ir até ao rancho do africano, para indagar se havia ali tal costume; porém nesse momento aproximava-se o João, o sertanejo com o qual Ricardo travara conhecimento no dia anterior, e que, depois de saudar, falou:

— *Hein*, meu patrão, com que está sua mercê de *faia*¹⁰⁷!

— Era verdade. O *peior*¹⁰⁸ era que podiam estar furtados uns animais desaparecidos, respondeu Ricardo.

— Não tivesse susto, atalhou o sertanejo. Apesar da fome, o povo dali não furtava. Estava de pouco tempo, mas podia afirmar. Os animais apareceriam.

— Os anjos dissessem amém, respondeu Ricardo, coçando a cabeça, de impaciente.

Não esperou muito. Soou ao longe o prolongado grito do tropeiro, quando encontra o último animal *sumido*.

— Os anjos tinham dito amém, observou João.

Contente por isso, o mineiro abriu a bruaca da cozinha, cortou bom pedaço de carne, e deu-o ao sertanejo.

— Farinha é que não havia, acrescentou.

O sertanejo expandiu-se em agradecimentos:

— Pudesse contar com ele onde estivesse. Nunca se esqueceria daquela esmola de bom coração. Ia sempre para a Chapada, e lá estaria ao serviço do patrão.

E despediu-se. Decorrido algum tempo, chegaram os animais.

O mineiro *desapontou*. Estavam *finos* e *varados* de sede.

Ordenou que Felipe fosse dar-lhes de beber, enquanto o Manuel *atalhava* algumas cangalhas de seu lote, que estavam *lambendo* em vésperas de *pisar*¹⁰⁹.



¹⁰⁶ *Almoço bravo*: expressão popular e regional que se refere a um almoço feito fora do horário usual, geralmente mais tarde do que o horário esperado ou desejado.

¹⁰⁷ *Faia*: termo de uso coloquial e regional em algumas áreas do Nordeste, utilizado para se referir a "falha". No contexto apresentado, "faia" é empregada para indicar um problema, especificamente a falta ou ausência de animais.

¹⁰⁸ *Peior*: do latim (*peior*), quer dizer pior.

¹⁰⁹ *Lambendo em vésperas de pisar*: metáfora ou expressão regional que sugere uma situação em que algo ou alguém está quase prestes a agir ou a se mover, mas ainda está em um momento de preparação ou expectativa.

Maria Dusá na escola

Determina a superstição dos tropeiros que se não descubram os lotes do rancho sem que estejam vistos todos os animais da tropa, porque o proceder contrário dificulta o aparecimento dos que estejam transviados, obrigando a *falhar*.

Assim, foi *Pingo D'Água* o primeiro a tirar de seu lote os couros que estavam tinindo com o calor. Desarrumou as cangalhas, lembrando que o próprio Diabo não quis ser tropeiro para não lidar com *couro cru em tempo de sol quente*, e, enquanto trabalhava, distraía-se:

Quem parte, parte chorando;
 Quem fica vida não tem;
 Não tem sono nem sossego,
 Quem chegou a querer bem.

O canto era intermeado de socos para acamar ou espalhar a paina do *talabardão*¹¹⁰, nos pontos a atalhar.

Quem tiver cuidados, tenha
 Mas nunca procure amar,
 Que é pena que puxa pena
 Sem nunca mais acabar.

Quem saiu de sua terra,
 Se disponha a padecer,
 Que a tristeza nunca solta
 Quem tem alma pra sofrer.



Talabardão

Concertava com a voz do camarada o ruído causado pelo *corrute*¹¹¹ dos animais vindos, triturando o milho.

Chegou a hora de *suspender* cargas. — O sol declinava; mas ainda havia tempo de alcançar pouso de melhor arrumação, daí a légua e meia.

Os camaradas almoçaram. Ricardo almoçou pouco. Apesar de seu trabalho pensava, de quando em quando, em Maria, sem, contudo, se perturbar, como a princípio.

O primeiro lote partiu. A *cabeçada* agitava-se, vibrando com o desânimo peculiar às tropas *batidas*¹¹². Seguiram-se o segundo e o terceiro lotes. Arrochou-se a última carga do traseiro. Ricardo, ao *calçar* as esporas, relanceava o olhar pelo *rancho* para verificar se acaso ficara alguma coisa.

¹¹⁰ *Talabardão*: cobertura de couro cru costurada a uma espécie de saco com enchimento, colocada sobre a armação de madeira das cangalhas, que facilita a acomodação da carga e protege o lombo do animal do atrito e do peso.

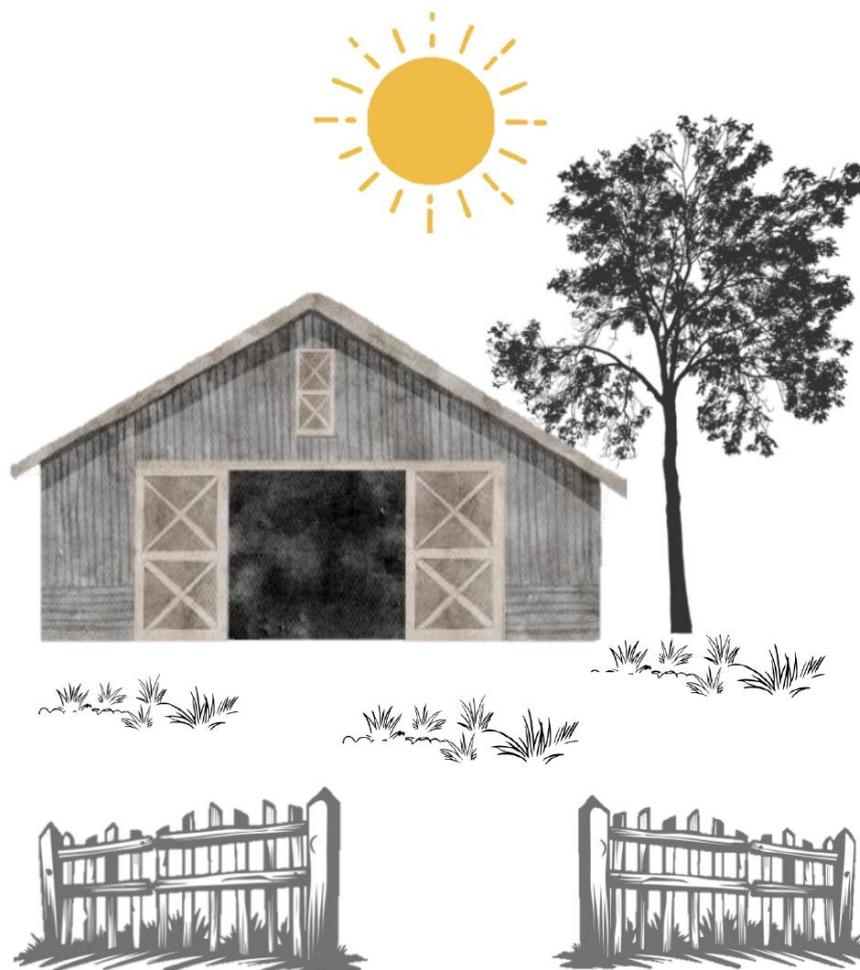
¹¹¹ *Corrute*: expressão regional, provavelmente relacionado ao som característico produzido por animais ao se moverem ou se alimentarem.

¹¹² *Tropas Batidas*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever um grupo de animais de carga que já preparados ou arrumados para a jornada se mostram exauridos e fatigados de longas viagens.

María Dusá na escola

Por pior que seja um *ranchito* em que o viajante passou algumas horas, causa-lhe sempre alguma saudade o deixá-lo, porque, ao menos, acode-lhe ao pensamento a dúvida ou possibilidade de o tornar a ver algum dia.

Nessa tarde a tropa **derrubou**¹¹³ no Angico.



¹¹³ *Derrubou*: no contexto de tropeiros e vaqueiros, significa que a tropa (grupo de animais de carga) chegou e se acomodou ou parou em um local para descansar ou pernoitar.

V

Do pouso do Angico, Ricardo continuou a viagem sem tropeços. Em poucos dias atravessou o *gerais*¹¹⁴ do *Tanquinho*¹¹⁵; passou pelo *Comércio de Fora*¹¹⁶, e entrou em *Mucugê*¹¹⁷, aliás vila de Santa Isabel, desde 1847, porém somente conhecida então por aquele nome.

Em consequência da viagem, estava quase apagada no espírito do mineiro a lembrança da sertaneja. A sua chegada ao Mucugê obliterou ainda mais essa lembrança.

Não obstante ser filho da província de Minas e, além disso, bastante *corrido*, habituado, portanto, a lidar em meio de grandes cidades sertanejas, em todo o caso, o burburinho febril do comércio do Mucugê, d'então, tornou-o, na gíria dos tropeiros, *zaranza*¹¹⁸ e *apoucado*¹¹⁹.

É preciso, em verdade, petulância e presença de espírito, para um homem qualquer enfrentar, de chofre, com calma e sem desaprumar-se, o grande movimento de uma *lavra*, recentemente descoberta, onde se aglomere uma população de dezenas de milhares de indivíduos, gente de todos os climas, de todas as raças, de todas as condições, e costumes diversos, num vaivém contínuo, numa *azáfama*¹²⁰ e agitação atordoadoras, de vasto acampamento de guerra, e que acobarda os tímidos, desafiando a gana dos audazes. É aí que a luta pela existência se acentua, por vezes, de um modo acerbo e apressado, evidenciando-se o princípio egoísta, segundo o qual, sejam quais forem as condições étnicas e mesológicas, o mundo é dos que rugem e não dos que balam; é dos leões e não das ovelhas; aí, como na guerra, aqueles que esmorecem são cruamente calcados pelos próprios amigos, por todos os que se arrojam no campo da luta; nem há meio termo: aí é morrer ou vencer. Nesses lugares, e em princípio, enquanto não se uniformizam os costumes, pela força da autoridade pública ou pela preponderância dos indivíduos melhores e mais fortes, o que só acontece com o decorrer de muitos anos, a própria *Caridade*, entre cristãos, tem o aspecto selvagem e grosseiro, do *tiro de Misericórdia* das execuções militares de *povos cultos*.



¹¹⁴ *Gerai*s: campos extensos, desabitados e com vegetação escassa.

¹¹⁵ *Tanquinho*: na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia, existe um distrito chamado Tanquinho. Ele faz parte do município de Lençóis e está localizado a aproximadamente 126 quilômetros da cidade de Mucugê, outra importante localidade da Chapada em que o romance é ambientado.

¹¹⁶ *Comércio de Fora*: antigo ponto de passagem e localidade próxima a Mucugê, que servia como parada comercial e de apoio para viajantes e garimpeiros.

¹¹⁷ *Mucugê*: cidade histórica da Chapada Diamantina, localizada a cerca de 448 km de Salvador, a capital do estado da Bahia. No século XIX, destacou-se como um dos primeiros locais da região onde se encontraram diamantes, atraindo garimpeiros e comerciantes e marcando a história do ciclo do garimpo de diamantes na Bahia.

¹¹⁸ *Zaranza*: atordoado.

¹¹⁹ *Apoucado*: acanhado, tímido.

¹²⁰ *Azáfama*: movimento intenso e contínuo.

María Dusá na escola

Ricardo mandou *derrubar na intendência* do capitão Joaquim Manuel, o protótipo da honradez, como homem e negociante. O mineiro ouviu, durante a viagem, falar muito nesse homem como *homem bom do lugar*, no dizer singelo dos sertanejos, que é o mesmo das antigas *ordenações do Reino*, e, por precaução, estando em *terra alheia*, dirigiu-se ao capitão Joaquim Manuel.

Precisava de quem o protegesse desinteressadamente, em qualquer emergência, e ninguém se lhe afigurou melhor.

Esse negociante modesto (liberal e monarquista que, nessa época, nem poderia sonhar ter um dia, trinta e três anos depois, um de seus filhos, como governador de um estado republicano)¹²¹; recebeu o mineiro, ao balcão mesmo, com o seu discreto e afável sorriso:

— Donde vinha? Que trazia de negócio? Inquiriu.

— Era da Serra Nova, Minas, mas vinha de *baixo* pelo *Maracá*, donde pretendeu seguir para a *casa*; mas voltou para a Chapada Nova, porque soube que o sal *estava dando*, bem como o toicinho. Por isso a tropinha estava *tampada* de sal e toicinho.

Respondeu-lhe também o bom negociante:

— Que aproveitasse a quadra, realmente boa. Não podia ser melhor. Ele não comprava, porque não tinha mais onde depositar; porém, comprador não faltaria.

Pedindo sua proteção, o mineiro justificou-se, declarando que não tinha conhecimento algum no comércio.

O paciente negociante deu-lhe informações de pessoas e chegou até a indicar-lhe um alugador de *manga*¹²², de confiança, para a tropa.

Deu-lhe conselhos para não se afastar do *carregamento* e do *rancho* nem se meter em *badernas*, se acaso gostava disso, porque poderia se arrepender.

Ricardo asseverou sisudamente que não *era de badernas*, nem na sua própria terra, e, despedindo-se, voltou-se ao *rancho*.

Nesse mesmo dia, em poucas partidas, dinheiro à vista, vendeu o carregamento, com grande lucro.

Por segurança, logo ao anoitecer deu a guardar, contado e amarrado em bolo, todo o dinheiro ao capitão Joaquim Manuel, e, conforme o seu costume, às 8 horas estava deitado em sua rede, armada a um canto do casarão de meias paredes, denominado *intendência*, onde estavam hospedados outros *bruaqueiros*¹²³.



¹²¹ O Partido Liberal defendia a monarquia federativa, a abolição do poder moderador e a eleição de senadores. Em 1870, a sua ala exaltada fundou o Clube Radical, que daria origem ao Partido Republicano, contrário, evidentemente, à monarquia, e defensor dos interesses da classe média em ascensão.

¹²² *Manga*: no contexto apresentado, o termo manga, usado no Nordeste e em outras regiões do Brasil, refere-se a um local cercado, destinado para o pasto do gado. É uma área de vegetação fechada ou cercada, onde os animais são reunidos temporariamente.

¹²³ *Bruaqueiros*: termo utilizado na Bahia para denominar garimpeiros inexperientes; condutores de tropas de animais.

María Dusá na escola

Não dormiu logo, porque entrou a fazer cálculos para a execução do plano traçado, isto é, vender parte da tropa e atirar-se ao garimpo.

Em tais cálculos adormeceu, imitando todos os companheiros de *rancharia*, no ressonar alto e compassado.

Alta noite, uma tropilha de desocupados **noctívagos**¹²⁴ (denominados *vadios*, e que constituem a escória de todas as populações) dividiu-se em grupos, e foram estes, como de costume, passear pelas *intendências*, acordando os *buaqueiros*, arrastando couros, *furtando por brincadeira*, expandindo, enfim, as sensaborias do **espírito baixo**¹²⁵, acanhado e **acalcanhado**¹²⁶.

Aproximaram-se alguns, pé ante pé, da em que estava Ricardo; porém o mineiro não se deixou surpreender. Como todos os viajantes de profissão, em geral, tinha o sono *leve*. Assim, quando o mais avançado quis puxar um couro do lote de sua tropa, ele disse pausadamente:

— Deixe disso, moço. O senhor não sabe com quem brinca. É melhor ir-se embora!

— Eu puxo couro de outros, quanto mais *de você*, respondeu o desconhecido, **peguilhando**¹²⁷, e puxando o couro, entre gargalhadas mal reprimidas dos companheiros de *vadiação*.

— Terra sem governo! Solta o couro, já lhe disse! Retrucou Ricardo.

Os camaradas acordaram, e procuravam se munir de *agulhas* de arrocho, às apalpadelas, descompondo os *vadios*.

O *vadio*, supondo que esse, como outros *buaqueiros*, se limitasse a perseguir-lo, atirando *agulhas*, cobriu a cabeça e as costas com o couro aberto, e correu, arrastando as *garras* do couro pelas calçadas.

— Espera, diabo, *traste!* Gritaram a um tempo *buaqueiros* e *tropeiros*, atirando, no rumo, ***pilungas e agulhas***¹²⁸.

O sangue, em saída, refluía ao coração do mineiro, que, como possuído de loucura instantânea, apanhou a pistola de dois canos, e correu no encaicho do desconhecido, cujos companheiros corriam adiante, em fileira, fiados no anteparo do couro.

— Espera, desgraçado! Gritou Ricardo, que, não podendo alcançá-lo, fez fogo. Ouviu-se um grito e



¹²⁴ *Noctívagos*: refere-se a pessoas ou seres que têm hábitos noturnos ou que são mais ativos durante a noite.

¹²⁵ *Sensaborias do espírito baixo*: ações e ideias sem importância, maldosas ou mediocres, próprias de pessoas de espírito mesquinho e desprezível.

¹²⁶ *Acalcanhado*: alguém preso a coisas insignificantes, de pensamento e comportamento desprezíveis, com atitudes de pouco valor moral ou intelectual.

¹²⁷ *Peguilhando*: provocando, promovendo disputa.

¹²⁸ *Pilungas e agulhas*: minérios satélites do diamante. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.26).

María Dusá na escola

o baque do couro. Os outros *vadios* fugiram covardemente, deixando o companheiro, de borco, na calçada.

Ricardo voltou, caminhando, e, ainda descalço, sentou-se na rede, afrontado, ardendo em cólera.

Algumas portas se abriram, apareceram luzes, ao longe.

Os camaradas, penalizados, rodearam o mineiro, exclamando, comentando:

— Ora, patrão, *vosmecê* se botar a perder com uma *coisa ruim!*

— *Vosmecê* matou o homem deveras!

Diante dessas vozes, Ricardo levantou-se sem saber que devia fazer. Voltava-lhe a reflexão. Tirou-o do estado de perplexidade o conhecido trilo de apito da polícia, e o estrépito de gente que corria dos lados da cadeia velha.

Falou-lhe então, alto, o instinto de liberdade e conservação. Agarrou o casaco de algodão, tingido de lama, enrolou-o na capanga de couro, e, empunhando punhal e pistola, correu por um beco próximo, que dava para o rio Mucugê.

Quando a patrulha chegou, já o mineiro tinha desaparecido na escuridão.

Todos se apressaram em dizer que o criminoso já não estava ali; tinha fugido, ninguém sabia para onde.

O comandante da patrulha agastou-se com tanta *inocência*:

— Alguém haveria de saber, ou então prenderia todos.

Para aquietar a fúria dos soldados, um, menos discreto, dos tropeiros disse:

— Ora! fugiu por esse beco aí, e se bem andou, já atravessou o rio.

— Olha os sapatos dele ali, acrescentou outro, apontando, à luz do fogo do caldeirão da feijoada, os sapatos do mineiro debaixo da rede.

Assim orientados, os *guardas* (como então eram chamados) atufaram-se na escuridão do beco, em carreira até à *Várzea*; porém nada viram nem ouviram. Apenas *ninhadas* de porcos espantados corriam, soprando e roncando, pela várzea afora. A um soldado pareceu-lhe lobrigar um vulto branco, ao longe, correndo. Por desencargo de consciência, descarregou a pistola que levava em companhia da baioneta. Não se viu mais nada. Após o estampido, que ecoou de quebrada em quebrada, e os estalos do ricochete da bala nas pedras, tudo ficou em silêncio, em relação a vozes e movimentos de gente.

Somente o Mucugê escachoava ruidoso por entre os rochedos e penedias escuras de suas margens e leito.

A patrulha entrou em consultas recíprocas e resolveu-se a voltar à intendência.

Os camaradas de Ricardo não arredaram pé dos lotes.

Ao chegar à rancharia, o comandante da patrulha inquiriu se não tinha companheiros ali o criminoso:

— Que tinha camaradas, foi a resposta de *Pingo d'Água*, e indicou os quatro, incluindo-se.

Maria Dusá na escola

— Pois me acompanhem, disse o **furriel**¹²⁹ da patrulha.
 — Pra cadeia? Perguntaram a um tempo os camaradas.
 — Sim, respondeu um guarda, enquanto o furriel coçava a cabeça, inclinando a barretina sobre os olhos.
 — *Uai!* Exclamou Benedito, como é que o patrão faz um *dilito* e o camarada vai preso?
 — Não. Isso não está direito, não; acrescentou Joaquim.
 — E que tem isso? Perguntou o comandante.
 — Tem, que eu não vou por bem, nem por mal, porque não fiz *dilito* nenhum. E comecem com muita conversa, eu grito meu amo, senhor coronel Rocha, e está tudo acabado. O sobrado dele é ali perto, disse *Pingo d'Água*.



Diante desse nome e da ameaça, o furriel coçou de novo a cabeça e os guardas emudeceram.

— Mas é preciso sempre ir à casa do Sr. subdelegado.
 — Está bom, *isso* a gente vai amanhã, retrucou *Pingo d'Água*; hoje já é tarde, não tem quem tome conta do rancho. E depois o *vadio* não teve nada. Um carocinho de chumbo na pele.

O furriel concordou e retirou-se, depois de tomar o nome do patrão e dos camaradas, em direção da casa duma velha Sinhanna, onde soube estar o ferido, um rapazola imberbe, órfão de pai e mãe.

Aí verificou o furriel que realmente não devia incomodar o subdelegado. Apenas quatro *caroços*¹³⁰ de chumbo empregaram-se na omoplata direita, interessando somente o tecido celular subcutâneo. O couro de boi certamente enfraquecera a força dos projéteis.

Remédios caseiros foram aplicados e o rapazinho fumava o seu cigarro tranquilamente.

Em todo o caso, no dia seguinte foram ouvidos os camaradas e mais tropeiros, formando-se o corpo de delito. Por mais que as testemunhas do inquerito inocentassem o delinquente, este, na melhor hipótese, teria que pagar a imprudência do seu impulso, com quatro anos de prisão com trabalho, ou mais oito meses de prisão simples, porque ficou bem classificada a tentativa de homicídio.

Entretanto não houve mais novas do mineiro. Essa falta de notícias incomodava ao capitão Joaquim Manuel, por estar de posse do dinheiro de Ricardo, e exposto à probabilidade de comparecer em juízo, o que nada tinha de agradável.

Providenciou, portanto, em segredo, para que fosse encontrado o mineiro, vivo ou morto.

¹²⁹ *Furriel*: era uma graduação militar que existiu no Exército, nas polícias e nos corpos de bombeiros militares no Brasil. Em alguns contextos, o termo pode ser comparado ao que hoje seria o terceiro-sargento, ou usado apenas para se referir a uma função específica, como a de organizar a folha de pagamento e as refeições dos sargentos, cabos e soldados.

¹³⁰ *Caroços*: no contexto apresentado, a palavra *caroços* se refere a pequenas balas ou projéteis de chumbo, usados como munição em armas de fogo antigas.

María Dusá na escola

Quanto aos camaradas, mandou chamá-los e aconselhou-os que não abandonassem o rancho.

Somente não pôde dar um jeito em *Pingo d'Água*, que, à noite, andava já de viola ao peito, cantando em *desafio*¹³¹ pelas tavernas, temendo somente se enfrentar com o famoso *Ponta d'Água*.



¹³¹ *Desafio*: disputa de cantoria improvisada entre duas ou mais pessoas, em que os participantes criam versos na hora, rimando e respondendo ao adversário. Essa tradição, conhecida como repente, embolada ou moda de viola, faz parte da cultura popular brasileira e ainda acontece em várias regiões do país.

Recursos Educacionais Digitais

Na Plataforma Maria Dusá na escola, no menu MATERIAL DIDÁTICO, você encontra diversos jogos educativos sobre o romance *Maria Dusá* e seu escritor Lindolfo Rocha, a edição digital do romance e muito mais!



QUESTIONÁRIO SOBRE LINDOLFO ROCHA



TRILHAS SOBRE LINDOLFO ROCHA



GAME SHOW SOBRE O GÊNERO TEXTUAL ROMANCE



QUESTIONÁRIO SOBRE O ROMANCE MARIA DUSÁ



Acesse: <https://mariadusa.com/material-didatico>

*Sobre a autora
de Maria Dusá na escola*

Dameres Oliveira de Souza é graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias na Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XXIII (2015), e possui experiência atuando principalmente na Educação Básica, no ensino fundamental e ensino médio.



Em 2018, Dameres Oliveira concluiu o mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Em sua pesquisa realizou uma edição filológica e estudo lexical de um processo crime de roubo e estupro do início do século.

Atuou como professora supervisora do Subprojeto Literatura Afro-Brasileira nos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) do PIBID/UNEB – Campus XXIII, supervisionando 08 bolsistas de Iniciação à Docência no período de novembro de 2020 a abril de 2021. Além disso, possui ainda especialização em Mídias na Educação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2022).

Concursada pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia no ano de 2025, Dameres Oliveira atua como docente, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Iniciação Científica.

Atualmente, é doutoranda em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (2021 -), desenvolvendo a tese, intitulada Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha.

Endereço do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3636325226246385>

E-mail: mariadusah@gmail.com

María Dusá na escola

Créditos

Produção: Damares Oliveira de Souza

Imagens: Acervo Pessoal; Domínio Público

Apoio



Referências Bibliográficas

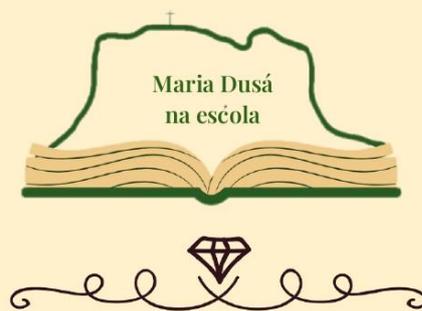
- ALMEIDA, Elizabeth M. N. de. Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de língua portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola/Elizabeth Mota Nazareth de Almeida. 2022. 479 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Feira de Santana, 2022.
- BAHIA WS. Chapada Diamantina. 2012. Disponível em: https://turismo.bahia.ws/wp-content/uploads/2012/11/Chapada-Diamantina_turismo1.gif. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 2013. 325f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/01/o-pasquineiro-da-roc3a7a-tese-patrc3adcio-barreiros.pdf>. Acesso: 10 maio. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Informações sobre visitação – Parque da Chapada Diamantina*. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucucs/parna-da-chapada-da-diamantina/informacoes-sobre-visitacao-parna-da-chapada-da-diamantina>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BRUZZI, Nilo. *O homem de Maria Dusá*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.
- CAMBRAIA, C. N. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHARTIER, R. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95- 111.
- CHARTIER, Roger. 2001. *Cultura escrita, literatura e história*: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Porto Alegre: Artmed.
- CERQUEIRA, Eptácio Pedreira de. Lindolfo Rocha: o advogado do sertão. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- COHN, Gabriel. A concepção oficial da política cultural nos anos 70. In: MICELI, Sergio (Org.). Estado e cultura no Brasil. São Paulo: Difel, 1984. p. 85-96.
- COUTINHO, Afânio; CARVALHO FILHO, Aloisio; LEÃO, Múcio; BRUZZI, Nilo. *Lindolfo Rocha*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1953.
- DINIZ, Almachio. *O diamante verde*. Bahia: Catilina, 1919.
- DUARTE, Rosinês de Jesus. “Ensinando a transgredir”: a crítica filológica na sala de aula da educação básica. In: Risonete Batista de Souza; Rosa Borges; Isabela Santos de Almeida; Débora de Souza. (Org.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. 1ed. Salvador: Memória & arte, 2020, v. 1, p. 511-530.
- EDIURO. Nossa história, 2024. Disponível em <https://www.ediouro.com.br/site/institucional/>. Acesso em 05 ago. 2024.
- EDITORA ÁTICA. Ática saber, 2024. Quem somos. Disponível em <https://atica.saber.com.br/quem-somos/>. Acesso em 05 ago. 2024.
- FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. O livro didático em questão. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERNANDES, Ismael. Memória da telenovela brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FILGUEIRAS FILHO. *Ametistas de caítitu*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.
- GANEM, R. S.; VIANA, M. B. História Ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina-BA. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia*: dinâmica de conhecimento textual. Trad. Greicy Pinto Bellin; Claudia Regina Camargo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

María Dusá na escola

- LEÃO, Múcio. Maria Dusá. In: CARVALHO FILHO, Aloísio de et al. Lindolfo Rocha. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953. p. 36-39.
- LIMA, Herman. *Garimpos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.
- LOSE, Alicia Duhá. 2010. Edição digital de texto manuscrito: filologia no séc. XXI. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, p. 11-30, jul/dez.
- LOSE, Alicia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Souza. Da pena às tags e dígitos binários: os caminhos da filologia textual no século XXI. In: ROMANELLI, Sérgio. *Compêndio de Crítica Genética América Latina*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2013. p. 51-57.
- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2010. Reflexiones en torno a las plataformas de edición digital: el ejemplo de la Celestina. In: POALINI, Devid. (Coord.). *De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía*, estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow. Tomo I. New York: Seminario Hispánico de Estudios Medievales, p. 226-251.
- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2007. *Hacia nuevos paradigmas textuales* (edición y difusión de los textos literarios en el siglo XXI). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- MARIA MARIA. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/maria-maria/noticia/maria-maria.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MANOEL CARLOS. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/manoel-carlos.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MARIA MARIA. Revista Amiga. 2012. Disponível em: <http://revistaamiganovelas.blogspot.com/2012/08/maria-maria-rede-globo-1978.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. O texto literário no material didático de E/LE: (Re/Des)construções interculturais da leitura a partir da Crítica Textual. In: NAVARRO, F. et al. Compilado por Natalia Bengochea y Milagros Maria Vilar. (Org.). *Actas del Segundo Congreso Internacional de Profesores de Lenguas Oficiales del Mercosur*. Buenos Aires: Editora Universidad de Buenos Aires, 2014, v. 1, p. 331-339.
- MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. Crítica Textual e os livros didáticos do PNLD 2012: análise de Enlaces. *Cadernos do CNLF* (CIFEFil), Rio de Janeiro, v. XVI, p. 2131-2139, 2012.
- MARQUES, Xavier. *A cidade encantada*. Salvador: Livraria Catilina, 1919.
- MEIRA, Júnia Tanúsia Antunes. *Uma escrita à margem [manuscrito]: o romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, Montes Claros, 2015.
- MENDES, Marlene Gomes. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES, 1., 1985. Anais... São Paulo: USP/FFLCH, 1986. p. 163-174.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Política Nacional de Cultura. Brasília, 1975.
- MCKENZIE Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- MCGANN, Jerome. 1997. The rationale of hypertext. In: Sutherland, Kathryn. *Electronic text, investigations in method and theory*. Oxford: Clarendon Press, p. 19-46.
- NEVES, Marcelino José das. *Lavras Diamantinas*. Bahia: [s.n.], 1967.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. A Filologia Digital em língua Portuguesa: Alguns caminhos In: *Patrimônio Textual e Humanidades Digitais: Da antiga a nova Filologia* [online]. Évora: Publicações do Cidehus, 2013 (gerado em 9 de novembro de 2023). Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1089>. Acesso em: 10 maio. 2024.
- PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Rio de Janeiro: Castilho, 1922.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção*. De 1870 a 1920, volume XII, da *História da Literatura*

María Dusá na escola

- Brasileira*. Rio de Janeiro: livraria José Olimpio Editora, 1950.
- PEREIRA, Bárbara Bezerra de Santana. *A edição didática pelo prisma filológico: as crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de língua portuguesa*. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- PEREIRA, José Basílio. Carta de José Basílio Pereira ao Lindolfo Rocha. Disponível em https://bdce.umb.br/cartas-dos-seculos-xix-e-xx/carta-de-jose-basilio-pereira-ao-lindolfo-rocha/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&search=Jos%C3%A9%20Bas%C3%ADlio&pos=8&source_list=collection&ref=%2Fcartas-dos-seculos-xix-e-xx%2F. Acesso em 18 fev. 2024.
- RAMOS, José Mário Ortiz; BORELLI, Silvia Helena Simões. A telenovela diária. In. ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. (Orgs.). *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 55-108.
- RABELLO, Alberto. *Contos do norte: contos regionais bahianos*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.
- ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá (Garimpeiros)* – romance de costumes sertanejos e "chapadistas". Porto: Chardron, 1910.
- ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. Organizada por Afrânio Coutinho. São Paulo: Ática, 1978.
- Rosado, Leonardo Coelho Corrêa. *Telenovelas brasileiras [manuscrito]: um estudo históricodiscursivo / Leonardo Coelho Corrêa Rosado*. – 2017. 345 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].
- SALES, Herberto. *Cascalho*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1944.
- SALES, Herberto. *Além dos Marimbus*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961.
- SALES, Fernando. *Aspectos da Vida e da Obra de Afrânio Peixoto*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.
- SANTAELLA, Lucia. *O livro como prótese cognitiva*. Matrizes, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 21–35, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i3p21-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159527>.. Acesso em: 16 maio. 2024.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. *Desafios da ubiquidade para a educação*. Ensino Superior Unicamp, v.9, p.19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.
- SANTIAGO, Anfrisia. *D. Raimunda Porcina de Jesus (A Chapadista)*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1968. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23829>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- SILVA, José Manoel Ribeiro da. *Conflito indígena na mata branca: o romance Iacina e seu reposicionamento na historiografia literária*. 2023. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2023.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzSxb/?format=pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- SHILLINGSBURG, Peter L. 1993. *General principles for electronic scholarly editions*. Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>. Acesso em 10 jun. 2021.
- THATCAMP. *Manifesto das Humanidades Digitais*. ThatCamp. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp], 2010. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 29 out. 2023.



4.4.8 Menu: Contato

O menu *Contato* apresenta um formulário simples para a comunicação privada entre os usuários e o editor da plataforma. A partir de um cadastro com informações como o nome, o endereço de e-mail e a mensagem a ser enviada, é possível interagir e colaborar com hiperedição disponibilizada. Após o envio do formulário, o usuário recebe na tela a confirmação do recebimento da mensagem.

Ao lado do formulário de contato, está disponível um quadro de avisos com informações sobre todas as modificações, correções e acréscimos realizados na hiperedição, os motivos, a data e hora das modificações, listadas em ordem cronológica. Esse recurso permite que os usuários mantenham-se atualizados, tendo em vista que a edição digital não possui características de uma obra fechada, pronta e acabada.

Figura 46 – Menu *Contato*

INÍCIO SOBRE O ESCRITOR O ROMANCE EDIÇÃO MATERIAL DIDÁTICO **CONTATO**

Início > CONTATO

Entre em contato conosco!

Dúvidas, sugestões, informações adicionais? Mande-nos uma mensagem!

Nome *

E-mail *

Comentário ou Mensagem

Enviar

Quadro de avisos

28/12/2024 (9:00)

Plataforma em construção.

Fonte: <https://mariadusa.com/contato>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um autor e uma obra que, em diferentes momentos da história, foram marginalizados da literatura é uma tarefa complexa que, conseqüentemente, impõe muitos desafios e incertezas. Esta tese teve como objetivo principal desenvolver uma hiperedição do romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, voltada ao público da Educação Básica. Como resultado central dessa pesquisa, foi criada a plataforma Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha, um espaço digital de acesso gratuito, voltado à formação de leitores do texto literário.

Apesar do contexto de silenciamento, o autor e sua obra conseguiram despertar, em determinados momentos, o interesse da crítica e do público, algo que muitos aspirantes ao cânone jamais alcançaram. O fato do romance *Maria Dusá* ter integrado coleções didáticas importantes, como a Série Bom Livro da Editora Ática, e ter inspirado uma telenovela exibida pela Rede Globo confere ao autor uma significativa relevância literária e cultural. Isso justifica e reforça a importância de estudá-lo, reposicioná-lo no cenário literário e reinseri-lo no contexto da Educação Básica.

Assim como reconheço Lindolfo Rocha como um romancista chapadista, autorreconheço-me também chapadista, seja pelo pertencimento a esta terra, seja pelo acolhimento que ela me ofereceu. Nascida no dia de São Pedro, espero estar longe de me assemelhar à mãe do santo, tal como descrita nas lendas populares. A analogia proposta por Leão (1953), ao comparar Rocha a essa figura isolada e de poucos vínculos, reflete o oposto da relação que tenho com a Chapada e da qual acredito que Rocha também tenha usufruído. Dessa forma, ao refletir sobre sua trajetória e legado, comparo-me a ele, não pela sua relevância intelectual ou produção literária, mas pela maneira como transitou por diferentes lugares, desbravando e conhecendo pessoas e culturas até então inimaginadas. Sou grata por tudo o que recebi dessa terra rica e cheia de histórias, a Chapada Diamantina (BA), e esta tese é a minha forma singela de retribuir, ainda que apenas uma pequena parte, tudo o que ela me deu.

Ao longo desta trajetória de pesquisa, vivenciei momentos desafiadores, como a busca pelos folhetins que publicaram *Maria Dusá* pela primeira vez. Parte deste trabalho foi desenvolvido em um período atípico, marcado pela pandemia da Covid-19, o que exigiu novas reflexões, reorganizações e, sobretudo, paciência e resiliência. Apesar das dificuldades, cada etapa percorrida foi significativa, necessária e de um aprendizado enriquecedor.

Nesse cenário, o campo educacional também passou por transformações, em que professores e estudantes precisaram se adaptar e, por vezes, se reinventar diante dos novos modos de ensinar e de aprender, enfrentando uma realidade que, há tempos, se desenhava, a imersão e integração efetiva na cultura digital. Com isso, pesquisadores passaram a voltar seus estudos cada vez mais para as discussões relacionadas às mídias digitais e ao ambiente virtual. As novas formas de leitura em meio digital e os novos perfis de leitores trouxeram consigo novas demandas, exigindo também adaptações das práticas pedagógicas.

Nesse contexto, a pesquisa de doutorado intitulada *Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha* propôs a construção de uma plataforma digital interativa, com formato de obra aberta, voltada para professores e estudantes da Educação Básica, em diálogo com as demandas educacionais. Ao reunir os prototextos, os paratextos e sociotextos relacionados ao romance e ao seu autor, esse ambiente digital visa democratizar o acesso a obras e escritores historicamente marginalizados, que permanecem à margem do cânone literário e, muitas vezes, sequer são mencionados no contexto escolar, contribuindo, assim, para sua circulação no ambiente educacional.

Como componente central da hiperedição, foi desenvolvida uma versão da edição interpretativa do romance em formato digital. Nessa versão, disponibilizamos links em tooltips, para o acesso a notas explicativas, imagens e informações adicionais relacionadas ao texto, que auxiliam na leitura e compreensão do romance e seu contexto histórico e cultural. Esses recursos foram utilizados como meio de proporcionar aos usuários uma experiência hipertextual, dinâmica, e interativa, sem comprometer a fluidez da leitura.

No que se refere à abordagem teórica-metodológica, propomos uma perspectiva inovadora no âmbito da Crítica Textual, ao articulá-la com práticas de ensino voltadas para a Educação Básica. Essa articulação permitiu que o romance *Maria Dusá* fosse editado e disponibilizado gratuitamente no espaço virtual, promovendo uma leitura crítica e contextualizada, em acordo com as demandas educacionais. Além disso, a pesquisa dialogou com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ao reconhecer a literatura da Chapada Diamantina como elemento fundamental para a valorização das identidades culturais e como parte essencial na formação de leitores críticos.

Entre os elementos centrais discutidos nesta tese, destaca-se a figura de Maria Dusá, cuja importância inspira o título da obra. Sua personagem subverte os papéis

femininos imposto na época, abrindo espaço para uma profunda reflexão sobre os estereótipos de gênero e a importância dessas representações femininas na literatura brasileira. Por meio da protagonista Maria Dusá, o autor constrói o imaginário de uma figura simbólica da mulher sertaneja e chapadista, marcada pela força, resistência e pela riqueza de sua identidade cultural, tornando-a uma importante referência para discussões atuais.

Espera-se que esta pesquisa também contribua para despertar e incentivar novos estudos sobre o escritor Lindolfo Rocha e sua obra *Maria Dusá*, reposicionando-os no cenário literário brasileiro, baiano e chapadista. Embora este trabalho tenha cumprido com o proposto em seu projeto inicial, o de desenvolver uma hiperedição do romance, reconhece-se que, diante da riqueza temática, histórica e linguística da obra, esta tese não esgota as possibilidades de estudos. Pelo contrário, ainda há muito para ser explorado, o que pode inspirar pesquisas futuras que preencham as possíveis lacunas existentes sobre o autor e sua produção literária.

A partir dos resultados obtidos com a hiperedição, vários aspectos podem ser explorados em futuras investigações. Uma possível aplicação no contexto da Educação Básica seria o desenvolvimento de estudos relacionados à recepção literária em diferentes edições do romance, além do trabalho com a variedade linguística por meio do estudo do vocabulário presente na obra. Essas possibilidades ampliam o impacto científico e social desta tese, tornando-a em referência para práticas de ensino que valorizem a literatura da Chapada Diamantina-BA.

Por esses aspectos, destacamos a necessidade de um repertório literário diversificado na Educação Básica, para além do cânone, tendo em vista a construção de um conhecimento plural que forme leitores críticos, conscientes e democráticos. Além disso, é fundamental que não se perca de vista os novos perfis de leitores e as diferentes modalidades de leitura na cultura digital contemporânea.

Por fim, através deste trabalho de tese, esperamos ter contribuído para que professores e estudantes da Educação Básica tenham acesso a um repertório mais amplo de textos e autores, que não só favoreçam a construção de sua identidade local e territorial, mas também os ajude a reconhecer a relevância dessas obras em diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARNT, Hérís. A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

BAHIA WS. Chapada Diamantina. 2012. Disponível em: https://turismo.bahia.ws/wp-content/uploads/2012/11/Chapada-Diamantina_turismo1.gif. Acesso em: 10 jun. 2023.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 2013. 325f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/01/o-pasquineiro-da-roc3a7a-tese-patrc3adcio-barreiros.pdf>. Acesso: 10 maio. 2021.

BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, Espanha, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: https://cgscholar.com/bookstore/works/a-relevancia-do-dossie-arquivistico-em-edicoes-digitais-de-documentos-de-acervos-de-escretores-2014?category_id=cgrn-es&path=cgrn-es%2F359%2F360. Acesso em: 30 ago. 2021.

BARRETO, Josenilce Rodrigues de O.; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Estudo do processo de transmissão de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, em livros didáticos de língua portuguesa. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 43-60, 2019.

BARRETO, Josenilce Rodrigues de O. . Crítica Textual e Ensino: Da transmissão de textos literários em livros didáticos de Língua Portuguesa aos desafios da atuação docente. In: Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto; Aline Ribeiro Pessoa. (Org.). *O ensino e a formação de professores de línguas em diferentes perspectivas*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 15-40.

BOSI, Alfredo. *A Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. v. V, O Pré Modernismo.

BRASIL, Diário Oficial da União. DECRETO n. 9.099, de 18 de julho de 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70011-decreto-9099-de-18-julho-2017-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 maio. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Informações sobre visitaçã – Parna da Chapada Diamantina*. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de->

conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/parna-da-chapada-da-diamantina/informacoes-sobre-visitacao-parna-da-chapada-da-diamantina. Acesso em:10 jun. 2023.

BRASIL, Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços. Censuras nos meios de comunicação. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/censura-nos-meios-de-comunicacao>. Acesso em:10 jun. 2023.
BRUZZI, Nilo. *O homem de Maria Dusá*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMBRAIA, C. N. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem... (Situação da crítica textual moderna). In: CONGRESSO DA AFAL, 9., Campinas, 1990. Conferência... Campinas: UNICAMP.

CASSIANO, Clélia Cristina de F. O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo, 2007.

CHARTIER, R. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95- 111.

CHARTIER, Roger. 2001. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed.

CERQUEIRA, Eptácio Pedreira de. Lindolfo Rocha: o advogado do sertão. Rio de Janeiro: Record, 1995.

COHN, Gabriel. A concepção oficial da política cultural nos anos 70. In: MICELI, Sergio (Org.). Estado e cultura no Brasil. São Paulo: Difel, 1984. p. 85-96.

COUTINHO, Afrânio; CARVALHO FILHO, Aloísio; LEÃO, Múcio; BRUZZI, Nilo. *Lindolfo Rocha*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1953.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. *Galante de, Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. V. I. Rio de Janeiro: Global Editora e Distribuidora, 2001.

DINIZ, Almachio. *O diamante verde*. Bahia: Catilina, 1919.

DUARTE, Luiz Fagundes. Glossário. In: _____. Crítica textual. Lisboa; Universidade Nova de Lisboa, 1997. 106 p. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual, p. 66-90.

DUARTE, Rosinês de Jesus. “Ensinando a transgredir”: a crítica filológica na sala de aula da educação básica. In: Risonete Batista de Souza; Rosa Borges; Isabela Santos de Almeida; Débora de Souza. (Org.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. 1ed.Salvador: Memória & arte, 2020, v. 1, p. 511-530.

EDIOURO. Nossa história, 2024. Disponível em <https://www.ediouro.com.br/site/institucional/>. Acesso em 05 ago. 2024.

EDITORA ÁTICA. Ática saber, 2024. Quem somos. Disponível em <https://atica.saber.com.br/quem-somos/>. Acesso em 05 ago. 2024.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. O livro didático em questão. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Tradução de Álvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FILHO, Aloísio de Carvalho. Um Século do Romance da Bahia. *Revista da Bahia*, n.31, 1923.

FILHO, Ciro Marcondes. *Comunicação e jornalismo: A Saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

FILGUEIRAS FILHO. *Ametistas de caititu*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.

GANEM, R. S.; VIANA, M. B. *História Ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina-BA*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2006.

GARCIA, D. C. F.; FERREIRA, L. C. *Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do correio paulistano*. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 36, p. 105–131, 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/721>. Acesso em: 1 fev. 2024.

GOMES; COPATTI, 2023. Política Nacional do Livro Didático e o PNLD 2021: reflexões a partir das coleções didáticas de Ensino Médio voltadas à grande área de ciências humanas e sociais aplicadas. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/68118/36091>. Acesso em: 06 set. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual*. Trad. Greicy Pinto Bellin; Claudia Regina Camargo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX: sociedade e política*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000. Disponível em:

https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2_as_secas_na_bahia_do_seculo_xix._sociedade_e_politica.pdf. Acesso em: 05 nov. 2024.

Kantar Ibope Media na Grande São Paulo. Disponível em: <https://audienciadatvmix.wordpress.com/audiencia-de-novelas/novelas-no-ar/media-das-novelas/novelas-da-globo/novelas-das-18h00/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

LEÃO, Múcio. Maria Dusá. In: CARVALHO FILHO, Aloísio de et al. Lindolfo Rocha. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953. p. 36-39.

LIMA, Herman. *Garimpos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

LOURENÇO, Isabel Maria da Graça. The William Blake Archive: da gravura iluminada à edição electrónica. 2009. 490 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Língua e literaturas Modernas, Coimbra. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3066778/mod_resource/content/2/TESE%20OBRE%20ILUSTRA%C3%87%C3%95ES%20DE%20BLAKE.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

LOSE, Alicia Duhá. 2010. Edição digital de texto manuscrito: filologia no séc. XXI. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, p. 11-30, jul./dez.

LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Souza. Da pena às tags e dígitos binários: os caminhos da filologia textual no século XXI. In: ROMANELLI, Sérgio. *Compêndio de Crítica Genética América Latina*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2013. p. 51-57.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2010. Reflexiones en torno a las plataformas de edición digital: el ejemplo de la Celestina. In: POALINI, David. (Coord.). *De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía*, estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow. Tomo I. New York: Seminário Hispánico de Estudios Medievales, p. 226-251.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2007. *Hacia nuevos paradigmas textuales* (edición y difusión de los textos literarios en el siglo XXI). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

MARIA MARIA. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/maria-maria/noticia/maria-maria.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MANOEL CARLOS. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/manoel-carlos.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARIA MARIA. Revista Amiga. 2012. Disponível em: <http://revistaamiga-novelas.blogspot.com/2012/08/maria-maria-rede-globo-1978.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. O texto literário no material didático de E/LE: (Re/Des)construções interculturais da leitura a partir da Crítica Textual. In: NAVARRO, F. *et al.* Compilado por Natalia Bengochea y Milagros María Vilar. (Org.). *Actas del Segundo Congreso Internacional de Profesores de Lenguas Oficiales del Mercosur*. Buenos Aires: Editora Universidad de Buenos Aires, 2014, v. 1, p. 331-339.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. Crítica Textual e os livros didáticos do PNLD 2012: análise de Enlaces. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 2131-2139, 2012.

MARQUES, Xavier. *A cidade encantada*. Salvador: Livraria Catilina, 1919.

MEIRA, Júnia Tanúsia Antunes. *Uma escrita à margem [manuscrito]: o romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, Montes Claros, 2015.

MENDES, Marlene Gomes. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES, 1., 1985. Anais... São Paulo: USP/FFLCH, 1986. p. 163-174.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sérgio (org.) *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Política Nacional de Cultura*. Brasília, 1975.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. v. II, Realismo e Simbolismo.

MCKENZIE Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MCGANN, Jerome. 1997. The rationale of hypertext. In: Sutherland, Kathryn. *Electronic text, investigations in method and theory*. Oxford: Clarendon Press, p. 19-46.

NADAF, Yasmin Jamil. *O romance-folhem francês no Brasil: um percurso histórico*. Letras, [S. l.], n. 39, p. 119–138, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014>. Acesso em: 28 jan. 2024.

NEVES, Marcelino José das. *Lavras Diamantinas*. Bahia: [s.n.], 1967.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. A Filologia Digital em língua Portuguesa: Alguns caminhos In: *Patrimônio Textual e Humanidades Digitais: Da antiga a nova Filologia* [online]. Évora: Publicações do Cidehus, 2013 (gerado em 9 de novembro de 2023). Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1089>. Acesso em: 10 maio. 2024.

PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Rio de Janeiro: Castilho, 1922.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção*. De 1870 a 1920, volume XII, da *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: livraria José Olímpio Editora, 1950.

PEREIRA, Bárbara Bezerra de Santana. *A edição didática pelo prisma filológico: as crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de língua portuguesa*. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Pereira, José Basílio. Carta de José Basílio Pereira ao Lindolfo Rocha. Disponível em https://bdce.unb.br/cartas-dos-seculos-xix-e-xx/carta-de-jose-basilio-pereira-ao-lindolpho-rocha/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&search=Jos%C3%A9%20Bas%C3%A9lio&pos=8&source_list=collection&ref=%2Fcartas-dos-seculos-xix-e-xx%2F. Acesso em 18 fev. 2024.

PFROMM NETTO, Samuel; DIB, Claudio Zaki; ROSAMILHA, Nelson. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor; INL, 1974.

RAMOS, José Mário Ortiz; BORELLI, Silvia Helena Simões. A telenovela diária. In. ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. (Orgs.). *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 55-108.

RABELLO, Alberto. *Contos do norte: contos regionais bahianos*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.

REIS, Paula Félix. Políticas nacionais de cultura: o documento de 1975 e a proposta do governo Lula/Gil. In. ENCONTRO DOS ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador/BA. Anais eletrônicos... Salvador/BA: UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19550.pdf>. Acesso: 02 dez. 2022.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá (Garimpeiros)* – romance de costumes sertanejos e "chapidistas". Porto: Chardron, 1910.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. Organizada por Afrânio Coutinho. São Paulo: Ática, 1978.

Rosado, Leonardo Coelho Corrêa. *Telenovelas brasileiras [manuscrito]: um estudo históricodiscursivo* / Leonardo Coelho Corrêa Rosado. – 2017. 345 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SAID, Edward W. Humanismo e crítica democrática. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].

SALES, Herberto. *Cascalho*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1944.

SALES, Herberto. *Além dos Marimbus*. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1961.

SALES, Fernando. *Aspectos da Vida e da Obra de Afrânio Peixoto*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SALLES, Cecilia Almeida; CARDOSO, Daniel Ribeiro. *Crítica genética em expansão*. Cienc. Cult., São Paulo, v. 59, n. 1, p. 44-47, Mar. 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100019. Acesso em: 29 set. 2023.

SANTAELLA, Lucia. *O livro como prótese cognitiva*. Matrizes, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 21–35, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i3p21-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159527..> Acesso em: 16 maio. 2024.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *Desafios da ubiquidade para a educação*. Ensino Superior Unicamp, v.9, p.19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTIAGO, Anfrisia. *D. Raimunda Porcina de Jesus (A Chapadista)*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1968. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23829>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

SILVA, José Manoel Ribeiro da. *Conflito indígena na mata branca: o romance Iacina e seu reposicionamento na historiografia literária*. 2023. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2023.

Silva, Daniela e Borges, Jussara. *Base Nacional Comum Curricular e competências infocomunicacionais: uma análise de correlação*. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 43, no. 3, 2020, p. 99-114. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1809-5844202035>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SHILLINGSBURG, Peter L. 1993. *General principles for electronic scholarly editions*. Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>. Acesso em 10 jun. 2021.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez., 2006.

TELLES, C. M. Que textos são oferecidos aos estudantes? *Revista do GELNE- Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, João Pessoa, v. 5, n.1 e 2, p.21 – 28, 2003.

THATCAMP. *Manifesto das Humanidades Digitais*. ThatCamp. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp], 2010. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 29 out. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.